PETER V. BRETT

O Trono dos Crânios

AUTOR DE *O HOMEM-PINTADO*, *A LANÇA DO DESERTO* E *A GUERRA DIURNA*

1001 MUNDOS

Ficha Técnica

Título original: *The Skull Throne*
Autor: Peter V. Brett
Editora: Cristina Lourenço
Tradução: Renato Carreira
Revisão: Domingas Cruz
Ilustração das «guardas» por Lauren K. Cannon. © Peter V. Brett
Mapa por Andrew Ashton, reproduzido com autorização de
HarperCollins Publishers U.K. Londres
Capa: Neusa Dias
ISBN: 9789892334523

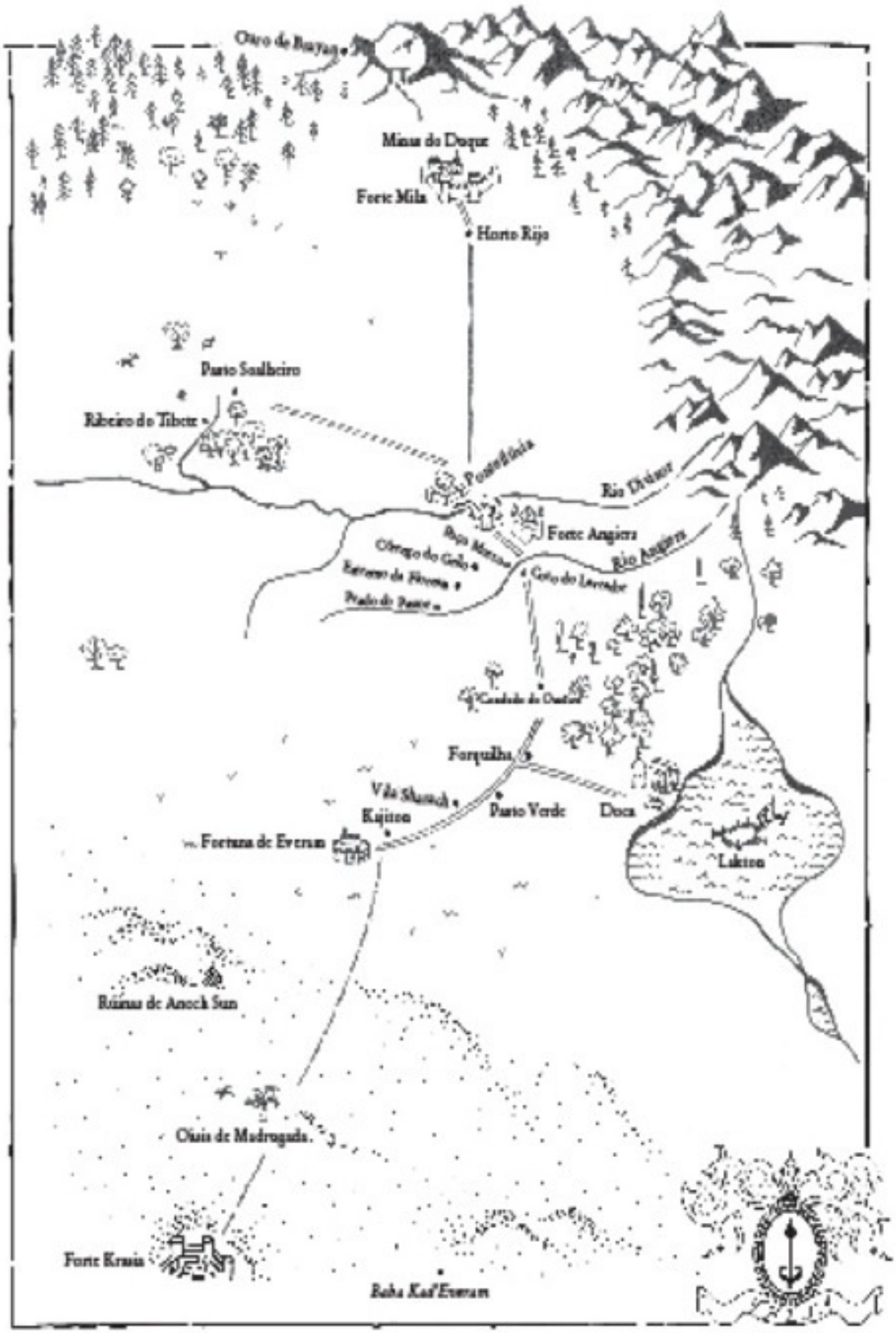
Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdova, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

© 2015, P. V. Brett
© 2016, Edições ASA II, S.A.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.asa.pt
www.leya.com

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Para Lauren


Oiro de Ruyan
Minas do Duque
Forte Mila
Horto Rijo
Posto Soalheiro
Ribeiro do Tibete
Ponte Ifinia
Rio Divisor
Forte Angiers
Rio Angiers
Chorgo do Gado
Ferreiro de Pirenna
Prado do Pastor
Gato do Lavrador
Casebede Quadrel
Forquilha
Vila Shamah
Kajitoo
Posto Verde
Doca
Fortaza de Everam
Lakroo
Ruinas de Anoch Sun
Oasis de Madrugada
Forte Kraaia
Baha Kad'Everam

PRÓLOGO

NENHUM VENCEDOR

333 DR Outono

– Não! – Inevera estendeu-se para o vazio enquanto o Par'chin se lançava a si próprio e ao seu marido do alto do penhasco.

Levando com eles toda a esperança da humanidade.

Do lado oposto do círculo que rodeara o combate, Leesha Papel gritou de forma semelhante. As leis rigorosas que regiam o ritual do Domin Sharum foram esquecidas, com testemunhas de ambos os lados correndo para o penhasco, aglomerando-se para espreitar a escuridão que engolira os combatentes.

Com a luz de Everam, Inevera conseguia ver de forma tão clara como no dia mais soalheiro, com o mundo iluminado pelo brilho da magia. Mas a magia era atraída pela vida e pouco havia em baixo além de rocha e terra frias. Os dois homens, que brilhavam intensamente como o sol momentos antes, tinham desaparecido na luminescência baça da magia ambiente que ascendia à superfície.

Inevera torceu o brinco. O hora no interior ligou-se ao seu irmão na orelha do marido, mas não ouviu nada. Poderia estar fora do seu alcance ou poderia ter-se partido na queda.

Ou poderia não haver nada para ouvir. Suprimiu um arrepio enquanto um vento frio da montanha soprava sobre ela.

Olhou os outros reunidos diante do abismo, lendo as suas expressões e procurando um indício de traição, um sinal de que um deles teria sabido que aquilo aconteceria. Interpretou também a magia que deles emanava. O diadema de moedas de electrum guardadas que trazia não lhe permitia ler

mentes da forma fluida permitida ao seu marido pela Coroa de Kaji, mas tornava-se cada vez mais hábil na leitura de emoções. O choque era claro por todo o grupo. Havia variações de uns para outros, mas nenhum deles esperara aquele desfecho.

Até Abban, o mentiroso arrogante, sempre a esconder alguma coisa, parecia horrorizado. Sempre fora um rival de Inevera, tentando cada um deles anular os estratagemas do outro, mas amava Ahmann tanto quanto era possível a um khaffit sem honra e, se este estivesse morto, perderia mais do que muitos outros.

Deveria ter envenenado o chá do Par'chin, pensou Inevera, recordando a expressão inocente na sua face na noite em que voltou do deserto com a Lança de Kaji. «Poderia tê-lo picado com uma agulha mergulhada em veneno. Ou libertado uma víbora entre as suas almofadas enquanto dormitava antes da alagai'sharak. Poderia mesmo ter alegado uma ofensa, matando-o com as minhas próprias mãos. Qualquer coisa menos deixar que fosse Ahmann a fazê-lo. O seu coração era demasiado fiel para homicídio e traição, mesmo quando o destino de Ala estava em jogo.»

Era. Usava já o verbo no passado, mesmo que tivesse desaparecido segundos antes.

– Teremos de os encontrar. – A voz de Jayan parecia soar a quilómetros de distância, apesar de o seu filho mais velho se erguer a seu lado.

– Sim – concordou Inevera, sentindo ainda a cabeça às voltas. – Mas será difícil na escuridão. – Os gritos dos demónios do vento começavam já a ecoar no alto, juntamente com o rugido grave dos demónios da rocha montanhosos. – Lançarei os hora para que nos guiem.

– Nucleados sejam – disse a Jiwah Ka do Par'chin, afastando Rojer e Gared do seu caminho enquanto se deitava de bruços no chão e movia as pernas sobre o abismo.

– Renna! – Leesha tentou agarrar-lhe o pulso, mas Renna foi demasiado rápida, afastando-se rapidamente do seu alcance. O brilho da magia da jovem era intenso. Não tão intenso como o do Par'chin, mas mais intenso do que qualquer outro que tivesse visto. Os seus dedos das mãos e dos pés cravaram-se na parede rochosa como as garras de um demónio, fraturando-a para conseguir apoiar-se melhor.

Inevera voltou-se para Shanjat.

– Segue-a. Marca o caminho.

De forma louvável, Shanjat não demonstrou qualquer indício do medo que lhe permeava a aura enquanto olhava o penhasco.

– Sim, Damajah. – Bateu com um punho no peito e pendurou a lança e o

escudo às costas, deitando-se de bruços e passando além do penhasco, descendo com cautela.

Inevera pensou se a tarefa estaria acima das suas capacidades. Shanjat era tão forte como qualquer homem, mas não matara nenhum demónio naquela noite e não tinha a força sobre-humana que permitia a Renna am'Fardos cravar os dedos na rocha enquanto descia.

O kai'Sharum surpreendeu-a e talvez se tenha surpreendido a si mesmo, usando como apoios grande parte das fissuras abertas pela esposa do Par'chin. Não tardou a desaparecer também na escuridão.

– Se vais lançar os ossos, fá-lo agora para podermos começar a busca – disse Leesha Papel.

Inevera olhou a pega hortelã, contendo o rosnado que ameaçava a sua expressão serena. Claro que queria ver Inevera lançar os dados. Sem dúvida, estaria desesperada para aprender as guardas de profecia. Como se não lhe tivesse já roubado o suficiente.

Nenhum dos outros sabia, mas os dados tinham-lhe dito que Leesha trazia um filho de Ahmann no ventre, ameaçando tudo o que Inevera construíra. Lutou contra o impulso de desembainhar a faca e expor a criança aos elementos ali mesmo, pondo fim aos problemas antes de começarem. Não conseguiriam impedi-la. Os hortelões eram formidáveis, mas não estavam à altura dos seus filhos e de dois Damaji mestres de sharusahk.

Inspirou, encontrando o seu centro. Inevera queria descarregar sobre a mulher toda a sua raiva e medo, mas não era Leesha Papel a responsável pelo facto de os homens serem tolos orgulhosos. Sem dúvida teria tentado dissuadir o Par'chin de lançar aquele desafio, tanto como Inevera tentara dissuadir Ahmann de o aceitar.

Talvez o duelo tivesse sido inevitável. Talvez Ala não conseguisse suportar dois Libertadores. Naquele momento, não havia Libertador algum. E isso era muito pior.

Sem Ahmann, a aliança krasiana desmoronar-se-ia e os Damaji voltariam a ser senhores da guerra quezilentos. Matariam os dama filhos de Ahmann, voltar-se-iam uns contra os outros e mandariam para o abismo a Sharak Ka.

Inevera olhou para Damaji Aleverak dos Majah, que revelara ser o maior obstáculo à ascensão de Ahmann e um dos seus mais valiosos conselheiros. A sua lealdade ao Shar'Dama Ka não podia ser questionada, mas isso não o impediria de matar Maji, o filho Majah de Ahmann, para que nunca se sobrepusesse a Aleveran, o seu filho.

Um herdeiro talvez conseguisse, mesmo assim, unir as tribos, mas quem seria? Nenhum dos seus filhos estava à altura da tarefa, segundo diziam os dados, mas não o veriam da mesma forma e não devolveriam o poder interino que lhes fosse concedido. Jayan e Asome sempre tinham sido rivais e teriam ambos aliados poderosos. Se os Damaji não dividissem o povo, os seus filhos fá-lo-iam.

Inevera avançou em silêncio para o centro do círculo, onde os dois aspirantes a Libertadores se tinham enfrentado momentos antes. Os dois homens tinham sangrado no chão e ajoelhou-se, pressionando as mãos sobre o local onde o sangue caíra, molhando-as, pegando nos dados e sacudindo-os. Os krasianos formaram um círculo à sua frente, mantendo os hortelões à distância.

Talhados dos ossos de um príncipe demoníaco e revestidos com electrum, os dados de Inevera eram os mais poderosos que alguma dama'ting alguma vez tivera desde os tempos da primeira Damajah. Palpitavam com poder, brilhando ferozmente na escuridão. Lançou-os e as guardas de previsão iluminaram-se, fazendo os dados parar da forma sobrenatural que lhes era caraterística, formando um padrão de símbolos que conseguia ler. Não teria feito qualquer sentido para a maior parte das pessoas. Mesmo as dama'ting discutiam as interpretações de um lançamento e Inevera conseguia ler os símbolos tão facilmente como se fossem palavras num pergaminho. Tinham-na guiado ao longo de décadas de tumulto e revolta, mas, como acontecia frequentemente, a resposta que lhe davam era vaga e pouco a aliviava.

Não há nenhum vencedor.

Que significava? A queda tê-los-ia matado aos dois? O duelo prosseguiria em baixo? Mil perguntas passaram-lhe pela cabeça e voltou a lançar os dados, mas o padrão resultante não mudara, como sabia que aconteceria.

– E então? – perguntou a pega nortenha. – O que dizem?

Inevera conteve uma resposta venenosa, sabendo que as suas palavras seguintes seriam cruciais. Decidiu que a verdade, a maior parte da verdade, pelo menos, seria uma resposta tão boa como qualquer outra para conter as conspirações de mentes ambiciosas.

– Não há nenhum vencedor – disse. – O duelo continua em baixo e só Everam sabe como terminará. Teremos de encontrá-los rapidamente.

Demoraram horas a descer a montanha. A escuridão não os abrandou. Todos os elementos daquele grupo de elite conseguiam ver com o brilho da magia, mas demónios da rocha erguiam-se no seu caminho, camuflando-se

perfeitamente contra a encosta. Demónios do vento guinchavam no céu, voando em círculos.

Rojer ergueu o instrumento, fazendo soar as notas pesarosas da *Canção da Lua Nova* e mantendo os alagai à distância. Amanvah cantou para o acompanhar e a música de ambos fortalecida pela magia dos hora ecoou pela noite. Mesmo com o vento desesperante que ameaçava vergar a palmeira no seu centro até partir, Inevera sentiu orgulho pelos talentos da filha.

Envolvidos pelas proteções da estranha magia do filho de Jessum, estavam protegidos dos alagai, mas avançavam lentamente. Os dedos de Inevera ansiavam por retirar do cinto a varinha de electrum, afastando os demónios do seu caminho enquanto corria para junto do seu marido, mas não desejava revelar o seu poder aos nortenhos e acabaria por atrair mais alagai dessa forma. Em vez disso, forçou-se a manter os passos contidos marcados por Rojer, mesmo enquanto Ahmann e o Par'chin sangravam provavelmente até à morte em algum vale esquecido.

Afastou esse pensamento. Ahmann era o escolhido de Everam. Deveria confiar que Everam concederia algum milagre ao Seu Shar'Dama Ka naquele momento de grande necessidade.

Estava vivo. Tinha de estar.

Leesha avançava em silêncio e nem Thamos se atreveu a perturbá-la. O conde podia partilhar a sua cama com frequência, mas não o amava como amara Arlen... ou Ahmann. O seu coração dilacerara-se enquanto os via lutar.

Parecera-lhe que Arlen tivera todas as vantagens no início do duelo e, se tivesse de escolher, não teria desejado que fosse de outra forma. Mas a alma atormentada de Arlen encontrara uma espécie de paz nos dias anteriores e esperou que conseguisse forçar a submissão de Ahmann e terminar o confronto sem mortes.

Gritou quando Ahmann cravou a Lança de Kaji em Arlen. Talvez fosse a única arma no mundo capaz de o ferir. O rumo do duelo alterara-se nesse momento e, pela primeira vez, a raiva que sentira por Ahmann ameaçou transformar-se em ódio.

Mas, quando Arlen os lançou aos dois do alto do penhasco, recusando-se a perder, sentiu um aperto no estômago quando viu Ahmann desaparecer. A criança no seu ventre tinha menos de oito semanas de gestação, mas teria jurado que a sentira pontapear enquanto o seu pai caía para a escuridão.

Os poderes de Arlen tinham-se fortalecido mais ainda no ano que passara desde que o conhecera. Por vezes, parecia-lhe que não havia nada que não conseguisse fazer e até Leesha pensava se poderia ser o Libertador. Conseguiria tornar-se intangível e proteger-se do impacto. Ahmann não podia fazer o mesmo.

Mas até Arlen tinha os seus limites e Ahmann testara-os de formas que ninguém esperara. Leesha recordava vivamente a queda, meras semanas antes, que deixara Arlen destruído sobre o empedrado do Outeiro, com o crânio rachado como uma casca de ovo batida contra a mesa.

Renna não devia tê-los seguido. Sabia mais acerca dos planos de Arlen. Mais do que revelava.

Mudaram de direção muito antes de chegarem ao sopé da montanha, evitando o desfiladeiro vigiado por batedores dos dois exércitos. Talvez a guerra fosse inevitável, mas nenhum dos lados desejava que começasse naquela noite.

Os trilhos montanhosos serpenteavam. Em mais do que uma ocasião, Inevera precisou de consultar os dados para escolher o caminho, ajoelhando-se no chão para fazer o lançamento enquanto os restantes aguardavam pacientemente. Leesha ansiava por saber o que a mulher via no emaranhado de símbolos, mas sabia o suficiente para não duvidar do poder real das previsões.

* * *

O amanhecer aproximava-se quando encontraram o primeiro marcador de Shanjat. Inevera acelerou o passo e os outros acompanharam-na, avançando rapidamente pelo trilho enquanto o horizonte começava a tingir-se com uma coloração arroxeada.

Não tinham sido vistos pelos Vigias posicionados no sopé da montanha, mas Ashia e Shanvah, as guarda-costas de Inevera, avançaram sem serem vistos pela encosta acima, juntando-se silenciosamente a eles. O príncipe hortelão olhou-os, abanando a cabeça em reprovação ao perceber que eram mulheres.

Alcançaram finalmente Renna e Shanjat. Olhavam-se os dois com cautela enquanto esperavam. Shanjat posicionou-se rapidamente ao lado de Inevera, batendo com o punho no peito e curvando a cabeça.

– Os rastos terminam aqui, Damajah.

Desmontaram e seguiram o guerreiro até um ponto a pouca distância onde existia uma depressão no terreno do tamanho de um homem, com a terra remexida e a pedra fraturada indicando um grande impacto. Havia

salpicos de sangue no chão e também pegadas, sugerindo a continuação do confronto.

– Seguiste o rasto? – perguntou Inevera.

Shanjat acenou afirmativamente.

– Termina a pouca distância daqui. Entendi que seria melhor aguardar instruções antes de avançar demasiado.

– Renna? – perguntou Leesha.

A Jiwah Ka do Par'chin fitava a cratera ensanguentada com olhos vidrados e a sua aura poderosa era imperscrutável. Acenou com a cabeça num gesto automático.

– Vasculhamos a área há horas. É como se tivessem ganhado asas.

– Levados por um demónio do vento? – sugeriu Wonda.

Renna encolheu os ombros.

– Acho que será possível, mas custa-me a crer que tenha sido isso.

Inevera acenou afirmativamente.

– Nenhum demónio conseguiria tocar sem permissão o meu marido sagrado.

– E a lança? – perguntou Jayan. Inevera olhou-o tristemente. Não a surpreendia que o seu filho mais velho se preocupasse mais com a arma sagrada do que com o seu próprio pai, mas entristecia-a mesmo assim. Asome, pelo menos, conseguia ser cortês ao ponto de guardar para si tais pensamentos.

Shanjat abanou a cabeça.

– Não encontrámos sinais da arma sagrada, Sharum Ka.

– Há sangue fresco – disse Inevera, olhando o horizonte. O Sol nasceria dali a minutos, mas talvez conseguisse uma última previsão. Enfiou a mão na sua bolsa de hora, segurando os dados com firmeza. As arestas cravaram-se de forma dolorosa na palma da mão enquanto se ajoelhava junto à cratera.

Normalmente, não se teria atrevido a expor os dados sensíveis até mesmo à luz débil que antecedia o amanhecer. A luz direta do Sol destruía os ossos dos demónios e até luz indireta poderia provocar danos permanentes. Mas o electrum com que os revestira protegia-os mesmo do sol mais intenso. Tal como a Lança de Kaji, o seu poder esgotava-se rapidamente sob a luz, mas poderiam ser recarregados quando a noite caísse.

A sua mão tremia quando a estendeu. Precisou de inspirar fundo durante um momento para encontrar o seu centro antes de conseguir continuar, tocando o sangue do seu marido pela segunda vez naquela noite e usando-o para ver o seu destino.

– Abençoado Everam, Criador de todas as coisas, concede-me o conhecimento dos combatentes, Ahmann asu Hoshkamin am'Jardir am'Kaji e Arlen asu Jeph am'Fardos am'Ribeiro. Imploro-Te. Revela-me o seu destino e os destinos que se seguirão.

Sentiu a palpitação do poder nos dedos e lançou, olhando atentamente o padrão.

Quando questionados acerca de coisas que tinham acontecido, os dados respondiam com certeza fria, ainda que enigmática. Mas o futuro estava em constante mudança. As suas areias deslocavam-se com cada escolha feita. Os dados facultavam pistas, como indicadores de direção no deserto, mas, quanto maior fosse a distância a que se olhasse, mais os caminhos divergiam, conduzindo quem os consultava a perder-se nas dunas.

O futuro de Ahmann estivera sempre repleto de divergências. Havia futuros em que transportava às costas o destino da humanidade e outros em que morria de forma vergonhosa. A morte nas garras de alagai era a mais comum, mas havia sempre facas nas suas costas e lanças apontadas ao seu coração. Havia sempre quem estivesse disposto a dar a vida pela sua e quem esperasse por uma oportunidade para o trair.

Muitos desses caminhos estavam fechados naquele momento. Independentemente do que tivesse acontecido, Ahmann não regressaria em breve. Era provável que não regressasse de todo. Esse pensamento fez um temor frio instalar-se no estômago de Inevera.

Os outros sustiveram a respiração em uníssono, esperando as suas palavras, e Inevera percebeu que o destino do seu povo dependia do que dissesse. Recordou as palavras proferidas pelos dados tantos anos antes:

O Libertador não nascerá. Será criado.

Se Ahmann não regressasse para ela, teria de criar um novo Libertador.

Contemplou a miríade de perdições que aguardava o seu amado e escolheu um dos destinos restantes. O único que lhe permitiria manter o poder até poder encontrar um herdeiro adequado.

– O Libertador está fora do nosso alcance – disse, por fim. – Segue um demónio até ao abismo.

– Então o Par'chin é realmente um demónio – afirmou Ashan.

Os dados não tinham dito tal coisa, mas Inevera concordou com um aceno.

– Tudo indica que sim.

Gared cuspiu no chão.

– Disseste «Libertador» e não «Shar'Dama Ka».

O Damaji voltou-se para ele, olhando-o como um homem olharia um

inseto, pensando se mereceria o esforço necessário para o esmagar.

– São a mesma pessoa.

Wonda cuspiu também.

– O Núcleo.

Jayan avançou, cerrando um punho como se pretendesse golpeá-la, mas Renna Curtidor interpôs-se. As guardas na sua pele iluminaram-se e o impulsivo primogénito de Inevera hesitou em desafiá-la. Não seria aceitável ser vencido por uma mulher diante dos homens que precisava de convencer a aceitar o seu direito ao trono.

Jayan voltou-se para a sua mãe.

– E a lança? – perguntou.

– Perdida – respondeu Inevera. – Será novamente encontrada quando Everam o desejar e não antes.

– Então deveremos desistir? – perguntou Asome. – E abandonar o nosso pai ao seu destino?

– Claro que não. – Inevera voltou-se para Shanjat. – Encontra novamente o rasto e segue-o. Segue cada folha dobrada e cada pedra solta. Não voltes sem o Libertador ou sem informações fiáveis acerca do seu destino. Mesmo que demores mil anos.

– Sim, Damajah. – Shanjat bateu com o punho no peito.

Inevera voltou-se para Shanvah.

– Acompanha o teu pai. Obedece-lhe e protege-o nesta viagem. O seu propósito é também o teu.

A jovem baixou a cabeça em silêncio. Ashia apertou-lhe o ombro e os seus olhares cruzaram-se. A seguir, pai e filha partiram.

Leesha voltou-se para Wonda.

– Procura tu também. Mas volta dentro de uma hora.

Wonda sorriu, revelando uma confiança que enchia Inevera de inveja.

– Não pretendia seguir rastos até o cabelo me embranquecer. O Libertador vai e vem, mas voltará. Verás que sim. – No momento seguinte, também ela tinha partido.

– Também vou – disse Renna, mas Leesha segurou-a pelo braço.

A mulher fitou-a com desagrado. Leesha soltou-a imediatamente, mas não recuou.

– Fica mais um pouco. Por favor.

«Até os nortenhos receiam o Par’chin e esta mulher», notou Inevera, arquivando a informação enquanto as duas mulheres se afastavam para falar a sós.

– Ashan, acompanha-me – disse, olhando o Damaji. Afastaram-se os

dois, deixando os outros espantados.

– Não acredito que se foi – disse Ashan, baixando a voz. Ahmann fora como um irmão durante mais de vinte anos. Fora o primeiro dama a apoiar a ascensão de Ahmann até se tornar Shar'Dama Ka e acreditava na sua divindade sem questionar. – Parece um sonho.

Inevera não perdeu tempo.

– Deverás sentar-te no Trono dos Crânios como Andrah. És o único capaz de o fazer sem desencadear uma guerra, mantendo-o até ao regresso do meu marido.

Ashan abanou a cabeça.

– Enganas-te se pensas isso, Damajah.

– Era o desejo do Shar'Dama Ka – recordou-lhe Inevera. – Juraste diante dele. E de mim.

– Jurei-o se perecesse na batalha da Lua Nova à vista de todos – respondeu Ashan. – Não se fosse morto por um hortelão nalguma montanha esquecida. O trono deverá ser herdado por Jayan ou Asome.

– Ouviste da sua boca que os seus filhos não estão preparados para suportar esse fardo – disse Inevera. – Parece-te que isso pode ter mudado nas últimas duas semanas? Os meus filhos são astuciosos, mas ainda não são sábios. Os dados preveem que destruirão a Fortuna de Everam lutando pelo trono e, se um deles subir os degraus ensanguentados para se sentar, não voltará a erguer-se quando o seu pai regressar.

– Se regressar – corrigiu Ashan.

– Regressará – assegurou Inevera. – Provavelmente seguido pelo Núcleo inteiro. Quando o fizer, precisará que todos os exércitos de Ala respondam ao seu chamado e não terá tempo nem desejo de matar o seu filho para recuperar o poder.

– Não me agrada – disse Ashan. – Nunca cobicei o poder.

– É inevera – replicou ela. – O teu agrado é irrelevante e a humildade que demonstras perante Everam justifica a tua escolha.

– Despacha-te – disse Renna, enquanto Leesha a afastava dos outros. – Já perdi tempo suficiente a esperar-vos. Arlen está algures por aí e preciso de o encontrar.

– Merda de demónio! – exclamou Leesha. – Não te conheço assim tão bem, Renna Fardos, mas o que conheço é suficiente para saber que não me terias esperado dez segundos se o teu marido continuasse desaparecido. Planeaste isto com Arlen. Para onde foi? Que fez a Ahmann?

– Chamas-me mentirosa? – rosnou Renna. Franziu a testa, cerrando os punhos.

Por algum motivo, a bravata serviu apenas para deixar Leesha mais segura acerca do seu palpite. Duvidava que a mulher a golpeasse realmente, mas prendia entre os dedos uma pitada de pó cegante e usá-la-ia se fosse necessário.

– Por favor – disse, mantendo a voz calma. – Se sabes alguma coisa, diz-me. Juro pelo Criador que podes confiar em mim.

Renna pareceu acalmar-se um pouco depois de ouvir aquilo, descontraindo. A seguir, ergueu as mãos voltadas para cima.

– Revista-me os bolsos. Não encontrarás respostas.

– Renna – Leesha esforçava-se para manter a compostura. – Sei que não começámos bem. Tens poucos motivos para gostar de mim, mas isto não é um jogo. Colocas-nos a todos em risco se guardares segredo.

Renna riu-se ruidosamente.

– Diz o roto ao nu. – Espetou um dedo no peito de Leesha com força suficiente para a fazer recuar um passo. – És tu quem tem o bebé do demónio do deserto na barriga. Achas que isso não é arriscado?

Leesha sentiu a cara gelar, mas insistiu para que o seu silêncio não confirmasse a suposição. Reduziu a voz a um sussurro feroz.

– Quem te disse tal disparate?

– Foste tu – respondeu Renna. – Consigo ouvir uma borboleta a bater as asas do outro lado de um milheiral. Arlen também. Ouvimos os dois o que disseste a Jardir. Trazes o filho dele no ventre e preparas-te para atirar as culpas para cima do conde.

Era verdade. Um ardil ridículo da sua mãe, que Leesha concretizara tolamente. Era pouco provável que o engano resistisse ao nascimento da criança, mas isso dava-lhe sete meses para se preparar (ou para fugir, escondendo-se), antes que os krasianos viessem reclamar a criança.

– Mais um motivo para saber o que aconteceu a Ahmann – disse Leesha, odiando o tom de súplica na sua voz.

– Não faço ideia – retorquiu Renna. – Desperdiço tempo que devia aproveitar para o procurar.

Leesha acenou afirmativamente, reconhecendo a derrota.

– Não contes a Thamos, por favor – pediu. – Contar-lhe-ei a seu tempo, prometo. Mas não agora, com meio exército krasiano a poucos quilómetros de distância.

Renna fungou.

– Não sou parva. Como acabou grávida uma Herbanária? Até uma

Curtidor ignorante sabe quando deve tirá-lo para fora.

Leesha baixou os olhos, incapaz de suportar o olhar intenso de Renna.

– Fiz-me a mesma pergunta. – Encolheu os ombros. – A história está cheia de gente que devia dar ouvidos aos conselhos dos pais.

– Não te perguntei pela história – disse Renna. – Perguntei-te porque tem miolos de madeira a mulher mais esperta do Outeiro. Nunca ninguém te contou como se fazem os bebés?

Ouvir aquilo fez Leesha mostrar-lhe os dentes. Tinha razão, mas não tinha o direito de a julgar.

– Se não me contas os teus segredos, não tenho motivo nenhum para partilhar os meus contigo. – Indicou o vale com uma mão. – Vai. Finge que procuras Arlen até nos irmos embora. Depois, vai ter com ele. Não te impeço.

Renna sorriu.

– Como se conseguisses. – E desapareceu, demasiado rápida para acompanhar com o olhar.

Porque deixei que me afetasse?, pensou Leesha. Mas levou os dedos ao ventre e soube porquê.

Porque tinha razão.

Leesha estava embriagada com couzi da primeira vez que beijara Ahmann. Não planeara deitar-se com ele nessa primeira tarde, mas também não lhe resistiu quando avançou sobre ela. Supusera de forma tonta que não terminaria dentro do seu corpo antes do casamento, mas os krasianos consideravam pecaminoso que um homem desperdiçasse a sua semente. Sentira-o acelerar o ritmo, começando a gemer, e podia tê-lo afastado. Mas parte dela desejara aquilo. Desejara sentir um homem estremecer dentro dela e nucleado fosse o risco. Fora uma emoção cavalgada até ao limite.

Pretendera ferver chá de pómulo nessa noite, mas, em vez disso, foi raptada pelos Vigias de Inevera, terminando a noite a enfrentar um demónio da mente ao lado da Damajah. Bebeu uma dose dupla no dia seguinte e após todas as ocasiões seguintes em que se deitaram juntos, mas, como dizia Bruna, a sua mentora: «Por vezes, um rebento forte encontra forma de nascer por mais que se tente evitá-lo.»

Inevera olhou Thamos, o príncipe hortelão, vendo-o diante de Asha. Era um homem grande, alto e musculado mas não inteiramente desprovido de graciosidade. Movia-se como um guerreiro.

– Espero que ordenes aos teus homens que passem o vale a pente fino –

disse.

Ashan acenou afirmativamente.

– E tu aos teus?

Thamos retribuiu com um aceno idêntico.

– Cem homens de cada lado?

– Quinhentos – retorquiu Ashan. – Com a trégua dos Domin Sharum regendo-os. – Inevera viu o príncipe firmar o maxilar. Quinhentos homens não significavam nada para os krasianos. Eram uma fração ínfima do exército do Libertador. Mas Thamos não desejava dispensar um número tão elevado.

Mesmo assim, o príncipe não tinha escolha que não fosse concordar e assim fez.

– Como sei que os teus guerreiros respeitarão a trégua? A última coisa de que precisamos é que este vale se transforme num campo de batalha.

– Os meus guerreiros manterão os véus erguidos, mesmo durante o dia – disse Ashan. – Não se atreveriam a desobedecer. São os teus homens que me motivam preocupação. Não me agradaria vê-los feridos na sequência de um mal-entendido.

O comentário irritou o príncipe.

– Parece-me que haveria ferimentos suficientes para os dois lados. Como consegue um pano sobre a cara garantir a paz? Um homem de cara tapada não teme represálias.

Ashan abanou a cabeça.

– É surpreendente que selvagens como vocês tenham sobrevivido à noite durante tanto tempo. Os homens recordam as caras daqueles que lhes fizeram mal e essas inimizades são difíceis de pôr de parte. Usamos véus na noite para que todos possamos lutar como irmãos, esquecendo vinganças pessoais. Se os teus homens cobrirem a cara, não haverá mais sangue derramado neste vale amaldiçoado por Everam.

– Ótimo – disse o príncipe. – De acordo. – Curvou-se numa vénia breve, mal demonstrando o respeito adequado a um homem que era uma dúzia de vezes seu superior e afastando-se em seguida. Os outros hortelões seguiram-no.

– Os nortenhos pagarão pelo seu desrespeito – afirmou Jayan.

– Talvez – disse Inevera. – Mas não hoje. Deveremos regressar à Fortuna de Everam sem perder tempo.

UM

A CAÇADA

333 AR Outono

Jardir acordou quando o Sol se punha, sentindo a mente turva como névoa densa. Estava deitado numa cama nortenha sobre uma grande almofada em vez de várias. O lençol era áspero, não se assemelhando nada à seda a que se acostumara. O quarto era circular, com janelas de vidro guardado em redor. Uma torre de algum tipo. Terra selvagem alongava-se pelo ocaso, mas não a reconheceu.

Onde estou?

Sentiu dor quando se moveu, mas a dor era uma velha companheira, acolhida e esquecida. Sentou-se, com pernas rígidas raspando uma contra a outra. Afastou o cobertor. Viu gesso das coxas até aos pés. Os dedos dos pés, inchados e tingidos de vermelho, roxo e amarelo, espreitavam no extremo oposto, simultaneamente próximos e completamente fora do seu alcance. Tentou fleti-los, ignorando a dor, e agradou-lhe ver o movimento ligeiro que premiou o seu esforço.

Recordou-lhe o braço que partira em criança e a forma como se sentira indefeso durante as semanas da recuperação.

Estendeu imediatamente a mão para a coroa na mesa de cabeceira. Mesmo durante o dia, continha magia suficiente para sarar alguns ossos partidos, sobretudo ossos que já tinham sido colocados no sítio.

A sua mão fechou-se sobre o vazio. Virou-se e olhou durante um longo momento até perceber o que via. Há anos que tinha sempre ao alcance da mão a sua coroa e a lança. Naquele momento, não havia sinal de uma ou da outra.

As memórias abateram-se sobre ele. O confronto no topo da montanha

com o Par’chin. A forma como o filho de Jeph se transformara numa nuvem de fumo quando Jardir golpeou, voltando a solidificar-se no instante seguinte, segurando a haste da lança com força sobre-humana e torcendo-a para fora do seu alcance.

A seguir, o Par’chin virou-se e atirou-a ao abismo como se não passasse de uma casca de melão roída.

Humedeceu os lábios gretados. Tinha a boca seca e a bexiga cheia, mas essas duas necessidades haviam sido previstas. A água junto à cama era doce e, com algum esforço, conseguiu usar o penico que os seus dedos encontraram no chão por baixo da cama.

Tinha o peito firmemente enfaixado e as costelas protestavam quando se movia. Sobre as ligaduras, vestia um roupão fino. Notou que era castanho. Talvez fosse uma piada do Par’chin.

Não havia porta, apenas uma escada para o quarto. Na sua condição presente, os degraus seriam tão eficazes como as grades de uma prisão. Não havia outras saídas e os degraus não continuavam para cima. Estava no topo da torre. O mobiliário do quarto era escasso. Uma pequena mesa junto à cama. Uma única cadeira.

Ouviu um som vindo das escadas e imobilizou-se, escutando. Podia ter sido despojado da sua coroa e da sua lança, mas anos a absorver magia através delas tinham transformado o seu corpo, aproximando-o tanto da imagem de Everam quanto um mortal poderia ambicionar. Tinha olhos de falcão, nariz de lobo e ouvidos de morcego.

– De certeza que consegues lidar com ele? – perguntou a Primeira Esposa do Par’chin. – Pareceu-me que te matava naquele penhasco.

– Não te preocupes, Ren – respondeu o Par’chin. – Não conseguirá ferir-me sem a lança.

Veremos, Par’chin.

Ouviu lábios estalarem enquanto o filho de Jeph silenciava os protestos restantes da sua jiwah com um beijo.

– Preciso que voltes ao Outeiro para controlar as coisas. E depressa. Antes que comecem a desconfiar.

– Leesha Papel já desconfia – disse Renna. – E os seus palpites não andam longe da verdade.

– Não importa. Desde que continuem a ser palpites – referiu o Par’chin. – Continua a fingir que não sabes nada, independentemente do que fizer ou disser.

Renna tentou conter a gargalhada, mas não conseguiu por completo.

– Não será um problema. Será tão fácil como dar-lhe vontade de me

cuspir em cima.

– Não percas demasiado tempo com isso – aconselhou o Par’chin. – Preciso que protejas o Outeiro, mas mantém-te discreta. Fortalece as gentes, mas deixa que sejam os outeireiros a carregar o peso da tarefa. Irei até lá quando puder, mas só para te ver. Mais ninguém pode saber que estou vivo.

– Não me agrada – disse Renna. – Marido e mulher não deviam estar separados assim.

O Par’chin suspirou.

– Tem de ser, Ren. Aposto tudo nesta jogada. Não posso perder. Estaremos juntos em breve.

– Sim – disse Renna. – Amo-te, Arlen Fardos.

– Amo-te, Renna Fardos – retorquiu o Par’chin. Voltaram a beijar-se e Jardir ouviu os passos rápidos da mulher, descendo a torre. O Par’chin, por seu lado, começou a subir.

Por um momento, Jardir pensou em fingir que dormia. Talvez conseguisse descobrir alguma coisa e beneficiar da vantagem da surpresa.

Abanou a cabeça. *Sou o Shar’Dama Ka. É indigno de mim fingir. Receberei o Par’chin de olhos abertos e verei o que resta do homem que conheci.*

Ergueu-se, acolhendo o rugido de dor nas pernas. A sua expressão estava serena quando o Par’chin entrou. Vestia roupa comum, tal como quando se conheceram. Uma camisa de algodão amarelado e calças de ganga gasta com uma sacola de Mensageiro em couro pendurada de um ombro. Estava descalço, com as pernas das calças e as mangas enroladas, expondo as guardas que tatuara na pele. O cabelo cor de areia tinha sido rapado e a face que Jardir recordava mal se via por baixo das marcas.

Mesmo sem a coroa, Jardir conseguia sentir o poder desses símbolos, mas a força tinha um preço elevado. O Par’chin parecia-se mais com uma página de um dos livros sagrados de guardas do que com um homem.

– Que fizeste a ti mesmo, velho amigo? – Não pretendera dizer as palavras em voz alta, mas algo o forçara.

– É um grande descaramento tratares-me assim depois do que fizeste – disse o Par’chin. – Não fiz isto a mim mesmo. Foste tu.

– Eu? – perguntou Jardir. – Peguei em tinta e profanei com ela o teu corpo?

O Par’chin abanou a cabeça.

– Abandonaste-me no deserto para que morresse, sem arma nem abrigo e soube que não deixaria que os alagai me levassem. O meu corpo era a única coisa que me restava para guardar.

Com aquelas palavras, as perguntas que Jardir tivesse acerca da sobrevivência do Par’chin foram respondidas. Viu na sua mente o amigo sozinho no deserto, sedento e ensanguentado enquanto matava alagai com as mãos nuas.

Era glorioso.

O Evejah proibia as tatuagens, mas proibia também muitas coisas que Jardir autorizara para bem da Sharak Ka. Quis condenar o Par’chin, mas sentia um aperto na garganta depois de ouvir as suas palavras.

Estremeceu quando um arrepio de dúvida abalou o seu centro. Tudo o que acontecia era desejado por Everam. Era inevera que o Par’chin tivesse sobrevivido para voltar a encontrá-lo. Os dados tinham dito que qualquer um deles poderia ser o Libertador. Jardir dedicara a vida a ser digno do título. Orgulhava-se dos seus feitos, mas não podia negar que o seu ajin’pal, o bravo estrangeiro, poderia ser merecedor de honra mais elevada aos olhos de Everam.

– Arriscas-te em jogos que não compreendes, Par’chin – disse. – O Domin Sharum é uma luta até à morte e a vitória foi tua. Porque não a aceitaste, ocupando o teu lugar como líder da Primeira Guerra?

O Par’chin suspirou.

– A tua morte não seria para mim uma vitória, Ahmann.

– Então admites que sou o Libertador? – perguntou Jardir. – Se assim é, devolve-me a lança e a coroa que me pertencem, curva-te diante de mim e tudo será perdoado. Poderemos enfrentar Nie lado a lado.

O Par’chin roncou de desprezo. Pousou a sacola sobre a mesa e procurou algo no interior. A Coroa de Kaji reluzia mesmo na escuridão crescente, com as suas nove joias brilhando. Jardir não conseguia negar o desejo que se agitava dentro dele. Se conseguisse usar as pernas e erguer-se, ter-se-ia lançado para ela.

– A coroa está aqui. – O Par’chin girou o diadema pontiagudo num dedo como um arco de criança. – Mas a lança não te pertence. A não ser que decida oferecer-ta. Está escondida onde nunca conseguirias chegar-lhe mesmo que as tuas pernas não estivessem engessadas.

– Os objetos sagrados devem estar juntos – afirmou Jardir.

O Par’chin suspirou.

– Nada é sagrado, Ahmann. Já te disse antes que o Paraíso não existe. Ameaçaste matar-me pelas palavras, mas isso não lhes retira verdade.

Jardir abriu a boca para responder, com palavras furiosas formando-se nos seus lábios, mas o Par’chin antecipou-se, parando de girar a coroa com uma mão firme e erguendo-a. Enquanto o fazia, as guardas na sua pele

iluminaram-se brevemente e as da coroa começaram a brilhar.

– Isto – disse o Par’chin, referindo-se à coroa – é um aro fino de crânio de demónio da mente, com nove chifres. Tudo coberto por uma liga guardada de prata e ouro, usando as joias para dar foco ao poder. É uma obra-prima de Guardador e nada mais. – Sorriu. – Tal como era o teu brinco.

Jardir sobressaltou-se, levando a mão ao lóbulo despido outrora coberto pela sua aliança de casamento.

– Pretendes roubar a minha Primeira Esposa além do meu trono?

O Par’chin riu-se. Era uma gargalhada genuína como não ouvia em anos. Um som de que não poderia negar ter sentido a falta.

– Não sei qual seria o fardo mais pesado – disse o Par’chin. – Não desejo nenhum dos dois. Tenho esposa e, entre o meu povo, uma é mais do que suficiente.

Jardir sentiu um sorriso formar-se nos lábios e permitiu que se tornasse visível.

– Uma Jiwah Ka será simultaneamente apoio e fardo, Par’chin. Desafiam-nos a sermos homens melhores num esforço constante.

O Par’chin acenou afirmativamente.

– É verdade.

– Então porque me roubaste o brinco? – perguntou Jardir.

– Guardo-o enquanto fores meu hóspede – respondeu o Par’chin. – Não posso permitir que peças ajuda.

– Hã? – disse Jardir.

O Par’chin inclinou-lhe a cabeça e Jardir sentiu a profundidade do olhar do filho de Jeph alcançando-lhe a alma, tal como Jardir fazia quando podia usar o dom da visão da coroa. Como conseguia fazê-lo sem a coroa posta?

– Não sabes – disse o Par’chin após um momento. Riu-se. – Dás-me conselhos matrimoniais quando a tua mulher te espia!

O tom de troça enfureceu Jardir e franziu a testa apesar de desejar manter uma aparência de calma.

– Que significa isso?

O Par’chin levou a mão ao bolso, retirando o brinco. Era um simples aro de ouro com uma delicada bola guardada pendente.

– Há um fragmento de osso de demónio aqui dentro. A metade correspondente pende da orelha da tua mulher. Permite-lhe que ouça tudo o que ouvires.

De repente, muitos mistérios tornaram-se claros para Jardir. A forma como a sua mulher parecia conhecer todos os seus planos e segredos.

Grande parte da sua informação vinha dos dados, mas os alagai hora comunicavam através de enigmas com grande frequência. Devia ter esperado que a astuciosa Inevera não dependesse unicamente dos seus lançamentos.

– Então sabe que me raptaste? – perguntou Jardir.

O Par'chin abanou a cabeça.

– Bloqueei-lhe o poder. Não conseguirá encontrar-te antes de terminarmos.

Jardir cruzou os braços.

– Antes de terminarmos o quê? Não me seguirás e não te seguirei. Encontramo-nos no mesmo impasse em que nos encontrávamos há cinco anos no Labirinto.

O Par'chin acenou com a cabeça.

– Não conseguiste matar-me então e isso forçou-me a mudar a forma como vejo o mundo. Ofereço-te o mesmo. – Com aquilo, atirou a coroa.

Jardir apanhou-a por instinto.

– Porque ma devolves? Isto não sarará os meus ferimentos? Poderá ser difícil prender-me sem eles.

O Par'chin encolheu os ombros.

– Não me parece que partas sem a lança, mas, de qualquer forma, drenei a coroa. Não há muita magia que consiga erguer-se do Núcleo até esta altura – indicou com a mão as janelas que rodeavam o quarto. – E o sol limpa o quarto todas as manhãs. Dar-te-á a visão da coroa, mas não muito mais até ser recarregada.

– Então porque ma devolves? – voltou a perguntar Jardir.

– Pensei que pudéssemos conversar – disse o Par'chin. – E quero que vejas a minha aura enquanto conversarmos. Quero que vejas a verdade das minhas palavras, a força das minhas convicções gravada na minha alma. Talvez consigas compreender depois disso.

– Talvez consiga compreender o quê? – perguntou Jardir. – Que o Paraíso é uma mentira? Nada que esteja na tua alma conseguirá convencer-me, Par'chin. – Mesmo assim, colocou a coroa na cabeça. Imediatamente, o quarto sombrio ganhou vida através da visão da coroa e Jardir suspirou de alívio como o cego do Evejah a quem Kaji devolveu a visão.

Pelas janelas, a terra que, no momento anterior, continha apenas sombras e formas vagas tornou-se perfeitamente definida, iluminada por magia que se erguia de Ala. Todas as criaturas vivas albergavam uma centelha de poder no seu núcleo e Jardir conseguia ver o poder iluminando os troncos das árvores, o musgo que as cobria e todos os animais que viviam nos seus

ramos e por baixo da casca que revestia os troncos. Fluía através da erva nas planícies e, sobretudo, nos demónios que calcorreavam a terra e dançavam sobre os ventos. Os alagai brilhavam como feixes luminosos, despertando dentro dele um desejo primordial de caçar e matar.

Tal como o Par'chin dissera, a sua cela estava menos iluminada. Pequenos filamentos de poder subiam pelas paredes da torre, atraídos pelas guardas que decoravam as janelas de vidro. Ganharam vida como um escudo contra os alagai.

Mas, mesmo que o quarto permanecesse sombrio, o Par'chin brilhava mais intensamente que um demónio. Era tão brilhante que deveria ser difícil olhá-lo. Mas não era. Pelo contrário, a magia era gloriosa de contemplar, rica e tentadora. Jardir abriu-se à coroa, tentando canalizar para si uma fração. Não de uma forma que permitisse que o Par'chin percebesse, mas talvez o suficiente para acelerar a sua recuperação. Uma centelha de poder serpenteou pelo ar em direção a ele, fazendo lembrar fumo de incenso.

O Par'chin tinha rapado as sobrancelhas, mas as guardas sobre o olho esquerdo ergueram-se numa expressão inconfundível. A sua aura alterou-se, revelando mais diversão que insulto.

– Ah. Procura a tua própria magia.

De forma abrupta, a magia inverteu o fluxo e foi canalizada em sentido inverso.

Jardir manteve a expressão calma, mesmo duvidando que fizesse alguma diferença. O Par'chin estava certo. Conseguia ler-lhe a aura, vendo todos os seus sentimentos. Sem dúvida, o seu velho amigo conseguiria fazer o mesmo. O Par'chin permanecia calmo, focado e sem desejar mal a Jardir. Não havia nele qualquer engano. Apenas fadiga e receio de que Jardir fosse demasiado rígido para ponderar devidamente as suas palavras.

– Diz-me outra vez porque estou aqui, Par'chin – pediu Jardir. – Se o teu objetivo é realmente, como sempre disseste, libertar o mundo dos alagai, porque te opões a mim? Estou próximo de concretizar o teu sonho.

– Não tão próximo como julgas – disse o Par'chin. – E a forma como o fazes enoja-me. Asfixias e ameaças a humanidade para conseguir a sua salvação, sem te preocupares com o preço a pagar. Sei que os krasianos gostam de se vestir de preto e branco, mas o mundo não é assim tão simples. Há cor e mais do que uma tonalidade de cinzento.

– Não sou um tolo, Par'chin – disse Jardir.

– Por vezes, fazes-me duvidar – afirmou o Par'chin com concordância da sua aura. Percebia com amargura que o seu velho amigo, a quem ensinara tanto e que sempre respeitara, o tinha em muito baixa estima.

– Então porque não me mataste, apossando-te da lança e da coroa? – perguntou Jardir. – As testemunhas teriam de vergar à honra as suas vontades. O meu povo aceitar-te-ia como Libertador e ter-te-ia seguido para a Sharak Ka.

A irritação alastrou pela aura serena do Par'chin.

– Continuas sem compreender – ripostou. – Não sou o maldito Libertador! Nem tu! O Libertador é a humanidade unida e não um indivíduo em nome da humanidade. Everam é apenas um nome que demos a esse conceito e não um gigante no céu lutando contra o negrume do espaço.

Jardir pressionou os lábios um contra o outro, sabendo que o Par'chin via a sua aura incendiar-se como reação à blasfémia. Anos antes, prometera matá-lo se voltasse a proferir tais palavras. A aura do Par'chin desafiava-o a tentar cumprir a promessa.

Sentiu-se profundamente tentado. Não testara verdadeiramente o poder da coroa contra o Par'chin e, envergando-a, deixava de estar tão indefeso como parecia.

Mas havia algo mais na aura do seu ajin'pal que o deteve. Estava preparado para um ataque e reagiria em conformidade, mas uma imagem pairava sobre ele. A imagem de alagai dançando enquanto o mundo ardia.

O que temia aconteceria se não se entendessem.

Jardir inspirou fundo, acolhendo a sua raiva e deixando-a partir com a sua expiração. Do outro lado do quarto, o Par'chin não se movera, mas a sua aura recuou como um Sharum baixando a lança.

– Que importa – disse Jardir por fim – que Everam seja um gigante no céu ou um nome que atribuímos à honra e à coragem que permitem que nos ergamos na noite? Para que a humanidade atue em união, terá de haver um líder.

– Como os demónios da mente lideram os seus sequazes? – perguntou o Par'chin, esperando surpreender Jardir com uma armadilha lógica.

– Precisamente – disse Jardir. – O mundo dos alagai foi sempre uma sombra do nosso.

O Par'chin concordou com um aceno de cabeça.

– Sim. Uma guerra precisa dos seus generais, mas deverão servir o povo e não o inverso.

Desta vez, foi Jardir a arquear uma sobrancelha.

– Pensas que não sirvo o meu povo, Par'chin? Não sou o Andrah, engordando no meu trono enquanto os meus súbditos sangram e passam fome. Não há fome nos meus domínios. Não há crime. E ergo-me

pessoalmente na noite para assegurar a sua segurança.

O Par’chin riu-se. Era um som de troça clara. Jardir ter-se-ia sentido ofendido, mas a incredulidade que lhe via na aura fê-lo conter-se.

– É por isso que importa – disse o Par’chin. – Porque acreditas realmente em toda essa trampa de demónio! Vieste para terras que não te pertenciam, assassinaste milhares de homens, violaste as suas mulheres, escravizaste os seus filhos e julgas que a tua alma está limpa porque o livro sagrado deles é um pouco diferente do teu? É verdade que os proteges dos demónios, mas as galinhas com o pescoço sob o cutelo não chamam Libertador ao carniceiro por este as proteger da raposa.

– A Sharak Ka aproxima-se, Par’chin – disse Jardir. – Transformei as galinhas de que falas em falcões. Os homens da Fortuna de Everam passaram a proteger as suas mulheres e crianças.

– Tal como fazem os outeireiros – disse o Par’chin. – Mas começaram a fazê-lo sem se matarem uns aos outros. Nenhuma mulher foi violada. Nenhum filho foi arrancado aos braços da mãe. Não nos tornámos demónios para conseguirmos enfrentá-los.

– E é isso que pensas de mim? – perguntou Jardir. – Pensas que sou um demónio?

O Par’chin sorriu.

– Sabes qual o nome que te dão os meus?

«O demónio do deserto.» Jardir ouvira o nome muitas vezes, mas apenas no Outeiro se atreviam a pronunciá-lo abertamente. Acenou com a cabeça.

– São tolos, Par’chin. Tal como tu serás se me achas igual aos alagai. Podem não assassinar ou violar, mas também não conseguiram forjar a unidade. Os vossos duques nortenhos mantêm as suas rivalidades e lutam pelo poder enquanto o abismo se abre diante deles, preparado para libertar as legiões de Nie. Nie não se importa com a tua moral. Não lhe importa quem seja inocente e quem seja corrupto. Nem sequer lhe importam os seus alagai. O seu objetivo é eliminar-nos por completo. O teu povo vive com tempo contado, Par’chin, caminhando para a Sharak Ka. E a tua fraqueza deixá-los-á à mercê do Núcleo. Quando acontecer, desejarás ter cometido mil assassinatos, mil vezes mil, se isso tivesse conseguido preparar-te para o confronto.

O Par’chin abanou a cabeça tristemente.

– És como um cavalo com palas nos olhos, Ahmann. Vês o que confirma as tuas crenças e ignoras o resto. Nie não se importa com nada disso simplesmente porque não existe.

– As palavras não tornam algo real, Par’chin – disse Jardir. – As palavras

não conseguem matar alagai ou negar a existência de Everam. As palavras sozinhas não conseguirão unir-nos a todos para a Sharak Ka antes que seja demasiado tarde.

– Falas em unidade, mas não compreendes o significado da palavra – respondeu o Par'chin. – Àquilo a que chamas unidade chamo eu opressão. Escravatura.

– Unidade de propósito, Par'chin – disse Jardir. – Todos trabalhando para alcançar o mesmo objetivo. Libertar Ala dos demónios.

– Não há unidade se depender de um único homem – disse o Par'chin. – Todos somos mortais.

– A unidade que forjei não será facilmente anulada – declarou Jardir.

– Não? – perguntou Arlen. – Aprendi muito durante a minha visita à Fortuna de Everam, Ahmann. O teu povo não é diferente dos duques nortenhos. Os teus dama não seguem Jayan. Os teus Sharum não seguem Asome. Nenhum dos homens seguirá Inevera e os teus Damaji prefeririam matar-se uns aos outros a sentar-se à mesma mesa. Ninguém ocupará o trono sem uma guerra civil. A tua preciosa unidade está prestes a desmoronar-se como um palácio feito de areia.

Jardir sentiu o maxilar tenso. Cerrava os dentes de forma sonora. O Par'chin estava certo, claro. Inevera era inteligente e continuaria a adiar o conflito durante algum tempo, mas não podia passar muito tempo ausente ou o seu exército forjado a custo sucumbiria a conflitos internos quando a Sharak Ka acabara de começar.

– Ainda não morri – disse Jardir.

– Não. Mas não regressarás tão cedo – afirmou o Par'chin.

– Veremos. – Sem aviso, Jardir concentrou-se na coroa, canalizando intensamente a magia do Par'chin. Apanhado de surpresa, a aura deste explodiu em choque, distorcendo-se enquanto Jardir reclamava o seu quinhão.

O poder fluiu-lhe pelo corpo, reparando músculo e osso e fortalecendo-o. Com uma flexão, as ligaduras à volta do peito esticaram e o gesso das pernas fraturou-se. Ergueu-se da cama e atravessou o quarto num ápice.

O Par'chin conseguiu defender-se a tempo, mas era uma defesa de Sharum, não tendo sido treinado no Sharik Hora. Jardir esquivou-se com facilidade e conseguiu prendê-lo numa chave de braços. A face do Par'chin ficou vermelha enquanto tentava encher os pulmões.

Mas, no momento seguinte, desfez-se em névoa, tal como acontecera durante o duelo na montanha. Jardir tombou para diante quando o corpo que segurava desapareceu e o Par'chin voltou a solidificar antes que caísse

no chão, segurando-lhe o braço e a perna direitos e projetando-o para o extremo oposto do quarto. Embateu com tanta força contra a janela que os seus ossos fortalecidos pela magia estalaram enquanto o vidro guardado se mantinha intacto.

As guardas iluminaram-se com um fluxo débil de magia e Jardir canalizou-a por instinto, usando-a para reparar os ossos antes mesmo de sentir a dor.

O Par'chin desapareceu e reapareceu perto dele, mas Jardir estava preparado para o truque. Enquanto a névoa se solidificava, moveu-se, escapando aos esforços para o imobilizar e desferindo dois golpes violentos antes que conseguisse dissipar-se novamente.

Lutaram desta forma durante vários segundos, com o Par'chin desaparecendo e materializando-se antes que Jardir conseguisse provocar danos reais, mas deixando-o incapaz de golpear eficientemente.

– Nucleado sejas, Ahmann – gritou. – Não temos tempo para isto!

– Nisso, concordamos – disse Jardir, posicionando-se de forma vantajosa. Atirou a única cadeira do quarto ao Par'chin e, previsivelmente, este transformou-se em névoa apesar de poder ter-se desviado com a mesma facilidade.

Os teus poderes tornam-te imprevidente, Par'chin, pensou, correndo para as escadas.

– Não vais a lado nenhum! – rosnou o Par'chin, voltando a materializar-se e traçando uma guarda no ar. Jardir viu a magia formar-se e avançar para ele com força suficiente para o projetar para longe das escadas como se fosse um martelo gigantesco. Sem tempo para se esquivar, acolheu o embate, tornando o corpo mole para absorver a maior parte do choque.

Mas o golpe não veio. A Coroa de Kaji iluminou-se, absorvendo a magia. Sem pensar, Jardir traçou também uma guarda no ar, transformando a magia num raio de calor puro. O suficiente para reduzir a cinzas uma dúzia de demónios da madeira.

O Par'chin ergueu uma mão, canalizando a magia para dentro de si. Jardir, sentindo-se zonzo pela magia que libertara de forma tão repentina, olhou-o fixamente.

– Podemos fazer isto a noite toda, Ahmann – disse o Par'chin, dissipando-se e reaparecendo entre Jardir e as escadas. – Não conseguirás sair desta torre.

Jardir cruzou os braços.

– Nem tu conseguirás prender-me aqui para sempre. O Sol nascerá e os teus truques de demónio e a tua magia de hora falhar-te-ão.

O Par’chin ergueu as mãos.

– Não preciso de te prender. Quando o Sol nascer, ficarás de tua livre vontade.

Jardir quase se riu, mas a aura do Par’chin voltou a impedi-lo. Acreditava realmente naquilo. Acreditava que as suas palavras seguintes convenceriam Jardir ou nada o faria.

– Porque me trouxeste aqui, Par’chin? – perguntou uma última vez.

– Para te recordar quem é o verdadeiro inimigo – respondeu o Par’chin. – E para pedir a tua ajuda.

– Porque deveria ajudar-te? – perguntou Jardir.

– Porque – começou o Par’chin – vamos capturar um demónio da mente e forçá-lo a levar-nos ao Núcleo. Chegou o momento de enfrentarmos os alagai no seu terreno.

DOIS

VÁCUO

333 DR Outono

Inevera não perdeu tempo quando regressaram ao acampamento krasiano. Enquanto Ashan escolhia discretamente guerreiros para iniciarem as buscas e ordenava a outros que levantassem o acampamento, convocou Abban à sua câmara de audiências privativa no pavilhão do Shar'Dama Ka.

Os Sharum começavam já a questionar porque não regressara o Libertador com eles. Não houve qualquer anúncio formal do duelo ou do seu fim súbito. Mesmo assim, não tardaram a circular boatos e os mais ambiciosos procurariam aproveitar a ausência do seu marido. Os astuciosos tinham feito planos para aquele dia e não tardariam a agir logo que fosse claro que as buscas seriam em vão. Os menos cautelosos seriam ainda mais rápidos.

Era claro que Abban também o sabia, aproximando-se do pavilhão rodeado pelos seus guerreiros kha'Sharum. Os dal'Sharum continuavam a olhar com desprezo para os guerreiros vestidos de castanho, mas os espiões eunucos que Inevera enviara ao complexo de Abban tinham sido encontrados sem vida e isso dizia muito acerca da perícia dos guerreiros khaffit. Vira também o brilho do poder nas suas armas e equipamento, cuidadosamente disfarçado com couro gasto e tinta para camuflar a sua qualidade. Nem mesmo a elite das Lanças do Libertador, com os seus escudos e lanças de vidro guardado, tinha melhor equipamento.

Tornaste-te um adversário formidável, khaffit. Pensar aquilo não lhe agradava, mas também não a preocupava como teria acontecido outrora.

Não compreendera quando os dados lhe disseram semanas antes que o destino de Abban estava entrelaçado com o seu, mas tornava-se claro. Eram os conselheiros mais próximos de Ahmann, os conselheiros em que mais confiava. Horas antes, tinham sido intocáveis e possuíam poderes quase ilimitados. Com o desaparecimento do seu marido, grande parte desses poderes evaporar-se-ia. Inevera teria de agir com rapidez e cautela para instalar Ashan no trono, mas, depois da passagem das rédeas, seria a voz deste e não a sua a liderar o povo. Ashan não era tão sensato (ou tão influenciável) como Ahmann.

Abban estava em posição ainda pior. Por mais notáveis que fossem os seus kha'Sharum, o mercador aleijado teria sorte se conseguisse sobreviver mais um dia quando os seus inimigos deixassem de temer a fúria de Ahmann por qualquer ataque que lhe fosse dirigido. Pouco tempo antes, a sua morte teria agradado muito a Inevera. Naquele momento, passara a precisar dele. O khaffit conhecia o número total de drakis no tesouro do Libertador, todas as dívidas do trono, a quantidade de grãos de cereal nos seus silos. Além disso, Ahmann partilhava com ele planos e segredos que não partilhava sequer com os Damaji. Movimentos de tropas. Planos de batalha. Alvos.

O sorriso do khaffit gordo enquanto coxeava pela câmara dentro mostrava que sabia bem como precisava dele. Que Everam o amaldiçoasse.

Atrás de Abban, vinha o enorme guarda-costas kha'Sharum que se tornara a sua sombra nas semanas anteriores. O surdo fora um dos primeiros a responder ao apelo do Libertador. Deixara as suas armas na entrada, mas não parecia menos ameaçador enquanto se erguia sobre o khaffit. Abban não era um homem baixo, mesmo curvando-se sobre a muleta, mas a cabeça do guarda-costas erguia-se bastante acima da sua.

– Ordenei que nos encontrássemos a sós, khaffit – disse Inevera.

Abban curvou-se tanto quanto permitia a sua muleta com um camelo esculpido no topo.

– Mil perdões, Damajah, mas os dal'Sharum deixaram de ter Ahmann para segurar a sua trela. Certamente não me negarás esta segurança mínima? Sem Orelhas é surdo como uma porta e não ouvirá as palavras que trocarmos.

– Até um homem surdo poderá ouvir – disse Inevera – se tiver olhos para ver a boca de quem fala.

Abban voltou a curvar-se.

– É como dizes, mas o véu da Damajah impedi-lo-ia, mesmo que o meu humilde servo tivesse aprendido tal arte e juro por Everam que não

aprendeu.

Inevera acreditou nele. Era uma ocorrência rara. Os seus guardas eunucos tinham abdicado das línguas para proteger os seus segredos e sabia que Abban valorizaria um homem que não conseguisse ouvir e denunciar as suas inúmeras intrigas. Mesmo assim, seria aconselhável não revelar demasiado.

– Pode guardar a porta – disse Inevera, voltando-se para caminhar até às almofadas no extremo oposto da câmara, meneando as ancas. Abban nunca antes se atrevera a olhá-la com luxúria, mas pensou se o faria naquele momento, depois do desaparecimento de Ahmann. Poderia usar isso em seu benefício. Olhou sobre o ombro, mas Abban não a olhava. Fazia alguns gestos rápidos ao gigante, que se moveu com uma graciosidade silenciosa pouco condizente com o seu tamanho, posicionando-se junto à porta.

Abban coxeou para junto dela, deixando-se cair cautelosamente sobre as almofadas à sua frente. Manteve o seu sorriso cordial, mas um movimento breve dos olhos em direção ao guarda-costas traiu o receio que sentia. Sabia que Inevera conseguiria matá-lo muito antes de o gigante poder alcançá-los e até Sem Orelhas recearia atacar a Damajah. De igual forma, poderia matar também o kha'Sharum de uma centena de formas diferentes. Por exemplo, com um gesto dos dedos às suas guarda-costas, Ashia, Micha e Jarvah, escondidas longe da vista.

Havia entre ambos um serviço de chá em prata, com bule ainda fumegante. Respondendo a um gesto seu com a cabeça, o khaffit serviu.

– Honras-me com a tua convocatória, Damajah. – Abban recostou-se com a chávena. – Posso perguntar qual o motivo?

– Para te oferecer proteção, claro – disse Inevera.

Abban pareceu francamente surpreendido, mas claro que era uma reação encenada.

– Quando começou a Damajah a dar valor ao pobre e desonrado Abban?

– O meu marido dá-te valor – respondeu Inevera – e ficará destroçado se souber que morreste quando regressar. Serias sensato se aceitasses a minha ajuda. Os dados dizem-me que a tua vida será muito curta sem ela. Os meus filhos odeiam-te mais ainda que os Damaji e isso será significativo. E não penses que Hasik esqueceu quem o castrou.

Inevera esperara que as palavras abalassem o khaffit. Vira a sua cobardia revelar-se diante do perigo em ocasiões anteriores. Mas Abban conhecia bem a arte de regatear.

Tem coração de cobarde, dissera-lhe Ahmann certa vez, *mas há aço suficiente em Abban para envergonhar os Sharum quando começa a*

regatear.

Abban sorriu e acenou afirmativamente.

– Assim é, Damajah. Mas a situação não é para ti menos grave. Durante quanto tempo permitirão os Damaji que te sentes no topo dos sete degraus sem o teu marido? Uma mulher sentada sobre eles é um insulto que nunca conseguiram tolerar.

Inevera sentiu o maxilar ameaçando ficar tenso. Quanto tempo passara desde que alguém além do seu marido se atrevera a falar-lhe assim? E ouvia aquelas palavras de um khaffit. Quis partir-lhe a outra perna.

Mas, apesar de toda a sua audácia, as palavras não deixavam de ser verdadeiras e Inevera permitiu que passassem sobre ela como o vento.

– Mais um motivo para nos aliarmos – disse. – Teremos de encontrar um caminho que nos permita confiarmos um no outro, como Ahmann ordenou. Ou acabaremos a percorrer o caminho solitário dentro de pouco tempo.

– Que pedes? – perguntou Abban.

– Responderás perante mim como respondeste perante o meu marido – disse Inevera. – Traz-me os teus planos e contas antes de serem apresentados ao conselho dos Damaji.

Abban arqueou uma sobrancelha.

– E em troca?

O sorriso de Inevera foi visível através do tule roxo do seu véu.

– Proteção, como disse.

Abban riu-se.

– Perdoar-me-ás, Damajah, mas comandas menos guerreiros que eu e nem esses serão suficientes para me proteger se um Damaji ou um dos teus filhos decidir livrar-se finalmente de mim.

– Tenho o medo do meu lado – replicou Inevera. – Os meus filhos temem-me. Os Damaji temem-me.

– Temiam-te, sim – concordou Abban. – Mas que percentagem desse medo sobreviverá quando um novo traseiro se instalar no Trono dos Crânios? O poder absoluto consegue tornar corajoso qualquer homem.

– Só o poder de Everam é absoluto. – Inevera ergueu os dados. – Durante a ausência de Ahmann, eu serei a sua voz em Ala.

– Isso e três draki chegarão para comprares um cesto – disse Abban.

A expressão era comum em Krasia, mas, mesmo assim, deixava Inevera nervosa. A sua mãe fora cesteira com um negócio bem-sucedido no bazar. Sem dúvida que Abban, que controlava metade do comércio na Fortuna de Everam, negociaria com ela, mas Inevera esforçara-se incansavelmente para assegurar o anonimato da sua família, afastando-a da política e das intrigas

que governavam o seu mundo.

Teriam sido apenas palavras ou uma ameaça subtil? Fosse ou não útil, Inevera não hesitaria em matar Abban para proteger a sua família.

Voltou a desejar conseguir ver o que se escondia nos corações dos homens e das mulheres como o marido conseguia. As paredes de lona grossa do pavilhão deixavam-na ver a aura do khaffit de forma pouco nítida, mas as variações e os padrões cromáticos em mutação que Ahmann interpretava tão facilmente como palavras escritas numa página permaneciam um mistério.

– Penso que verás que as minhas palavras terão mais peso do que julgas – disse Inevera.

– Se conseguires assegurar a tua posição – concordou Abban. – Discutimos porque deverei ajudar-te a consegui-lo. Nem todos os homens na corte do Libertador são tolos completos, Damajah. Poderei não voltar a ter o mesmo poder que tive quando Ahmann estava entre nós, mas conseguiria obter proteção e lucro aliando-me a um dos pretendentes.

– Conceder-te-ei uma posição permanente na corte – disse Inevera. – Para que presencies em primeira mão cada negócio e consigas manipulá-lo de forma a encher os teus bolsos sedentos.

– Está melhor – respondeu Abban. – Mas tenho espiões por toda a corte do Libertador. Em tão grande número que nem tu conseguirás expurgá-los a todos.

– Não estejas tão certo – disse Inevera. – Mas muito bem. Ofereço-te algo que nem tu poderás recusar.

– Sim? – Abban pareceu divertido pela proposta. – No bazar, essas palavras são uma ameaça, mas parece-me que verás que não sou tão fácil de intimidar como possa parecer.

– Nada de ameaças – retorquiu Inevera. – Nada de intimidações. – Sorriu. – Com o objetivo de te coagir, pelo menos. As ameaças serão uma promessa para a eventualidade de quebrares o nosso pacto.

Abban sorriu.

– Tens a minha total atenção. Que acredita a Damajah que o meu coração deseja acima de todas as coisas?

– A tua perna – disse Inevera.

– Hã? – questionou Abban.

– Posso curar-te a perna – explicou Inevera. – Agora mesmo, se desejares. Será simples. Poderás atirar a muleta ao fogo e caminhar com dois pés firmes. – Piscou-lhe o olho. – Mas, se bem conheço o astuto Abban, sairias a coxear como entraste e não permitirias que ninguém

soubesse até poderes beneficiar com isso.

Uma expressão de dúvida surgiu na face do khaffit.

– Se é tão simples, porque não me curou a dama'ting quando a parti? Porquê roubar um guerreiro aos Kaji deixando-me aleijado?

– Porque a magia de cura é a mais dispendiosa das magias de hora – explicou Inevera. – Quando aconteceu, não tínhamos armas guardadas que nos permitissem um abastecimento inesgotável de ossos de alagai para alimentar os nossos encantamentos. Mesmo agora, terão de ser limpos e tratados. É um processo difícil. – Passou com um dedo sobre o bordo da chávena. – Lançámos os dados por ti nesse dia para perceber se justificarias o sacrifício. Sabes o que responderam?

Abban suspirou.

– Que não era um guerreiro e o retorno do investimento seria reduzido.

Inevera confirmou com um aceno.

Abban abanou a cabeça, desiludido mas não surpreendido.

– É verdade que conseguiste oferecer-me algo que desejo. Não nego que se trata de algo que faz ansiar o meu coração.

– Então aceitas? – questionou Inevera.

Abban inspirou fundo como se pretendesse falar, mas susteve o ar nos pulmões. Após um momento, expirou, parecendo perder o entusiasmo.

– O meu pai costumava dizer: não ames uma coisa a tal ponto que te impeça de a deixar sobre a mesa da negociação. Sei o suficiente acerca das velhas histórias para saber que a magia tem sempre um preço e que esse preço será sempre mais alto do que parecerá. Passei vinte e cinco anos apoiado sobre a muleta. Faz parte de mim. Agradeço a tua proposta, mas terei de recusar.

Inevera começava a irritar-se e não via motivo para o esconder.

– Forças a minha paciência, khaffit. Se há algo que desejas, di-lo.

O sorriso triunfante que surgiu na face de Abban deixou claro que era aquele o momento pelo qual esperara.

– Apenas algumas coisas simples, Damajah.

Inevera riu-se.

– Aprendi que, no que te diz respeito, nada será simples.

Abban inclinou a cabeça.

– Vindo de ti, isso significa muito. Em primeiro lugar, a proteção que ofereces deverá ser extensível também aos meus subordinados.

Inevera acenou afirmativamente.

– Com certeza. Desde que não tentem contrariar os meus interesses e desde que não sejam surpreendidos a cometer um crime imperdoável contra

Everam.

– E deverá incluir também proteção de ti – prosseguiu Abban.

– Devo proteger-te de mim própria? – perguntou Inevera.

– Para que trabalhemos juntos – Inevera notou que não disse que trabalharia para ela –, deverei ser livre para dizer o que penso sem temer pela vida. Mesmo que diga coisas que não desejes ouvir. Sobretudo nessas ocasiões.

Dir-te-á as verdades que não desejarás ouvir, tinham-lhe dito os dados certa vez acerca da sua mãe. Havia valor em semelhante conselheiro. Na realidade, havia pouco valor em qualquer outro tipo.

– Feito – disse. – Mas, se decidir agir contra o teu conselho, apoiarás mesmo assim as minhas decisões.

– A Damajah é sábia – disse Abban. – Confio que não agirá de forma perdulária depois de lhe comunicar os custos.

– É tudo? – perguntou Inevera, sabendo que não era.

Abban voltou a rir-se enquanto tornava a encher-lhes as chávenas. Retirou uma pequena garrafa de um bolso interior do colete e acrescentou uma porção de couzi ao chá. Inevera percebeu que era um teste, já que a bebida era proibida pelo Evejah. Ignorou a manobra. Odiava couzi. Acreditava que tornava os homens fracos e tolos, mas, no seu povo, eram milhares os que escondiam as minúsculas garrafas sob as vestes.

Abban bebeu um gole.

– Ocasionalmente, poderei ter perguntas. – Moveu o olhar para a bolsa de hora que lhe via à cintura. – Perguntas a que só os teus dados conseguirão responder.

Inevera segurou a bolsa de forma protetora.

– Os alagai hora não se destinam a responder às perguntas dos homens, khaffit.

– Ahmann não lhes fazia perguntas diariamente? – perguntou Abban.

– Ahmann era o Libertador... – Corrigiu-se. – É o Libertador. Os dados não são brinquedos que possam ser usados para te encher os bolsos com ouro.

Abban curvou-se.

– Bem o sei, Damajah, e asseguro-te que não te pedirei que os uses de forma frívola. Mas, se desejas a minha lealdade, é esse o meu preço.

Inevera recostou-se, ponderando.

– Tu próprio disseste que a magia tem sempre um preço. Também os dados podem partilhar verdades que não desejaremos ouvir.

– Que outra verdade terá valor? – perguntou Abban.

– Uma pergunta – disse Inevera.

– Dez, pelo menos – respondeu Abban.

Inevera abanou a cabeça.

– Um Damaji não tem direito a dez durante um ano, khaffit. Duas.

– Duas não será suficiente para o que me pedes, Damajah – disse Abban. – Talvez me contentasse com meia dúzia...

– Quatro – disse Inevera. – Mas cobrar-te-ei a promessa de não usar este dom de forma frívola. Desperdiça a sabedoria de Everam com ganância e rivalidades mesquinhas e todas as respostas te custarão um dedo.

– Damajah – disse Abban –, a minha ganância nunca é mesquinha.

– É tudo? – perguntou Inevera.

Abban abanou a cabeça.

– Não, Damajah. Há mais uma coisa.

Inevera trouxe o desagrado de volta à sua expressão. Negociar era uma arte, mas havia limites. O khaffit começava a esgotar-lhe a paciência.

– Esta negociação começa a superar o teu valor, Abban. Desembucha de uma vez por todas.

Abban curvou-se.

– Os meus filhos. Quero que sejam despojados das vestes negras.

Havia comoção no acampamento krasiano quando Abban partiu da audiência, coxeando. Inevera viu Ashan dirigindo-se rapidamente para ela.

– Que aconteceu? – perguntou-lhe.

Ashan curvou-se.

– O teu filho, Damajah. Jayan disse aos guerreiros que o seu pai desapareceu. O Sharum Ka comporta-se como se fosse indiscutível que se sentará no Trono dos Crânios quando regressarmos.

Inevera suspirou, encontrando o seu centro. Esperava que acontecesse, mas desejava ter tido mais tempo.

– Transmite ao Sharum Ka que deverá liderar pessoalmente as buscas pelo Libertador, deixando um punhado de guerreiros acampados neste local. O resto de nós deverá partir para a Fortuna de Everam sem demora. O que possa abrandar-nos deverá ser deixado para trás.

Voltaram para casa tão depressa quanto os animais permitiam. Inevera enviou Sharum para matar alagai assim que o Sol se pusesse e usou o seu sangue negro poderoso para pintar guardas de vigor nos cavalos e camelos,

fortalecendo-os suficientemente para continuarem a viagem pela noite fora.

Era um risco usar magia de hora tão abertamente. Os mais perspicazes poderiam vislumbrar alguns dos mistérios que as dama'ting tinham guardado durante séculos, mas era inevitável. Os dados aconselhavam um regresso sem tardar e advertiam que poderia ser já demasiado tarde.

Manifestaram-se inúmeras divergências durante os dias seguintes e os diferendos ameaçavam dilacerar a paz frágil que Ahmann conseguira forjar entre as tribos, trazendo de volta o caos. Quantos conflitos tribais tinham sido suspensos por ordem do Libertador sem deixarem de ser alimentados nos corações de famílias que tinham roubado poços e derramado o sangue dos seus vizinhos durante gerações?

Apesar das suas precauções, Jayan e as Lanças do Libertador chegaram antes deles à Fortuna de Everam. O rapaz insensato teria abandonado as buscas antes de tempo, viajando por atalhos com os seus guerreiros e forçando o seu cavalo poderoso a ultrapassar os limites da sua resistência. O seu truque de usar sangue de demónio para fortalecer os animais podia ser duplicado por guerreiros que matavam demónios durante a noite, com as guardas nas suas lanças e nos cascos reforçados com aço das suas montadas absorvendo magia e permitindo-lhes usar contra os alagai a sua própria força.

– Mãe! – gritou Jayan, chocado, voltando-se e vendo Inevera, Ashan, Aleverak e Asome entrando de rompante pela sala do trono onde reunira os Damaji restantes e os seus tenentes de maior confiança.

O grupo de Inevera era seguido pelas doze Damaji'ting: Qeva dos Kaji e as onze outras esposas de Ahmann oriundas das restantes tribos. Todas eram leais a Inevera e a mais ninguém. Ashan era seguido pelos seus subalternos poderosos, os dama Halvan e Shevali, tendo sido os três discípulos do Libertador no Sharik Hora. Asukaji, filho de Ashan, falava pelos Kaji durante a ausência do pai e esperava com os outros Damaji.

Abban entrou na sala do trono coxeando tão depressa quanto permitia a muleta, quase sem ser visto entre todo o alvoroço. Deslocou-se em silêncio para um recanto sombrio com o seu guarda-costas, observando.

Inevera congratulou-se por ter apressado a sua comitiva. Era óbvio que Jayan desejara mais tempo para aliciar os Damaji para o seu lado. Estava na Fortuna há poucas horas e ainda não tivera a audácia de subir os sete degraus para se sentar no Trono dos Crânios.

Se o tivesse feito, faltaria peso à pretensão com a ausência do conselho privativo do Libertador e dos Damaji mais poderosos, mas seria muito mais difícil de desalojar sem violência declarada. Inevera amava o filho apesar

de todos os seus defeitos, mas não teria hesitado em matá-lo se se tivesse atrevido a tentar tomar o poder com tamanha ousadia. Ahmann cobrira com cortinas as grandes janelas da sala do trono para poder usar a visão da coroa e permitindo a Inevera o acesso à magia de hora durante o dia. O antebraço de um demónio revestido com electrum pendia-lhe do cinto, com a energia acumulada tornando-o quente.

– Obrigado por teres reunido para mim os Damaji, meu filho – agradeceu Inevera, passando pela face espantada de Jayan e subindo os degraus para ocupar o seu lugar costumeiro sobre o leito de almofadas ao lado do Trono dos Crânios. Mesmo a alguns metros de distância, a grande cadeira palpitava com magia que seria da mais poderosa que alguém conheceria. Em baixo, os religiosos de ambos os sexos reuniam-se como tinham feito durante séculos. Os Damaji à direita do trono e as Damaji'ting à esquerda. Suspirou com alívio ligeiro por terem chegado a tempo, mesmo sabendo que a disputa estaria muito longe do fim.

– Honrados Damaji – disse, socorrendo-se de uma pitada de poder numa joia guardada para fazer a sua voz ecoar pela sala como a palavra de Everam. – Sem dúvida, o meu filho ter-vos-á informado acerca do desaparecimento do meu divino marido, o Shar'Dama Ka e Libertador enviado por Everam.

A confirmação do relato de Jayan provocou burburinho. Ashan e Aleverak acenavam com a cabeça, não sendo tolos ao ponto de acrescentar qualquer pormenor até saberem exatamente o que Jayan dissera.

– Lancei os alagai hora – disse Inevera após um momento, com a voz ampliada sobrepondo-se ao burburinho sem precisar de a elevar. Ergueu os dados e fê-los brilhar intensamente com o seu poder. – Os dados disseram-me que o Libertador persegue um demónio até aos limites do abismo de Nie. Regressará. E o seu regresso desencadeará o início da Sharak Ka. – O burburinho regressou e Inevera permitiu que subisse de tom antes de continuar. – Seguindo as instruções de Ahmann, o seu cunhado Ashan sentar-se-á no Trono dos Crânios como Andrah durante a sua ausência. Asukaji tornar-se-á Damaji dos Kaji. Quando o Shar'Dama Ka regressar, Ashan saudá-lo-á ao fundo dos degraus, mas manterá o seu título. Ser-lhe-á construído um novo trono.

Ouviu-se uma exclamação de espanto coletiva, mas só uma voz se ouviu.

– O quê?! – gritou Jayan. Mesmo sem o talento de Ahmann para ler auras, a raiva que projetava era inconfundível.

Inevera olhou Asome, vendo-o em silêncio junto a Ashan. Viu também

na sua aura raiva crescente perante a injustiça, mesmo que o seu segundo filho fosse suficientemente sensato para não exteriorizar o que sentia. Asome fora educado para assumir o papel de Andrah e sentira rancor desde que o irmão ocupara o Trono da Lança, procurando obter o turbante branco em mais do que uma ocasião.

– Isto é ridículo – gritou Jayan. – Sou eu o filho mais velho. O trono é meu por direito! – Vários Damaji murmuraram a sua concordância, mas os mais poderosos mantiveram um silêncio sensato. Era bem conhecida a antipatia de Aleverak pelo rapaz e o Damaji Enkaji dos Mehnding, a terceira tribo mais poderosa, era célebre por nunca tomar partidos.

– O Trono dos Crânios não é uma bagatela que possa ser oferecida sem pensar, meu filho – disse Inevera. – É a esperança e a salvação do nosso povo. Tens apenas dezanove anos e deverás ainda provar ser merecedor. Se não contiveres a língua, desespera-me pensar que nunca conseguirás prová-lo.

– Como podemos saber que foi desejo do Libertador que o seu filho fosse ignorado? – exigiu saber o Damaji Ichach da tribo Khanjin. Ichach era um espinho constante cravado no traseiro do conselho, mas viram-se acenos de concordância de muitos dos outros Damaji, incluindo de Aleverak.

– Uma pergunta justa – considerou o clérigo ancião, voltando-se para os que ali se reuniam, ainda que as suas palavras se destinassem, sem dúvida, a Inevera. Com o anúncio da ascensão ao trono de Ashan, este abdicara do controlo do conselho dos Damaji e ninguém se atreveria a questionar o venerável Aleverak quando este assumisse o papel. – O Shar'Dama Ka não proferiu essas palavras abertamente. Nem o fez em privado, tanto quanto sabemos.

– Proferiu-as diante de mim – afirmou Ashan, avançando. – Na primeira noite da Lua Nova, enquanto os Damaji saíam da sala do trono, o meu irmão ordenou-me que ocupasse o trono se viesse a perecer diante de Alagai Ka. Jurei fazê-lo em nome de Everam sob pena de o Libertador me castigar na outra vida.

– Mentiras! – exclamou Jayan. – O meu pai nunca diria tal coisa e não tens provas. A tua ambição faz-te trair a sua memória.

O olhar de Ashan ensombrou-se ao ouvir aquilo. Conhecia o rapaz desde que nascera, mas nunca antes Jayan se atrevera a falar-lhe com tamanho desrespeito.

– Volta a dizer isso, rapaz, e morrerás. Tenhas ou não o sangue do Libertador. Falei em tua defesa quando Ahmann me fez este pedido, mas vejo agora que estava certo. O Trono da Lança assenta apenas sobre quatro

degraus, mas ainda não conseguiste habituar-te à vista lá do alto. O Trono dos Crânios tem sete degraus. Sentirias tonturas.

Jayan rosnou e baixou a lança, avançando para Ashan com raiva homicida no coração. Os Damaji observavam com frieza, prontos para reagir enquanto Jayan se aproximava.

Inevera praguejou entre dentes. Independentemente de quem vencesse o confronto, ambos perderiam e maior seria a derrota do seu povo.

– Basta! – gritou. Baixou a varinha de hora e manipulou as suas guardas com dedos ágeis, causando uma explosão de magia que fraturou o piso de mármore entre os homens.

Tanto Jayan como Ashan foram atirados ao chão pela onda de choque, juntamente com vários Damaji. Enquanto o pó assentava, instalou-se em redor um silêncio espantado quebrado apenas pelo som dos destroços caindo.

Inevera levantou-se, alisando as vestes com um movimento deliberadamente brusco. Todos os olhos se fixavam nela. As Damaji'ting, conhecedoras dos segredos da magia de hora, mantiveram a serenidade, mesmo que nenhuma delas conseguisse fazer o mesmo. Uma cratera chamuscada assinalava o centro do mármore grosso que cobria o chão. Era suficientemente grande para engolir um homem.

Os homens fitaram boquiabertos e de olhos arregalados. Só tinham visto semelhante poder demonstrado por Ahmann e, sem dúvida, teriam pensado conseguir anular facilmente o poder de Inevera depois do desaparecimento do marido.

Naquele momento, reavaliariam essa possibilidade. Só Asome mantinha a compostura, tendo testemunhado o poder da mãe no combate durante a Lua Nova. Também ele a olhava com olhos frios e aura imperscrutável.

– Sou Inevera – declarou, com a voz ampliada ecoando pela sala. O nome era repleto de sentidos, significando literalmente «vontade de Everam». – Noiva de Everam e Jiwah Ka de Ahmann asu Hoshkamin am'Jardir am'Kaji. Sou a Damajah, algo que parecem ter esquecido com a ausência do meu marido. Também eu testemunhei a ordem dada por Ahmann ao Damaji Ashan.

Ergueu bem alto a varinha de hora, voltando a manipular as guardas talhadas no electrum, produzindo daquela vez um clarão inofensivo.

– Se houver alguém aqui que deseje questionar a minha ordem de que deverá ser Ashan a ocupar o trono, que avance. Os restantes serão perdoados pela sua insolência depois de se curvarem diante de mim.

A toda a volta, os homens presentes ajoelharam-se, pressionando

sensatamente as testas contra o chão. Sem dúvida que continuariam todos a urdir planos, furiosos com a indignidade de serem forçados a ajoelhar-se diante de uma mulher, mas ninguém, nem mesmo Jayan, foi tolo ao ponto de a questionar depois de tal demonstração.

Com a exceção do velho Aleverak. Enquanto os outros se ajoelhavam, o Damaji ancião avançou até ao centro da sala, mantendo as costas direitas. Inevera suspirou discretamente, sem que ninguém percebesse. Não desejava matar o Damaji, mas Ahmann deveria tê-lo matado anos antes. Talvez tivesse chegado o momento de corrigir esse erro e pôr fim à ameaça a Maji, o filho mais velho de Belina.

A submissão das outras tribos fora total. Dos que tinham enfrentado Ahmann, apenas Aleverak sobrevivera para contar a história. O velho conquistara tamanha honra no campo de batalha que Ahmann lhe fizera tolamente uma concessão negada aos restantes.

No momento da sua morte, o herdeiro de Aleverak teria o direito de desafiar o filho Majah de Ahmann num duelo pelo controlo da tribo Majah.

Sem dúvida, Ahmann acreditara que Maji concretizaria o seu potencial para se tornar um grande guerreiro e venceria, mas o rapaz tinha apenas quinze anos. Qualquer um dos filhos de Aleverak conseguiria matá-lo com facilidade.

Aleverak curvou-se tanto que a sua barba ficou a centímetros do chão. Tamanha graciosidade num octogenário era impressionante. Dizia-se que fora o maior desafio de Ahmann na batalha até aos degraus do Trono dos Crânios. Ahmann arrancara o braço ao Damaji, mas não conseguira fazer com que o receasse. Não era surpreendente que aquela explosão de magia também não tivesse conseguido detê-lo.

– Sagrada Damajah – começou Aleverak –, perdoa-me por ter duvidado das tuas palavras e das palavras do Damaji Ashan, que liderou os Kaji e o conselho dos Damaji com honra e distinção. – Olhou Ashan, continuando de pé ao fundo do trono, acenando afirmativamente. – Mas nenhum Andrah foi nomeado desde a criação do cargo – prosseguiu Aleverak. – Contraria todos os nossos textos sagrados e tradições. Quem desejar envergar o turbante precioso deverá enfrentar os desafios dos outros Damaji. Todos eles têm direito ao trono. Conheci bem o filho de Hoshkamin e não acredito que tenha esquecido isto.

Ashan curvou-se.

– O honrado Damaji está certo. O Shar’Dama Ka instruiu-me a anunciar a minha pretensão sem perda de tempo e a matar quem se erguer no meu caminho antes que qualquer um dos Damaji se atreva a assassinar os seus

filhos dama.

Aleverak acenou com a cabeça, voltando-se para olhar Inevera nos olhos. A sua demonstração de poder conseguira fazê-lo perder a compostura por um momento, mas recuperara-a e a sua aura mantinha-se estável e contida.

– Não questiono as tuas palavras, Damajah, ou a ordem do Libertador, mas as nossas tradições deverão ser respeitadas para que as tribos aceitem um novo Andrah.

Inevera abriu a boca para falar, mas Ashan antecipou-se.

– Certamente, Damaji. – Viu-o baixar a cabeça, voltando-se para os outros Damaji. A tradição ditava que cada um deles poderia desafiá-lo, começando pelo líder da tribo mais pequena.

Inevera quis travar aquilo. Quis impor a sua vontade aos homens, forçando-os a perceber que era inútil tentarem resistir-lhe. Mas o orgulho dos homens podia ser forçado apenas até certo ponto. Ashan era o Damaji mais jovem por uma vintena de anos e um mestre de sharusahk de pleno direito. Teria de confiar que conseguiria justificar a sua pretensão, tal como Ahmann fizera.

Não lhe importavam os Damaji. Nenhum deles merecia a preocupação que causavam. Preferiria livrar-se de todos eles e permitir que as suas esposas-irmãs exercessem o controlo das tribos através dos filhos dama de Ahmann.

Aleverak era o único que a preocupava, mas a magia dos hora asseguraria que Maji sairia vencedor num duelo contra os herdeiros do velho Damaji.

– Damaji Kevera dos Sharach – disse Ashan. – Desejas desafiar-me pelo turbante precioso?

Kevera, ainda de joelhos e com as mãos no chão, ergueu a cabeça para olhar Ashan nos olhos. O Damaji passara dos sessenta anos, mas continuava robusto. Era um verdadeiro clérigo guerreiro.

– Não, Damaji – disse Kevera. – Os Sharach são leais ao Libertador e, se era sua vontade que envergasses o turbante precioso, não nos atravessaremos no teu caminho.

Ashan acenou afirmativamente e chamou o Damaji seguinte, mas a resposta foi a mesma. Depois de receberem o turbante negro, muitos deles tornaram-se desleixados, sem estarem à altura de Ashan, e outros continuavam leais a Ahmann ou, pelo menos, receariam o seu regresso. Cada um tinha motivos próprios, mas, enquanto Ashan questionava os líderes das tribos, nenhum decidiu enfrentá-lo.

Até chegar a Aleverak. O velho clérigo com um só braço avançou

imediatamente, bloqueando o caminho de Ashan até aos degraus do trono e assumindo uma postura de sharusahk. Dobrou os joelhos, apontando um pé a Ashan e mantendo o outro perpendicular, um passo atrás. Estendia para diante o seu único braço, com a palma da mão para cima e os dedos endurecidos apontados ao coração de Ashan.

– Perdoa-me, Damaji – disse Ashan. – Mas apenas o mais forte poderá sentar-se no Trono dos Crânios.

Ashan curvou-se, assumindo postura idêntica.

– Claro, Damaji. Honras-me com o teu desafio. – A seguir, sem hesitar, atacou.

Ashan parou de repente, permitindo a Aleverak um momento para o golpear. Os seus murros e pontapés eram incrivelmente rápidos, mas a única mão de Aleverak movia-se com tamanha rapidez que parecia ter ainda os dois braços, defletindo cada golpe. Tentou transformar o ímpeto dos golpes numa projeção, mas Ashan estava preparado para a manobra e esquivou-se.

Inevera nunca tivera em grande consideração o sharusahk dos dama, tendo aprendido uma forma mais eficiente com as dama'ting, mas admitiu contrariada que a prestação dos homens era impressionante. As suas auras mantinham-se tão serenas como se tomassem um banho quente.

Aleverak movia-se como uma víbora, agachando-se e esquivando-se aos pontapés de Ashan. Rodopiou e desferiu um pontapé alto capaz de impressionar até uma dama'ting. Ashan tentou afastar-se, mas o golpe foi tão inesperado que acabou por ser atingido no queixo e cambaleou um passo para trás, desequilibrado.

A tensão fez Inevera expirar enquanto o velho Damaji aproveitava o desequilíbrio momentâneo de Ashan. Os seus dedos eram como pontas de lança enquanto golpeava com a mão a garganta de Ashan.

Ashan defendeu-se a tempo, prendendo Aleverak e ameaçando partir-lhe o braço se resistisse.

Mas Aleverak não resistiu. Na verdade, tornou-se claro que esperara aquele movimento, usando a força de Ashan em seu proveito, erguendo as pernas e prendendo com elas o pescoço de Ashan. Girou em pleno ar, aplicando o peso do corpo na manobra e Ashan viu-se obrigado a cessar a resistência, sendo atirado ao chão para impedir que Aleverak lhe partisse o pescoço.

Mas Ashan não chegara ao fim. Enquanto se erguia, com Aleverak sobre ele, usou o impulso para o esmurrar. Nem mesmo o resistente Aleverak conseguiria suportar tal golpe e Ashan pontapeou-o em seguida, girando e

enfrentando novamente o Damaji em posição de igualdade.

Aleverak ficou furioso. Inevera conseguiu percebê-lo ao ver um diáfano manto vermelho cobrindo-lhe a aura. Mas a emoção não o dominou. A sua energia estava centrada, canalizada para os seus movimentos e conferindo-lhe força e velocidade assustadoras. Usava a sua única mão como uma faca, demonstrando conhecimento surpreendente dos pontos de pressão que as dama'ting usavam no seu sharusahk. Ashan sofreu um golpe no ombro que lhe deixaria o braço direito dormente por pelo menos um minuto. Não seria muito tempo no plano grandioso de Everam, mas seria uma vida inteira em batalha.

Inevera começou a pensar no poder que lhe restaria se Aleverak subisse ao trono.

Mas Ashan voltou a surpreendê-la, assumindo postura semelhante à de Aleverak e concentrando os seus esforços na defesa. Os seus pés moveram-se rapidamente sobre o mármore, para trás e para diante, mantendo Aleverak a dançar mas sempre sem ataques declarados que pudessem permitir ao Damaji ancião voltar contra ele os seus esforços. Uma e outra vez, Aleverak golpeou-o, mas Ashan defletiu-lhe a mão, mantendo a dança. Os pontapés de Aleverak foram esquivados ou bloqueados com facilidade, usando coxas, canelas e antebraços.

Insistiu, mantendo a aura serena até que, por fim, Aleverak começou a cansar-se. As reservas de energia de que o velho Damaji se socorrera estavam esgotadas e os seus movimentos começaram a revelar isso mesmo.

Quando voltou a avançar, não foi suficientemente rápido para impedir Ashan de o imobilizar com um pé. Aleverak atacou com a mão direita, mas Ashan segurou-lhe o pulso, imobilizando-o enquanto movia as ancas para acrescentar ímpeto a um murro devastador no peito com o braço direito, que voltara a sentir.

Aleverak gemeu e cambaleou, mas Ashan prendeu-lhe o braço e acrescentou mais murros antes que o seu adversário conseguisse recuperar, cravando-lhe os nós dos dedos na articulação do ombro acima do único braço do Damaji. Varreu-lhe os pés e fê-lo cair de costas com violência. O estrondo do seu embate contra o mármore ecoou pela câmara.

Aleverak fixou em Ashan um olhar duro.

– Muito bem, Andrah. Mata-me com honra e ocupa o teu lugar no topo dos degraus.

Ashan olhou o velho Damaji.

– Foi uma honra enfrentar-te, Damaji. O teu renome entre os mestres de sharusahk é merecido. Mas a tradição não exige que te mate. Apenas que te

afaste do meu caminho.

Começou a virar-se, mas a aura de Aleverak vacilou, tão próxima de um descontrolo como Inevera alguma vez vira. Prendeu a bainha da túnica de Ashan com dedos trémulos.

– Maji veste ainda o seu bido! – disse Aleverak, tossindo. – Mata-me e permite que Aleveran envergue o turbante negro. Nenhum mal acontecerá ao filho do Libertador.

Ashan ergueu o olhar para Inevera depois daquilo. Era uma oferta tentadora. Maji ficaria a salvo do voto tolo que Ahmann fizera, mas, em troca, os Majah teriam um Damaji mais jovem, capaz de governar durante as décadas seguintes. Abanou ligeiramente a cabeça.

– Perdão, Damaji – disse Ashan, afastando a túnica dos dedos do velho. – Mas o Libertador ainda precisa de ti neste mundo. Ainda não chegou a hora de percorreres o caminho solitário. Se algum mal acontecer ao filho Majah do Libertador fora de um duelo declarado na corte aquando da tua morte natural, o respeito que sinto por ti não me impedirá de matar todos os teus descendentes masculinos. – Virou-se novamente, avançando para os sete degraus que conduziam ao Trono dos Crânios.

Asome colocou-se à sua frente.

Inevera silvou. Que tolice faria o rapaz?

– Perdão, tio. – Asome curvou-se numa vénia formal de sharusahk. – Sei que saberás que não é pessoal. Foste como um pai para mim, mas sou o dama mais velho entre os filhos do Libertador e tenho tanto direito de te desafiar como qualquer um dos presentes.

Ashan pareceu genuinamente surpreendido, mas não argumentou. Retribuiu a vénia.

– Certamente, sobrinho. A tua honra não tem limites. Mas não tornaria viúva a minha filha e não faria do meu neto um órfão. Pedirei uma única vez que te afastes.

Asome abanou a cabeça tristemente.

– Também não quero tornar órfã a minha prima e esposa. Ou despojar a minha tia do seu marido. Renuncia à tua pretensão e permite-me subir.

Jayan ergueu-se.

– Que é isto?! Exijo...!

– Silêncio! – gritou Inevera. Não precisou de ampliar a voz daquela vez. O som ecoou de igual forma. – Asome, aproxima-te!

Asome virou-se, subindo rapidamente os degraus para se erguer diante do leito de almofadas. A sua aura incendiou-se por um momento quando passou junto ao trono. Seria cobiça? Inevera arquivou mentalmente a

informação enquanto manipulava pedras polidas sobre um pequeno pedestal a seu lado, cobrindo algumas guardas e descobrindo outras. Podia usar as pedras para controlar objetos variados alimentados pelos hora e espalhados pela sala, rodeando as suas almofadas com uma muralha de silêncio para que mais ninguém ouvisse as palavras que trocaria com o seu filho.

– Deves abandonar esta pretensão tresloucada, meu filho – aconselhou Inevera. – Ashan matar-te-á. – Conhecendo o sharusahk de Asome, não estava certa se seria verdade, mas aquele não era o melhor momento para o lisonjear.

– Tem fé, mãe – disse Asome. – Esperei a vida inteira por este dia e sairei vencedor.

– Não sairás – disse Inevera. – Porque não levarás avante o desafio. Não é o que Everam deseja. Ou o teu pai. Ou eu.

– Se Everam não deseja que me sente no trono, não o farei – respondeu Asome. – E, se desejar, deverá ser também esse o desejo do meu pai e o teu.

– Espera, meu filho – pediu Inevera. – Imploro-te. Sempre te destinámos o turbante precioso, mas é demasiado cedo. Jayan fará os Sharum revoltarem-se se o reclamares agora.

– Então matá-lo-ei também a ele – disse Asome.

– E desencadearás uma guerra civil com a Sharak Ka prestes a começar – afirmou Inevera. – Não. Não permitirei que mates o teu irmão. Se insistires, eu própria te derrubarei. Volta atrás e serás o sucessor de Ashan após a sua morte. Juro-o.

– Anuncia-o agora – exigiu Asome. – Perante todos aqui reunidos. Ou derruba-me como dizes. A minha honra não será apaziguada por mais nada.

Inevera inspirou fundo, deixando o ar encher-lhe os pulmões e voltar a sair, arrastando as emoções que sentia. Acenou afirmativamente, fazendo deslizar as pedras no seu pedestal para levantar o véu de silêncio.

– Após a morte de Ashan, Asome terá o direito de desafiar os Damaji pelo turbante precioso.

A emoção alvoroçou a aura de Jayan. A raiva continuava presente, mas pareceu serenar por um momento. Seria impossível prever o que teria feito se o seu irmão mais novo tivesse sido autorizado a lutar por um trono mais alto que o seu. Mas ver as intenções de Asome anuladas agradava-lhe sempre. Ashan não tinha ainda quarenta anos e manter-se-ia entre Asome e a ascensão durante tempo suficiente para permitir a Jayan reclamar a coroa do pai.

Golpeou ruidosamente o mármore com a lança e voltou-se para a saída

sem esperar ser dispensado. Os seus kai'Sharum seguiram-no obedientemente e Inevera conseguia ver neles e em vários Damaji a convicção de que o primogénito do Libertador tinha visto o seu direito legítimo ser-lhe negado. Os Sharum veneravam Jayan e eram muito mais numerosos que os dama. Seria um perigo cada vez maior.

Mas, por enquanto, tinha sido controlado e Inevera sentiu a tensão acalmar enquanto Ashan subia finalmente os degraus para se sentar no Trono dos Crânios. Olhou os conselheiros reunidos e disse as palavras que Inevera lhe transmitira, mesmo que esta percebesse que não o fazia com agrado.

– É uma honra guardar o trono durante a ausência do Shar'Dama Ka, abençoado seja o seu nome. Manterei a corte do Libertador praticamente como a deixou, com o Damaji Aleverak como porta-voz do conselho e o khaffit Abban mantendo a sua posição como escriba e mestre de logística. Como antes, quem se atrever a perturbar o seu trabalho e a atentar contra ele ou contra os seus interesses não obterá qualquer misericórdia do Trono dos Crânios.

Inevera gesticulou com um dedo a Belina e a Damaji'ting dos Majah avançou com hora para sarar Aleverak. Pouco depois, o Damaji erguia-se com dificuldade. A desorientação não tardaria a passar, deixando-o mais forte que antes. A primeira coisa que fez foi curvar-se em submissão perante o Trono dos Crânios.

Por mais satisfatório que fosse aquela demonstração de submissão, não significava nada por comparação com o olhar que lhe dirigiu Ashan, obviamente questionando se a cena chegara ao fim. Acenou brevemente com a cabeça e Ashan dispensou os Damaji e partiu para reunir com Asukaji e Asome e também com os seus conselheiros, Halvan e Shevali.

– Irmãzinhas – disse Inevera, fazendo as Damaji'ting permanecerem enquanto os homens saíam, aglomerando-se ao fundo dos degraus para uma audiência privada.

– Não disseste tudo, Damajah. Os meus dados previram que Ahmann poderá não regressar. – Belina manteve a voz estável, mas a sua aura era como um nervo ferido. A maior parte das Damaji'ting parecia sentir o mesmo. Além de terem perdido um líder, tinham perdido também um marido.

– Que aconteceu? Verdadeiramente? – perguntou Qasha. Menos disciplinada que Belina, a Damaji'ting Sharach não conseguia manter a

frieza na voz. A última palavra ecoou como uma racha alongando-se pelo vidro.

– Ahmann poupou o Par’chin em segredo depois de reclamar a lança – disse Inevera, com reprovação clara no seu tom de voz. – O homem sobreviveu e desafiou-o para o Domin Sharum.

As mulheres começaram a falar entre si. Domin Sharum significava literalmente «dois guerreiros». Era o nome dado ao duelo ritual travado pela primeira vez pelo próprio Kaji contra o seu homicida meio-irmão Majah, três mil anos antes. Dizia-se que tinham combatido durante sete dias e noites sobre o Seio de Nie, a mais alta das montanhas do Sul.

– A história terá certamente mais pormenores – disse a Damaji’ting Qeva. – Custa-me acreditar que qualquer homem conseguisse derrotar o Shar’Dama Ka em combate.

As outras mulheres verbalizaram a sua concordância. Nenhum homem ou demónio que conseguissem imaginar poderia constituir desafio sério para Ahmann, sobretudo com a Lança de Kaji nas suas mãos.

– O Par’chin cobriu a pele com guardas tatuadas – explicou Inevera. – Não compreendo por completo, mas os símbolos concederam-lhe poderes aterradores comparáveis aos de um demónio. Ahmann lutou com bravura e teria vencido, mas, enquanto o Sol se punha, o Par’chin começou a transformar-se em névoa como um alagai erguendo-se do abismo e os golpes do Shar’Dama Ka não conseguiram atingi-lo. O Par’chin lançou-o e a si próprio do alto de um penhasco e os seus corpos não foram encontrados.

Qasha começou a chorar ao ouvir aquilo. A Damaji’ting Justya dos Shunjin aproximou-se para a consolar, mas também ela soluçava. Havia lágrimas nos olhos de todas as mulheres que formavam o semicírculo.

– Silêncio! – silvou Inevera, com a voz ampliada sobrepondo-se ao choro como uma chicotada. – São Damaji’ting. Não são dal’ting jiwah patéticas, enchendo frascos de lágrimas por Sharum mortos. Krasia depende de nós. Teremos de acreditar que Ahmann regressará e teremos de manter intacto o seu império até poder reclamá-lo.

– E se não regressar? – perguntou a Damaji’ting Qeva com palavras serenas como uma brisa ténue. Era a única das Damaji’ting que não tinha perdido o marido.

– Nesse caso, asseguraremos a união do nosso povo até encontrarmos um herdeiro adequado – disse Inevera. – Não alterará o que precisaremos de fazer aqui e agora. – Olhou as mulheres reunidas. – Com o desaparecimento de Ahmann, os clérigos tentarão roubar o nosso poder. Viram a magia que

demonstrei aos Damaji. Cada uma de vós possui hora de combate que têm trabalhado para um momento de necessidade. Juntamente com as vossas dama’ting mais poderosas, deverão encontrar pretextos para demonstrações semelhantes. O tempo de esconder a nossa força chegou ao fim. – Olhou em redor, vendo caras determinadas onde, momentos antes, houvera lágrimas. – Todas as nie’dama’ting deverão preparar novos hora para encantamentos e todas deverão bordar as suas túnicas com as guardas de invisibilidade do hortelão. Abban enviará novelos de fio de ouro a todos os palácios das dama’ting para que o trabalho possa iniciar-se. Todos os esforços para impedir que saiamos durante a noite deverão ser ignorados. Se algum homem se atrever a colocar-se no vosso caminho, quebrem-no. Publicamente. Matem alagai. Curem guerreiros moribundos. Devemos mostrar aos homens de Krasia que somos uma força que deverá ser temida tanto por homens como por demónios e que não temos medo de sujar as unhas.

TRÊS

ASHIA

333 DR Outono

Ashia ficou hirta quando o seu marido desafiou o seu pai pelo Trono dos Crânios. Uma intervenção sua seria impensável, mas não podia negar que o desfecho a afetaria profundamente, qualquer que fosse o vencedor.

Suspirou, voltando a encontrar o seu centro. Seria inevera.

Mudando ligeiramente de posição, descontraiu alguns músculos e retesou outros para manter a pose que a suspendia sobre o Trono dos Crânios, apoiada contra o teto em arco usando dedos das mãos e dos pés. Conseguiria manter a posição por tempo indefinido, podendo mesmo dormir sem cair.

Do outro lado da sala, Micha, a sua irmã de lança, duplicava a sua posição, olhando em silêncio por um buraco minúsculo na decoração intrincada sobre o arco. Jarvah posicionava-se junto ao pilar atrás do trono, num local por onde apenas o Libertador e a Damajah estavam autorizados a mover-se sem necessidade de autorização prévia.

Cobertas pelas sombras, as kai'Sharum'ting eram impercetíveis mesmo para quem se movia por baixo. Mas, se a Damajah fosse ameaçada, podiam aparecer imediatamente, projetando uma chuva de vidro afiado e guardado. Dois fôlegos mais tarde, conseguiriam interpor-se entre ela e qualquer perigo, com lanças e escudos prontos.

As kai’Sharum’ting e as suas irmãs de lança em número cada vez maior guardavam a Damajah abertamente sempre que se deslocava, mas Inevera preferia que, sempre que possível, se escondessem nas sombras.

Por fim, a audiência terminou e a Damajah ficou sozinha com as suas duas conselheiras de maior confiança, a Damaji’ting Qeva e a sua filha, a nie’Damaji’ting Melan.

A Damajah estalou brevemente os dedos e Ashia e Micha desceram silenciosamente dos seus poleiros. Jarvah saiu de trás dos pilares, avançando as três para escoltarem a Damajah até aos seus aposentos.

As esposas dal’ting do Libertador, Thalaja e Everalia, aguardavam com bebidas e alimento. Olharam as filhas, Micha e Jarvah, mas sabiam que não deviam falar com as kai’Sharum’ting enquanto guardavam a Damajah. De qualquer forma, havia pouco para dizer.

– Preparámos-te um banho, Damajah – disse Thalaja.

– E escolhemos sedas limpas – acrescentou Everalia.

Ashia continuava sem acreditar que aquelas mulheres dóceis e obsequiosas fossem esposas do Libertador, mesmo que o seu tio sagrado tivesse casado com elas muitos antes de ascender à sua posição atual. Pensara outrora que as mulheres escondiam os seus dotes e poder, tal como tinha aprendido a fazer.

Ao longo dos anos, percebeu a verdade. Thalaja e Everalia eram esposas apenas em nome depois de a sua utilidade como mães se ter esgotado. Não passavam de criadas vestidas de branco das esposas do Libertador.

Poderia ser eu, inevera, pensou Ashia.

– Precisarei de sedas novas – disse Inevera. – O Libertador... está ausente em viagem. Até ao seu regresso, vestirei apenas cores opacas. – As mulheres acenaram afirmativamente, apressando-se a obedecer. – Há notícias. – Inevera voltou-se, olhando primeiro Qeva e depois Melan. A seguir, deixou o olhar deambular até Ashia e as suas irmãs de lança. – Enkido morreu.

Ashia visualizou a palmeira e vergou ao vento que soprava sobre ela. Curvou-se diante da Damajah. Um passo atrás, Micha e Jarvah imitaram-na.

– Obrigada por nos informares, Damajah. – A sua voz mantinha-se estável, com os olhos cautelosamente fixos no chão, vendo tudo com a visão periférica. – Não perguntarei se morreu com a honra intacta, pois não poderia ser de outra forma.

Inevera acenou com a cabeça.

– A honra de Enkido era infinita, antes mesmo de cortar a língua e a lança para servir a minha antecessora e aprender os segredos do sharusahk das dama'ting.

Melan ficou um pouco hirta ao ouvir referir a antecessora de Inevera, tratando-se da mãe de Qeva e avó de Melan, a Damaji'ting Kenevah. Dizia-se que a Damajah tinha estrangulado a mulher para lhe roubar o controlo das mulheres da tribo. Qeva não reagiu.

– Enkido foi morto por um alagai mimético, guarda-costas de um dos príncipes de Nie – prosseguiu Inevera. – Estes demónios miméticos conseguem assumir qualquer forma, real ou imaginária. Vi o Libertador em combate acérrimo com um deles. Enkido morreu cumprindo o seu dever, protegendo Amanvah, Sikvah e o seu honrado marido, o filho de Jessum. As vossas primas viverão graças ao seu sacrifício.

Ashia acenou afirmativamente, vergando o seu centro para aceitar a notícia.

– Este... príncipe ainda vive? – Se vivesse, conseguiria encontrá-lo e matá-lo-ia, mesmo que precisasse de o seguir até ao abismo de Nie.

Inevera abanou a cabeça.

– Amanvah e o filho de Jessum enfraqueceram a criatura, mas foi a Jiwah Ka do Par'chin a pôr fim à sua vida maldita.

– Será uma lutadora formidável para ter sucesso contra um adversário que derrotou o nosso honrado mestre – disse Ashia.

– Cautela com essa mulher, se os vossos caminhos se cruzarem – alertou a Damajah. – É quase tão poderosa como o seu marido, mas receio que ambos tenham bebido magia dos alagai em demasia, tornando parte deles a loucura que a acompanha.

Ashia uniu as mãos, mantendo os olhos no chão.

– As minhas irmãs de lança e eu pedimos à Damajah que nos autorize a sair para a noite para matar sete alagai cada uma em honra de Enkido, um por cada pilar do Paraíso, para guiar o nosso mestre caído na estrada solitária.

A Damajah estalou os dedos.

– Claro. Auxiliem os Sharum.

A mão de Ashia movia-se com precisão, pintando guardas nas unhas. Não eram longas como era habitual nas mãos de esposas mimadas e de algumas dama'ting. As alunas de Enkido cortavam-nas rentes como guerreiras para

melhor conseguirem empunhar armas.

Mas Ashia não precisava de arranhar os alagai. Uma faca ou uma lança provocavam maior dano. Tinha outras intenções.

Pelo canto do olho, viu as suas irmãs de lança em silêncio, acompanhadas apenas pelos ruídos de óleo e couro, cosendo e polindo enquanto preparavam armas para a noite vindoura.

A Damajah equipara as suas kai'Sharum'ting com lanças e escudos de vidro guardado semelhantes ao equipamento das Lanças do Libertador. Os gumes não precisavam de ser afiados, mas os punhos e as correias eram igualmente importantes e Enkido inspecionara com regularidade o seu equipamento. Um ponto enviesado na correia de um escudo, praticamente invisível e irrelevante para o desempenho, seria suficiente para arrancar o couro grosso com as mãos, forçando a proprietária a substituí-lo por inteiro.

Outras infrações eram tratadas com menor gentileza.

Restavam três kai'Sharum'ting na Fortuna de Everam. Ashia, Micha e Jarvah. Micha e Jarvah eram filhas do Libertador nascidas das suas esposas dal'ting, Thalaja e Everalia. Também elas tinham recusado as vestes brancas.

O seu sangue podia ser superior ao das sobrinhas do Libertador, mas Ashia era quatro anos mais velha que Micha e seis anos mais velha que Jarvah. As raparigas mostravam-se ao mundo com o corpo de mulheres graças à magia que absorviam todas as noites, mas continuavam a esperar a orientação de Ashia.

Havia mais mulheres a tornarem-se Sharum'ting todos os dias, mas só elas tinham o sangue do Libertador. Só elas envergavam os véus brancos.

Só elas tinham sido treinadas por Enkido.

* * *

Nesse anoitecer, os portões da cidade foram abertos para permitir a saída dos Sharum para o território vasto a que tinham chamado Novo Labirinto. Duas horas depois, quando a noite caiu por completo, as três kai'Sharum'ting e meia dúzia das suas novas irmãs de lança passaram sobre a muralha em silêncio.

A ordem da Damajah para «auxiliarem» os Sharum fora muito clara. Caçariam nos limites exteriores do Novo Labirinto, onde os demónios eram mais numerosos, e esperariam Sharum descuidados, tão embriagados com magia e ávidos de carnificina que se deixavam cercar.

Ashia e as suas irmãs de lança avançariam nesse momento para salvar os

guerreiros. A manobra destinava-se a criar laços de sangue com o maior número possível de Sharum, mas serem salvos por mulheres feria o seu orgulho. Também aquilo fazia parte do plano da Damajah, devendo incentivar desafios lançados por homens, matando-os e mutilando-os em número suficiente para dar um exemplo claro aos outros.

Os seus passos velozes cobriam quilómetros. As suas vestes negras estavam bordadas com guardas de invisibilidade que as tornavam invisíveis aos alagai. Os seus véus tinham guardas de visão para permitir que vissem de forma tão clara como se fosse dia.

Não tardaram a encontrar quatro dal'Sharum Majah ávidos que se tinham afastado demasiado da sua unidade, sendo alcançados por um bando de demónios dos campos. Três demónios estavam caídos, mas um dos Sharum também, agarrando uma perna ensanguentada. Os seus companheiros ignoraram-no e ao treino recebido, lutando individualmente quando uma formação poderia salvá-los.

Embriagados com magia dos alagai, transmitiu Ashia às irmãs com sinais. Conheciam bem a loucura da magia, mas um guerreiro que mantivesse o seu centro facilmente conseguia ignorá-la. *Teremos de salvá-los de si mesmos*.

Foi Ashia a trespassar pessoalmente o demónio dos campos que estivera prestes a matar o Sharum caído enquanto Micha, Jarvah e as outras avançavam contra a dúzia de demónios restante.

A explosão de magia quando trespassou o demónio vibrou dentro do seu corpo. Com a luz de Everam, conseguia ver a magia fluindo como fogo pelas linhas de poder na sua aura. As mesmas linhas estavam traçadas no Evejah'ting e tinham sido tatuadas no corpo do seu mestre. O Enigma de Enkido.

Ashia sentiu o aumento da sua força e velocidade, compreendendo a facilidade com que alguém poderia embriagar-se com aquilo. Sentiu-se invencível e a agressividade forçava a sua concentração. Vergou o espírito como a palmeira ao vento e deixou que passasse.

Examinou o ferimento profundo na perna do Sharum. Começava a fechar enquanto a magia de alagai que absorvera reparava a carne.

– Da próxima vez, segura bem o escudo.

– Que sabe uma mulher de tais coisas? – perguntou o guerreiro.

Ashia ergueu-se.

– Esta mulher salvou-te a vida, Sharum.

Um demónio lançou-se sobre ela, mas repeliu-o com o escudo, fazendo-o cair perto de um dos outros dal'Sharum, que lhe cravou ferozmente a lança.

O golpe foi letal, mas o guerreiro puxou a lança e voltou a cravá-la uma e outra vez, rugindo de fúria incoerente.

Foi atacado pela retaguarda por outro demónio e Ashia precisou de afastar o guerreiro para golpear o agressor. Conseguiu apenas um golpe de raspão, mas o ângulo não foi o melhor e a força do salto do alagai arrancou-lhe a arma às mãos.

Ashia recuou dois passos, defletindo garras com o escudo. Enquanto o demónio tentava atingi-la, usou a aresta do escudo contra o seu maxilar, conseguindo erguê-lo e expor o ventre vulnerável. Um pontapé fê-lo tombar de costas e, antes que conseguisse erguer-se, lançou-se sobre ele, imobilizando-lhe os membros enquanto lhe cravava a faca na garganta.

Levantava-se quando algo a golpeou na nuca. Girou e ficou frente a frente com o Sharum que acabara de salvar. Tinha um olhar desvairado e a postura agressiva era inconfundível.

– Atreves-te a tocar-me, mulher? – perguntou.

Ashia olhou o campo de batalha à sua volta. Os últimos demónios tinham sido vencidos e as suas Sharum'ting erguiam-se ilesas numa unidade compacta. Fixavam olhares frios nos Sharum. O guerreiro ferido continuava no chão, mas os outros avançavam para a cercar.

Não façam nada, disse Ashia às companheiras com gestos. *Lidarei com isto.*

– Encontra o teu centro! – gritou ao homem que avançava novamente para ela. – Deves-me a tua vida!

O Sharum cuspiu no chão.

– Teria matado o alagai tão facilmente como matei o outro.

– O outro que lancei a teus pés, indefeso? – perguntou Ashia. – Enquanto as minhas irmãs liquidavam o bando que vos teria matado a todos?

O homem respondeu com um movimento da lança, pretendendo atingir-lhe a face. Ashia segurou a haste da lança e torceu até sentir o pulso do guerreiro partir.

Os outros avançaram imediatamente, com a magia a vibrar dentro deles multiplicando a sua agressividade e misoginia naturais. Falhar em batalha e ser salvo era vergonha suficiente. Mas ser salvo por mulheres...

Ashia girou até ficar atrás do guerreiro, apoiando-se nas suas costas para pontapear o Sharum mais próximo. Viu-o cair enquanto se lançava contra o terceiro, defletindo-lhe a lança e atingindo-o com a mão aberta na testa. Atordoado, cambaleou até Ashia o projetar contra os outros dois, levantando-se atabalhoadamente.

Quando recuperaram, estavam rodeados por Sharum'ting com as lanças

apontadas.

– Patético. – Ashia ergueu o véu para cuspir sobre os pés do guerreiro. – O vosso sharusahk é tão fraco como o vosso controlo. Deixaram-se embriagar com a magia dos alagai. Peguem no vosso companheiro e regressem à vossa unidade antes que a minha paciência se esgote.

Não esperou uma resposta, afastando-se pela noite fora, seguida pelas irmãs de lança.

Os nossos irmãos de lança preferem atacar-nos a aceitar o nosso auxílio, gesticulou Jarvah enquanto corriam.

Por agora, gesticulou Ashia. *Aprenderão a respeitar as Sharum'ting. Temos o sangue do Libertador nas veias. Esperaremos que reforme esta ralé antes da Sharak Ka.*

E se o meu santo pai não regressar?, gesticulou Jarvah. *Em que estado ficarão os exércitos de Everam sem ele?*

Regressará, gesticulou Ashia. *É o Libertador. Durante a sua ausência, deveremos dar o exemplo a todos. Venham. Ainda não matámos metade dos alagai necessários para facilitar o caminho do nosso mestre para o Paraíso.*

Avançaram mais ainda, mas a maioria dos Sharum que encontraram respeitava a noite (e as suas próprias limitações), não encontrando mais ninguém que merecesse a sua atenção. Seguiram caminho, deixando para trás as patrulhas de dal'Sharum enquanto passavam do Labirinto para aquilo a que os nortenhos chamavam a noite nua.

Ashia encontrou os rastos de um bando numeroso e as outras seguiram-na em silêncio enquanto tomava o caminho seguido pelos demónios. Encontraram quase trinta alagai desprevenidos, abrindo caminho até ao centro do bando e formando um círculo com os escudos. Ashia confiava que as suas irmãs conseguiriam mantê-la segura nos flancos e ela faria o mesmo. Livres do receio de um contra-ataque, começaram a trespassar demónios com eficiência fria como se soprassem velas, um a um. Cada morte provocava uma descarga de magia no grupo, tornando-as mais fortes. O poder forçava a sua capacidade de controlo, mas não era mais do que uma brisa delicada para mulheres centradas.

Metade do bando pereceu antes que os demónios pensassem em fugir. Quando aconteceu, Ashia e as irmãs empurraram-nos para uma ravina estreita com paredes íngremes pouco adequadas aos seus passos largos. Após um sinal de Ashia, as irmãs formaram grupos menores, cada um encurralando vários demónios.

Ashia permitiu que um grupo de alagai a separasse das suas irmãs,

levando-os a rodeá-la e esperando que se aproximassem. Conseguia ver o poder fluindo pelos seus membros e fechou os olhos, inspirando profundamente.

Em tua honra, mestre.

A lança e o escudo caíram-lhe dos dedos enquanto abria os olhos, assumindo uma postura de sharusahk.

Os demónios guincharam e lançaram-se contra ela, mas Ashia percebia antecipadamente a direção dos golpes, claramente delineada nas suas auras. Magia canalizada deu-lhe velocidade enquanto se virava, atingindo o maxilar do mais rápido para redirecionar a intensidade do seu ataque contra os restantes. Deu um passo ao lado, cravando dedos endurecidos no ventre do demónio e repelindo-o.

As guardas nas suas unhas iluminaram-se e a magia que resultou do contacto direto foi cem vezes mais intensa do que a que era filtrada pela madeira da haste da lança. O demónio dos campos foi projetado, com o tronco chamuscado e esmagado, esforçando-se para se erguer. Ashia varreu as pernas de outro que preparava um salto, atirando-o ao chão. O demónio seguinte foi golpeado na têmpora, ficando cego.

Como se atrevera aquele homem a atacá-la por trás? Deveria tê-lo matado como exemplo para os outros.

Um alagai tentou chegar até ela, desesperado, mas dois bloqueios simples defletiram garras afiadas, permitindo a transição para o ataque seguinte. Ultrapassou a defesa da criatura e cravou-lhe os dedos na garganta. A pele esticou-se e rasgou, tanto pela força do golpe como pela magia que o acompanhara.

Ashia cravou o antebraço inteiro no tronco do demónio. Por dentro, as criaturas eram tão vulneráveis como qualquer animal. Fechou a mão e arrancou um punhado de entranhas. A magia na sua alma era como um trovão.

O Libertador partira. A Damajah vivia sobre o fio da navalha. Enkido morrera. E os seus irmãos de lança preferiam matá-la por ofender a sua virilidade do que aceitar o seu auxílio. Era demasiado para suportar.

Sentiu-se mais agressiva, abandonando a sua neutralidade para perseguir demónios em retirada em vez de os atrair. Censurara os dal’Sharum por aquilo mesmo, mas corria-lhe o sangue do Libertador nas veias. Mantinha o controlo.

Segurou pela cabeça o demónio que a seguir saltou sobre ela, girando e usando o impulso para lhe partir o pescoço.

Ashia deu outro passo, pontapeando e esmurrando, posicionando-se para

desferir golpes mortíferos com as unhas contra as linhas de poder dos alagai.

Surgiu um brilho vermelho nos limites da sua visão periférica e conseguia ver apenas o demónio seguinte. Nem olhou os seus corpos, focando-se apenas nas suas verdadeiras formas, nas linhas de poder nas suas auras. Eram tudo o que via. Eram tudo o que golpeava.

De repente, a sua visão enegreceu e cambaleou durante o ataque seguinte. Surgiu outro alvo e golpeou com força, mas o ataque foi defletido por um escudo de vidro guardado.

– Irmã! – gritou Micha. – Encontra o teu centro!

Ashia recuperou os sentidos. Estava coberta de sangue negro e, a toda a volta, via alagai mortos. Sete no total. A ravina estava limpa e Micha, Jarvah e as outras olhavam-na fixamente.

Micha segurou-a pelo cotovelo.

– O que foi isso?

– O quê? – perguntou Ashia. – Honrava o nosso mestre com sharusahk.

Micha franziu a testa e reduziu a voz a um sussurro desagradado que as outras não conseguissem ouvir.

– Sabes muito bem, irmã. Perdeste o controlo. Pretendes honrar o nosso mestre, mas Enkido ficaria envergonhado com tal demonstração, sobretudo diante das nossas irmãzinhas. Felizmente, os Sharum não te viram.

Ashia fora golpeada muitas vezes ao longo dos anos, mas nenhum golpe fora tão duro como aquelas palavras. Quis negá-las, mas, recuperando a consciência plena, via a verdade com clareza.

– Que Everam me perdoe – sussurrou.

Micha apertou-lhe o cotovelo num gesto confortante.

– Compreendo, irmã. Sinto o mesmo quando a magia é intensa. Mas é sempre de ti que esperamos o exemplo. Com a morte do nosso mestre, só te temos a ti.

Ashia pegou na mão de Micha, apertando-a.

– Não, irmã adorada. Só nos temos a nós. Sem Shanvah, as Sharum’ting olharão também para ti e para Jarvah. Deverás ser tão forte para elas como o foste para mim esta noite.

As vestes de Ashia continuavam húmidas com sangue de demónio enquanto regressava aos aposentos que partilhava no palácio com Asome e Kaji, o filho pequeno de ambos.

Normalmente, trocaria as vestes de Sharum por vestimentas negras

femininas antes de regressar, para não aumentar mais ainda o desagrado do marido. Asome nunca aprovara que empunhasse a lança, mas não lhe cabia decidir se o faria ou não. Ambos tinham pedido ao Libertador que os divorciasse depois de a nomear Sharum'ting, mas o tio recusara o pedido por motivos desconhecidos.

Ashia estava cansada de se esconder, cansada de fingir ser uma jiwah indefesa nos seus aposentos enquanto vergava guerreiros e matava alagai durante a noite. Tudo para proteger a honra de um homem que não sentia nada por ela.

Enkido ficaria envergonhado. As palavras de Micha continuavam a ecoar-lhe na mente. Que era o desagrado do marido comparado com aquilo?

Foi tão silenciosa como um fantasma, mas não havia sinais de Asome. O marido dormiria nos braços de Asukaji no novo palácio do Damaji. Encontrou apenas a sua avó, Kajivah, dormindo num divã à porta do quarto de Kaji. Era o seu primeiro bisneto e a Santa Mãe ocupava-se pessoalmente do rapaz, recusando os serviços de uma ama.

Quem poderá amar mais o rapaz do que a sua bisavó?, costumava perguntar. Implícita nessa afirmação estava a sua crença de que Ashia não podia ser uma mãe adequada depois de ter começado a empunhar a lança.

Ashia passou por ela sem a acordar, fechando a porta do quarto atrás de si enquanto entrava para ver o filho adormecido.

Não desejara a criança. Receara os efeitos da gravidez no seu corpo de guerreira e não havia qualquer amor entre si e Asome. A necessidade do seu irmão de ter a própria irmã como mãe do filho do seu amante parecia uma aberração.

Mas Kaji, aquela criança perfeita e bela, estava muito longe de ser uma aberração. Depois de passar meses a dar-lhe de mamar, a aninhá-lo nos braços para dormir, a sentir as suas mãos minúsculas na face, Ashia não conseguia forçar-se a desejar qualquer mudança na sua vida que pudesse anular a sua existência. Era inevera.

Enkido ficaria envergonhado.

Ouviu-se algo estalar e uma ponta do berço partiu-se ruidosamente nas suas mãos. Kaji abriu os olhos e começou a chorar.

Ashia atirou ao chão o pedaço de madeira partida, estendendo as mãos para o rapaz. O toque da mãe conseguia sempre acalmá-lo, mas, daquela vez, Kaji debateu-se, dando aos braços como louco. Tentou serená-lo, mas gritava cada vez mais alto quanto mais o abraçava e viu que a sua pele ficava negra onde a tocava.

A força da noite continuava no seu corpo.

Apressou-se a deitá-lo novamente sobre as suas almofadas, vendo horrorizada a sua pele suave magoada pela pressão e suja com o sangue de demónio que a cobria. O fedor pairava no ar.

A porta abriu-se de rompante e Kajivah entrou a correr.

– Que fazes? Porque acordas a criança a esta hora?!

A seguir, guinchou quando o viu, coberto de nódoas negras e sangue de demónio. Virou-se para Ashia, furiosa.

– Sai! Sai! Devias ter vergonha!

Empurrou com força e Ashia, receando a sua própria força, permitiu-se ser expulsa do quarto. Kajivah tomou a criança nos braços, fechando a porta com um pontapé.

Pela segunda vez nessa noite, perdeu o seu centro. As suas pernas fraquejaram enquanto cambaleava pelos aposentos, batendo com a porta e caindo ao chão no negrume.

Talvez a aberração seja eu.

Pela primeira vez em anos, Ashia cobriu a face com a mão e chorou. Desejava apenas a presença confortante do seu mestre.

Mas Enkido percorria o caminho solitário e, tal como a sua avó, sentiria vergonha dela.

QUATRO

SANGUE SHARUM

327-332 DR

– Senta-te direita – gritou Kajivah. – És uma princesa Kaji e não uma reles kha’ting.

– Sim, tikka. – Ashia estremeceu, mesmo que os banhos do palácio estivessem quentes e repletos de vapor. Tinha treze anos e não sentia qualquer pressa para casar, mas Kajivah vira os panos avermelhados e não perdera tempo. Endireitou as costas enquanto a mãe, Imisandre, lhas esfregava.

– Tolice, mãe – disse Imisandre. – Com treze anos, bela, filha mais velha do Damaji da maior tribo de Krasia e sobrinha do próprio Libertador? Ashia é a rapariga mais pretendida do mundo.

Ashia voltou a estremecer. A sua mãe dissera aquelas palavras para a acalmar, mas tiveram o efeito oposto.

Kajivah irritava-se quando as filhas discordavam dela, mas limitou-se a sorrir pacientemente, gesticulando à nora Thalaja para que acrescentasse mais pedras quentes à água. Era sempre assim que decorriam as suas audiências. Do quarto das crianças para a cozinha e, finalmente, para os banhos.

A sua corte era composta pelas cinco filhas dal’ting, Imisandre, Hoshvah, Hanya, Thalaja e Everalia, e pelas netas, Ashia, Shanvah, Sikvah, Micha e

Jarvah.

– Parece que o dama Baden concorda – disse Kajivah.

Todas as cabeças se voltaram na sua direção.

– Raji? O seu neto? – perguntou Imisandre.

Um sorriso amplo alastrou pela face de Kajivah, vendo o segredo exposto.

– Dizem que nenhum homem ofereceu alguma vez tamanha fortuna por uma única esposa.

Ashia não conseguia respirar. No momento anterior, teria adiado o momento durante anos, mas... o príncipe Raji? Era um rapaz belo e forte, herdeiro de vestes brancas e de uma fortuna superior até à do Andrah. Que mais poderia desejar?

– Não é digno de ti, irmã.

Todos os olhos se voltaram para Asukaji, irmão de Ashia, que se atravessava na porta com as costas voltadas para as mulheres. Não era invulgar. Nenhum homem podia entrar nos banhos das mulheres, mas Asukaji tinha apenas doze anos e continuava a vestir o seu bido. Além disso, era push'ting e todas as mulheres o sabiam. Interessava-se mais pelos mexericos dentro da cabeça de uma mulher do que pelo que as suas vestes escondiam.

Todas as mulheres da família adoravam Asukaji. Nem Kajivah se incomodava por preferir homens, desde que cumprisse o seu dever e se casasse para lhe dar netos.

– Amado sobrinho – disse Kajivah. – Que te traz aqui?

– Receio que esta seja a minha última visita aos banhos das mulheres – retorquiu o rapaz, motivando um coro de desilusão. – Fui chamado para o Hannu Pash esta manhã. Envergarei as vestes brancas.

Kajivah foi a mais efusiva.

– Que maravilha! Claro que todos sabíamos que assim seria. És o sobrinho do Libertador.

Asukaji encolheu os ombros.

– Não és a mãe do Libertador? Não são suas esposas, irmãs e sobrinhas? Constato que nenhuma de vós se veste de branco.

– És homem – afirmou Kajivah, como se o motivo fosse óbvio.

– Que importa isso? – perguntou Asukaji. – Discutem de que homem poderá Ashia ser digna, mas a verdadeira questão será qual o homem que será digno dela.

– Quem entre os Kaji é superior ao herdeiro do dama Baden? – perguntou Ashia. – O pai não aceitaria casar-me com alguém de outra tribo... Ou

aceitaria?

– Não sejas tola – ripostou Kajivah. – Seria um absurdo.

Mas havia dúvida na sua face enquanto olhava o neto.

– Então quem é digno?

– Asome, claro – disse Asukaji. Os dois rapazes eram praticamente inseparáveis.

– É nosso primo! – exclamou Ashia, chocada.

Asukaji encolheu os ombros.

– E então? O Evejah refere muitas uniões entre primos no tempo de Kaji. Asome é filho do Shar'Dama Ka. É belo, rico e poderoso. Além disso, conseguirá solidificar os laços entre o meu pai e a linhagem de Jardir.

– Eu pertenço à linhagem de Jardir – afirmou Kajivah, elevando a voz. – O teu pai é seu cunhado e eu sou a sua mãe. Não podes desejar laços mais sólidos que estes.

– Referia-me a um laço direto – disse Asukaji. – Do Libertador diretamente para um filho. – Atreveu-se a olhar para trás por um momento, fixando os olhos nos de Ashia. – O teu filho.

– Tens um laço direto – insistiu Kajivah. – Sou a Santa Mãe. Corre nas veias de todos vós o sangue do Libertador.

Asukaji virou-se novamente e baixou a cabeça.

– Não pretendo faltar ao respeito, tikka. Santa Mãe é um belo título, mas não tornou brancas as tuas vestes negras. Nem as vestes das minhas honradas irmãs.

Kajivah ficou em silêncio ao ouvir aquilo e Ashia começou a pensar. Casar com um primo direito não era inusitado em famílias poderosas e Asome era belo, como Asukaji dissera. Herdara a beleza da mãe e a beleza da Damajah era ímpar. Asome tinha a sua face e corpo esguio e assentavam-lhe bem.

– Porque não Jayan? – perguntou.

– O quê? – questionou Asukaji.

– Se devo casar com um primo como dizes, porque não o primogénito do Libertador? – indagou Ashia. – A não ser que case com a irmã, quem será mais digna que eu, a sobrinha mais velha do Shar'Dama Ka?

Ao contrário do esguio Asome, Jayan herdara a aparência do Libertador, mais musculado e com ombros largos. Jayan não era bondoso, mas irradiava poder suficiente para fazer corar até Ashia.

– Cão Sharum – disse Asukaji com desprezo. – São animais criados para o Labirinto, irmã. Preferiria que casasses com um chacal.

– Basta! – exclamou Kajivah. – Cuidado com as palavras, rapaz. O

próprio Libertador é Sharum.

– Foi Sharum – disse Asukaji. – Passou a vestir-se de branco.

Nesse mesmo dia, Kajivah pressionou Ashan e arrastou Ashia, Shanvah e Sikvah para diante do Shar'Dama Ka, exigindo que as tornasse dama'ting.

Mas ninguém podia fazer exigências ao Libertador e à Damajah. Kajivah e as suas filhas receberam véus brancos. Ashia e as suas primas foram enviadas para o Palácio das Dama'ting.

– É positivo, irmã – disse Asukaji, enquanto as raparigas eram empurradas em direção à Damajah. – Não há motivos para que o nosso pai ou o Libertador recusem casar-te com Asome.

Kajivah não parecia satisfeita, mas Ashia não percebia porquê. O Libertador nomeara-as suas parentes de sangue, cobrindo-as de honra. Ashia não sentia qualquer desejo de ser dama'ting, mas quem saberia que mistérios poderia aprender no seu palácio?

Kai'ting. Agradava-lhe o som. Era poderoso. Régio. Shanvah e Sikvah sentiam medo, mas Ashia foi com agrado.

A Damajah escoltou as raparigas para fora da câmara pela sua entrada privativa. Só isso era uma honra. À sua espera, encontraram Qeva, Damaji'ting dos Kaji, e a sua filha e herdeira, Melan, juntamente com um dos guardas eunucos mudos da Damajah.

– As raparigas aprenderão letras, canto e dança das almofadas durante quatro horas por dia – explicou a Damajah à Damaji'ting Qeva. – Durante as vinte horas restantes, pertencerão a Enkido.

Acenou com a cabeça ao eunuco e Ashia abriu a boca de espanto. Shanvah agarrou-a. Sikvah começou a chorar.

A Damajah ignorou-as, voltando-se para o eunuco.

– Faz delas algo de válido.

A Nie'Damaji'ting Melan levou-os pelo palácio subterrâneo das Dama'ting. Dizia-se que as dama'ting conseguiriam sarar qualquer ferimento com a sua magia de hora, mas a mão e o antebraço da mulher estavam horrivelmente mutilados, formando uma garra ameaçadora semelhante às representações que Ashia vira dos alagai.

Sikvah continuava a chorar. Shanvah rodeava-a com os braços, também com os olhos cheios de lágrimas.

És um exemplo para todas as outras raparigas da tribo, dissera-lhe certa

vez o seu pai. *E, por isso, serei mais duro contigo do que com qualquer outra para que nunca envergonhes a nossa família.*

E, assim, Ashia aprendeu a esconder o medo e a conter as lágrimas. Sentia tanto medo como as suas primas, mas era mais velha e olhavam sempre para o seu exemplo. Manteve a cabeça orgulhosamente erguida enquanto eram levadas até uma porta pequena. Enkido encostou-se à parede ao lado da porta enquanto Melan as conduzia para o interior de uma câmara espaçosa revestida com azulejos. Viam-se ganchos nas paredes suportando túnicas brancas e tiras longas de seda da mesma cor.

– Dispam-se – ordenou Melan quando a porta se fechou.

As primas abriram a boca de espanto e hesitaram, mas Ashia sabia que seria tolo e inútil discutir com uma Noiva de Everam. Mantendo a dignidade intacta, retirou o toucado e despiu a túnica de seda negra. Por baixo, uma tira larga de seda à volta do peito, espalmava os primeiros indícios de forma feminina. O seu bido era também de seda negra da melhor qualidade, entrelaçado de forma solta e simples para ser prático e confortável.

– Tudo – disse Melan. Olhou Shanvah e Sikvah, que continuavam a hesitar. A sua voz tornou-se um grito. – Depressa!

No momento seguinte, as três raparigas estavam nuas e foram levadas pelo extremo oposto da câmara até aos banhos, uma grande caverna natural iluminada por luz de guardas na pedra muito acima. O piso era de placas de mármore, coberto com água. Fontes intrincadas mantinham a água em movimento e vapor denso enchia o ar. Os banhos de Kajivah empalideciam por comparação.

Havia dúzias de raparigas na água. Algumas eram crianças, outras eram quase mulheres. Lavavam-se no tanque de pedra ou sentavam-se sobre os degraus gastos, rapando pelos e aparando unhas. Em uníssono, ergueram os olhares para as recém-chegadas.

Ashia e as outras estavam habituadas a banhar-se com outras raparigas, mas aqueles banhos e os da ala feminina do palácio do seu pai eram separados por uma diferença assustadora. Ali, todas as raparigas tinham a cabeça rapada.

Ashia ergueu a mão, tocando o cabelo abundante e brilhante que deixara crescer durante a vida inteira para agradar a um futuro marido.

Melan percebeu o olhar.

– Aproveita, rapariga. Será a última vez que o tocarás durante algum tempo.

As suas primas gemeram de espanto e Shanvah cobriu o cabelo com as

mãos num gesto protetor.

Ashia forçou-se a ultrapassar o choque, deixando cair as mãos junto ao corpo e enchendo os pulmões de ar para se acalmar.

– É só cabelo. Voltará a crescer. – Pelo canto do olho, viu que as primas também se acalmavam.

– Amanvah! – chamou Melan, fazendo avançar uma rapariga da idade de Sikvah. Era demasiado jovem para ter as curvas de uma mulher, mas os seus olhos e a face faziam lembrar a Damajah.

Ashia sentiu-se aliviada. A sagrada Amanvah era sua prima, primeira filha do Libertador e de Damajah. Outrora, tinham sido tão próximas como Asome e Asukaji.

– Prima! – exclamou Ashia, saudando-a efusivamente e estendendo-lhe os braços. Tinham passado anos desde a última vez que brincara com Amanvah, mas não importava. Partilhavam o mesmo sangue e ajudaria as suas parentes naquele sítio desconhecido.

Amanvah ignorou-a, recusando-se a olhar Ashia. Era vários anos mais jovem e vários centímetros mais baixa que Ashia, mas o seu porte deixava claro que passara a considerar as primas suas inferiores. Moveu-se com graciosidade fluida, contornando as raparigas para se colocar diante de Melan, enfrentando os olhos da nie’Damaji’ting com ousadia invulgar numa Prometida.

– Vieram estudar a dança das almofadas? – perguntou com um sorriso cruel. Era comum que jovens oriundas sobretudo de famílias pobres viessem para o palácio receber lições de dança das almofadas antes de serem vendidas ao grande harém. Algumas voltavam para os seus pais como noivas capazes de render um dote milionário.

Melan acenou afirmativamente.

– Uma hora por dia. E uma hora de canto e outra de escrita. A quarta hora para banhos.

– E as outras vinte? – perguntou Amanvah. – Não irão certamente para a Câmara das Sombras. – Ashia sentiu a pele arrepiar-se ao ouvir aquele nome e esforçou-se para não tremer apesar do ar quente em redor.

Mas Melan abanou a cabeça.

– As outras vinte horas serão passadas a estudar sharusahk. Pertencerão a Enkido.

Ouviram-se exclamações de espanto vindas das outras raparigas e até Amanvah perdeu a expressão arrogante que antes ostentava.

Ashia suprimiu um rosnado. O sangue do Libertador corria-lhe nas veias. Enkido era um meio homem. Podia ser obrigada a obedecer-lhe, mas seria

consumida por Nie antes de aceitar pertencer-lhe.

– Rapa-as e ensina-lhes o entrelaçar do bido – disse Melan.

Amanvah curvou a cabeça.

– Sim, Nie’Damaji’ting.

– Obrigada, prim... – começou Ashia, mas, assim que Melan partiu, Amanvah voltou-lhe as costas. Estalou os dedos, apontando três das raparigas mais velhas, que se aproximaram imediatamente de Ashia e das outras levando-as para a água.

Amanvah voltou a juntar-se às outras raparigas, retomando uma conversa descontraída e ignorando por completo Ashia, Shanvah e Sikvah enquanto as nie’dama’ting cortavam o seu belo cabelo, rapando-lhes a cabeça. Ashia olhou em frente, forçando-se a não sentir desgosto enquanto as madeixas pesadas iam caindo.

A nie’dama’ting que se ocupava dela aproximou-se com uma barra de sabão e uma navalha. Ashia estacou enquanto a rapariga lhe ensaboava a cabeça, manobrando a lâmina com gestos hábeis.

Amanvah voltou depois de terminarem. Manteve o olhar sobre as suas cabeças, não olhando diretamente para nenhuma delas.

– Sequem-se. – Apontou uma pilha de toalhas brancas imaculadas impecavelmente dobradas. – Depois sigam-me.

Voltou a virar as costas enquanto Ashia e as outras se secavam e seguiam a sua prima altiva de volta ao vestiário. Seguiram-nas as mesmas três raparigas que lhes tinham rapado o cabelo.

Amanvah passou pelos muitos rolos de seda branca de bido, aproximando-se de uma caixa lacada no extremo oposto.

– Não são dama’ting. – Atirou a cada uma delas um rolo de seda preta tirado da caixa. – São indignas de envergar o branco.

– Indignas – repetiram as raparigas mais velhas que as seguiam. Ashia engoliu em seco ao ouvir aquilo. Prometidas ou não, tinham o sangue do Libertador. Não eram meras dal’ting.

Enkido esperava-as quando saíram dos banhos, segurando lenços finos e túnicas de seda negra para cobrirem os bidos. Shanvah e Sikvah tinham parado de chorar, mas continuavam agarradas uma à outra, mantendo os olhos no chão.

Ashia ergueu corajosamente o olhar para a face do eunuco. Tinha o sangue do Libertador. O seu pai cortaria mais do que a verga do homem se ousasse tocar-lhe. Não teria medo.

Não teria.

O eunuco não lhe prestou atenção, olhando Sikvah, que tremia como uma lebre diante de um lobo. Moveu uma mão num gesto brusco e de desprezo. Sikvah olhou-o fixamente, sem compreender, recomeçando a chorar.

Enkido ergueu prontamente um dedo diante da face de Sikvah, surpreendendo a rapariga e fazendo-a endireitar as costas. Entortou os olhos arregalados de medo, fixando-os no dedo.

Enkido repetiu o gesto de desprezo. Como se fosse o seu dedo erguido o único elemento que a mantivera direita, Sikvah voltou a curvar-se, chorando mais intensamente. Shanvah descontrolou-se também com aquilo, abraçando-se uma à outra enquanto tremiam.

– Não percebe o que queres! – gritou Ashia. Não a olhou e não conseguia perceber se o eunuco seria também surdo além de mudo.

Em vez disso, moveu rapidamente uma mão, esbofeteando Sikvah com tanta força que a sua cabeça bateu na de Shanvah e foram as duas empurradas contra a parede.

Ashia moveu-se sem ter tempo de perceber o que fazia, posicionando-se entre o eunuco e as outras raparigas.

– Como te atreves?! – gritou. – Somos princesas Kaji. Temos o sangue do Libertador nas veias. Não somos camelos num bazar! O Shar’Dama Ka far-te-á perder essa mão.

Enkido olhou-a por um momento. A seguir, a sua mão pareceu vibrar e Ashia foi lançada para trás com um formigueiro estranho no maxilar. O seu embate contra a parede rochosa foi mais ouvido que sentido. O som ecoou dentro da sua cabeça enquanto embatia no chão. Percebeu que a dor não tardaria.

Mas Shanvah e Sikvah precisavam dela. Colocou as mãos no chão, tentando levantar-se. Era a mais velha. Era seu dever...

A sua visão turvou-se e tudo ficou negro.

Enkido, Shanvah e Sikvah estavam nas mesmas posições quando acordou. Parecia-lhe ter passado apenas um instante, mas o sangue seco que lhe colava a pele da face ao piso de mármore contrariava essa possibilidade. As raparigas tinham parado de chorar, mantendo-se imóveis e com as costas direitas. Fixavam nela um olhar aterrorizado.

Ashia conseguiu ajoelhar-se e erguer-se com movimentos trémulos. A sua face palpitava com mais dor do que alguma vez sentira. Em vez de se sentir assustada, a sensação deixou-a furiosa. Podia golpeá-las, mas o meio homem não se atreveria a matar. Tentava apenas assustá-las.

Firmou os pés, atrevendo-se mais uma vez a olhar Enkido. Não seria

intimidada com tanta facilidade.

Mas o eunuco nem sequer a olhou, limitando-se a afastar o olhar, começando a percorrer o corredor e ordenando-lhes que o seguissem com um aceno.

As raparigas obedeceram sem dizer nada.

Enkido erguia-se diante das três raparigas assustadas numa grande câmara circular iluminada apenas por luz ténue de guardas. Como o resto do palácio subterrâneo, o piso e as paredes eram de pedra com guardas talhadas, polidas por incontáveis gerações. As guardas no chão formavam círculos concêntricos, fazendo lembrar um alvo.

Não havia nada no interior além das inúmeras armas dispostas nas paredes. Lanças e escudos, arcos e flechas, laços para capturar alagai e facas curtas de combate, lâminas de arremesso e bastões, manguais e outras armas cujo nome Ashia nem sequer conhecia.

Tinham sido forçadas a despir novamente as túnicas, pendurando-as em ganchos junto à porta, cobrindo-se apenas com os bidos entrelaçados.

Também Enkido vestia apenas o seu bido. Pouco mais era que uma tira de seda, já que não tinha órgãos para cobrir. O seu corpo musculado fora completamente rapado e cobria-se com centenas de linhas e pontos tatuados. Formavam um padrão caótico, mas Ashia sentia que haveria ali um significado além da sua compreensão imediata.

As linhas e pontos continham um enigma. O Enigma de Enkido. Ashia sempre fora boa com enigmas. As raparigas aprendiam-nos em tenra idade para poderem entreter os maridos.

O Sharum mudo colocou-se numa postura de Sharusahk. As raparigas olharam-no em silêncio por um momento, mas, quando o seu olhar se tornou mais intenso, Ashia depreendeu que pretenderia que o imitassem. O Sharusahk era interdito às dal’ting, mas Ashia e as suas primas tinham aprendido também dança além dos enigmas. Não era muito diferente.

– Imitem-no – disse às outras.

Shanvah e Sikvah obedeceram e Enkido contornou-as, inspecionando. Segurou com força o pulso de Ashia, endireitando-lhe o braço enquanto lhe afastava mais as pernas com um pontapé. Ainda sentia os seus dedos muito depois de a ter soltado, voltando-se para Shanvah.

Shanvah gritou e deu um salto ao sentir uma palmada ruidosa na coxa e Enkido repetiu a postura. Não sendo tola, Shanvah soube que devia voltar a imitá-lo imediatamente. Conseguiu aproximar-se mais desta vez, mas

Enkido varreu-lhe as pernas, fazendo-a cair ao chão. Sikvah deu um salto para trás ao ver aquilo e até Ashia afrouxou os gestos, virando-se para ela.

Enkido apontou-a e esse gesto simples quase fazia o seu coração parar. Ashia retomou a postura enquanto Sikvah continuava a recuar. Acabou por se encostar à parede e esforçou-se para conseguir atravessá-la como se fosse um espírito.

Mais uma vez, Enkido assumiu a postura e Shanvah levantou-se imediatamente e imitou-o. Os seus pés foram corretamente posicionados desta vez, mas não tinha as costas direitas. Enkido segurou-lhe a seda do bido pelas tiras que se entrelaçavam sobre a cabeça rapada e se uniam à seda que lhe cobria as partes. Puxou com força, pressionando um polegar contra a coluna de Shanvah. Gritou de dor, mas não conseguiu resistir enquanto lhe endireitava as costas.

Enkido soltou-a e virou-se para Sikvah. A rapariga estava encostada à parede, aterrorizada e cobrindo o nariz e a boca com as mãos enquanto os seus olhos arregalados lacrimejavam. O eunuco repetiu a postura com um gesto fluido.

– Imita-o, imbecil! – gritou Ashia, vendo que a rapariga não reagia. Mas Sikvah limitou-se a abanar a cabeça, choramingando enquanto tentava espalmar-se contra a parede sólida.

Enkido moveu-se com rapidez que Ashia teria julgado ser impossível. Sikvah tentou fugir ao eunuco, mas alcançou-a num instante, puxando-lhe o braço para transformar o impulso da sua tentativa de fuga numa projeção. A rapariga gritou quando embateu contra o chão no centro da câmara.

Enkido aproximou-se dela num piscar de olhos, pontapeando-a no estômago. Sikvah foi erguida no ar e bateu violentamente com as costas no chão. Havia sangue na sua face e gemia, mantendo os membros tão frouxos como folhas de palmeira.

– Levanta-te, pelo amor de Everam! – gritou Ashia, mas Sikvah não obedeceu. Talvez não conseguisse. Enkido pontapeou-a uma e outra vez. Gemeu, mas, pela reação do eunuco, era como se chorasse diante de uma estátua de pedra. Talvez fosse realmente surdo.

Parecia não querer provocar danos permanentes, mas não demonstrava qualquer indício de misericórdia ou de vontade de terminar o ataque se não se levantasse e assumisse a postura indicada. Fazia uma pausa após cada golpe, dando-lhe uma hipótese para se levantar, mas Sikvah estava além de qualquer compreensão do que se passava, paralisada pelo medo.

Os golpes começaram a fundir-se. Escorria sangue pela boca e pelo nariz de Sikvah e surgiu-lhe um corte na têmpora. Um dos seus olhos começava

já a inchar.

Ashia começou a pensar que Enkido poderia matá-la. Olhou Shanvah, mas a outra rapariga estava paralisada, olhando o que se passava sem poder fazer nada.

O eunuco estava tão concentrado em Sikvah que não viu Ashia abandonar a postura, aproximando-se da parede em silêncio. A lei sagrada proibia que qualquer mulher tocasse uma lança e, por isso, escolheu um bastão curto e pesado com ponta reforçada com metal. Assentou-lhe bem na mão. Serviria.

Os anos de dança foram notórios na sua aproximação rápida e silenciosa de Enkido pelas costas. Quando estava suficientemente próxima, não hesitou, movendo o bastão com força suficiente para lhe rachar o crânio.

Enkido parecia não ter percebido que se movia, mas, no último momento, virou-se, cravando-lhe o dedo mínimo no pulso. Ashia mal sentiu o toque ligeiro, mas o golpe falhou por muito a cabeça de Enkido. Os olhos calmos do eunuco fixaram-se nos seus e Ashia percebeu que estava preparado, tentando perceber se defenderia a sua prima.

Sikvah continuou no chão, esquecida e transformada num aglomerado de nódoas negras ensanguentadas.

Tê-la-ia matado, pensou Ashia. *Só para me testar*. Arreganhou os dentes, levando o braço atrás e voltando a tentar atingi-lo na cabeça de outro ângulo.

Mas o ataque era fingido, girando antes que Enkido conseguisse reagir e avançando para lhe fraturar a rótula.

O eunuco mudo voltou a não ser surpreendido, defletindo o golpe com um movimento mínimo. Uma e outra vez, Ashia tentou atingi-lo com o bastão, mas Enkido bloqueou todos os seus ataques sem esforço. Sentiu um medo crescente do que poderia fazer quando decidisse que a lição chegara ao fim, contra-atacando.

A curiosidade foi satisfeita no momento seguinte, quando Enkido lhe prendeu o pulso com o polegar e o indicador da mão esquerda, torcendo. Foi um movimento delicado, mas o braço de Ashia ficou imobilizado como se estivesse preso em pedra. A outra mão de Enkido rodeou-lhe o braço, pressionando a articulação do ombro com um dedo rígido.

Imediatamente, o braço de Ashia ficou dormente e deixou-o cair a seu lado enquanto Enkido o soltava. Que teria feito? Não se sentiu a largar o bastão, mas ouviu-o cair. Olhou para baixo, forçando os dedos a fletir e forçando o braço a erguer-se, mas foi em vão. Amaldiçoou o membro pela sua traição.

Enkido avançou para ela e, por instinto, ergueu o outro braço para se proteger. Cravou-lhe um dedo e também esse braço caiu. Tentou recuar, mas o eunuco voltou a atacar. Com uma palmada ligeira, as suas pernas deixaram de conseguir suportar-lhe o peso. Caiu ao chão, com a cabeça embatendo contra a pedra como o badalo embatendo num sino.

Com esforço, conseguiu virar-se até ficar deitada de costas, vendo tudo às voltas enquanto Enkido se aproximava. Susteve a respiração, decidida a não chorar quando o golpe final a atingisse.

Mas Enkido agachou-se a seu lado, tomando-lhe a face nas mãos com a delicadeza de um gesto maternal.

Os seus dedos encontraram-lhe as têmporas e pressionaram com força. A dor foi superior a qualquer coisa que Ashia pudesse ter imaginado, mas mordeu o lábio até sentir sangue, recusando-se a dar-lhe a satisfação de a ver gritar.

Os dedos pressionaram com mais força ainda e a visão de Ashia começou a turvar-se. No momento seguinte, deixou de ver por completo. Durante alguns momentos, viu manchas de cor dançando e, a seguir, também isso desapareceu, deixando-a na escuridão.

Enkido soltou-a e ergueu-se, aproximando-se das suas primas.

Não percebeu durante quanto tempo ali ficou sem se mover, ouvindo os seus gritos. Mas os guinchos e o choro cessaram e Ashia pensou se teria perdido os sentidos ou se teriam sido elas. Forçou a audição, ouvindo suspiros baixos e ruídos vagos.

Um brilho dourado inundou-lhe os olhos, erguendo-se como uma tempestade de areia, e começou a perceber formas vagas. A cegueira provocada pelo eunuco parecia não ser permanente.

Experimentou fletir os dedos dormentes. O estremeção do braço de pouco serviu, mas era preferível à morte aparente do membro momentos antes.

Conseguia ver a silhueta vaga do eunuco levando uma das suas primas nos braços. Outra estava tombada por perto. Percebeu que era Shanvah quando a sua visão começou a recuperar a nitidez. O eunuco regressou e levou-a também a ela. Ashia ficou sozinha no centro da câmara, estremecendo e tentando recuperar o controlo dos membros que iam despertando aos poucos. Cada movimento era dilacerante, tal como a sua sensação de impotência, contra a qual estava disposta a lutar até à morte.

O eunuco voltou para junto dela. Viu-o como uma grande mancha escura contra a luz dourada. Sentiu-o pousando a mão aberta sobre o seu peito nu e susteve a respiração.

Enkido pressionou com força, comprimindo os pulmões para a forçar a expelir o ar. Quando Ashia tentou inspirar novamente, percebeu que não conseguia. Manteve-a assim durante muito tempo. Debateu-se, tentando forçar os membros a obedecer-lhe para o golpear.

A mão manteve-se onde estava e, por fim, Ashia deixou de ter forças para se controlar ou para se debater. A visão que regressava aos poucos começou a escurecer novamente.

Volto a dormir, pensou, quase com alívio.

Mas o eunuco afrouxou ligeiramente a pressão. Ashia tentou encher os pulmões e sentiu dificuldades. Ainda não conseguia expandir completamente os pulmões. Mas conseguia inspirar um pouco e fê-lo. O ar era mais doce do que qualquer fôlego em toda a sua vida, mas não foi suficiente e repetiu-o. E voltou a fazê-lo mais uma vez.

Conseguiu fixar um ritmo regular de inspirações curtas e a visão começou a regressar enquanto os membros despertavam. Mas não se debateu, concentrando-se unicamente nas inspirações frágeis e plenas de vida.

No momento seguinte, Enkido voltou a afrouxar o toque. Pôde encher os pulmões até metade e aceitou avidamente a dádiva, voltando a encontrar um ritmo regular para compensar a capacidade pulmonar em falta.

Enkido ergueu a mão, pousando-a delicadamente sobre um seio. Ashia encheu os pulmões por completo e percebeu que era uma dádiva que lhe concedia. Nenhum prazer em toda a sua vida poderia comparar-se à perfeição daquela inspiração.

Voltou a pressionar. Ashia não resistiu, deixando que forçasse o ar a sair-lhe dos pulmões. Ergueu a mão pouco depois e Ashia voltou a respirar. Durante vários minutos, deixou-o guiar-lhe as inspirações. Depois de se esforçar tanto para respirar, aquilo era o alívio completo. Deixava que fosse Enkido a respirar por ela.

Acreditou poder adormecer com aquela sensação apaziguadora. Mas o eunuco retirou a mão e começou a massajar-lhe as têmporas, ocupando-se dos mesmos pontos em que provocara enorme agonia.

A visão de Ashia regressou mais rapidamente e a mancha que antes via condensou-se no corpo musculado do eunuco. Nunca antes vira um homem despido e sabia que devia baixar o olhar, mas as tatuagens no seu corpo voltaram a exigir a sua atenção. O Enigma de Enkido.

Os dedos hábeis do eunuco moveram-se das têmporas para o braço ainda dormente. Sentiu um puxão, mas não conseguia sentir o seu toque na pele. No momento seguinte, uma pontada dolorosa fê-la estremecer. Moveu a

cabeça, vendo que Enkido massajava uma pequena nódoa negra no seu ombro. Era um círculo quase perfeito de pele arroxeada onde o dedo pressionara.

A dor dissipou-se rapidamente, dissolvendo-se num formigueiro delicado enquanto voltava a conseguir mover o braço.

O eunuco virou-se um pouco e Ashia conseguiu ver no ombro do eunuco uma tatuagem quase idêntica à sua nódoa negra.

Havia outras semelhantes nas têmporas, nos pontos onde lhe pressionara a cabeça. Moveu os olhos sobre o seu corpo, seguindo as linhas que uniam os pontos. Havia muitos pontos de convergência, alguns grandes e outros pequenos. Enkido tocou a seguir uma nódoa negra ao fundo das suas costas. Torceu-se para ver melhor a sua réplica tatuada nas costas musculadas.

Soube antes mesmo que o eunuco se ocupasse das suas pernas que não tardariam a voltar à vida com formigueiro semelhante.

Ensina, percebeu. *As linhas no seu corpo são o texto sagrado*.

Ergueu o olhar para Enkido e a sua expressão enquanto lhe massajava os ferimentos parecia quase bondosa. Estendeu a mão, tocando receosamente o ponto de convergência nas costas do eunuco.

– Compreendo. E explicá-lo-ei às outras... mestre.

Enkido curvou-se para ela. Por um momento, achou que imaginava. Mas não. Manteve a posição durante demasiado tempo.

Fazia-lhe uma vénia. Como um professor a um aluno. A seguir, tomou-a nos braços e levou-a tão delicadamente como levaria um bebé para o calor das suas primas adormecidas. Deitou-a aí e roçou levemente as pontas dos dedos pelas suas pálpebras, fechando-lhas.

Ashia não resistiu. Cobriu as primas com os braços num gesto protetor e adormeceu profundamente.

Acordaram sobressaltadas. Enkido podia ser mudo, mas conseguia produzir trovões do corno de carneiro polido que levava aos lábios. Era como se as paredes tremessem. As raparigas gritaram e cobriram os ouvidos, mas o ruído não cessou até se levantarem. Ashia não sabia que horas seriam, mas teriam dormido durante muito tempo. Sentia-se recomposta, mesmo continuando dorida.

O eunuco voltou a pendurar o corno na parede e passou uma toalha a cada uma, conduzindo-as em silêncio da câmara de treino aos banhos. Caminharam em fila, mas Ashia olhou as primas atrás de si. A expressão de Shanvah era imperscrutável e parecia distraída e Sikvah coxeava, enchendo

os pulmões com inspirações rápidas enquanto desciam por uma escadaria.

Como acontecera antes, Enkido esperou no exterior enquanto entravam no vestiário. Ouviam a água nas fontes ao mesmo tempo que desfaziam os bidos, mas esse era o único som. Os banhos estavam vazios.

Shanvah e Sikvah olharam nervosamente em redor. A grandiosidade da câmara fazia-as sentirem-se minúsculas. Ashia bateu com as mãos, atraindo a atenção das primas.

– A Nie'Damaji'ting Melan disse que passaríamos uma hora por dia nos banhos. Não a desperdicemos. – Entrou na água, conduzindo-as até à maior e mais central das fontes. Havia bancos de pedra lisa em que podiam deitar-se, submergindo-se por completo na água quente.

Sikvah gemeu enquanto se deitava.

– Pronto, irmã – disse Ashia, posicionando-se a seu lado para inspecionar a nódoa negra na sua coxa, massajando delicadamente como Enkido fizera. – A nódoa negra não é grande. Deixa que a água quente se sobreponha à dor e sarará depressa.

– Haverá outras – afirmou Shanvah com voz seca e sem vida. – Não parará. – Sikvah estremeceu, a sua pele arrepiando-se mesmo com o ar quente.

– Parará – disse Ashia. – Quando encontrarmos a solução para o enigma.

– Enigma? – perguntou Shanvah.

Ashia apontou a nódoa negra no ombro. Shanvah tinha uma idêntica, tal como Sikvah.

– Há uma marca como esta na pele do mestre. Pressionando este ponto, o braço fica morto por algum tempo.

Sikvah recomeçou a chorar.

– Mas que significa isso? – questionou Shanvah.

– Um mistério das dama'ting – respondeu Ashia. – Melan disse que aprenderíamos sharusahk. Tenho a certeza de que o Enigma de Enkido faz parte disso.

– Então porque nos atribuíram um professor que não consegue falar? – perguntou Sikvah. – Um professor que... que... – E recomeçou a soluçar.

Ashia apertou-lhe gentilmente a coxa para a tranquilizar.

– Não tenhas medo, prima. Talvez seja a única forma. Os nossos irmãos voltaram todos do sharaj com nódoas negras do sharusahk. Porque seríamos diferentes?

– Porque não somos rapazes! – gritou Shanvah.

Nesse momento, as portas abriram-se e as três raparigas estacaram. Entrou um grupo de Prometidas com Amanvah à frente.

– Talvez não – disse Ashia, captando novamente a atenção das outras raparigas. – Mas temos o sangue do Libertador e conseguiremos suportar tudo o que suportarão rapazes comuns.

– Essa fonte é nossa – disse Amanvah enquanto se aproximava com as outras. Apontou um pequeno fontanário no extremo oposto do tanque. – Os bidos negros lavam-se ali.

As outras nie'dama'ting riram-se ao ouvir aquilo, parecendo aves treinadas. Amanvah tinha apenas onze anos, mas havia raparigas vários anos mais velhas, algumas perto de receberem o véu branco, obedecendo-lhe, ansiosas por obter favores.

A perna de Sikvah ficou tensa e Ashia sentia que também Shanvah estava pronta a fugir como uma lebre assustada.

– Ignorem o alarido, primas – disse Ashia. – Mas venham. – Pegou no braço de cada uma, fazendo-as levantarem-se delicadamente enquanto fixava um olhar duro em Amanvah. – Uma fonte mais pequena e o riso de raparigas é um preço baixo pela nossa hora de paz.

– Não de raparigas – corrigiu Amanvah, segurando Ashia pelo braço. – De nie'dama'ting. Tuas superiores. É melhor que o aprendas.

– Porque fazes isto? – perguntou Ashia. – Somos primas. O nosso sangue é também o teu. O sangue do Libertador.

Amanvah puxou Ashia pelo ombro enquanto colocava uma perna atrás da sua. Ashia foi projetada contra as primas, caindo as três.

– Não és nada – disse Amanvah quando voltaram a erguer-se, cuspindo água. – O Libertador entendeu enviar-vos para aqui para que se vistam de preto. São filhas das suas irmãs dal'ting inúteis. Servirão para dar filhos aos lobos do Labirinto e nada mais. O teu sangue não é sagrado. E não és minha prima.

Ashia sentiu a sua calma dissipar-se. Era dois anos mais velha que Amanvah e era também maior e mais forte. Não aceitaria aquele tratamento de uma prima mais nova.

Bateu com a mão na água, fazendo Amanvah erguer uma mão para proteger a cara dos salpicos. Rápida como uma víbora, Ashia golpeou-a com dedos rígidos, tentando atingir o ponto no seu ombro onde Enkido tinha a tatuagem. O ponto onde ela e as suas primas tinham nódoas negras.

Amanvah reagiu com um grito agudo satisfatório enquanto caía de costas na água. As outras raparigas estacaram, não sabendo como reagir.

Amanvah arregalou os olhos enquanto olhava o braço dormente. A seguir, franziu a resta, esfregando o ombro atingido até a dormência terminar. Tentou fletir o braço e conseguiu fazê-lo de forma gradual.

– Então Enkido conseguiu ensinar-vos já algum sharusahk – disse Amanvah, erguendo-se e assumindo a mesma postura que Enkido demonstrara no dia anterior. Sorriu. – Vem. Mostra-me o que aprendeste.

Ashia sabia o que a esperava e preparou-se. *Se os Sharum conseguem suportar isto, eu também conseguirei.*

Aquele pensamento acalmou-a um pouco, mas não conseguiu protegê-la da dor enquanto Amanvah lhe aplicava a sova. Esquivava-se aos murros de Ashia como se nem precisasse de se mover e os golpes que desferia eram rápidos e precisos, contorcendo-se e atingindo os pontos mais dolorosos. Quando se cansou do jogo, fez Ashia cair com facilidade sobre o fundo do tanque, torcendo-lhe tanto o braço que Ashia receou que o partisse. Esforçou-se para manter a cabeça acima de água e sentiu vergonha ao perceber que, se a rapariga mais nova quisesse afogá-la, não poderia fazer nada para a impedir.

Mas Amanvah contentou-se com a dor provocada, puxando-lhe o braço enquanto Ashia gritava até ficar rouca.

Por fim, libertou-a e caiu sobre a água. Apontou a fonte pequena. Olhava as suas três primas.

– Para o vosso canil, cadelas nie’Sharum’ting.

O corno soou e Ashia levantou-se com a mente ainda parcialmente adormecida. Agachou-se numa postura defensiva, diminuindo tanto quanto possível o alvo enquanto procurava a ameaça.

Não houve qualquer ataque. Enkido recolocou tranquilamente o corno na parede enquanto as raparigas se posicionavam em sentido. Eram cinco. Micha e Jarvah, as suas primas, juntaram-se a elas pouco depois de a Damajah as ter dado a Enkido. As recém-chegadas eram mais novas, mas pareceram adaptar-se mais rapidamente ao mundo de Enkido, contribuindo também para isso o exemplo dado por Ashia.

Durante meses, a câmara de treino de Enkido foi o centro do seu mundo. Dormiram e comeram aí. As refeições e o descanso eram pagos com dor. As aulas terminavam sempre com uma das raparigas acariciando membros dormentes ou ferimentos piores. Por vezes, deixavam de conseguir sentir cheiros. Noutras ocasiões, ficavam surdas durante horas. Os efeitos nunca eram permanentes.

Se o seu esforço lhe agradasse, Enkido massajava-as e punha fim à dor, recuperando membros inertes e acelerando a recuperação.

Aprenderam depressa que o trabalho árduo lhe agradava. E também a

determinação inabalável e a disposição para continuar apesar da dor. Queixumes, súplicas e desobediência surtiam o efeito oposto.

Não lhes tinha sido permitido dormir a noite inteira desde a sua chegada. Dormiam vinte minutos de uma vez, três horas de outra. O eunuco acordava-as a horas inesperadas e esperava que executassem sharukin complexos ou mesmo que se enfrentassem mutuamente. Parecia não haver qualquer padrão. Por isso, aprenderam a dormir quando podiam. O estado de exaustão perpétua fez as primeiras semanas parecerem um sonho difuso.

As lições com as dama'ting sucediam-se como miragens no deserto. Obedeciam às Noivas de Everam sem questionar. Enkido sabia sempre quando tinham desagradado a uma das mulheres de branco e dizia-lhes sem palavras que os erros cometidos não deveriam ser repetidos.

Mataria por uma noite de sono, disseram os dedos de Shanvah.

A maior parte das lições das dama'ting pouco interessava às raparigas, mas o código secreto dos eunucos, uma mistura de gestos com as mãos e de linguagem corporal, era interiorizado por inteiro. Conversas complexas podiam ser mantidas tão facilmente como se usassem palavras.

Ocasionalmente, Enkido dava ordens ou transmitia ensinamentos usando o código, mas continuava a preferir ensinar silenciosamente, dando o exemplo, forçando-as a adivinhar sozinhas o que pretendia. Por vezes, passavam dias sem uma única palavra em código.

Mas, ainda que o código fosse pouco usado para comunicarem com o seu mestre, tornara-se a principal forma de comunicação entre as raparigas. Descobriram que Enkido não era surdo. Pelo contrário, qualquer sussurro mínimo podia provocar dor e humilhação que mantinham as raparigas silenciosas quando estava presente. Ashia tinha a certeza de que as teria surpreendido a comunicar através do código em mais do que uma ocasião, mas optara sempre por ignorar.

Eu também, replicaram os dedos de Ashia, chocada por perceber que estava a ser absolutamente sincera.

Não tenho forças para matar ninguém, disse Sikvah. *Sem sono, posso morrer*. Como era habitual, Micha e Jarvah não disseram nada, mas acompanharam atentamente a conversa.

Não morrerás, replicou Ashia. *Tal como o mestre me ensinou a sobreviver com inspirações superficiais, também nos ensina a sobreviver com pouco sono.*

Shanvah voltou-se para ela.

Como podes saber isso?, perguntaram os seus dedos.

Confiem nos mais velhos, priminhas, respondeu Ashia. E até Shanvah

descontraiu ao ouvir aquilo. Ashia não conseguia explicar, mas não duvidava das intenções do mestre. Infelizmente, a compreensão não lhe aumentava a resistência. Isso teria de ser conquistado.

Houve uma pausa inesperada quando Enkido fez o gesto que mais apreciavam, apontando as toalhas. Teriam dormido mais do que pensavam. As cinco raparigas aceleraram o passo enquanto recolhiam as toalhas e se alinhavam junto à porta. O eunuco dispensou-as com um aceno.

Vinte horas por dia com Enkido, como ordenara a Damajah. Mais três estudando com as dama'ting. E aquela hora abençoada pelo meio, quando se dirigiam para os banhos. Era o único local para onde Enkido não podia segui-las. Era a única hora em que podiam falar livremente ou fechar os olhos sem precisarem de autorização. Demonstrar subserviência para com as nie'dama'ting era um preço reduzido pela paz.

As Prometidas troçavam delas nos banhos, nos corredores, durante as lições, rindo-se das nie'Sharum'ting, como Amanvah lhes chamara. Os bidos negros separavam de forma inultrapassável Ashia e as suas primas das outras raparigas no palácio. Até as raparigas dal'ting enviadas para aprenderem a dança das almofadas pareciam ser-lhes superiores. Era-lhes permitido manterem o cabelo e não eram espancadas pelos seus erros.

Ashia e as primas mais novas aprenderam a manter o silêncio e a discrição, passando despercebidas sempre que possível e mostrando-se submissas em todas as outras ocasiões.

Como era habitual, foram as primeiras a chegar aos banhos. As nie'dama'ting só chegariam dali a um quarto de hora, mas Ashia levou-as diretamente para a fonte pequena no extremo do tanque, mesmo que a água não fosse aí tão quente, afastada como estava das guardas que a aqueciam. Lavaram o suor da pele e ajudaram-se mutuamente a massajar músculos doridos, a limar calos e a tratar bolhas. As lições de Enkido acerca de técnicas de massagem e processos de cura eram muito valiosas nos banhos.

Ouviram um grito quando as portas se abriram. As nie'dama'ting entraram em uníssono e era óbvio que havia um confronto no centro do grupo.

Ashia não era tola ao ponto de espreitar, mas manteve-se despreocupadamente sentada sobre a fonte, junto à abertura de onde saía a água, para conseguir ver melhor pelo canto do olho. Sem palavras, as suas primas fizeram o mesmo, fingindo pentear-se mutuamente enquanto observavam.

Não era a primeira vez que viam as Prometidas envolvidas numa rixa. Chamavam «irmã» umas às outras, mas havia pouco amor entre elas. Cada

uma lutava para influenciar as outras e conquistar a preferência de Amanvah. No exterior, recorriam à discussão e à lógica, mas, na privacidade dos banhos, onde as Noivas de Everam não podiam vê-las, podiam usar palavras cortantes ou até mesmo golpes de sharusahk.

A discussão era entre duas raparigas mais velhas, Jaia e Selthe. Pareciam prestes a chegar a vias de facto, mas ambas olharam primeiro para Amanvah, esperando o seu apoio.

Amanvah voltou-lhes as costas, permitindo que lutassem.

– Não vejo nada.

As outras Prometidas fizeram o mesmo, repetindo as palavras e voltando as costas até as raparigas mais velhas serem vistas apenas uma pela outra.

Quem vencerá?, perguntaram os dedos de Ashia.

Selthe, respondeu Sikvah sem hesitar. *Diz-se que não tardará a terminar os dados e a receber as vestes brancas.*

Perderá. Por muito, discordou Ashia.

Os seus movimentos são fortes, referiu Shanvah. Micha e Jarvah não comentaram, mas acompanharam a conversa.

Tem medo nos olhos, disse Ashia. Com efeito, Selthe deu um passo atrás enquanto Jaia avançava. No momento seguinte, a cabeça de Selthe era mantida debaixo de água. Jaia manteve-a ali até Selthe deixar de se debater e bater com a mão na superfície da água num gesto de submissão. Jaia empurrou-a e deu um passo atrás. Selthe ergueu-se com um salto, enchendo avidamente os pulmões.

E também tem pulmões fracos, acrescentou Ashia. *Mal passou um minuto debaixo de água.*

– Consigo ver que falam com os dedos, cadelas Sharum! – O grito de Amanvah fê-las erguer as cabeças. A rapariga aproximou-se com passos furiosos, seguida por várias Protegidas.

– Atrás de mim, primas – disse Ashia em voz baixa enquanto Amanvah se aproximava. – Baixem os olhos. A luta não é vossa. – As raparigas obedeceram enquanto Ashia erguia o olhar para a face de Amanvah. Fazendo-o pareceu duplicar a ira da rapariga mais nova enquanto esta parava, suficientemente próxima para lhe tocar.

A proximidade letal. Era o que chamavam os dedos de Enkido ao espaço que os separava.

– Não viste nada – disse Amanvah. – Di-lo, nie’Sharum’ting.

Ashia abanou a cabeça.

– A fonte maior não merece que lute por ela, prima, mas não poderás fazer nada para me obrigar a mentir ao meu mestre ou às dama’ting. Não

denunciarei o que vi por minha própria iniciativa, mas, se me perguntarem, responderei com a verdade.

As narinas de Amanvah inflaram.

– E qual é a verdade?

– Que a disciplina das nie’dama’ting deixa muito a desejar – respondeu Ashia. – Que se tratam por irmãs, mas não conhecem o significado da palavra, discutindo e lutando como khaffit. – Cuspiu sobre a água do tanque e as outras raparigas abriram a boca de espanto. – E que o vosso sharusahk é patético.

Os olhos de Amanvah fixaram-se no alvo imediatamente antes de golpear, mas foi mais do que suficiente para permitir a Ashia bloquear o golpe e prever os três seguintes. As Prometidas passavam duas horas por dia treinando sharusahk. Ashia e as suas primas faziam-no durante vinte horas. E a diferença dava resultados.

Ashia podia ter submergido Amanvah com a mesma facilidade com que Jaia submergira Selthe, mas quis que o confronto fosse demorado, tal como a sova aplicada por Amanvah durante o segundo dia que ali passaram.

Dois nós dos dedos na axila e Amanvah uivou de dor. Um golpe com a mão na garganta pôs fim ao som e os olhos de Amanvah arregalaram-se enquanto os seus pulmões se recusavam a obedecer-lhe. O peito da mão de Ashia na sua testa atordoou-a e fê-la cair de costas sobre a água.

Ashia podia ter prosseguido, mas não o fez. Amanvah ajoelhou-se, cuspindo água.

– Se te fores embora, não terei de dizer também às dama’ting que são estúpidas.

Era uma provocação, claro, forçando Amanvah a prolongar voluntariamente o espancamento para não parecer fraca diante das outras nie’dama’ting.

As outras raparigas sustiveram coletivamente a respiração enquanto Amanvah se levantava lentamente, com água escorrendo-lhe sobre a pele. Luzia nos seus olhos um brilho homicida que fazia Ashia perceber onde atacaria em seguida.

Os olhos dizem tudo, tinham dito os dedos de Enkido. Ashia ergueu-se tranquilamente, respirando com ritmo estável, mantendo a guarda baixa e convidando-a a atacar.

Amanvah foi mais cautelosa, protegendo-se enquanto usava simulações para camuflar os seus verdadeiros ataques.

Não lhe serviu de nada. Ashia conseguia perceber o que preparava antes que Amanvah iniciasse os seus movimentos, bloqueando uma série de

golpes sem retaliar, apenas para mostrar como era fácil.

Com água até às coxas, manteve os pés firmes, bloqueando e esquivando-se usando apenas o tronco. Amanvah precisava de usar também os pés, o que a tornava lenta. Não tardou a respirar com dificuldade.

Ashia abanou a cabeça.

– As Prometidas são fracas, prima. Esta lição era necessária há muito.

Amanvah fitou-a com ódio declarado. Envolvida pelo casulo macio da sua respiração, Ashia mantinha-se calma. Mesmo assim, sorriu, fazendo-o apenas para provocar mais ainda a sua prima. Sabia já o que Amanvah planeava, mesmo querendo acreditar que a rapariga não seria tola ao ponto de tentar realmente fazê-lo.

No seu desespero, Amanvah mordeu o isco, simulando uma série de golpes antes de tentar um pontapé.

Tinha já as pernas cansadas e, dentro de água, a lentidão do pontapé era patética. Amanvah contava com a surpresa, mas não seria suficiente. Ashia segurou-lhe o tornozelo, puxando a perna para cima.

– Alguém suficientemente estúpido para tentar um pontapé dentro de água não merece usar a perna. – Golpeou com força, cravando os dedos rígidos num ponto preciso na coxa de Amanvah. Esta gritou de dor e a perna perdeu as forças nas mãos da adversária.

Ashia girou enquanto Amanvah caía, imobilizando-a com facilidade debaixo de água.

Jaia tentou intervir, mas Shanvah moveu-se sem palavras, aplicando dois golpes rápidos que fizeram desabar as pernas da rapariga. Caiu à água, debatendo-se para manter a cabeça acima da superfície. Selthe poderia tê-la ajudado, mas ficou paralisada, tal como as outras nie’dama’ting. Sikvah, Micha e Jarvah colocaram-se ao lado de Shanvah, impedindo-as de alcançar as combatentes.

Amanvah começou por se debater, mas acabou por ficar quieta. Ashia esperou que batesse com a mão na água em submissão, mas não o fez. Sabia que era a filha do Libertador e nem mesmo Ashia se atreveria a matá-la com testemunhas.

Ashia ergueu-lhe a cabeça acima da água, permitindo que respirasse.

– Sharum com o sangue do Libertador. Di-lo.

A rapariga fitou-a, furiosa, cuspindo-lhe na cara.

Ashia não a deixou inspirar novamente, voltando a mergulhar-lhe a cabeça e torcendo-lhe dolorosamente o braço durante longos momentos.

– Sangue Sharum – disse Ashia, puxando-a para cima. – Irmãs de lança de Everam. Di-lo. – Amanvah abanou a cabeça selvaticamente enquanto se

debatia e Ashia voltou a submergir-lhe a cabeça.

Desta vez, esperou longos minutos, estudando o corpo de Amanvah com as mãos. Os músculos ficaram tensos mais uma vez antes de perder os sentidos. Quando o sentiu, puxou-a para o ar uma última vez e aproximou a cara.

– Não há magia de hora nos banhos, prima. Não há dama'ting ou Enkido. Só há sharusahk. Podemos repetir isto todos os dias, se desejares.

Amanvah olhou-a com raiva fria, mas havia também medo nos seus olhos. E resignação.

– Sharum com o sangue do Libertador. Irmãs de lança de Everam – disse. – Prima.

Ashia acenou com a cabeça.

– Não te custaria nada admiti-lo quando te procurei com a minha amizade. – Soltou-a e afastou-se, apontando. – Parece-me que, daqui em diante, serão as Prometidas a usar as fontes pequenas onde a água é menos quente. As irmãs de lança de Everam reclamam a maior.

Olhou as nie'dama'ting reunidas e agradou-lhe ver que todas procuravam escapar ao seu olhar.

– A não ser que alguma de vós queira desafiar-me.

Shanvah e as outras desfizeram a linha formada como se fosse uma manobra ensaiada, dando espaço a quem quisesse lançar um desafio, mas nenhuma das raparigas foi tola a esse ponto. Seguiram Ashia para a fonte maior, onde continuaram o seu banho como se não tivesse acontecido nada. As Prometidas ajudaram Amanvah e Jaia a sentarem-se, massajando-lhes os membros dormentes. Pareciam atordoadas enquanto olhavam Ashia e as outras, esquecendo o seu banho.

Foi incrível, disseram os dedos de Shanvah.

Não devias ter interferido, retorquiu Ashia. *Ordenei-te que mantivesses a distância*.

Shanvah pareceu magoada e as outras ficaram genuinamente surpreendidas.

Mas vencemos, gesticulou Micha.

Vencemos hoje, concordou Ashia. *Mas, amanhã, quando nos atacarem ao mesmo tempo, todas vocês precisarão de lutar.*

* * *

As nie'dama'ting atacaram realmente no dia seguinte. Entraram nos banhos em grande número, apressando-se a cercar a fonte grande onde Ashia e as suas irmãs de lança se banhavam. A sua superioridade numérica era de três

para uma.

Seis nie’dama’ting foram levadas em braços pelas suas irmãs nesse dia, com membros demasiado débeis para conseguirem suportar o seu peso. Outras coxearam ou partiram com nódoas negras. Algumas ficaram zonzas pela falta de ar e uma partiu sem ter recuperado a visão.

Esperaram vingança durante as lições, mas, se as dama’ting fizessem perguntas acerca do estado em que se encontravam, as nie’dama’ting diziam não ter visto nada.

Quando voltaram para Enkido, encontraram-no ajoelhado à cabeceira de uma pequena mesa com seis malgas fumegantes. As raparigas ajoelhavam-se sempre junto à parede enquanto comiam das suas malgas pequenas de cuscuz simples. Era a primeira peça de mobiliário que viam ali além do equipamento de treino.

Mais chocante ainda era o cheiro que vinha das malgas. Ashia espreitou e viu pedaços de carne escura sobre o cuscuz, brilhando com molho e enegrecida pelas especiarias. Sentiu água na boca e um aperto no estômago. Não provara comida assim durante meio ano.

Sentindo-se atordoadas, as raparigas seguiram os narizes até à mesa. Era como se flutuassem.

A cabeceira da mesa para o mestre, gesticulou Enkido. *O outro extremo para a Nie Ka*. – Indicou que Ashia deveria ajoelhar-se no extremo oposto. Indicou a Shanvah e Sikvah que se ajoelhassem de um lado, com Micha e Jarvah do outro.

Enkido moveu as mãos sobre as malgas fumegantes.

Carne esta noite. Para honrar o sangue Sharum.

Bateu com o punho na mesa, fazendo as malgas saltarem.

A mesa sempre para as irmãs de lança de Everam.

Desse dia em diante, comeram sempre juntos como uma verdadeira família.

Castigou os seus falhanços, sim, mas também as recompensou.

Nunca comeram carne que lhes soubesse melhor.

* * *

Os anos passaram. Aos dezasseis, foi ordenado a Ashia e às outras raparigas que voltassem a deixar crescer o cabelo. Ashia achava o cabelo pesado. Atrapalhava-a. Mantinha-o cuidadosamente preso.

Aos dezassete, o pai convocou-a. Era a primeira vez que saía do Palácio das Dama’ting em quatro anos e o mundo exterior parecia-lhe estranho. Os corredores do palácio do seu pai eram garridos e pareciam muito

iluminados, mas havia sítios onde alguém ágil e rápido poderia esconder-se. Conseguiria desaparecer num instante se desejasse. Tinha treinado para ser invisível.

Mas não. Estava ali para ser vista. Parecia-lhe um conceito estranho, recordado a custo de outra vida.

– Querida filha! – Imisandre ergueu-se e avançou para a abraçar quando entrou na sala do trono.

– É um prazer ver-te, honrada mãe. – Ashia beijou a mãe na face.

O seu irmão erguia-se à direita do trono, envergando as vestes brancas de um dama. Este acenou-lhe com a cabeça, mas não ousou falar-lhe antes do pai de ambos.

Ashan não se ergueu, olhando-a friamente e continuando a procurar alguma imperfeição que pudesse criticar. Mas, depois de Enkido, conseguia acolher sem esforço as expetativas do seu pai. Com as costas direitas e os olhos no chão, com cada fibra das suas vestes negras no sítio, aproximou-se em silêncio. A uma distância precisa do trono, parou e curvou-se, esperando.

– Filha – disse Ashan, por fim. – Pareces-me bem. O Palácio das Dama’ting agrada-te?

Ashia endireitou as costas, mas manteve os olhos nas sandálias do pai. Tinha dois guardas Sharum à porta, demasiado distantes para o auxiliarem a tempo. Um Vigia Krevakh escondia-se entre as colunas atrás do trono. Poderia não o ter visto quando era mais jovem, mas, naquele momento, era como se tivesse guizos pendurados. Era proteção miserável para o Damaji dos Kaji e para o seu herdeiro.

Claro que Ashan era também um mestre de sharusahk e conseguiria defender-se da maioria dos oponentes. Pensou como o seu pai e o seu irmão se sairiam se a enfrentassem em simultâneo.

– Obrigada, honrado pai – respondeu. – Aprendi muito no Palácio das Dama’ting. Foi sensata a tua decisão de me enviar e às minhas primas para lá.

Ashan acenou com a cabeça.

– Congratulo-me. Mas o teu tempo no Palácio das Dama’ting chegou ao fim. Tens dezassete anos e chegou o momento de casares.

Ashia sentia-se como se tivesse sido esmurrada no estômago, mas acolheu a sensação, voltando a curvar-se.

– O meu honrado pai escolheu finalmente um marido digno? – Via o sorriso na face do irmão e soube quem seria antes que o seu pai voltasse a falar.

– Foi acordado entre pais – afirmou Ashan. – Serás dispensada do Palácio das Dama'ting para casar com Asome, o filho do Libertador. Os teus aposentos no palácio estão como os deixaste. Dirige-te para aí com a tua mãe e comecem os preparativos.

– Por favor. – Tendo-a dispensado, Ashan olhava já Shevali, o seu conselheiro, quando Ashia falou.

– *Hmm?* – disse.

Ashia conseguia ver as nuvens de tempestade formando-se na testa franzida do pai. Se tentasse recusar o casamento...

Ajoelhou-se, pousando as mãos no chão, de cada lado da cabeça.

– Perdoa-me, honrado pai, por te incomodar. Esperava apenas ver as minhas primas uma última vez antes de acompanhar a minha honrada mãe no caminho que Everam me destinou.

A expressão do seu pai acalmou ao ouvir aquilo. Não conseguia aproximar-se mais de uma demonstração de afeto.

– Com certeza.

Conteve as lágrimas até alcançar a câmara de treino. As suas irmãs de lança treinavam sharukin, mas curvaram-se quando a viram. Não havia sinal de Enkido.

Nie Ka, regressaste, gesticulou Shanvah. *Está tudo bem?*

Ashia abanou a cabeça.

Já não sou Nie Ka, irmã. Esse título passa a pertencer-te, tal como te pertence a responsabilidade de cuidar das nossas irmãzinhas. Vou casar-me.

Parabéns, irmã, gesticulou Sikvah. *Quem é o noivo?*

Asome, gesticulou Ashia.

Uma honra, gesticulou Micha.

Que faremos sem ti?, perguntaram as mãos de Jarvah.

Poderão contar umas com as outras, gesticulou Ashia. *E com Enkido. Até voltarmos a reunir-nos.* Abraçou cada uma delas, continuando a recusar-se a chorar.

Nesse momento, a porta abriu-se e Enkido entrou. Com um gesto seu, as outras raparigas saíram.

Ashia olhou o seu mestre e então, pela primeira vez desde a sua chegada ao Palácio das Dama'ting, chorou.

Enkido abriu os braços e colocou-se entre eles. Viu-o retirar um frasco de lágrimas do interior das vestes. Abraçou-a, firme como pedra, acariciando o

cabelo com uma mão enquanto lhe recolhia as lágrimas com a outra.

– Lamento, mestre – sussurrou, após terminar. Era a primeira vez em anos que alguém falava na câmara. O som ecoou até aos seus ouvidos sensíveis e pareceu-lhe errado. Mas que importava naquele momento?

Até a palmeira chora quando a tempestade passa por ela, gesticulou Enkido, passando-lhe o frasco. *As lágrimas das irmãs de lança de Everam são mais preciosas pela raridade com que caem.*

Ashia estendeu as mãos, afastando o frasco.

– Então guarda-as sempre contigo. – Baixou a cabeça, incapaz de enfrentar o seu olhar. – Devia estar muito feliz. Que marido poderia uma mulher desejar que fosse melhor que o filho do Libertador? Pensei que esse destino me tivesse sido roubado quando me enviaram para junto de ti. Agora que o recuperei, não o desejo. Porque me enviaram para aqui se pretendiam que fosse entregue a um homem, mesmo assim? De que servirão os dotes que me ensinaste se não poderei usá-los? És tu o meu mestre e não desejo outro.

Enkido olhou-a com olhos tristes.

Tive muitas esposas antes de me entregar às dama'ting, disseram os seus dedos. *Muitos filhos. Muitas filhas. Mas nenhum deles me deixou tão orgulhoso como tu. A tua lealdade alegra-me o coração.*

Apertou-o com mais força.

– Asome poderá ser o meu marido, mas serás sempre tu o meu mestre.

O eunuco abanou a cabeça.

Não, filha. As ordens do Libertador não poderão ser contrariadas. Não te cabe ou a mim contrariar a sua bênção e não envergonharei o filho do Libertador por cobiçar algo que é seu por direito. Entregar-te-ás a Asome como mulher livre. Sem qualquer laço unindo-te a mim.

Ashia afastou-se, aproximando-se da porta. Enkido não a seguiu.

– Se já não és o meu mestre – disse –, não podes comandar as minhas emoções.

O casamento foi tudo aquilo com que sonhara enquanto rapariga, digno de um príncipe e uma princesa de Krasia. As suas irmãs de lança ergueram-se a seu lado enquanto esperava que o pai a acompanhasse até ao local onde Asome a esperava diante do Trono dos Crânios no Sharik Hora.

Enkido também estava presente, guardando a Damajah e observando a cerimónia, mesmo que nenhum dos convidados o soubesse. Ela e as suas irmãs sabiam identificar os sinais. Viam as ligeiras perturbações que deixara

para que percebessem a sua presença.

Os votos e a cerimónia foram um turbilhão indistinto. Tinham sido preparados dois tronos para os noivos no festim, mas Ashia sentou-se sozinha, esperando o marido enquanto este aceitava presentes e falava com os convidados, tendo Asukaji a seu lado.

Não se haviam poupado despesas, mas os bolos de mel ricos não tinham sabor na língua de Ashia. Ansiava pela segurança do subterrâneo, comendo cuscuz no extremo da mesa de Enkido.

Mas, por mais que o dia a tivesse deixado zonza, foi a noite de núpcias que selou o seu verdadeiro destino.

Esperou na câmara de almofadas pela chegada de Asome para a possuir como seu marido, mas as horas passaram-se em silêncio. Ashia olhou pela janela mais do que uma vez, sonhando com a fuga.

Por fim, ouviu ruído no corredor, mas não chegava até à porta.

Havia uma conduta de ventilação por cima da porta. Ashia subiu num ápice, com os seus dedos conseguindo fixar-se facilmente nas juntas minúsculas entre as pedras. Espreitou pela conduta, vendo a nuca de Asome e Asukaji diante dele. Pareciam discutir.

– Não consigo fazer isto – dizia Asome.

– Consegues e fá-lo-ás – afirmou Asukaji, tomando a face do marido nas suas mãos. – Ashia terá de te dar o filho que não posso dar-te. Melan lançou os dados. Se possuíres a minha irmã esta noite, estará feito. Uma única vez e a provação chegará ao fim.

A compreensão atingiu-a com a violência de uma bofetada na face.

Não era pecado o amor entre homens. Era bastante comum no sharaj. Os rapazes tornavam-se companheiros de almofadas até serem suficientemente maduros e experientes para a sua primeira esposa. Mas Everam exigia que as gerações se renovassem e só os push’ting mais teimosos escapavam a casar e partilhar as suas almofadas durante tempo suficiente para gerarem filhos. Everam sabia que Kajivah tinha dito aquilo mesmo a Asukaji em muitas ocasiões.

Mas nunca pensou que seria ela a noiva de um push’ting.

Entraram pouco depois. Ashia teve tempo mais que suficiente para se deitar novamente sobre as almofadas com a mente ocupada por pensamentos frenéticos. Asome e Asukaji eram amantes push’ting. Nunca significara mais para eles do que um ventre capaz de gerar a aberração que queriam trazer ao mundo.

Ignoraram-na. Asukaji despiu o seu marido e endureceu-o com a boca para poder completar o ato. Juntou-se a eles nas almofadas, aproximando-

os.

O seu toque arrepiou a pele de Ashia, mas serenou-se com inspirações superficiais e conseguiu resistir.

Apesar das palavras que lhe tinha enviado, havia ciúme nos olhos do seu irmão e a sua face ensombrava-se enquanto Asome gemia e contemplava a face de Everam, preenchendo-a com a sua semente. Depois, Asukaji afastou-os e os dois homens abraçaram-se, parecendo esquecer a sua presença.

Nesse momento, Ashia pensou em matá-los aos dois. Seria simples. Estavam tão embrenhados um no outro que duvidou que percebessem até ser demasiado tarde. Conseguiria até fazer com que parecesse um acidente, como se o ato tivesse sido demasiado para o coração do pobre Asome. O seu irmão, com o desgosto da morte do amante, teria preferido tirar a própria vida com uma faca para não viver sem ele.

Enkido ensinara-a a fazer tais coisas de forma tão meticulosa que nem o próprio Libertador saberia.

Fechou os olhos, vivendo por completo a fantasia, sem se atrever a mover para não a tornar realidade. Inspirou e conseguiu reencontrar o seu centro. Ergueu-se das almofadas, vestindo a túnica e saindo.

O seu marido e o seu irmão não repararam.

CINCO

KAJIVAH

333 DR Outono

Ashia ergueu o olhar, chocada, enquanto a luz de guardas inundava o quarto em que dormia. Quanto tempo passara desde a última vez que alguém conseguira surpreendê-la? Teria esquecido o que o seu mestre lhe ensinara?

Enkido ficaria envergonhado, tinha dito Micha. E era verdade. Como podia liderar as Sharum'ting quando nem sequer conseguia liderar-se a si própria.

Virou-se para a porta, esperando ver Kajivah, mas sentiu um aperto no estômago ao ver o seu marido. Talvez fosse inevera que Asome a encontrasse daquela forma, com olhos inchados e húmidos, um falhanço tão grande na maternidade como fora um falhanço na alagai'sharak. Dir-lhe-ia naquele momento, como lhe tinha dito tantas vezes antes, que deveria abdicar da lança. E talvez estivesse certo.

– Tikka teve uma das suas crises. – Asome retirou da manga um lenço branco imaculado, passando-lho para que secasse os olhos. – Mas acalmei-a com paciência. Everam saberá que uma montanha não teria paciência suficiente.

Ashia riu e assoou-se.

– O relato das tuas façanhas noturnas já chegou ao palácio, jiwah – continuou Asome.

Ashia fixou nele um olhar débil. Sabia. Que Everam o amaldiçoasse. Sabia já do seu descontrolo além do Labirinto. Despojá-la-ia da lança naquele momento, quando o Libertador não estava presente para o impedir?

Asome e o seu pai tinham discutido longa e intensamente acerca da sua participação na alagai'sharak. Com Ashan no Trono dos Crânios, não precisavam de mais nada. Nem a Damajah conseguiria impedi-los.

– Os homens foram tolos por abandonarem a sua unidade – prosseguiu Asome. – Foi apenas a misericórdia infinita de Everam a determinar a tua presença para os salvar deles próprios. Agiste bem, jiwah.

O alívio inundou-a, mesmo misturando-se com um remoinho agoniante de culpa. Seria menos tola por aquilo?

A origem do louvor era mais confusa ainda. Asome alguma vez a tinha elogiado? As palavras faltaram-lhe enquanto o olhava, esperando a reviravolta.

Asome atravessou o quarto até à sua cama de hortelão. Sentou-se, afundando-se no colchão de penas. Voltou a levantar-se imediatamente a seguir.

– Barba de Everam – disse. – Dormes realmente nisto?

Ashia percebeu que o seu marido nunca sequer vira os seus aposentos antes daquele momento. Abanou a cabeça.

– Receio que me engula. Durmo no chão.

Asome acenou afirmativamente.

– Os costumes dos hortelões ameaçam tornar-nos tão moles como eles.

– A alguns, talvez – disse Ashia. – Aos fracos de espírito. Cabe-nos a nós, que temos o sangue do Libertador, mostrar-lhes outro caminho.

Asome olhou-a longamente. A seguir, começou a andar para trás e para diante no quarto, com os braços atrás das costas e as mãos enfiadas nas mangas.

– Falhei como teu marido – afirmou. – Soube que nunca conseguiria ser um bom marido, mas não percebi o que isso te faria.

– O meu caminho foi traçado por Everam antes de me tomares como tua esposa – disse Ashia. – Sou o que a Damajah fez de mim, uma irmã de lança de Everam. Sabia isto e aconselhou que o casamento não se realizasse, mas os nossos pais não quiseram dar-lhe ouvidos.

Asome acenou novamente com a cabeça.

– Nem Asukaji, que aproveitou cada ocasião para forçar o casamento. Talvez seja inevera. A minha mãe disse-me na Lua Nova que um grande homem não teme que a sua esposa lhe roube a glória. Usa o seu apoio para subir ainda mais alto.

Aproximou-se dela, estendendo-lhe uma mão para a ajudar a erguer-se, ignorando o sangue negro viscoso que lhe manchava os dedos.

– Parece-me que não serei um grande homem, mas talvez não seja

demasiado tarde, com a tua ajuda.

Ashia semicerrou os olhos. Ignorou a mão, encolhendo as pernas e erguendo-se prontamente.

– Que dizes, marido? Perdoa-me por exigir palavras claras, mas tivemos muitos mal-entendidos. Que apoio esperas de mim?

Asome curvou-se. Não de forma tão longa e profunda que demonstrasse deferência, mas não deixava de ser um sinal de respeito que a surpreendia. O seu marido não se curvava perante ela desde o dia do seu casamento.

– Esta noite, não espero nada além da paz entre nós. E um desejo renovado de preservarmos o nosso casamento, como o Libertador ordenou. Amanhã... – Encolheu os ombros. – Veremos o que o amanhecer trará.

Ashia abanou a cabeça.

– Se pretendes «preservar o nosso casamento», esperando que me submeta novamente ao teu toque para te dar mais filhos...

Asome ergueu a mão.

– Tenho onze irmãos nie'dama e dúzias entre os nie'Sharum. Em breve, terei centenas de sobrinhos. A linhagem de Jardir, quase extinta uma geração atrás, recuperou o seu vigor. Cumpri o meu dever e produzi um herdeiro. Não preciso de mais filhos. Que filho seria melhor que o nosso Kaji? – Asome olhou para o chão. – Ambos sabemos que sou push'ting, Jiwah. Não anseio pelo toque de uma mulher. Essa noite foi... – Abanou a cabeça vigorosamente, como se quisesse afastar a recordação da mente. A seguir, olhou-a. – Mas orgulho-me de ti, minha Jiwah Ka. E continuo a conseguir amar-te à minha maneira, se o permitires.

Ashia olhou-o longamente, ponderando. Asome e o seu irmão tinham morrido no seu coração desde a noite de núpcias. Haveria retorno possível do caminho solitário?

– Porque te orgulhas de mim? – perguntou.

– *Hmm*? – disse Asome.

– Disseste que te orgulhavas de mim. – Ashia cruzou os braços. – Porquê? Há quinze dias, ergueste-te diante do Shar'Dama Ka e declaraste-te envergonhado, exigindo o divórcio.

Foi a vez de Asome a olhar enquanto filtrava os seus sentimentos e escolhia as palavras.

– E tu ergueste-te a meu lado, determinada e segura do teu lugar no plano de Everam. Invejo-te isso, prima. Chamam-me Herdeiro de Nada. Quando compreendi eu o meu lugar? – Indicou-a com a mão. – Mas tu. A primeira Sharum'ting, dando glória a Everam na alagai'sharak sagrada. – Hesitou e os seus olhos moveram-se para o chão. Suspirou e voltou a erguê-los,

enfrentando o seu olhar. – Foi um erro ter negado os teus desejos, jiwah. Fi-lo por ciúme e pequei contra Everam. Arrependi-me diante do Criador, mas o pecado foi cometido contra ti. Imploro que aceites as minhas desculpas.

Ashia sentiu-se atordoada. Um pedido de desculpas? De Asome, filho de Ahmann? Pensou se continuaria a dormir e se aquilo seria um sonho bizarro.

– Ciúme? – repetiu.

– Também eu anseio pelo direito de lutar na noite – disse Asome. – Uma honra que não me é negada pelo sexo, mas pela cor das minhas vestes. Senti... amargura por uma mulher ter um direito que me era negado.

– As tradições mudam todos os dias enquanto a Sharak Ka se aproxima – retorquiu Ashia. – A raiva motivou o Libertador a proibir que lutassem. Talvez, quando voltar...

– E se não voltar? – perguntou Asome. – O teu pai senta-se agora no trono, mas não tem coração de guerreiro. Nunca permitirá que os dama lutem.

– Disse-se o mesmo das minhas irmãs de lança – recordou Ashia. – Se é isso que desejas, deverias argumentar com a Damajah e não comigo.

Asome concordou com um aceno.

– Talvez. Mas não sei por onde começar. Sempre soube que Jayan não era digno de suceder ao meu pai, mas só percebi hoje que também eu desiludi os meus progenitores.

– A Damajah prometeu-te a sucessão ao Trono dos Crânios – disse Ashia. – É uma promessa de peso.

Asome acenou com a mão.

– Um gesto vazio. Ashan é jovem. A Sharak Ka começará e terminará antes que Everam o chame para o Paraíso, deixando-me como testemunha no alto de um minarete.

Ashia pousou-lhe uma mão no ombro. O toque deixou-o hirto, mas não se afastou da mão dela.

– A Damajah está sob mais pressão do que poderás compreender, marido. Procura-a. Mostrar-te-á o caminho para a honra.

Os braços de ambos entrelaçaram-se quando Asome ergueu também uma mão para o seu ombro. Também Ashia ficou hirta. Era um sinal de confiança entre quem estudara sharusahk, permitindo um ao outro uma oportunidade para atacar de um ponto vantajoso.

– Farei o que puder – disse Asome. – Mas a sua primeira ordem foi que fizesse as pazes contigo.

Ashia apertou-lhe o ombro.

– Não te parti o braço, marido. Nem tu partiste o meu. Será paz suficiente como ponto de partida.

Inevera repousava sobre o seu leito de almofadas ao lado do Trono dos Crânios, envergando as suas novas vestes. Continuavam a ser escandalosas pelos padrões krasianos. As cores garridas das sedas chocavam os olhos numa cultura em que todas as mulheres decentes deveriam vestir-se de negro, branco ou castanho.

Mas as sedas que vestia eram opacas. Os homens não voltariam a vislumbrar a carne que cobriam, sempre pronta para dar prazer ao Libertador. Manteve o cabelo descoberto, mas as madeixas estavam cuidadosamente entrelaçadas e decoradas com ouro e joias em vez de penderem livres, prontas para a carícia do Libertador.

Deixou o olhar mover-se pelas auras dos homens presentes. Todos eles, incluindo Ashan, a receavam. Viu-o mover-se sobre o trono, desconfortável.

Também isso era positivo.

– O Sharum Ka! – anunciou o guarda à porta enquanto Jayan entrava e passava pelos Damaji, subindo os degraus e erguendo-se diante de Asome sobre o quarto degrau.

Fora um acordo alcançado apenas após horas de negociação entre as duas fações. O quarto degrau era suficientemente elevado para poder aconselhar em voz baixa, mas suficientemente baixo para que os seus olhos ficassem abaixo dos de Ashan enquanto estivesse sentado. Os dados tinham previsto sangue nas ruas se algum deles se posicionasse mais acima ou mais abaixo.

A comitiva de Jayan permaneceu ao fundo dos degraus. Hasik, o cunhado eunuco de Ahmann caído em desgraça, ajoelhava-se atrás de Jayan como um cão de fila. Com ele, erguiam-se o kai’Sharum Jurim, que comandava as Lanças do Libertador durante a ausência de Shanjat, e os meios-irmãos de Jayan, os kai’Sharum Icha e Sharu, primogénitos da união de Ahmann com Thalaja e Everalia. Ambos tinham dezassete anos, tendo ascendido às vestes negras meros meses antes, mas comandando já grandes contingentes de Sharum.

– Sharum Ka. – Ashan saudou Jayan com um movimento respeitoso da cabeça. O Andrah nunca sentira apreço pelo primogénito de Inevera, mas não era tolo ao ponto de permitir que o abismo que os separava aumentasse. – Em que estado se encontram as defesas da Fortuna de Everam?

Jayan curvou-se, mas foi uma vénia superficial, não demonstrando

qualquer indício da obediência devida a um Andrah pelo seu Sharum Ka.

– Estão fortes... Andrah. – Inevera quase conseguia ouvir os dentes rangendo enquanto erguia o olhar para o tio. – Não se avista um único demónio a quilómetros do trono desde a Lua Nova. Os Sharum têm de se afastar muito para humedecerem as lanças. Construímos novas defesas e formámos novas forças de bombeiros nas aldeias chin dignas de salvar depois de os demónios incendiarem os campos, transformando outras em novos Labirintos para encurralar e caçar alagai na noite, reduzindo mais ainda o seu número depois da derrota na Lua Nova.

Derrota. Uma palavra escolhida por motivos políticos. Nem Jayan se deixava enganar. A única coisa que derrotara realmente os alagai na Lua Nova fora o sol. Regressariam, mais fortes que nunca.

Ashan acenou com a cabeça.

– Bom trabalho, Sharum Ka. O teu pai ficará orgulhoso quando regressar.

Jayan ignorou o elogio.

– Há outro assunto que devo expor à corte. – Inevera franziu a testa, mesmo que os dados já a tivessem alertado para aquilo.

Jayan bateu com as mãos e catorze rapazes musculados de bido negro entraram na sala do trono, pousando um joelho no chão e formando uma fila aprumada atrás dele. Todos traziam escudos às costas e lanças na mão. Inevera olhou-os, vendo as feições atraentes do marido em cada uma das faces de dezasseis anos. Um deles era o terceiro filho de ambos, Hoshkamin. Os restantes eram os segundos filhos de Everalia e Thalaja e os primogénitos de todas as Damaji’ting exceto Qeva.

– O Andrah reconhecerá sem dúvida os meus irmãos, filhos do Shar’Dama Ka – disse Jayan. – Os seus irmãos mais velhos – indicou Icha e Sharu – receberam as vestes negras aos dezassete anos, tal como eu próprio. Mas, ainda que sejam jovens, os meus irmãos têm o coração de Sharum do nosso pai. Quando souberam da sua ausência, todos eles exigiram o direito de se erguerem na noite. O seu treino tanto no sharaj como no Sharik Hora foi impecável e não vejo motivos para recusar. Eu próprio fui o seu ajin’pal, apadrinhando-os no Novo Labirinto. Cada um deles enviou pessoalmente mais de um demónio de volta para o abismo. Peço que sejam nomeados kai’Sharum, de acordo com a lei evejana.

Ashan olhou Inevera. Conceder as vestes negras a novos guerreiros exigia a aprovação das dama’ting, que lançavam os dados por cada um deles, e apenas Inevera e as suas Jiwah Sen podiam lançar os dados pelos filhos do Libertador.

Jayan revelava ser mais engenhoso do que Inevera esperara. Os dados tinham-lhe dito que havia sido ele a exigir que os rapazes lutassem, mas nenhum deles se mostrara contrariado. Depois de se vestirem de negro e de receberem os véus brancos, cada um dos filhos de Ahmann teria grande poder entre os guerreiros da sua tribo e todos seriam leais a Jayan. Promovê-los aumentaria grandemente o poder do seu filho num momento em que poderia voltar a tentar usurpar o trono.

Mas também não podia recusar com facilidade. O poder de Inevera sobre as suas irmãs-esposas era grande, mas seria pouco recomendável insultá-las a todas de uma só vez. Lançara os ossos por todos os rapazes, usando o sangue do seu nascimento, e, segundo a lei, depois de se erguerem na noite vencendo alagai, podiam reclamar os seus direitos de nascimento.

Acenou afirmativamente com a cabeça, mantendo uma expressão serena.

– Está feito – disse Ashan, aliviado. – Ergam-se, kai'Sharum. Everam contempla com orgulho os filhos do Libertador.

Os rapazes ergueram-se imediatamente, mas não houve qualquer manifestação de júbilo. Curvaram-se diante do trono com disciplina rígida. Jayan, no entanto, não conseguiu evitar um sorriso arrogante.

– Krasia vive momentos difíceis com a ausência do Libertador – disse Asome. – Talvez tenha chegado o momento de os seus filhos dama envergarem também as vestes brancas.

Foi como se um balde de urina de camelo tivesse sido lançado aos Damaji. Ficaram chocados por um momento, com a sua indignação acumulando e permitindo a Inevera saboreá-la. Aprovava a promoção dos filhos dama de Ahmann. Quanto mais depressa os rapazes recebessem as vestes brancas, mais depressa poderiam tomar o controlo das tribos, poupando-lhe discussões intermináveis com aqueles velhos.

– Ridículo! – exclamou Aleverak. – Nenhum rapaz com menos de quinze anos se vestiu de branco. – Se a sua derrota no dia anterior o tivesse humilhado, não deu disso qualquer sinal. Sarado pela magia de Belina, o Damaji parecia mais robusto do que em muitos anos. Mas, a sua dívida para com a esposa Majah de Ahmann não o impedia de se opor à promoção do filho desta. Aleverak perderia mais do que os outros se Maji se tornasse dama.

Um coro de concordância ergueu-se dos outros Damaji e Inevera inspirou fundo, mantendo o seu centro. Everam conceder-lhe-ia libertar-se daqueles homens vis, mais interessados em manter o seu poder do que em ajudar o seu povo.

– Muitas coisas acontecerão pela primeira vez antes que a Sharak Ka se

inicie – disse Asome. – Não deveremos negar líderes ao nosso povo quando os dama já não são suficientes para manter a paz em todas as aldeias chin.

Ashan ponderou, olhando em redor. Como Damaji, fora um líder forte dos Kaji, mas parecia mais diplomático como Andrah, ansioso por agradar a todos e assegurar a sua posição.

Mesmo assim, Ahmann ordenara-lhe que ocupasse o trono para manter os seus filhos vivos e não era necessária grande inteligência para perceber que isso seria mais fácil vestindo-os de branco.

– Aceita-os – sussurrou Inevera. As guardas levaram as palavras apenas até aos seus ouvidos.

– A idade é irrelevante – disse Ashan, por fim. – Há testes para quem aspira às vestes brancas e serão administrados. Caberá aos filhos do Libertador conseguir passá-los. Asome acompanhará pessoalmente os testes e informar-me-á.

Inevera conseguia ver o júbilo nas auras da Damaji'ting após ouvirem a decisão inesperada. Era o exato oposto das nuvens de desagrado que cercavam os Damaji. Ler auras era mais subtil até do que a leitura dos dados, mas, com cada dia que passava, tornava-se mais hábil.

O assunto seguinte dizia respeito às novas Sharum'ting. Desde que Ahmann as criara, para conceder direitos a uma mulher chin, houvera um movimento crescente de mulheres querendo matar alagai, adquirindo assim o direito masculino de possuir bens, de prestar testemunho e de ter a liberdade de recusar o toque de um homem. Chegavam mulheres diariamente ao Palácio das Dama'ting, muitas em segredo, implorando por treino. Inevera confiara-as a Ashia e não se arrependera da decisão.

As mulheres chin, não estando habituadas ao jugo da lei evejana, chegavam em grande número, frequentemente com o encorajamento dos seus maridos. As mulheres krasianas eram menos numerosas. Tinham sido esmagadas por três mil anos de subserviência e, mesmo que o movimento crescesse, continuava a ser enfraquecido pela oposição feroz e quase unânime dos homens de Krasia, de maridos, pais e irmãos. E até mesmo de filhos ainda vestidos de castanho. Muitas mulheres eram proibidas de sair de casa sem acompanhante, sendo brutalmente espancadas quando tentavam dirigir-se ao palácio.

As que recebiam túnicas negras não estavam seguras. Com a ajuda de armas guardadas, todas haviam matado alagai, mas as melhores entre elas tinham apenas semanas de treino e não podiam comparar-se a Sharum que tinham treinado a vida inteira. Em mais do que uma ocasião, as mulheres foram encontradas espancadas, violadas ou mortas.

Mas havia sempre sangue para os alagai hora e, quando Inevera descobriu os responsáveis, Ashia e as suas irmãs de lança visitaram-nos. O crime foi retribuído multiplicado por dez e os seus restos foram deixados onde outros poderiam vê-los e aprender a lição.

Como se tivesse sido convocada pelo seu pensamento, Ashia entrou na sala, acompanhando dois grupos de mulheres até ao trono. O grupo maior, composto por vinte mulheres treinadas no Palácio das Dama'ting, ajoelhou em fileiras aprumadas enquanto aguardavam uma decisão. Algumas vestiam o negro das dal'ting e outras envergavam as vestes mais variadas das chin.

Ashia olhou as mulheres com dureza, mas Inevera conseguia ver o orgulho na sua aura. O seu conhecimento crescente das linhas de poder e dos pontos de convergência tinham-lhe permitido conceber sharukin mais dependentes de impulsos e eficácia do que de força braçal. Chamava a esse estilo de luta «Golpe Preciso de Everam» e ensinou bem as mulheres.

O outro grupo era mais curioso. Sete dal'ting comuns ajoelhadas perto umas das outras, com medo e determinação na sua aura coletiva. Várias das mulheres tinham ligaduras ensanguentadas visíveis sob as vestes negras, marcas de ferimentos de alagai. Uma delas tinha um braço inteiro ligado e parte da face coberta por pano branco manchado de castanho. Saliva flamejante. Conseguia ver as queimaduras profundas na sua aura. Sem magia, nunca conseguiria recuperar por completo.

Outra mulher tinha olhos negros e o que parecia ser um nariz partido sob o véu. Inevera não precisava de mais nada para saber que os ferimentos não tinham sido provocados por um demónio.

– Filha – disse Ashan, saudando Ashia com um aceno de cabeça. A sua nova posição continuava a não lhe agradar, mas era suficientemente sensato para não contrariar publicamente a sua autoridade. – Que trouxeste perante o Trono dos Crânios?

– Candidatas à lança, honrado Andrah – disse Ashia. Apontou as mulheres que tinha treinado. – Todas estas mulheres foram treinadas no Palácio das Dama'ting e venceram demónios na alagai'sharak. Peço que sejam nomeadas Sharum'ting.

Ashan concordou com um aceno. Não lhe agradava presidir à entrega da lança a mulheres, mas vira Ahmann fazê-lo vezes suficientes para não resistir. Olhou a Damaji'ting Qeva.

– Os ossos foram lançados?

Qeva acenou afirmativamente.

– São dignas.

Ashan moveu a mão para as mulheres.

– Ergam-se, Sharum’ting.

As mulheres ergueram-se e curvaram-se profundamente antes que Ashia as dispensasse.

Ashan olhou o grupo de dal’ting receosas reunidas diante do trono.

– E as outras?

– Dal’ting sem treino de uma aldeia Khanjin – explicou Ashia. O Damaji Ichach ficou hirto. – A sua honra é infinita. Decidiram responder ao apelo do Libertador, saindo para a noite e matando um demónio. Pedem os direitos que o Libertador lhes prometeu.

– Esse é um lado da questão – disse Jayan.

Ashia acenou-lhe com a cabeça.

– O meu primo não concorda.

A aura de Ashan escureceu.

– Referir-te-ás ao Sharum Ka com o respeito que lhe é devido, filha. – A sua voz fora um trovão profundo, muito diferente da voz baixa que usara momentos antes. – Mesmo que sirvas a Damajah, Jayan não deixa de ser teu superior.

Ashan voltou-se para Jayan.

– Peço desculpa pela indelicadeza da minha filha, Sharum Ka. Asseguro-te que será disciplinada.

Jayan acenou com a cabeça, movendo uma mão.

– Não será necessário, tio. A minha prima pode ser uma guerreira, mas é uma mulher e não podemos esperar que controle as suas emoções.

– Assim é – concordou Ashan. – Que diz o Sharum Ka a este respeito?

– Estas mulheres são fora-da-lei – afirmou Jayan. – Os seus atos irrefletidos envergonharam as suas famílias, colocando em perigo as suas aldeias e provocando a morte de uma mulher inocente.

– São acusações sérias – considerou Ashan.

Jayan acenou com a cabeça.

– De forma planeada e deliberada, violaram o recolher obrigatório dos dama locais e desobedeceram às ordens dos seus maridos Sharum, saindo das suas casas durante a noite e passando além das guardas da aldeia. Atraíram um demónio da chama solitário para uma armadilha rudimentar e cercaram-no. Usando armas e escudos improvisados, mal pintados com guardas roubadas que copiaram do equipamento dos seus honrados maridos, atacaram. Sem o treino devido, uma mulher foi morta e várias das outras ficaram feridas. Os incêndios provocados pelo confronto ameaçaram reduzir a cinzas toda a aldeia.

– Isso não é...! – exclamou uma das mulheres, mas as outras seguraram-na, cobrindo-lhe a boca. As mulheres apenas podiam falar em presença do Andrah quando lhes fosse dirigida a palavra e a lei evejana determinava que não poderiam ser consideradas testemunhas válidas. Os seus maridos falariam por elas.

Jayan olhou a origem do alarido, mas não disse nada. Afinal, eram apenas mulheres.

Ashia curvou-se profundamente numa demonstração de deferência engenhosamente planeada para troçar sem ofender.

– As palavras do honrado Sharum Ka, primogénito do Libertador e meu primo, o prezado Jayan asu Ahmann am'Jardir am'Kaji, que a sua vida seja eterna, são verdadeiras, meu pai. Ainda que os pormenores tenham sido exagerados.

Jayan cruzou os braços com um sorriso arrogante começando a formar-se num canto da sua boca.

– São também irrelevantes – continuou Ashia.

– Hã? – disse Jayan.

– Também eu violei o recolher obrigatório e desobedeci ao meu marido para sair para a noite – disse Ashia. – Os recolheres são decretados para tornar ilegal que qualquer mulher saia para a noite. – Olhou o seu pai. – Discutiste este assunto com o Libertador no dia em que me nomeou Sharum e não conseguiste impedi-lo de o fazer. Não permitas que o mesmo argumento te impeça agora. As palavras do Shar'Dama Ka foram claras. Qualquer mulher que mate um demónio deverá tornar-se Sharum'ting.

Ashan franziu a testa, mas Jayan não terminara.

– Com efeito – disse. – Mas conto sete mulheres e apenas um demónio foi morto. Quem poderá saber qual delas desferiu o golpe letal? Ou se alguma delas o terá feito?

– Igualmente irrelevante – disse Ashia, merecendo um olhar irado de Jayan. – Todos os guerreiros partilham as presas, sobretudo quando se trata de nie'Sharum novatos. Pelo que dizes, não haverá nenhum guerreiro em Krasia que não reclame mais do que as presas que verdadeiramente matou. O próprio Libertador foi um entre mais de doze lanças na guarda avançada durante a sua primeira noite no Labirinto.

– O Libertador tinha doze anos nessa noite, minha filha – disse Ashan. – E foi enviado para o Sharik Hora durante mais cinco anos antes de receber as vestes negras.

Ashia encolheu os ombros.

– Mesmo assim, descontando as presas partilhadas, seria necessário

retirar as vestes negras a todos os guerreiros nomeados antes que o Libertador nos restituísse as guardas de combate e também a metade dos restantes. O propósito do apadrinhamento de sangue não será matar um demónio sem auxílio e sim testar a coragem de um guerreiro diante dos alagai. Estas mulheres fizeram-no. Na verdade, o seu teste foi mais válido por não terem treino ou equipamento adequado. Não é destes corações que precisamos com a Sharak Ka tão próxima?

– Talvez – concordou Ashan.

– Ou talvez não – intrometeu-se o Damaji Ichach. – Andrah, certamente não pretenderás elevar a posição destas mulheres. São Khanjin. Permite que seja eu a ocupar-me pessoalmente do assunto.

– Não me parece que tenha escolha, Damaji – disse Ashan. – Não pertenço a qualquer uma das tribos e terei de obedecer às ordens do Libertador.

– És o Andrah – bradou Aleverak. – Claro que tens escolha. A tua filha distorce as palavras do Libertador para te ludibriar, mas não diz a verdade por inteiro. O Libertador disse que «qualquer mulher que mate um alagai na alagai'sharak será Sharum'ting». Não me parece que isto caia nessa categoria. O apadrinhamento de sangue Sharum não é concedido sem a aprovação de um instrutor. A alagai'sharak é um ritual sagrado. Não podemos compará-la à incursão de imbecis pela noite, seguindo um capricho.

Os outros Damaji grunhiram a sua concordância e Inevera sentiu o maxilar ficar rígido. O coro de velhos voltava a citar as escrituras, narrando parábolas irrelevantes e fazendo advertências contra a excessiva generosidade na concessão da posição de Sharum. Acariciou a varinha de hora no seu cinto, imaginando por um momento como seria projetá-los a todos para o abismo.

– Algum homem testemunhou o sucedido? – perguntou Ashan quando o burburinho cessou. Ainda não questionara as mulheres e era provável que não o fizesse.

Jayan voltou a curvar-se.

– Andrah, os maridos destas mulheres esperam lá fora e pedem que os ouças antes de tomares uma decisão.

Ashan acedeu com um gesto e os homens entraram. Todos envergavam vestes negras, mas, pela aparência do seu equipamento, nenhum seria um grande guerreiro. As suas auras estavam tingidas pela raiva, pela vergonha e pelo espanto perante a grandeza do trono. Um dos homens estava particularmente alvoroçado, com a violência irradiando como um fedor.

O viúvo. Inevera moveu-se ligeiramente sobre o leito de almofadas. *Cuidado com aquele*, disseram os seus dedos.

Já o vi, Damajah. A mão de Ashia pendia a seu lado. A resposta foi um sussurro de dedos ágeis.

– Estas mulheres mataram a minha mulher, santo Andrah – afirmou o guerreiro desgostoso, apontando-as. – A minha Chabbavah não me teria desobedecido e agido de forma tão tola sem a sua influência nefasta. Exijo as suas vidas como reparação.

– Mente! – gritou outro dos homens. Apontou a sua mulher. Era a dal'ting que fora espancada. – A minha mulher fugiu para junto de mim depois da tragédia e deixou claro que Chabbavah foi uma das líderes e uma das que mais pressionou as restantes. Lamento a perda do meu irmão de lança, mas não tem direito de reclamar vingança pelo seu fracasso como marido.

O viúvo voltou-se e golpeou-o e, por um momento, os dois guerreiros enfrentaram-se. Ahmann não tolerara qualquer violência na sua corte, mas nenhum dos homens, nem mesmo Ashan, pareceu inclinado a separá-los até o segundo homem imobilizar o viúvo no chão com uma chave de braços dolorosa.

Ashan bateu sonoramente com as mãos.

– A decisão está tomada. Everam não concederia a vitória a um mentiroso.

Inevera suspirou. Não a um mentiroso. Mas a um guerreiro que espancara a sua mulher.

O segundo homem curvou-se.

– Peço ao santo Andrah que devolva estas mulheres aos seus maridos para que sejam punidas. Juro por Everam que não voltarão a envergonhar as suas famílias, a nossa tribo ou o teu trono.

Ashan recostou-se no trono, unindo os dedos erguidos e olhando as mulheres. Ashia apresentara argumentação convincente, mas Inevera via nos seus olhos que o novo Andrah poderia, mesmo assim, não se deixar convencer por elas. Se tivesse a oportunidade, Ashan despojaria todas as Sharum'ting das suas lanças, incluindo Ashia.

Deveria ter-me trazido as mulheres em primeiro lugar, pensou Inevera. Mas talvez aquilo fosse também a vontade de Everam.

Viver no Norte, onde as mulheres tinham tantos direitos como os homens, mostrara às mulheres krasianas que havia uma alternativa a passarem a vida inteira esmagadas pela sandália dos seus maridos. Os hortelões não tinham conseguido resistir às lanças krasianas, mas

desferiram um golpe severo contra o coração do seu inimigo na Guerra Diurna. Mais e mais mulheres exigiam o que lhes era devido e, mais cedo ou mais tarde, os clérigos seriam confrontados.

Inevera não queria sobrepor-se publicamente a Ashan no seu primeiro dia no Trono dos Crânios, mas, se recusava dar ouvidos à razão, fá-lo-ia.

Abriu a boca para falar, mas Asome antecipou-se ao pigarrear ruidosamente, falando com uma voz que ecoava em redor.

– A minha honrada esposa está correta.

A surpresa foi clara na expressão de Ashan e até Inevera se deixou surpreender enquanto Asome descia os degraus do trono. O rapaz argumentara veementemente contra a formação das Sharum'ting e contra a promoção da sua esposa e prima.

– É verdade que o meu honrado pai referiu a necessidade de vencer demónios na alagai'sharak – disse Asome –, mas que é a alagai'sharak, afinal? Significa literalmente «guerra contra os demónios» e a guerra não é um ritual. Os alagai tornaram toda a humanidade sua inimiga, homens e mulheres. Qualquer confronto contra os demónios será alagai'sharak.

Jayan grunhiu de desprezo.

– Não se esperaria que o meu irmão dama compreendesse a verdadeira natureza da guerra.

Era a afirmação errada numa corte dominada por clérigos. Mais um exemplo da inclinação de Jayan para falar sem pensar. Ashan e os Damaji fixaram nele olhares de fúria.

Finalmente, Ashan encontrou a sua coragem, usando a mesma voz trovejante que usara com a sua filha momentos antes.

– Esqueces a tua posição, Sharum Ka. Serves a vontade dos que se vestem de branco.

Jayan empalideceu e a raiva tingiu-lhe a aura. A sua mão apertou com mais força a lança e, se fosse um pouco mais tolo, poderia tê-la usado, mesmo que isso mergulhasse Krasia na guerra civil.

Asome foi suficientemente sensato para manter a calma, mas isso não lhe poupou o olhar severo que Ashan fixou nele.

– E tu, nie'Andrah. Não argumentaste de forma veemente contra as mulheres que empunham lança diante deste mesmo trono, quinze dias atrás?

Asome curvou-se.

– É verdade que o fiz, tio. Falei com paixão e convicção. Mas estava errado e o meu honrado pai tomou a decisão certa ao ignorar os meus apelos.

Voltou-se, olhando em redor.

– A Sharak Ka aproxima-se! – bradou. – Tanto o Libertador como a Damajah o disseram. Mesmo assim, continuamos divididos, inventando argumentos mesquinhos para justificar que alguns possam lutar enquanto outros observam sem fazer nada. Quando o Libertador voltar com os exércitos de Nie em sua perseguição, haverá glória e honra suficientes para todos na grande batalha. Devemos estar prontos, todos nós, para lutar. – Apontou Ashia. – É verdade que me opus quando a minha esposa recebeu a lança. Mas trouxe-nos apenas honra e glória. Centenas devem-lhe a vida a ela e às suas irmãs de lança. Carregam a honra da Damajah no campo de batalha, encarregando-se da sua proteção. Honram-nos a todos. As mulheres dão-nos força. O Libertador foi claro nisto. Todos os que desejarem participar na Sharak Ka deverão poder fazê-lo.

Fez uma pausa e Asukaji aproveitou a oportunidade de forma tão fluida como se tivessem ensaiado. Eram sempre os primeiros a apoiarem-se mutuamente.

Ashan abanou a cabeça.

– Por Everam. Tu também?

Asukaji apontou os maridos Sharum.

– Que têm estes homens para esconder se temem o testemunho das suas mulheres quando a sua condição for elevada? Talvez essa possibilidade torne mais sensatos alguns maridos. Estas mulheres enfrentaram alagai. Se as nossas muralhas caírem, serão a última defesa dos nossos filhos. Com tamanha responsabilidade sobre os ombros, porque não poderão ter direitos?

– Porque não? – repetiu Inevera, antes que qualquer um dos velhos tivesse tempo de formular uma resposta. Sorriu. – Os homens discutem como se a decisão fosse vossa, mas o Libertador concedeu-me as Sharum’ting e serei eu a decidir quem será recebido entre elas ou não.

A testa franzida de Ashan foi contrariada pelo alívio na sua aura, vendo ser-lhe retirada a responsabilidade por uma decisão que lhe traria inimigos independentemente da sua escolha.

– Umshala. – Inevera convidou a sua irmã-esposa, Damaji’ting dos Khanjin, a aproximar-se. – Lança-lhes os dados.

Olhos arregalaram-se. As previsões eram assuntos privados. As dama’ting guardavam ciosamente a sua magia e tinham bons motivos para isso. Mas os homens precisavam de recordar que havia mais do que política em jogo ali. Deveria ser a vontade de Everam a guiá-los e não as suas necessidades mesquinhas.

As mulheres ajoelharam-se em semicírculo à volta do pano de lançamento de Umshala. Todas tinham ligaduras ensanguentadas e a Damaji'ting tocou-lhe os ferimentos com os dados, molhando-os com o seu sangue para operar a profecia.

Inevera diminuiu a luz de guardas na câmara. Não para auxiliar o lançamento, já que a luz de guardas não afetava os dados. Fê-lo para que todos conseguissem ver o brilho vermelho dos hora palpitando em uníssono com as preces de Umshala. Hipnotizados, os homens estremeciam com o clarão de cada vez que lançava.

Por fim, Umshala sentou-se sobre os calcanhares. Virou-se, ignorando Ashan e dirigindo-se a Inevera.

– Está feito, Damajah.

– E que viste? – perguntou Inevera. – Estas mulheres ergueram-se firmes na noite? São dignas?

– São, Damajah. – Umshala voltou-se, apontando a mulher espancada. – Exceto esta. Illijah vah Fahstu vacilou no seu golpe e fugiu diante do demónio, provocando a morte de Chabbavah e o ferimento de várias das suas companheiras. A morte do demónio não lhe pertence.

O horror fez embranquecer a aura de Illijah, mas as outras mulheres continuaram a erguer-se a seu lado, erguendo as mãos num gesto protetor. Até mesmo as mulheres que tinham sido queimadas com gravidade. Inevera permitiu-lhes um momento por misericórdia, mas não havia nada que pudesse fazer. As profecias dos dados agiam nos dois sentidos.

– Seis serão elevadas – disse. – Ergam-se, Sharum'ting. Illijah vah Fahstu será devolvida ao seu marido. – Era cruel, mas seria melhor do que permitir que o seu destino fosse decidido pelo Damaji Ichach, que ordenaria provavelmente a sua execução pública pelo falso testemunho perante o trono.

Illijah gritou quando Fahstu se aproximou dela, prendendo-lhe o cabelo num punho grosso e puxando-a para trás. Cambaleou, incapaz de se erguer enquanto Fahstu a arrastava para fora, com os seus gritos ecoando enquanto os Damaji olhavam com fria satisfação.

Tragam-me a mão que usa para a arrastar antes que o Sol se ponha, disseram os seus dedos a Ashia.

Os dedos de Ashia responderam com o habitual sussurro escondido. *Ouço e obedeço, Damajah.*

– Esperem! – gritou uma das mulheres, atraindo a atenção de todos. – Como Sharum'ting, desejo testemunhar em benefício de Illijah contra os crimes de Fahstu asu Fahstu am'Ichan am'Khanjin.

Inevera acenou com a mão e os guardas baixaram as lanças, impedindo Fahstu de sair da sala do trono. Illijah foi libertada e ambos foram escoltados até ao trono.

O Damaji Ichach ergueu as mãos.

– Foi nisto que se transformou a corte do Andrah? Um local onde esposas ingratas se queixam dos seus maridos como lavadeiras partilhando mexericos?

Vários Damaji acenaram afirmativamente, mas o Damaji Qezan dos Jama, o maior rival de Ichach, esboçou um sorriso amplo.

– Certamente que não – disse Qezan. – Mas a tua tribo trouxe este drama à corte e deveremos garantir que a questão será resolvida. – Ichach olhou com ódio, mas os outros Damaji, mesmo alguns dos que o tinham apoiado momentos antes, acenaram afirmativamente. Podiam não ser lavadeiras, mas os Damaji apreciavam igualmente os mexericos.

– Fala – ordenou Ashan.

– Sou Uvona vah Hadda am'Ichan am'Khanjin – disse a mulher, usando o nome completo de um homem pela primeira vez na sua vida. – Illijah é minha prima. É verdade que fugiu do alagai e não é digna de se erguer na noite. Mas o seu marido, Fahstu asu Fahstu am'Ichan am'Khanjin, tem-na forçado a prostituir-se durante anos para conseguir dinheiro para o seu couzi e para os seus jogos de dados. Illijah é uma filha honrada de Everam e começou por recusar as suas exigências. Por isso, Fahstu espancou-a de tal forma que passou dias sem poder sair da cama. Testemunhei pessoalmente a sua vergonha.

– É mentira! – gritou Fahstu, mesmo que Inevera conseguisse ver a verdade na sua aura. – Não ouçam as falsidades proferidas por esta mulher torpe! Que provas tem? Nenhumas! É a palavra de uma mulher contra a minha.

A mulher com o braço e a face cobertos com queimaduras provocadas por saliva flamejante colocou-se ao lado de Uvona. A dor marcava-lhe a aura, mas erguia-se com as costas direitas e a voz firme.

– A palavra de duas mulheres.

As outras quatro aproximaram-se, erguendo-se em unidade.

– Seis mulheres testemunham contra os teus crimes, Fahstu – disse Uvona. – Seis Sharum'ting. Erguemo-nos na noite não para reclamar direitos para nós, mas para benefício de Illijah. Para que pudesse ver-se livre de ti.

Fahstu voltou-se para Ashan.

– Andrah, certamente não aceitarás a palavra destas mulheres contra a

palavra de um Sharum leal.

Umshala também ergueu o olhar.

– Posso consultar os dados se desejares, santo Andrah.

Ashan franziu a testa, sabendo tão bem como qualquer dos outros qual seria a resposta dos dados.

– Desejas confessar, filho de Fahstu, ou limparemos a tua reputação com os hora?

Fahstu empalideceu. Olhou em redor, procurando apoio e não o encontrando em parte alguma. Finalmente, encolheu os ombros.

– Que importa o que fiz à minha mulher? Pertence-me e não é Sharum'ting. Não cometi qualquer crime.

Ashan olhou Ichach.

– É da tua tribo, Damaji. Que dizes?

– Decido em favor do marido – respondeu Ichach sem hesitar. – É dever da esposa trabalhar e sustentar o seu marido. Se este não conseguir pagar as suas dívidas, o fracasso será dela e deverá ser ela a pagar por isso, mesmo que o faça deitada.

– Ou ajoelhada – disse o Damaji Qezan, fazendo rir os outros homens.

– O Damaji dos Khanjin falou – disse Inevera, motivando olhares surpresos. – Por prostituir a sua esposa, Fahstu não será punido. – Um sorriso amplo surgiu na face do homem ao ouvir aquelas palavras enquanto as novas Sharum'ting baixavam o olhar. Illijah recomeçou a chorar e Uvona cobriu-lhe os ombros com o braço. – No entanto, é considerado culpado pelo crime de mentir ao Trono dos Crânios – prosseguiu Inevera. – A sentença é a morte.

Fahstu arregalou os olhos.

– O quê?

– Umshala – disse Inevera.

A Damaji'ting enfiou a mão na bolsa de hora, retirando um pequeno fragmento negro, um pedaço do esterno de um demónio do relâmpago. As Damaji'ting sabiam que deviam afastar o olhar, mas os restantes continuaram a olhar e ficaram cegos com o clarão e surdos com o trovão.

Quando recuperaram a visão, Fahstu filho de Fahstu jazia a meio caminho das grandes portas, com o peito transformado numa ruína chamuscada e fumegante. O cheiro a carne assada preenchia a sala.

– Exageras, Damajah – disse Qeva. – Os Damaji revoltar-se-ão.

– Que se revoltem, se são tolos a esse ponto – respondeu Belina. –

Ahmann não chorará se regressar e descobrir que o conselho inteiro foi reduzido a cinzas na sua sala do trono, ficando os seus filhos a governar as tribos.

– E se não regressar? – perguntou Melan.

– Mais motivo haverá para pressionar os Damaji e recrutar tantas Sharum'ting quanto possível – disse Inevera. – Até o khaffit Abban tem mais soldados que eu.

– Kha'Sharum – disse Qeva com desprezo óbvio. – Não são verdadeiros guerreiros.

– Diz isso a Hasik – afirmou Inevera. – O guarda-costas do Libertador, vencido e castrado pelos khaffit. Dizem o mesmo das Sharum'ting, mas preferiria qualquer uma das filhas de lança de Enkido a uma dúzia de Lanças do Libertador.

Alcançaram o jardim privativo de Inevera, um labirinto botânico repleto de plantas cuidadosamente esculpidas, muitas delas cultivadas a partir de sementes trazidas de Krasia. Havia ervas medicinais e venenos letais, fruta fresca, nozes e legumes, bem como ervas, arbustos, flores e árvores cultivadas apenas pelo seu valor estético.

Era fácil para Inevera encontrar o seu centro no jardim, erguendo-se ao sol entre tanta vegetação luxuriante. Mesmo no Palácio do Libertador, em Krasia, tal jardim teria sido impossível de manter. A terra era demasiado agreste. Na Fortuna de Everam, parecia ser suficiente lançar as sementes em qualquer direção para que despontassem sem esforço.

Inevera inspirou profundamente, sendo afastada do seu centro quando captou um indício do perfume que significava sempre o fim da tranquilidade.

– Fujam enquanto podem, irmãzinhas – disse, baixando a voz. – A Santa Mãe aguarda dentro das arcadas de folhagem.

As palavras foram suficientes para levar as irmãs-esposas a partir do jardim tão depressa quanto permitia a sua dignidade. Como sua Jiwah Ka, a mãe de Ahmann era responsabilidade de Inevera, uma posição de que todas as mulheres abdicavam prontamente.

Inevera invejava-as. Também ela teria fugido se pudesse. *Everam não estará satisfeito para não me ter alertado nos dados.*

Só Qeva, Melan e Asavi se atreveram a ficar. Ashia desapareceu entre os arbustos, apesar de Inevera saber que vigiava, sempre por perto.

Inevera suspirou, vergando-se ao vento.

– Será melhor apressar isto – murmurou, avançando para o local onde a Santa Mãe aguardava.

Ouviu Kajivah antes de a ver.

– Por Everam! Endireita as costas, Thalaja – afirmou a Santa Mãe. – És uma esposa do Libertador e não uma mercadora dal'ting no bazar.

No momento em que as viu, Kajivah retirava um bolo das mãos da sua outra nora.

– Estás outra vez a engordar, Everalia.

Olhou uma das criadas.

– Onde está o néctar que pedi? E certifica-te de que o gelam desta vez. – Voltou-se para uma outra criada, que empunhava um leque ridículo. – Não te disse que parasses de abanar, rapariga. – Abanou-se com a mão, fazendo-a zumbir como um colibri. – Sabes como fico. Everam é minha testemunha. A terra dos hortelões é húmida como os banhos. Como aguentam? Quase me apetece...

Felizmente, a mulher calou-se quando Inevera se aproximou. As outras reagiram como se tivessem sido salvas de um nuclita. Kajivah podia tratar todas as mulheres como criadas, mas era sensata a ponto de respeitar as dama'ting e Inevera acima de todas elas.

Habitualmente.

– Onde está o meu filho?! – bradou Kajivah, avançando para Inevera. Envergava as vestes negras e o véu branco de uma kai'ting, mas tinha acrescentado um lenço branco que fazia lembrar a indumentária de Ahmann. – Os rumores pululam pelo palácio, o meu genro senta-se no Trono dos Crânios e eu sou uma ignorante no meio de tudo isto.

Raramente terá sido feita afirmação mais verdadeira, pensou Inevera.

Kajivah estava cada vez mais estridente.

– Exijo saber o que aconteceu!

Exige. Inevera sentiu raiva no seu centro. A mulher teria esquecido com quem falava? Nem Ahmann lhe fazia exigências. Imaginou-se a projetar Kajivah para o outro extremo do jardim, tal como acontecera a Fahstu na corte.

Se fosse assim tão fácil... Mas, mesmo que Ahmann pudesse perdoá-la se vaporizasse o conselho dos Damaji por inteiro, perseguiria o assassino da sua mãe até aos confins de Ala e, com a visão que lhe era permitida pela coroa, seria impossível esconder tal crime.

– Ahmann caça um demónio nos limites do abismo – disse Inevera. – Os dados favorecem o seu regresso, mas é um caminho perigoso. Devemos rezar por ele.

– O meu filho foi para o abismo?! – guinchou Kajivah. – Sozinho?! Porque não o acompanharam as Lanças do Libertador?

Inevera ergueu a mão, prendendo o queixo de Kajivah. Parecia forçá-la a manter o contacto visual, mas pressionou um ponto de convergência, drenando alguma da energia da mulher.

– O teu filho é o Libertador – afirmou, friamente. – Percorre caminhos em que mais ninguém poderá acompanhá-lo e não te deve explicações a ti ou mesmo a mim.

Soltou Kajivah e a mulher cambaleou, enfraquecida. Thalaja amparou-a e tentou sentá-la num dos bancos de pedra, mas Kajivah endireitou-se, afastando-se das suas mãos e voltando a olhá-la nos olhos.

Teimosa, pensou Inevera.

– Porque ignoraram as pretensões de Jayan? – perguntou Kajivah. – É o herdeiro mais velho de Ahmann e um digno sucessor. O povo venera-o.

– Jayan é demasiado jovem e obstinado para liderar seguindo o exemplo de Ahmann – explicou Inevera.

– É teu filho! – bradou Kajivah. – Como podes...

– BASTA! – gritou Inevera, fazendo todas as presentes darem um salto, sobretudo Kajivah. Era raro que erguesse a voz, nomeadamente diante de outros, mas, mais do que qualquer pessoa viva, a sua sogra conseguia esgotar-lhe a paciência. – Esqueceste o teu lugar, mulher, se achas que me podes falar dessa forma a respeito dos meus filhos. Perdoo-te desta vez porque sei como estás preocupada com o teu filho, mas não abuses da minha boa vontade. Krasia inteira precisa de mim e não tenho tempo para serenar cada ansiedade. Ashan senta-se no Trono dos Crânios por vontade expressa de Ahmann. É tudo o que precisarás de saber sobre o assunto.

Kajivah pestanejou. Quantos anos tinham passado desde que alguém se atrevera a falar-lhe daquela forma? Era a Santa Mãe e não uma dal’ting comum.

Mas, apesar de toda a sua arrogância e da sua influência, não tinha poder real. Nem sequer era uma dama’ting, estando muito abaixo da Damajah. A sua riqueza e os seus criados eram uma benesse do trono que Inevera poderia facilmente anular durante a ausência de Ahmann, mesmo que existissem outros desejosos de tentar comprar o seu apoio com ouro.

– Mãe. – Inevera e as outras mulheres voltaram-se para ver Asome entrar na arcada de folhagem. Fora tão silencioso na sua abordagem como Enkido. Curvou-se. – Avó. É bom ver-te.

Kajivah animou-se imediatamente, abrindo os braços para o neto. Este abraçou-a e aceitou os beijos que lhe deu através do véu com digna bonomia, ainda que o tratamento não fosse adequado ao seu estatuto.

– Tikka – disse Asome, usando a palavra informal para «avó» que

Kajivah ensinara a todos os seus netos antes que dissessem qualquer outra coisa. Ouvi-la saindo dos lábios de Asome fez a mulher tornar-se plácida, como se tivesse sido drogada. – Por favor, sê gentil com a minha honrada mãe. Sei que temes pelo que tiver acontecido ao meu pai, mas é a sua Jiwah Ka e, sem dúvida, a sua preocupação será tão grande como a tua.

Kajivah acenou com a cabeça e olhou Inevera, mantendo os olhos respeitosamente baixos.

– Perdoa-me, Damajah. – Inevera sentiu vontade de beijar o filho. – Mas porque foram os teus direitos e os direitos do teu irmão ignorados? – perguntou Kajivah, recuperando parte da sua determinação.

– Ignorados? – repetiu Asome. – Tikka, Jayan senta-se no Trono da Lança e eu herdarei o dos Crânios. Asukaji foi nomeado Damaji dos Kaji. Os teus netos primogénitos são todos kai'Sharum e, em breve, os segundos filhos ocuparão os seus lugares como nie'Damaji. Graças a ti, a linhagem de Jardir, tão perto da extinção há vinte anos, caminha para o controlo de Krasia durante gerações.

Kajivah pareceu serenada por aquilo, mas insistiu.

– Mas o teu tio...

Asome prendeu-lhe o queixo entre as mãos como Inevera fizera. Em vez de a tocar num ponto de pressão, pousou-lhe o polegar sobre o véu. Tocou-lhe os lábios com a gentileza de uma pena, mas conseguiu silenciar Kajivah de forma tão eficiente como o gesto mais agressivo de Inevera.

– O Evejah ensina-nos que todas as dama'ting possuem a Visão – disse Asome. – A Damajah acima de todas elas. Se permitiu que o meu honrado tio se sentasse no trono, é provável que tenha visto um regresso breve do meu pai, apesar de não poder falar abertamente de tais coisas.

Kajivah olhou Inevera com um indício de medo nos olhos. A Visão era venerada em Krasia como origem do poder das dama'ting. Inevera desempenhou o seu papel com mestria, fixando um olhar contido em Kajivah e acenando com a cabeça de forma muito subtil.

Kajivah voltou a olhar Asome.

– Falar do destino traz azar.

Asome curvou-se com deferência convincente enquanto Kajivah mutilava o provérbio antigo.

– Palavras sábias, tikka. – Olhou Inevera. – Talvez a minha honrada avó possa fazer alguma coisa para louvar Everam e ajudar a rezar pelo regresso seguro do meu pai?

Inevera sobressaltou-se. As palavras de Asome recordavam-lhe os conselhos que lhe dera Manvah, a sua mãe, a respeito da Santa Mãe.

Acenou afirmativamente.

– A Lua Nova chegará em menos de duas semanas e, com a ausência do Libertador, o moral será baixo quando as forças de Nie voltarem a reunir-se. Um grande festim para dar ânimo aos nossos guerreiros e unir as vozes de muitos em prece a Everam pela vitória de Ahmann na sua mais recente provação...

– Uma bela ideia, Damajah – concordou Melan, avançando. Inevera olhou a sua velha rival, grata pelo seu apoio.

– É verdade – considerou Asome. – Talvez a Santa Mãe pudesse abençoar o alimento e a bebida?

– Pretendia fazê-lo pessoalmente... – mentiu Inevera.

Como Manvah previra, Kajivah mordeu o isco.

– Não penses mais nisso, honrada Damajah. Os fardos que carregas são já numerosos. Permite-me que carregue este. Imploro-te.

Era verdade que Inevera sentia um grande peso sendo-lhe retirado dos ombros.

– Receio que um festim possa não ser suficiente. Talvez precisemos de outro na Lua Cheia e mais depois desse até a Sharak Ka ser vencida.

Kajivah curvou-se mais do que Inevera lhe vira em anos.

– Seria uma grande honra ocupar-me disso, Damajah.

– Pedirei ao Andrah que atribua financiamento generoso do tesouro aos festins – disse Inevera, sabendo que Ashan ficaria tão agradado como ela por se ver livre da mulher. Concordaria com qualquer coisa e sentir-se-ia bafejado pela sorte. – Precisarás de ajuda, claro. De floristas e de cozinheiros. De escribas para preparar os convites... – *Gente capaz de ler e somar*, pensou, com troça, pois Kajivah era incapaz de qualquer das coisas, mesmo após vinte anos de vida no palácio.

– Seria uma honra auxiliar a Santa Mãe – disse Melan.

– Também eu ajudarei, como permitirem as minhas responsabilidades – disse Asome, fixando um olhar determinado em Inevera. Não duvidou de que um dia cobraria aquela dívida, mas pagaria o preço de bom grado. Era um favor precioso.

– Está resolvido – retorquiu, acenando com a cabeça a Kajivah. – Krasia inteira ficará tua devedora por isto, Santa Mãe.

SEIS

UM HOMEM NÃO É NADA

333 DR Outono

Abban apoiou-se pesadamente sobre a muleta enquanto descia os degraus do palácio, cerrando os dentes com cada pontada dolorosa na sua perna defeituosa. Afiavam-se facas por toda a corte do Libertador, mas, por vezes, sentia que os degraus do palácio eram o seu maior desafio em cada dia. Conseguia suportar quase qualquer sacrifício pelo lucro, mas acolher a dor sem benefício era um talento que nunca aperfeiçoara.

Não foi a primeira vez que lamentou a sua recusa teimosa em permitir que a Damajah o curasse. Fora sensato recordar-lhe que não poderia suborná-lo com o seu conforto pessoal, sobretudo quando podia voltar a roubar-lho com igual facilidade, mas parecia-lhe que valeria a pena morrer pela possibilidade de pensar em escadas sem pensar também em dor. Mesmo assim, havia algo que desejava muito mais e, em breve, tê-lo-ia.

O instrutor Qeran caminhava a seu lado, suportando os degraus com facilidade muito maior. Faltava-lhe a perna esquerda abaixo do joelho, substituída por uma folha curva de aço flexível. O metal vergava ligeiramente com cada passo, mas aguentava sem problemas o peso do homem corpulento. Qeran estava mais próximo dos dotes guerreiros que lhe tinham pertencido antes do ferimento. E continuava a melhorar.

Os kha’Sharum de Abban não estavam autorizados a entrar na corte, mas o instrutor treinara o próprio Libertador e a sua honra era infinita. Mesmo ao serviço de Abban, era bem-vindo em praticamente qualquer local, incluindo o palácio. Uma qualidade útil para um guarda-costas. Ninguém

era tolo ao ponto de provocar Abban no seu caminho.

Sem Orelhas esperava-os no último degrau, mantendo aberta a porta da carruagem de Abban. Dois kha'Sharum ocupavam o banco do condutor com as lanças facilmente alcançáveis e havia dois outros homens num banco atrás, armados com bestas nortenhas. Qeran subiu facilmente para a carruagem, pegando na muleta de Abban enquanto o gigante surdo o erguia tão facilmente como se erguesse uma criança, poupando-lhe os odiados degraus.

Demasiado volumoso para caber confortavelmente no interior, Sem Orelhas fechou a porta e subiu o primeiro degrau, segurando-se a uma pega exterior. Bateu com a mão na carruagem e os condutores fizeram estalar as rédeas.

– Os Damaji aceitaram Ashan como Andrah? – perguntou Qeran.

Abban encolheu os ombros.

– A Damajah não lhes deu alternativa com as suas demonstrações de poder. Ashan é o seu fantoche e ninguém será tolo ao ponto de a desafiar.

Qeran acenou afirmativamente. Conhecia bem a Damajah.

– Não agrada aos Sharum. Acreditam que o Sharum Ka deveria ocupar o lugar do seu pai. Receiam que um dama no trono deixe de se concentrar na alagai'sharak.

– Que tragédia seria – disse Abban.

Qeran fixou nele um olhar frio, sem qualquer indício de diversão.

– Bastará que Jayan diga uma palavra para que as lanças se ergam a seu lado. Seria fácil espetar as cabeças de Ashan e dos Damaji nas pontas das lanças e tomar o trono.

Abban concordou com um aceno.

– E seria mais fácil ainda para a Damajah reduzi-lo a cinzas. Desperdiçamos o nosso tempo, instrutor, debatendo questões que não nos dizem respeito. Temos um dever a cumprir.

Chegaram ao complexo de Abban. Uma muralha alta e grossa estava fortemente protegida por kha'Sharum armados. Os portões abriram-se diante deles depois de os condutores fazerem o sinal adequado, expondo os edifícios atarracados no interior.

O complexo era forte e seguro, mas Abban era cuidadoso, superficialmente pelo menos, não lhe permitindo qualquer qualidade que pudesse despertar a cobiça alheia. A arquitetura não tinha qualquer valor estético. Não havia jardins ou fontes. O ar enchia-se com o fumo das forjas e o som dos martelos. Homens trabalhavam por toda a parte. Não se via uma mão ociosa.

Abban inspirou fundo o ar nauseabundo e sorriu. Era o cheiro da iniciativa. Do poder. Parecia-lhe mais doce que o perfume de qualquer flor.

Um rapaz aproximou-se quando Sem Orelhas depositou Abban no chão. Curvou-se.

– O mestre Akas pediu-me que te informasse de que as amostras estão prontas.

Abban acenou afirmativamente, atirando ao rapaz uma pequena moeda. Era uma ninharia, mas os olhos do rapaz iluminaram-se quando a viu.

– Pelos pés ligeiros. Informa o mestre Akas de que nos juntaremos a ele em breve.

Akas geria as forjas de Abban. Era um dos cargos mais importantes em todo o complexo. Era primo de Abban por afinidade e pagava-lhe mais do que receberia a maioria dos dama. Um dos melhores Vigias kha'Sharum de Abban acompanhava-o constantemente, encarregue da sua proteção, mas igualmente incumbido de travar ou comunicar qualquer indício de traição.

– Mestre instrutor, bem-vindo! – Akas passara dos cinquenta anos e os seus braços nus cobriam-se com músculos tal como os de qualquer trabalhador das forjas. Apesar da sua idade e tamanho, moveu-se com a excitação nervosa de um homem mais jovem. Era khaffit, como Abban, e não tinha barba além dos pelos curtos e ásperos como lixa que lhe cobriam o queixo. Tresandava a suor e enxofre.

– Que tal vai a produção? – perguntou Abban.

– As armas e armaduras para as Lanças do Libertador estarão terminadas dentro do prazo – disse Akas, indicando as pilhas de lanças, escudos e placas blindadas. – Vidro guardado. Aparentemente indestrutível.

Abban acenou com a cabeça.

– E para a minha Centena? – Referia-se aos cem kha'Sharum que Ahmann lhe destinara, mas, na verdade, eram cento e vinte, com cerca de mil chi'Sharum como reserva. Abban queria-os todos armados com o melhor equipamento que o dinheiro pudesse comprar.

Akas coçou o queixo.

– Ocorreram... demoras.

Qeran cruzou os braços com expressão de desagrado, nem sequer precisando que Abban lho ordenasse. Akas era um homem corpulento, mas não era tolo a ponto de não saber reconhecer o gesto. Ergueu as mãos num gesto apaziguador.

– Mas fizemos progressos! Venham ver!

Correu para uma pilha de caixotes, com os escudos e as lanças no interior brilhando como espelhos. Escolheu uma lança e trouxe-a até uma bigorna

pesada.

– Vidro guardado – disse, erguendo a ponta da lança. – Prateado como ordenaste para esconder a sua verdadeira natureza de um observador ocasional.

Abban acenou impacientemente com a cabeça. Não era novidade.

– Porquê a demora?

– O banho de prata enfraquece o vidro – explicou Akas. – Repara.

Colocou a ponta da lança sobre a bigorna, fixando-a com braçadeiras guardadas. A seguir, pegou numa marreta longa e pesada com cabo de um metro e cabeça pesando pelo menos dez quilos. O mestre ferreiro moveu a marreta com precisão experiente, deixando que fossem sobretudo o peso da ferramenta e o ímpeto dos movimentos a surtirem efeitos, reservando os seus músculos consideráveis. Produziu um som que ecoou pelas forjas, mas Akas não parou aí, aplicando toda a sua força em mais dois golpes.

– Foi um desperdício tornarem este homem khaffit – disse Qeran. – Poderia tê-lo transformado num grande guerreiro.

Abban acenou afirmativamente.

– E não terias armas ou armadura que pudessem equipá-lo. As sagas referem ferreiros aleijados, mas é trabalho para homens fortes e não inteiramente desprovidos de honra.

Depois do terceiro golpe, Akas libertou a ponta da lança e aproximou-a para que a inspecionassem. Abban e Qeran ergueram-na à luz, voltando-a em ambas as direções.

– Aqui – disse Qeran, apontando.

– Estou a ver – respondeu Abban, fitando uma falha minúscula no vidro perto do ponto de impacto.

– Mais dez golpes como este e surgirá uma fratura – disse Akas. – Uma dúzia e quebrará.

– Continua a ser mais forte do que o aço comum – afirmou Qeran. – Qualquer guerreiro seria afortunado por contar com tal arma.

– Talvez – disse Abban. – Mas a minha Centena não é composta apenas por meros guerreiros. Têm o melhor instrutor vivo e o patrono mais rico. Deverão ter equipamento à altura.

Qeran grunhiu.

– Não argumentarei. Mas escudos espelhados trarão alguma vantagem não permitida por vidro translúcido. Usávamos espelhos para forçar os movimentos dos alagai no Labirinto. É fácil enganá-los com os seus reflexos.

– É um elemento a levar em consideração – comentou Abban, olhando

novamente Akas. – Falaste em progressos?

Akas esboçou um sorriso amplo e cúmplice.

– Tomei a liberdade de forjar com a nova liga.

A liga era electrum, uma mistura natural rara de prata e ouro que existia em quantidade diminuta e tinha valor incalculável. O Libertador havia já confiscado todo o metal conhecido para uso exclusivo da Damajah. Abban assegurara uma provisão própria e encarregara agentes de procurarem mais, mas as consequências seriam graves se a Damajah o apanhasse a açambarcar o metal sagrado.

– E? – perguntou Abban.

Akas mostrou-lhes uma lança e um escudo anteriormente cobertos por um pano. Ambos brilhavam como espelhos polidos.

– É tão forte como vidro guardado, pelo menos. Também não conseguimos fundi-la ou quebrá-la, mas a nova liga possui... outras propriedades.

Abban conteve o sorriso trémulo nos seus lábios.

– Continua.

– Quando carregámos o equipamento, os guerreiros fizeram algumas descobertas surpreendentes – disse Akas. – O escudo fez mais do que bloquear os ataques dos alagai. Absorveu-os. O guerreiro em questão foi atingido em cheio pela cauda de um demónio da rocha sem mover os pés um centímetro que fosse. – Qeran olhou-o fixamente quando disse aquilo. – Depois de carregado, nenhum alagai conseguiu aproximar-se do escudo além do comprimento de uma lança. O guerreiro precisou de afastar o escudo para conseguir golpear.

– É tanto uma fraqueza como uma força – considerou Qeran –, se é necessário abdicar da proteção para desferir um golpe.

– Talvez – concordou Akas. – Mas que golpe foi! A ponta da lança rasgou as escamas do demónio da rocha tão facilmente como se fosse mergulhada em água. Reparem.

Levou a ponta da lança para a bigorna, usando uma braçadeira diferente para a fixar na vertical, com a extremidade apontando para baixo. Voltou a erguer a marreta, golpeando com força. Ouviu-se um grande estrondo e Abban e Qeran abriram a boca de espanto quando viram a ponta da lança cravar-se no ferro. Akas voltou a golpear, com cada golpe cravando mais a ponta da lança como um prego cravando-se na madeira. O quarto golpe fez a bigorna partir-se em duas partes.

Qeran aproximou-se, tocando o metal rachado com reverência.

– O Andrah deverá ser informado disto. Todos os guerreiros terão de

possuir uma. A vitória na Sharak Ka será nossa!

– O Andrah já está informado – mentiu Abban. – Tal como o Libertador e a Damajah. Jura pela tua vida e pela eternidade no Paraíso, Qeran, que não falarás disto a ninguém. A quantidade mínima usada na ponta da lança vale mais do que o palácio de um Damaji e não existe em quantidade suficiente para equipar uma fração das nossas forças. – Os cantos dos lábios de Abban ergueram-se enquanto os de Qeran caíam. – Mas isso não impede que o meu instrutor e os seus tenentes de maior confiança recebam estas.

O instrutor abriu a boca sem produzir qualquer som.

– Vamos, instrutor – disse Abban. – Se ficares aí de boca aberta, chegaremos atrasados ao nosso compromisso.

O instrutor Qeran acompanhou Abban enquanto atravessavam o bazar novo, um bairro imenso da Fortuna de Everam que pretendia duplicar (e superar) a vasta glória do Grande Bazar de Krasia.

Tinham sido já dados grandes passos. Os nortenhos não tinham acolhido bem a lei evejana, mas compreendiam o comércio e havia tantos chin como dal'ting e khaffit trabalhando e fazendo compras nas centenas de quiosques e bancas que ladeavam as ruas. Para Abban, era quase como estar em casa, apesar da ausência do calor e do pó omnipresentes.

A lei evejana pouco significava no bazar. Por cada mercador apregoando ruidosamente os seus produtos, outro segredava sobre bens ou serviços proibidos pelo Evejah ou pelos dama. O jogo. A carne de porco. Couzi. Armas. Livros. Relíquias anteriores ao Regresso. Tudo poderia encontrar-se no bazar se o interessado tivesse dinheiro para pagar e soubesse a quem perguntar.

Isto era maioritariamente tolerado. Na verdade, alguns dos maiores consumidores de bens ilegais eram os próprios dama e Sharum e ninguém se atreveria a prendê-los. As mulheres e os khaffit tinham menos sorte e eram ocasionalmente condenados e transformados pelos dama em exemplos públicos.

Mesmo com altura superior a um metro e oitenta e armado com lança, escudo e armas escondidas em quantidade conhecida apenas por Everam, Qeran parecia desconfortável. Olhava em redor, como se esperasse uma emboscada a qualquer momento.

– Pareces nervoso, instrutor – comentou Abban. – O que leva um homem capaz de se erguer com firmeza diante dos alagai na escuridão a temer caminhar por uma rua com o dia claro?

Qeran cuspiu no chão.

– Este sítio é um Labirinto tão grande como qualquer um usado para

encurralar alagai.

Abban riu-se.

– É verdade, instrutor. O bazar existe para encurralar bolsas em vez de demónios, mas a ideia é quase a mesma. Os clientes entram sem dificuldade, mas descobrem que a saída é mais difícil. As ruas serpenteiam e, muitas vezes, não têm saída. E exércitos de mercadores estão prontos para se lançarem sobre os desprevenidos.

– É fácil saber quem são os inimigos no Labirinto – afirmou Qeran. – Os homens são irmãos na noite e os alagai não avançam com oferendas e mentiras. – Olhou em redor, receoso e levando uma mão à bolsa para se certificar de que continuava no mesmo sítio. – Aqui, todos são inimigos.

– Não quando estão comigo – disse Abban. – Aqui, sou o Andrah e o Sharum Ka numa só pessoa. Neste momento, veem-nos juntos. Regressa amanhã e não se pouparão a esforços para conquistar o teu apreço, esperando que possas interceder em seu benefício junto de mim.

Qeran voltou a cuspir.

– Tenho esposas que se ocupam por mim das compras no bazar. Resolvamos o que nos trouxe aqui e partamos.

– A seu tempo – respondeu Abban. – Conheces bem o teu papel?

Qeran grunhiu de desprezo.

– Vergava rapazes e transformava-os em homens antes de nasceres, khaffit. Não te apoquentes.

– Não me passas sermões sobre o respeito que merecem as vestes negras sagradas? – perguntou Abban.

Qeran encolheu os ombros.

– Vi os rapazes. São indisciplinados. Fracos. Jurim e Shanjat estragaram-nos para os voltarem contra ti e será necessária uma mão forte para os trazer de volta. Precisarão de voltar a sentir-se nie’Sharum.

Abban acenou afirmativamente.

– Faz isto por mim, instrutor, e terás uma recompensa muito além dos teus sonhos mais gananciosos.

A proposta motivou um gesto de repulsa a Qeran.

– Bah. Devolveste-me a sharak, filho de Chabin. É o mínimo que posso dar-te em troca. Um homem não é nada sem o respeito dos seus filhos.

– É este o sítio – indicou Abban, apontando um estabelecimento onde se vendia comida. O alpendre estava repleto de clientes sentados diante de mesas baixas, almoçando, fumando e bebendo café krasiano amargo. Mulheres moviam-se entre eles, trazendo uma torrente constante de chávenas e malgas cheias do interior, levando as vazias e fazendo tilintar

bolsas cheias de draki.

Abban dirigiu-se para um beco, batendo com a muleta numa entrada lateral. Um rapaz de castanho abriu a porta, apanhando com destreza a moeda que Abban lhe atirou enquanto os acompanhava até uma escadaria.

O ruído de dados e de apostas gritadas e uma névoa adocicada de fumo de cachimbo preenchiam o ar. Pararam diante de uma cortina, espreitando um grupo de Sharum bebendo couzi em redor de uma mesa de dados coberta com moeda empilhada.

– A dama'ting deverá... ah – disse Abban, vendo Asavi a descer a escadaria principal. As suas vestes brancas destacavam-se na cave escura, mas os homens, atentos às guardas que decoravam as faces dos dados, não a viram até estar junto deles.

– O que é isto?! – gritou Asavi, sobressaltando todos os Sharum. Um dos homens, Shusten, o filho de Abban, voltou-se para ela, entornando a taça. A dama'ting fingiu recuar um passo, mas agitou com mestria a manga da túnica, molhando-a com o couzi.

Seguiu-se silêncio tenso enquanto Asavi olhava a manga. Nenhum dos guerreiros se atreveu sequer a respirar.

Asavi tocou a mancha, aproximando os dedos do nariz.

– Isto é... couzi? – Guinchou a última palavra e os homens quase mijaram os bidos. Até Abban se sentiu aterrorizado, mesmo tendo sido ele a orquestrar o que via. A cena fazia lembrar outra, ocorrida trinta anos antes, quando o seu pai, Chabin, despejou acidentalmente tinta na túnica de um dama, sendo imediatamente executado. A memória fê-lo engolir em seco. Talvez fosse adequado que os seus filhos aprendessem uma lição semelhante.

– Perdoa-me, dama'ting! – gritou Shusten, erguendo um trapo de limpeza dúbia e estendendo a mão para a manga, esfregando a mancha sem qualquer resultado. – Limparei...

– Como te atreves?! – gritou Asavi, afastando-lhe a manga dos dedos. Segurou-lhe o pulso, endireitando o braço e rodopiando para atingir a omoplata de Shusten com a palma da mão aberta. O braço partiu-se com um estalo audível, tal como acontecera ao pescoço de Chabin.

Shusten gritou, mas o ruído foi interrompido quando a dama'ting voltou a atacar, daquela vez, atingindo-o na garganta.

– Limparás a mancha com o sangue, tolo! – Curvou-se para diante, erguendo a perna direita e pontapeando-o na face.

– Belo – sussurrou Qeran, admirando a sua arte. Abban olhou-o. Nunca compreenderia os guerreiros.

Shusten cambaleou para trás com o nariz partido, embatendo contra a mesa dos dados e projetando moedas e couzi em todas as direções. Os Sharum afastaram-se, mais preocupados com a ira da dama'ting do que com o seu dinheiro.

Asavi avançou, continuando o espancamento. Shusten tentou arrastar-se para longe, mas um pontapé na coxa inutilizou-lhe a perna. O pontapé seguinte atingiu-o entre as pernas e até Qeran se encolheu de dor ao ouvir o gemido de Shusten, com o sangue borbulhando para fora do nariz partido.

Um salpico de sangue e ranho sujou a túnica de Asavi e fê-la rugir, puxando uma faca curva do cinto.

– Não, dama'ting! – gritou Fahki, o irmão mais velho de Shusten, correndo para se atravessar entre ambos. – Misericórdia, por amor de Everam!

Fahki estava desarmado, erguendo as mãos num gesto de súplica. Teve o cuidado de evitar tocar a dama'ting, mas Asavi moveu-se como uma bailarina, posicionando uma perna no seu caminho. O seu grito foi bastante convincente quando Fahki embateu contra ela, lançando-os aos dois ao piso sujo de madeira.

– É a tua deixa, instrutor – disse Abban, mas Qeran já se movia. Abriu a cortina com cuidado para não revelar a presença de Abban, entrando.

– Que significa isto?! – rugiu Qeran, com a sua voz como trovão na sala de teto baixo. Puxou Fahki pela gola da túnica, afastando-o da dama'ting.

Asavi olhou-o com ódio.

– Estes bêbados são homens teus, instrutor? – perguntou.

Qeran curvou-se demoradamente, fazendo a cabeça de Fahki embater no soalho.

– Não, dama'ting. Almoçava neste estabelecimento, lá em cima, e ouvi o alarido. – Sem soltar Fahki, que asfixiava com o aperto da gola, estendeu uma mão para Asavi.

A dama'ting aceitou a mão que lhe estendia e permitiu que a erguesse enquanto Qeran fixava um olhar feroz nos homens que se encolhiam contra as paredes.

– Desejas que os mate por ti?

Parecia uma afirmação absurda. Um guerreiro isolado ameaçando matar uma dúzia de homens, mas todos encararam com seriedade a ameaça. Ninguém obtinha o véu vermelho de um instrutor sem demonstrar as qualidades exigidas e Qeran era conhecido entre todos os guerreiros Kaji, como lenda viva tanto na alagai'sharak como no treino.

Também Asavi olhou os homens durante segundos lentos e tensos. Por

fim, abanou a cabeça.

– Vocês – disse aos guerreiros encolhidos. – Arranquem as vestes negras a estes dois.

– Não! – gritou Fahki, mas os homens, seus irmãos de lança um momento antes, ignoraram-lhe os gritos enquanto se aproximavam. Qeran atirou-o aos homens e um deles prendeu-o com a haste da lança sob o queixo, anulando qualquer resistência enquanto meia dúzia dos seus companheiros arrancava as vestes de Sharum. Shusten nem sequer conseguiu esboçar qualquer resistência, gemendo enquanto os guerreiros restantes o despiam.

Como a lendária lealdade dos Sharum se dissipa quando testada, pensou Abban. Faziam qualquer coisa para cair novamente nas graças de uma dama'ting.

– Passam a ser khaffit – disse Asavi aos homens nus. Olhou o membro encolhido de Fahki e troçou. – Talvez o devesses ter sido desde o início. Voltem para os vossos pais em vergonha.

Um dos guerreiros ajoelhou diante dela, pousando as mãos e a testa no chão com subserviência absoluta.

– São irmãos, dama'ting – disse. – O seu pai é khaffit.

– Adequado – considerou Asavi. – O figo não cai longe da figueira. – Voltou-se para os outros guerreiros. – Quanto a vós, irão para o Sharik Hora para alcançarem o arrependimento. Não comerão ou beberão durante três dias como penitência. Se souber que voltaram a tocar uma taça de couzi ou dados, partilharão o mesmo destino.

Os guerreiros permaneceram boquiabertos por um momento até Asavi bater com as mãos, fazendo-os saltar a todos.

– Depressa!

Quase mijando os bidos, os guerreiros saíram apressadamente da sala, curvando-se repetidamente e dizendo uma e outra vez «obrigado, dama'ting». Chocaram uns contra os outros, recuando até encherem a escadaria, virando-se e subindo os degraus tão depressa quanto permitiam os seus pés calçados com sandálias.

Asavi dirigiu um último olhar de repulsa aos homens nus.

– Instrutor, livra-te destes patéticos desperdícios de virilidade.

Qeran curvou-se.

– Sim, dama'ting.

* * *

A luz ténue fez pestanejar Fahki e Shusten quando os capuzes foram

puxados das suas cabeças. Estavam presos às cadeiras numa câmara subterrânea. Ambos tinham sido «amansados», como Qeran costumava dizer. As marcas dos golpes estavam inchadas e vermelhas, sem terem ainda arroxeado. O braço de Shusten fora engessado e o seu nariz tinha sido endireitado. Ambos haviam sido vestidos com camisas esfarrapadas e calças tingidas com o castanho dos khaffit.

– Os meus filhos pródigos regressaram – disse Abban. – Mas talvez não sejam tão orgulhosos como quando os vi da última vez.

Os rapazes olharam-no, semicerrando os olhos até conseguirem ajustá-los à luz. Qeran erguia-se um passo atrás de Abban com os braços cruzados e Fahki arregalou os olhos quando o viu. Abban via a compreensão surgir.

Talvez não sejam tolos completos pensou, agradado. Ter filhos guerreiros era suficientemente mau. Se fossem também tolos, preferiria matá-los para poupar tempo. Tinha outros filhos, mas aqueles eram os únicos de Shamavah, a única esposa que verdadeiramente lhe interessava. Por ela, precisava de tentar reabilitá-los.

– Porque estão presos? – perguntou Abban. – Certamente, os meus filhos não atentariam contra a minha integridade. Não é necessário um tratamento tão vergonhoso.

Qeran grunhiu, puxando por uma faca e aproximando-se para lhes cortar as cordas. Os rapazes gemeram, massajando tornozelos e pulsos para restaurar a circulação. Shusten parecia fraco e abatido, mas Fahki mantinha o desafio no olhar.

– Abban. – Cuspiu no chão espuma rosada misturando saliva e sangue. Olhou o seu irmão. – O nosso pai mostra o seu rancor por termos provado ser seus superiores, erguendo-nos acima da sua posição. Encontrou forma de subornar uma dama'ting para nos arrastar de volta ao seu mundo de comércio khaffit.

– Também são khaffit agora – recordou-lhes Abban.

– Foi pelo embuste que nos tiraste as vestes negras – rosnou Fahki. – Continuamos a ser Sharum aos olhos de Everam, melhores do que toda a escumalha khaffit na Fortuna de Everam.

Abban colocou uma mão no peito.

– Eu? Tirar-vos as vestes negras? Fui eu quem vos pôs nas mãos as taças de couzi e os dados? Fui eu quem vos arrancou as vestes? Os vossos irmãos aceitaram fazê-lo de bom grado para se salvarem. A perda do vosso estatuto resulta da vossa insensatez. Avisei-vos do que aconteceria se jogassem e bebessem. As vestes negras não vos isentam do cumprimento da lei de Everam.

Fahki revirou os olhos.

– Quando começaste a preocupar-te com a lei de Everam, pai? Metade da tua fortuna resulta da venda de couzi.

Abban riu-se.

– Não o nego, mas sou suficientemente sensato para não esbanjar o lucro no jogo ou para beber em público.

Coxeou até uma terceira cadeira, sentando-se com cuidado e olhando-os sobre as bossas do camelo esculpido na muleta.

– Quanto a serem melhores que khaffit, em breve testaremos essa afirmação. Comerão e dormirão. De manhã, receberão uma lança e um escudo e enfrentarão um dos meus guardas kha'Sharum. Qualquer um. Poderão escolher.

Fahki grunhiu de troça.

– Matá-lo-ei em menos tempo do que o necessário para a tua carcaça gorda coxear até nós, velho.

Qeran riu-se alto ao ouvir aquilo.

– Se durarem cinco minutos, oferecer-vos-ei as minhas vestes e a minha reputação.

A arrogância desapareceu da face de Fahki.

– Porque serves este khaffit, instrutor? Treinaste o Libertador. Sujas o teu nome com cada ordem que aceitas de quem te é inferior. Que preço pediste para vender a tua honra a um comedor de porco?

Qeran aproximou-se de Fahki, curvando-se como se pretendesse segredar-lhe uma resposta. O tolo Fahki aproximou-se para ouvir.

O murro de Qeran fê-lo cair da cadeira para o chão. Fahki tossiu, cuspindo sangue e lascas de um dente partido sobre o piso de pedra.

– O teu pai pode permitir que lhe falem com desrespeito... – disse Qeran.

– Por agora – disse Abban.

– Por agora – concordou Qeran. – Mas, como disseste, sou instrutor de Sharum. Treinei guerreiros incontáveis e o mérito pelos demónios que abateram também me pertence. Mostrei o sol a um milhão de alagai, rapaz, e não te devo qualquer explicação. Por cada palavra insolente que me disseres, partirei uma parte de ti. – Qeran sorria enquanto Fahki o fitava. – Sim. Ataca-me. Vejo-o nos teus olhos. Testa o teu valor. Abban tem dois filhos. Talvez não sinta a falta de um.

– Arrisco dizer que nenhum deles me fará falta se forem tolos ao ponto de te atacarem, instrutor – afirmou Abban.

Fahki inspirou profundamente e retesou os músculos, mas não se levantou.

Abban acenou com a cabeça.

– Um indício de sensatez. Talvez haja ainda esperança para ti.

No dia seguinte, Fahki escolheu o kha'Sharum mais pequeno e de aparência mais fraca para o seu desafio no pátio. Magro e de óculos, o homem não parecia ser um adversário à altura de Fahki, que era alto e encorpado como o pai.

Todo o clã Haman foi convocado para testemunhar o evento. Abban formou um círculo de mulheres à volta dos combatentes compostos pelas irmãs, tias, primas e madrastas de Fahki. Os kha'Sharum e os chi'Sharum observavam com avidez, tal como todos os trabalhadores ao serviço de Abban, dispensados das suas funções para reforçarem a humilhação do rapaz.

Fahki moveu-se num círculo receoso, girando a lança de forma impressionante e inútil. O kha'Sharum de óculos olhou-o com frieza, sem se dar ao trabalho de imitar os seus movimentos. Era Sharach e empunhava um laço de alagai em vez de uma lança. A vara longa e oca terminava num laço de corda entrelaçada que o guerreiro podia apertar com uma alavanca na haste.

Um vendedor abria caminho entre a multidão, vendendo nozes com mel.

Por fim, a tensão de Fahki atingiu o seu ponto máximo e avançou com a lança erguida. O guerreiro defletiu a extremidade e colocou o laço ao pescoço de Fahki com facilidade, girando a haste e usando contra ele o ímpeto do seu ataque. Fahki precisou de se deitar de costas com um salto para impedir o pescoço de partir.

Um movimento da vara e Fahki ficou deitado de bruços. Abban acenou com a cabeça a Cielvah e a sua filha avançou, levando um chicote curto de couro.

– Perdão, irmão – disse, puxando para baixo as calças e o bido de Fahki. O rapaz debateu-se, mas o kha'Sharum apertou mais o laço e manteve-o imóvel.

Abban olhou Shusten, que se erguia a seu lado. O seu filho mantinha os olhos no chão, incapaz de olhar, mas estremecia com cada chicotada, chorando pela humilhação do irmão.

– Espero, meu filho, que tenhas aprendido esta lição – disse-lhe Abban.

– Sim, pai – retorquiu Shusten.

Abban acenou com a cabeça.

– Ótimo. Espero que o teu irmão seja igualmente sensato. Se

demonstrarem valor, Qeran treinar-te-á a ti e a Fahki da forma adequada e serão kha’Sharum.

O guerreiro Sharach trouxe Fahki até Abban preso na ponta da sua vara. A face do rapaz estava escarlate de vergonha e as lágrimas riscavam o pó do pátio sobre a sua pele. Abban acenou ao guerreiro, que libertou Fahki e se colocou em sentido.

– Este é Lifan – disse Abban, indicando o Sharach. – Será o vosso instrutor.

Shusten olhou-o.

– Disseste que seria o instrutor Qeran a...

– A ensinar-vos a lutar, sim – confirmou Abban. – Se demonstrarem valor. Lifan ensinar-vos-á a ler, a escrever e a calcular. As lições que a vossa mãe iniciou, suspensas quando foram chamados para o Hannu Pash. Obedecerão a todas as suas ordens. Quando conseguirem ler sem mover os lábios e fazer somas sem a ajuda dos dedos, discutiremos se voltarão a poder empunhar uma lança.

SETE

MAIS ARROJO QUE CABEÇA

333 DR Outono

Jardir olhou boquiaberto o Par’chin, procurando sinais de embuste ou de loucura na sua aura. Mas o Par’chin permanecia calmo, concentrado e muito sério.

Jardir abriu a boca e voltou a fechá-la. O Par’chin riu-se.

– Se for uma piada, Par’chin, será o fim da minha paciência...

O filho de Jeph permaneceu descontraído, acenando-lhe com a mão para o tranquilizar. Como demonstração de confiança, recuou até se encostar à janela e deslizou para o chão, ficando sentado entre os fragmentos da cadeira.

– Não é uma piada. Sei que é difícil de acreditar. Terás muitas perguntas, não? Demora o que for necessário e começa a colocá-las quando estiveres pronto.

Jardir permaneceu hirto, sem saber como reagir. O fervor da batalha dissipava-se, mas os seus músculos continuavam preparados para a ação, sabendo que o Par’chin poderia avançar contra ele com rapidez se baixasse as defesas.

Mas, no seu coração, não acreditava. O Par’chin era muitas coisas, mas não era mentiroso. A sua postura despreocupada recordava a Jardir as horas incontáveis que tinham passado questionando-se mutuamente, falando de todas as coisas que existiam sob o sol enquanto se esforçavam para compreender a língua e a cultura um do outro. A postura descontraída do Par’chin deixara Jardir à vontade de uma forma que sempre fora impossível com membros do seu povo.

Olhou a cama, mas, tal como a cadeira, estava destruída, não tendo resistido à força do seu salto. Recuou para a janela do lado oposto ao que era ocupado pelo Par'chin, deslizando até se sentar no chão, imitando-o. Permaneceu alerta, mas o Par'chin estava certo. Não haveria qualquer benefício num combate antes que o amanhecer aproximasse as suas capacidades.

As rivalidades deverão ser esquecidas quando a noite cai, dizia o Evejah.

– Como chegaremos ao abismo? – perguntou Jardir, escolhendo uma pergunta ao acaso entre as muitas que lhe rodopiavam pela cabeça. – Consegues transformar-te em névoa como os alagai, mas eu não.

– Não será necessário – disse o Par'chin. – Há caminhos terrestres. Os demónios da mente capturam humanos e mantêm-nos vivos no Núcleo. – Cuspiu no chão. – Mantém frescos os seus cérebros.

– Deveremos viajar até ao submundo para salvar essas almas perdidas – afirmou Jardir. – Depois disso, Everam irá...

O Par'chin suspirou ruidosamente, revirando os olhos.

– Se pretendes tentar adivinhar os planos de Everam sempre que te contar algo de novo, passaremos aqui muito tempo, Ahmann.

Jardir franziu a testa, mas o Par'chin estava certo. Acenou com a cabeça.

– Continua, por favor.

– Seja como for, não sei se haverá muito para salvar. – O olhar do Par'chin estava triste e distante. – Os demónios da mente consideram cérebros vazios uma iguaria. Imagina dúzias de gerações, vivendo e morrendo na escuridão, comendo musgo e líquenes e não sendo mais do que gado esperando o abate. Sem roupas e até sem uma linguagem. Deixam de ser humanos. Tornam-se outra coisa. Sombrios, retorcidos e selvagens.

Jardir conteve um arrepio.

– A questão é esta – continuou Arlen. – Existem vários caminhos que poderemos seguir até ao Núcleo, mas será sempre um percurso longo e sinuoso. Muitas bifurcações, trilhos sem saída, abismos e travessias perigosas. Não é algo que pudéssemos fazer sozinhos. Precisaremos de um guia.

– E pretendes que esse guia seja um dos príncipes de Alagai Ka – disse Jardir. O Par'chin confirmou com um aceno. – Como o faremos trair os seus e guiar-nos?

– Com a tortura – respondeu o Par'chin. – Com a dor. Os demónios não conhecem a lealdade e tentam sempre libertar-se do cativeiro. Poderemos aproveitar isso.

– Não pareces muito seguro – disse Jardir. – Seja como for, como poderemos confiar num príncipe de mentiras?

– É um ponto fraco do plano – admitiu o Par'chin. Encolheu os ombros. – Primeiro, precisaremos de capturar um.

– E como pretendes fazê-lo? – perguntou Jardir. – Matei dois. Um foi apanhado de surpresa e fui ajudado por Leesha Papel e pela minha Jiwah Ka com o outro. São adversários formidáveis, Par'chin. Se lhes permitirmos um momento para agir, poderão...

O Par'chin sorriu.

– O quê? Transformar-se em névoa? Traçar guardas no ar? Sarar os seus ferimentos? Também conseguimos fazê-lo, Ahmann. Poderíamos montar uma armadilha de onde o próprio Alagai Ka não conseguiria escapar.

– Como conseguiremos encontrar um deles? – perguntou Jardir. – Depois de ter matado um na primeira noite da Lua Nova, os seus irmãos fugiram do campo de batalha. Mantiveram a distância nas noites seguintes, movendo-se com rapidez.

– Receiam-te – disse o Par'chin. – Recordam Kaji, o caçador de demónios da mente, e os muitos demónios que matou com a coroa, a lança e a capa. Nunca se aproximarão de ti voluntariamente.

– Então admites que Kaji era o Libertador e que sou o seu herdeiro – disse Jardir.

– Admito que Kaji era um general que os demónios da mente temiam – replicou o Par'chin. – E, quando os enfrentaste com a lança e a coroa, passaram a temer-te também a ti. Não te torna herdeiro de nada. Se Abban usasse a coroa e empunhasse a lança, mijar-se-iam de medo e fugiriam também dele.

Jardir franziu a testa, mas era inútil discutir. Apesar das suas palavras de dúvida e do desrespeito do Par'chin, sentia a esperança crescer-lhe no peito. O Par'chin construía alguma coisa. O seu plano era uma loucura, mas era loucura gloriosa. Loucura digna do próprio Kaji. Mordeu o anzol conscientemente e deixou-se levar.

– Como poderemos saber onde posicionar as guardas para aprisionar um demónio da mente?

O Par'chin piscou-lhe o olho.

– É essa a questão. Sei para onde vão na Lua Nova. Todos eles. Vão para Anoch Sun.

Jardir sentiu o sangue gelar. A cidade perdida de Kaji, onde o roubo da lança pelo Par'chin desencadeara os eventos que o tinham trazido até ali.

– Como é possível que o saibas?

– Não foste o único a enfrentar demónios da mente, Ahmann – explicou o Par’chin. – Enquanto lidavas com um no teu quarto, eu enfrentava o seu irmão a norte do Outeiro. Ter-me-ia vencido sem a ajuda de Renna.

Jardir acenou com a cabeça.

– A tua jiwah é notável.

O Par’chin aceitou o elogio com um aceno, mas suspirou longamente.

– Se lhe tivesse dado ouvidos, talvez não tivesse sido apanhado com o bido em baixo por três deles no mês passado. – Baixou os olhos para o chão e a sua aura tingiu-se de vergonha. – Entraram-me na cabeça, Ahmann. Não consegui impedi-los. Vasculharam as minhas memórias como se remexessem num baú. O que mais queriam era descobrir onde encontrei as guardas...

– Levanta a cabeça, filho de Jeph – disse Jardir. – Nunca conheci homem que enfrentasse alagai com mais empenho que tu. Se não conseguiste impedi-los, ninguém conseguiria.

A gratidão marcou a aura do Par’chin enquanto erguia o queixo.

– Nem tudo foi mau. Enquanto procuravam entre os meus pensamentos, consegui vislumbrar os seus. Pretendem regressar à cidade perdida e fazer o que três mil anos de tempestades de areia não conseguiram fazer. Não sei se receiam que a cidade tenha segredos ainda por divulgar ou se apenas desejam cagar sobre os seus antigos inimigos, mas exumarão os sarcófagos e destruirão a cidade por inteiro.

– Teremos de travá-los a qualquer custo – afirmou Jardir. – Não permitirei semelhante profanação dos meus antepassados.

– Não sejas tolo – ripostou Arlen. – Abdicarias de uma vantagem estratégica por um punhado de cadáveres empoeirados?

– São os heróis da Primeira Guerra, chin sem fé – retorquiu Jardir. – Defenderam a honra da humanidade inteira. Não permitirei que sejam conspurcados pelos alagai.

– O próprio Kaji ordenaria que os deixasses.

Jardir riu-se.

– Agora afirmas falar por Kaji, Par’chin?

– Também li o seu tratado sobre a guerra, Ahmann – disse o Par’chin. – *Nada é mais precioso que a vitória*. São palavras de Kaji e não minhas.

Jardir fechou as mãos.

– Citas as escrituras sagradas quando te convém, filho de Jeph, e nega-las como fantasia na ocasião contrária. – A sua coroa começou a emitir um brilho intenso. – Kaji também ordenou que honrássemos os ossos daqueles que deram a vida na alagai’sharak acima de todos os outros e que não

permitíssemos a sua profanação.

O Par’chin cruzou os braços e as guardas na sua pele imitaram o brilho da coroa.

– Diz-me que estou errado. Diz-me que abdicarás da tua única oportunidade de enfrentar os demónios apenas para preservar a honra de carcaças vazias cujos espíritos há muito partiram pelo caminho solitário.

As nossas culturas insultam-se naturalmente uma à outra, Par’chin, dissera Jardir certa vez. *Devemos resistir à tentação de sentir a ofensa para continuarmos a aprender um com o outro.*

A aura do filho de Jeph era clara. Acreditava ter razão, mas não desejava uma discussão acesa do assunto.

– Não estás errado – admitiu Jardir. – Mas és tolo se acreditares que não farei nada enquanto um demónio caga sobre os ossos de Kaji.

O Par’chin acenou afirmativamente.

– Não te peço tal coisa. Peço que, se chegarmos a esse ponto, os vejas cagar sobre Isak, Maji, Mehnding. Até sobre Jardir, se o encontrarem.

– Não o encontrarão – disse Jardir, aliviado. – O meu sagrado antepassado está sepultado na Lança do Deserto. Poderemos transferir para lá o corpo de Kaji. – De qualquer forma, pensar na profanação pelos alagai dos corpos dos grandes líderes do Evejah horrorizava-o. Mesmo com o destino de Ala em jogo, não sabia se conseguiria testemunhar tal coisa sem fazer algo para impedir que acontecesse.

– E que vantagem esperas conseguir com esse... sacrifício? – perguntou Jardir com azedume.

– Não retiraremos Kaji do local – disse o filho de Jeph. – O primeiro Shar’Dama Ka voltará a servir o seu povo, sendo o isco da armadilha em que transformaremos o seu túmulo. Anoch Sun é enorme. Não conseguiremos prever com exatidão os ataques dos demónios da mente fora da cripta que viram com tanta clareza na minha memória. Dirigem-se para lá, Ahmann. Em grande número. E nós estaremos à sua espera, escondidos com Capas de Invisibilidade. Quando entrarem na cripta, capturaremos um, mataremos tantos quantos permitir a surpresa e fugiremos.

Jardir cruzou os braços, parecendo cético.

– E como conseguiremos tal coisa?

– Usaremos a coroa – explicou o Par’chin. – Jardir arqueou uma sobrancelha. – O campo guardado da Coroa de Kaji consegue repelir qualquer demónio, até mesmo um exército deles, para uma distância de quase um quilómetro.

– Sei disso – disse Jardir. – A coroa pertence-me.

O Par’chin sorriu.

– Também sabes que poderás projetar a proteção à distância como uma bolha? Impedindo a entrada de demónios ou, como no Labirinto...

– ... impedindo a sua saída – percebeu Jardir. – Se conseguirmos aproximar-nos...

– ... conseguiremos prendê-los connosco – disse o Par’chin.

Jardir ergueu um punho.

– Conseguiremos destruir os generais de Nie antes das primeiras movimentações da Sharak Ka.

O Par’chin acenou com a cabeça.

– Mas não servirá de muito se a rainha conseguir gerar os seus substitutos.

Jardir olhou-o.

– Alagai’ting Ka. A Mãe dos Demónios.

– Precisamente – disse o Par’chin. – Se a matarmos, teremos uma hipótese de vencer a guerra. Se falharmos, regressarão, mesmo que demore três mil anos. Acabarão por conseguir vencer-nos pelo cansaço.

– E se não concordar com este plano, Par’chin? – perguntou Jardir. – Roubarás a coroa e tentarás implementá-lo sozinho?

– É em parte como dizes – anuiu Arlen. – Os demónios da mente vão a caminho de Anoch Sun e estarei lá na Lua Nova contigo ou sem ti. Se não aceitares a razoabilidade do que te digo, não és o homem que pensava que eras. Pega na tua coroa, volta para o teu trono e deixa a Sharak Ka para mim.

Jardir cerrou os dentes.

– E a lança?

– A lança é minha – disse Arlen. – Mas, se jurares pelo sol que farás isto comigo, ofereço-ta e não considerarei que me deverás algo em troca. Se não o fizeres, levo-a para o Núcleo e trespasso com ela o coração da rainha dos demónios.

Jardir fitou-o durante muito tempo.

– Não será necessário, Par’chin. Incomoda-me que me ofereçam o que já me pertence, mas que ajin’pal seria se permitisse que percorresses tal estrada sozinho? Podes acreditar que Everam não existe, Par’chin, mas a verdade é que te ama para te ter concedido semelhante coragem.

O Par’chin sorriu.

– O meu pai sempre disse que tinha mais arrojo que cabeça.

Arlen ocupava-se na cozinha, movendo as mãos com velocidade frenética enquanto trabalhava. Nunca fora grande cozinheiro, mas os anos que passara sozinho na estrada tinham-no tornado adequadamente capaz de cozer batatas e fritar carne e legumes. Não usava fogo. As guardas térmicas gravadas nas panelas e frigideiras cumpriam a sua função, alimentadas pelo seu toque.

– Posso ajudar? – perguntou Jardir.

– Tu? – perguntou Arlen. – O autoproclamado rei do mundo inteiro alguma vez tocou alimentos crus?

– Conheces-me bem, Par'chin – disse Jardir –, mas não tão bem como julgas. Não fui nie'Sharum outrora? Não há tarefa doméstica em que não tenha vergado as costas.

– Então verga as costas a pôr a mesa. – A conversa era familiar, algo de que Arlen não soubera ter sentido a falta durante todos aqueles anos. Era fácil voltar aos hábitos antigos entre irmãos em tudo menos no nome. Jardir erguera-se com Arlen na sua primeira noite no Labirinto e, em Krasia, isso era um laço tão forte como os laços de sangue. Mais forte ainda.

Mas Jardir estivera disposto a matá-lo pelo poder. Não fora motivado pela malícia, mas a realidade do que fizera mantinha-se e Arlen não conseguia impedir-se de pensar se voltaria a fazê-lo se tivesse oportunidade... naquele momento ou nalgum momento futuro. Procurou um indício na sua aura, mas pouco conseguia perceber sem canalizar magia através dele, conhecendo-o por inteiro. Jardir sentiria sem dúvida essa intrusão e teria todo o direito de se sentir ofendido.

– Pergunta, Par'chin – disse.

– *Hmm*? – perguntou Arlen, surpreendido.

– Consigo ver a pergunta que te corrói o espírito – disse Jardir. – Pergunta e resolvamos o assunto.

Arlen acenou afirmativamente.

– A seu tempo. Será melhor resolver alguns assuntos de estômago cheio.

Terminou de preparar a refeição, esperando pacientemente que Jardir dissesse uma oração de agradecimento antes de começarem a comer. Arlen serviu-se uma única vez, mas Jardir sofrera ferimentos sérios durante a batalha no penhasco e, mesmo que a magia conseguisse sará-los num instante, não conseguia criar carne e sangue a partir do nada. Esvaziou três malgas e, mesmo assim, estendeu a mão para uma travessa de fruta enquanto Arlen levava a louça.

Quando regressou, sentou-se em silêncio, vendo Jardir reduzir a travessa de fruta a um amontoado de caroços e sementes.

– Pergunta, Par’chin – voltou a dizer Jardir.

– Decidiste matar-me no calor do momento naquela noite no Labirinto – perguntou Arlen – ou a nossa amizade foi uma mentira desde o início?

Observou com cautela a aura de Jardir, sentindo algum gáudio quando a viu momentaneamente tingida pela dor e pela vergonha. Jardir recompôs-se rapidamente e olhou para cima, enfrentando o olhar de Jardir enquanto expirava longamente, inflando as narinas.

– As duas coisas – respondeu. – E nenhuma delas. Depois de te ter lançado os dados naquela primeira noite, Inevera disse-me que te aceitasse como um irmão e te mantivesse por perto, pois um dia precisaria de te matar para chegar ao poder.

Arlen sentiu um aperto dentro de si e, sem o desejar conscientemente, a magia em redor entrou por ele dentro, fazendo brilhar as guardas na sua pele.

– Não me parece que tenham sido as duas coisas – disse, cerrando os dentes. – Ou nenhuma delas.

Jardir teria percebido certamente o brilho das guardas, mas não deu disso qualquer indicação, mantendo o olhar fixo nos olhos de Arlen.

– Não sabia nada de ti, Par’chin, além do confronto entre Sharum e dama que o teu pedido para lutar no Labirinto quase provocou. Pareceste-me um homem honrado, mas, quando o teu demónio da rocha rompeu a muralha, não soube o que pensar.

– Falas como se Um Braço fosse um animal doméstico escondido que tivesse tentado levar comigo pelo portão – comentou Arlen.

Jardir ignorou o comentário.

– Depois disso, quando os alagai começaram a entrar pela brecha e o desespero invadiu os corações dos homens mais corajosos, ergueste-te com bravura e sangraste a meu lado, disposto a dar a vida para capturar o demónio e repor a normalidade. Não menti quando te chamei irmão, Par’chin. Teria dado a vida por ti.

Arlen acenou afirmativamente.

– Quase o fazias em mais do que uma ocasião nessa noite e o Criador saberá quantas vezes depois disso. Mas foi tudo fingido, não? Sabias que terias de me trair um dia.

Jardir encolheu os ombros.

– Quem poderá dizê-lo, Par’chin? As previsões permitem-nos uma possibilidade de mudar o que é visto. São vislumbres do que poderá acontecer e não do que acontecerá. De que serviria se fosse de outra forma? Se me julgasse imortal e começasse a correr riscos desnecessários que teria

evitado de outra forma...

Arlen quis argumentar, mas havia pouca coisa que pudesse dizer. As suas palavras eram justas.

– As profecias de Inevera são vagas e, frequentemente, não são o que parecem – continuou Jardir. – Passei anos a refletir acerca das suas palavras. Falou em *matar*, mas o símbolo no dado tinha outros significados. Morte, renascimento, conversão. Tentei converter-te ao Evejah ou encontrar-te uma noiva e fixar-te em Krasia, esperando que, se deixasses de ser um chin e renascesses como evejano, cumprisses a profecia, permitindo-me poupar-te.

Quase todos os homens que Arlen conheceu em Krasia tentaram encontrar-lhe uma noiva em algum ponto, mas nenhum se esforçara tanto como Jardir. Nunca lhe passara pela cabeça que o teria feito para lhe salvar a vida, mas não havia indícios de mentira na sua aura.

– Parece-me que acabou por se concretizar de certa forma – disse Arlen. – Parte de mim morreu nessa noite e renasceu nas dunas. Isso é tão certo como o nascer do Sol.

– Quando me mostraste a lança pela primeira vez, reconheci-a – disse Jardir. – Senti o seu poder e precisei de conter o desejo de ta tirar imediatamente.

Arlen arreganhou os dentes.

– Mas foste demasiado cobarde. Em vez disso, decidiste conspirar e atrair-me para uma armadilha, deixando que os teus homens e um fosso de demónio fizessem por ti o trabalho sujo.

A aura de Jardir incendiou-se com uma mistura de culpa e raiva.

– Também Inevera me disse que te matasse para me apoderar da lança. Ofereceu-se para te envenenar o chá se não quisesse sujar as mãos. Ter-te-ia negado uma morte de guerreiro.

– Como se isso fizesse a diferença – exclamou Ahmann. – Traição é traição, Ahmann.

– Faz a diferença – disse Jardir. – Podes julgar que o Paraíso é uma mentira, mas, se te permitissem escolher a forma como morrerias, preferirias enfrentar a morte com uma lança na mão.

– Não tinha qualquer lança quando a morte veio reclamar-me, Ahmann. Tinha-la levado. Restava-me tinta e agulhas.

– Lutei por ti – argumentou Jardir, não mordendo o isco. – Os dados de Inevera regem a minha vida desde os doze anos de idade. Nunca antes e nunca depois os desafiei ou a ela. Nem mesmo por Leesha Papel. Se Inevera não tivesse demonstrado ser tão... notável, tê-la-ia magoado depois

de fracassados os meus argumentos. Parti para o Labirinto contrariado. Não mataria o meu irmão. Não o roubaria.

Arlen tentou interpretar as emoções na aura de Jardir, mas eram demasiado complexas, mesmo para ele. Era algo com que Jardir se debatera durante anos e que ainda não conseguira esclarecer. Pouco fazia para acalmar a sua sensação de traição, mas havia mais e ansiava por ouvir o resto.

– Que mudou? – perguntou.

– Recordei as tuas palavras – explicou Jardir. – Do alto da muralha, vi-te comandar os Sharum para limpar o Labirinto, com a Lança de Kaji brilhando com a intensidade do sol nas tuas mãos. Ouvi como gritavam o teu nome e percebi nesse momento que te seguiriam. Os guerreiros tornar-te-iam Shar'Dama Ka e avançariam contra o abismo de Nie se lho ordenasses.

– Receaste que te roubasse o cargo? – perguntou Arlen. – Nunca o quis.

Jardir abanou a cabeça.

– O cargo não me importa, Par'chin. Importa-me o meu povo. E o teu. Todos os homens, mulheres e crianças em Ala. Pois todos eles te seguiriam depois de verem os alagai sangrar. Vi-o na minha mente e foi glorioso.

– E depois, Ahmann? – perguntou Arlen, perdendo a paciência. – Que aconteceu?

– Foi como te disse, Par'chin – referiu Jardir. – Recordei as tuas palavras. *O Paraíso não existe*, disseste-me. E pensei para mim mesmo: sem esperança de um Paraíso, o que poderia manter-te justo quando o mundo inteiro se curvasse diante de ti? Que homem poderia deter tamanho poder sem ser humilde perante o Criador? Nie corrompe o que não consegue destruir e é apenas a nossa submissão a Everam a permitir-nos resistir aos seus sussurros e mentiras.

Arlen olhou-o, boquiaberto. A verdade das palavras estava marcada na aura de Jardir, mas não conseguia compreender.

– Dou corpo a tudo o que prezas, estando disposto a lutar e morrer na Primeira Guerra, mas traíste-me porque o faço pela humanidade e não por um lugar fictício no céu?

Jardir ergueu um punho.

– Aviso-te, Par'chin...

– Nucleados sejam os teus avisos! – Arlen bateu com a mão ainda pulsando com poder e a mesa explodiu, desfazendo-se num amontoado de fragmentos. Jardir afastou-se da destruição, assumindo uma postura de sharusahk.

Arlen sabia que não devia tentar lutar. Jardir era um adversário à sua altura no combate corpo a corpo. Enfrentara dama antes e conseguira sobreviver por sorte. Jardir estudara durante anos com os clérigos, aprendendo os seus segredos. Naquele preciso momento, quando Arlen era mais rápido e mais forte do que qualquer humano, Jardir conseguiria vencê-lo como se enfrentasse um mero rapaz. Por mais que Arlen quisesse enfrentá-lo em pé de igualdade, não haveria nada a ganhar e tudo a perder.

A perícia superior de Jardir no sharusahk seria irrelevante. A sua compreensão e controlo da magia era rudimentar, na melhor das hipóteses. Não tinha qualquer treino formal e faltava-lhe prática. Precisaria de algum tempo para conseguir controlar por completo as suas capacidades e, mesmo que conseguisse, não conseguiria igualar com relíquias hora o que Arlen, que tornara a magia parte de si, conseguia fazer. Se quisesse matar Jardir, conseguiria fazê-lo.

E malditos fossem todos. Arlen poderia conseguir que a coroa funcionasse sem Jardir, mas não havia grandes hipóteses de conseguir fugir com vida de Anoch Sun sem ajuda e nunca chegaria sozinho à corte dos demónios da mente. O Núcleo chamá-lo-ia, com a sua canção mais insistente, quanto mais se aproximasse.

Nie corrompe o que não consegue destruir. Palavras de fé, mas havia nelas sabedoria, mesmo assim. Qualquer criança ouvira o provérbio no Cânone explicando que o poder corrompe e que o poder absoluto corrompe absolutamente. O Núcleo permitia poder absoluto, mas Arlen não se atrevia a tocar-lhe. Perder-se-ia, absorvido e reduzido a cinzas como um fósforo atirado a uma fogueira de Solstício.

Inspirou profundamente para se acalmar antes de fazer qualquer coisa irrefletida. Jardir manteve a defesa erguida, mas a sua aura mostrava que não tinha qualquer desejo de lutar. Ambos sabiam o que estava em jogo.

– Fiz-te uma promessa na noite em que te abandonei nas dunas, Par’chin – recordou Jardir. – Atirei-te um odre de água e prometi que te encontraria na outra vida. E, se não tivesse cumprido a minha vontade de tornar Ala um sítio melhor, ajustaríamos contas.

– O momento chegou mais cedo – disse Arlen. – Espero que estejas pronto para ele.

* * *

Jardir olhou o céu quando saíram da torre, tentando deduzir onde estavam pela posição das estrelas. A sul e oeste da Fortuna de Everam, mas isso pouco lhe dizia. Milhões de hectares de terra selvagem separavam a grande

cidade da imensidão desértica. Talvez conseguisse encontrar sozinho o caminho de volta, mas só Everam poderia saber quanto tempo demoraria.

Não precisou de perguntar ao Par'chin o que pretendia alcançar com a sua saída da torre. Estava presente com clareza na sua aura e a aura de Jardir refletia a mesma informação. A esperança de lutar lado a lado contra os alagai, como tinham feito tantas vezes antes, podia começar a corroer a raiva e a desconfiança que ainda existiam entre eles.

A unidade vale qualquer preço, dizia o Evejah. Kaji referira-se a ela como a chave da Sharak Ka. Se conseguisse encontrar unidade de propósito com o Par'chin, teriam uma hipótese.

Se não conseguisse...

Jardir inspirou o ar noturno. Era adequado. *Todos os homens são irmãos na noite*, dissera Kaji. Se não conseguissem unir-se diante dos alagai, era improvável que conseguissem unir-se em qualquer outra circunstância.

– Não tardarão a captar o nosso cheiro – disse o Par'chin, lendo os seus pensamentos. – A primeira coisa a fazer será recarregar a tua coroa.

Jardir abanou a cabeça.

– A primeira coisa a fazer será devolveres-me a minha lança, Par'chin. Aceitei as tuas condições.

O Par'chin abanou a cabeça.

– Vamos por partes, Ahmann. A lança não irá a parte alguma, por enquanto.

Jardir fixou nele um olhar duro, mas percebeu que seria inútil. Conseguia perceber que o Par'chin não cederia e era escusado insistir. Ergueu o punho com os nós dos dedos cobertos pelas cicatrizes das guardas que Inevera lhe gravara na pele.

– A coroa começará a recarregar quando o meu punho golpear um alagai.

O Par'chin acenou afirmativamente.

– Não precisarás de esperar.

Jardir olhou-o.

– Sugeres que canalize mais da tua magia?

O Par'chin olhou-o com desagrado.

– Apanhaste-me desprevenido uma vez, Ahmann. Tenta esse truque outra vez e arrepender-te-ás.

– Então como? – perguntou Jardir. – Sem um alagai que possa canalizar...

O Par'chin interrompeu-o com um aceno da mão, indicando as imediações.

– A magia rodeia-nos, Ahmann.

Era verdade. Com a visão da coroa, Jardir via a noite clara como dia, com o mundo banhado pelo brilho da magia. Acumulava-se a seus pés como uma névoa luminosa perturbada pela sua passagem, mas continha pouco poder, tal como o fumo conteria uma fração do poder da chama.

– Não compreendo – afirmou Jardir.

– Inspira – disse o Par'chin. – Fecha os olhos.

Jardir olhou à sua volta e obedeceu, mantendo a respiração regular. Entrou no transe de guerreiro que aprendera no Sharik Hora, com a alma em paz mas pronta a agir a qualquer instante.

– Abre os sentidos com a coroa – disse o Par'chin. – Sente a magia que te rodeia, sussurrando como uma brisa delicada.

Jardir fez o que lhe dizia e conseguia realmente sentir a magia que se expandia e contraía reagindo à sua respiração. Fluía sobre Ala, mas era atraída pela vida.

– Canaliza-a delicadamente – ensinou o Par'chin –, como se inspirasses. – Jardir inalou e sentiu o poder entrando dentro dele. Não era a chama de um golpe desferido contra um alagai. Assemelhava-se mais à sensação do sol na sua pele. – Continua – disse o Par'chin. – Com calma. Não pares de expirar. Mantém um ritmo constante.

Jardir acenou com a cabeça, sentindo a continuação do fluxo. Abriu os olhos, vendo a magia a dirigir-se para ele vinda de todas as direções numa corrente contínua, como um rio correndo para uma cascata. Era um processo lento, mas o vão começou a preencher-se. Sentiu-se mais forte.

O júbilo que sentiu custou-lhe o seu centro e o fluxo cessou.

Olhou o Par'chin.

– Notável.

O Par'chin sorriu.

– É apenas o início, Ahmann. Teremos de percorrer este caminho durante mais tempo antes de estarmos prontos para enfrentar uma corte de demónios da mente.

– Não confias que empunhe a Lança de Kaji, mas dás-me os segredos da tua magia?

– A Sharak Ka vem acima de todas as coisas – lembrou Arlen. – Ensinaste-me a guerra. É justo que te ensine a magia. Os rudimentos, pelo menos. A lança é uma muleta que te serviu de apoio durante demasiado tempo. – Piscou-lhe o olho. – Mas não penses que te ensino todos os meus truques.

Passaram vários minutos assim, com o Par'chin orientando-o

delicadamente na canalização do poder.

– Prende-o no teu interior – disse o Par’chin, retirando um pequeno canivete do seu bolso. Abriu-o e segurou-o pela lâmina, estendendo o cabo a Jardir.

Jardir aceitou o canivete com curiosidade. Nem sequer estava guardado.

– Que esperas que faça com isto?

– Corta-te – explicou o Par’chin.

Jardir olhou-o, intrigado. A seguir, encolheu os ombros e obedeceu. A lâmina estava afiada e cortou-lhe a pele com facilidade. Via o sangue no corte, mas a magia que absorvera atuava já. A pele voltou a unir-se antes de começar a inchar.

O Par’chin abanou a cabeça.

– Outra vez. Mas prende o poder com mais força. Com força suficiente para manter a ferida aberta.

Jardir gemeu quando voltou a cortar a pele. A ferida começou a fechar como antes acontecera, mas Jardir canalizou a magia da carne para a coroa, travando a cura.

– A cura é grande quando tens os ossos no local certo e tens poder para dispensar – disse o Par’chin. – Mas, se não tiveres cuidado, podes sarar de forma retorcida ou podes desperdiçar poder que te será necessário. Agora, liberta apenas uma fração, enviando-a para onde for necessária.

Jardir libertou um fluxo contido de magia e viu a ferida sarar como se nunca tivesse existido.

– Excelente – considerou o Par’chin. – Mas não seria necessária tal quantidade. Dois cortes, agora. Sara um, mas não o outro.

Contendo o poder, Jardir cortou um antebraço e depois o outro. Fechou os olhos e inspirou profundamente, libertando uma fração da magia que antes usara e forçando-a a atuar apenas no braço esquerdo. Sentia o formigueiro no membro e abriu os olhos para ver o corte sarando lentamente enquanto o outro braço ainda sangrava.

Ouviu-se um uivo não muito distante. O ruído de demónios dos campos. Jardir olhou na direção de onde vinha o som, mas os alagai estavam ainda muito distantes.

– Canaliza poder daquela direção – referiu o Par’chin. – Permite que entre pelos olhos.

Jardir fê-lo e percebeu que, mesmo sem estarem diretamente visíveis, conseguia ver as criaturas à distância, correndo a toda a velocidade na sua direção.

– Como? – perguntou.

– Todas as coisas vivas deixam uma marca na magia ambiente – disse o Par’chin –, formando círculos concêntricos como uma gota de tinta na água. Consegues ler a corrente e ver além dos limites da tua visão.

Jardir semicerrou os olhos, estudando as criaturas que se aproximavam. Mais de uma vintena de demónios. Seria uma colheita e tanto. Os seus membros longos e cobertos de músculos retorcidos e os troncos curtos brilhavam ferozmente com poder.

– São muitos, Par’chin – comentou. – Estás certo de que não desejas devolver-me a lança? – Olhou o céu. Demónios do vento começavam também a voar em círculos, atraídos pelo brilho do seu poder. Jardir estendeu a mão para a sua Capa de Invisibilidade, pronto para a puxar, mas o Par’chin também lha retirara, obviamente.

O filho de Jeph abanou a cabeça.

– Não podemos enfrentá-los apenas com gaisahk. Ou nada faremos em Anoch Sun.

Jardir olhou-o com curiosidade. O significado da palavra era suficientemente claro, uma conjunção da palavra krasiana «gai», significando «demónio» com «sahk», significando «desarmado», mas nunca a ouvira antes.

– O sharusahk foi criado para permitir aos homens matarem-se uns aos outros. – O Par’chin ergueu um punho guardado. – Precisei de o transformar um pouco para que as guardas atuassem da forma adequada.

Jardir cruzou os punhos diante do coração e curvou-se numa vénia ligeira. Era a vénia tradicional de um discípulo de sharusahk perante o seu mestre. O movimento foi executado com perfeição, mas o Par’chin veria certamente o sarcasmo na sua aura.

Indicou com uma mão os demónios dos campos em aproximação rápida.

– Anseio avidamente pela minha primeira lição, Par’chin.

O Par’chin semicerrou os olhos, mas havia um indício de sorriso nos seus lábios. A sua face perdeu o foco por um momento e as suas vestes caíram, deixando-o vestido apenas com o bido castanho. Era a primeira vez que Jardir via aquilo em que o seu amigo se transformara. O Homem Pintado, como os nortenhos lhe chamavam.

Era fácil perceber porque os hortelões viam nele o Libertador. Cada centímetro da sua pele estava coberto com guardas. Algumas eram grandes e poderosas. Guardas de impacto. De proteção. Guardas de pressão. Tal como sucedia com Jardir, um demónio não conseguiria tocar o Par’chin contra sua vontade e os murros, cotoveladas e pontapés atingiriam os alagai como dardos de balista.

Outras guardas, como as que lhe rodeavam os olhos, as orelhas e a boca eram quase demasiado pequenas para ler, permitindo poderes mais subtis. Guardas de tamanho médio subiam-lhe pelos membros. Eram milhares no total.

Isso bastava para espantar, mas o Par'chin sempre fora exímio com as guardas. Os seus padrões, simples e eficientes, eram traçados com tal beleza que envergonhavam os iluminadores do Evejah, os dama que passavam a vida inteira copiando e ilustrando textos sagrados com tinta feita a partir do sangue de heróis.

As guardas que Inevera traçara na pele de Jardir eram toscas por comparação. Teria precisado de o esfolar vivo para se aproximar do que o Par'chin fizera.

Magia cobria a superfície das guardas, crepitando como eletricidade estática num tapete grosso. Pulsavam e palpitavam, com o seu brilho aumentando e diminuindo com ritmo hipnotizante. Mesmo alguém sem visão guardada conseguiria ver. Deixava de parecer um homem. Parecia um dos serafins de Everam.

Os demónios dos campos estavam próximos, correndo após verem a presa. Formaram uma linha longa, separados por alguns passos largos. Se passasse demasiado tempo a enfrentar o primeiro, teria o segundo diante dele, e assim sucessivamente, até os enfrentar a todos. Jardir retesou os músculos, pronto para correr em auxílio do seu amigo assim que o confronto começasse a desequilibrar-se.

O Par'chin avançou com arrojo, mas era bravata de guerreiro. Nenhum homem conseguiria enfrentar sozinho tantos demónios.

Mas o seu amigo voltou a surpreendê-lo, segurando o primeiro demónio com um movimento fluido e voltando contra ele o seu impulso numa perfeita projeção circular de sharusahk. Estalado como um chicote, o pescoço do demónio dos campos partiu-se um segundo antes de ser libertado pelos dedos do Par'chin. Com gesto preciso, lançou o alagai morto contra o seguinte na linha, fazendo-os cair aos dois no chão.

O Par'chin brilhava agora com intensidade. Nos segundos de contacto, canalizara magia considerável do primeiro demónio. Avançou, pisando a cabeça do demónio ainda vivo com um calcanhar coberto com guardas de impacto. Houve um clarão de magia e, quando o Par'chin se voltou para o demónio seguinte, Jardir conseguiu ver que o crânio tinha sido esmagado como um melão maduro.

Um estrondo e um guincho captaram a atenção de Jardir. Enquanto olhava o Par'chin, um demónio do vento mergulhara sobre ele, embatendo

violentamente contra o escudo guardado que lhe rodeava a coroa ao longo de vários passos em todas as direções e também para cima.

Everam amaldiçoe a minha tolice, pensou Jardir, censurando-se a si mesmo. Na sua juventude, nunca se distrairia ao ponto de perder a noção do que o rodeava. O Par'chin receava que a lança o tivesse desleixado, e talvez fosse verdade, mas a coroa era mais perniciosa. Começara a baixar as defesas. Algo que lhe custaria a vida em Anoch Sun. Os príncipes demónios tinham mostrado na Lua Nova que ainda tinham formas de o golpear.

Jardir lançou-se ao chão, com o demónio do vento tombando pesadamente. Tentou erguer-se, mais atordoado que ferido, mas, como o instrutor Qeran lhe ensinara tantos anos antes, os demónios do vento eram lentos e trapalhões no solo. O osso fino que esticava a membrana das asas vergava, não conseguindo suportar o peso do demónio e as patas traseiras da criatura dobravam-se pelo joelho, incapazes de se endireitarem por completo.

Antes de conseguir endireitar-se, Jardir avançou para o demónio, pontapeando-lhe as patas e usando o peso do corpo para lhe roubar novamente o fôlego. As guardas gravadas nas suas mãos não eram tão intrincadas como as do Par'chin, mas eram fortes. Sentou-se sobre o peito do demónio, demasiado alto para ser atingido pelas garras traseiras, e prendeu-lhe as asas com os joelhos. Segurou-lhe o pescoço com a mão esquerda e a guarda de pressão cortada na palma da mão cintilou, acumulando poder enquanto o golpeava repetidamente no osso vulnerável da órbita, imediatamente acima do bico cheio de dentes. As guardas de impacto nos nós dos dedos cintilaram também e sentiu o osso estalar e acabar por partir.

Depois, como o Par'chin lhe ensinara, canalizou, sentindo a magia do alagai, absorvida no centro de Ala, entrar dentro dele e enchendo-o de poder.

Outro demónio do vento mergulhou sobre ele enquanto enfrentava o primeiro, mas, desta vez, Jardir estava pronto. Aprendera em lições recebidas há muito que os demónios do vento em mergulho atacavam com as garras longas e curvas na articulação das asas. Conseguiam cortar uma cabeça com essas garras, abrindo as asas e travando o ímpeto enquanto seguravam a presa com as garras traseiras e voltavam a elevar-se com um grande batimento das asas.

Fortalecido pela magia, Jardir moveu-se com velocidade impossível, segurando o osso da asa do demónio do vento imediatamente abaixo da garra. Girou e lançou-se para diante, impedindo que o demónio abrisse as

asas e atirando-o ao chão, usando o ímpeto total do mergulho. Ossos quebraram e o demónio guinchou, contorcendo-se em agonia. Matou-o logo a seguir.

Erguendo o olhar, viu o Par'chin em combate incessante. Matara cinco demónios dos campos, mas os restantes, o triplo desse número, rodeavam-no.

Mesmo assim, não parecia correr perigo. Quando um demónio se lançou sobre ele, desfez-se em névoa. O alagai atravessou-o e embateu contra um dos seus semelhantes, tombando os dois num emaranhado de dentes e garras.

No instante seguinte, voltou a solidificar-se atrás de outra das criaturas, prendendo-a pelas patas dianteiras e entrelaçando os dedos atrás do seu pescoço numa chave de sharusahk. Ouviu-se um estalo e outro demónio avançou contra ele. Voltou a dissipar-se, solidificando a poucos metros de distância, pontapeando o demónio no ventre. Guardas de impacto no seu pé cintilaram, projetando o alagai vários metros pelo ar.

Jardir era o maior mestre de sharusahk do mundo e nem ele conseguiria resistir durante muito tempo à mistura de golpes e transformações em névoa do Par'chin. Contra os alagai, com os seus corpos poderosos e cérebros minúsculos, a técnica era devastadora.

– Não lutas com lealdade, Par'chin! – gritou Jardir. – Os teus novos poderes tornaram-te desleixado!

O filho de Jeph segurou as mandíbulas de um alagai com as mãos e estava prestes a forçá-las a abrir além do limite! O demónio emitiu um guincho agudo, debatendo-se selvaticamente, mas sem conseguir libertar-se. O Par'chin olhou Jardir, com diversão marcando-lhe a aura.

– Palavras ditas pelo homem escondido atrás do escudo guardado da sua coroa. Vem mostrar-me como se faz se já descansaste o suficiente.

Jardir riu-se, abrindo a capa. O corpo do Par'chin era estreito e os seus músculos faziam lembrar cordas grossas, contrastando muito com o volume dos músculos de Jardir, uma tela que Inevera pintara com a sua faca. Ajustou o campo guardado da coroa, aproximando-o do corpo, e avançando para o campo de batalha. Um demónio dos campos lançou-se contra ele, mas conseguiu segurar-lhe uma pata dianteira, partindo-a com uma torção sem esforço e largando-a a tempo de desferir um pontapé rotativo que atingiu o demónio seguinte na base do crânio. A guarda de impacto no interior do seu pé foi suficiente para lhe partir a espinha, matando-o imediatamente.

Os outros demónios, com a sua fúria sedenta contida depois do confronto

com o Par’chin, moveram-se em círculo, emitindo rosnados baixos e ameaçadores enquanto procuravam uma abertura. Jardir olhou o Par’chin, que recuara para observar. As suas guardas de proteção cintilavam ferozmente e Jardir conseguia ver o limite do escudo guardado que formavam. Cobria vários metros em todas as direções em redor do Par’chin, como uma bolha invisível de vidro impenetrável.

Os seus guerreiros teriam aclamado o Par’chin como Libertador naquela noite no Labirinto. Jardir acreditara que o motivo seria apenas a Lança de Kaji, mas, aparentemente, o Par’chin estava destinado para o poder. Era inevera.

Mas, estando destinado para o poder, isso não significava que fosse o Shar’Dama Ka. O Par’chin recusou pagar o preço final do poder, recusando-se a tomar as rédeas que o seu povo lhe oferecia. Ainda tinha muito a aprender.

– Observa, Par’chin – disse Jardir, pousando teatralmente os pés enquanto assumia uma das posturas mais básicas do sharusahk dos dama. Inspirou, consciente da envolvência, de todos os seus pensamentos e emoções, acolhendo-os e deixando-os partir. Olhou os demónios com concentração descontraída, preparado para reagir a qualquer momento.

Baixou a guarda, fingindo-se distraído, e os alagai morderam o isco. O círculo que o rodeava moveu-se enquanto todos os demónios dos campos avançavam diretamente para ele em uníssono com a precisão de uma carga de infantaria.

Jardir não mexeu os pés, movendo apenas a cintura, flexível como uma folha de palmeira, esquivando-se e torcendo-se enquanto se esquivava aos ataques e os defletia. Raramente precisou de mais do que a palma da mão para defletir dentes ou garras, golpeando patas ou a cabeça de demónios apenas para impedir que o tocassem. As criaturas caíam em emaranhados confusos, atordoados mas ilesos.

– Lutas ou limitas-te a brincar com eles? – perguntou o Par’chin.

– Ensino, Par’chin – replicou. – E serias sensato se te concentrasses na lição. És hábil com a magia, mas os dama rir-se-iam do teu sharusahk. Nas catacumbas do Sharik Hora ensina-se mais do que dogmas. O gaisahk tem mérito, mas tens muito que aprender.

Jardir emitiu uma pulsação de poder através da coroa, fazendo cair os alagai como se embatessem contra uma muralha de escudos. Recompuseram-se, rosnando e recomeçando a mover-se em círculos.

– Vamos – disse Jardir, voltando a pousar teatralmente os pés. – Posiciona-te e comecemos a lição.

O Par’chin desfez-se em névoa, surgindo a seu lado, com os pés pousados numa imitação perfeita da postura de Jardir, ouvindo-o grunhir a sua aprovação.

– Lutarás sem névoa. O sharusahk é a luta eterna pela vida, Par’chin. Não conseguirás dominá-lo sem o risco de morte.

O Par’chin enfrentou o seu olhar e acenou afirmativamente.

– É justo.

Enquanto os demónios voltavam a avançar, Jardir piscou o olho de forma trocista ao Par’chin.

– Mas não penses que te ensinarei todos os meus truques.

Jardir viu o sol iluminar os cadáveres dos alagai que tinham usado como alvos para treino de sharusahk. Demónios mais poderosos que os do campo e do vento chegaram durante a noite, atraídos pelo clamor da batalha. No fim, tanto ele como o Par’chin, tinham sido forçados a abandonar a teatralidade, lutando arduamente para vencerem apenas com gaisahk.

Naquele momento, os seus adversários jaziam a seus pés, destruídos, e erguia-se com o Par’chin a seu lado para lhes mostrar o sol.

Se Jardir vivesse até aos mil anos, nunca se cansaria daquilo. A pele dos demónios começou a chamuscar imediatamente, reluzindo como carvões em brasa antes de irromper em labaredas vivas, fazendo-o sentir o calor na face. Recordava-lhe diariamente que, por mais escura que fosse a noite, Everam regressaria sempre em força. Era o único momento de cada dia em que a esperança superava o fardo da tarefa de libertar o seu povo dos alagai. Era o momento em que se sentia uno com Everam e Kaji.

Olhou o Par’chin, pensando no que o seu ajin’pal infiel veria nas chamas. A visão guardada dissipava-se com o aumento da claridade, mas conseguia vislumbrar ainda a aura do seu ajin’pal e a esperança e determinação que a preenchiam naquele momento.

– Ah, Par’chin – disse, captando o seu olhar. – É tão fácil recordar o que nos separa que, por vezes, esqueço o que nos aproxima.

O Par’chin acenou tristemente com a cabeça.

– É verdade.

– Como encontraste a cidade perdida, Par’chin? – perguntou Jardir.

Arlen não conseguia ler a aura de Jardir durante o dia, mas o brilho curioso nos seus olhos disse-lhe que a pergunta não era fortuita. Jardir guardara-a

para o momento certo, esperando que Arlen descontraísse o suficiente.

E funcionara. Arlen soube que a sua face naquele momento diria a Jardir muita coisa que teria preferido manter em segredo. Ocorreu-lhe uma dúzia de mentiras, mas rejeitou-as. Se pretendia que percorressem o caminho juntos, teriam de o fazer como irmãos, com sinceridade e confiança, ou a sua tarefa estaria destinada ao fracasso antes mesmo do início.

– Tinha um mapa – disse, sabendo que não o satisfaria.

– E onde conseguiste esse mapa? – insistiu Jardir. – Não podes tê-lo encontrado nas areias. Um objeto tão frágil ter-se-ia desfeito há muito.

Arlen inspirou fundo, endireitando as costas e olhando Jardir nos olhos.

– Roubei-o do Sharik Hora. – Jardir abanou lentamente a cabeça. Era o gesto de um pai desiludido que sabia antecipadamente o que o filho fizera.

Mas, apesar da contenção, Arlen conseguia sentir a raiva crescente. Era raiva que ninguém sensato poderia ignorar. Preparou-se, pensando se conseguiria derrotar Jardir com a luz do dia, se a situação chegasse a esse ponto.

Precisarei de lhe arrancar a coroa, pensou, sabendo que pareceria muito mais simples do que era na realidade. Preferia escalar uma montanha sem corda.

– Como o fizeste? – perguntou Jardir com o mesmo tom cansado. – Não conseguirias entrar sozinho no Sharik Hora.

Arlen acenou com a cabeça.

– Tive ajuda.

– De quem? – insistiu Jardir. Mas Arlen limitou-se a inclinar a cabeça. – Ah! – exclamou Jardir. – Abban. Foi surpreendido muitas vezes a subornar os dama, mas não acreditei que pudesse ser tão arrojado ou que pudesse ter-me mentido durante tanto tempo sem ser descoberto.

– Não é estúpido, Ahmann – disse Arlen. – Tê-lo-ias matado ou pior. Terias feito algo bárbaro como cortar-lhe a língua. Não negues. Não foi culpa sua, de qualquer forma. Tinha para comigo uma dívida de sangue e quis o mapa como pagamento.

– Não o torna menos culpado – retorquiu Jardir.

Arlen encolheu os ombros.

– O que está feito, está feito. E fez um favor ao mundo.

– Fez? – perguntou Jardir. A sua expressão calma dissipou-se e olhou Arlen com ferocidade, avançando até os seus narizes quase se tocarem. – E se a lança não se destinasse a ser encontrada, Par’chin? Talvez não estejamos prontos para ela. Talvez tenhas negado o que era inevera, trazendo-a de volta antes do seu tempo. E se perdermos a Sharak Ka por

culpa da tua arrogância e da arrogância de Abban, Par’chin? Que faremos então?

A sua voz aumentou de tom enquanto falava e, por um momento, Arlen sentiu-se esmagado por ela. Roubar o mapa nunca lhe parecera certo, mas, mesmo naquele momento, voltaria a fazê-lo.

– Sim, talvez – concordou. – Se acontecer, a culpa será minha e de Abban. – Endireitou as costas, enfrentando o olhar de Jardir. – Mas talvez a nossa melhor hipótese de vencer a Sharak Ka tenha ocorrido há trezentos anos, quando havia milhões de humanos no mundo e os teus malditos dama nos esconderam as guardas de combate, trancando os mapas numa torre de superstição. Quem pagará o preço da arrogância se assim for? E se tiver sido isso a negar o maldito plano de Everam?

Jardir hesitou, perdendo parte da sua agressividade enquanto pensava na pergunta. Arlen reconheceu o sinal e recuou imediatamente. Abriu os braços, num gesto que não era de agressividade ou de submissão.

– Se Everam tiver um plano, não o partilhou connosco.

– Os dados... – começou Jardir.

– ... são mágicos. Não o nego – interrompeu Arlen. – Isso não os torna divinos. E nunca disseram a Inevera que devias impedir-me de ir a Anoch Sun. Disseram apenas que devias usar-me quando regressasse.

A raiva abandonou mais ainda Jardir enquanto ponderava aquela possibilidade. O seu velho amigo podia comportar-se como um tolo quando falava da sua fé, mas era um tolo sincero. Acreditava realmente no que dizia, ficando dividido enquanto tentava superar as hipocrisias do Evejah.

Arlen ergueu as mãos.

– Temos duas escolhas, Ahmann. Ou continuamos a discutir abstrações ou damos o nosso melhor na Sharak Ka, usando o que temos e decidindo depois quem tem razão.

Jardir acenou afirmativamente.

– Nesse caso, só há uma escolha, filho de Jeph.

Os dias passaram e o seu acordo experimental manteve-se. Jardir sentia que conseguia controlar melhor que antes a sua magia, espantado com o poder ao alcance dos seus dedos e com a visão limitada que dele tivera anteriormente.

Mas, apesar dos progressos, a Lua Nova aproximava-se mais com cada hora. Tanto ele como o Par’chin conseguiam correr a grande velocidade quando a magia os preenchia, mas Anoch Sun não ficava perto e

precisavam ainda de preparar as armadilhas.

– Quando partiremos para a cidade perdida? – perguntou, numa manhã, enquanto esperavam para mostrar ao sol as presas da noite.

– Esta noite – respondeu o Par'chin. – Acabaram-se as lições.

Com aquelas palavras, desfez-se em névoa. Jardir olhou atentamente, usando a visão da coroa, vendo-o descer por uma das muitas condutas através das quais a magia subia à superfície de Ala. O poder vital de Everam corrompido por Nie.

Não se ausentou durante mais que um momento, mas, quando regressou, a corrente de magia que o acompanhou disse a Jardir que tinha percorrido um longo caminho.

Trazia dois objetos nas suas mãos: uma capa e uma lança.

Jardir estendia a mão para a lança antes mesmo que o Par'chin solidificasse por completo. A sua mão atravessou-a na primeira tentativa, mas tentou novamente e conseguiu segurá-la, puxando-lha das mãos.

Ergueu a lança diante dos olhos, sentindo a vibração do seu poder e sabendo que era a verdadeira Lança de Kaji. Sem ela, sentia-se vazio. Uma carapaça de si mesmo. Recuperara-a e, por fim, o seu coração serenava.

Não voltaremos a afastar-nos, prometeu.

– Também precisarás disto. – Jardir ergueu o olhar quando o Par'chin lhe atirou a Capa de Invisibilidade de Leesha Papel. O seu braço apanhou-a antes que a bainha roçasse o chão.

Olhou o Par'chin, irritado.

– Insultas mestra Leesha tratando a sua capa assombrosa com tamanho desrespeito.

O presente de Leesha não era importante para o seu destino como a lança, mas não podia negar que o toque do tecido fino e a invisibilidade que lhe proporcionava mesmo contra os alagai mais poderosos o fazia sentir que o plano tresloucado poderia ter alguma hipótese de sucesso.

– Como te esconderás quando os alagai vierem ao túmulo de Kaji? – perguntou, vendo que o Par'chin não dizia mais nada. – Também tens uma capa?

– Não preciso de uma – respondeu o Par'chin. – Poderia traçar no ar as guardas de invisibilidade, mas até isso será inútil.

Ergueu os braços, expondo o interior dos pulsos. Tinham as guardas de invisibilidade tatuadas nos antebraços.

As guardas começaram a brilhar, enquanto as restantes na pele do Par'chin permaneciam escuras. Tornaram-se tão luminosas que Jardir deixou de conseguir ver os símbolos enquanto o filho de Jeph se tornava

translúcido e desfocado, fazendo lembrar o que acontecia quando se transformava em névoa. Jardir sentiu-se zonzo ao ver aquilo. Algo o impelia a afastar o olhar, mas sabia no seu coração que, se o fizesse, não conseguiria encontrar o Par'chin quando o olhasse novamente, mesmo que este não se movesse.

No momento seguinte, recuperou o foco. O brilho das guardas extinguiu-se e tornaram-se outra vez legíveis. Os olhos de Jardir dançaram sobre elas e sentiu um nó na garganta. A arte de traçar guardas era como a caligrafia e aquelas tinham sido traçadas com as linhas onduladas distintas de Leesha Papel, as mesmas que estavam bordadas sobre a sua capa.

Normalmente, ver as guardas da sua amada fazia cantar o seu coração, mas não aconteceu naquele momento.

– Mestra Leesha guardou-te a pele? – Não quisera que a pergunta se tornasse um rosnado, mas foi o que aconteceu. Imaginá-la tocando a pele nua do Par'chin era insuportável.

Para alívio de Jardir, o Par'chin abanou a cabeça.

– Guardei-me a mim próprio, mas as guardas são criação sua e copiei-lhe o estilo. – Acariciou os símbolos quase com amor. – Posso manter assim uma parte dela comigo.

Não lhe dizia tudo. A sua aura quase gritava que assim era. Jardir apurou a visão da coroa e captou uma imagem que se gravou a fogo na sua mente. Leesha e o Par'chin nus na lama, entregando-se como animais nos braços um do outro.

Jardir sentiu o coração acelerado no peito e ouviu-o palpitar com clareza. Leesha e o Par'chin? Teria acontecido realmente ou seria apenas uma fantasia por concretizar?

– Levaste-a para as almofadas – acusou, mantendo-se atento à aura do Par'chin para interpretar a resposta.

Mas a aura do Par'chin diminuiu, com o poder ocultando-se abaixo da superfície. Jardir tentou sondá-lo, mas a sua visão da coroa atingiu uma barreira invisível antes de alcançar o seu ajin'pal.

– Posso permitir-te que leias a minha aura superficial, mas isso não te dá o direito de entrares na minha cabeça – disse o Par'chin. – Vejamos se te agrada.

Jardir sentiu que o Par'chin canalizava magia através do seu corpo, absorvendo-a novamente, conhecendo-o tão intimamente como uma amante. Tentou travá-lo, mas o Par'chin surpreendera-o e, quando conseguiu erguer finalmente as defesas, estava feito.

Jardir apontou-lhe a lança.

– Matei homens por insultos menores, Par’chin.

– Então tens sorte por ser mais civilizado que tu – disse o Par’chin. – Porque o primeiro insulto foi o teu.

Jardir pressionou os lábios um contra o outro, mas não reagiu.

– Se estiveste com a minha prometida, tenho o direito de saber.

– Não é tua prometida, Ahmann – ripostou o Par’chin. – Ouvi-a dizer-to no penhasco. Será nucleada antes de se tornar a tua décima quinta esposa. Ou mesmo a primeira.

O Par’chin troçava dele.

– Se ouviste essas palavras ditas em privado, Par’chin, saberás que traz o meu filho no ventre. Se julgas ter algum direito sobre ela...

O Par’chin encolheu os ombros.

– É uma bela mulher e desejei-a durante algum tempo. Beijei-a um par de vezes e, numa ocasião, algo mais. – Jardir segurou a lança com mais força. – Mas não me pertence – declarou o Par’chin. – Nunca pertenceu. E também não te pertence a ti, Ahmann. Com bebé ou sem ele. Se não compreendes isso, nunca terás qualquer hipótese.

– Então já não a desejas? – perguntou Jardir, incrédulo. – Impossível. Brilha como o sol.

Ouviram-se cascos a galope e o Par’chin sorriu, voltando-se para ver a sua Jiwah Ka cavalgando a toda a velocidade banhada pela primeira luz da aurora. Montava uma égua enorme sem sela, trazendo atrás de si quatro cavalos de igual tamanho. Os seus cascos brilhando com magia cobriam a distância com o dobro da velocidade de um cavalo de corrida krasiano.

– Já tenho o meu sol, Ahmann – disse o Par’chin. – Quem tiver dois sóis arrisca-se a ser queimado.

Apontou Jardir enquanto avançava ao encontro da sua mulher.

– Já tens sóis suficientes para transformar as terras verdes noutro deserto. Pensa nisso.

Renna saltou da sela e Arlen recebeu-a nos braços, retribuindo-lhe o beijo. Concentrou-se, ativando as guardas de silêncio nos ombros. Jardir veria a magia e saberia que escondia as suas palavras, mas Arlen não acreditou que dissesse alguma coisa. Um homem tinha o direito de falar em privado com a sua mulher.

– Está tudo bem no Outeiro? – perguntou.

Renna também viu a magia e manteve a face escondida no peito dele enquanto falava, escondendo assim o movimento dos lábios.

– Tudo tão bem quanto seria possível. Espero que estejas certo quando dizes que será uma lua ligeira. Não estão preparados para muito mais, sobretudo sem nós.

– Confia em mim, Ren – disse Arlen.

Renna ergueu o queixo, fazendo-o perceber que indicava Jardir.

– Já lhe disseste?

Arlen abanou a cabeça.

– Esperava que voltasses. Digo-lhe quando nascer o Sol.

– Talvez te arrependas de lhe teres dado a lança – disse Renna.

Arlen encolheu os ombros e sorriu-lhe.

– Não estamos no Domin Sharum, com um monte de regras e obrigados a lutar com lealdade. Tenho Renna Fardos de prevenção se as coisas correrem mal. Não é assim?

Renna beijou-o.

– Sempre.

* * *

Jardir afastou o olhar, permitindo ao Par'chin e à sua jiwah privacidade para se saudarem. A sua chegada com os cavalos significava que a viagem para enfrentar os príncipes alagai estava próxima e Jardir ansiava pelo teste, mas havia também desilusão. Tinha conseguido entender-se finalmente com o Par'chin. A chegada da sua Jiwah Ka imprevisível podia perturbar esse frágil equilíbrio.

O Sol ergueu-se finalmente sobre o horizonte e Jardir inspirou profundamente, iniciando a sua meditação matinal enquanto os corpos dos alagai começavam a fumegar e a arder. Everam devolvia sempre o equilíbrio às coisas. Tinha de manter a sua fé, acreditando que tudo o que acontecia era inevera.

Quando as chamas esmoreceram, levaram os cavalos para o estábulo ao lado da torre escondida. De perto, os animais eram enormes, do tamanho de camelos. O cavalo selvagem que pastava pelas terras verdes tornara-se poderoso graças à sua luta noturna com os alagai. Os seus Sharum tinham capturado e conseguido treinar centenas deles, mas aqueles eram espécimes notáveis.

O macho negro que roçou o focinho pela mão do Par'chin, com o corpo coberto por armadura guardada e com a cabeça adornada por um par de chifres metálicos capazes de perfurar um demónio da rocha, seria sem dúvida a sua célebre montada, Dançarino do Ocaso. A égua malhada da sua jiwah tinha quase o mesmo tamanho, com guardas pintadas nas manchas e

gravadas nos cascos. Uma correia simples em couro rodeava-lhe o ventre, permitindo o equilíbrio de quem a montava.

Havia dois outros machos e uma égua, todos com selas e cascos guardados. Eram bestas poderosas e surpreenderia que Dançarino do Ocaso conseguisse mantê-los a todos na ordem. Batiam com os cascos e erguiam-se nas patas traseiras, mas acabaram por se deixar conduzir para o estábulo.

– Porquê cinco cavalos se somos apenas três? – perguntou. – Quem mais decidiste convidar para a nossa viagem sagrada, Par'chin? Dizes que precisas da minha ajuda, mas manténs-me na ignorância quanto aos teus planos.

– Pretendia que fôssemos três, Ahmann, mas esse plano encontrou algumas dificuldades. Espero que me ajudes a superá-las.

Jardir olhou-o com curiosidade. O Par'chin suspirou e indicou o fundo do estábulo.

– Vem comigo.

Puxou um velho tapete no caminho, sacudindo a camuflagem de pó e feno. Por baixo, havia um alçapão com uma argola. Ergueu-o e desceu para a escuridão. Jardir seguiu-o com cautela, vendo a jiwah do Par'chin descendo depois dele. Não a temia, mas a força da sua aura dizia-lhe que era poderosa. Suficientemente poderosa para permitir uma vantagem clara ao Par'chin se enveredassem pela via do confronto.

A visão da coroa regressou com a escuridão, mas as guardas do Par'chin começaram a brilhar, repelindo as sombras enquanto os conduzia até uma porta pesada reforçada com aço e decorada com guardas poderosas.

O Par'chin abriu a porta, iluminando o homem e a mulher presos no interior, vestindo apenas os seus bidos.

Shanjat e Shanvah, abraçados, ergueram o olhar e semicerraram os olhos para se protegerem da luz repentina.

OITO

O VERDADEIRO GUERREIRO

333 DR Outono

– Libertador!

Shanjat e Shanvah ergueram-se e afastaram-se. Sem véus ou túnicas, não havia nada que escondesse o rubor das suas peles ou a expressão culpada nas suas faces.

As suas auras refletiam o que era percetível nas suas faces, com a vergonha e o embaraço sendo quase palpáveis. Jardir avaliou a situação e a sua face ensombrou-se. Mesmo que Shanvah se tivesse deitado com ele voluntariamente, era filha de Shanjat e sua sobrinha. Por mais misericordioso que estivesse o seu espírito, não teria escolha que não fosse condenar à morte o seu velho amigo.

Pensou no assunto. Shanjat servira-o com lealdade desde a infância de ambos no sharaj e revelara ser um bom marido para Hoshvah, a sua irmã. Além disso, Jardir precisava de Shanjat e dos Sharum que comandava a seu lado quando a Primeira Guerra se iniciasse em pleno. Talvez pudesse adiar a sentença até ao fim da Sharak Ka, permitindo ao seu servo leal uma oportunidade para morrer nas garras dos alagais, levando consigo essa honra para o caminho solitário antes de se erguer diante de Everam para ser julgado.

– Perdoa-nos, Libertador. Não fomos dignos de ti! – gritou Shanjat antes que Jardir pudesse dizer qualquer palavra. Caiu de joelhos com Shanvah a seu lado, pressionando as testas e as mãos sobre o chão de terra. – Juro por Everam que tentámos todos os métodos ao nosso dispor para fugir e continuar a procurar-te, mas o Par’chin...

– ... usa magia de hora para fortalecer a nossa cela – concluiu Shanvah. Tinha as unhas sujas e rasgadas. Com a visão guardada, Jardir conseguia ver os arranhões nos locais onde ela e o seu pai tinham testado cada centímetro da prisão.

Olhou em redor, não vendo túnicas ou véus. Claro que o Par'chin os teria despido, revistando-os antes de os aprisionar. Nem ele seria tolo a ponto de lhes deixar instrumentos de fuga. A única coisa que havia ali era um penico coberto, demasiado pequeno e frágil para ser usado como arma eficaz.

De repente, foi Jardir a sentir-se envergonhado. A carícia de um pai à sua filha, ambos trancados numa cela sem luz, era um crime? Estivera pronto para presumir o pior, para condenar à morte um dos seus mais velhos amigos, quando a sua única culpa resultava do medo de não terem cumprido o seu dever.

– Sempre muito pronto para te voltares contra um amigo – murmurou o Par'chin. Jardir cerrou os dentes.

– Ergam-se com honra, irmão e sobrinha – disse. – O poder do Par'chin supera as vossas forças. Não há qualquer vergonha numa derrota às suas mãos.

Mantiveram-se os dois de joelhos. Quando Shanjat hesitou, Shanvah falou por ele.

– Não foi o Par'chin quem nos capturou, Libertador.

A maioria dos pais teria sentido raiva pela vergonha de ter uma filha falando antes deles diante do Libertador, mas Shanjat olhava-a com gratidão e com um orgulho que Jardir não o vira demonstrar por nenhum dos seus filhos.

– Fui eu – disse a jiwah do Par'chin. Jardir voltou para ela um olhar cético. Sabia que a mulher era notável, mas Shanjat e a sua filha eram kai'Sharum, a elite guerreira krasiana.

Shanvah ergueu o olhar para a jiwah do Par'chin.

– O seu sharusahk é patético, Libertador. Uma criança conseguiria derrotá-la. Mas a sua magia é forte. Mesmo com a nossa força noturna, conseguiu ser-nos superior. Os nossos escudos e lanças foram destruídos.

As palavras angustiaram a aura de Shanvah. Jardir canalizou através dela como o Par'chin o ensinara, vendo uma visão formar-se à sua volta. Viu Inevera ordenando a Shanvah que procurasse o Libertador desaparecido. Era a sua primeira missão, tão honrada que mal conseguia conter o orgulho. Uma hipótese de mostrar o seu valor ao Libertador e à Damajah.

E fracassou. Completamente.

Seguiu-se outra visão. A sua derrota às mãos da jiwah do Par'chin.

– O Par’chin venceu-me da mesma forma, sobrinha – disse. – Foste bem treinada, mas não seria sensato desafiares a sua Jiwah Ka... – Olhou Renna nos olhos – ... durante a noite. Durante o dia, será mais vulnerável ao sharusahk e não estará à tua altura.

A jiwah do Par’chin fitou-o com desagrado. Jardir sentiu o peso das auras alterar-se quando o equilíbrio foi restaurado. Shanvah viu Renna de uma nova forma. Avaliando-a como um predador avaliaria a presa.

Jardir gesticulou aos seus guerreiros que se erguessem e voltou-se para o Par’chin, furioso.

– Se o meu cunhado e a minha sobrinha tiverem sido maltratados...

– Não foram. – O Par’chin indicou-os com uma mão. – Pergunta-lhes tu mesmo.

– Não fomos, Libertador – confirmou Shanjat enquanto Jardir o olhava. – Deram-nos comida e água e pudemos descansar depois dos dias que passámos a procurar-te. O Par’chin tratou os ferimentos que sofremos quando a sua Jiwah Ka nos venceu.

Olhou a filha e o amor iluminou-lhe a aura.

– Sinto-me grato pelo tempo que me permitiu conhecer a minha filha.

Jardir compreendia bem. Conhecia mal as suas filhas, levadas para o Palácio das Dama’ting quando eram muito jovens. Tinham sido trancados ali como estranhos, mas, presos na escuridão, pai e filha tinham voltado a descobrir-se.

– Pensei que alguns dias de reflexão lhes seriam benéficos – disse o Par’chin.

– E agora? – perguntou Jardir. – Não permitirei que continues a envergonhá-los com a prisão, Par’chin.

– Não tos teria mostrado se pretendesse mantê-los trancados – disse o Par’chin. – Partimos ao anoitecer e não poderemos alimentá-los e esvaziar o penico. Levamo-los connosco.

Jardir abanou a cabeça.

– Não estão preparados para o caminho que trilharemos, Par’chin. Liberta-os. De uma forma ou de outra, a nossa tarefa estará concluída antes que consigam regressar à Fortuna de Everam.

O Par’chin abanou a cabeça.

Jardir fixou nele um olhar perigoso.

– E se os libertar mesmo assim? Que farás?

– Deixarei de acreditar que serás capaz de pôr a Sharak Ka em primeiro lugar – replicou o Par’chin. – Os demónios da mente conseguem devorar as memórias de alguém. E as vítimas nem sequer perceberão o que aconteceu.

Conseguem implantar ordens que são ativadas pela luz do dia. Poderá haver espiões em qualquer parte, Ahmann, e só teremos uma oportunidade. Quanto menos pessoas souberem que estamos vivos, melhor será.

– Shar'Dama Ka! – O grito chocou Jardir. Quando fora a última vez que Shanjat falara sem lhe dirigir previamente a palavra? Olhou o seu velho amigo, vendo que se curvava numa vénia demorada. – Se percorrerás um caminho perigoso, Libertador, é nosso dever defender-te com as nossas vidas.

Shanvah acenou afirmativamente.

– A Damajah ordenou-nos que não regressássemos sem ti. Não nos perdoará se te abandonarmos neste momento em que tanto necessitas da nossa ajuda.

– Podem ajudar-nos em Anoch Sun se tiverem a coragem necessária – disse o Par'chin. – Não devemos subestimar os príncipes. O teu poder será limitado enquanto mantiveres o escudo. Mesmo com Renna, ficaremos em desvantagem.

– Se dois guerreiros conseguirão desequilibrar as forças, porque não levar um exército connosco? – perguntou Jardir.

– E onde o esconderemos? – perguntou o Par'chin. – Consigo traçar guardas de invisibilidade no ar capazes de esconder duas pessoas, mas mais do que isso despertará atenções para a nossa presença e o esforço terá sido em vão.

Jardir suspirou. Não podia negar que se sentia confortado pelos seus dois súbditos, restaurando o equilíbrio perdido com a chegada da jiwah do Par'chin.

– Muito bem.

* * *

– Chegaremos à cidade perdida em cinco dias se esmagarmos demónios pelo caminho para aumentar a velocidade dos cavalos – explicou o Par'chin enquanto preparavam mantimentos, escolhendo comida e água para a travessia do deserto. Pouco ou nada haveria para se reabastecerem quando chegassem às planícies de barro seco. – Quatro dias se nos apressarmos.

– Não nos dá muito tempo para nos prepararmos antes da Lua Nova, Par'chin – disse Jardir.

O Par'chin encolheu os ombros.

– Não quero deixar sinais da nossa presença. Quanto menos tempo, melhor. Seja como for, não haverá muito para fazer quando lá chegarmos além de esperar. Poderemos preparar-nos no túmulo.

– Shanjat e Shanvah precisarão de novas lanças e escudos – disse Jardir.

– Tenho um esconderijo de armas no deserto – revelou o Par’chin. – Entretanto, posso pintar-lhes a pele com guardas de caulinegra e poderemos praticar juntos o nosso gaisahk.

– Sensato – considerou Jardir. – Conheço a perícia dos meus guerreiros, mas não vi a tua jiwah lutar.

– Comecei a ensiná-la uns meses atrás – disse o Par’chin. – Aprende depressa.

Jardir acenou pacientemente com a cabeça e convidou os cinco a treinar enquanto o Sol ia alto. O Par’chin e a sua jiwah trouxeram pincéis e pintaram guardas de impacto nos punhos, cotovelos e pés de Shanjat e Shanvah. Cortaram as mangas das túnicas que lhes devolveram para expor os símbolos.

Como se esperaria, os seus guerreiros depressa interiorizaram o gaisahk, mas até um noviço conseguiria fazer melhor os exercícios da jiwah. Shanvah não fora injusta na sua avaliação. Quanto muito, fora bondosa.

– Continuas a posicionar os pés de forma errada – disse-lhe Jardir, vendo-a terminar um sharukin. Já lhe corrigira a postura uma dúzia de vezes, mas continuava a não lhe dar ouvidos.

– Que diferença faz? – perguntou. – Este golpe teria esmagado o focinho de um demónio.

– A diferença, rapariga tola, é que, se houvesse outro demónio atrás desse, ficarias desequilibrada – ripostou Jardir. – A alagai’sharak não é um jogo em que o derrotado possa jogar no dia seguinte.

– Sei disso – afirmou Renna. Havia irritação nas palavras, mas acreditou nelas. Tentava posicionar os pés da forma correta, mas a manobra ia além das suas capacidades. Não era justo esperar que dominasse em dias o que os seus guerreiros tinham treinado durante a vida inteira. Mas não havia tempo para lições privativas.

– Shanvah ensinar-te-á sempre que pararmos sob o sol para descansar e dar de beber aos cavalos – ordenou.

– O quê?! – exclamaram as duas mulheres em simultâneo.

Jardir olhou a sobrinha.

– Não deverás causar-lhe dano. Porás de parte as emoções provocadas pela tua prisão.

Shanvah acolheu o que sentia e cruzou os punhos, fazendo uma vénia.

– A tua vontade será cumprida, Libertador.

– Digo-te o mesmo em dobro, Ren – respondeu o Par’chin. – Precisas destas lições, mas não esqueças que és muito mais forte que ela e

precisamos das duas inteiras quando chegar a Lua Nova. Será aprendizagem e não guerra.

Renna cuspiu no chão.

– Não partirei nada que não sare.

Afastaram-se as duas para iniciar a lição e o Par’chin abanou a cabeça.

– Vai arrepender-se de ter dito aquilo, não vai?

– Mais do que imaginas, Par’chin – disse Jardir. – Mas vi o orgulho na sua aura. Todos os guerreiros deverão compreender as suas fraquezas para conseguirem superá-las. – Olhou as duas mulheres. – Shanvah ministrará a mesma lição que a tua jiwah lhe ministrou antes.

O Par’chin riu-se.

– Talvez isso signifique que é ela a Libertadora.

Horas mais tarde, Arlen caminhou para trás e para diante no estábulo, vendo o Sol descer para o horizonte. Partiriam dali a poucas horas e estava ansioso. Arriscavam o destino de toda a humanidade com aquele plano.

E se estiver enganado?, pensou. *Um Fardos estúpido do Ribeiro de Tibbet querendo agitar o vespeiro com um pau, achando-se muito mais esperto que as vespas.*

Mas sabia no seu coração que aquela era a única forma. As pessoas que deixavam para trás tinham-se tornado fortes. Conseguiriam resistir. Tinham de o fazer. Esconderem-se atrás das guardas em cada Lua Nova era uma estratégia sem possibilidade de sucesso. Os demónios tinham a vantagem numérica e era impossível guardar o mundo inteiro. As cidades construídas sobre grandes guardas poderiam atingir a massa crítica um dia, mas apenas com partida antecipada.

Ouviu-se uma tábua do chão estalar e Renna surgiu, arrancando-o à reflexão. Sentiu-se aliviado até a olhar. Estava ensanguentada e coberta de nódoas negras, com um olho inchado. Lágrimas diluíam o sangue que lhe cobria a face e mantinha o braço direito partido imobilizado com a mão esquerda.

– Como estás, Ren? – perguntou.

Renna pareceu surpreendida por o ver. Sem dúvida, teria vindo ao estábulo para ficar sozinha. Encolheu os ombros, fatigada, passando por ele e entrando no compartimento de Promessa. Encostou-se à divisória e deixou-se deslizar até ao chão. Promessa roçou-lhe o focinho pela face enquanto endireitava o braço com um silvo, mantendo-o assim enquanto esperava que a magia no seu sangue o sarasse.

Arlen acenou afirmativamente, deixando-a sozinha. No interior da torre, viu Shanvah rindo-se com o seu pai enquanto preparavam o jantar. A rapariga era sete anos mais nova que Renna e não tinha a sua capacidade de recuperação, mas não ostentava qualquer marca. Parecia fresca como um amanhecer.

Oh, Ren. Abanou a cabeça. Jardir estava certo. Era uma lição de que Renna precisava com urgência. Uma lição que Arlen tentara (sem sucesso) ensinar-lhe. Agradava-lhe ser forte para intimidar as pessoas mais do que seria aceitável. Considerando aquilo por que passara, não surpreendia, mas...

Nie não se preocupa com os problemas de um guerreiro, dissera Jardir.

Mas havia uma diferença entre compreender a necessidade de Renna aprender um pouco de humildade e ver a sua esposa, o amor da sua vida, espancada e ensanguentada. A única coisa que o impedia de explicar a Shanvah a diferença entre lições e duelos era o facto de saber que Renna não quereria que o fizesse.

Noite. Nunca lhe perdoaria.

Não eras diferente quando chegaste a Krasia, pensou. Ragen ensinara-o a lutar e acreditara que nenhum homem conseguiria fazê-lo melhor. Até conhecer os instrutores krasianos.

Também não quisera ajuda. Os krasianos nunca o teriam respeitado se a tivesse pedido e Renna não era diferente. Conquistaria o respeito de Shanvah com o tempo.

Nessa noite, quando esmagaram um bando de demónios dos campos na estrada para Anoch Sun, o sharusahk de Renna estava melhor. Sarara e ficara como nova após repousar durante algumas horas, mas avançava para o combate com maior cautela. Não perdeu a selvajaria quando chegava o momento de atacar, mas passou a esperar o momento certo e preparava antecipadamente movimentações alternativas.

Receou que houvesse novo confronto com Shanvah quando o sangue de Ren fervilhasse e recuperasse a sua força noturna, mas as duas mulheres mantiveram a distância enquanto lutavam.

Só numa ocasião os seus caminhos se cruzaram. Shanvah preparava-se para o ataque de três demónios dos campos quando Renna ergueu uma mão e traçou rapidamente guardas no ar. Os demónios irromperam em chamas, ficando reduzidos a cinza antes de conseguirem alcançar a Sharum’ting.

A satisfação na aura de Renna foi palpável enquanto se virava sem esperar uma resposta. Shanvah teria conseguido lidar com os demónios sozinha, mas a mensagem era clara. A sua vantagem era temporária.

Durante a noite, Renna Fardos tinha poderes que não podia aspirar a igualar.

Na tarde seguinte, Renna voltou da lição ensanguentada e coberta de nódoas negras, mas sorria.

Era um começo.

O Par’chin levou-os pelos degraus de pedra fria abaixo, afastando-os do calor do deserto. O sol inclemente era uma provação familiar, mas Jardir não sentira saudades. Compreendia melhor porque Everam enviara o seu povo para ali para ser testado e fortalecido. O clima temperado e os recursos abundantes das terras verdes amansavam o seu povo.

A Sharak Ka terá de chegar em breve, pensou. Mas era um desejo tolo. Acima de tudo, precisavam de tempo. Os duques nortenhos não ajoelhariam sem luta. Precisaria pelo menos de uma década para unir as terras verdes e conseguir algo que se assemelhasse a unidade. Sem unidade, não tinham qualquer esperança de vencer a Primeira Guerra.

– Levem o que quiserem – disse o Par’chin a Shanjat e Shanvah quando chegaram ao fundo dos degraus. – Mas não se carreguem demasiado. Não vamos continuar a lutar depois de obtermos o que pretendemos. Vamos fugir a toda a velocidade com o Núcleo atrás de nós.

As palavras tinham sido casuais, mas, enquanto desciam para a escuridão, traçou guardas luminosas no ar e os guerreiros olharam boquiabertos o arsenal que tinham diante de si. Círculos guardados portáteis, arcos de vários tipos, dúzias de lanças e escudos, centenas de flechas e virotes. Pilhas de outras armas: martelos, machados, achas e punhais. Aparentemente, era tudo o que o Par’chin conseguira encontrar. E tudo estava coberto com guardas complexas no seu traço inconfundível.

Jardir esperou que os guerreiros corressem, mas hesitaram como khaffit levados à sala do tesouro de um Damaji e ouvindo que poderiam levar o que desejassem. Que poderiam escolher entre a vasta riqueza à sua frente? Ambos olharam o Par’chin como se houvesse um preço escondido.

– Avancem – incitou-os Jardir. – Explorem. Encontrem as armas que melhor encaixam nas vossas mãos. Não partiremos antes do amanhecer. Têm várias horas. Usem-nas bem. O destino de toda a humanidade poderá depender das vossas escolhas.

Os guerreiros acenaram afirmativamente, avançando com reverência. Começaram por hesitar, mas ganharam confiança enquanto erguiam armas, testando o seu peso e o seu equilíbrio. Shanjat girou uma lança na mão

durante uma sucessão de sharukin complexos enquanto Shanvah fazia o mesmo com todos os escudos que viu até encontrar um que lhe agradasse.

– Onde estão as outras câmaras? – perguntou Jardir ao Par'chin. – Quero descansar e recompor-me antes de seguirmos viagem.

O Par'chin encolheu os ombros.

– Só há esta câmara. Não dormia muito quando passava tempo neste sítio. Receio que não haja uma câmara de almofadas requintada para Vossa Senhoria. – Apontou uma bancada com uma pilha de trapos ao lado. Jardir saíra do sharaj há muitos anos, mas ainda reconhecia um saco-cama.

Recordou algo. Viu-se aninhado com Abban no chão duro e sujo, partilhando um cobertor fino que não conseguia cobri-los aos dois. Jardir recordava a escolha amarga entre ter ombros frios ou pés frios. Por sorte, tivera Abban consigo para poderem partilhar o calor corporal. Outros rapazes eram forçados a dormir sozinhos ou a aceitar o preço frequentemente exigido pelos rapazes mais velhos pelo privilégio de um companheiro. Jardir adormecia a tremer, ouvindo os seus gemidos abafados.

Quanto tempo passara desde que dormira em condições tão miseráveis? O Par'chin fizera-o durante anos, vivendo isolado da humanidade e concentrando-se apenas nas suas tarefas sagradas, construindo armas para enfrentar os alagai durante o dia e matando-os durante a noite.

Nem todos os hortelões são fracos, recordou a si mesmo.

– Posso tentar caçar um ganso se precisares de uma almofada de penas – propôs Renna depois de Jardir passar algum tempo calado, olhando o saco-cama. O Par'chin riu-se.

Insolente. Jardir acolheu o insulto, suprimindo uma resposta à altura. Ignorou a mulher, voltando-se para o Par'chin.

– Vivo em palácios porque é aí o meu lugar, Par'chin. Mas, como Kaji nos diz no Evejah: *O verdadeiro guerreiro...*

– ... *precisa apenas de pão, água e da sua lança* – concluiu o Par'chin. Encolheu os ombros. – Nesse caso, suponho que não seja um verdadeiro guerreiro. Os cobertores sempre me agradaram.

Jardir riu-se, anulando grande parte da tensão. Os restantes descontraíram visivelmente.

– Também a mim, Par'chin. Se viver até conseguir completar o Ahmanjah, acrescentarei o cobertor ao provérbio.

Dirigiu-se à escadaria sombria, encostando-se às escadas e deslizando até ao chão. Tinham cavalgado durante três dias, descansando apenas quando os animais atingiam os limites da sua resistência. A magia fazia-os avançar

a grande velocidade pela noite, mas, durante o dia, eram tão mortais como quaisquer outros. Até Jardir precisava de fechar os olhos por uma hora ou duas.

Mas o sono escapava-lhe. Sentia a mente acelerada, tentando compreender a dimensão do que tentavam fazer. O plano do Par'chin era arrojado e grandioso, mas faltava-lhe pormenor. Tal como em qualquer duelo, os golpes iniciais podiam ser planeados e podia preparar-se uma manobra de conclusão, mas, além disso... inevera.

Inevera. O seu conselho ser-lhe-ia útil naquele momento. Ter-se-ia sentido grato até pelos malditos dados. Estaria bem? Teria assegurado que Ashan seria o Andrah como tinham discutido na eventualidade da sua queda? Ou teria já sido morta pelos Damaji, juntamente com todos os seus filhos? Jayan teria matado Asome para tomar o poder? O seu povo estaria envolvido numa guerra civil?

Olhou os seus guerreiros enquanto pensava em toda a gente que amava. Talvez Shanjat e Shanvah estivessem mais seguros com ele.

Já tinham escolhido lanças, escudos e punhais. Eram armas familiares que podiam usar como extensões dos seus braços. Examinavam com curiosidade os arcos.

As armas de longo alcance não eram consideradas propriamente desonrosas em Krasia, mas atingir um alagai à distância era uma glória inferior à de enfrentar um demónio com lança. E, antes da redescoberta das guardas de combate, os arcos não conseguiam ferir os demónios. Tinham caído em desuso, ocupando uma parte mínima da formação dos guerreiros. Uma única tribo, os Mehnding, mantivera a prática, operando as catapultas e as balistas nas muralhas da Lança do Deserto, especializando-se depois em matar à distância com os seus arcos curtos, muitas vezes a cavalo.

Mas Shanjat e Shanvah eram Kaji e não Mehnding e os arcos longos nortenhos tinham pouco em comum com os seus parentes meridionais. Seguravam as armas com desconforto. De tal forma que até o Par'chin notou. Pegou numa aljava cheia e atirou-a a Shanjat.

– Dispara contra mim – ordenou, posicionando-se no extremo oposto da câmara.

Shanjat preparou uma flecha e olhou Jardir.

– Faz o que manda – disse Jardir, com um gesto da mão. Duvidava que uma flecha conseguisse provocar dano sério ao Par'chin, mesmo que o atingisse. E, vendo a forma tensa como Shanjat segurava a arma, parecia improvável que conseguisse.

Shanjat disparou e a flecha falhou o Par'chin por meio metro.

– Não me movo, guerreiro – disse o Par’chin. – Os alagai não demonstrarão a mesma gentileza.

Shanjat estendeu a mão e a filha passou-lhe outra flecha.

– Dispara de uma vez por todas! – O Par’chin bateu com a mão numa guarda de grande tamanho no centro do seu peito. Shanjat voltou a disparar, falhando por centímetros.

– Vamos! – gritou o Par’chin. – O filho de um khaffit comedor de porco conseguiria disparar melhor que isso!

Shanjat rosnou, erguendo outra flecha pronta a disparar. Compreendia o funcionamento da arma e a flecha seguinte teria atingido o Par’chin no ombro se este não a tivesse apanhado como um homem de movimentos velozes apanharia um moscardo.

– Patético – rosnou o Par’chin, erguendo a flecha. Voltou-se para Shanvah. – É a tua vez.

Assim que falou, Shanvah ergueu o arco e disparou. Jardir nem sequer percebera que o segurava.

O disparo foi certeiro e o Par’chin abriu a boca de espanto, desmaterializando-se a tempo de escapar ao projétil que atingiu a parede atrás dele.

Jardir ficou impressionado. Era um novato com o arco, mas Shanvah e as suas irmãs de lança tinham sido treinadas por Enkido, cujo nome era já uma lenda no Labirinto antes do nascimento de Jardir.

– Está melhor – admitiu o Par’chin enquanto voltava a solidificar. – Mas disparas a direito, como se o arco fosse curto. Funciona a curta distância. Conseguirás disparos mais fortes e com maior alcance se os arqueares.

– Vou ensiná-la – disse a jiwah do Par’chin. Jardir esperou que Shanvah protestasse, mas limitou-se a acenar afirmativamente.

– Quanto a ti... – disse o Par’chin, voltando-se novamente para Shanjat.

Shanjat atirou o arco ao chão.

– Não preciso desta arma de cobardes. A minha lança será suficiente.

– Parece-me que chegaremos a um momento em que tudo será resolvido com lanças e punhos – concordou o Par’chin. – Mas há mais em jogo do que a tua glória pessoal, Shanjat. Terás de aprender a disparar para conseguires proteger o teu mestre.

– Deverei dominar esta arma num dia? – perguntou Shanjat. – Tenho o meu orgulho, Par’chin, mas não chega a esse ponto.

– Não será necessário. – O Par’chin ergueu uma das bestas que as mulheres nortenhas preferiam. Era de madeira com o arco e o mecanismo de disparo em aço. A «corda» era um arame fino.

Também Shanjat reconheceu o engenho.

– Uma arma de mulher? Esperas que dance com véus para os alagai a seguir?

O Par’chin ignorou-o, pegando num escudo pesado de metal guardado sobre estrutura de madeira grossa e encostando-o à parede. Atravessou a câmara e ergueu-se ao lado de Shanjat. Com dois dedos, puxou a corda da besta até ficar presa com um estalido, colocando um virote na calha.

– Assim – disse, apoiando a arma contra o ombro e nivelando-a enquanto mirava. Passou-a a Shanjat, que a empunhou como lhe fora mostrado. – Dedo fora do gatilho até estares pronto para disparar – disse o Par’chin. – Coloca o alvo entre as linhas ao fundo, mantém as mãos firmes e aperta.

PTUM! O coice da arma surpreendeu suficientemente Shanjat para o fazer dar um passo atrás.

– Falhei – disse. Havia vergonha na sua aura e a sua expressão era severa enquanto devolvia a besta.

– Falhaste? – perguntou o Par’chin.

Shanvah atravessou a câmara com rapidez, erguendo o escudo para o examinar. Todos conseguiram ver o dedo que enfiou por um buraco.

– Um furo limpo. – Olhou para trás. A seguir, afastou-se para que os outros conseguissem ver o virote cravado na parede de pedra.

– Barba de Everam – exclamou Shanjat, olhando a arma com novo respeito. Tentou puxar a corda como o Par’chin fizera, mas, forte como era, não conseguiu.

– Usa a roldana. – O Par’chin apontou o mecanismo.

Shanjat girou a roldana com frustração crescente na face. Por fim, a corda fixou-se com um estalo e ergueu o olhar.

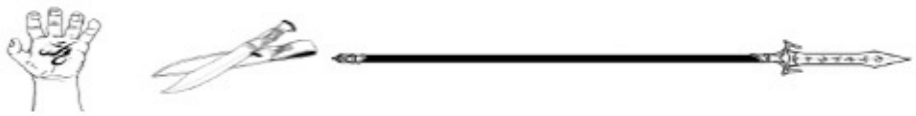
– Teria conseguido atirar três lanças neste tempo, Par’chin.

O Par’chin acenou afirmativamente.

– E ficarias sem lanças. Não te preocupes com a roldana. Com a força da noite, não precisarás dela.

Shanjat acenou com a cabeça, mas escolheu três lanças de arremesso leves além da besta e dos virotes.

– Durmam enquanto podem – disse-lhes Jardir. – Chegaremos a Anoch Sun antes do amanhecer, com apenas dois dias para preparação. – Imediatamente, Shanjat e Shanvah encontraram um espaço junto à parede e aninharam-se. Jardir fechou os olhos.



NOVE

ANOCH SUN

333 DR Outono

Enquanto o Sol se erguia, Arlen olhava a cidade perdida de Anoch Sun com coração pesado. Os krasianos tinham sido irresponsáveis no seu saque. Quando Arlen vivera nas ruínas, procurando os segredos da luta contra os demónios, tivera a preocupação de preservar o local, escavando com cuidado e deixando tudo intacto. As únicas relíquias que retirou foram armas e armaduras para poder estudar as guardas que continham. Recolocara no local devido a maioria dos objetos depois de aprender os seus segredos.

Os krasianos não tinham respeitado de igual forma a preservação do seu passado. A cidade parecia agora um campo de cultivo depois de devastado por uma praga de gafanhotos e por um exército de toupeiras. Enormes pilhas de terra e areia por toda a parte, pedras caídas que se tinham erguido durante milhares de anos. A terra estava coberta de buracos nos locais onde coberturas haviam sido destruídas para aceder a câmaras subterrâneas, expondo-as aos elementos pela primeira vez em milénios.

Só as grandes câmaras funerárias permaneciam intactas. Os krasianos tinham levado tudo o resto que tivesse valor, mas não ousaram mover os sarcófagos e perturbar o que restava dos seus antepassados sagrados.

– Estavas pronto para me matar por ter levado uma lança – murmurou.

– Não te pertencia, Par’chin – replicou Jardir. – Este local pertence ao meu povo. Aos krasianos. Não aos hortelões.

Arlen cuspiu para o chão do alto do cavalo.

– Não te preocupavas tanto com direitos culturais quando saqueaste Forte Rizon.

– Foi uma conquista e não um saque – argumentou Jardir.

– Roubar gente viva, espancando-a e matando-a, é mais honrado do que roubar gente morta há milhares de anos? – perguntou Arlen.

– Os mortos não conseguem defender-se, Par'chin – disse Jardir.

– E, mesmo assim, destruíram o local onde repousam os vossos antepassados – contrapôs Arlen. – Noite. A vossa lógica rodopia sem parar, não é?

– Tinha mil bocas para alimentar e nada aqui com que pudesse alimentá-los – disse Jardir. Esforçava-se para manter a calma, mas as suas palavras começavam a tornar-se mais tensas. – Tivemos de ser rápidos. Não houve tempo para vasculhar as camadas acumuladas sobre a cidade pelo tempo com escovas e instrumentos delicados. – Olhou Arlen com curiosidade. – Como conseguiste, Par'chin? Não há nada para comer aqui e, sem bagagem, não podes ter trazido muita coisa do Oásis da Madrugada.

Arlen sentiu-se grato por ter a aura escondida pelo sol matinal. A pergunta aproximava-se demasiado de um dos poucos segredos que ainda não estava disposto a partilhar com Jardir. Era provável que nunca o fizesse. Comera carne de demónio para se suster durante as semanas passadas em Anoch Sun, algo que sabia que os krasianos nunca compreenderiam apesar do poder que conferia.

– Fui buscar mantimentos – disse Arlen. Não era exatamente uma mentira.

Abanou a cabeça para afastar a ideia. Era inútil continuar a discutir. Mais do que nunca, precisavam de trabalhar juntos. Olhou Shanjat e Shanvah, vendo os seus olhares predatórios fixando-se nele e em Renna, como se esperassem a ordem de Jardir para os matarem enquanto o sol continha a totalidade dos seus poderes.

Mas Jardir não deu tal ordem. Eram aliados, para o melhor e para o pior.

– Acaba por ser positivo que tenham levado tudo o que tinha valor – disse Arlen. – Agora que os demónios sabem que existe. Isso é culpa minha, admito. Deixei-os entrar-me na cabeça.

– Inevera – disse Jardir. – Poderá ser essa tua falha a salvar-nos. Desta vez, pelo menos, saberemos onde o nosso inimigo atacará. Desta vez, a vantagem é nossa. Teremos de a aproveitar.

– A primeira coisa que teremos de fazer será encontrar um local perto do túmulo onde possamos prender os cavalos – referiu Arlen. – Pintaremos guardas de invisibilidade à volta. Talvez precisemos de partir rapidamente.

– E depois? – perguntou Jardir.

– Iremos ao túmulo de Kaji e escavaremos uma saída secreta – explicou.

– A seguir, encontraremos esconderijos e esperaremos.

– E depois? – perguntou Jardir.

Arlen expirou ruidosamente. Nucleado seja se sei.

– Um pouco mais para a esquerda – disse Renna, olhando a haste da flecha que Shanvah apontava ao céu. – O vento é mais forte quando a altitude aumenta. Tens de compensar.

Erguia-se atrás da mulher mais jovem, em bicos de pés para conseguir ver o mesmo que Shanvah. Renna nunca se achara baixa, mas o krasiano médio era alto pelos padrões do Ribeiro de Tibbet. Erguia só um pouco os calcanhares do chão, mas invejava os centímetros em falta.

Shanvah aceitou a correção com um aceno de cabeça e disparou. A flecha descreveu um arco alto sobre as dunas e atingiu com força o saco de areia que usavam como alvo. Não foi um tiro perfeito, mas não deixava de ser impressionante àquela distância.

– Como aprendeste isto? – perguntou Shanvah, baixando o arco. Passara a haver mais respeito na sua voz, mesmo que Renna não fosse tola ao ponto de considerar que havia amizade entre elas. – Tu própria disseste que não eras guerreira até há pouco tempo, mas manejas esta arma com demasiado conforto para que o Par’chin tenha sido o teu único professor.

Renna abanou a cabeça.

– O meu pai ensinou-me. Nem sempre havia comida suficiente em casa. Quem gostava de comer, tinha de caçar, por vezes.

Shanvah acenou com a cabeça.

– Entre o meu povo, só recentemente as mulheres foram autorizadas a tocar armas. Foi uma benesse teres um pai assim. Como se chamava?

– Harl – afirmou Renna com desprezo. – Mas não foi benesse nenhuma tê-lo como pai.

– Em Krasia, somos portadoras da honra dos nossos pais, filha de Harl – explicou Shanvah. – Do orgulho das suas vitórias e da vergonha dos seus fracassos.

– Então tenho muito que compensar – respondeu Renna.

– Se tivermos sucesso esta noite – disse Shanvah –, terás limpado os seus erros, dourando a sua memória. Mesmo que o teu pai fosse o próprio Alagai Ka.

– No que me dizia respeito a mim e às minhas irmãs, podia ser. – Renna sentiu uma palpitação na têmpora. Pensar no seu pai e na maldita quinta deixava-a sempre irada. Menos pelas memórias em si do que pelo que lhe

recordavam. Recordavam-lhe a velha Renna. Fraca. Assustada. Inútil. Por vezes, desejava que essa parte dela fosse um membro que pudesse cortar, libertando-se dele para sempre.

Shanvah fitava-a. Porque partilhavam histórias como rapariguinhas? Podia ser necessário que lutassem do mesmo lado, mas nenhuma delas confiava na outra e Renna não via motivos para que isso mudasse.

– Disseste que enfrentaste um deles – disse Shanvah. – Um príncipe alagai.

Como se falar da quinta de Harl não fosse suficientemente pessoal. Renna recordou o horror, a sensação de violação enquanto o demónio lhe invadia a mente, cravando-se profundamente nela como um escaravelho num tomateiro. Não havia outro assunto que desejasse evitar mais. Shanvah tinha direito de saber. Em breve, enfrentá-los-ia pessoalmente.

– Sim – disse Renna. – Mantém as tuas guardas mentais preparadas para a noite. Pinta-as na testa. Não confies numa tiara. Entram-nos dentro da mente, engolindo tudo aquilo que faz com que sejas... tu. Engolem-no e cospem só as partes que ferem os que amas.

Shanvah acenou afirmativamente.

– Mas mataste-o.

Renna mostrou os dentes, com a memória fervendo-lhe o sangue.

– Foi Arlen quem o matou. Cravei-lhe a faca nas costas e continuou a lutar.

– Que poderá fazer o meu arco a tal criatura? – perguntou Shanvah.

Renna encolheu os ombros.

– Queres que seja sincera? É pouco provável que faça alguma coisa. Contra um demónio da mente, será necessário desferir um golpe mortal ou será como se não tivesse havido qualquer golpe. Não confiaria num arco para isso. – Olhou Shanvah. – Mas serão Arlen e Jardir a preocupar-se com os demónios da mente. – Shanvah ficou tensa ao ouvir a referência informal ao seu tio, mas manteve a boca fechada. – Caber-nos-á a nós manter afastados os seus guarda-costas – prosseguiu Renna. – Os demónios da mente conseguem chamar outros demónios num raio de quilómetros, fazendo-os lutar com inteligência.

Shanvah acenou com a cabeça.

– Já mo disseram.

– Ouviste falar dos guarda-costas? – perguntou Renna. – Dos miméticos?

– Só ouvi rumores – disse Shanvah.

– São mais espertos que os outros nuclitas – respondeu Renna. –

Conseguem comandar e chamar demónios menores. Mas isso não é o pior.

– Mudam de forma – sussurrou Shanvah. Era tanto uma pergunta como uma afirmação.

Renna acenou com a cabeça.

– Conseguem transformar-se em qualquer coisa que lhes ocorra. Num momento, enfrentas o maior demónio da rocha que já viste e, no momento seguinte, passou a ter tentáculos ou asas. Achas que conseguiste imobilizá-lo e, de repente, passou a ser uma serpente. Achas que tens ajuda a caminho, mas, num piscar de olhos, passou a parecer-se exatamente contigo e os teus amigos não sabem quem devem mirar.

Shanvah não reagiu, mas o seu cheiro foi marcado por uma sugestão de medo e isso era positivo. Precisava de saber o que teria pela frente e de respeitar o seu adversário para conseguir sobreviver.

– O último que enfrentei matou mais de duas dúzias de homens antes de conseguirmos derrubá-lo – contou Renna. – Devastou uma unidade de dal'Sharum como um lobo devastaria uma capoeira. Matou meia dúzia, juntamente com os instrutores Kaval e Enkido. E mais outeireiros do que consigo lembrar. Se não fossem Rojer e...

Calou-se, notando os olhos arregalados de Shanvah. A jovem olhava-a boquiaberta. O seu odor alterou-se dramaticamente, preenchendo-se com horror crescente e com pesar enquanto as lágrimas começavam a inundar-lhe os olhos. Renna nunca a vira demonstrar tanta emoção.

– Que disse eu? – perguntou-lhe.

Shanvah continuou a olhá-la em silêncio durante muito tempo, movendo os lábios devagar, como se precisasse de esforço para formar palavras.

– O mestre Enkido está morto? – perguntou.

Renna acenou afirmativamente e Shanvah gritou de dor. Continuou até o fôlego lhe faltar e começou a soluçar.

Procurou desesperadamente algo numa bolsa pendurada do cinto enquanto chorava, retirando um frasco de vidro minúsculo que lhe escorregou dos dedos trémulos.

Renna apanhou o frasco antes de embater no chão, estendendo-lho, mas Shanvah não ergueu a mão para o receber.

– Por favor – implorou. – Apanha-as antes que se percam.

Renna olhou-a com curiosidade.

– Apanho o quê?

– As minhas lágrimas! – gritou.

Parecia um pedido bizarro, mas Renna vira as mulheres krasianas fazendo aquilo quando tinham vindo buscar os seus mortos na Lua Nova.

Abriu o frasco, olhando a boca larga, a aresta quase afiada, ideal para raspar uma lágrima da pele. Aproximou-se, apanhando uma gota antes que caísse e acompanhando o seu rasto com o frasco.

O choro de Shanvah aumentou mais ainda, como se sucumbisse voluntariamente à emoção. Por mais rápida que fosse, Renna precisou de esforço para acompanhar o ritmo. Shanvah conseguiu encher dois frascos.

– Que aconteceu ao demónio? – perguntou, quando chegou ao fim.

– Matámo-lo – disse Renna.

– De certeza? – insistiu Shanvah, inclinando-se para diante e segurando-a pelo braço.

– Fui eu a cortar-lhe a cabeça – disse Renna.

Shanvah recuou, parecendo tão destroçada como Renna alguma vez a vira. E tinha-a espancado até à inconsciência semanas antes.

– Obrigada – disse-lhe Shanvah.

Renna acenou com a cabeça, decidindo que seria melhor não referir que também tinha enfrentado Enkido quando o viu pela primeira vez.

Chegaram a Anoch Sun na primeira manhã da Lua Nova. Arlen levou-os até ao túmulo de Kaji e começaram a trabalhar, preparando a câmara.

Na escuridão sob as areias, Anoch Sun era um local de magia forte, ancestral e profunda. Estava embrenhada em cada partícula de pó, arrancada ao Núcleo com guardas poderosas ao longo de milhares de anos. Arlen alongou filamentos da sua magia para se juntar a ela e, imediatamente, sentiu a cidade ganhar vida como uma extensão do seu corpo. Vibrava de poder, conferindo-lhe força para as provações vindouras.

Jardir iniciou uma oração a Everam e Arlen engoliu o seu cinismo durante tempo suficiente para baixar a cabeça e ser educado. Conseguia ver a crença sincera nas auras dos krasianos e a força que daí lhes advinha.

Até Renna brilhava com crença, apesar de tudo o que lhe tinha sido feito em nome do Cânone.

Noite. Gostava de poder sentir o mesmo. Os outros estavam convencidos de que marchavam como parte do plano grandioso do Criador. Só Arlen compreendia que improvisavam pelo caminho.

– Basta – disse, por fim, parecendo-lhe que os cânticos continuariam para sempre e não conseguindo suportar mais. – A noite cai. Para as vossas posições e basta de barulho.

Jardir olhou-o com irritação. O Sol não se pusera. Mesmo assim, acenou com a cabeça. Não era o momento indicado para discórdia.

– Há sensatez nas palavras do Par’chin.

Shanjat e Shanvah formaram um nicho de emboscada num dos lados, afastado da parede, que Arlen cobrira com guardas de invisibilidade. A parede não pareceria interrompida aos olhos dos demónios.

Renna cobriu-se com a Capa de Invisibilidade e posicionou-se de um dos lados da pequena porta do túmulo. Arlen colocou-se do lado oposto, isolando-se da magia de Anoch Sun para que os príncipes nuclitas não sentissem a sua presença.

A hora seguinte, em silêncio e imobilidade, foi a mais longa da sua vida. Enquanto os minutos passavam, quase desejou que pudessem voltar às orações.

A noite caiu, mas o ataque não ocorreu imediatamente. Arlen sabia que era arriscado, mas, após uma hora, não conseguia suportar mais aquilo e abriu-se à magia da cidade, procurando sinais do inimigo com todos os seus sentidos.

Estavam lá fora. Noite. Eram milhares.

Os demónios da mente tinham estado dentro da sua cabeça. Conheciam o traçado da cidade e sabiam exatamente onde ficava o túmulo de Kaji.

Mas não tinham pressa. Tinham três dias para profanar e destruir a cidade e era óbvio que pretendiam saborear a tarefa. O solo tremeu quando os demónios iniciaram a destruição.

Durante toda a noite, Arlen esperou com os outros, silencioso e imóvel, com as vibrações graves e trovejantes do ataque dos nuclitas como sua única companhia. Mas os demónios nunca se aproximaram deles.

Guardavam Kaji para o fim.

Quando amanheceu, todos estavam tensos e exaustos, massajando músculos doridos enquanto fixavam em Arlen olhares intrigados.

– Prometeste que viriam, Par’chin – rosnou Jardir. – Aqui! A este local! Juraste pela tua honra. Em vez disso, insulto Kaji escondendo-me no...

– Virão! – insistiu Arlen. – Não o sentiste? Esta noite foi apenas o primeiro ato.

– Como podes saber isso? – rosnou Jardir.

– A cidade disse-mo – respondeu Arlen.

O olhar de Jardir perdeu a determinação.

– A... cidade? Enlouqueceste, Par’chin?

Arlen encolheu os ombros.

– Acredito que sim, mas não nesta questão. Há magia antiga aqui, Ahmann. Magia que tem estado no coração desta cidade desde os tempos em que era um sítio vivo habitado pelos teus antepassados. Abre-te a ela e falará contigo.

Jardir afastou os pés e fechou os olhos. Arlen conseguia ver a magia fluindo para ele, mas, momentos depois, abanou a cabeça, abrindo os olhos para o olhar.

– Há poder, como dizes, Par'chin, mas Anoch Sun nada me diz.

Arlen olhou Renna, que fechara os olhos e canalizara tal como Jardir fizera. Após um minuto, abriu os olhos e encolheu os ombros.

– Está aqui – reafirmou Arlen, afastando a possibilidade bastante real de ter enlouquecido verdadeiramente. – Só precisam de treinar a vossa audição.

– Que aconteceu? – perguntou Renna.

– Cercaram a cidade – disse Arlen –, mantendo o túmulo no centro. Vão destruindo de dentro para fora. Não tardarão a alcançar-nos. Não deixarão uma pedra intacta até ao fim da Lua Nova.

– Acho que perderei o juízo com outra noite assim. Mais ainda se forem duas – disse Renna, aproximando-se da porta. – Vou subir para apanhar ar.

Arlen atravessou-se no seu caminho.

– Acho que não é boa ideia. Não podemos deixar os demónios captarem o nosso cheiro.

– E então? Vamos passar três dias sepultados num túmulo? – perguntou Renna.

– Se for necessário – disse Jardir. – Morreremos aqui, se for preciso. – Arlen abanou a cabeça, mas Jardir prosseguiu. – Porém, não estou convencido da necessidade. Gostaria de ver a devastação com os meus olhos para assegurar que a voz que te fala não é a tua loucura. Se os alagai atacam com vigor suficiente para arrasar a cidade numa Lua Nova, não estarão atentos a cheiros.

Avançou para a saída, suficientemente lento para permitir que Arlen tentasse travá-lo, mas a sua aura deixou claro que seria tolice fazê-lo. Arlen acenou afirmativamente.

Retirou com cuidado a pedra guardada que bloqueava a entrada e subiu à superfície, onde um panorama devastador os aguardava.

* * *

Jardir contemplou a devastação de Anoch Sun com coração pesado. O

Par’chin tinha acusado o seu povo de destruir a cidade, com alguma razão, mas os krasianos mal tinham arranhado a superfície por comparação com a fúria dos príncipes alagai.

Os demónios da mente tinham deixado os seus servos divertirem-se, desenterrando arenito soterrado, destruindo-o e queimando-o até não restar mais do que areia e vidro. Como o Par’chin dissera, um círculo de destruição com quilómetros rodeava a área, fazendo lembrar um fosso. Uma cratera profunda estava repleta com os restos pulverizados do que outrora fora uma cidade grande e vibrante. Não havia nenhum pedaço de entulho maior que o pequeno punho de Shanvah.

Com a exceção dos corpos.

No limiar do círculo, os demónios tinham depositado os sarcófagos dos grandes líderes de Anoch Sun enquanto cada um era retirado do seu túmulo. Jardir ergueu a tampa de um e afastou a cara, horrorizado, deixando cair a tampa com vómitos.

O interior do sarcófago estava cheio até acima com imundície negra e viscosa de fedor insuportável. Foi óbvio que Jardir precisou de esforço para não vomitar a sua última refeição, cobrindo a boca e o nariz com o véu noturno de seda.

De pouco serviu. Os seus olhos ardiam com os vapores tóxicos, mas aproximou-se novamente, vendo pedaços do tecido usado para envolver o corpo do seu antepassado flutuando na imundície. Khanjin, o segundo primo de Kaji e um dos doze sagrados, jazia no interior, profanado.

Renna aproximou-se e também ela afastou a cara, enojada.

– Noite. O que é isto?

– Merda de demónios da mente. – Até o Par’chin parecia agoniado. – Só comem cérebros, o que a torna ainda mais repelente. Confere-lhe esta aparência viscosa. Cola-se a tudo o que toca.

– Arde? – perguntou Jardir.

– Sim – começou o Par’chin –, mas...

– Não deixarei os meus antepassados assim, Par’chin – disse Jardir.

– Deixarás – ripostou o Par’chin. – Talvez estejas certo e os nuclitas não nos cheirem, mas é tão certo como o nascer do Sol que o cheiro a fumo não lhes escapará se queimarmos a sua obra. Regressamos. Agora. Esperaremos que venham ter connosco e fá-los-emos pagar pessoalmente.

Jardir quis argumentar. Cada fibra do seu ser exigia que devia aliviar a desonra dos seus antepassados sagrados. Mas o Par’chin estava certo. A única hipótese de poderem equilibrar a balança seria fazendo os alagai pagarem bem caro pelo insulto.

Arlen sentia o peito apertado e precisou de forçar a respiração. Não se atrevia a tocar o poder de Anoch Sun para descobrir alguma coisa acerca do inimigo. Era a terceira noite da Lua Nova e os sons de destruição tinham-se aproximado mais ainda, até sentir que a câmara desabaria sobre as suas cabeças. Depois, de forma abrupta, a cacofonia cessou e o único som era o pó caindo à sua volta.

Mesmo sem usar a magia, Arlen conseguia sentir a aproximação dos demónios da mente. Não apenas de um, mas de muitos. Seriam demasiados, se não aproveitassem completamente a vantagem conferida pela surpresa. Talvez fossem demasiados, mesmo que o fizessem.

Criador, pensou, sentindo-se tolo por o fazer, s*e estiveres aí em cima, chegou o momento de intervires.*

Não houve resposta, claro. Arlen não a esperara, mas, desta vez, teria ficado satisfeito por estar errado.

Renna limpou o suor da palma das mãos no colete com atilhos apertados, fletindo os dedos. A sua mão não parava de descer para acariciar o punho da sua faca.

Do outro lado da câmara, Shanjat moveu os pés, ajustando a mão sobre a lança. Só Shanvah não dava sinais de desconforto. Não se movera durante horas. A sua aura estava tão neutra que até Arlen poderia pensar que dormia se não tivesse os olhos abertos.

Ouviu-se um silvo vindo de fora e o ruído dos demónios arranhando as guardas que bloqueavam a entrada. Arlen olhou as guardas de invisibilidade que traçara à volta da armadilha, pensando se seriam suficientes. Ativou a sua e viu Renna cobrir-se com a capa.

Ouviu-se um estrondo quando a grande pedra explodiu para dentro, cobrindo o interior com destroços. Renna gritou de surpresa, mas, posicionada ao lado da entrada, ficou a salvo da maior parte da explosão. Os outros não tiveram a mesma sorte. Shanvah ergueu o escudo a tempo, mas foi atirada ao chão e um grande pedaço de pedra atingiu Shanjat na cabeça, fazendo-o desabar no chão. Shanvah amparou-o, mantendo-o no interior das guardas de invisibilidade, mas era evidente que ficara inutilizado para o combate.

O pó caía quando o mimético rebolou para o interior, sem forma, fluindo sobre o chão como líquido. Com luz normal, teria parecido alcatrão a ferver, mas, com a luz das guardas, brilhava com magia do Núcleo. Todos ficaram tensos, observando, esperando para ver se a sua presença era

detetada.

Era sempre aquela a sensação de estar camuflado pela magia. Pensava se seria aquele o momento em que os nuclitas conseguiriam superar o véu. Arlen sentiu um aperto no peito e forçou-se a respirar.

Mas o mimético não deu sinais de os ter visto. Completou um círculo movendo-se no interior da câmara, fluindo à volta do grande sarcófago guardado e regressando à porta para aí formar uma poça. Uma forma ergueu-se no centro da poça e, como um homem saindo de uma tina de melaço, um demónio formou-se, erguendo-se até os seus ombros quase tocarem o teto baixo. Era corpulento e atarracado, com pernas poderosas e braços longos e musculados terminando em enormes garras de obsidiana.

Um demónio da mente entrou na câmara e Arlen sorriu, erguendo uma mão para imobilizar os outros até ao momento certo. O nuclita era pequeno, como os seus semelhantes que tinha encontrado, com membros esqueléticos e garras delicadas. Os chifres sobre a enorme cabeça inchada eram vestigiais e os olhos gigantescos eram espelhos líquidos e brilhantes.

O sorriso de Arlen diminuiu quando outro demónio da mente entrou na câmara. E outro depois desse. Não pararam de entrar até encherem todo o espaço. Eram seis ao todo. Avançaram para o sarcófago e as guardas que o cobriam começaram a brilhar ferozmente, mantendo-os à distância. Arlen conseguia ver a barreira impenetrável que rodeava a pedra como uma bolha. Os demónios conseguiam aproximar-se, mas não o suficiente para tocar. As guardas de Kaji eram demasiado poderosas.

Os demónios da mente mantiveram-se em silêncio durante algum tempo, estudando as guardas, com os crânios retorcidos palpitando enquanto comunicavam silenciosamente uns com os outros. Arlen conseguia sentir as vibrações no ar, mas, com as guardas mentais ativas, era apenas uma vibração.

Depois, em uníssono, viraram-se e dobraram os joelhos. Os vestígios do que teriam sido caudas ergueram-se e ouviu-se um ruído asqueroso enquanto libertavam um jorro de fezes negras e viscosas.

O fedor que preencheu a câmara minúscula foi avassalador. Os olhos de Arlen arderam e lacrimejaram e os seus pulmões ardiam quando inspirava. Invejou os véus dos krasianos, mesmo duvidando que servissem de muito. Houve uma perturbação ligeira na camuflagem enquanto Renna levava uma mão à boca para se impedir de vomitar. Mas os nuclitas, atentos ao sarcófago, não repararam.

Os demónios da mente brilhavam com magia poderosa, muito mais do que o mimético, superando a magia de qualquer outra estirpe de demónios.

Mas os príncipes nuclitas controlavam o seu poder por completo e não o deixaram escapar enquanto evacuavam. O jorro não continha qualquer magia, cobrindo as guardas e bloqueando o seu poder. O brilho das guardas esmoreceu e dissipou-se enquanto as guardas eram cobertas. Exposto ao ar, o fétido excremento endureceu imediatamente como uma camada de creto.

Arlen preparou-se. O momento certo não tardaria. Impediu a mão de tremer enquanto se preparava para dar o sinal. Não teriam uma segunda oportunidade.

Mas um ruído de garras sobre a terra no corredor deteve-o. De repente, os outros demónios da mente endireitaram-se e afastaram-se do sarcófago, aproximando-se das paredes e ajoelhando, com as garras no chão e os pescoços expostos enquanto outro demónio da mente entrava. Um deles estava tão próximo que Renna conseguiria tocá-lo se quisesse. Outro estava ao alcance de uma lança no local onde Shanvah se agachava, protegendo a forma inconsciente do pai.

Em aparência, aquele demónio era pouco diferente dos outros, pequeno e magro, com dentes finos afiados como agulhas e garras que quase pareciam frágeis, como as unhas pintadas de uma princesa angierana.

No entanto, o poder do demónio recém-chegado era avassalador. Era superior a qualquer coisa que Arlen alguma vez tivesse sentido numa única criatura, tanto como o poder de uma grande guarda do Outeiro. Podia não estar à altura dos outros seis demónios da mente juntos, mas não estaria longe disso. Arlen sabia que existia entre os príncipes nuclitas uma espécie de hierarquia baseada na idade e no poder, mas, da única vez que a presenciara em ação, a hierarquia fora mais de deferência ligeira do que de submissão completa. Aquele demónio seria suficientemente velho e forte para fazer os outros encostarem-se às paredes e exporem os pescoços.

Suficientemente poderoso para ver os humanos escondidos pela camuflagem das guardas? Retesou os músculos, preparando-se para atacar logo que percebesse que tinham sido descobertos. Voltou a sentir o aperto no peito, mas não se atreveu a respirar enquanto o demónio passava por ele, posicionando-se diante do sarcófago.

O seu crânio palpitava e o mimético moveu-se imediatamente, estendendo as garras para a tampa de pedra pesada, afastando-a. O poderoso demónio da mente moveu-se com graciosidade e força surpreendentes, posicionando-se de pernas abertas sobre a aresta estreita enquanto olhava o corpo mumificado do maior inimigo dos seus. Agachou-se, com a cauda vestigial erguendo-se para expor o ânus.

E foi nesse momento que Jardir, escondido no caixão e coberto pela Capa

de Invisibilidade, golpeou.

Antes que o demónio percebesse que ali estava, Jardir cravara a lança de Kaji entre as suas pernas, erguendo-o do túmulo. No mesmo instante, a coroa ativou-se, aprisionando-o num invólucro impenetrável de energia enquanto se erguia e voltava a golpear.

– Agora! – gritou Arlen, lançando-se sobre o demónio da mente mais próximo enquanto Renna e Shanvah atacavam. Renna decapitou o seu adversário, com a grande faca de caçador do pai cortando o pescoço fino como o cutelo de Leitão cortando a cabeça a uma galinha.

Também Shanvah desferiu um golpe mortal, com a ponta da lança trespassando o coração de um príncipe demoníaco, torcendo-a para desfazer o órgão. Os demónios da mente conseguiam sarar quase qualquer ferimento com velocidade assustadora, mas nem eles conseguiam remediar um golpe letal.

O alvo escolhido por Arlen voltava-se na sua direção quando lhe segurou os chifres, saltando e aplicando a força do movimento para lhe partir o pescoço. Não querendo ficar por ali, para que a criatura não sarasse até mesmo aquele ferimento horrendo, pousou-lhe um pé sobre o peito e continuou a torcer, fazendo girar a cabeça até a pele coberta de escamas e os músculos finos começarem a rasgar. Com um rugido, arrancou-a.

Os gritos psíquicos moribundos dos três demónios da mente explodiram numa onda. A experiência mostrara-lhe que a morte de um demónio da mente matava ou enlouquecia cada nuclita num raio de quilómetro e meio. Até Arlen, com a mente guardada, conseguiu ouvi-los. Era como se o próprio ar gritasse. Os demónios da mente que restavam e o mimético foram quem mais o sentiu, levando as garras à cabeça e urrando.

Arlen não lhes permitiu tempo para recuperarem, canalizando intensamente a magia ancestral de Anoch Sun. O poder reagiu imediatamente, como se estivesse ávido para vingar a destruição da cidade. Traçou guardas térmicas e de impacto, dispersando os demónios da mente e mantendo-os atordoados. A pedra estremeceu com a explosão, formando-se rachas nos pilares que sustinham o teto. Não se atreveria a invocar novamente tal poder. Se o seu objetivo fosse apenas matar os demónios, não teria hesitado em sacrificar as vidas de todos, mas jogavam um jogo diferente.

Avançou contra um dos demónios, girando e desferindo um pontapé guardado que o atingiu em cheio na garganta. Shanvah e Renna avançavam já para o apoiar.

Mas o demónio da mente virou-se para Arlen imediatamente antes de o

golpe atingir o alvo e a criatura desfez-se em névoa, apressando-se a deixar a câmara e a encontrar um caminho até ao Núcleo. O pontapé de Arlen rachou uma das pedras da parede e mais pó caiu do teto enfraquecido.

Os outros demónios da mente fizeram o mesmo, fugindo imediatamente. Arlen não esperara outra coisa. Os demónios da mente podiam submeter-se a poderes superiores, mas não conheciam a lealdade. Não teriam qualquer problema em permitir que os seus semelhantes morressem, abdicando da sua possibilidade de acasalar. Só o demónio da mente que Jardir aprisionara e o seu guarda-costas mimético permaneciam.

Jardir imobilizava o príncipe nuclita no chão, debatendo-se, mas o demónio era mais forte do que parecia e, mesmo que a coroa o impedisse de convocar ajuda ou de fugir, não conseguia usar os seus outros poderes enquanto mantivesse ativa a armadilha.

O príncipe dos demónios guinchou e o seu mimético reagiu, avançando em seu auxílio. Arlen traçou uma guarda de frio no ar, congelando-o, e Renna atingiu-o com um pontapé que lhe partiu uma das pernas. O membro embateu no chão e estilhaçou-se enquanto rodopiava para desferir o golpe letal.

Mas, antes que o golpe o atingisse, o mimético desfez-se numa poça e Renna desequilibrou-se quando o pontapé atingiu o vazio. Imediatamente, formaram-se tentáculos a partir da poça viscosa. As guardas na pele de Renna e no escudo de Shanvah impediram que o ataque tocasse o alvo, mas, mesmo assim, o ressalto da magia conseguiu derrubar as duas mulheres.

No entanto, não eram lutadoras novatas. Shanvah não perdeu o controlo da queda, agachando-se e voltando a erguer-se. Renna foi menos graciosa, mas, com a sua força noturna, conseguiu recompor-se rapidamente e estava pronta antes que o demónio conseguisse voltar a formar-se.

Não podiam subestimar o mimético. Guarda-costas brutais dos demónios da mente, eram também os capitães das forças nuclitas, dotados de inteligência muito superior à dos servos. Arlen sentia-o chamando reforços. Todos os demónios inferiores por perto estavam mortos ou tinham enlouquecido, mas, em breve, o chamamento do mimético chegaria aos que estavam além do alcance dos gritos psíquicos dos demónios da mente. Não conseguiriam erguer-se dentro do túmulo guardado, mas o túnel exterior não demoraria a encher-se de escamas e garras.

Arlen olhou Jardir, que continuava a debater-se com o demónio da mente, sabendo qual deveria ser a sua prioridade.

– Matem o mimético! – gritou a Renna e Shanvah. – Chama reforços!

E, ouvindo aquilo, afastou o olhar das duas mulheres e atacou o demónio da mente.

Renna e Shanvah atacaram em uníssono. A faca de Renna procurou o peito do mimético reconstituído enquanto Shanvah o atacava pela retaguarda.

Nenhum dos golpes atingiu o alvo. A carne do demónio dissolveu-se diante das armas guardadas como cera derretendo com a chama. A ponta da lança de Shanvah passou a centímetros da cara de Renna quando se desequilibrou.

– Guarda a porta! – gritou Renna. – Eu lido com isto! – O demónio golpeou-a, mas as guardas contra miméticos na sua pele iluminaram-se e as garra enormes conseguiram apenas projetá-la para trás em vez de a cortarem ao meio.

Shanvah olhou-a com incerteza, mas acenou com a cabeça, correndo para a porta e preparando o arco.

Renna traçou uma guarda contra miméticos no ar como Arlen lhe ensinara, canalizando intensamente a magia de Anoch Sun para alimentar o símbolo. O demónio foi lançado contra a parede mais distante e o teto voltou a estremecer. Tentou traçar outras guardas, aprisionando-o, mas as garras do mimético cravaram-se na parede, puxando um grande bloco de arenito e atirando-o contra ela. Renna projetou-se para um dos lados, mas não foi suficientemente rápida e sentiu a pedra roçar-lhe o ombro, lançando-a ao chão. Bateu com a cabeça no chão de pedra e viu um clarão.

Recuperou em segundos canalizando magia para sarar os danos e para lhe limpar os sentidos. Mas o demónio arrancara já outra pedra, sem se preocupar com o colapso iminente do túmulo, e tê-la-ia esmagado, não fosse a intervenção de Shanvah. A sua primeira flecha atingiu-o no braço, fazendo-o largar a pedra. A segunda atingiu-o na face, com as guardas fazendo filamentos de magia letal percorrerem-lhe o corpo. O demónio guinchou antes de se dissolver. A flecha pairou no ar por um momento enquanto o nuclita mudava de forma.

Arrancou um terceiro pedaço de pedra para lançar a Shanvah, mas Renna atirou a faca, arruinando-lhe a mira. A pedra desintegrou-se contra a porta e Shanvah conseguiu erguer o escudo a tempo. Antes que o mimético conseguisse recuperar, Renna aproximou-se, esmurrando e pontapeando com punhos e pés guardados. Alguns dos golpes atingiram violentamente o alvo e sentiu uma pontada do poder do demónio entrar dentro dela, mas outros atingiram névoa e, sendo verdade que o demónio não conseguia

tocar-lhe a pele, o impacto contra as suas guardas não era facilmente ignorado.

Um olhar a Shanvah e percebeu que também ela passava por dificuldades. Disparava rapidamente para o corredor que conduzia à entrada do túmulo e Renna ouvia os guinchos dos demónios da areia tentando responder ao chamado do mimético.

Arlen viu Jardir tentando controlar o demónio na mente sobre a merda de demónio que cobria o piso do túmulo. Jardir conseguira colocar-se atrás dele, pressionando-lhe a Lança de Kaji contra a garganta e fazendo-o projetar a enorme cabeça para trás enquanto silvava e gemia. A sua carne fervilhou e fumegou onde a lança a tocava.

Vendo que Jardir o imobilizava, Arlen hesitou por um momento para conhecer o seu adversário antes de atacar. Enquanto permanecia distraído, canalizou magia através do príncipe nuclita e tentou voltar a absorvê-la, procurando fraquezas.

Mas o demónio da mente estava preparado para o truque e, enquanto resistia a Jardir, capturou a magia canalizada por Arlen e prendeu-a dentro de si, não revelando nada.

A seguir, começou a inchar, com a pele macia endurecendo e cobrindo-se com escamas afiadas e duras. Os demónios da mente não conseguiam mudar de forma como os seus guarda-costas, mas, apesar de considerarem que o confronto físico não era digno deles, não eram indefesos.

Crescendo até passar os dois metros de altura, o demónio da mente ergueu-se, elevando Jardir do chão. Não conseguia fugir ou pedir ajuda enquanto Jardir mantivesse o escudo, mas os outros poderes da coroa eram-lhe negados enquanto o fazia e não podia usar a ponta da lança para matar o adversário, tornando inútil todo o esforço.

Arlen avançou antes que Jardir fosse forçado a libertá-lo, esmurrando o demónio repetidamente nas costelas e na face. Era como golpear uma parede. Sentiu os ossos do nuclita quebrarem sob os seus punhos guardados, mas, mesmo com a sua velocidade sobre-humana, soube que saravam antes mesmo de poder preparar novos golpes.

O demónio deu um salto para trás, esmagando Jardir contra a parede e cravando-lhe no corpo as escamas afiadas. Jardir gemeu, mas conseguiu continuar a segurá-lo enquanto dava um passo em frente para poder voltar a esmagá-lo.

Arlen não lhe deu hipótese, golpeando-o violentamente com o joelho e

inutilizando-lhe o membro. Pousou o joelho no chão, tentando afastar a lança que o asfixiava, mas as guardas impediam-no de fixar as garras. Arlen golpeou uma e outra vez a enorme cabeça, não permitindo ao demónio qualquer hipótese de contra-atacar.

De repente, o demónio encolheu, ficando mais pequeno ainda do que fora inicialmente. Libertou-se e traçou rapidamente uma guarda que fez explodir as pedras sob os seus pés, atirando Arlen e Jardir ao chão, de costas.

A Coroa de Kaji saiu parcialmente da cabeça de Jardir durante a queda e, nesse instante, o demónio desmaterializou-se e tentou fugir.

Mas Arlen preparara longa e arduamente aquele momento e não tinha qualquer intenção de perder a oportunidade. Desmaterializou-se imediatamente e perseguiu-o. Não era a primeira vez que enfrentava demónios naquele estado de existência imaterial intermédio e sabia que o confronto era mais uma questão de vontade do que de poder. Três demónios da mente tinham conseguido dominá-lo, mas estava seguro de conseguir enfrentar um. Com a salvação da humanidade em jogo, era impossível que a vontade do demónio conseguisse equiparar-se à sua.

O túmulo estava guardado e os blocos de pedra talhada no chão não permitiam qualquer acesso ao Núcleo. O demónio correu para a entrada onde Shanvah continuava a disparar o arco, tentando desesperadamente conter um ataque dos demónios que lutavam para responder ao chamado do mimético, vibrando no ar.

Arlen alcançou-o antes que conseguisse atravessar o túmulo, fundindo a sua essência com a dele, prendendo-o com mais força enquanto impunha a sua vontade à criatura.

Mas aquele demónio da mente não se assemelhava a nada que alguma vez tivesse enfrentado. Nem os três que enfrentara em simultâneo tinham conseguido superar as suas defesas com a facilidade daquele, penetrando-lhe a mente com a facilidade com que um homem calçaria um par de botas velho. Como fizera por instinto no seu primeiro confronto com um demónio da mente, Arlen abdicou das defesas, golpeando violentamente os pensamentos do demónio da mente, esperando encontrar uma defesa. Mas era como se tivesse tentado atravessar a grande muralha de Forte Krasia. Os pensamentos do demónio da mente permaneciam impenetráveis enquanto conseguia vasculhar com facilidade as memórias de Arlen e o seu ser.

Se tivesse voz, Arlen teria gritado.

Foi Jardir a salvá-lo. Enquanto Arlen atrasava a fuga do demónio, conseguira restabelecer a barreira e erguia a Lança de Kaji, atacando prontamente a nuvem formada pelos combatentes. Não era claro se teria

sentido que Arlen perdera a vantagem ou se decidira arriscar matá-los aos dois, não se importando com o resultado, mas a agonia que ambos sentiram afastou por um momento o demónio e Arlen solidificou, caindo pesadamente ao chão, com as guardas mentais novamente ativas.

Suspirou de alívio. Não era a primeira vez que o seu excesso de confiança quase o destruía. Seria tolo se voltasse a enfrentar a vontade daquele demónio. Teriam de encontrar outra forma.

Jardir colocou-se a seu lado, mas não lhe estendeu uma mão enquanto Arlen se erguia, não afastando os olhos da névoa brilhante do demónio da mente, que flutuava fora do alcance da barreira. No seu estado insubstancial, o demónio não conseguia traçar guardas ou fazer algo para os ferir. Pairou do lado de fora do escudo, procurando um vão que pudesse usar para fugir. Do outro lado do túmulo, Renna e Shanvah lutavam pelas suas vidas, mas não se atreviam a afastar os olhos do demónio da mente por um momento que fosse.

– Que fazemos, Par'chin? – perguntou Jardir. – Não conseguiremos manter isto por muito mais tempo.

– Não – disse Arlen. – Mas conseguiremos esperar durante muito mais tempo que ele. – Aproximou-se da parede, puxando a pedra pesada que bloqueara o seu túnel secreto para a superfície. – Arrastamo-lo connosco. O Sol não tardará a nascer.

Depois de proferir aquelas palavras, o demónio solidificou e atacou.

Renna foi novamente projetada contra a parede, perdendo o fôlego. Empurrou com força, afastando-se no preciso momento em que a tampa de pedra do sarcófago de Kaji, pesando dezenas de quilos, embatia contra a parede no local em que antes estivera.

Recompôs-se imediatamente, esmurrando e pontapeando, golpeando com cotovelos e joelhos, massacrando o demónio. Conseguia ver a sua magia canalizando de cada vez que sarava, mas não fazia diferença. Um deles esgotaria em primeiro lugar as suas forças, mas era impossível perceber qual dos dois seria.

O mimético manteve-se sólido, segurando um grande pedaço da tampa partida nas garras, usando-a como uma lâmina. Renna esquivou-se a um golpe, mas o ressalto apanhou-a, partindo-lhe o maxilar e rachando dentes.

Aproveitou o impulso do golpe para girar, ignorando a dor e sabendo que morreria se perdesse a concentração. Traçava guardas térmicas e de impacto enquanto embatia no chão e o resto da pedra explodiu na face do demónio

antes que conseguisse golpeá-la novamente.

O esforçou deixou-a zonza, mas canalizou com intensidade a magia que tinha por baixo, preenchendo-se com mais poder. Em tal quantidade que a queimou por dentro, secando-lhe a garganta. Transferiu toda a magia para uma guarda contra miméticos que fez o demónio embater na parede com tanta força que estilhaçou um pilar e parte do teto caiu sobre ele. Esmagado, com sangue negro jorrando sob os destroços, não perdera a determinação e Renna soube que não tardaria a formar-se novamente. Asfixiou com o pó, sentindo os olhos ardendo. Noite. Seria impossível matar aquela criatura?

Olhou Arlen e Jardir, continuando a enfrentar o demónio da mente, e Shanvah, usando lança e escudo para defender a porta. Percebeu que lhe cabia a ela manter o equilíbrio das forças. O mimético faria a balança pender para o lado dos demónios, destruindo toda a esperança.

Traçou uma guarda magnética e a sua faca, caída entre o entulho, voou para a sua mão. Um tentáculo formou-se no amontoado de visco negro que se espalhava pelo chão e Renna segurou-o e cortou-o. Derretia quando o atirou para o lado, vendo-o transformar-se novamente numa mancha negra sem vida. Conseguia sarar, mas não conseguia substituir a carne que lhe cortava.

Se fosse preciso, destruí-lo-ia um pedaço de cada vez.

O demónio pensou o mesmo e a poça fugiu-lhe, subindo pela parede acima e acumulando-se no teto. Renna saltou para lhe cravar a faca, mas não havia órgãos vitais para atingir ou algo que pudesse cortar. O aglomerado gelatinoso afastou-se da lâmina e um novo tentáculo golpeou-a por trás.

Precisou de um segundo para se reorientar, mas o demónio, recuperando a sua forma, caiu ao chão. As guardas de caulinegra eram fracas e Renna tinha a pele coberta com pó ancestral, formando uma camada misturada com sangue e o suor. O demónio ergueu para ela duas grandes garras e conseguiu segurar-lhe os pulsos, mas, enquanto se esforçava para manter a criatura à distância, com os braços estendidos, garras começaram a esmagar-lhe a garganta.

Renna pontapeou com força, mas o demónio imobilizava-a e acolhia os golpes, apertando cada vez mais. Sentiu a cara inchar e a cabeça palpitar enquanto tentava inspirar sem sucesso. Viu a grande bocarra do demónio abrir cada vez mais, com fileira após fileira de dentes expondo-se. Torceu-se e conseguiu atingi-los com o calcanhar, partindo um punhado enquanto soltava o pé. Ao contrário dos seus, os dentes do demónio voltaram a crescer enquanto a sua visão começava a turvar-se.

Tinha de conseguir escapar-lhe. Puxou inutilmente os braços do demónio, mas eram mais duros que aço. Tentou traçar guardas, mas o demónio golpeava-lhe as mãos com tentáculos, impedindo-a de formar símbolos precisos. Tentou deslocar-lhe o peso do corpo, mas tinha cravado garras no chão, mantendo-se firme.

Já não via nada quando o sentiu cravando-lhe os dentes. E não lhe restava voz para gritar.

Jardir baixara a guarda e tinha a lança pronta quando o demónio solidificou, mas, em vez de avançar para eles, o príncipe alagai pairava no ar como se estivesse sobre o solo. Ergueu uma garra, traçando guardas complexas no ar tão facilmente como Jardir, que aprovava centenas de documentos por dia, assinaria o seu nome.

O efeito foi imediato. Jardir tinha a lança preparada para absorver uma explosão de magia letal, mas não esperara que o chão de arenito sob os seus pés se transformasse em lama, engolindo-o com um ruído molhado de sucção.

Conteve o gemido antes de engolir lama, debatendo-se para tentar encontrar um apoio. A ponta da lança roçou pedra, mas os seus esforços para alcançar terreno sólido falharam. Como a maioria dos krasianos, Jardir nunca aprendera a nadar.

Era impossível perceber o que acontecia por baixo, mas Jardir sabia que a vida do Par’chin, de Ala inteira, dependia da sua defesa da armadilha. Acolheu o seu medo, concentrando-se na barreira da coroa e mantendo o demónio aprisionado.

Os seus pulmões ardiam enquanto os movimentos frenéticos pareciam puxá-lo mais ainda para baixo. Acabou por ceder, movendo os braços para se impelir em sentido descendente, esticando as pernas até roçar o fundo com os pés.

Descontraiu, dobrando as pernas por baixo do corpo e usando a lança para canalizar magia para dentro de si, endireitando as pernas para um salto desesperado para a liberdade.

Nesse momento, sentiu um frio mortal, suficientemente intenso para que as noites de inverno em Krasia parecessem um dia de verão. A lama à sua volta gelou e também ele ficou preso.

Arlen ponderou esticar-se para Jardir no momento em que a lama o engoliu

por completo, mas soube que era precisamente o que o demónio queria. O feitiço não conseguia atingi-los aos dois.

Em vez disso, decidiu encolher as pernas, saltando para golpear o demónio e atravessando uma ilusão. O demónio real teria de estar próximo e estaria sólido para conseguir traçar guardas. Mas, aparentemente, conseguia camuflar-se tão facilmente como Arlen.

Embateu contra o teto, provocando uma chuva de fragmentos de pedra e quase aterrando na lama que aprisionara Jardir. Antes de conseguir recompor-se, o demónio da mente traçou mais guardas, gelando a lama e prendendo-lhe a perna.

Arlen segurou o maior fragmento que conseguiu alcançar, atirando-o ao ar e traçando uma guarda de impacto. O arenito explodiu e, no jorro de pó, viu a silhueta do demónio erguendo os braços para se proteger. Lançou contra ele a sua faca guardada com toda a força, apoiou as mãos no chão e libertou a perna da lama congelada. Fraturas finas alastraram do local e tornaram-se mais profundas e numerosas no momento seguinte quando a rocha se ergueu.

Jardir continuava a lutar.

O demónio embateu violentamente contra o chão, perdendo a camuflagem. Tentou alcançar a faca nas costelas com uma mão, mas as suas garras fumegaram enquanto tentava segurar o punho. Arlen sorriu. Traçou a mesma sucessão de guardas que o demónio da mente usara momentos antes, mas o demónio percebeu o truque, flutuando sobre a lama tão facilmente como se pisasse solo. Dissipou-se e a faca preferida de Arlen soltou-se e afundou-se na lama, perdida para sempre.

Com a armadilha ainda ativa, o demónio da mente não podia ir muito longe e, no seu estado incorpóreo, não conseguia traçar guardas ou absorver magia. Arlen traçou uma sucessão rápida de guardas para atingir a nuvem com uma onda de choque, forçando-a a solidificar.

O chão voltou a estremecer e a Lança de Kaji rompeu a superfície da pedra. Arlen aproveitou o momento de distração, cobrindo rapidamente a distância. Segurou o demónio pelos chifres, fazendo-os fumegar com o contacto das suas mãos e puxando com força enquanto a guarda de impacto tatuada no topo da cabeça o atingia entre os olhos.

Sentiu o solo tremer enquanto Jardir tentava libertar-se, mas recusou ceder à distração, golpeando uma e outra vez a cabeça cónica do demónio. O príncipe nuclita voltara a aumentar de tamanho, ficando tão grande como um demónio da madeira e sendo muito mais forte. Arlen precisou de traçar guardas defensivas perto de si para conseguir atacar, permitindo ao

demónio que respondesse ao ataque. Empurrou-o com força e caíram ao chão, enfrentando-se.

– Até as criaturas de Nie respiram, Par’chin! – gritou Jardir. Arlen cerrou os dentes, acolhendo as garras e as escamas afiadas que o cortavam enquanto se esforçava para imobilizar o adversário.

Ouviu um som e percebeu que eram os seus gritos. Mesmo assim, manteve-se firme.

Renna ansiava por perder os sentidos. Mas, mesmo enquanto o demónio começava a devorá-la, não conseguia ceder. Canalizou a magia de Anoch Sun, esperando que algo pudesse ajudá-la, mas não conseguiu focar o poder com guardas ou usá-lo para trazer ar ao sangue que lhe fervia nas veias.

Nesse momento, ouviu algo a grande distância.

O chamamento do Núcleo.

Pelas fissuras na pedra, ecoava um cântico das profundezas de Ala. Era tal como Arlen o descrevera muito tempo antes. Chamando-a como um Jogral chamaria o seu público ou como os braços da sua mãe a chamariam para um abraço caloroso. Não haveria dor. Não haveria luta. Não haveria nada além do brilho quente do poder do Criador.

Tentou alcançá-lo e a dor dissipou-se. As garras do demónio fecharam-se sobre o vazio enquanto se afundava abaixo da superfície, ansiando por tocar aquele poder infinito, deixando toda a dor à superfície. Não haveria mais demónios. Não haveria mais gente, tão disposta a ferir como a ajudar.

Não haveria mais amanheceres, queimando-a enquanto roubavam a magia que absorvera durante a noite.

Não haveria mais Arlen, abraçando-a e sussurrando-lhe o seu amor.

Parou. Até onde tinha chegado? O Núcleo estava mais próximo e o seu cântico tornara-se um rugido, a superfície de algo distante. Forçou os sentidos a concentrarem-se no caminho atrás dela e conseguia distinguir a custo os sons da batalha.

Arlen, lutando ao lado do seu maior inimigo pela salvação da humanidade. Shanvah, ignorando o pai que se esvaía em sangue para conter uma horda demoníaca. E ela própria, fugindo para um abraço caloroso.

Inverteu o rumo, voltando a erguer-se pelas fissuras no chão. Viu o mimético golpeando o escudo que rodeava Arlen, Jardir e o demónio da mente, mas, tal como mantinha o demónio da mente no interior, a barreira também impedia a entrada do demónio. Por fim, voltou-se para Shanvah, avançando para as suas costas desprotegidas.

Renna quis travá-lo, mas não tinha membros. O seu corpo não tinha forma. Forçou-se a solidificar, mas, tal como Arlen advertira, não era fácil de conseguir. Sentiu a nuvem em que se transformara o seu corpo começar a recompor-se, mas reagia lentamente. Concentrou-se, recordando os seus membros e forçando-os a recuperar a forma, mas sabendo que não conseguiria a tempo. Com as garras erguidas, o mimético atacou.

PTUM!

Um virote perfurou o pescoço do demónio, provocando um jorro de sangue negro do lado oposto. O demónio voltou-se para Shanjat. Até um ferimento daquela gravidade começava a sarar enquanto o guerreiro pendurava a besta do ombro pela alça e avançava com a lança.

– Nie me leve, demónio, antes que te deixe tocar a minha filha! – O ataque de Shanjat foi irregular. A pancada na cabeça e a perda de sangue tinham-lhe custado grande parte da força e do equilíbrio, mas a mira manteve-se certeira. A lança cravou-se profundamente no demónio, fazendo-o uivar enquanto a magia era drenada e voltada contra ele em ondas de poder letal. Apenas uma fração dessa energia fluiu pela haste da lança, mas Renna via como reequilibrava a aura de Shanjat, trazendo-o novamente para a luta.

O demónio dissolveu-se à volta da lança, voltando a ganhar forma, mas também Renna estava novamente sólida, recuperada e mais forte que nunca. O seu murro esmagou a face do demónio, projetando-o mais uma vez para o lado oposto do túmulo.

– Defendam a porta! – gritou, atravessando a câmara num ápice e golpeando o demónio, mantendo-o desequilibrado e desconcentrado. Desfez-se em névoa, mas, desta vez, Renna juntou-se a ela, recordando a descrição de Arlen da sua batalha com o demónio da mente no caminho para o Núcleo. Misturou-se com a essência do demónio, prendendo-a com a sua e tocando-lhe a vontade.

O demónio não era inteligente por padrões humanos. Talvez tivesse a sensatez de uma criança, mesmo que isso fosse muito superior à capacidade dos demónios irracionais que constituíam a maioria dos seus.

Não era inteligente, mas a sua vontade era forte. Queria apenas proteger o seu demónio da mente e faria qualquer coisa para atingir esse fim. Renna intrometia-se no seu caminho e lutava desesperadamente contra ela.

Mas, enquanto a vontade do demónio se focava em proteger o demónio da mente, era toda a humanidade que estava em jogo para Renna. Toda a humanidade e Arlen, acima de todos. Se não conseguisse travá-lo, tudo estaria perdido e seria como se tivesse fugido para o Núcleo. Seria como se

tivesse cedido aos desejos do seu pai, tal como Lainie. De que serviria a sua vida inútil se não conseguisse fazer aquilo?

Prendeu a vontade do mimético no torno forte que era a sua e esmagou-a, dispersando-lhe a essência. Explodiu numa torrente de magia e desapareceu.

Jardir golpeou a lama endurecida com o pé da Lança de Kaji uma última vez, destruindo o último fragmento que o prendia. O Par'chin urrava de agonia enquanto enfrentava o príncipe alagai, mas o seu espírito Sharum permanecia intacto. Resistia.

Um único arremesso da lança conseguiria destrui-los aos dois. O seu maior rival e o alagai mais poderoso que alguma vez enfrentara. Podia matá-los e regressar em triunfo à Fortuna de Everam, reparando o caos que se tivesse instalado durante a sua ausência. Sem a liderança do Par'chin, a resistência dos hortelões desmantelar-se-ia e, no abismo, os servos de Nie estremeceriam de horror perante o poder dos guerreiros de Everam.

Bastava arremessar e conseguir viver com a traição pela segunda vez. Um preço pesado, talvez, mas algum preço seria demasiado alto para conseguir vantagem na Sharak Ka?

Não poderemos transformar-nos em demónios para conseguirmos enfrentá-los. As palavras do Par'chin ecoaram-lhe na mente.

Nie me leve, pensou, *antes de voltar a trair o meu amigo verdadeiro*

Guardou a lança no suporte que trazia às costas, puxou o capuz da Capa de Invisibilidade sobre a cabeça e enfiou a mão na bolsa que trazia à cintura.

O demónio enfraquecia. Arlen sentia-o. Conseguia canalizar o poder de Anoch Sun, mas o demónio da mente estava isolado pela barreira e as suas reservas esgotavam-se rapidamente. Mesmo assim, era um adversário difícil. Precisara de bloquear o poder das guardas que o impediam de lhe tocar a pele para conseguir segurá-lo e os ossos e pele do seu pescoço magro tinham enrijecido, parecendo-lhe duros como diamante. Feria tanto as mãos como feria o demónio.

Mas eu consigo respirar, pensou. *Ele não*.

A boca do demónio abriu-se num grito silencioso, expondo gengivas negras e dúzias de dentes afiados como agulhas. Os maxilares abriram-se num ângulo impossível, aproximando cada vez mais os dentes da sua cara.

Sentia o seu hálito nauseabundo. A sua saliva salpicou-lhe a face e agoniou-o.

Foi então que um punho atingiu os maxilares, quebrando dentes e afastando-os dele. Olhou, esperando ver Jardir, mas era Renna quem ali se erguia, com a magia tornando-a mais luminosa do que alguma vez vira. Havia na sua face uma expressão de determinação inabalável e o poder fazia brilhar a sua aura.

Sentiu lágrimas nos olhos e quis falar, mas só conseguiu continuar a segurar o demónio enquanto Renna o golpeava uma e outra vez.

Depois, subitamente, Jardir surgiu atrás dele, enfiando-lhe pela cabeça abaixo a corrente de prata que Arlen passara horas incontáveis a guardar. Antes de conseguir inspirar, Arlen soltou o demónio e Jardir apertou a corrente, iluminando as guardas.

O demónio estremeceu violentamente, tentando dissipar-se, mas esse poder foi-lhe negado. Regressou às suas dimensões esguias, esperando conseguir afrouxar a corrente, mas Jardir manteve-a apertada e, quando o demónio parecia incapaz de continuar a encolher, Arlen prendeu os aros com um cadeado.

Atacaram os três. Jardir rodopiava com a eficiência fluida dos sharukin enquanto prendia os braços do demónio em laços de corrente prateada como se atasse um porco para o festival do Solstício. O demónio pousou um joelho no chão e acabou por cair de bruços. Após um momento, deixou de se debater e a sua aura perdeu o vigor. Arlen fechou outro cadeado nos aros que lhe rodeavam o pescoço e abriu o primeiro, afrouxando ligeiramente o aperto e permitindo à criatura uma inspiração superficial.

O seu esforço fora demasiado para o deixarem morrer naquele momento.

Só depois disso Arlen olhou em redor, vendo os fragmentos de pedra e as secções caídas do teto. Não havia sinais do mimético além de algumas manchas enegrecidas na pedra.

Na porta, a batalha prosseguia. Shanvah, com a aljava vazia e a lança partida, erguia o seu escudo com um braço e o do seu pai com o outro, usando-os aos dois para repelir a torrente de demónios que avançava. Os seus pés tinham feito estalar o arenito enquanto resistia.

Shanjat estava um passo atrás, erguendo a besta. Shanvah moveu-se, abrindo um vão entre os escudos e Shanjat disparou sem perder tempo. O vão foi fechado imediatamente a seguir, enquanto puxava a corda pesada com dois dedos e posicionava um novo virote, voltando a abrir noutro sítio e permitindo-lhe novo disparo.

Antes que Arlen ou Jardir conseguissem reagir, Renna transformou-se em

névoa e atravessou o túmulo. Arlen abriu a boca de espanto quando a viu passar entre os dois guerreiros que bloqueavam a entrada com a facilidade de um vento forte, ouvindo sons de batalha vindos do lado oposto. O avanço dos demónios afrouxou, permitindo a Shanvah e Shanjat um momento para recuperarem o fôlego.

A seguir, o túmulo estremeceu quando Renna fez desabar o túnel. Pedras pesadas começaram a soltar-se do teto e a areia entrava com velocidade alarmante enquanto a câmara via os seus limites serem forçados.

– Temos de ir – disse Arlen.

– Kaji... – começou Jardir.

– ... ficará sepultado para sempre no local onde os seus herdeiros derrotaram o alagai mais poderoso a vir à superfície em milénios – concluiu Arlen.

Jardir acenou afirmativamente.

– Shanjat! Shanvah! Abram um caminho de fuga!

Os dois guerreiros afastaram-se da porta. Shanvah devolveu ao pai o seu escudo e correram os dois para o túnel de fuga escondido.

Renna materializou-se ao lado de Arlen. Precisou de mais tempo que ele, mas era já mais rápida do que ele fora nos primeiros meses em que experimentara a manobra.

Quis fazer-lhe perguntas acerca do seu novo poder, dizer-lhe como se sentia orgulhoso, como era grande o seu amor, mas não havia tempo e confiou que os seus sentimentos estivessem claros na sua aura para que todos os vissem.

– Avança e prepara os cavalos – disse-lhe. – Teremos de estar a quilómetros daqui quando o Sol nascer.

Renna sorriu e piscou-lhe o olho, voltando a dissipar-se em névoa.

DEZ

A REVOLTA CHIN

333 DR Outono

Inevera acordou com um zumbido no ouvido. Nunca tivera sono profundo e menos ainda em momentos de preocupação. Mal conseguira adormecer nos dias anteriores e despertou prontamente.

A vibração vinha de um dos seus brincos, oferendas concedidas aos seus servos e conselheiros mais fiéis como forma de poderem contactá-la e como forma de poder espiá-los. O de Ahmann mantivera o silêncio desde a sua queda. A montanha onde enfrentara o Par'chin estava muito fora do alcance. Mesmo assim, usava o brinco, rezando a Everam em cada amanhecer para que fosse aquele o dia em que o brinco voltasse a transmitir, assinalando o seu regresso.

Mas não era o brinco do seu marido a vibrar naquele momento. Inevera deslizou um dedo pela cartilagem da orelha, contando até sentir a vibração. O oitavo. Os khaffit não mereciam números sagrados.

Torceu a bola pendurada do brinco até provocar um estalido, alterando o alinhamento das guardas na circunferência dos dois hemisférios que albergavam o fragmento de osso de demónio. Com a ligação aberta, falou, sabendo que as suas palavras chegariam ao brinco idêntico do outro lado.

– O Sol ainda não nasceu, khaffit – afirmou em voz baixa. – Espero que seja importante ou mandarei cortar-te a...

– Ainda que aprecie muito a perícia das tuas ameaças, Damajah, receio que não tenhamos tempo para elas, se desejares ouvir as notícias que tenho antes que cheguem aos ouvidos dos Damaji.

As palavras de Abban eram tão desrespeitosas como sempre, mas o seu

tom seco não deixava dúvidas. As notícias abalariam a sua autoridade frágil num momento em que Krasia não precisava de mais instabilidade.

– Que foi? – perguntou.

– Estou aqui fora, cercado pelas tuas guarda-costas encantadoras e não posso falar livremente – disse o khaffit. – Será melhor que discutamos estas notícias pessoalmente. Convida-me a entrar, por favor.

Convidá-lo a entrar. Na sua câmara de almofadas privada. A que partilhava com o próprio Libertador. O khaffit arriscava a vida ao fazer tal sugestão. Entrar naquela ala do palácio motivaria cem sentenças piores se alguém o visse. Teria enlouquecido?

Não. Abban era muitas coisas, mas não era louco. Se estava ali, isso significaria apenas que tinha notícias que não podiam esperar e que eram mais preciosas do que a sua própria vida, não tolerando demoras. Inevera moveu rapidamente os dedos e uma sombra atravessou a câmara. Instantes depois, Ashia regressava com o khaffit.

– Fala – disse-lhe.

Abban olhou Ashia, que pairava a seu lado com uma expressão de reprovação. Voltou a olhar Inevera e inclinou ligeiramente a cabeça para a porta.

– Empenhaste a vida no momento em que passaste aquela porta, khaffit – disse Inevera. – Se não justificares a tua presença nos próximos segundos, Ashia cobrará a dívida.

Abban empalideceu. A arrogância habitual desapareceu-lhe da cara. Inevera via o medo que lhe marcava subitamente a aura. Não era simulado.

– Fala – disse novamente. – Ashia guarda-me o sono. Não há nada que não lhe confie.

– Os chin revoltam-se – disse Abban.

Precisou de um momento para compreender as palavras. Uma revolta? Dos hortelões?

– Impossível – considerou. – Impensável. Os chin de Forte Rizon quebraram como lousa sob o martelo quando os nossos exércitos chegaram e as aldeias renderam-se sem luta. Não ousariam opor-se-nos.

– A lousa parte facilmente – disse Abban –, mas deixa mil estilhaços capazes de cortar quem não for cuidadoso.

Inevera sentiu um aperto no estômago. Inspirou, encontrando o seu centro.

– Que aconteceu?

– Os sharaji de sete das aldeias chin estão em chamas – disse Abban. – Todos ao mesmo tempo, quando soaram as trompas que assinalaram o fim

da alagai’sharak, enquanto os guerreiros e os nie’Sharum mais velhos estavam no campo de batalha.

– As crianças? – perguntou Inevera. Os nie’Sharum mais velhos, rapazes com doze anos ou mais, eram sentinelas e mensageiros dos Vigias na alagai’sharak, mas os mais novos, entre os sete e os onze anos, estariam a dormir.

– Foram levados antes de os incêndios serem ateados – explicou Abban. – Crianças krasianas e chin. Os dama que os vigiavam foram brutalmente mortos.

Inevera firmou o maxilar. As crianças eram o elemento fulcral. Enviá-las para o Hannu Pash fora a mais dura exigência feita pelos krasianos aos chin quando estes se renderam e pousaram as testas no chão diante dos dama.

Os chin aceitavam lutar pelas suas crianças. Pensou em quanto tempo teriam passado a reunir-se em segredo, planeando aquilo. Mais perturbadora ainda era a questão das crianças krasianas, suficientemente jovens para terem as suas vontades vergadas. Criados como chin, poderiam ser espiões valiosos para os hortelões.

Sete incêndios. Sete aldeias. Não passava de uma fração mínima das centenas de aldeias em redor da Fortuna de Everam, mas era um número significativo. Um número sagrado. Não podia ser coincidência.

– Que tribos foram afetadas? – perguntou, parecendo-lhe que sabia já qual era a resposta.

– Shunjin, Halvas, Khanjin, Jama, Anjha, Bajin e Sharach – respondeu Abban. – As sete tribos mais pequenas. As que seriam mais prejudicadas pela perda de um sharaj e de uma turma de nie’Sharum.

Inevera não se surpreendeu. Os seus inimigos tinham-nos estudado bem.

– Capturaste os responsáveis? – perguntou Inevera.

Abban abanou a cabeça.

– Não me cabe capturá-los, Damajah. E os Sharum continuam a combater os incêndios para que não alastrem. Os culpados desapareceram na escuridão.

Uma escuridão que temiam antes da vinda dos nossos exércitos, pensou Inevera. *Ensinámo-los a erguerem-se na noite e usam isso contra nós.*

– Dizes que os incêndios continuam ativos – afirmou Inevera. – Como conseguiste esta informação tão depressa? Antes dos Damaji que governam as aldeias em questão e do próprio Andrah?

Abban sorriu e encolheu os ombros.

– Tenho contactos em todas as aldeias da Fortuna de Everam, Damajah, e pago bem por notícias que possam trazer-me lucro.

– Lucro? – repetiu Inevera.

– Há sempre lucro no caos, Damajah. – Abban olhou Ashia. – Mesmo que, antes disso, seja necessário resgatar a própria vida.

Inevera acenou com uma mão e Ashia afastou-se, desaparecendo nas sombras. Não saiu, mas, após um momento, até Inevera deixou de saber onde estava.

– Dentro de quanto tempo serão informados os Damaji? – perguntou Inevera.

Abban encolheu os ombros.

– Uma hora, no máximo. Menos que isso, provavelmente. Haverá sangue, Damajah. Rios de sangue, quando não conseguirem encontrar os responsáveis.

– Que te deixa tão certo de que não conseguirão? – perguntou Inevera, mesmo sem discordar.

– Passaram mais de seis meses desde que os conquistámos, Damajah, e os dama locais nem sequer falam a língua chin e muito menos compreenderão os seus costumes – disse Abban. – Em vez disso, impomos a nossa língua e os nossos costumes pela força.

– Os costumes do Evejah – disse Inevera. – Os costumes de Everam.

– Os costumes de Kaji – retorquiu Abban. – Interpretados por Damaji corruptos para os seus desígnios próprios ao longo dos séculos.

Inevera manteve os lábios fechados com força. Ouvira muitas vezes Abban sussurrando blasfémias ao ouvido do seu marido e, na verdade, concordara muitas vezes com as suas palavras, mas ignorar palavras que não deveria ter ouvido era muito diferente de ignorar outras que lhe eram dirigidas.

– Cuidado com a blasfémia, khaffit – advertiu. – Conheço o teu valor, mas não serei tão tolerante como o meu marido.

Abban sorriu, fazendo uma vénia superficial.

– Mil perdões, Damajah. – Não havia qualquer sinal do medo que lhe tingira a aura momentos antes. Inevera toleraria realmente muito a Abban. Cada vez compreendia melhor a natureza insidiosa do khaffit. Desde que se mantivesse leal, permitir-lhe-ia quase tudo.

E Abban sabia-o.

– O teu marido e eu fomos a uma aldeia chamada Baha kad’Everam quando éramos nie’Sharum, Damajah.

Inevera ouvira falar da aldeia khaffit. Dravazi, o mestre oleiro, vivera lá e muitas das obras deste adornavam o seu palácio.

– A Malga de Everam perdeu o contacto com a Lança do Deserto há

muitos anos. Terá sido conquistada pelos demónios, segundo creio.

Abban acenou afirmativamente.

– Por demónios do barro, para ser mais preciso. Infestaram o local. Ter-me-iam matado se Ahmann não estivesse presente. Quase mataram o Par'chin anos mais tarde, quando o enviei lá com uma incumbência.

– Porque me contas isto, khaffit? – Inevera manteve a aparência serena, mas estava muito atenta. Abban não podia saber que os dados lhe tinham dito que o Par'chin tinha tantas probabilidades de ser o Libertador como o seu marido. A sua mãe era a única pessoa a quem tinha confiado essa informação, ainda que Ahmann tivesse adivinhado mais tarde, graças à visão da coroa.

O facto de dois aspirantes a Libertador terem visitado a mesma aldeia obscura e distante, com Abban envolvido nas duas ocasiões, era uma coincidência demasiado grande para ignorar. A mão de Everam estava envolvida. Teria de descobrir tudo o que pudesse sobre o local.

Não era a primeira vez que se questionava acerca do plano de Everam para Abban. Os dados tinham sido cruelmente vagos a esse respeito.

– Os demónios do barro são criaturas fascinantes – disse Abban. Um indício de medo tingiu-lhe a aura. – Conseguem camuflar-se, compreendes? A sua pele couraçada tem a mesma textura e cor do barro de Baha. É possível olhar para um, nos degraus, nas paredes, espreitando dos telhados, e não o ver até se mexer.

– Os hora veem coisas que os olhos não conseguem – disse Inevera.

Abban concordou com um aceno.

– Espero que seja, inevera, como dizes. Pois os hortelões da Fortuna de Everam superam-nos em número numa proporção de seis para um. São o barro e os chin que procuram semear o terror nos nossos corações com este ataque são demónios do barro. Os dama não os verão até voltarem a mover-se e a vergonha forçá-los-á a procurar outros que possam punir para salvarem a sua reputação.

– E isso aumentará ainda mais o abismo que nos separa e fortalecerá a determinação dos chin – refletiu Inevera.

– Se não avançarmos com cuidado, estes ataques piorarão – disse Abban. – Procura e mata os verdadeiros culpados, mas todos os hortelões que ferirmos além dos que empunharam os archotes serão mártires da sua causa.

Recebem auxílio do Norte.

Inevera sentou-se sobre o seu leito de almofadas ao lado do Andrah, irritada enquanto os Damaji entravam alvoroçados na sala do trono. Os seus filhos e sobrinho esperavam já ao fundo dos degraus quando os outros homens foram autorizados a entrar.

Passara quase uma hora a lançar os dados depois de dispensar Abban e ordenar a partida dos mensageiros, mas foi aquela a única informação útil acerca dos rebeldes.

Recebem auxílio do Norte.

Era fácil depreender que se refeririam à tribo do Outeiro. Eram quem mais beneficiaria com algo daquele género, sobretudo se o Par'chin tivesse sobrevivido. Mas não era recomendável pressupor mais do que diziam os dados. Os rebeldes poderiam ser igualmente abastecidos e financiados por qualquer um dos duques nortenhos. Euchor de Miln, talvez. Ou Rhinebeck de Angiers. Até Lakton, que se situava mais para leste, ficava a norte da Fortuna de Everam e já tinham sido avisados por Leesha Papel de que seria a conquista krasiana seguinte. O duque Reecherd e os seus mestres da doca seriam tolos ao ponto de provocar o ataque?

Não. Era o Outeiro. Tinha de ser, não? Ou permitia que o ódio por Leesha Papel perturbasse a sua perceção? Seria digno da pega nortenha sorrir-lhes pela frente e atear incêndios pelas costas e Inevera acolheria o pretexto para matar a bruxa e o filho de Ahmann que lhe crescia no ventre.

Havia momentos em que odiava os dados. Davam pistas vagas e enigmas, até a Inevera, que era mais dotada na sua leitura do que qualquer dama'ting em três mil anos. Quanto mais importante fosse a pergunta, quanto mais a resposta pudesse alterar o futuro, mais os dados se tornavam opacos. Fizera três lançamentos diários, procurando o destino do seu marido, mas os dados não lhe tinham dito mais do que quando os consultara no vale onde Ahmann caíra e, mesmo assim, não lhe diziam tanto acerca dos rebeldes.

Talvez o plano de Everam exigisse a revolta dos chin ou uma guerra civil em Krasia e saber antecipadamente como travar os dois eventos poderia contrariar o que era inevera. Ou talvez Lhe tivesse desagradado e Everam tivesse decidido escolher outro interlocutor.

Talvez o filho da pega nortenha seja também inevera. Pensar aquilo agoniou-a. Quase se sentiu grata quando os Damaji começaram a gritar, puxando-a novamente para o presente.

– Sempre disse que éramos demasiado delicados na pacificação dos chin – resmungou o Damaji Qezan. – Permitimos que vergassem quando deveriam ter sido quebrados.

– Concordo – disse o Damaji Ichach, como se pretendesse recordar a Inevera a gravidade da situação. Se Qezan e Ichach concordavam, o Sol estaria prestes a nascer no ocidente.

Os dados tinham sido mais generosos na sua partilha de informações acerca da corte do Andrah. Conseguiria controlar Ashan, por enquanto. Os seus filhos veriam a revolta não como uma crise, mas como uma oportunidade para encontrarem a glória na sua derrota. Os Damaji, no entanto, eram velhos habituados ao conforto na abundância da Fortuna de Everam. O perigo para as suas novas posses assustava-os mais do que os filhos de Nie.

– Deveríamos incendiar as aldeias onde os ataques ocorreram – disse o Damaji Enkaji. – E pendurar das árvores os corpos mutilados de todos os homens, mulheres e crianças, deixando-os como alimento para os alagai.

– Palavras simples, Damaji, quando não foram as tuas terras a serem atacadas – disse o Damaji Chusen. O ataque aos Shunjin ocorrera na nova capital da sua tribo.

– Os chin não se atreveriam a atacar terras Mehnding – vangloriou-se Enkaji, motivando dúvidas a Inevera. Os rebeldes tinham evitado as terras das cinco tribos mais poderosas, Kaji, Majah, Mehnding, Krevakh e Nanji, mas, se recebiam auxílio do Norte, aquilo seria apenas o início.

– O alimento escasseia já depois de os alagai queimarem campos de cultivo na Lua Nova – disse Ashan. – Não podemos queimar os que restaram, ou chacinar quem os trabalha, se desejamos sobreviver até à primavera.

– Que impede os chin de queimarem os campos de cultivo a seguir? – perguntou Semmel dos Anjha. – Nem as maiores tribos têm homens em número suficiente para proteger esta terra dos seus habitantes.

– Não podes deixar isto sem castigo, Andrah – disse Aleverak. – Os chin atacaram-nos durante a noite, quando todos os homens são irmãos. Mataram dama e incendiaram solo sagrado. Deveremos responder com prontidão para que o inimigo não aumente o seu arrojo.

– E fá-lo-emos – disse Ashan. – Estão certos. O que aconteceu não poderá ser tolerado. Teremos de encontrar os responsáveis e executá-los publicamente, mas reforçaremos as fileiras dos rebeldes se considerarmos todos os chin responsáveis pelas ações de um pequeno número.

Inevera escondeu o sorriso. Ashan dissera as palavras exatamente como o tinha instruído, mesmo que a sua primeira reação aos ataques não tivesse ficado muito distante da reação de Enkaji.

– Perdoa-me, Andrah, mas todos os chin são responsáveis – disse o

Damaji Reji dos Bajin. – Escondem os rebeldes e as crianças. Que diferença haverá entre atear as chamas e oferecer a cave como esconderijo?

– Deveremos mostrar-lhes que a provocação terá um preço – disse Jayan, batendo com a lança. – Um preço elevado, pago por todos. Para que os rebeldes presentes e futuros sejam entregues pelo seu próprio povo por medo da nossa ira. – Muitos Damaji acenaram avidamente com a cabeça ao ouvirem aquelas palavras, voltando olhares céticos para Ashan.

– O meu irmão está certo – afirmou Asome em voz alta, atraindo os olhares de todos. – Mas o rasto ainda está fresco. Seria tolice perturbá-lo. Podemos decidir como punir os colaboradores depois de executarmos os rebeldes e recuperarmos as crianças desaparecidas.

Jayan olhou-o com desconfiança óbvia, mas mordeu o isco.

– Será por esse motivo que levarei as Lanças do Libertador e pontapearei todas as portas, revistando todas as caves e interrogando todos os parentes dos rapazes levados. Conseguiremos encontrá-los.

Os Damaji voltavam a acenar com a cabeça, mas Asome estalou a língua e abanou a cabeça, manifestando a sua discordância.

– O meu irmão cortaria a árvore inteira para colher os seus frutos.

Jayan fitou-o com desagrado.

– Que propõe como alternativa o meu sensato irmão dama?

– Enviaremos os Vigias – disse Asome, acenando com a cabeça aos Damaji cobertos com véus das tribos Krevakh e Nanji. Nunca falavam no conselho, cada um deles subordinado a uma tribo maior. Os Krevakh serviam os Kaji e os Nanji serviam os Majah.

As tribos Vigias treinavam com armas e técnicas de combate especiais, controlando a rede de espiões krasianos. Muitos dos interrogadores falavam a língua chin e tinham contactos espalhados pela Fortuna de Everam. Até os seus Sharum menores conseguiam mover-se sem serem vistos, passando barreiras tão facilmente como alagai erguidos do abismo.

– Encontrem as crianças e encontraremos os rebeldes e os seus simpatizantes – disse Asome.

– E depois? – perguntou Jayan.

– Depois, executamo-los a todos – disse Ashan. – Rebeldes, simpatizantes e também as crianças chin. Para recordar aos hortelões a futilidade da resistência e as suas consequências. Obrigaremos os outros nie’Sharum chin a assistir e, da próxima vez, serão os próprios rapazes a enfrentar os seus salvadores.

Inevera manteve o seu centro enquanto Ashan se afastava do planeado. Matar um punhado de crianças era misericordioso por comparação com o

massacre total que Jayan preferia, mas não sabia se poderia autorizar que acontecesse.

– Muito bem – disse Jayan. – Eu enviarei os Vigias, como ordenas.

Eu. Era uma palavra perigosa. Jayan tomaria o controlo das buscas, mesmo assim. Como Sharum Ka, era o seu dever e o seu direito, mas Inevera pretendera que os Vigias respondessem ao trono, a ela própria, para evitar brutalidade desnecessária.

Inspirou, mantendo o centro. Será necessário fazer sacrifícios. Tinha espiões em número suficiente na corte do Sharum Ka e as suas irmãs-esposas Krevakh e Nanji podiam alertar as suas dama'ting para transmitir o que ouvissem.

Ashan permitiu-lhe sete fôlegos para falar e bateu com o bastão do cargo.

– Está decidido. Envia os teus Vigias, Sharum Ka. Esperamos relatórios regulares do teu progresso.

Jayan fixou em Asome um olhar altivo e virou-se, caminhando para a porta, onde Hasik, o seu novo guarda-costas, o esperava.

Passaram-se três dias sem qualquer sinal dos rebeldes ou dos nie'Sharum raptados e Abban sentia uma disposição sinistra alastrando pelas ruas. Era pior ainda no bazar.

Dal'ting, khaffit e chin tinham começado a sentir-se confortáveis uns com os outros no bazar, mas tudo isso mudou com os ataques aos sharaji e os raptos. Os krasianos tinham passado a afastar-se dos chin, olhando-os com desconfiança. E mantinham também as bolsas fechadas, recusando negociar com mercadores chin.

As patrulhas no mercado tinham aumentado consideravelmente e os dama nem sequer se davam ao trabalho de colocar as caudas de alagai nos cintos ou de usarem as vergastas como apoio. As armas estavam sempre em movimento, mesmo que as usassem apenas para abrir caminho entre os chin ou para chamar a atenção de alguém que pretendessem interrogar.

E esses interrogatórios, o que todos no bazar mais temiam, do chin mais humilde ao próprio Abban, ocorriam com frequência cada vez maior. Os Sharum tinham sido proibidos de arrombar portas e de procurarem por toda a parte, mas os dama aproveitavam qualquer pretexto para levarem a cabo buscas e a sua jurisdição era ampla.

Abban viu pelas abas da sua tenda um par de dama Kaji rasgando as costas do vestido de uma mulher chin no meio de uma rua do mercado,

vergastando-a por não estar adequadamente coberta com um véu.

Trazia o véu ao pescoço. Escorregara durante o bulício do dia e não fora prontamente recolocado no sítio.

Abban deixou cair a aba para abafar os seus gritos.

– Peço a Everam que encontremos os rebeldes em breve – disse. – Isto é mau para o negócio.

– Se for possível, os Krevakh conseguirão fazê-lo – respondeu Qeran. – Tive a honra de servir com muitos deles na alagai'sharak. Não existem batedores melhores em Ala.

O instrutor continuava a mostrar-se desconfortável no mercado, mas Abban já não podia dar-se ao luxo de o deixar no complexo para treinar recrutas. Dependia da reputação e da experiência de Qeran para se manter vivo.

Dirigiram-se para o gabinete privativo de Abban. O khaffit abriu um painel escondido na sua mesa, retirando um molho de folhas de pergaminho e passando-o a Qeran.

– Preciso que leias esta proposta antes que a apresente ao trono.

Qeran arqueou uma sobrancelha. Ao contrário da maioria dos Sharum, os instrutores sabiam ler, precisando de manter listas e registos na gestão dos sharaji e de compreender equações para calcular a força de tensão e a carga máxima na construção de fortificações. Mas, por comparação com a menor das esposas ou filhas de Abban, isto colocava-o ligeiramente acima de um cão treinado. Abban não lhe confiaria a tarefa administrativa mais simples e ambos o sabiam.

O pedido inesperado despertou a curiosidade de Qeran e pousou os documentos sobre a mesa, começando a folheá-los. Desdobrou uma tabela, olhou as colunas de números e arregalou os olhos.

– Isto é o que parece? – perguntou.

– Sim. E manterás o que viste em segredo – disse Abban.

– Porque és tu a ter isto e não o Sharum Ka? – perguntou Qeran.

– Porque o Sharum Ka não passava de um título cerimonial até há quinze dias – explicou Abban. – Mas não temas. Em breve, pensará que a ideia lhe pertence.

* * *

Na manhã seguinte, Abban deslocou-se ao palácio no seu palanquim. Os seus melhores kha'Sharum rodeavam os escravos chin musculados que transportavam as varas, guardando-o de todos os lados. As cortinas, pano grosso cobrindo rede metálica capaz de travar uma lança, tinham sido bem

fechadas, deixando-o a sós com os seus pensamentos.

A Damajah deixava-o sempre nervoso, mesmo que fosse sensato e não lho demonstrasse. Conseguia apanhá-lo desprevenido e fazia-o pensar que conseguia ver o que lhe passava pela cabeça, percebendo os seus estratagemas tão facilmente como veria uma mancha de terra na sua cara.

Como reagiria aos seus planos sem Ahmann para os abençoar e implementar?

BUM!

Mesmo através das cortinas grossas, o ruído foi tremendo. Abban foi projetado contra o teto lacado do palanquim. Ouvia os gritos dos seus homens e, quando o palanquim parou de forma abrupta, deu consigo cara a cara com um dos seus portadores, enfiado pelas cortinas dentro enquanto o veículo caía sobre ele. Viu-o gemer com olhos vidrados.

Ignorando-o, Abban estendeu a mão para a sua muleta, conseguindo erguer-se apesar da perna defeituosa.

– Mestre! – gritou um dos seus guardas. – Estás bem?

– Perfeitamente! – ripostou Abban, enfiando a cabeça pela cortina no topo do palanquim. – Ajudem-me a sair da...

Parou de repente, ficando boquiaberto.

O Sharik Hora ardia.

Todos tinham sido atirados ao chão, mesmo àquela distância da explosão. Mais perto das chamas, havia transeuntes ensanguentados pelo chão, atingidos pelos destroços das muralhas grandiosas e vitrais do maior templo de Everam nas terras verdes.

Qeran foi o primeiro a recuperar a prontidão para o combate, ordenando aos outros que se levantassem para assegurarem a defesa de Abban. Temperado pelo calor da batalha, o instrutor conseguiu conter o que sentia e manter o comando, mas nem ele escapava à expressão horrorizada enquanto olhava o templo em chamas.

– Que poderia ter feito tal coisa? – perguntou. – Uma dúzia de demónios da chama não conseguiria provocar um incêndio desta dimensão.

– Fogos chin – disse Abban. Outro mistério que ainda não conseguira descortinar. – Ordena aos homens que aumentem a passada até ao palácio. Envia Vigias para descobrir o que aconteceu e diz-lhes que me informem imediatamente.

Inevera olhou o khaffit, vendo-o beber água fresca sentado sobre as almofadas da sua câmara de audiências. Estava pálido, coberto de cinzas e

cheirando a fumo. Um dos seus olhos enchera-se de sangue e trazia a roupa rasgada e ensanguentada. Os mensageiros tinham já confirmado que o Sharik Hora ardia.

– Que aconteceu? – perguntou quando o silêncio começou a desesperá-la.

– Ao que parece, os chin serão mais arrojados do que julgávamos possível – disse Abban. – Os incêndios nos sharaji foram uma distração, afastando a nossa atenção para aldeias distantes enquanto atacavam no nosso cerne.

– É uma coincidência estranha que estivesses presente para testemunhar o evento – comentou Inevera. – Sobretudo depois de teres sido o primeiro a procurar-me com notícias da revolta.

Abban fixou nela um olhar firme.

– Lisonjeia-me que a Damajah me julgue capaz de semelhante teia de enganos, mas não sou um mártir para me colocar ao alcance de uma explosão apenas para conferir credibilidade a algum plano misterioso. Sinto dores em todo o corpo, os meus ouvidos continuam a retinir e não consigo pensar com clareza.

A última afirmação preocupou Inevera. Precisava de Abban mais do que nunca. O seu corpo de pouco lhe servia. A sua mente, no entanto...

Quando se aproximou para o examinar, o khaffit afastou-se como se tivesse visto uma víbora. Guinchou como uma mulher.

– Não te mexas e obedece – ordenou-lhe. – Sou a Damajah, mas não deixo de ser dama’ting.

Mesmo que Ahmann raramente tratasse alguém além de Ahmann, mantinha intacta a sua perícia médica após décadas no pavilhão das dama’ting. A dilatação nos olhos do khaffit, a forma lenta como seguia os seus dedos e as longas pausas enquanto falava indicavam traumatismo craniano.

Retirou ossos de cura da sua bolsa de hora. Eram uma coleção de dedos de demónio da mente guardados e cobertos com uma camada de electrum para concentrar o seu poder e proteger os ossos do sol. Manipulou agilmente as guardas com as pontas dos dedos até obter a configuração certa, ativando-as em seguida.

O sangue desapareceu-lhe do olho e ferimentos menores na face cicatrizaram imediatamente. Mesmo assim, Inevera manteve o fluxo de poder, certificando-se de que não havia inchaços ou danos cerebrais.

Por fim, Abban gemeu e afastou-se. Os seus olhos tinham recuperado o brilho habitual.

Riu-se.

– Não admira que os Sharum digam que a magia é mais forte que o couzi. Há vinte anos que não me sentia tão ágil e forte.

Olhou a perna com curiosidade e ergueu-se, deixando a muleta sobre as almofadas. Por um momento, pareceu estável, mas, quando dobrou os joelhos para dar um salto animado, a perna cedeu. Foi só graças a uma vida inteira de treino que conseguiu voltar a cair sobre as almofadas e não no chão.

Inevera sorriu.

– Recusaste quando me ofereci para te curar a perna, khaffit. Poderei voltar a propor-te o mesmo algum dia, mas não de forma gratuita.

Abban acenou com a cabeça, retribuindo o sorriso.

– A Damajah sair-se-ia bem no bazar.

Com efeito, Inevera crescera no bazar, mas não queria que Abban (ou qualquer outra pessoa) soubesse disso. A segurança da sua família dependia do seu anonimato e era já demasiado elevado o número dos que poderiam conhecer o segredo.

– Devo considerar elogioso que me aches tão digna como a filha de um qualquer mercador khaffit? – perguntou-lhe ela.

Abban curvou-se.

– É o maior elogio que sou digno de fazer, Damajah.

Inevera fingiu-se satisfeita com a explicação.

– Já perdemos tempo suficiente. Conta-me tudo o que sabes do ataque.

– Dezassete mortos na explosão, incluindo um dama – referiu Abban. – Quarenta e três feridos e danos estruturais no templo. Muitos dos ossos de heróis que adornam as suas paredes foram destruídos.

– Como foi possível tal coisa? – perguntou Inevera. – A explosão ocorreu em pleno dia. Não pode ter resultado de magia de hora.

– Creio que os chin usaram paus de trovão para a desencadearem – explicou Abban.

– Paus de trovão? – repetiu Inevera.

– Engenhos flamejantes dos chin – explicou Abban. – Os nossos são sobretudo líquidos e óleos, mas os chin usam pós. São usados sobretudo para produzir luz e ruído para festas, mas, quando colocados em tubos de papel, usam-se na exploração mineira e na construção. Vi Leesha Papel usá-los com grande eficiência contra os alagai.

Inevera franziu a testa, perdendo o controlo da sua expressão por um momento. Voltou a recolocar rapidamente a máscara no lugar devido, mas sem dúvida que o khaffit teria dito o nome de forma intencional, esperando

a sua reação.

– Arriscas mais pronunciando esse nome do que quando vieste à minha câmara de almofadas sem seres anunciado – disse-lhe. – Não me julgues tola ao ponto de não perceber o teu envolvimento nas indiscrições do meu marido com a pega nortenha.

Abban encolheu os ombros, não se dando ao trabalho de negar.

– Leesha Papel deverá ser a menor das preocupações da Damajah.

Que assim fosse, pensou Inevera.

– Quero informações pormenorizadas acerca do fabrico dessas armas flamejantes.

Abban suspirou.

– Isso será problemático, Damajah. Tenho alguns paus de trovão na minha posse, confiscados nas minas de que nos apossámos quando o Libertador conquistou a Fortuna de Everam, mas o seu fabrico permanece misterioso. A tradição entre os chin dita que as suas Herbanárias transmitam oralmente a informação às suas aprendizas, sem a registarem por escrito.

– E os teus subornos e espiões não conseguiram levar uma delas a partilhar a fórmula? – perguntou Inevera. – Estou desiludida.

Abban encolheu os ombros.

– É um talento raro, mesmo entre as Herbanárias. E todas negam possuí-lo. Não acreditam que não o voltássemos contra elas.

– Entregar-te-ei mandados de prisão – disse Inevera. – Se as mulheres não se deixarem influenciar pelos subornos, interroguem-nas com maior intensidade. E traz-me amostras desses paus de trovão. É uma arma demasiado perigosa nas mãos dos chin.

Abban acenou afirmativamente.

– Trata-os com o máximo cuidado, Damajah. Dois dos meus homens morreram numa explosão quando tentaram transportar uma caixa que passara demasiado tempo armazenada.

– Existem suspeitos do crime? – perguntou Inevera.

Abban abanou a cabeça.

– Têm pavio curto, mas ninguém foi visto a fugir do edifício antes da explosão. Havia chin entre os mortos. Um deles deverá ter acendido o pavio, sacrificando-se como mártir.

– Os chin têm espinha, afinal – disse Inevera. – É uma pena que a desperdicem na Guerra Diurna e não na alagai'sharak.

– Os Damaji não aprovarão isto – disse Abban. – A Fortuna de Everam ficará inundada de sangue.

Inevera acenou afirmativamente.

– Jayan ganhará novos aliados. Nada impedirá os seus Sharum de se apoderarem da cidade.

– Para sua proteção – disse Abban, com o sarcasmo mais presente na sua aura do que nas suas palavras.

– Precisamente – concordou Inevera.

– Mais um motivo para o enviar para longe – disse Abban.

Inevera olhou-o com curiosidade. Nada lhe agradaria mais, mas o que poderia...? Ali estava. Via-o na sua aura. O astuto Abban tinha um plano. Ou, pelo menos, acreditava que sim.

– Desembucha, khaffit – ordenou.

Abban sorriu.

– Lakton.

Era aquilo o seu plano? Talvez Inevera o tivesse sobrevalorizado.

– Não podes continuar a considerar que Lakton é uma prioridade depois de Ahmann desaparecer e com uma revolta prestes a rebentar fora das paredes do palácio.

– Mais necessário se torna – retorquiu Abban. – Os laktonianos enviarão a décima parte das suas colheitas ao duque em pouco mais que uma quinzena. Precisamos dessa colheita, Damajah. Não posso salientá-lo em demasia. Se os alagai continuarem a atacar as nossas provisões alimentares, poderá ser a única coisa a manter intactos os nossos exércitos durante o inverno. Os preparativos já foram feitos.

– E como esperas que convença o Sharum Ka e os Damaji a enviarem os seus guerreiros numa marcha dura de uma semana com as chamas lavrando ainda no Sharik Hora? – perguntou Inevera.

– Bah. – Abban apontou a bolsa de hora de Inevera. – Agita os dados e diz-lhes que foram os mestres da doca os responsáveis pelos ataques. Exige que o teu filho mais velho seja o martelo de Everam para os esmagar e conquistar a cidade.

Inevera arqueou uma sobrancelha.

– Sugeres que engane o conselho dos Damaji acerca do que vejo nos dados sagrados?

Abban sorriu.

– Por favor, Damajah. Não nos insultes aos dois.

Inevera riu-se ao ouvir aquilo. Odiava ter de admiti-lo, mas começava a gostar do khaffit. A ideia tinha mérito.

Enfiou a mão esquerda na bolsa, retirando os dados e usou a mão direita para desembainhar a sua adaga curva.

– Estende o braço.

O khaffit empalideceu visivelmente, mas não se atreveu a recusar. Quando os hora ficaram molhados com o seu sangue, olhou com fascínio horrorizado, vendo-a agitá-los e percebendo que começavam a brilhar.

– Everam, Criador do Paraíso e de Ala, fonte de Luz e Vida, os Teus filhos precisam de orientação. Devemos seguir o plano do khaffit e atacar a cidade no lago?

Os dados brilharam com maior intensidade quando os lançou, sendo desviados da sua trajetória natural enquanto a magia os dominava. Inevera conhecia bem o processo, mas Abban abriu a boca de espanto, vendo-a procurar uma resposta nos símbolos.

A não ser que lhes seja encontrado um adversário, os Sharum destruir-se-ão a si mesmos.

Uma resposta surpreendentemente clara, levando em consideração que os dados se tinham mostrado enigmáticos nas suas últimas consultas. Mas não deixava de ser irritante. Não chegavam a apoiar a manobra.

Voltou a agitá-los.

– Everam, Criador do Paraíso e de Ala, fonte de Luz e Vida, os Teus filhos precisam de orientação. Um ataque a Lakton terá sucesso?

A cidade no lago não sucumbirá com facilidade ou sem sabedoria.

Inevera olhou os símbolos. Não era fácil encontrar sabedoria nos exércitos do Libertador.

– Que te dizem? – perguntou Abban.

Inevera ignorou-o, recolhendo os dados.

– Continuaremos com uma revolta para resolver e com a possibilidade de Jayan regressar com glória multiplicada e uma pretensão ao trono ainda mais forte.

O alívio inundou a aura de Abban. Acreditava que a tinha convencido.

– Ser-te-á mais fácil encontrar os rebeldes com Jayan distante. Poderás consolidar o teu poder. – Sorriu. – Talvez tenhamos sorte e seja atingido por uma flecha perdida.

Inevera esbofeteou-o e as suas unhas fizeram-no sangrar enquanto o khaffit era lançado às almofadas. Levou a mão à cara, dorido e com medo no olhar.

Inevera apontou-o, produzindo um clarão de luz guardada dramático e inofensivo com um dos seus anéis.

– Por mais que me seja incómodo, tem cuidado com o que dizes acerca do meu filho, khaffit.

Abban concordou com um aceno, ajoelhando-se com um esgar de dor e encostando a testa ao chão.

– Perdoa-me, Damajah. Não quis ofender.

– Se me arrepender minimamente desta decisão, khaffit, arrepender-te-ás dez mil vezes. Vai-te. O conselho reunirá em breve e não quero que sejas visto a esgueirar-te para fora dos meus aposentos.

O khaffit ergueu a muleta e coxeou para a saída da câmara tão depressa quanto permitia a perna defeituosa.

Quando a porta se fechou atrás dele, Inevera voltou a curvar-se sobre os dados. Passara mais de um dia sem tentar ler o destino do seu marido, mas teria de esperar mais ainda. Com o ataque recente e o plano tresloucado de Abban, era fácil esquecer que estavam no primeiro dia da Lua Nova. Se tivesse alguma semelhança com a anterior, a sua gente teria sorte se sobrevivesse sem Ahmann.

– Everam, Criador do Paraíso e de Ala, fonte de Luz e Vida, os Teus filhos precisam de orientação. Que trará a Lua Nova à Fortuna de Everam nesta noite e como poderemos preparar-nos?

Agitou e lançou, lendo o significado escondido atrás dos símbolos tão facilmente como leria palavras escritas numa página.

Alagai Ka e os seus príncipes não virão à Fortuna de Everam nesta Lua Nova.

Curioso. Passou o olhar sobre o resto dos símbolos e sobressaltou-se. Pela primeira vez em semanas, no único dia em que não tentara ler o destino de Ahmann, os dados permitiam-lhe um vislumbre.

E o seu mundo desmoronou-se.

Irão profanar o cadáver do Shar'Dama Ka.

Abban olhou o círculo restrito dos conselheiros mais próximos do Andrah (Asome, Asukaji, Aleverak e Jayan) da segurança da sua pequena escrivaninha à sombra do Trono dos Crânios. Os restantes conselheiros, incluindo os doze Damaji, não seriam chamados até Inevera ocupar o seu lugar e o debate interno chegar ao fim. Abban conseguia ouvi-los a discutir no corredor.

Os dois círculos costumavam ignorá-lo a não ser que falasse e alguns deles continuavam a ignorá-lo mesmo quando falava. Abban era suficientemente sensato para encorajar aquilo, falando apenas quando lhe dirigiam a palavra, o que raramente acontecia desde o desaparecimento de Ahmann.

Inevera passara muito tempo na sua câmara. Qual seria o motivo da demora? Havia motins nas ruas e os Damaji estavam perto de perder o

controlo.

– Começam por nos atacar durante a noite – gritou Aleverak. – Agora, fazem-no no primeiro dia da Lua Nova, profanando os ossos dos nossos heróis e o templo de Everam! É um escândalo!

– Nada acontece que escape à vontade de Everam. – Os antebraços do Damaji Asukaji desapareciam dentro das mangas largas da sua túnica, segurando o cotovelo do braço oposto como passara a fazer desde que tinha sido forçado a afastar-se de Asome. Era o líder da maior tribo de Krasia e a sua face imberbe denunciava um rapaz de apenas dezoito anos. – É um indício que não deveremos ignorar. O Criador está furioso.

– É isto que sucede quando somos benevolentes com os chin depois dos seus ataques cobardes aos sharaji! – disse Jayan. – A nossa demonstração de fraqueza encorajou-os a executarem novas agressões.

– Vejo-me forçado a concordar com o meu irmão – admitiu Asome. – O ataque ao Sharik Hora não poderá ficar sem resposta. Everam exige o pagamento com sangue.

Everam, implorou Abban enquanto registava as suas palavras, *coloca agora uma taça de couzi diante de mim e oferecerei uma das minhas esposas às dama'ting*.

Mas, como sempre sucedia, o Criador não lhe dava ouvidos. Todos eles, Jayan, Asome, Asukaji, eram crianças forçadas a desempenhar papéis com exigências muito superiores ao que permitia a sua experiência. Precisariam da orientação de Ahmann durante décadas. Em vez disso, o destino do mundo poderia repousar sobre os seus ombros.

Conteve um arrepio ao pensar aquilo.

– Terá um lago cheio.

Ninguém vira a Damajah sair da sua câmara privada. Incluindo Abban, apesar de estar a meros metros dele. Olhou-a por um instante, mas foi tempo suficiente para perceber que tinha aplicado uma nova camada de maquilhagem que não conseguia camuflar por completo o inchaço dos olhos.

A Damajah chorara.

Barba de Everam, pensou. *Que haverá em Ala e no abismo de Nie que pudesse fazer chorar esta mulher?* Se fosse uma mulher mais fraca, poderia ter tentado consolá-la, mas respeitava demasiado a Damajah para o fazer, olhando novamente o seu pergaminho e fingindo-se alheado.

Os outros não precisaram de fingir.

– Encontraste finalmente os rebeldes, mãe? – perguntou Jayan.

Abban não tinha a capacidade de Ahmann para ler o coração dos

homens, mas tais dotes não seriam necessários para compreender o brilho ávido nos olhos do jovem Sharum Ka. Jayan tinha muito a ganhar naquele dia. Por parecer ter razão quando os seus rivais estavam errados, pela glória que poderia conquistar quando esmagasse a revolta e pela sua natureza brutal, que ansiava já pela possibilidade de infligir dor e sofrimento aos chin.

– Os rebeldes são fantoches. – Inevera moveu pensativamente os dados na sua mão. – Vermes colocados nos nossos silos pelos nossos verdadeiros inimigos.

– Quem, mãe? – Jayan não conseguia esconder a avidez na voz. – Quem foi responsável pelos ataques cobardes?

Inevera invocou uma partícula de poder dos dados, fazendo-os brilhar. Iluminaram-lhe a face com um brilho sinistro que fortaleceu a sua resposta com a vontade de Everam.

– Lakton.

– Os homens peixe? – Ashan abriu a boca de espanto. – Atrevem-se a atacar-nos?

– Foram avisados por Leesha Papel – Inevera não conseguia afastar o veneno da voz ao proferir o nome – de que poderíamos atacar com a primavera. Sem dúvida que os mestres da doca pretenderão semear a discórdia entre os nossos exércitos.

Era perfeitamente plausível, ainda que manifestamente falso. Pelo menos, tanto quando Abban sabia. Suprimiu um sorriso enquanto os outros aceitavam a acusação sem questionar.

– Esmagá-los-ei! – Jayan ergueu um punho no ar. – Matarei todos os homens, mulheres e crianças! Queimarei...

Inevera moveu os dados, manipulando os símbolos e o seu brilho suave ganhou uma intensidade que travou as palavras de Jayan enquanto os outros afastavam o olhar, pestanejando.

– A Sharak Ka aproxima-se, meu filho – disse Inevera. – Precisaremos de todos os homens capazes de erguer uma lança e precisaremos de os alimentar. Não poderemos punir todos os que vivem nas suas terras pelas ações estouvadas dos príncipes de Lakton. Seguirás o plano do Libertador.

Jayan cruzou os braços.

– E que plano é esse? O meu pai disse-me que pretendia marchar contra a cidade daqui a um mês, mas nunca discutimos um plano.

Inevera indicou Abban com a cabeça.

– Diz-lhes, khaffit.

Jayan e os outros voltaram olhares incrédulos na sua direção.

– O khaffit?! – perguntou Jayan. – Sou o Sharum Ka! Porque sabe este khaffit de planos de batalha que desconheço? Deveria ser eu a aconselhar o meu pai e não um comedor de porco.

– Porque o nosso pai falava com Everam – supôs Asome – e não precisava dos teus conselhos. – Olhou Abban. – Precisava apenas dos registos.

Algo na frieza do olhar avaliador de Asome assustava Abban de formas que a agressividade de Jayan não conseguia igualar. Apoiou-se na muleta para se erguer e, em seguida, deixou-a encostada à mesa. Os homens dariam maior importância às suas palavras se as ouvissem ditas por alguém erguido sobre os seus pés diante deles. Pigarreou, assumindo uma expressão de deferência nervosa destinada a tranquilizar os seus *superiores*.

– Honrado Sharum Ka – começou Abban. – As perdas nas nossas provisões alimentares durante a Lua Nova foram muito superiores ao que o Libertador desejou que fosse conhecido. Sem uma nova fonte de alimento, a Fortuna de Everam morrerá à fome antes das primeiras flores da primavera.

Aquilo captou a atenção de todos. Até Ashan olhava Abban, atento.

– Daqui a dezasseis dias, os laktonianos celebrarão um dia sagrado para os chin. A primeira neve. O início do inverno.

– E então? – questionou Jayan.

– É também nesse dia que os chin entregam a décima parte das suas colheitas aos mestres da doca de Lakton – explicou Abban. – Uma décima parte que manteria o nosso exército alimentado até ao verão. O Libertador traçou um plano arrojado para a capturar e às terras chin em simultâneo.

Abban hesitou, esperando ser interrompido, mas o círculo restrito permaneceu em silêncio. Até Jayan esperava as suas palavras seguintes.

Abban fez sinal a Qeran, que trouxe o tapete que as esposas de Abban tinham tecido cuidadosamente para reproduzir os mapas chin das terras a oriente, pousando-o no chão e desenrolando-o com um pontapé.

– Era intenção do Shar’Dama Ka enviar o Sharum Ka e as Lanças do Libertador juntamente com dois mil dal’Sharum, em segredo. – Traçou um trilho no mapa com a ponta da muleta, evitando a estrada dos Mensageiros e as aldeias chin. – Para conquistar o povoado de Doca, na manhã da primeira neve. – Apontou a grande aldeia na margem do lago com a muleta.

Jayan franziu o cenho.

– De que forma a captura de uma única aldeia nos permitirá chegar à cidade no lago?

– Não se trata de uma aldeia qualquer – disse Abban. – É a mais próxima da cidade e setenta por cento das docas de Lakton situam-se na Doca. Estará repleta de navios esperando a décima parte das colheitas depois de os tabeliães terminarem a sua contagem. Capturando a aldeia na primeira neve, será capturada a décima parte da colheita, a frota e o porto mais próximo da cidade. Sem as provisões e sem navios capazes de as procurarem noutro local, os homens peixe ficarão prontos para nos oferecer a cabeça do seu duque e dos mestres da doca por um pedaço de pão.

Jayan cerrou o punho ao pensar naquilo, mas não lhe agradava.

– Dois mil dal'Sharum serão suficientes para conquistar qualquer aldeia chin, mas não para defender a margem durante os meses frios. Ficaremos rodeados por inimigos com enorme vantagem numérica.

Abban acenou afirmativamente.

– Foi por esse motivo que o Libertador, em toda a sua sabedoria, pretendia enviar uma segunda força de cinco mil dal'Sharum pela estrada principal na semana seguinte para conquistar as aldeias laktonianas uma a uma, recrutando-as para a Sharak Ka. Serão a vanguarda, abrindo caminho para quarenta dama com os seus aprendizes, para dez mil kha'Sharum e para vinte mil chi'Sharum, que ocuparão as terras, trazendo posteriormente as suas famílias e auxiliando os dama locais na aplicação da lei evejana. Antes que caia realmente alguma neve, sete mil dos nossos melhores dal'Sharum estarão disponíveis.

– Suficientes para esmagar quem for tolo ao ponto de se atravessar no nosso caminho – rosnou Jayan.

Asukaji retirou as mãos das mangas e começou a comunicar rapidamente com Asome na sua linguagem gestual privativa. Normalmente, o código era tão subtil que facilmente podia escapar a quem não os olhasse com atenção, mas havia muita coisa para dizer e não havia tempo suficiente. Felizmente, os outros estavam distraídos.

Abban não conseguia compreender nada acerca da conversa, mas podia adivinhar o conteúdo. Discutiam as vantagens e desvantagens relativas de terem Jayan fora da Fortuna de Everam, travando a Sharak Sun durante muito tempo. Discutiam também se estaria no seu alcance impedi-lo.

Teriam decidido que não, já que os dois homens, os que mais se oporiam ao plano, permaneceram em silêncio.

Aleverak voltou-se para Ashan.

– Que opina o Andrah acerca deste plano? Será sensato enviar o grosso das nossas forças num ataque quando temos uma revolta crescente em casa?

Ashan olhou Inevera. Também eles partilhavam uma linguagem silenciosa, mas conseguiu vê-la movendo os lábios e soube que lhe teria dado também a ele um anel de hora.

– Os dados falaram, Damaji – disse Ashan. – Os mestres da doca têm financiado os ataques para impedirem o nosso avanço. Deveremos mostrar-lhes a futilidade desta estratégia.

– Entretanto, a Lua Nova chegou – replicou Inevera. – Alagai Ka e os seus príncipes erguer-se-ão em Ala esta noite. Até os chin sabem o que isso significa. Decrete-se o recolher obrigatório e convoquem-se todos os guerreiros capazes, incluindo as Sharum'ting. Os dados dizem-me que o Primeiro Demónio voltará as suas atenções para outro local neste ciclo, mas não deveremos baixar a guarda. Até o mais fraco dos príncipes conseguirá transformar alagai desmiolados numa força coesa.

Não havia a arrogância habitual na vénia de Jayan, mesmo após ouvir a ordem para incluir mulheres na luta. Foi sensato a ponto de se manter em silêncio quando tudo corria muito melhor do que poderia imaginar.

– Certamente, mãe. Será como dizes.

– Se precisamos de todos os elementos disponíveis, proponho que seja permitido aos dama combaterem – disse Asukaji.

– Concordo – disse imediatamente Asome. Abban reconheceu o momento obviamente ensaiado.

– Ridículo! – exclamou Aleverak.

– Nem pensar – disse Ashan.

– Estando tão necessitados de guerreiros, aceitarão mulheres e não os que treinaram no Sharik Hora? – perguntou Asome.

– O Libertador proibiu-o – disse Ashan. – Os dama são demasiado importantes para correrem riscos.

– O meu pai proibiu-o na última Lua Nova – corrigiu Asome. – E apenas durante esse ciclo. Também proibiu as Sharum'ting no mesmo período, mas, esta noite, responderão ao chamado da Trompa de Sharak. Porque não poderão fazê-lo também os dama?

– Nem todos os dama são homens jovens e fortes como tu e o meu filho, sobrinho – argumentou Ashan.

– Nenhum deverá ser forçado a combater – disse Asukaji. – Mas quem desejar fazê-lo não deverá ver-lhe negada a glória de Everam na noite. A Sharak Ka aproxima-se.

– Talvez – respondeu Ashan. Desta vez, não olhou Inevera. – Mas ainda não chegou. Os dama permanecerão dentro da proteção das guardas.

Asome pressionou os lábios e, mais uma vez, Abban recordou a sua

juventude. Jayan dirigiu-lhe um indício de sorriso, mas Asome endireitou as costas, escudando-se no seu orgulho e fingindo não ter visto.

– Está decidido – disse Inevera. – No primeiro dia a seguir à Lua Nova, Jayan e os seus guerreiros partirão para desferir um golpe esmagador em nome de Everam.

Jayan voltou a curvar-se.

– A Doca será nossa e Lakton será forçada a submeter-se antes mesmo que percebam que nos aproximamos.

Inevera acenou afirmativamente.

– Disso não tenho qualquer dúvida. Mas precisaremos de um registo rigoroso de todas as tuas despesas e da colheita capturada.

– Hã? – questionou Jayan. – Sou um khaffit para perder tempo com livros e cálculos quando os meus homens derramam o seu sangue?

– Claro que não – afirmou Inevera. – É por isso que Abban te acompanhará.

– Hã? – disse Abban, sentindo um enorme buraco formar-se no seu estômago.

ONZE

DOCA

333 DR Inverno

– Damajah, terá havido algum engano – disse Abban. – Os meus deveres aqui...

– Podem esperar. – A voz de Inevera sobrepôs-se à sua. O facto de ter recusado vê-lo, comunicando apenas através do seu anel de hora era mais eloquente que quaisquer palavras sobre a irreversibilidade da decisão. – Expuseste demasiado bem a situação, khaffit – continuou a Damajah. – Precisamos da décima parte da colheita laktoniana para manter a força das nossas tropas e, ambos sabemos, Jayan cagaria sobre o cereal laktoniano para mostrar o seu desprezo em vez de o pesar e enviar para a Fortuna de Everam. Terás de ser tu a assegurar-te disso.

– Damajah, o teu filho odeia-me – explicou Abban. – Longe do teu alcance....

– Poderás ser tu a ser apanhado por uma flecha perdida e a não regressar? – perguntou Inevera. – Sim, é verdade. Terás de ser cuidadoso, mas, desde que consigas ocupar-te dos aspetos da guerra que despreza, Jayan perceberá o valor de te manter vivo.

– E Hasik, o seu guarda-costas? Que foi castrado pelos meus homens? – perguntou Abban.

– Foste tu a libertar esse génio maligno, khaffit – replicou Inevera. – Cabe-te a ti encontrar uma forma de voltar a prendê-lo. A morte de Hasik não encheria quaisquer frascos de lágrimas.

Abban suspirou. Com Qeran e Sem Orelhas sempre a seu lado, era pouco provável que Hasik o atacasse e poderia tornar-se suficientemente útil para

Jayan para lhe agradar durante algum tempo. Sem dúvida, haveria fortuna em Lakton. Muitas fortunas para quem se mantivesse atento.

– Poderei regressar com a décima parte? – perguntou. Certamente, conseguiria sobreviver algumas semanas.

– Poderás regressar quando a bandeira krasiana esvoaçar sobre Lakton e não antes – disse Inevera. – Os dados dizem que será necessária sabedoria na conquista e é algo que não existe no meu filho ou no seu séquito. Deverás guiá-los.

– Eu? – Abban ficou boquiaberto. – Gerir uma guerra e dar ordens ao filho do Libertador? Tais coisas estão acima da minha casta, Damajah.

Inevera riu-se ao ouvir aquilo.

– Por favor, khaffit. Insultas-nos a ambos.

Como Inevera previra, a Lua Nova não trouxera níveis invulgares de ataques de alagai, mas nem os chin rebeldes eram tolos a ponto de enfraquecer as defesas na escuridão sem lua. O amanhecer depois da terceira noite demorou o seu tempo.

– Assim que a estrada estiver segura, quero ser informado diariamente de cada operação – exigiu Abban a Jamere.

Jamere revirou os olhos.

– Disseste-mo já sete vezes, tio.

– Um dama deveria saber que o sete é um número sagrado – disse Abban. – Mais sagrado ainda será o número sete multiplicado por setenta. Será esse o número de vezes que te direi, se for necessário para que essa cabeça dura fixe as minhas palavras.

Havia poucos dama no mundo com os quais um khaffit pudesse falar naquele tom sem ser enviado numa viagem pelo caminho solitário logo a seguir, mas Jamere era sobrinho de Abban. Tornara-se arrogante e insuportável desde que passara a vestir-se de branco, mas Abban não o teria acolhido se não fosse inteligente. Suficientemente inteligente para compreender que a sua vida confortável dependia inteiramente de manter feliz o seu tio. Entregaria a gestão dos negócios às mulheres da família, as irmãs e esposas de Abban, agindo como figura tutelar simbólica para assinar papéis e ameaçar quem se atrevesse a cobiçar o seu território durante a sua ausência.

– Por Everam e por tudo o que é sagrado, juro que enviarei cartas diárias – respondeu Jamere com uma vénia arrogante.

– Verga de Everam, rapaz – riu-se Abban. – Confio menos nessa

promessa do que em qualquer outra coisa!

Abraçou-o. Via-o como um filho, tanto como qualquer um dos seus descendentes legítimos, e beijou-o na face.

– Basta de encher frascos de lágrimas como esposas ao anoitecer – exclamou Qeran. – As tuas novas muralhas são fortes, Abban, mas serão testadas se o Sharum Ka precisar de vir buscar-te.

O instrutor estava montado num dos enormes cavalos hortelões. Não havia qualquer sinal do aleijado bêbado que Abban encontrara numa poça do seu mijo meses antes. O estribo direito de Qeran fora especialmente concebido para encaixar na sua perna de metal e manobrava o animal sem dificuldades.

– Todos. Os. Dias – sussurrou ao ouvido de Jamere uma última vez.

Jamere riu-se.

– Parte, tio. – Empurrou levemente Abban para o seu camelo, imobilizando com o seu peso as cordas da maldita escada enquanto Abban se esforçava para subir. – Será melhor pedir que tragam um guindaste? – perguntou.

Abban esmagou os dedos do jovem clérigo com a muleta, apoiando nela o seu peso enquanto subia outro degrau. Jamere gemeu de dor e afastou rapidamente a mão quando o peso foi erguido, mas mantinha um sorriso arrogante enquanto sacudia os dedos.

Abban chegou finalmente ao topo do animal, prendendo-se com correias. Ao contrário de Qeran, Abban não conseguia montar a cavalo durante muito tempo sem sentir dor insuportável. Era mais fácil instalar-se na sela acolchoada sobre o seu camelo preferido. O animal era teimoso, tão propenso a cuspidelas como à obediência, mas era tão rápido como qualquer cavalo de guerra krasiano quando sentia o chicote e a velocidade seria crucial para avançar sobre terreno acidentado.

Manteve os olhos fixos em frente até o cortejo passar os portões. A seguir, hesitou, olhando para trás uma última vez, procurando com melancolia as muralhas grossas do seu complexo. Era o primeiro local em que se sentira seguro desde que Ahmann trouxera o seu povo da Lança do Deserto. O creto mal secara nas muralhas e os seus guardas tinham acabado de se habituar às suas rotinas. E, mesmo assim, fora já forçado a abandonar o que construíra.

– Não é tão bonito como o palácio de um Damaji – comentou Qeran a seu lado –, mas é uma fortaleza tão resistente como a Lança do Deserto.

– Faz-me regressar vivo, instrutor – disse Abban – e ficarás mais rico que um Damaji.

– Para que me serve a riqueza? – perguntou Qeran. – Tenho a minha honra, a minha lança e a sharak. Um guerreiro não precisa de mais. – O instrutor riu-se da expressão preocupada de Abban. – Não temas, khaffit! Jurei-te lealdade, para o bem e para o mal. A honra exige que te acompanhe em segurança ou que morra a tentar.

Abban sorriu.

– A primeira dessas possibilidades, por favor, instrutor. Ou ambas, se for necessário.

Qeran acenou afirmativamente, esporeando o cavalo e iniciando o cortejo. Atrás deles, seguia a Centena de Abban, kha'Sharum escolhidos e treinados pessoalmente por Qeran. O decreto do Libertador concedera-lhe cem guerreiros e não mais que isso, mas Abban recrutara cento e vinte, prevendo a hipótese de alguns fracassarem no treino ou sofrerem ferimentos irrecuperáveis.

Até ali, todos se tinham revelado capazes, mas o treino acabara de começar. Regressariam quando o Trono dos Crânios o exigisse e não antes. Desejava poder levá-los a todos para Lakton e também aos seus quinhentos chi'Sharum, mas Jamere e as suas mulheres precisavam de homens para defender as suas posses e seria pouco recomendável expor a totalidade do seu poderio perante o séquito de Jayan. Alguns deles, pelo menos, conseguiam contar além da centena.

O Sharum Ka dava instruções de última hora a Hoshkamin, o seu irmão mais novo, quando o encontraram finalmente no campo de treinos. Jayan espantara a corte do Andrah quando anunciara que Hoshkamin, que acabara de receber as vestes negras, ocuparia o Trono da Lança durante a sua ausência.

Foi uma manobra arrojada, mostrando que Jayan percebia o perigo de abandonar o centro do seu poder. Hoshkamin era demasiado inexperiente para conseguir liderar verdadeiramente, mas, tal como Jamere, o terceiro filho do Libertador e os seus onze meios-irmãos eram administradores intimidantes.

Jayan poderá vir a ocupar o Trono dos Crânios, pensou Abban. *Será melhor que tente conquistá-lo enquanto ainda posso.*

– Cavalos, khaffit. Foi isso o que disse – exclamou Jayan, olhando o camelo de Abban. – Os chin ouvirão os bramidos dessa besta a quilómetros.

Os outros guerreiros riram-se, com exceção de Hasik, que fitou Abban com ódio declarado. Dizia-se que se tornara mais sádico desde que Abban o castrara. Sem a descompressão brutal mas simples das violações, tornara-

se... criativo. Um traço que, aparentemente, Jayan encorajava.

– Ter um khaffit connosco é um mau augúrio, Sharum Ka – disse Khevat. – Pior será ter connosco este khaffit em particular. – O dama Khevat sentava-se sobre o seu cavalo branco com costas direitas e face imperscrutável. Odiava Abban quase tanto como Hasik, mas o clérigo era demasiado experiente para expor os seus sentimentos. Sem ter chegado aos sessenta e continuando enérgico, Khevat treinara Ahmann e Abban no sharaj. Tornara-se o dama principal de Krasia, sendo o pai do Andrah e avô do Damaji dos Kaji. Talvez fosse o único homem suficientemente poderoso para manter Jayan na linha.

Talvez.

Ao lado de Khevat, sobre um cavalo mais pequeno mas igualmente branco, viu a dama'ting Asavi. As outras dama'ting viajavam numa carruagem com as carroças de abastecimento, mas, aparentemente, Inevera não corria riscos naquela missão. Sem dúvida que ver uma mulher, mesmo uma dama'ting, montar um cavalo como um homem enervaria o séquito do Sharum Ka, mas era uma Noiva de Everam e ninguém se atrevia a opor-se-lhe.

O olhar de Asavi era ainda mais difícil de ler que o de Khevat. Os seus olhos não transmitiam qualquer indício de se terem conhecido anteriormente. Abban sentia-se grato por Inevera ter outro agente por perto, mas não era tolo para esperar que o protegesse na eventualidade de enfurecer o seu anfitrião.

– Não consigo montar a cavalo, Sharum Ka – disse Abban. – E, obviamente, manterei a distância enquanto conquistares o povoado. O meu camelo ruidoso e eu só nos aproximaremos da Doca depois da vitória, quando for necessário contabilizar os despojos.

– Abrandará o nosso avanço pelas terras chin, Sharum Ka – disse Hasik. Sorriu, mostrando um dente de ouro que substituíra o que Qeran lhe arrancara no sharaj um quarto de século antes, merecendo-lhe a alcunha *Assobiador*. – Não seria a primeira vez que o peso de Abban perturbaria uma marcha. Permite que o mate agora.

Qeran fez avançar o seu cavalo. O instrutor treinara o próprio Libertador e até Jayan o respeitava.

– Terás de passar por mim primeiro, Hasik. – Sorriu. – E ninguém conhecerá tão bem as tuas falhas de guerreiro como quem te instruiu.

Hasik arregalou os olhos, mas a sua expressão de surpresa depressa se transformou num rosnado.

– Já não sou teu aluno, velho. E ainda tenho todos os meus membros.

Qeran grunhiu de desprezo.

– Nem todos, pelo que ouço! Avança, Assobiador. Desta vez, perderás mais do que um dente.

– Assobiador! – Jayan riu-se, quebrando a tensão. – Terei de me lembrar disso! Para trás, Hasik.

O eunuco fechou os olhos e, por um momento, Abban pensou que atacaria em seguida. Qeran descontraiu, mas Abban sabia que conseguiria reagir num instante se Hasik avançasse.

Mas Hasik não ousaria desobedecer ao Sharum Ka. A sua posição na hierarquia caíra muito desde que Abban o castrara por violar a sua filha e Jayan fora o único a oferecer-lhe a hipótese de restaurar parte da honra perdida.

– Ajustaremos contas noutro dia, comedor de porco – rosnou, fazendo recuar o cavalo pesado.

Jayan voltou-se para Abban.

– Mas está certo. Abrandar-nos-ás, khaffit.

Abban curvou-se tanto quanto podia sobre a sua sela.

– Não será necessário que abrande a marcha veloz dos teus guerreiros, Sharum Ka. Viajarei um dia atrás com a minha Centena e as minhas carroças de provisões. Encontrar-nos-emos no acampamento no dia anterior ao ataque e chegaremos à Doca ao meio-dia na primeira neve.

Jayan abanou a cabeça.

– Demasiado cedo. Os combates poderão prolongar-se durante o dia. Será melhor que venhas no amanhecer seguinte.

Ou seja, tu e os teus homens precisam de um dia para saquear adequadamente o povoado, pensou Abban.

Voltou a curvar-se.

– Mil perdões, Sharum Ka, mas, para que a missão tenha sucesso, não poderá acontecer o que dizes. É impossível. Como disseste ao conselho, deverás capturar o povoado e a décima parte das colheitas antes que percebam o que lhes acontece. Ataca com rapidez e dureza para que não fujam nos seus navios e para que não incendeiem a sua colheita apenas para que não a levemos.

Baixou a voz para que fosse Jayan o único a ouvi-lo enquanto a expressão do jovem Sharum Ka se ensombrava pelo tom com que lhe falava.

– Claro que o meu primeiro dever ao fazer o registo será assegurar que o Sharum Ka receberá a sua parte dos despojos antes de serem enviados para a Fortuna de Everam. O Trono dos Crânios autorizou-me a conceder-te dez

por cento, mas haverá alguma... *hmm*... flexibilidade nestas questões. Poderia chegar aos quinze...

Os olhos de Jayan brilharam com ganância.

– Vinte. Ou esventrar-te-ei como o porco que és.

Sharum, pensou Abban, contendo o sorriso. *São todos iguais. Nenhum deles tem talento como regateador.*

Expirou, forjando uma máscara de preocupação de forma completamente teatral. Conseguiria conceber uma teia de listas e tabelas que Jayan não conseguiria compreender por mais que se esforçasse e não perceberia que armazéns inteiros e milhares de hectares tinham desaparecido dos registos. Abban asseguraria que o Sharum Ka acreditaria ter recebido cinquenta por cento, recebendo menos que cinco.

Curvou-se, por fim.

– Será como ordena o Sharum Ka.

Talvez aquela viagem acabasse por não ser assim tão má.

Abban sentava-se na cadeira confortável que colocara sobre a pequena colina, observando com a luneta o ataque à Doca. Qeran, Sem Orelhas e Asavi preferiam manter-se de pé, mas não lho invejava. A classe guerreira e os sacerdotes sempre revelaram ser masoquistas.

Escolhera aquela colina pela sua vista privilegiada do povoado e das docas numa direção em que seria pouco provável que os refugiados fugissem quando se iniciassem os combates. O dia estava suficientemente claro para lhe permitir ver a cidade no lago à vista desarmada, parecendo-lhe um borrão tingindo o horizonte. Tornava-se mais clara com a luneta, mesmo que conseguisse ver apenas docas e navios. Levando em consideração a distância, era muito maior do que antecipara.

Voltando a olhar a Doca e ajustando a luneta, conseguiu ver com clareza os trabalhadores portuários. Moviam-se com facilidade, sem saberem o que aí vinha.

Mesmo àquela distância, Abban conseguia ouvir o trovejar da carga krasiana. Os primeiros moradores da Doca que encontraram ergueram o olhar segundos antes da morte, empalados em dardos ligeiros lançados de cavalos em movimento. Os dal’Sharum eram animais embrutecidos e sem educação, mas ninguém era melhor a matar.

Espalharam-se enquanto se aproximavam do povoado, com alguns avançando pelas ruas para semear o caos e submeter a população enquanto outros flanqueavam as casas de ambos os lados, acelerando para atacar as

docas de ambas as direções, antes que os marinheiros percebessem o que acontecia.

Os gritos começaram a ouvir-se. Gritos de vítimas bruscamente interrompidos e lamentos arrastados dos que ficavam para trás. Os sons não agradavam a Abban, mas também não o faziam sentir remorsos. Não era uma chacina sem sentido. Uma submissão rápida era mais lucrativa que um cerco longo. Que os Sharum se divertissem. Desde que capturassem as docas, os navios e a décima parte das colheitas.

Começaram a surgir chamas enquanto os guerreiros procuravam semear confusão e caos a caminho do seu objetivo. Como regra, Abban odiava o uso do fogo como arma de guerra. Era indiscriminado e dispendioso, acabando por destruir inevitavelmente coisas de valor. As vidas dos Sharum eram muito mais baratas.

Começaram a soar trompas, seguindo-se o grande sino das docas. Abban viu os marinheiros largando a carga que carregavam e correndo para os navios.

O ar à volta das docas preencheu-se com as flechas disparadas pelos arqueiros Mehnding e pelas lanças de arremesso dos Sharum, matando primeiro os homens nos conveses, tentando desesperadamente levantar âncoras e içar velas, e os trabalhadores em fuga logo a seguir.

Abban sorriu, movendo a luneta para a água. Alguns navios que se aproximavam voltaram para trás, mas um deles encontrou um pontão desimpedido e avançou, descendo rampas para as mulheres e crianças que fugiam do ataque.

As rampas vergaram sob o peso dos que correram na sua direção e vários refugiados caíram à água. Homens válidos engrossaram a torrente dos fugitivos, empurrando até parecer que eram mais os que caíam do que os que conseguiam subir em segurança. Ninguém se preocupava em auxiliar os caídos. Todos se preocupavam em subir a bordo.

Quando o navio atingiu a sua capacidade, notando-se claramente que o casco se submergia mais que antes, o capitão gritou qualquer coisa para um chifre que lhe ampliava a voz, mas a população em fuga continuou a tentar subir a bordo. Os marinheiros pontapearam as rampas antes que afundassem o navio e posicionaram as velas a favor do vento, fazendo a embarcação afastar-se prontamente da água repleta de refugiados e dos seus gritos de desespero.

Abban suspirou. Podia não sentir remorsos, mas não sentia qualquer desejo de ver gente afogar-se. Moveu a sua luneta novamente para o povoado, onde os Sharum pareciam ter conseguido controlo firme. Esperou

que se apressassem a extinguir os incêndios. O fumo era já demasiado...

Abban sobressaltou-se, movendo rapidamente a luneta para as docas.

– Verga de Everam... Outra vez, não – disse. Voltou-se para Qeran. – Prepara os homens. Vamos avançar.

– Faltam horas para o meio-dia – recordou Qeran. – O Sharum Ka...

– Perderá esta guerra se não conseguir controlar os imbecis fodedores de camelos que são os seus guerreiros – ripostou Abban. – Queimam os navios.

* * *

– Que diferença faz? – questionou Jayan. – Disseste que devíamos capturar a décima parte e não deixar que os navios fugissem. Fizemos as duas coisas e atreves-te a gritar-me?

Abban inspirou fundo. O seu sangue fervia tanto como o de Jayan e isso era perigoso. Podia falar a Ahmann como se fosse um tolo, mas o seu filho não toleraria tais palavras vindas de um khaffit.

Curvou-se.

– Com respeito, Sharum Ka, como chegarão os teus guerreiros à cidade no lago para a conquistar sem navios?

– Construiremos os nossos próprios navios. Não será dif... – Jayan calou-se, olhando as enormes embarcações de carga com os seus cordames e velas complicados. – Apaguem os fogos! – gritou. – Icha! Sharu! Controlem as chamas. Afastem do fogo os navios que restam!

Mas claro que os Sharum não sabiam como afastar os navios e as embarcações amaldiçoadas por Everam pareciam arder como se estivessem cobertas de óleo. Abban olhou horrorizado enquanto uma frota de quase quarenta navios de grande tamanho e de centenas de navios mais pequenos, juntamente com a maior parte das docas, se reduzia a dez navios chamuscados e um punhado de pequenos barcos.

Jayan arregalava os olhos, como se desafiasse Abban a falar da frota perdida, mas Abban manteve um silêncio sensato. Os navios eram uma preocupação para a primavera e o inverno acabara de começar. Tinham a décima parte das colheitas e, se era verdade que haviam perdido os navios, Lakton também tinha perdido a sua ligação com a margem.

– Os meus parabéns por uma bela vitória, Sharum Ka – disse Abban, lendo os relatórios dos seus homens depois de terem catalogado os despojos resultantes do ataque. O cereal seria enviado quase na totalidade para a

Fortuna de Everam, mas havia barris numerosos de bebida forte que Abban conseguiria fazer desaparecer e transformar em lucro, além de outros objetos preciosos e de terrenos agrícolas. – A Damajah ficará muito agradada contigo.

– Aprenderás em breve, khaffit – disse Jayan – que a minha mãe nunca fica agradada. Ou orgulhosa.

Abban encolheu os ombros.

– O tesouro é vasto. Podes contratar mil mães para te seguirem e para te cobrirem de elogios.

Jayan olhou-o de soslaio.

– Quão vasto?

– O suficiente para dar terras, casas e dez mil draki a cada um dos teus tenentes de maior confiança – assegurou Abban. O salário de um Sharum durante um ano inteiro. O número parecia grande, mas era uma ninharia dividida por algumas dúzias de homens.

– Não desbarates a minha fortuna com tanta prontidão, khaffit – rosnou Jayan.

– A tua fortuna? – repetiu Abban, parecendo magoado. – Pressupões demasiado. São despesas de guerra cobertas no orçamento que apresentei ao Andrah antes de partir. A tua bolsa terá capacidade para começar a saldar a dívida longa que manténs com a Guilda dos Construtores. Posso assegurar um pagamento direto se desejares.

Como todos os homens, Jayan demonstrava por pequenos sinais que o sangue lhe começava a ferver. Fez estalar os nós dos dedos e Abban percebeu que tocara num ponto sensível.

A fraqueza de Jayan era o seu palácio. Estava determinado em construir um palácio maior que qualquer outro, como seria digno do herdeiro legítimo do Trono dos Crânios. Aliando-se à sua completa incapacidade para contar sem os dedos, essa ânsia deixara o príncipe primogénito com ar bafiento nos cofres e mais juros acumulando-se com cada dia em que não conseguia pagar. Em mais do que uma ocasião, apresentara-se diante do Trono dos Crânios, implorando dinheiro para o *esforço de guerra* apenas para apaziguar os seus credores. A construção do palácio do Sharum Ka parara a meio. Era um embaraço que o seguia para onde fosse.

O assunto precisava de solução para que o rapaz se tornasse manipulável.

– Porque devo pagar a esses cães? – perguntou Jayan. – Vampirizaram-me durante demasiado tempo! E para quê? A cúpula do meu palácio parece um ovo partido! Não. Agora que consegui esta vitória, voltarão ao trabalho

ou ordenarei a sua morte.

Abban acenou com a cabeça.

– Seria o teu direito, claro, Sharum Ka. Mas, se o fizesses, verias limitado o número de artesãos qualificados disponíveis para trabalhar para ti. E os que restassem não teriam materiais. Matarás também os pedreiros? Os canalizadores? Conseguirás manter as bestas de carga vivas com ameaças mesmo que não tenham dinheiro ou alimento?

Jayan manteve-se em silêncio por um longo momento e Abban permitiu-lhe um momento para interiorizar o que dissera.

– Na verdade, Sharum Ka – continuou Abban –, se pretendes matar alguém, deverias escolher os agiotas pelos juros ridículos que te cobram.

Jayan cerrou os punhos. Era sabido que esgotara linhas de crédito com todos os agiotas de Krasia. Abriu a boca para proferir uma sequência de palavras que terminaria provavelmente com uma ordem sangrenta e estúpida.

Abban pigarreou a tempo.

– Se me permitires que negoceie por ti, Sharum Ka, creio que conseguirei eliminar grande parte da dívida e iniciar pagamentos que farão as obras no teu palácio recomeçarem sem necessidade de te esvaziar a bolsa. – Baixou a voz, querendo que as suas palavras fossem ouvidas apenas por Jayan. – O teu poder e influência aumentarão quando tiveres uma reputação de homem que paga as suas dívidas, Sharum Ka. Tal como o teu pai.

– Não confies no khaffit, Sharum Ka – advertiu Hasik. – Segredar-te-á veneno ao ouvido.

– Confia – disse Abban, apontando Hasik com o queixo – e poderás dar ao teu cão uma piça de ouro para combinar com o dente.

Jayan riu ruidosamente e o seu séquito não demorou a imitá-lo. A face de Hasik corou enquanto levava a mão à lança.

Jayan levou dois dedos aos lábios e assobiou.

– Assobiador! A mim!

Hasik voltou-se para ele com incredulidade, mas a frieza no olhar do jovem Sharum Ka deixava clara a forma como lidaria com a insolência. Hasik baixou a cabeça enquanto se aproximava, erguendo-se atrás de Jayan.

– Saíste-te bem, khaffit – disse Jayan. – Talvez não precise de te matar, afinal.

* * *

Abban esforçou-se para manter a expressão e a postura descontraídas

enquanto via os guerreiros rodearem o armazém, mas manteve o queixo firme. Implorara a Jayan que o deixasse enviar a sua Centena naquela missão delicada em vez dos dal'Sharum, mas o seu pedido foi ignorado. A glória em jogo era imensa.

O colossal armazém nas docas tinha grandes janelas voltadas para os três grandes pontões que se erguiam da água como um tridente. O príncipe mercador local, o mestre da doca Isa, ter-se-ia alegadamente barricado com os seus guardas no interior.

De acordo com os espiões de Abban, os mestres da doca eram o verdadeiro poder em Lakton. O duque Reecherd era o mais forte entre eles, mas, a não ser que houvesse um empate, o seu voto pouco mais peso tinha que qualquer outro.

– Envergonha-lo com esta tarefa – disse Qeran.

Abban voltou-se para o instrutor que se aproximava, indicando Sem Orelhas com a cabeça. O resto da Centena de Abban espalhava-se pelo povoado, recolhendo informações e preparando relatórios.

– Sem Orelhas é um dos melhores lutadores em combate corpo a corpo que alguma vez vi – continuou Qeran, elogiando-o sem contenção por saber que o guerreiro não o ouviria. – Devia matar alagai em vez de fazer sombra a um khaffit que receia um pouco de sol.

Era verdade que os dois metros de músculos salientes e o armamento abundante do kha'Sharum o faziam parecer um pouco tolo segurando uma delicada sombrinha de papel sobre Abban. A mudez impedia-o de protestar, não que Abban se tivesse deixado convencer mesmo que o fizesse. Pensava que conhecia bem o sol após uma vida inteira no deserto krasiano, mas o reflexo na água do lago era completamente diferente.

– Pago generosamente aos meus kha'Sharum, instrutor – disse Abban. – Se desejar vesti-los com túnicas coloridas de mulher para fazerem a dança das almofadas, será sensato que o façam com um sorriso nos lábios.

Abban olhou novamente os Sharum, vendo-os pontapear as portas e invadir o armazém. Arcos foram disparados das janelas do segundo e do terceiro piso. A maioria foi defletida pelos escudos guardados redondos, mas guerreiros ocasionais gritaram e caíram.

Mesmo assim, os guerreiros avançaram, enchendo a porta. Por cima, um barril de óleo foi despejado sobre as suas cabeças, seguindo-se um archote que envolveu em chamas uma dúzia de homens. Metade foi suficientemente sensata para correr de volta ao cais, saltando para a água, mas os restantes deambularam em redor, gritando e incendiando os seus companheiros. Os outros guerreiros foram forçados a voltar contra eles as lanças para se

defenderem.

– Se for minimamente inteligente – disse Abban –, Sem Orelhas preferirá a sombrinha.

Era a primeira resistência organizada que os homens de Jayan encontravam, conseguindo matar e ferir mais guerreiros do que o resto do povoado combinado. Mas havia centenas de Sharum e apenas um punhado de guardas de Isa. Foram rapidamente vencidos e os fogos foram extintos antes de consumirem o edifício grandioso que Jayan reclamara já como o seu palácio na Doca.

– Everam – exclamou Abban –, se algum dia ouviste as minhas súplicas, permite que tragam o mestre da doca com vida.

– Falei com os homens antes do ataque – disse Qeran. – São Lanças do Libertador. Não falharão no seu dever apenas porque alguns homens foram enviados pelo caminho solitário. Morreram com honra e não tardarão a erguer-se perante Everam para serem julgados.

– O cão mais bem treinado morderá sem ordem para isso se for suficientemente acossado – disse Abban.

Qeran grunhiu. Era o indicador habitual de que acolhia um insulto. Abban abanou a cabeça. Os Sharum facilmente proferiam discursos arrojados sobre honra, mas viviam segundo as suas paixões e raramente viam além do momento. Conseguiriam distinguir o mestre da doca de um dos seus guardas?

Foi dado o sinal de que tudo estava resolvido e Abban, Qeran e Sem Orelhas aproximaram-se para se juntarem ao Sharum Ka enquanto os prisioneiros eram trazidos para fora.

Primeiro, um grupo de mulheres. A maior parte envergava vestidos longos de pano fino, seguindo a moda hortelã. Eram vestes de rameira pelos padrões krasianos, mas recatadas pelos seus próprios padrões. Abban percebia pelo cabelo e pelas joias que eram mulheres de estatuto elevado ou casadas com homens de poder, estando habituadas ao luxo. Estavam praticamente intocadas, mas não por misericórdia dos guerreiros. Jayan poderia escolher as mais jovens e as restantes seriam divididas pelos seus oficiais.

Algumas das mulheres vestiam calças como homens. Estas apresentavam nódoas negras, mas as suas roupas permaneciam intactas.

O mesmo não poderia dizer-se dos guardas chin que foram trazidos pela porta a seguir. Os homens tinham sido despidos como forma de humilhação, com os braços presos em torno de hastes de lança. Os dal’Sharum fizeram-nos avançar com pontapés, empurrões e chicoteando-

os com correias de couro.

Mas estavam vivos. Isso deu esperança a Abban, acreditando que, pelo menos daquela vez, os Sharum conseguiriam superar as suas expetativas modestas.

Algumas das mulheres observaram a cena horrorizadas, mas a maioria afastou a cara, soluçando. Uma delas, uma mulher forte de meia-idade, observava com olhar duro. Vestia roupa masculina de bom corte e pano fino. Outras mulheres seguravam-na, tentando consolá-la.

Os guerreiros pontapearam os joelhos dos chin e pressionaram-lhes as costas nuas com as botas, encostando as suas cabeças ao chão em submissão forçada enquanto Jayan se aproximava.

– Onde está o mestre da doca? – perguntou Jayan, falando em thesano compreensível apesar do sotaque cerrado.

Hasik ajoelhou diante dele.

– Procurámos no edifício inteiro, Sharum Ka. Não há sinais dele. Ter-se-á misturado com os guerreiros.

– Ou fugiu – disse Abban. Hasik olhou-o com ódio, mas não podia negar a possibilidade.

Jayan aproximou-se de um homem ao acaso, pontapeando-o com tamanha violência que o homem caiu de costas. Debateu-se, nu e indefeso, mas a sua face manteve a expressão de desafio enquanto Jayan lhe encostava a ponta da lança ao coração.

– Onde está o mestre da doca? – perguntou.

O guarda cuspiu-lhe, mas o ângulo estava errado e a saliva aterrou-lhe sobre o ventre nu.

– Chupa-me a piça, ratazana do deserto!

Jayan acenou com a cabeça a Hasik, que pontapeou com gáudio o homem entre as pernas até ficar com as sandálias ensanguentadas e não restar nada para chupar.

– Onde está o mestre da doca? – voltou a perguntar Jayan, quando os gritos do homem se transformaram em gemidos.

– Vai para o Núcleo! – guinchou o homem.

Jayan suspirou, trespassando o peito do homem com a lança. Voltou-se para o seguinte e Hasik pontapeou-lhe também as costas. O homem chorava descontroladamente enquanto Jayan se curvava sobre ele.

– Onde está o mestre da doca?

O homem gemeu entre dentes, com as lágrimas marcando-lhe a face. As tábuas do pontão ficaram molhadas à sua volta. Jayan recuou, enojado.

– Cão patético! – rosnou, erguendo a lança para desferir o golpe fatal.

– BASTA!

Todos os olhares se voltaram para quem falara. A mulher com vestes masculinas ricas afastou-se das outras e deu um passo em frente.

– Sou a mestra da doca Isadore.

– Mestra, não! – gritou um dos homens presos. Tentou levantar-se, mas um pontapé violento fê-lo voltar a cair.

Isadore?, pensou Abban.

Jayan riu-se.

– Tu?! Uma mulher? – Avançou e segurou-a pelo pescoço. – Diz-me onde está o mestre da doca ou mato-te aqui mesmo.

A mulher não pareceu abalada, enfrentando o seu olhar selvático.

– Já te disse. Sou eu a mestra da doca, maldito selvagem.

Jayan rosnou e começou a apertar. A mulher manteve o olhar de desafio por mais alguns momentos e a sua cara começou a ficar vermelha enquanto puxava inutilmente o braço de Jayan.

– Sharum Ka! – gritou Abban.

Todos os olhares se voltaram para ele, mas Jayan não soltou a mulher, segurando-a pelo pescoço enquanto perdia a força nas pernas. Khevat e Hasik eram quem olhava Abban com maior atenção, preparados para golpear ao primeiro sinal de contrariedade demonstrado por Jayan.

Abban nunca se mostrava avesso a ajoelhar quando era necessário e não demorou a encostar os joelhos e a testa às tábuas do pontão.

– Os costumes dos hortelões são estranhos, honrado Sharum Ka. Fui informado de que o mestre da doca se chama Isa. Esta mulher, Isadore, pode dizer a verdade.

Não proferiu as palavras que tantas vezes repetira ao rapaz em privado. O mestre da doca era muito mais valioso vivo que morto.

Jayan olhou a mulher com atenção, avaliando-a, e acabou por soltá-la. Caiu ao pontão com a face roxa, tossindo e tentando encher os pulmões. Apontou-lhe a lança.

– És a mestra da doca Isa? – perguntou. – Se descobrir que me mentiste, mandarei matar todos os homens, mulheres e crianças neste povoado chin.

– Isa era o meu pai – respondeu a mulher. – Morreu há seis invernos. Sou Isadore e ocupei o seu lugar quando as chamas devoraram a barca funerária.

Jayan olhou-a fixamente, pensando, mas Abban, que olhara também os outros prisioneiros, já estava convencido.

– Sharum Ka – disse. – Capturaste a Doca para o Trono dos Crânios. Não chegou o momento de içar a bandeira?

Jayan olhou-o. Era um plano que tinham discutido pormenorizadamente.

– Sim – disse, por fim.

Sopraram-se trompas e os Sharum marcharam os aldeões chin para o cais diante das suas lanças enquanto a mestra da doca Isadore era conduzida ao mastro, sendo forçada a arriar a bandeira laktoniana, um grande navio de três mastros sobre azul, e a erguer o estandarte krasiano, com as suas lanças cruzadas diante do sol poente.

Era um gesto puramente simbólico, mas não deixava de ter importância. Permitia a Jayan poupar o resto da sua corte, reconhecendo o seu estatuto como princesa dos chin sem parecer fraco.

– Uma mulher – repetiu Jayan. – Isto muda tudo.

– Tudo e nada, Sharum Ka – considerou Abban. – Seja homem ou mulher, o mestre da doca tem informações e contactos e a forma como será tratada influenciará os que governam a cidade no lago. Permite que os poderosos pensem que manterão os seus títulos e posses e entregar-nos-ão o seu povo numa bandeja.

– De que serve capturar a cidade para permitir que os chin a governem? – perguntou Jayan.

– Impostos – respondeu Khevat.

Abban baixou a cabeça, concordando.

– Permite que os chin mantenham os seus navios e verguem as costas sobre as redes de pesca. Mas, quando vierem à tua doca, três em cada dez peixes serão teus.

Jayan abanou a cabeça.

– A mestra da doca pode manter o seu título, mas o peixe será meu. Será minha Jiwah Sen.

– Sharum Ka, são selvagens! – gritou Khevat. – Não desejarás certamente misturar o teu sangue sagrado com o mijo de camelo que corre nas veias dos chin.

Jayan encolheu os ombros.

– Tenho um filho e uma Jiwah Ka Kaji para darem continuidade ao meu nome. O meu pai sabia como domar os chin, como fez com as tribos de Krasia. Sabia que deveria tornar-se um deles. Cometeu o erro de permitir que mestra Leesha mantivesse o seu título antes de aceitar, dando-lhe a possibilidade de recusar. Não cometerei o mesmo erro.

Abban tossiu nervosamente.

– Sharum Ka, devo concordar com o grande dama Khevat, cuja sabedoria é bem conhecida em toda Krasia. O teu pai reconheceu o título de mestra Leesha e permitiu-lhe a liberdade de escolha porque o direito de uma

criança ao seu poder dependia dessa legitimidade. Se tiver apenas o título que lhe concederes, não terá qualquer título que possas reclamar.

Jayan revirou os olhos.

– Conversa e preocupação, preocupação e conversa. É tudo o que os velhos fazem. A Sharak Ka será vencida com ações.

Abban afastou a cara para esconder o seu revirar de olhos enquanto Khevat avançava.

– Seja como for, é demasiado velha. – Khevat proferiu as palavras como se lhe deixassem um sabor desagradável na língua. – Terá o dobro da tua idade ou serei um Majah.

Jayan voltou a encolher os ombros.

– Vi mulheres mais velhas que ela gerando crianças. – Olhou Asavi. – É possível. Não é assim, dama'ting?

Abban olhou Asavi, esperando que a dama'ting pusesse fim àquela tolice.

Ao invés, viu-a acenar afirmativamente.

– Certamente. O Sharum Ka é sábio. Não há maior poder que o sangue. Um filho do teu sangue como herdeiro da mestra da doca tornará teu o povoado.

Abban camuflou a sua estupefação. Era um conselho terrível e acrescentaria meses, no mínimo, ao seu cerco de Lakton. Que pretenderia a dama'ting? Estaria a sabotar propositadamente Jayan? Abban não a censurava. Everam... Ajudá-la-ia de bom grado, mas não sem conhecer o plano. Estava habituado a ser o jogador e não o peão.

– Permite-me negociar as condições, pelo menos – disse Abban. – Uma pequena demora para manter as aparências. Um mês no máximo e poderei...

– Não há nada para negociar e não há qualquer motivo para adiar – disse Jayan. – Passará a pertencer-me, tal como as suas posses. O contrato será assinado esta noite ou nem ela nem a sua corte verão nascer o dia.

– Isso inflamará os chin – avisou Abban.

Jayan riu-se.

– E então? São chin, Abban. Não lutam.

– Sim. – A mestra da doca Isadore chorava enquanto proferia a palavra.

Os espiões de Abban tinham trabalhado freneticamente, descobrindo tudo o que podiam acerca da mulher antes da cerimónia. O seu marido fora um dos homens que perecera tentando protegê-la. Abban disse isto a Jayan,

esperando que o rapaz atoleimado lhe permitisse pelo menos sete dias para chorar o marido como decretava o Evejah.

Mas o Sharum Ka não dava ouvidos à razão. Olhava a mulher como um lobo olharia a ovelha mais velha do rebanho. Afeiçoara-se à ideia de a possuir naquela noite e não aceitaria ser demovido. Quando acreditava que ninguém o olhava, tocava-se sobre as vestes.

Ah... Ter dezanove anos e ficar duro só por pensar numa mulher, lamentou Abban. *Nem sequer recordo como era.*

Isadore tinha filhos. Dois filhos, ambos comandantes de navios a caminho de Lakton quando as forças de Jayan atacaram. Opor-se-iam a qualquer acordo com os krasianos, sabendo que Jayan precisava de os matar para garantir o título para o seu filho, se conseguisse engravidar a mulher madura com a ajuda dos encantamentos de Asavi.

Passaram ao arremedo de contrato. Os contratos matrimoniais krasianos costumavam encher um pergaminho longo. Os que foram assinados pelas filhas de Abban tinham preenchido vários pergaminhos, com cada secção assinada e com testemunhas.

O contrato entre Jayan e Isadore mal tinha um parágrafo. Como prometera, Jayan não negociara nada, apoderando-se de tudo e deixando a Isadore apenas o seu título... e a vida do seu povo.

Isadore curvou-se para mergulhar a pena e Jayan inclinou a cabeça para lhe admirar a curva do traseiro. Voltou a apertar as vestes e todos, incluindo Khevat, baixaram o olhar, fingindo ignorar.

E, nesse momento, Isadore atacou. A tinta manchou o pergaminho como sangue de alagai enquanto rodopiava e se lançava sobre Jayan, cravando-lhe o aparo afiado no olho.

– Não te mexas se esperas voltar a ver – disse-lhe Asavi. Não havia muita gente que ousasse dirigir-se naquele tom ao Sharum Ka, mas a sua mãe ensinara Jayan a recear profundamente as dama'ting e Asavi era sua tia em tudo menos no sangue.

Jayan acenou afirmativamente, cerrando os dentes enquanto Asavi usava um par de pinças prateadas para puxar do olho as últimas farpas do aparo.

O Sharum Ka estava ensopado em sangue, mas a maior parte não lhe pertencia. Quando Jayan se afastou finalmente do altar, arfando e rosnando como um animal, a pena espetada no seu olho sangrou surpreendentemente pouco.

O mesmo não poderia dizer-se da mestra da doca Isadore. Abban

espantava-se sempre com a quantidade de sangue que um corpo humano podia conter. As servas nie'dama de Khevat demorariam dias a limpá-lo suficientemente para poderem voltar a consagrar o templo como casa de Everam, iniciando a doutrinação dos chin.

– Arrancarei mil olhos aos chin se perder este – praguejou Jayan. Silvou de dor enquanto Asavi cravava as pinças. – Mesmo que não o perca. Não restará um homem peixe com os dois olhos quando acabar.

Fixou em Abban, Qeran e Khevat o seu olho intacto, desafiando-os a argumentar. Desafiando-os a sugerir que a culpa poderia ser sua por não ter dado ouvidos ao seu conselho. Era como um cão procurando alguém que pudesse morder e todos os presentes o sabiam. Todos mantiveram os olhos baixos e as bocas fechadas enquanto Asavi trabalhava.

Esta provação pertence-te apenas a ti, Sharum Ka, pensou Abban. *Moderará o teu comportamento ou tornar-te-á ainda mais selvagem.*

Não era difícil escolher qual das probabilidades era mais segura. Se alguém fosse suficientemente tolo para aceitar a aposta, Abban apostaria a sua fortuna em como o lago ficaria tingido de vermelho quando a primavera chegasse.

– Seria mais fácil se me tivesses deixado dar-te a poção narcótica – disse Asavi.

– Não! – gritou Jayan, mas encolheu-se depois de Asavi fixar nele um olhar feroz. – Não – repetiu, com maior calma, recuperando a compostura. – Acolherei a dor para nunca a esquecer.

Asavi olhou-o com ceticismo. A maior parte dos pacientes das dama'ting não tinha escolha acerca da utilização de magia de hora, sendo anestesiados de tal forma que não recordavam nada e não podiam interferir com o seu trabalho delicado.

Mas Jayan crescera num palácio onde a magia de hora era usada constantemente e o seu pai era célebre por recusar sedativos enquanto os seus ferimentos eram tratados.

– Como queiras – disse Asavi –, mas o Sol não tardará a nascer. Se não energizarmos o encantamento até lá, perderás o olho.

Depois de retirados os fragmentos, Asavi limpou cuidadosamente o ferimento. Jayan fechou as mãos e esticou os pés, mas a sua respiração manteve-se estável e não se mexeu. Asavi rapou-lhe a sobrancelha, abrindo espaço para as suas guardas.

– Pendurem o que resta do corpo da chin por baixo da nova bandeira ao amanhecer – ordenou Jayan quando a dama'ting se voltou para preparar pincel e tinta.

Qeran curvou-se. Jayan tornara o professor do seu pai um dos seus conselheiros, sabendo que isso lhe aumentaria a legitimidade aos olhos dos seus guerreiros.

– Assim será, Sharum Ka. – Hesitou por um momento enquanto Asavi retomava o trabalho. – Prepararei os homens para a eventualidade de os chin encontrarem coragem para atacar. – Era um velho truque de instrutor. Dava instruções a um kai inexperiente enquanto fingia cumprir ordens.

– Que há para preparar? – ripostou Jayan. – Veremos as suas velas muito antes de se aproximarem o suficiente para nos ameaçarem. A doca e os baixios ficarão tingidos de vermelho.

Asavi beliscou-lhe a face.

– Sempre que falas, enfraqueces uma guarda e não tenho tempo para voltar a pintá-las.

Qeran manteve a sua vénia.

– Será como o Sharum Ka ordena. Enviarei mensageiros aos teus irmãos na estrada, pedindo-lhes que enviem reforços.

– Os meus irmãos chegarão em menos de um mês – disse Jayan. – Avaliei bem os chin. Irei para o abismo se não conseguirmos defender este povoado minúsculo até lá sem a sua ajuda.

– Poderei, pelo menos, instalar balistas na doca? – perguntou Qeran.

– Prepara-as para encher de buracos os navios – replicou Jayan, acenando afirmativamente.

– Coração negro de Nie! – gritou Asavi quando o aceno borrou as guardas. – Saiam todos os que não correrem risco de perder um olho!

Qeran curvou-se mais ainda, usando a armação metálica da perna para apoiar o seu peso. Abban e Khevat dirigiam-se já para a porta, mas Qeran ultrapassou-os a tempo de a abrir.

Jayan recusou dormir, caminhando para trás e para a frente diante da grande janela, esperando o amanhecer enquanto os seus conselheiros o olhavam, visivelmente nervosos. Até Jurim e Hasik mantinham a distância.

O olho do Sharum Ka estava coberto com nuvens leitosas. Conseguia ver formas difusas, como se espreitasse por uma janela suja, mas pouco mais.

Vinte grandes navios laktonianos largaram âncora no horizonte, observando o povoado enquanto os dedos longos do Sol se estendiam para eles.

Sem dúvida que os comandantes usariam as lunetas naquele preciso momento, vendo os restos da mestra da doca, envolvidos nas cores da sua

família mercante, pendurados sob as lanças cruzadas da bandeira krasiana. Soaram trompas e avançaram para o povoado. Na doca, os Mehnding enviados por Qeran preparavam freneticamente as balistas.

– Finalmente! – Jayan cerrou um punho e correu para a lança.

– Não deves lutar – disse-lhe Asavi. – A tua vista enganar-te-á só com um olho. Precisarás de tempo para te habituares.

– Não precisaria de tempo se me tivesses curado adequadamente o olho – replicou Jayan, venenoso.

O véu de Asavi foi sugado por uma inspiração brusca, mas acolheu com serenidade as palavras que ouviu.

– Terias dois olhos perfeitos se me tivesses permitido adormecer-te. Consegui salvar o olho, mesmo assim. Talvez a Damajah consiga sará-lo melhor.

Abban voltou a questionar-se sobre os seus motivos. Teria estado realmente além das suas capacidades ou seria mais uma forma de Inevera conseguir controlar o seu filho impetuoso?

Jayan acenou com a mão, enojado, e saiu pela porta, empunhando a lança. O seu guarda-costas e as Lanças do Libertador seguiram-no em número cada vez maior enquanto avançava pelas várias divisões.

Como o Sharum Ka previra, tiveram tempo suficiente para reunir os Sharum disciplinados na doca e na praia diante do povoado antes que os navios conseguissem tentar uma aproximação. Reuniram-se em formações rígidas na doca e na praia, preparados para unir escudos e para proteger as balistas contra as flechas inevitáveis antes que os navios maiores se aproximassem o suficiente para descarregar os soldados. Os navios mais pequenos avançariam diretamente para a costa.

Abban moveu a luneta sobre a água, contando os navios, calculando a sua dimensão e comparando-a com o espaço disponível nos porões dos navios capturados. Os cálculos não o tranquilizaram.

– Se os navios estiverem carregados até ao limite – disse –, os laktonianos trarão dez mil homens. Cinco vezes o número dos nossos Sharum.

Qeran cuspiu no chão.

– Homens chin, khaffit. E não Sharum. Não serão guerreiros. Dez mil homens cobardes avançando por uma doca estreita ou pela água. Serão esmagados. Uma dúzia cairá por cada tábua de pontão que conseguirem conquistar.

– Nesse caso, esperamos que a sua determinação se perca antes de conseguirem superar-nos – disse Abban. – Talvez tenha chegado o

momento de enviar reforços.

– O Sharum Ka proibiu-o – disse Qeran. – Preocupas-te demasiado, mestre. São os melhores guerreiros de Krasia. Acredito que cada dal'Sharum conseguiria matar dez homens peixe mesmo em terreno aberto.

– Não me surpreende – disse Abban. – Os Sharum aprendem a contar acrescentando zeros aos dedos das mãos e dos pés.

Qeran fitou-o com desagrado e Abban retribuiu o olhar.

– Não esqueças quem é o mestre aqui apenas porque o Sharum Ka te favorece, Qeran. Encontrei-te numa poça de couzi e mijo e ainda lá estarias se não tivesse usado a minha água preciosa para te limpar.

Qeran inspirou fundo e curvou-se.

– Não esqueci o que te devo, khaffit.

– Atacámos a Doca pela décima parte das colheitas – recordou Abban, como se falasse com uma criança. – Tudo o resto será secundário. Sem ela, o nosso povo morrerá à fome neste inverno. Mal começámos a contar as quantidades e estamos muito longe de a enviar para os nossos silos protegidos. Aquele rapaz imbecil coloca em risco o nosso investimento. Perdoa-me pela minha falta de disposição para ouvir bravata de Sharum. Jayan provocou um ataque desnecessário de um inimigo com superioridade numérica, mesmo com o tempo do nosso lado para cercar os homens peixe durante todo o inverno.

Qeran suspirou.

– Deseja uma grande vitória para reforçar a sua pretensão ao trono do pai.

– Krasia inteira deseja o mesmo – respondeu Abban. – Jayan nunca impressionou ninguém na sua vida inteira ou ocuparia já o Trono dos Crânios.

– Não serve de desculpa à sua liderança descuidada. – Qeran piscou o olho. – Não pedi reforços, mas enviei mensagens aos meios-irmãos de Jayan, informando que estávamos prestes a confrontar o inimigo. Os filhos do Libertador anseiam pela glória acima de qualquer outra coisa. Virão, mesmo sem ordens.

Abban recordou a forma como Qeran costumava espancá-lo em criança, tentando forçá-lo a encaixar no molde dos Sharum. Odiara-o e morrera de medo dele. Nunca sonhou que, um dia, podia vir a dar ordens ao homem e, muito menos, que pudesse vir a simpatizar com ele.

Voltou-se novamente para a janela, vendo que os navios se tinham aproximado o suficiente para serem alvejados pelas balistas. Jayan deu o sinal e as equipas de Mehnding que manobravam as armas berraram

números e ajustaram tensões, apontando para o alto antes de dispararem vinte dardos maiores e mais pesados que lanças de Sharum. Estes subiram no céu, escuros e ameaçadores, atingindo o ponto mais alto da sua trajetória e começando a descer. Abban ajustou a luneta para olhar os resultados.

Desiludiram-no.

As balistas Mehnding conseguiam transformar um demónio da areia em carga numa almofada de alfinetes a quatrocentos metros, um alcance duas vezes superior ao de um arqueiro. As equipas eram tão rápidas que dardos novos eram carregados antes que os primeiros atingissem os alvos.

Ou antes que os falhassem.

Seis dardos caíram inofensivamente na água. Um deles roçou a amurada de um navio. Outro atravessou uma vela inimiga, provocando um pequeno rasgão que não parecia conseguir impedir o avanço da embarcação. Dois cravaram-se sem qualquer efeito nos cascos.

As equipas ajustaram a trajetória e voltaram a disparar com resultados semelhantes.

– Que se passa com aqueles idiotas, pelo abismo? – perguntou Abban. – A sua tribo inteira tem um único talento! Um Mehnding incapaz de mirar vale tanto como merda na sola de uma sandália.

Qeran semicerrou os olhos, lendo os gestos dos homens na doca.

– É este maldito tempo. Nunca foi um problema na Lança do Deserto, mas, desde que viemos para as terras verdes, descobrimos que a tensão das cordas das balistas não reage bem à humidade ou ao frio.

Abban olhou-o.

– Por favor, diz-me que gracejas. – Qeran abanou a cabeça, sisudo.

Enquanto os Mehnding sucumbiam à desordem, os navios laktonianos aproximavam-se cada vez mais. Vigias sopraram trompas quando ficaram ao alcance dos arcos e os Sharum regressaram imediatamente às suas formações, erguendo escudos e alinhando-os como as escamas de uma serpente.

Flechas caíram como chuva sobre os escudos, a maior parte partindo-se ou sendo defletida, mas algumas atingindo o alvo. Aqui e além, ouviram-se gritos de homens com flechas cravadas nos antebraços.

Com as outras mãos, ergueram lanças. Os navios chegariam à doca a qualquer momento. Esperariam nova chuva de flechas e quebrariam a formação dos escudos para esmagar os atacantes quando desembarcassem.

Mas as flechas não pararam de cair e eram cada vez mais as que trespassavam os escudos ou passavam pelos vãos entre as escamas, atingindo os homens.

Abban ergueu o olhar, vendo que os navios tinham parado a sua progressão, mantendo-se suficientemente próximos para que as flechas atingissem a margem.

– Cobardes! – bradou Qeran. – Receiam enfrentar-nos como homens.

– Isso mostra apenas que são mais espertos que nós – considerou Abban. – Será necessário que nos adaptemos para sobrevivermos até os irmãos do Sharum Ka chegarem com reforços.

Catapultas de braços longos surgiram nos conveses laktonianos. Ouviu-se uma trompa e todas dispararam em uníssono, fazendo voar pequenos barris em direção aos Sharum, cegos na sua formação.

Os projéteis desfizeram-se, espalhando um líquido viscoso sobre os escudos. Abban sentiu um aperto no estômago ao ver outra catapulta disparar uma bola de pez em chamas.

A bola atingiu um grupo de Sharum, mas, quando o fogo de demónio líquido, outro segredo das Herbanárias hortelãs, se incendiou, pareceu alastrar a grande velocidade pela doca, com a mínima centelha envolvendo em chamas os escudos cobertos pela substância infernal. Homens gritaram quando o fogo se infiltrou pelo vão entre os escudos, caindo sobre eles com ácido. Desfizeram a formação. Os que ardiam empurravam e incendiavam os companheiros enquanto corriam para a água.

No momento certo para que outra chuva de flechas partisse dos navios inimigos. Sem a formação, foram atingidos às centenas.

– Isto depressa se transforma numa humilhação de Jayan em vez de uma vitória – disse Abban. Qeran acenou afirmativamente enquanto Abban começava a calcular a percentagem da décima parte das colheitas que conseguiriam levar consigo se o povoado caísse.

Muitos homens caíram sobre as tábuas depois de serem lançados mais barris de fogo de demónio, alastrando as chamas com tal velocidade que o cais inteiro parecia arder e com as labaredas avançando rapidamente para o ponto de onde observavam.

Uma flecha atravessou o vidro, falhando a cara de Abban por centímetros. Fechou a luneta com um gesto brusco.

– Chegou o momento de ir. Alerta a Centena para reunirem o máximo de carroças de cereal. Seguiremos pela estrada dos Mensageiros ao encontro dos reforços.

Qeran erguia o escudo para o proteger.

– O Sharum Ka não ficará satisfeito.

– O Sharum Ka já considera que os khaffit são cobardes – disse Abban enquanto avançava para a porta tão depressa como permitia a muleta. – Isto

não alterará a sua opinião.

Havia uma expressão dorida na face de Qeran. O instrutor esforçara-se para transformar a Centena em guerreiros capazes de igualar qualquer Sharum e aproximavam-se desse objetivo. Aquilo não seria benéfico para as suas reputações, mas era mais importante que conseguissem escapar com vida. Abban preferia ver mil Sharum perecerem antes de arriscar um homem da sua Centena numa batalha inútil.

Quando chegaram à rua, o fumo e as chamas tinham aumentado, mas Jayan não estava ainda derrotado. Centenas de habitantes da Doca tinham sido reunidos sob ameaça das lanças e eram forçados a avançar para o cais, segurando-se uns aos outros com medo.

– O rapaz não é um idiota completo, pelo menos – comentou Abban. – Se o inimigo conseguir ver...

Aparentemente, conseguiam, pois a chuva de flechas cessou, enquanto os Mehnding começavam a disparar em resposta. As equipas das balistas continuavam a ter dificuldades, mas melhoravam. Catapultas começaram a disparar pez em chamas contra as velas inimigas enquanto os arqueiros Sharum faziam vítimas.

– Foges tão cedo, khaffit? – perguntou Jayan, aproximando-se deles com os seus tenentes e o seu guarda-costas.

– Surpreende-me ver-te aqui, Sharum Ka – disse Abban. – Esperei que estivesses na frente, preparado para repelir os invasores.

– Matarei cem destes cobardes quando saírem finalmente dos seus navios – respondeu Jayan. – Até lá, os Mehnding ocupar-se-ão deles.

Abban olhou os navios laktonianos, mas pareciam satisfeitos em permanecer na água a distância suficiente para dispararem os arcos. As catapultas mantinham a sua chuva flamejante sobre as áreas abertas da doca.

– Os navios! – gritou Abban, espreitando pela luneta e voltando-se para o ponto do cais onde se abrigavam as embarcações capturadas. Talvez ainda houvesse tempo. Os laktonianos não tinham atacado os seus preciosos navios e via-se movimento nos conveses. – Depressa! – disse a Qeran. – Teremos de molhá-los antes que...

A seguir, conseguiu focar a luneta e viu que o movimento nos conveses não era uma linha de homens passando baldes de água, mas sim marinheiros laktonianos, muitos deles sem camisa e encharcados, puxando freneticamente cabos e içando velas.

Havia também arqueiros e, quando os Sharum os viram, começaram a disparar, permitindo tempo precioso enquanto as amarras eram cortadas.

O primeiro navio a partir era o maior e o melhor de todos. Os seus estandartes representavam uma silhueta de mulher afastando o olhar enquanto um homem empunhando uma flor baixava a cabeça atrás de si.

Ouviu-se um grito de júbilo do povo da Doca.

– A comandante Dehlia veio resgatar o Lamento do Cavalheiro! – gritou um homem. – Sabia que não a deixaria nas mãos das ratazanas do deserto! – Levou os dedos aos lábios, assobiando. – Vamos, comandante! Levantar âncora!

Jayan trespassou pessoalmente o homem com a sua lança enquanto o seu guarda-costas espancava com o pé da haste quem se atrevesse a participar no grito de júbilo, mas o estrago estava feito. Mais dois dos navios capturados de maior dimensão partiram, com os marinheiros gritando em desafio e expondo as nádegas aos Sharum.

Os guerreiros correram para os navios que restavam, assegurando que mais nenhum se perderia. Os marinheiros nem sequer se deram ao trabalho de lutar, partindo barris de óleo e incendiando-os antes de saltarem para o lago, nadando até pequenos barcos que aguardavam por perto. Os Sharum, nenhum dos quais sabendo nadar, tentaram atingi-los com lanças, mas sem sucesso. À distância, os outros navios laktonianos pararam de disparar, juntando-se aos gritos eufóricos e partindo. Seis deles pararam a meio caminho e largaram âncora enquanto os outros regressaram à cidade no lago.

Jayan olhou à sua volta, vendo os navios perdidos, os Sharum mortos e a destruição do cais. Abban não esperou para ver quem escolheria como alvo da sua fúria, desaparecendo prontamente.

– É um desastre – disse Qeran.

– Ainda temos a décima parte das colheitas – recordou Abban. – Terá de servir até conseguirmos forçar o Sharum Ka a dar ouvidos à razão. Ordena aos homens que reclamem um armazém que possamos fortificar e usar como base – acrescentou. – Passaremos muito tempo aqui.

DOZE

ENCHER O OUTEIRO

333 DR Outono

– Devia estar a caçar – rosnou Wonda. – E não a responder às mesmas malditas perguntas todas as noites e a forçar limites como um dos teus doentes a tentar recuperar as forças.

– É a única forma de obter os resultados que pretendemos, querida – disse Leesha, anotando algo no seu caderno. – Acrescenta outro peso à balança, por favor.

Leesha olhava através de óculos guardados, vendo a sua jovem guarda-costas envolvida por chamas de magia enquanto erguia duzentos quilos como outra mulher qualquer abriria uma porta pesada. Leesha passara uma semana a pintar guardas com caulinegra na pele de Wonda, registando cuidadosamente os resultados.

Arlen fê-la jurar que não pintaria guardas em pele e fizera precisamente isso a Renna Curtidor. Se era tão perigoso como afirmava, teria arriscado fazê-lo à sua própria noiva?

Pretendera confrontá-lo com a questão antes de quebrar a promessa, mas Arlen desaparecera um mês antes e escondera dela os seus planos verdadeiros. Até Renna lhe tinha mentido. Vendo que nenhum deles regressava na Lua Nova, percebeu que chegara o momento de seguir o seu rumo.

São todos Libertadores, dissera Arlen aos outeireiros. Mas fora sincero? Realmente? Falava numa união da humanidade, mas recusara partilhar os segredos do seu poder.

E, assim, Leesha passou uma semana a testar Wonda para definir os

limites do seu metabolismo, força, precisão e resistência. Para saber quanto tempo dormia por dia. Quanta comida ingeria. Todos os dados que conseguisse reunir.

Depois, começou a pintar guardas. Apenas um pouco, a princípio. Guardas de pressão na palma das mãos. Guardas de impacto nos nós dos dedos. O tempo arrefecera e as marcas de caulinegra podiam ser facilmente escondidas sob as luvas de Wonda durante o dia.

À noite, caçavam sozinhas, perseguindo e isolando nuclitas para testar gradualmente os efeitos. Wonda começou por lutar com a faca longa na mão direita que preferia usar, desferindo tabefes e murros guardados com a mão mais fraca enquanto experimentava as novas capacidades.

Em breve, passou a lutar desarmada com confiança, tornando-se mais forte e rápida a cada noite. Ocorrera naquela noite a sua morte mais intensa, esmagando lentamente o crânio de um demónio da madeira com as mãos nuas.

Wonda baixou a barra até o cesto tocar o chão e, a seguir, aproximou-se da pilha de pesos de aço cuidadosamente alinhados. Cada um pesava exatamente vinte quilos, mas Wonda erguia dois em cada mão com a facilidade com que Leesha transportaria pires de chávena de chá.

– Um de cada vez, querida – disse Leesha.

– Consigo erguer muito mais que isso – ripostou Wonda, com irritação clara na voz. – Porquê desperdiçar a noite inteira erguendo um de cada vez? Podia estar a matar demónios.

Leesha tomou nova nota. Era a décima primeira vez na última hora que Wonda falara em matar. Absorvera mais magia em poucos momentos do que uma patrulha de Lenhadores absorvia durante a noite inteira, mas, em vez de se sentir saciada (ou esmagada, como Leesha previra), apenas se mostrava mais desesperada para absorver mais ainda.

Arlen avisara-a acerca daquilo. A força da magia era viciante, como testemunhara em primeira mão com os outeireiros. Com os guerreiros que canalizavam magia através das suas armas guardadas. A magia reconstruía-os como versões perfeitas deles mesmos, com ferimentos sarados e conseguindo temporariamente força e velocidade sobre-humanas.

Mas a pele guardada era algo muito diferente. O corpo de Wonda canalizava de forma direta sem a perda da canalização através de armas. Tornava-a uma leoa entre gatos domésticos, mas os sinais de dependência eram assustadores.

– Mataste que chegue esta noite, Wonda – disse.

– Nem sequer é meia-noite! – exclamou Wonda. – Podia estar a salvar

vidas. Isso não é mais importante do que traçar letras numa página? É como se nem sequer te preocupasses...

– Wonda! – Leesha bateu com as mãos com tanta força que sobressaltou a jovem.

Wonda baixou o olhar e deu um passo atrás. As mãos tremiam-lhe.

– Mestra, estou tão... tão...! – As palavras falharam-lhe e começou a soluçar.

Leesha aproximou-se dela, erguendo os braços para a abraçar.

Wonda ficou tensa e deu um passo rápido atrás.

– Por favor, mestra. Não consigo controlar-me. Ouviste como te falei. A magia embriagou-me. Podia ter-te matado.

– Nunca me magoarias, Wonda Lenhador – disse Leesha, apertando-lhe o braço. Noite. A rapariga tremia como um coelho assustado. – É por isso que és a única criatura em toda a criação a quem confiaria este poder.

Wonda permaneceu hirta, olhando a mão de Leesha com ceticismo.

– Irritei-me. Muito. Nem sequer sei porquê. – Fixou em Leesha olhos assustados. Mesmo com o seu tamanho, força e coragem, Wonda tinha apenas dezasseis anos. – Nunca te bateria, mestra Leesha – disse. – Mas poderia... não sei... poderia ter-te sacudido ou algo assim. Neste momento, não conheço os limites da minha força. Podia ter-te arrancado um braço.

– Teria canalizado a magia para fora do teu corpo antes que acontecesse, Wonda – disse Leesha.

Wonda olhou-a, surpreendida.

– Consegues fazer isso?

– Claro que consigo – respondeu Leesha. Pelo menos, acreditava que conseguiria. Se não conseguisse, tinha preparado agulhas narcóticas e pó cegante. – Cabe-te assegurar que nunca precisarei de o fazer. A magia tentará engolir-te, mas precisas de a controlar, como se apontasses o arco com o vento a soprar. Conseguirás fazê-lo?

Wonda pareceu animar-se com a comparação.

– Sim, mestra. Como se apontasse o arco.

– Nunca duvidei – disse Leesha, voltando a debruçar-se sobre o caderno. – Acrescenta o peso seguinte à balança, por favor.

Wonda olhou para baixo e pareceu surpreendida por ver que continuava a segurar dois pesos de vinte quilos em cada mão. Colocou um na balança, empilhou os outros e voltou a aproximar-se da barra.

Leesha tentou erguer a caneta, mas a tensão não a deixava fletir os dedos com facilidade. Fechou a mão num punho com tanta força que fez estalar os nós dos dedos. A seguir, fletiu os dedos para recuperar a destreza antes de

mergulhar a caneta em tinta fresca. A veia na sua têmpora palpitou e sabia que uma dor de cabeça vinha a caminho.

Arlen, pensou, *como conseguiste passar por tudo isto sozinho?*

Contara-lhe uma parte, nas muitas noites que tinham passado na sua cabana, ensinando guardas e demonologia um ao outro. Entre as lições, partilharam esperanças e histórias como amantes, mas nunca tinham dado as mãos. Arlen ocupava uma poltrona e ela a outra, com uma mesa cuidadosamente colocada entre ambos.

Acompanhara-o sempre até à porta, oferecendo-lhe um abraço de despedida. Por vezes, apenas por vezes, Arlen aproximava o nariz do seu cabelo, inspirando. Nessas ocasiões, sabia que aceitaria um beijo superficial, saboreando-o por um momento antes de se afastar para evitar que conduzisse a algo mais.

Permanecia acordada na cama depois de o ver sair, sentindo os seus lábios e imaginando como seria se estivesse a seu lado. Mas isso estava fora de questão. Arlen tinha os mesmos medos e alterações de humor de Wonda, receando magoá-la ou colocar-lhe no ventre uma criança maculada pela magia. A sua disponibilidade para beber chá de pómulo não foi suficiente para o persuadir.

Mas, tal como mudava a pele guardada, tudo isso mudara quando Renna Curtidor chegou. Era quase tão forte como ele e conseguiria suportar o vigor da sua paixão ao contrário de Leesha. O povoado inteiro conhecia o barulho que os dois faziam.

Criador, Arlen... Para onde foste?, perguntou. Tinha perguntas para lhe fazer. Sobre assuntos que só ele ou Renna compreenderiam.

Não me importa que não voltemos a beijar-nos. Vem para casa.

– Vê isto – disse Thamos. Despira a camisa e Leesha demorou um momento a perceber que tinha uma moeda na mão. Atirou-a em direção à cama e conseguiu apanhá-la.

Era um klat de madeira lacada, a moeda comum de Angiers. Mas, em vez do selo do trono de hera, a moeda tinha sido cunhada com um círculo guardado comum, com linhas perfeitamente definidas.

– É fantástico! – disse Leesha. – Ninguém ficará sem guardas durante a noite se todas as moedas que tiverem no bolso forem um guia.

Thamos acenou afirmativamente.

– O teu pai fez o molde original. Preparei meio milhão de moedas prontas para entrar em circulação. As máquinas de cunhagem funcionam

noite e dia.

Leesha girou a moeda e riu-se. A outra face estava decorada com a face de Thamos, parecendo severo e paternalista.

– Parece a cara que fazes quando um dos outeireiros se esquece de fazer uma vénia.

Thamos cobriu a face com a mão.

– Foi ideia da minha mãe.

– Pensei que quisesse a cara do duque – disse Leesha.

Thamos abanou a cabeça.

– Cunhamo-las demasiado depressa. A Guilda dos Mercadores receou que o valor dos klats do duque caísse se dependesse da assistência no Outeiro.

– As moedas não terão valor em Angiers – referiu Leesha.

Thamos encolheu os ombros.

– Durante algum tempo. Mas pretendo que valham tanto como ouro krasiano.

– Por falar nisso – comentou Leesha –, Smitt vai voltar a queixar-se hoje de Shamavah por lhe roubar negócio.

Thamos voltou a sentar-se na cama, cobrindo-lhe os ombros com o braço e puxando-a para ele.

– Insistiu que Arther acrescentasse o assunto à lista de temas a discutir. Não posso dizer que não tenha razão. Negociar com os krasianos é arriscado.

– Recusar fazê-lo também – disse Leesha. – Não precisamos de dormir com os krasianos para desejar relações cordiais e contactos na Fortuna de Everam e será através do comércio que os conseguiremos.

Thamos fixou nela um olhar curioso e fê-la arrepender-se das palavras escolhidas *Não precisamos de dormir com os krasianos. Imbecil. Porque não confrontá-lo com o sucedido como a sua mãe teria feito?*

– Além disso – apressou-se a acrescentar –, os motivos de Smitt estão longe de serem puros. Mais do que a política e a segurança, interessa-lhe esmagar um rival.

Bateram à porta do quarto. No início da sua relação com o conde, os criados sobressaltavam Leesha, sobretudo quando estava despida. Mas habituara-se à presença constante e discreta dos servos de Thamos. A maior parte dos seus criados mais próximos servia a família há gerações e a sua lealdade era inquestionável.

– Deixa-me recebê-los. – Leesha calçou as meias e enfiou o vestido. A seguir, fez soar a sineta. Lorde Arther, o adido de Thamos, entrou em

silêncio com uma criada mais velha. Tarisa fora a ama de Thamos quando usava cueiros. O conde era um dos homens mais poderosos do mundo, mas, mesmo assim, dava um salto quando Tarisa o mandava sentar-se direito.

– Alteza, senhora. – Arther avançou pelo quarto, mantendo os olhos baixos e não se atrevendo a olhar as costas expostas de Leesha enquanto Tarisa se prontificava a apertar-lhe os cordões.

– Como está a senhora hoje? – perguntou a mulher. A sua voz era gentil e, qualquer que fosse a sua opinião acerca da presença de uma mulher solteira no quarto do conde, guardava-a para si. Claro que, com a reputação de Thamos, teria já visto muito pior.

– Muito bem, Tarisa. E tu? – perguntou Leesha.

– Estaria melhor se me deixasse fazer alguma coisa com este cabelo – disse a anciã, aproximando uma escova das madeixas escuras de Leesha. – As coisas têm sido tão aborrecidas para mim desde que Sua Alteza aprendeu a contar sem os dedos e a limpar o seu próprio traseiro.

– Ama, por favor – gemeu Thamos, escondendo a cara nas mãos. Arther fingiu não reparar e Leesha riu-se.

– Sim, ama. Continua, por favor – disse. – Conta-me todos os pormenores do treino de Sua Alteza com o bacio.

Viu a face da anciã no espelho. As rugas do seu sorriso tornaram-se abismos profundos enquanto começava a separar e prender eficazmente o cabelo de Leesha. Não havia nada que Tarisa mais apreciasse do que contar histórias da infância do seu senhor.

– Chamava-lhe pequeno bombeiro – disse Tarisa – porque o jorro era como uma mangueira que encharcava todo o...

Tarisa tinha muitas histórias, mas os dedos ágeis da ama não pararam de se mover enquanto falava. O cabelo de Leesha foi separado com minúcia, a sua face empoeirada e os lábios foram escurecidos. De alguma forma, a mulher conseguira mesmo convencê-la a vestir um vestido novo, um dos muitos que Thamos lhe oferecera.

O embelezamento e os cuidados com a postura para se apresentar na corte teriam outrora sido assunto proibido para ela, mas, aos poucos, a sua proximidade com Thamos, sempre preocupado com a aparência, tinha começado a vencer-lhe a resistência. Era uma líder e vista pelo seu povo como tal. Não haveria qualquer vergonha em apresentar-se à altura da posição que ocupava.

Wonda esperava quando Leesha saiu do quarto de Thamos, seguindo-a

em silêncio. A rapariga parecia mais calma. Leesha mandara-a dar um passeio ao sol para queimar o excesso de poder enquanto se encontrava com o conde. Wonda não tinha dúvidas acerca do que faziam os dois para ocupar o tempo, mas, tal como Arther e Tarisa, nunca falava. Nunca julgava.

Thamos manteve-se no interior, escolhendo roupa e certificando-se do corte de cada pelo da sua barba e Leesha sabia que o fazia igualmente para fazer uma entrada em grande depois de os seus conselheiros serem forçados a esperar algum tempo, dando-lhe tempo para sair em segredo e entrar pela porta certa.

Leesha saiu por uma porta secundária para o seu jardim privativo dentro das muralhas do conde. Como Herbanária Real, a saúde de Sua Alteza era responsabilidade sua e era perfeitamente normal que a vissem sair do jardim a caminho das portas principais.

O engano seria desnecessário para guardar um segredo conhecido por todos, mas, surpreendentemente, fora Thamos a insistir na manutenção das aparências, mesmo que servisse apenas para manter a sua mãe à distância. Araine parecia aprovar a união e, pelo que Leesha conhecia da mulher, era provável que não lhe importasse com quem se deitava, mas as aparências eram tudo na corte.

Leesha levou a mão ao ventre. Em breve, cresceria e a questão seria patenteada perante os olhos de todos. Todos suporiam que o conde seria o pai e todos os pressionariam para que se casassem. Quando acontecesse, teria de escolher entre dois males.

Thamos era um bom homem. Não era brilhante, mas era forte e honrado. Era orgulhoso e vaidoso, exigindo a obediência dos seus súbditos, mas daria a vida pelo mais humilde durante a noite. Leesha desejava passar o resto da sua vida partilhando a cama e o trono do conde, liderando com ele o Outeiro. Mas, quando o filho de Ahmann nascesse com pele morena, tudo seria despedaçado. Leesha sabia bem como era estar no centro de escândalos no Outeiro, mas aquilo... Não lhe perdoariam aquilo.

No entanto, a alternativa, revelar quem era o pai da criança quando ainda estava vulnerável no seu ventre, seria muito mais perigosa. Inevera e Araine desejariam a morte da criança e não hesitariam em matar também Leesha.

Sentiu uma palpitação nos músculos da têmpora. O enjoo matinal passara, mas as dores de cabeça pioravam com o avançar da gravidez e bastava uma preocupação mínima para as desencadear.

– Mestra Leesha! – Darsy aguardava junto aos pilares que ladeavam a entrada principal da mansão do conde. A mulher corpulenta tentou segurar os seus papéis enquanto dobrava os joelhos numa vénia desconfortável.

Leesha quase a curara e aos outros outeireiros daquelas formalidades desnecessárias quando o conde veio para o Outeiro, mas Thamos, habituado à vida palaciana, esperava tal tratamento e era um hábito difícil de quebrar. Leesha deixava um rasto de vénias por onde passasse.

– Procurei no jardim – disse Darsy. – Parece-me que nos desencontrámos.

Leesha inspirou fundo, mantendo o seu sorriso caloroso e sereno.

– Bom dia, Darsy. Cuidas bem do meu hospício?

– Dou o meu melhor, mestra – respondeu Darsy. – Mas preciso do teu conselho numa dúzia de assuntos.

Começou a passar papéis a Leesha enquanto seguiam caminho e uma dúzia de folhas transformou-se em duas antes de conseguirem chegar à sala do conselho. Leesha rabiscou notas em registos de pacientes, aprovou rotações de turnos e distribuições de recursos, assinou cartas e tudo o que Darsy lhe colocou à frente.

– Mal posso esperar que Vika regresse de Angiers – resmungou Darsy. – Partiu há meses! Não fui feita para isto. Sou melhor a reparar ossos e a acabar com rixas entre aprendizas do que a planear rotações de turnos e a recrutar voluntários para doarem sangue e ajudarem com os feridos.

– Disparate – disse Leesha. – É verdade que não há ninguém melhor para reparar ossos, mas não serás justa contigo mesma se achas que o teu valor termina aí. Não teria sobrevivido ao ano anterior sem ti, Darsy. És a única em quem confio para me afirmar o que todos os outros receiam dizer.

Darsy tossiu, sentindo a face corar. Leesha fingiu não notar, dando-lhe tempo para se recompor. A reação fazia-a perceber que não elogiava Darsy suficientemente. Darsy irritara-a em algumas ocasiões, mas todas as palavras que lhe dissera tinham sido verdadeiras e Darsy merecera ouvi-las.

Quando chegaram à sala do conselho, voltou-se uma última vez para Darsy.

– O Concílio está preparado?

Darsy acenou afirmativamente.

– Todos os hospícios terão aprendizas destacadas durante o dia. Quase todas as Herbanárias pretendem estar presentes.

Leesha sorriu.

– Nem uma palavra lá dentro.

Darsy acenou afirmativamente.

– É assunto de Herbanárias.

Os outros membros do conselho estavam já presentes quando abriram a

porta. Lorde Arther ergueu-se e todos os homens o imitaram, curvando-se e esperando que Leesha se sentasse antes de se sentarem também. Tais formalidades pareciam despropositadas no Outeiro, mas Thamos não esperava outra coisa no seu conselho e Arther conseguira forçar até os mais teimosos a adaptarem-se.

Dizia-se em Angiers que era possível conhecer um anfitrião pelas cadeiras que oferecia. Havia doze lugares à volta da grande mesa. Rojer, lorde Arther, o capitão Gamon, Hary Rebolador, Smitt, Darsy e Erny sentavam-se em cadeiras sem braços, com pernas e encostos talhados em madeira dourada de boa qualidade e decorada com a hera da família real angierana. Os estofos repletos de penas eram de seda verde bordada com fio castanho e dourado.

O Inquisidor Hayes e o barão Gared estavam sentados frente a frente a meio da mesa, ambos com cadeirões altos indicadores do seu estatuto. O Protetor instalava-se com dignidade silenciosa sobre o estofo de veludo. O Discípulo Franq estava a seu lado, sentado num banco simples sem costas com postura perfeita. Gared parecia esmagado no assento, como um adulto ocupando um trono concebido para uma criança. As suas pernas esticavam-se muito por baixo da mesa e as suas mãos enormes pareciam em perigo constante de arrancar os braços do cadeirão se os seus movimentos fossem demasiado rápidos.

A cadeira de Leesha ao fundo da mesa não era exatamente um trono, mas era muito superior à que seria normalmente concedida a uma Herbanária Real. Era mais larga do que as cadeiras do barão e do Inquisidor juntas, com estofos macios, adornos ricos e braços largos, permitindo-lhe espaço para encolher as pernas sob o corpo se desejasse.

Mas, se Leesha achava a cadeira demasiado ostentosa, bastava-lhe olhar a monstruosidade de ouro e veludo que era o trono de Thamos à cabeceira da mesa, erguendo-se sobre as outras cadeiras como Gared se erguia sobre os outros homens. Mesmo estando vazio, como o via naquele momento, recordava a todos o seu poder.

Minutos mais tarde, um rapaz veio avisar lorde Arther, que voltou a ser o primeiro a erguer-se. Os outros imitaram-no e todos se curvaram quando o conde entrou. Leesha esboçou-lhe um sorriso seco ao fazer a sua vénia.

– Perdoem-me por vos ter feito esperar – disse Thamos, sem qualquer sinceridade. Teria, sem dúvida, caminhado para trás e para diante no seu quarto, contando até mil depois de os pajens o informarem da chegada do último membro do seu conselho. – Arther, qual é o primeiro assunto na agenda?

Arther consultou com gesto teatral a sua prancheta, apesar de saber de cor o que lá estava escrito. Tinham ensaiado enquanto o conde se vestia.

– O mesmo de sempre, Alteza. Eleições, terra e assistência. – Arther conseguira mascarar grande parte do seu desagrado ao proferir a última palavra, mas continuava a perceber-se pelos seus lábios que era como se sentisse um sabor amargo na língua. – O convite de mestra Leesha aos laktonianos continua a fazer crescer a população do Condado do Outeiro a um ritmo alarmante.

Assistência. Leesha também odiava a palavra, mas não pelo mesmo motivo de Arther. Era uma palavra fria, usada por quem tinha a barriga cheia para lamentar a necessidade de alimentar quem passava fome.

Leesha sorriu.

– O Outeiro é forte, senhor. Não apenas pelos nossos líderes ou pela nossa magia. É o povo que nos dá força e deveremos acolher de braços abertos todos os que quiserem vir. O Outeiro do Lenhador e três outros baronatos estão já fora do programa, proporcionando receita fiscal significativa ao Condado do Outeiro.

– Quatro em quase vinte, mestra – referiu Arther. – Com mais três sendo reconstruídos e uma dúzia na sua infância. Os custos excedem a receita por uma margem considerável.

– Basta – disse Thamos. – Fui enviado para aqui para fazer crescer o Condado do Outeiro e essa tarefa não poderá ser concluída com estômagos vazios.

– E não o será – disse Leesha. – Os fertilizantes e técnicas de cultivo que Darsy e eu preparámos este verão mais do que triplicaram a nossa colheita. Serão implementados em todos os baronatos antes da primavera. – Agradeceu em silêncio a Bruna, a sua mentora, pelos livros sobre ciência do mundo antigo que tinham tornado possível tudo aquilo.

Olhou Smitt.

– Como procede a criação dos coelhos?

Smitt riu-se.

– Como se esperaria. Das abelhas e das galinhas também. Os carregamentos sucedem-se ao ritmo programado. Temos colmeias, coelheiras e capoeiras em todos os baronatos. Mesmo nos que não são mais do que um aglomerado de tendas.

Thamos olhou Gared.

– Barão, como progridem os Lenhadores com as novas grandes guardas?

– Terminarão outra esta semana – disse Gared. – O terreno está praticamente desimpedido. Escavamos fundações e aparamos as sebes. –

Aparar as sebes era o que os Lenhadores chamavam a moldar o perímetro da linha formada pelas árvores para se conformar às especificações exatas dos Guardadores. Indicou Erny com a cabeça. Era ele o mestre da Guilda dos Guardadores do Outeiro.

A diferença entre os dois homens era multiplicada dez vezes pela diferença entre as suas cadeiras. O pai de Leesha parecia um rato ao lado de um lobo.

Leesha voltou a recordar a noite em que surpreendera Gared e a sua mãe a fornicar. Abanou a cabeça imediatamente para afastar a imagem. Mais ninguém reparou, mas Thamos arqueou-lhe uma sobrancelha. Forçou-se a retribuir com um sorriso e uma piscadela de olho.

– A guarda ficará ativa amanhã ou no dia seguinte – informou Erny. – A área é bem patrulhada. Agora que a Lua Nova passou, as pessoas podem começar a instalar-se e a construir. Não teremos a potência total até que os edifícios, muralhas e cercas reforcem as linhas.

Arther passou uma lista a Thamos.

– Estes são os nomes propostos para os novos baronatos e os barões e baronesas eleitos para os liderarem aguardam aprovação. Todos estão dispostos a ajoelhar-se e jurar fidelidade ao conde e ao trono de hera.

Thamos grunhiu, olhando o papel. Continuava a não lhe agradar a eleição dos governantes, mas tanto o conde como os Soldados de Madeira que tinha trazido para o Outeiro eram militares e não políticos. Seria preferível permitir que se governassem a si próprios durante tanto tempo quanto fosse possível, desde que mantivessem a paz e cumprissem o seu papel ao serviço do Condado do Outeiro.

– E o recrutamento? – perguntou Thamos.

– Tenho homens a patrulhar cada baronato, informando a população de que há treino para os ajudar a protegerem os seus se aceitarem juntar-se aos Lenhadores. Chegam carregamentos de madeira todos os dias e, todas as noites, há mais homens prontos para lutar.

Thamos olhou Smitt.

– Que uso damos à madeira? A escassez de armamento continua?

– Os flecheiros tentam acompanhar a procura, Alteza. E temos lanças em número mais do que suficiente. – Smitt olhou Erny. – Mas as suas guardas estão atrasadas.

Erny franziu os lábios quando todos o olharam. Podia não responder à mulher, mas, na mesa do conselho, não temia ninguém.

– Deixarei que seja Sua Alteza a decidir o que será mais demorado. Fazer um pau ou guardá-lo. Os meus Guardadores têm trabalhado tão depressa

quanto podem, mas não temos homens suficientes para satisfazer a procura.

Thamos não se mostrou convencido.

– Treinem mais homens.

– É o que fazemos – disse Erny. – Centenas. Mas ninguém aprende a traçar guardas da noite para o dia. Confiarias a vida às guardas de um novato?

Smitt tossiu, quebrando a tensão e voltando a chamar a atenção para si.

– Tais coisas são demoradas, claro. Entretanto, haverá mais cavalos.

Thamos endireitou as costas ao ouvir aquilo. Tinha perdido o seu cavalo preferido e grande parte da sua cavalaria na Lua Nova, seis semanas antes. Depois disso, comprara uma égua angierana robusta parecida com o cavalo de Gared, Derrocada, e falava dela com tanta frequência que, certa vez, Leesha sugerira que talvez preferisse tê-la na sua cama.

Gared acenou com a cabeça.

– Jon Garanhão contratou um bando de outeireiros para o seu rancho. Ficou grande como um povoado, com centenas de homens a capturar e domar cavalos. Diz que os Soldados de Madeira montarão quando vier a primavera. O preço será um pouco mais elevado do que gostaríamos...

Arther revirou os olhos.

– Claro.

– Paga – ordenou Thamos. – Preciso da minha cavalaria, Arther. Não tenho tempo para discutir klats.

A boca de Arther formou uma linha rígida enquanto baixava a cabeça.

– Certamente, Alteza.

– Talvez Darsy possa informar-nos acerca da convalescença? – perguntou Leesha. Além da perda da cavalaria, milhares de outeireiros tinham ficado feridos durante os ataques. Leesha usou magia de hora para sarar os casos mais críticos e os que ocupavam posições mais importantes, mas a vasta maioria teria de sarar naturalmente depois de as Herbanárias se ocuparem deles. Muitos voltavam a usar ossos partidos e precisavam de exercício adequado e de cuidados para voltarem a ser autossuficientes.

Darsy fez um movimento estranho que Leesha interpretou como sendo uma vénia sentada.

– Herbanárias locais visitam todo o condado. Os voluntários reúnem-se nas praças dos povoados para ajudar os feridos a ganhar força, caminhando, alongando-se e levantando pesos. – Indicou Rojer e Hary com o queixo. – Os Jograis têm feito digressões, mantendo os ânimos elevados enquanto as pessoas se esforçam para recuperar.

Rojer acenou afirmativamente.

– Não são meras digressões. Ensinamos. As praças dos povoados são mais do que simples locais para a reabilitação dos feridos. Fazemos os miúdos tocar assim que conseguem segurar um arco ou dedilhar uma corda. Encomendámos instrumentos a Angiers – afirmou Rojer, reticente, retirando uma folha da sua maleta de couro. – O preço...

– Fico com isso, mestre Meia-Mão – disse Arther, estendendo a mão para o papel. Rojer fora promovido a mestre pela Guilda dos Jograis com a chegada do último Mensageiro, mas o título continuava a não soar bem aos ouvidos de Leesha. O lorde passou os olhos pelo documento, passando-o ao conde com um franzir de testa.

Thamos suspirou profundamente ao ler os números.

– Não perdeste tempo em reclamar os Jograis à minha autoridade, mestre Meia-Mão. Até precisares de dinheiro. Se reconsiderasses aceitar ser o arauto real do Outeiro, seria mais fácil conseguir-te fundos.

Rojer franziu os lábios. Recusara a oferta original do conde, meses antes, mas Leesha sentia a sua determinação vacilar à medida que se ia tornando cada vez mais provável que viesse a ser condessa. Mas Rojer era teimoso e não se preocupava com opiniões alheias. A insistência de Thamos conseguiria apenas torná-lo mais obstinado.

– Com todo o respeito, Alteza. Não pedimos luxos – disse Rojer. – Esses instrumentos salvarão tantas vidas como os cavalos e as lanças.

As narinas de Thamos inflaram-se e a dor na têmpora de Leesha intensificou-se. Pensou se Rojer seria um bom arauto. Tinha queda para dizer o que não devia.

– Quantos dos teus Jograis morreram na Lua Nova, mestre Meia-Mão? – perguntou Thamos em voz baixa. Ambos sabiam a resposta. Nenhum. Não era uma comparação justa, mas Thamos nem sempre era justo.

Hary pigarreou.

– Vamos trabalhando com o que temos, Alteza. Todos têm voz e a maioria poderá aprender a cantar. Nem todos os baronatos têm um Templo, mas todos têm coros. O mestre Rojer e as suas... *hmm*... esposas certificaram-se disso. No Sétimo Dia, a *Canção da Lua Nova* ouve-se num raio de quilómetros. É suficiente para manter à distância um bando inteiro de demónios da madeira. O mestre Rojer compôs mesmo uma versão como canção de embalar – prosseguiu Hary. – Capaz de proteger mãe e filho enquanto acalma o choro de uma criança. – Thamos não parecia convencido, mas não disse nada.

– Amanvah e Sikvah também têm dado lições de sharusahk –

acrescentou Rojer. – Sharukin simples para ajudar os feridos a alongar músculos e cicatrizes até recuperarem a sua flexibilidade plena. – Os outeireiros podiam continuar a olhar com desconfiança os krasianos entre eles, mas todos se tinham afeiçoado ao sharusahk. Arlen começara a ensiná-los, mas tornara-se uma moda que alastrara por todo o Condado do Outeiro.

– Canções krasianas nos Templos – protestou o Inquisidor Hayes. – Exercícios krasianos nas praças dos povoados. É suficientemente mau termos uma sacerdotisa pagã a ensinar coros do Criador. Deveremos corromper mais ainda o nosso povo, ensinando-o a matar como as ratazanas do deserto?

– Sim! – disse Gared. – Muitos outeireiros vivos teriam morrido sem a música de Rojer e sem as técnicas de combate krasianas. Gosto tanto das ratazanas do deserto como tu, mas esqueceremos o verdadeiro inimigo se torcermos o nariz ao que fortalece as pessoas durante a noite.

Leesha pestanejou. Palavras sensatas vindas do barão. Os milagres não cessavam.

– Não é só isso – corrigiu Hayes. – E as sedas que esta Shamavah vende? As mulheres pavoneiam-se como pegas, esquecendo toda a decência e desvairando as mentes dos homens.

– Peço desculpa – interrompeu Leesha, erguendo um lenço de seda que comprara na semana anterior. Shamavah, a Primeira Esposa de Abban, acompanhara-a ao Outeiro e abrira um restaurante krasiano que nunca tinha cadeiras vazias. Montara uma tenda onde vendia bens do Sul a preços chocantemente baixos e o trânsito constante de carroças de abastecimento da Fortuna de Everam alimentava comércio muito necessário. – Se as mentes dos homens sucumbem ao desvario vendo as mulheres enfeitadas com um pedaço de seda – disse –, talvez o problema esteja nos teus sermões, Inquisidor, e não nos krasianos.

– Não deixa de ter razão em parte – intrometeu-se Smitt. – Shamavah vende ao desbarato para me sabotar o negócio, mas compensa as perdas, mostrando ouro aos trabalhadores e pagando-lhes com klats. Torna as pessoas dependentes dos nossos inimigos para nos fornecerem coisas desnecessárias ou que podemos fabricar aqui no Outeiro.

– Parece-me que te habituaste a ter a única loja no povoado, Smitt Estalagem – considerou Leesha. Com efeito, o Orador do Outeiro tinha muitos contactos com a Guilda dos Mercadores em Angiers e fora ficando gradualmente mais rico mesmo enquanto os que o rodeavam sofriam as carências do ano anterior. – Vi o que cobras a gente faminta por um pão.

Um pouco de concorrência ser-te-á benéfico.

– Basta – disse Thamos. – Não podemos recusar comércio por agora, mas, a partir de hoje, passará a haver uma taxa de importação sobre todos os produtos vindos de terras krasianas. – Smitt e Hayes esboçaram sorrisos amplos ao ouvir aquilo, mas o conde conteve a sua alegria com um dedo erguido. – Em troca, terão ambos de se habituar a um pouco de seda e à concorrência. Que não se torne um hábito desperdiçarem o meu tempo com as vossas queixas mesquinhas.

Leesha conteve o seu sorriso ao ver que os sorrisos dos dois homens se perdiam.

– Presumo que a nova catedral não será um assunto mesquinho – afirmou Hayes, visivelmente melindrado.

– De modo algum, Inquisidor – concordou Thamos. – Na verdade, é um assunto que incomoda Arther diariamente quando regista as despesas. Mal abriram os alicerces e esgotaram já o orçamento anual e todas as linhas de crédito disponíveis.

– Não há homens ou mulheres mais corajosos em Thesa do que os outeireiros, Alteza. Mas são lenhadores – explicou Hayes. O desprezo com que pronunciou a última palavra era percetível. – O Cânone e a sensatez exigem que um Templo seja construído em pedra. Em Angiers, onde os pedreiros são mais numerosos, o custo seria três vezes menor.

Smitt tossiu. Era um dos muitos credores esperando que o Inquisidor pagasse.

– Tens alguma coisa a acrescentar, Orador? – perguntou Thamos.

– Peço desculpa, Alteza, e não quero faltar ao respeito ao Inquisidor – disse Smitt –, mas não é verdade. Os demónios ocuparam-se de extrair pedra para nós durante a Lua Nova. A pedra é barata no Outeiro, tal como o trabalho braçal. Não foi ideia minha tornar este o primeiro edifício na história construído com a forma de uma maldita grande guarda.

– O baronato inteiro não é uma grande guarda? – perguntou Gared.

– Até o barão concorda que foi uma decisão inútil e perdulária – disse Smitt.

Gared franziu a testa como acontecia sempre que alguém dizia alguma coisa que não percebia.

– Uma quê?

O Discípulo Franq ignorou-o, fixando um olhar desagradado em Smitt.

– Como te atreves a questionar o Inquisidor? A Catedral do Outeiro será o último refúgio se os nuclitas invadirem o condado, como quase aconteceu na Lua Nova.

– Um projeto que demorará décadas a ser concluído da forma adequada – disse Erny. – E que terá divisões de forma irregular e com um enorme desperdício de espaço. Uma muralha guardada comum seria mais barata e muito mais eficiente.

– Se os demónios chegarem ao centro do Outeiro – disse Gared –, nenhuma muralha ou guarda os travará. Será melhor usar o sítio para implorar pelo regresso do Libertador.

– O próprio senhor Fardos nega ser o Libertador – recordou-lhe Hayes. – Disse-o claramente. Teremos de continuar a depender do Criador para obtermos verdadeira proteção.

Gared fechou as mãos ao ouvir aquilo. Tornara-se mais devoto ultimamente, mas apenas por acreditar, tal como dezenas de milhar em Thesa, que Arlen Fardos era o Libertador enviado pelo Criador para liderar a humanidade na luta contra os nuclitas.

O Inquisidor fora enviado para o Outeiro pelos Protetores do Criador de Angiers para averiguar essas alegações, preferencialmente para conseguir negá-las, expondo Arlen como impostor. Mas não era nenhum tolo. Assumir publicamente uma posição contra Arlen voltaria todo o Outeiro contra si.

– Com todo o respeito, Inquisidor – começou Leesha –, Arlen Fardos nunca disse tal coisa. Nega ser o Libertador, é verdade, mas disse-nos que o procurássemos nos que nos rodeiam.

Os punhos de Gared bateram na mesa, fazendo cálices tremer e papéis saltar. Os olhos dos presentes voltaram-se para a sua expressão sombria.

– É o Libertador. Não percebo porque falam como se não fosse.

O Inquisidor Hayes abanou a cabeça.

– Não há qualquer prova de que...

– Prova?! – trovejou Gared. – Salvou-nos quando estávamos quase a ser comidos. Devolveu-nos o poder para nos salvarmos a nós mesmos. Ninguém pode negá-lo. Todos o viram a flutuar no céu, lançando raios com as mãos, e ainda querem provas? E o facto de não ter havido um ataque dos demónios da mente na última Lua Nova? – Olhou o conde. – *És o que me falta resolver antes de levar a luta até ao Núcleo.* Foi isto que disse a Jardir.

– Os demónios continuam a vir todas as noites, barão – disse Thamos. – Há casas que ardem. Guerreiros que sangram. Gente inocente morrerá. Não nego o que o senhor Fardos fez, mas tampouco me sinto *libertado*.

Gared encolheu os ombros.

– Talvez tenha feito o mais difícil e tenhamos de fazer o resto sozinhos.

Talvez volte a ficar difícil e nos tenha dado tempo suficiente para nos fortalecermos. Não sou Protetor. Não finjo conhecer o plano inteiro do Criador. Mas há uma parte que conheço e isso é tão certo como o Sol nascer. O Criador enviou Arlen Fardos para nos devolver as guardas de combate e para nos ensinar a lutar. – Voltou a olhar o Inquisidor. – Veremos o resto quando seguirmos caminho. Talvez sejamos dignos e consigamos reconquistar a noite ou talvez os nossos pecados nos esmaguem e falhemos.

Hayes pestanejou, não conseguindo responder. Leesha percebia o conflito interior. Tentava reconciliar os «milagres» de Arlen com o desejo da sua ordem de manter o poder.

– Deveremos então curvar-nos perante Arlen Fardos? – perguntou Thamos, expressando o que pensava. – Todos os Protetores e Pastores... eu, o meu irmão, Euchor de Miln? Todos deveremos abdicar voluntariamente do poder?

– Abdi... quê? – perguntou Gared. – Claro que não. É vosso conhecido. O senhor Fardos não se importa com tronos e papéis. Acho que o Libertador só se preocupa com a nossa segurança na noite. Que mal faz reconhecer-lhe crédito pelo que fez, sobretudo depois de ter ido pessoalmente ao Núcleo por nós?

– Só temos a sua palavra a esse respeito, barão – recordou o Discípulo Franq.

Gared voltou para ele um olhar frio.

– Chamas-lhe mentiroso?

O Discípulo encolheu-se, pigarreando.

– Claro que não. Eu... *hmm*...

Hayes pousou-lhe a mão no braço.

– O Discípulo silenciar-se-á. – Imediatamente, uma expressão de alívio surgiu na face de Franq e baixou o olhar, excluindo-se da discussão.

– Não vejo que diferença possa fazer – disse Leesha. Gared olhou-a, arregalando os olhos, mas conseguiu apenas que enfrentasse o seu olhar com frieza. – Se Arlen quisesse que lhe chamássemos Libertador, não teria usado metade do seu fôlego para o negar. Quer o seja ou não, considera que as pessoas não se aplicarão na luta se esperarem serem salvas.

O Inquisidor acenou afirmativamente, talvez com demasiada avidez. Leesha voltou-se para ele a seguir.

– Quanto aos teus planos, Inquisidor, receio ter de concordar com o meu pai, com o Orador Smitt e com o barão. São pouco práticos e perdulários.

– Não te caberá decidir isso, Herbanária – ripostou Hayes.

– Não, mas cabe-me a mim decidir como será feito o pagamento. – A voz de Thamos baixara para o tom que mostrava que a sua paciência se aproximava do limite e que deviam prestar muita atenção ao que dizia. Todos os olhares se voltaram para o conde. – Se insistires em continuar a construção da catedral seguindo esse projeto, Inquisidor, aceitarei de bom grado que os Protetores partilhem os custos. Não voltaremos a falar de fundos reais até alterares os teus planos para moldes mais sensatos.

Hayes olhou Thamos com frieza, mas baixou a cabeça numa vénia superficial.

– Será cumprida a vossa vontade, Alteza.

– Quanto à questão de Arlen Fardos – disse o conde –, posso assegurar-te, barão, que o assunto será discutido aquando da tua visita à corte. Terás a oportunidade de expor pessoalmente os teus argumentos ao Pastor Pether e ao duque.

A expressão convicta na face de Gared dissipou-se.

– Não sou Orador, Alteza. Há muitos com palavras melhores que as minhas acerca disto. O Protetor Jona...

– Foi questionado longamente a esse respeito – completou Thamos. – Mas os meus irmãos não se mostraram convencidos. Testemunhaste pessoalmente a sua ascensão. Se acreditas realmente que Arlen Fardos é o Libertador, falarás por ele. Se não tiveres coragem, isso será mais convincente ainda que as tuas palavras.

Gared firmou o maxilar, acenando afirmativamente.

– O Libertador disse-me que a vida nem sempre é justa. Se o peso está sobre as minhas costas, vou carregá-lo e a tudo o que for preciso.

A reunião prosseguiu durante algum tempo, com cada conselheiro aproveitando para pedir fundos ao conde para pagar algum projeto. Leesha esfregou a têmpora enquanto tentava acompanhar o relato de cada conselheiro e perceber os números que tentavam esconder. Mesmo quando discordava das suas decisões, não invejava Thamos por ser forçado a tomá-las. Desejava estar no outro extremo da mesa, a seu lado, para poder tocar-lhe e segredar-lhe conselhos que só ele pudesse ouvir.

Surpreendeu-a a intensidade com que a imagem ressoou dentro dela. Quanto mais pensava nisso, mais desejava ser condessa.

Demorou-se a recolher papéis quando a sessão terminou e os outros conselheiros começaram a sair. Esperou ter outro momento com Thamos antes de se dirigir para o hospício, mas o Inquisidor aproximou-se dele,

roubando-lhe a oportunidade.

Leesha saiu lentamente da sala, passando tão perto deles quanto possível e mantendo os ouvidos atentos.

– A vossa mãe e o vosso irmão saberão disto – advertiu o Inquisidor.

– Serei eu próprio a relatar-lhes o sucedido – ripostou Thamos. – E acrescentarei que te comportas como um maldito tolo.

– Como te atreves, rapaz? – rosnou o Inquisidor.

Thamos ergueu um dedo.

– Já não devo vergar as costas à tua bengala, Protetor. Tenta usá-la contra mim outra vez e quebrá-la-ei sobre o joelho antes de te enviar na próxima diligência para Angiers.

Leesha apertou os papéis contra o peito, sorrindo enquanto saía da sala.

Smitt esperava no exterior, falando com Stefny, a sua mulher, e com Keet, o seu filho mais novo. O Orador olhou-a, curvando-se.

– Perdoa-me se te ofendi, mestra.

– A sala do conselho existe para discutir assuntos – recordou Leesha. – Espero que saibas que o Outeiro tem para contigo uma grande dívida pelo teu serviço como Orador nestes tempos difíceis.

Smitt acenou afirmativamente, pousando uma mão sobre o ombro de Keet.

– Falava com o rapaz para perceber se podemos baixar o preço do pão, como pediste. Se houver uma forma, encontrá-la-á. Tem boa cabeça para números, tal como o pai.

Atrás dele, Stefny revirou os olhos a Leesha. Ambas sabiam que o rapaz não era realmente filho de Smitt, mas sim filho ilegítimo de Michel, o falecido Protetor do Outeiro.

Leesha e Bruna tinham usado aquela informação para pressionar Stefny quando a mulher ultrapassou os limites, mas, tendo também um filho ilegítimo crescendo-lhe no ventre, Leesha percebia que não o deveria ter feito.

– Uma palavra – disse a Stefny, enquanto os dois homens se afastavam.

– Sim? – perguntou ela. Nunca tinham sido próximas, mas ambas tinham enfrentado nuclitas para defender outeireiros feridos e passara a haver respeito entre as duas.

– Devo-te um pedido de desculpas – disse Leesha. – Ameacei-te com o que sei sobre Keet antes, mas quero que saibas que nunca o teria feito a Smitt ou ao rapaz.

– Nem Bruna, independentemente do que dissesse a bruxa – concordou Stefny. – Posso não concordar com tudo o que fazes, rapariga, mas cumpres

o teu juramento de Herbanária. Não precisavas de pedir desculpa. – Indicou Smitt e o rapaz com a cabeça. – Mesmo que o tivesses feito, Smitt não teria acreditado em ti. – Abanou a cabeça. – As crianças têm esse lado curioso. As pessoas veem nelas o que quiserem ver.

Rojer sorriu ao ver a carruagem de Amanvah esperando no pátio da fortaleza de Thamos. Protegida com guardas poderosas e alimentada pela magia dos hora, a carruagem da princesa era tão segura como qualquer edifício no Outeiro.

Puxada por quatro éguas brancas com laivos dourados na pelagem, tinha sido pintada com tinta a condizer. O branco e o dourado eram típicos dos artesãos krasianos austeros, mas, no Norte, onde a carruagem típica de um Jogral parecia coberta pelo vómito de um arco-íris e onde qualquer Mensageiro humilde tinha cores próprias, o branco chamava mais a atenção do que a carruagem real de Thamos.

No interior, era um paraíso de Jogral, com sedas e veludos multicoloridos cobrindo quase todas as superfícies. Rojer chamava-lhe «carruagem furta-cores» e adorava-a.

O condutor era Coliv, o Vigia Krevakh que Jardir enviara como escolta na viagem de Leesha até ao Outeiro. Era um assassino frio e eficiente e, tal como os outros Sharum, olhara Rojer como um inseto que poderia esmagar a qualquer momento, mal recebesse a ordem adequada.

Mas tinham derramado sangue em conjunto na Lua Nova e isso pareceu mudar tudo. Não eram amigos (o Vigia aprimorava o significado da palavra *taciturno*), mas Rojer passara a merecer-lhe um aceno respeitoso da cabeça quando o guerreiro o via e isso fazia toda a diferença.

– Estão lá dentro? – perguntou.

O Vigia abanou a cabeça.

– Sharusahk no Cemitério dos Alagai. – As suas palavras foram proferidas em tom neutro, mas Rojer sentia a tensão que carregavam. Desde a morte de Enkido, o guarda-costas de Amanvah, Coliv reclamara para si esse papel, nunca perdendo Amanvah de vista a não ser que esta lhe ordenasse que o fizesse. Rojer não sabia se o homem dormia ou se alguma vez se afastaria para mijar.

Talvez use uma bexiga de carneiro presa por baixo das calças soltas. Rojer manteve a máscara de Jogral, não dando qualquer sinal da diversão provocada pelo pensamento.

– Vamos até elas.

Sentiu o alívio de Coliv. Estalava as rédeas antes mesmo de Rojer fechar a porta. Foi projetado contra as almofadas enquanto a carruagem partia com um safanão. Inspirou o perfume das suas esposas e suspirou, sentindo já a sua falta.

Se tivesse ido a qualquer outro sítio, teria pelo menos Sikvah à sua espera para o receber com as suas sedas coloridas. Mas alguma minúcia da honra krasiana impedia que se aproximassem da fortaleza do conde sem convite formal, o que ocorria com frequência cada vez menor para agrado de Amanvah. Afinal, corria-lhes nas veias o sangue do Shar'Dama Ka.

Viu-as na concha acústica quando a carruagem parou no Cemitério dos Nuclitas, alongando-se nos movimentos delicados e esgotantes do sharusahk. Na praça, quase mil mulheres, homens e crianças treinavam com elas.

Adotaram a postura do escorpião, com que até Rojer, um acrobata profissional, sentia dificuldades. Viu membros trémulos enquanto muitos tentavam manter a postura, ou o que mais se aproximasse do exercício impossível, mas as suas faces permaneciam serenas e a sua respiração estava estável. Aguentariam tanto tempo quanto conseguissem e, com cada dia, ficariam mais fortes.

O número dos que desistiam foi aumentando. Primeiro, os homens e depois as crianças. Em breve, as mulheres começaram a desistir também. Restavam poucas, incluindo Kendall, a aprendiza preferida de Rojer. No momento seguinte, não restava ninguém. Mesmo assim, Amanvah e Sikvah mantinham a postura sem esforço, como estátuas de mármore.

Rojer chamava-lhes Jiwah Ka e Jiwah Sen e amava-as muito. Arrick ensinara Rojer a temer o casamento como a peste, mas o que tinham os três era diferente de qualquer coisa que Rojer pudesse ter imaginado.

Sikvah parecia conseguir sentir quando queria ficar sozinho e desaparecia, voltando a aparecer como por magia assim que precisava de alguma coisa. Era notável e espantoso. Era calorosa e generosa, acariciando-o e dedicando a todas as suas palavras e desejos (e também a qualquer movimento no interior das suas calças multicoloridas) a sua máxima atenção e empenho. Rojer fazia-lhe confidências enquanto se deitavam sobre as almofadas, sabendo muito bem que Amanvah saberia de tudo.

Sikvah era o coração da sua pequena família e Amanvah era a cabeça, claro. Sempre séria, sempre controlada, até quando faziam amor. E, habitualmente, como Rojer aprendera, estava certa. Amanvah exigia submissão em tudo e Rojer aprendera que era melhor conceder-lha.

A não ser que o violino exigisse outra coisa. Desde a noite em que tinham usado pela primeira vez a sua música para matar nuclitas, as suas esposas tinham compreendido que, naquilo, era ele quem liderava. Amanvah era a cabeça e Sikvah era o coração, mas Rojer era a arte e a arte teria de ser livre.

Terminaram a sessão na postura de descanso, deitadas de costas e ergueram-se com movimentos rápidos. Os alunos permaneceram deitados de costas, recebendo Rojer com um coro arfante e repleto de gemidos enquanto se aproximava da concha acústica, beijando as esposas enquanto desciam do palco com respiração serena.

Kendall foi a primeira outeireira a erguer-se, aproximando-se. Amanvah e Sikvah tratavam os seus outros aprendizes como servos, mas tinham-se afeiçoado a Kendall. Era a mais hábil do grupo, transformando o seu trio musical num quarteto e sendo suficientemente ágil para ter alguma hipótese de conseguir executar algum dia os movimentos de sharusahk mais difíceis. A sua respiração era profunda e estável, mas o cansaço acelerava-a.

– Tiveste uma boa prestação hoje, Kendall am'Outeiro – disse Amanvah em krasiano, acompanhando as palavras com uma vénia rara e digna que significava mais vinda da Jiwah Ka de Rojer do que o elogio mais sonoro. Kendall fora incluída nas lições de krasiano que ministravam a Rojer, o que o ajudava muito, permitindo-lhe praticar com alguém que sentia as mesmas dificuldades.

Kendall sorriu, radiante, segurando as calças multicoloridas e dobrando as pernas num gesto respeitoso notável.

– Obrigada, Alteza.

A sua túnica de treino abriu-se um pouco quando se endireitou e Rojer baixou os olhos, avistando as cicatrizes grossas que lhe cobriam o peito.

Kendall surpreendeu-o a olhar, começando por sorrir até olhar para baixo e perceber que olhava para as cicatrizes e não para o seu decote exposto. A rapariga corou de repente, puxando a túnica para se cobrir. Rojer apressou-se a afastar o olhar. A vergonha nos olhos dela fê-lo amaldiçoar-se.

Amanvah captou imediatamente o desconforto de ambos. Inclinou ligeiramente a cabeça, indicando Kendall, e Sikvah segurou a rapariga pelo braço.

– Estarás pronta para sharukin mais avançados – disse Sikvah –, se conseguires aperfeiçoar o teu escorpião.

– Pensei que já tivesse conseguido.

– Mais do que qualquer chin, talvez – disse Sikvah –, mas deverás atingir um patamar mais elevado para ascenderes a exercícios mais complexos.

Vem.

Kendall olhou Rojer, mas permitiu-se ser afastada para um local não muito distante para treinar. Amanvah viu-as partir e voltou-se para Rojer assim que ficaram longe do alcance das suas palavras.

– Marido, explica-me. Lamentas com frequência a reação do teu povo às cicatrizes que te deixaram os alagai, mas fazes o mesmo com a tua aprendiza.

Rojer engoliu em seco. Amanvah conseguia ir direta ao cerne da questão. Por vezes, receava-a.

– É por culpa minha que as tem – disse. – Quis mostrar como era boa a encantar demónios com o violino. Forcei-a a agir sozinha antes de estar pronta e afastei-me demasiado dela. Cometeu um erro e não estava lá para impedir que fosse nucleada. – As lágrimas turvaram-lhe a visão. – Foi Gared a salvá-la. Avançou contra um bando de demónios e trouxe-a nos braços. Quase morria enquanto Leesha a operava. Dei-lhe o meu sangue até me sentir prestes a desmaiar, mas quase não chegou.

Amanvah olhou-o fixamente.

– Deste-lhe o teu sangue?

O tom de voz atingiu Rojer como um balde de água gelada. Os krasianos tinham milhares de leis e tradições acerca do sangue, mas Rojer nunca fora além dos rudimentos. Dar o seu sangue a Kendall podia torná-la sua irmã ou poderia exigir que Sikvah a enfrentasse num duelo com facas. Só o Criador saberia qual das hipóteses estaria correta.

Amanvah ergueu um dedo para Sikvah. Mal tinha feito algo com Kendall, mas, imediatamente, Sikvah começou a elogiar a sua evolução. Momentos depois, voltaram para junto de Rojer e Amanvah. Kendall parecia confusa, mas, tal como Rojer, aprendera que o melhor seria deixar-se levar quando as suas duas esposas começavam a comportar-se de forma estranha.

– Almoça connosco. – As palavras de Amanvah eram uma ordem e um convite em partes iguais, uma honra que não seria facilmente recusada.

Kendall fez nova vénia.

– Será uma honra, Alteza.

Subiram todos para a carruagem furta-cores, dirigindo-se para o restaurante de Shamavah. O conde proibira que os krasianos possuíssem terras, mas isso não impedira Shamavah quando viu o edifício, uma grande casa rústica não muito distante do centro do povoado. A Primeira Esposa de Abban tinha bolsos fundos repletos de ouro e precisara apenas de uma sessão de regateio com o proprietário para conseguir um aluguer durante

um século que seria respeitado por qualquer tribunal em Thesa. Artesãos tinham trabalhado noite e dia, acrescentando divisões e pisos adicionais. Tornara-se já irreconhecível como o edifício mais modesto que antes fora.

Os aposentos para os dignitários krasianos foram o primeiro acréscimo a ficar terminado. As suas esposas, considerando que o seu quarto na estalagem de Smitt era inaceitável, tinham transferido imediatamente as suas coisas. Rojer não fora consultado, mas dificilmente poderia reclamar. Shamavah rodeara-os de esplendor enquanto aguardavam a construção da mansão de Rojer.

Mansão. Abanou a cabeça ao pensar naquilo. Nunca tivera uma casa e, desde a morte de Arrick, nunca tivera mais do que um único quarto para repousar a cabeça. Em breve, poderia alojar uma trupe inteira, ficando ainda com quartos livres.

Formava-se uma multidão diante do restaurante, esperando mesas no estabelecimento movimentado. Muitos outeireiros tinham desenvolvido um gosto pela condimentada cozinha krasiana e, assim que um traseiro se erguia do chão coberto de almofadas, outro o substituía.

Mas Amanvah pertencia à realeza krasiana e Shamavah fazia sempre questão de a saudar pessoalmente e também a Rojer.

– A mesa habitual, Alteza?

– Inevera – respondeu Amanvah. Significava «queira Everam», mas, tal como o que tinha dito a Kendall, todos sabiam que era uma ordem. – Primeiro, um banho para limpar o suor do sharusahk.

Rojer nunca vira ou cheirara qualquer indício de suor nas suas esposas, mas encolheu os ombros. Tomavam mais banhos do que qualquer nobre de Angiers. Entretanto, tinha muitos documentos para ler.

Acompanhou as mulheres até à grande sala de banhos, para onde os servos de Shamavah transportavam já baldes fumegantes para aquecer a água.

– Estarei no...

– ... no banho connosco – disse Amanvah com voz aprazível e descontraída, como se a sua recusa fosse inimaginável.

Rojer e Kendall trocaram um olhar desconfortável.

– Tomei banho esta manhã...

– Um corpo limpo é o templo de Everam – disse Amanvah, segurando-lhe o braço com a força de um torno de aço enquanto o conduzia para a sala com piso de madeira e repleta de vapor. Sikvah segurava Kendall de forma semelhante. Resistiram os dois enquanto as mulheres começavam a despi-los.

Amanvah estalou a língua.

– Nunca compreenderei os hortelões. Mostram pele suficiente nas ruas para corar uma dançarina das almofadas, mas recusam ver-se no banho.

– Pensei que os homens não devessem ver uma mulher nua a não ser que fossem casados – disse Kendall.

Amanvah acenou-lhe com uma mão, retirando importância às palavras.

– Não foste prometida, Kendall am'Outeiro. Como encontrarás um marido se os homens não forem autorizados a inspecionar-te?

Sikvah começou a desabotoar o colete de Kendall.

– As dama'ting assegurarão que a tua honra permanecerá intacta, irmã.

Kendall descontraiu, permitindo que a despissem, mas Rojer sentiu algo semelhante a pânico crescendo enquanto Amanvah lhe fazia o mesmo. Havia repreensão delicada no seu tom sereno.

– Envolves a tua aprendiza na intimidade da tua música, mas não partilharás água quente com ela?

– Pode ter toda a água que quiser – replicou Rojer em voz baixa. – Não preciso de lhe ver o traseiro nu.

– Não é o traseiro que receias – disse Amanvah. – E isso não poderá continuar. Enfrentarás as cicatrizes dela e aceitá-las-ás, filho de Jessum, ou, por Everam, juro que...

– Sim, sim – disse Rojer, sem sequer querer conhecer o resto da ameaça. – Compreendo. – Deixou-a terminar de o despir e aproximou-se da banheira.

As esposas de Rojer ocupavam-se sempre dele no banho e, normalmente, estaria já excitado naquele momento. *Não quero que pense que estou a tentar cobri-la.*

Nunca cubras os teus aprendizes, costumava dizer-lhe mestre Arrick. *Nada de bom resultará disso.*

Felizmente, os nervos de Rojer mantinham-no flácido. Mas Kendall olhou-o com curiosidade e, de repente, também isso o preocupava.

Mais depressa uma mulher perdoará uma piça pequena do que uma piça murcha, ensinara-lhe Arrick. Rojer virou-se para se esconder dela enquanto entrava apressadamente na água. As suas esposas seguiram-no e Kendall foi a última a entrar.

Rojer passara tanto tempo a afastar o olhar da sua aprendiza que nunca a vira realmente. Era jovem, mas não a criança que tantas vezes a considerava.

E as suas cicatrizes...

– São belas. – Rojer não quisera proferir as palavras em voz alta.

Kendall olhou para baixo. Rojer compreendeu que voltava a não perceber ao certo para onde olhava. Rojer baixou voluntariamente o olhar por um momento e ergueu-o, olhando-a e sorrindo.

– Também são belas, mas falava das tuas cicatrizes.

– Então porque não me olhas durante mais de um segundo desde que as recebi? – perguntou Kendall. – De repente, fizeste correr um rio entre nós.

Rojer baixou o olhar.

– É por culpa minha que as tens.

Kendall olhou com expressão incrédula.

– Fui eu quem errei. Fui eu que estava tão ocupada a tentar impressionar-te que não me mantive atenta às cordas.

– Não devia ter-te pressionado a avançar sozinha – censurou-se Rojer.

– Não devia ter fingido estar pronta quando sabia que não estava – contrapôs Kendall.

Amanvah voltou a estalar a língua com desprezo.

– A água arrefecerá antes que cheguem ao fim desta discussão. Que importa? Foi inevera.

Sikvah concordou com um aceno.

– Nie enviou os alagai, marido. Não te enviou a ti. E Kendall está viva. Os alagai que a feriram conheceram o sol.

Rojer ergueu a sua mão com três dedos, a extremidade mutilada que lhe valera o nome Meia-Mão.

– O povo das minhas esposas compreende a beleza das cicatrizes, Kendall. O que falta à minha mão representa o momento em que a minha mãe deu a vida por mim. Valorizo tanto os dedos que me faltam como o meu polegar. – Indicou as cicatrizes salientes no peito de Kendall deixadas pelas garras dos demónios e a meia-lua deixada pelos dentes no seu ombro. – Vi muita gente ser nucleada, Kendall. Centenas de pessoas. Milhares. Vi os que sobreviveram para contar a história e também os que não sobreviveram. Mas não vi muitos que tenham sobrevivido com cicatrizes assim. Representam a tua força e a tua vontade de viver e nunca vi nada tão belo.

Os lábios de Kendall tremiam. Escorriam-lhe lágrimas pela face e não eram gotas de vapor. Sikvah aproximou-se para a abraçar.

– Está certo, irmã. Devias sentir orgulho.

– Irmã? – repetiu Kendall.

– O nosso marido deu-te o seu sangue na noite em que recebeste as cicatrizes. – Amanvah passou um dedo sobre as cicatrizes de Kendall. – Passámos a ser aparentadas. Se desejares, aceitar-te-ei como Jiwah Sen de

Sikvah.

– Ei. O quê?! – A água quente tinha descontraído Rojer, mas endireitou as costas com um salpico ruidoso.

Sikvah curvou-se diante de Kendall, mergulhando os seios na água.

– Seria uma honra aceitar-te, Kendall am'Outeiro, como minha irmã-esposa.

– Calma – disse Rojer.

Kendall reagiu com um gemido desconfortável.

– Duvido que encontremos um Protetor para oficiar tal cerimónia.

– O Inquisidor Hayes nem sequer reconhece Sikvah – referiu Rojer.

Amanvah encolheu os ombros, sem afastar o olhar de Kendall.

– Os sacerdotes pagãos são irrelevantes. Sou Noiva de Everam e filha do Libertador. Se proferires o juramento do matrimónio perante mim, estarás casada.

É como se nem sequer aqui estivesse, pensou Rojer, enquanto as mulheres negociavam o seu terceiro casamento. Sabia que devia protestar com maior empenho, mas as palavras faltavam-lhe. Nunca entrava num Templo quando não fosse obrigado a isso e nunca tinha dado qualquer importância às palavras de um Protetor. O Criador sabia que ele, tal como o seu mestre, levara muitas mulheres a esquecerem os seus votos matrimoniais. Durante algumas horas, pelo menos.

Mas esse tipo de coisa trazia sempre problemas. O Criador podia não se importar, mas talvez os Protetores tivessem alguma sabedoria nos seus dogmas.

– Sim – disse Kendall, olhando a água e fazendo Rojer sentir um arrepio. Ergueu o olhar para a face de Amanvah. – Sim, está bem. Aceito.

Amanvah acenou afirmativamente, sorrindo, mas Kendall ergueu uma mão.

– Mas não farei juramento nenhum no banho. Quero saber mais sobre o que significa ser uma Jiwah Sen e precisarei de contar à minha mãe.

– Claro – concordou Amanvah. – Sem dúvida que a tua mãe desejará negociar o teu dote e obter a bênção do vosso patriarca.

Rojer descontraiu um pouco ao ouvir aquilo e Kendall pareceu também acalmar-se.

– Não temos patriarca – referiu Kendall. – Os nuclitas levaram todos menos a minha mãe.

– Agora que foste prometida, também ela terá um homem para cuidar dela – prometeu Amanvah. – Serão acrescentados quartos para ambas à nova mansão do nosso marido.

– Esperem – disse Rojer. – Não tenho direito a opinião nisto? De repente, estou prometido e tenho de viver com a minha nova sogra?

– Que tens contra a minha mãe? – perguntou Kendall.

– Nada – respondeu Rojer.

– Acho bem que assim seja – disse Kendall.

– Uma avó será muito útil quando os filhos nascerem, marido – recordou Amanvah.

– Que aconteceu à minha necessidade de ser livre? – perguntou Rojer. As palavras foram agudas como um guincho de rato e todas as mulheres se riram, incluindo Kendall.

– Posso fazer uma confissão, irmã? – perguntou Sikvah.

– Claro – respondeu Kendall.

O sorriso tímido de Sikvah intensificou-se ligeiramente.

– Deitei-me com o meu marido no banho antes de casarmos.

Rojer esperou que Kendall ficasse escandalizada, mas, ao invés, esboçou um sorriso malicioso, olhando-o nos olhos.

– Sim? A sério?

Leesha olhou o relógio de água, chocada por ver que o anoitecer não tardaria. Trabalhava há horas, mas parecia-lhe que tinham passado apenas momentos desde que descera ao seu laboratório na cave. Trabalhar com magia de hora tinha um efeito semelhante ao que afetava os guerreiros que enfrentavam nuclitas com armas guardadas. Sentiu-se energizada, forte, apesar de todo o tempo que passara curvada sobre a sua bancada.

Durante o ano anterior, usara a cave quase exclusivamente para fabricar engenhos flamejantes e para dissecar demónios, mas, desde o regresso da Fortuna de Everam, tornara-se também uma câmara de Guardadora. Aprendera muitas coisas nas suas viagens, mas nada fora mais cativante do que o segredo da magia de hora. No passado, conseguira traçar as suas guardas com a luz do Sol, precisando da escuridão e dos demónios apenas para ativar os seus efeitos. Graças a Arlen e Inevera, passara a compreender muito mais.

Uma cabana sombria e bem ventilada fora construída nas suas terras, suficientemente distante da cabana para manter afastado o fedor, onde os cadáveres dos demónios ricos em magia secavam aos poucos. O sangue negro era recolhido em garrafas opacas especiais para energizar encantamentos e os ossos polidos e os restos mumificados eram guardados e banhados em prata ou ouro para conferir poderes permanentes e

recarregáveis a armas e outros objetos. Alguns funcionavam mesmo durante o dia.

Era um progresso incrível e poderia alterar o rumo da guerra contra os demónios. Leesha conseguia sarar ferimentos outrora vistos como irrecuperáveis e conseguia atingir nuclitas à distância sem precisar de arriscar vidas. O seu avental precisava de mais bolsos para alojar os seus instrumentos guardados em número cada vez maior. Alguns dos outeireiros chamavam-lhe *bruxa das guardas*, mas nunca quando podia ouvi-los.

Apesar de todo o seu poder e de todas as suas descobertas, as guardas e a magia de hora exigiam demasiado esforço para conseguir fazer a diferença sozinha. Precisava de aliadas. Mais bruxas de guardas para ajudar no fabrico e para espalhar a palavra, assegurando que aqueles poderes não voltariam a perder-se.

Subiu as escadas, fechando com cuidado a cortina grossa antes de erguer o alçapão para a sua cabana. Entrava ainda alguma luz pelas janelas, mas Wonda tinha acendido já as lanternas.

Leesha teria tempo à justa para se lavar e vestir um vestido limpo antes que as mulheres começassem a chegar para o Concílio. Os seus tendões torceram-se como um torniquete nesses instantes. Sentia-se prestes a quebrar quando a primeira carruagem subiu a estrada guardada.

Mas Wonda abriu a porta da carruagem e Leesha viu a mestra Jizell, uma mulher corpulenta na casa dos cinquenta anos, com grandes madeixas grisalhas no cabelo e rugas de sorriso profundas na face.

– Jizell! – gritou. – Quando não respondeste às minhas cartas, pensei que...

– Que era demasiado cobarde para enfrentar umas noites na estrada com os demónios e atender ao chamado da família? – perguntou Jizell. Prendeu Leesha num dos seus abraços esmagadores, roubando-lhe o fôlego e fazendo-a sentir-se segura e protegida. – Amo-te como se fosses minha filha, Leesha Papel. Sei que não terias pedido que viéssemos se não precisasses de nós.

Leesha acenou afirmativamente, mas não interrompeu o abraço, mantendo a cabeça sobre o peito confortante de Jizell por um momento mais. Estremeceu e, de repente, chorava.

– Tenho tanto medo, Jizell – sussurrou.

– Pronto, querida. – Jizell acariciou-lhe as costas. – Eu sei. Tens o mundo sobre os ombros nestes dias, mas nunca conheci um par de ombros mais forte. Se não conseguires suportar o peso, ninguém conseguirá. – Apertou-a com mais força ainda. – E eu e as raparigas estaremos sempre presentes

para te ajudarmos.

Leesha ergueu a face.

– As raparigas?

Jizell libertou-a e deu um passo atrás, levando a mão ao decote e passando-lhe um lenço com uma piscadela de olho.

– Seca os olhos e cumprimenta as tuas novas velhas aprendizas.

Leesha inspirou profundamente, acalmando-se enquanto secava os olhos. Jizell manteve-se por perto. A mulher volumosa permitiu-lhe a privacidade para se recompor antes de voltar a abrir a porta da carruagem. Roni e Kadie, aprendizas que tinham sido discípulas de Leesha até regressar ao Outeiro no ano anterior, saltaram da carruagem para os seus braços. O seu entusiasmo era palpável e a alegria que transmitiam fez rir Leesha.

– Vimos a grande guarda iluminar-se, mestra! – guinchou Kadie. – Foi espantoso!

– Não tão espantoso como os homens que vimos – disse Roni. – Os outeireiros são todos tão altos, mestra?

– Noite, Roni – comentou Kadie, revirando os olhos. – Erguemo-nos na noite e só consegues pensar em rapazes.

– Em homens – corrigiu-a Roni. E até Leesha se riu.

– Basta de risota – disse Leesha, regressando com prontidão à sua voz severa de instrutora. – Podemos conversar mais tarde sobre guardas e rapazes. Temos trabalho para fazer esta noite. – Apontou o anfiteatro anatómico acabado de construir no extremo oposto do quintal. – Vão indicar os lugares às Herbanárias que forem chegando. – As raparigas acenaram afirmativamente e partiram a correr.

– As minhas novas velhas aprendizas? – repetiu Leesha.

– Desde que aguentes o seu palavreado – disse Jizell. – Aprenderão muito mais no Outeiro do que em Angiers.

Leesha acenou com a cabeça.

– E ser-lhes-á exigido mais. Muitas vezes, não temos o luxo de um hospício limpo onde possamos trabalhar, Jizell. Não tardarão a cortar e coser gente onde caírem para conseguirem trazê-los com vida para o hospício.

– O mundo inteiro marcha para a guerra, seja como for. As Herbanárias já não podem dar-se ao luxo de se esconderem atrás de muralhas. – Jizell cobriu o ombro de Leesha com uma mão. – Mas, se alguém tiver de lhes ensinar essa lição, prefiro que sejas tu. Orgulho-me de ti, rapariga.

– Obrigada – agradeceu Leesha.

– Há quantas semanas sangraste pela última vez? – perguntou Jizell.

Leesha sentiu que o coração lhe parava. Perdeu a voz por um momento e arregalou os olhos.

Jizell fixou nela um olhar astuto.

– Não fiques tão surpreendida. Não foste a única discípula de mestra Bruna.

Vindas de todo o Condado do Outeiro, Herbanárias chegaram pela estrada guardada. Algumas vieram a pé do hospício a quilómetro e meio do Cemitério dos Nuclitas. Outras vieram em carruagens enviadas para as trazerem dos baronatos mais distantes e de todos os pontos intermédios. Algumas vinham mesmo das aldeias de refugiados migrantes que ainda não tinham sido absorvidas.

– Bandidos – disse Wonda, depois de saudarem algumas das mulheres magras e de olhares duros.

– Não quero voltar a ouvir isso, Wonda Lenhador – repreendeu Leesha. – Estamos num Concílio. Todas as mulheres presentes juraram salvar vidas e tratá-las-ás a todas com respeito. Entendido?

O olhar de Wonda vacilou e brilhou um pouco e Leesha pensou por um momento se teria sido demasiado dura. Mas a rapariga engoliu em seco e acenou com a cabeça.

– Sim, mestra. Não quis faltar ao respeito.

– Sei que não, Wonda – retorquiu Leesha. – Mas não esqueças nunca que o verdadeiro inimigo vem do Núcleo. O seu ataque na Lua Nova não foi muito mais do que uma distração e quase nos destruíram, mesmo com Arlen e Renna no Outeiro.

Wonda fechou a mão num punho.

– Voltará, mestra.

– Não sabemos isso – disse Leesha. – E, se voltar, dir-te-ia também que teremos de aproveitar todos os aliados possíveis.

– Sim, mestra – anuiu Wonda. – Mas continuo a achar que me devias ter deixado esconder as pratas.

Leesha abanou a cabeça, contando as mulheres no anfiteatro e as que viriam a caminho. As carruagens estacionadas formavam uma linha distante e as Herbanárias cobriam os últimos metros a pé.

Amanvah e Sikvah foram as últimas a chegar, fazendo Rojer esperá-las no pátio com os outros homens enquanto seguiam Leesha e Jizell para o anfiteatro. O alarido das mulheres tornou-se consideravelmente mais sonoro ao verem as mulheres krasianas erguendo-se atrás de Leesha na entrada.

Leesha inspirou fundo. Sentiu Jizell apertar-lhe o ombro num gesto de conforto e avançou para o centro do anfiteatro. O alarido silenciou-se imediatamente.

Leesha descreveu um círculo completo, tentando olhar todas as presentes, mesmo que apenas por um momento. Quase duzentas mulheres se inclinaram para diante, aguardando com curiosidade as palavras da bruxa das guardas.

O número não era suficiente. Tanto quanto se percebia pelos censos, o Condado do Outeiro e as suas imediações tinham crescido até quase cinquenta mil habitantes. As Herbanárias haviam sido pouco numerosas antes daqueles tempos conturbados e muitas tinham sido capturadas ou mortas na estrada, fugindo da invasão krasiana, ou sucumbindo à destruição na Lua Nova.

Menos de metade das mulheres presentes eram Herbanárias de pleno direito. Leesha conhecia muitas da correspondência e de entrevistas aquando da sua primeira visita ao Outeiro. Algumas tinham perícia real e conhecimento de técnicas do mundo antigo, mas outras não seriam muito mais que parteiras, avós capazes de puxar um bebé de dentro da sua mãe e de preparar algumas curas simples. Eram poucas as que sabiam ler e quase nenhuma, nem mesmo Jizell, sabia traçar guardas.

As restantes eram aprendizas. Algumas raparigas recebendo formação e mulheres mais velhas recrutadas para os hospícios quando os feridos começaram a tornar-se demasiado numerosos. Pouco mais saberiam do que ferver água e trazer ligaduras limpas.

Passaram a ser todas Herbanárias, pensou Leesha.

– Obrigada a todas por terem vindo – começou Leesha, falando com voz sonora e clara. – Muitas de vós percorreram grande distância e merecerão boas-vindas redobradas. Não se realizava um Concílio como este no Outeiro desde a juventude da minha professora, mestra Bruna.

Muitas das mulheres acenaram com a cabeça. Todas conheciam Bruna, a lendária Herbanária que vivera até aos cento e vinte anos antes de sucumbir à peste.

– Outrora, os Concílios eram comuns – continuou Leesha. – Depois do Regresso, era a única forma que nos restava de reunirmos os segredos do mundo antigo para tentar recuperar parte do que perdemos quando os demónios incendiaram as grandes bibliotecas. Terá de voltar a ser assim. O nosso número é reduzido e temos muito para partilhar para conseguirmos sobreviver às luas vindouras. Teremos de recrutar com tanto empenho como os Lenhadores e treinar juntas como eles fazem. As minhas aprendizas têm

copiado os meus livros de química e de medicina e todas vós voltarão para casa com cópias para estudar. Deste dia em diante, haverá aulas regulares neste anfiteatro, cobrindo tudo, das técnicas de cura às guardas e à anatomia dos demónios. Até alguns dos segredos do fogo. Serei a professora de algumas. – Olhou Jizell e Amanvah. – E a aluna de outras.

– Ei! Não podes esperar que sejamos instruídas por uma bruxa krasiana! – ousou gritar uma velha. Muitas ecoaram a sua aprovação. Demasiadas.

Leesha olhou Amanvah. Apesar de saber como a jovem princesa era orgulhosa, permanecia serena, recusando morder o isco. Leesha bateu com as mãos e as aprendizas trouxeram um Lenhador ferido numa maca. Tinha sido adormecido com uma poção e as raparigas gemeram ao transferir o corpo pesado do homem para a mesa de operações.

– Este é Makon Pomar do baronato de Nova Rizon – explicou Leesha, puxando o pano branco que o cobria até à cintura, expondo manchas negras e roxas rodeando uma linha de pontos pelo abdómen abaixo. – Foi ferido a desimpedir terreno para a nova grande guarda há três noites. Passei oito horas a cortá-lo e cosê-lo. Alguma de vós assistiu a isto?

Seis Herbanárias e uma vintena de aprendizas ergueram a mão. Leesha apontou a velha que gritara.

– Herbanária Alsa, não é?

– Sim – disse a mulher com expressão desconfiada. Era uma das Herbanárias refugiadas migrantes, vinda de um dos muitos povoados evacuados para fugir à invasão krasiana. Era verdade que muitos dos migrantes se tinham dedicado ao banditismo, mas o seu desespero tivera um motivo.

– Podes vir examinar o ferimento, por favor? – pediu Leesha.

A Herbanária grunhiu, batendo com a bengala e erguendo-se. Roni avançou para a acompanhar, mas Alsa afastou-a com uma mão e a rapariga manteve sabiamente a sua distância enquanto a velha descia o anfiteatro.

Apesar da sua aparência rude, a Herbanária Alsa parecia saber bem o que fazia, inspecionando o ferimento de Makon com mãos firmes mas gentis. Apertou ligeiramente os pontos e esfregou o polegar e o indicador, cheirando-os.

– Fizeste um bom trabalho, rapariga – disse, por fim. – O rapaz tem sorte em estar vivo. Mas não percebo que tem isto a ver com a partilha de segredos com as ratazanas do deserto. – Apontou rudemente Amanvah com a bengala. A jovem dama’ting olhou a bengala, mas manteve a calma.

– Sorte em estar vivo – ecoou Leesha. – Mesmo assim, precisará de meses para andar ou para defecar sem dor e sem sangue. Passará semanas a

ingerir apenas líquidos e talvez não consiga voltar a lutar ou a fazer trabalho pesado.

Gesticulou a Amanvah, que avançou com o cuidado de se manter distante de Alsa. Desembainhou uma faca curva de prata.

– Ei. Que fazes? – perguntou Alsa, avançando e erguendo a bengala, pronta para atacar. Leesha travou-a com uma mão erguida.

– Peço-te paciência, mestra – disse.

Alsa olhou-a com incredulidade, mas baixou a mão enquanto Amanvah cortava habilmente os pontos aprumados de Leesha, puxando-os e descartando-os. Ergueu uma mão e Sikvah passou-lhe um pincel fino de pelos de cavalo, oferecendo também uma taça de tinta para o mergulhar.

O peito e o ventre de Makon tinham sido recentemente rapados, deixando uma superfície lisa e limpa em que Amanvah poderia trabalhar. Mergulhou o pincel, limpou o excesso de tinta no bordo da taça e pintou guardas precisas à volta do ferimento. Trabalhou rapidamente e com confiança, mas precisou de vários minutos para acabar. Quando terminou, havia duas ovais concêntricas rodeando a linha cosida.

A seguir, levou a mão à bolsa de hora, retirando um osso que parecia um pedaço de carvão. Passou-o lentamente sobre o ferimento e, imediatamente, as guardas começaram a brilhar. Levemente a princípio e depois com maior intensidade. As duas ovais pareceram girar em sentidos opostos, com as guardas brilhando cada vez mais até as Herbanárias mais próximas serem forçadas a proteger os olhos.

A luz dissipou-se instantes depois e Amanvah sacudiu as mãos enquanto o osso se reduzia a pó. Sikvah voltou a avançar, agora com uma taça de água quente e um pano. Amanvah pegou-lhe e limpou o sangue coagulado e as guardas pintadas, afastando-se em seguida.

Ouviram-se exclamações de espanto em todo o anfiteatro. Todas conseguiam ver que a pele de Makon tinha passado do negro e roxo ao rosa pálido. O ferimento desaparecera.

Alsa passou por Leesha, aproximando-se para inspecionar o guerreiro e passando a mão pela pele sem cicatriz, pressionando, apertando e beliscando. Por fim, olhou Amanvah.

– Não é possível.

– Tudo é possível com a graça de Everam, mestra – disse Amanvah. Voltou-se para falar ao Concílio. – Sou Amanvah, Primeira Esposa de Rojer asu Jessum am’Estalagem am’Outeiro. Sim, somos krasianas, mas a minha irmã-esposa e eu fazemos agora parte da tribo do Outeiro. Os vossos guerreiros são também nossos e, de qualquer forma, todos os que se erguem

contra os alagai merecerão os cuidados das dama’ting. Com a magia dos hora, muitos dos que teriam morrido poderão ser salvos e muitos que ficariam aleijados poderão voltar a combater. Amanhã à noite, Makon am’Pomar voltará a erguer a lança com os seus irmãos em defesa do Condado do Outeiro.

Voltou-se, olhando a Herbanária Alsa nos olhos.

– Se me deixares, ensinar-te-ei a fazer o mesmo.

No quintal, Rojer não percebia a maior parte das palavras que vinha do anfiteatro das Herbanárias, mas o seu ouvido treinado conseguia, mesmo assim, captar tons de voz. Sobretudo de Leesha. Passara horas a treiná-la para dominar o anfiteatro, projetando a voz como um Jogral. Leesha saiu-se bem nas lições, sobretudo por poder estudar as prestações notáveis do conde. Thamos conseguia falar num tom de voz normal com quem estava mais próximo sem que curiosos percebessem uma palavra. E conseguia projetar sussurros para o outro extremo da sua sala do trono, sendo ouvidos com total clareza. Treinados para comandar desde o nascimento, os membros da realeza de Forte Angiers envergonhariam uma trupe teatral inteira. Viam a obediência como algo garantido e ficavam livres para se mostrarem cordatos a não ser que fossem pressionados. E, mesmo nessas ocasiões, não perdiam a dignidade.

Rojer testemunhara pessoalmente a rapidez com que o tom afável se transformava numa chicotada. Era uma alteração subtil, sem perder pontada da delicadeza e capaz de exprimir desagrado sem ofender, fazendo todos os presentes perceberem o comportamento que o seu líder esperava deles.

A voz de Leesha ecoava da mesma forma no anfiteatro. Delicada. Respeitadora e completamente controlada.

Seria uma excelente condessa, depois de parar de se deitar com Thamos às escondidas, anunciando o casamento inevitável. Esperou que fosse em breve. Se houvesse alguém no mundo que precisasse de um pouco de felicidade, seria Leesha Papel. Noite. Até Arlen encontrara uma mulher e era mais louco que um coelho a uivar à Lua.

O teatro silenciou-se e viu as luzes palpitantes do desempenho de Amanvah. Quando terminou, a voz da sua Jiwah Ka dirigiu-se ao Concílio, ecoando pelo anfiteatro com vigor.

Amanvah não precisara de ser treinada por Rojer. Até krasianos comuns estariam à altura do dramatismo dos cortesãos angieranos e, se Thamos tinha sido educado como príncipe de um ducado, a sua Primeira Esposa

fora educada como princesa do mundo inteiro. Concluiu o discurso com tal finalidade que Rojer esperou que as mulheres saíssem pouco depois, mas o Concílio prolongou-se durante horas enquanto ensinavam, debatiam e argumentavam acerca da forma que assumiria a nova Guilda das Herbanárias de Leesha. Nunca se questionara que Leesha seria a mestra da guilda, mas as mulheres tinham muito a dizer acerca dos restantes elementos.

Rojer não se importava de esperar, testando distraidamente novas melodias no seu violino enquanto sentia a cabeça às voltas pensando em Kendall. O seu cheiro, o talento, a beleza. A forma como beijava.

Fora apenas há algumas horas, mas já lhe parecia ter sido um sonho.

Mas não foi, pensou. *Aconteceu mesmo. Amanhã, Amanvah visitará a mãe de Kendall e os portões do Núcleo serão abertos.*

Sentiu-se nervoso e tocou a canção de embalar que a mãe costumava cantar-lhe até voltar a acalmar-se.

Não podem expulsar-te do povoado, disse a si mesmo. *És o mago do violino do Homem Pintado. O Outeiro precisa de ti.*

Mas já lhes dera a *Canção da Lua Nova*. Continuavam a precisar realmente dele?

Tenho de conversar a sós com Leesha, percebeu. *Saberá o que fazer. Não que não tenha escândalos na sua vida.*

Inspirou fundo enquanto o Concílio chegava ao fim e as mulheres começavam a sair. As suas esposas vieram até junto dele, ignorando os olhares das outras mulheres e movendo-se com velocidade digna até alcançarem a segurança da carruagem furta-cores.

– Partamos sem tardar – disse Amanvah. – Posso ter aceitado ensinar estas mulheres a curar com hora, mas não desejo suportar os seus olhares durante mais tempo do que o necessário. Como se fosse eu a culpada pela sua fuga tola e cobarde da gloriosa chegada do meu pai.

– É uma forma de ver a questão – respondeu Rojer. – Duvido que vejam as coisas da mesma forma, perseguidos para fora das suas terras pelo fogo e pela morte.

– Todos os treinos provocam arranhões e nódoas negras, marido – disse Amanvah. – Compreenderão quando o meu pai os conduzir à vitória na Sharak K.

Rojer sabia que não devia discutir.

– Não farás amigos por aqui com essas palavras.

Amanvah fixou nele um olhar ameaçador.

– Não sou tola, marido.

Rojer forçou uma vénia.

– Perdoa-me, Jiwah Ka. Não me passou pela cabeça sugeri-lo.

Pensou que o sarcasmo no seu tom de voz poderia colocá-lo em sarilhos, mas, como acontecia com muitos membros da realeza, Amanvah esperava palavras subservientes.

– Estás perdoado, marido. – Indicou os degraus da carruagem com a cabeça. Rojer ainda não tinha entrado. – Podemos partir?

– Vão à frente – disse Rojer. – Preciso de falar com Leesha.

Amanvah acenou afirmativamente.

– Para discutir Kendall, claro.

Rojer pestanejou.

– ... e não protestas?

Amanvah encolheu os ombros.

– Mestra Papel desempenhou o papel de tua irmã na negociação do nosso casamento, marido, e as suas palavras foram verdadeiras. Se desejas o seu conselho a respeito do novo contrato, estarás no teu direito.

Conselho a respeito do novo contrato, pensou Rojer. *Aceitará uma negociação do dote, mas o casamento acontecerá realmente.*

– E se desaconselhar a união? – perguntou Rojer.

– Uma irmã terá o direito de expor tais preocupações. – Amanvah fixou em Rojer um olhar frio. – Mas será melhor que tenha motivos válidos e que não seja apenas por pudor hortelão.

Rojer engoliu em seco, mas acenou com a cabeça. Fechou a porta e afastou-se enquanto Amanvah fazia soar a campainha e o cocheiro partia em direção ao restaurante de Shamavah.

As Herbanárias entravam nas suas carruagens ou percorriam a estrada em grupos, falando animadamente e levando consigo os livros que Leesha distribuía.

– Sou demasiado velha para voltar a ser aprendiza – dizia uma velha enquanto se aproximava. Cheirava a incenso e a chá. Era um odor seco e bafiento.

– Disparate – disse Leesha.

– Já não tenho a agilidade da juventude – continuou a mulher, como se Leesha não tivesse falado. – Não posso vir até aqui com frequência.

– Terás lições no teu próprio baronato – declarou Leesha. – Tenho aprendizas capazes de te ensinarem os rudimentos das guardas, ajudando-te a treinar aprendizas próprias.

– Nucleada seja se aceitar lições de alguma rapariga que ainda não tenha vertido os primeiros sangues – exclamou a mulher. – Há uma dúzia de anos

que não tenho uma aprendiza. Já me tinha aposentado quando os krasianos vieram.

O olhar de Leesha endureceu.

– Os tempos são sombrios para todos, Herbanária, mas aceitarás as tuas lições e terás aprendizas. O Condado do Outeiro não perderá uma vida por seres demasiado teimosa para aceitar mudanças.

A mulher arregalou os olhos, mas foi sensata e não continuou a argumentar. Leesha viu Rojer à espera e voltou-se para ele, dispensando a mulher com tanta autoridade como se fosse a duquesa-mãe.

– Não voltas com as tuas esposas? – perguntou-lhe.

– Preciso de falar contigo – disse Rojer. Também ele tinha voz treinada e o seu tom deixou bem clara a seriedade do assunto que queria discutir.

A inspiração profunda de Leesha terminou com um arrepio ligeiro.

– Também preciso de falar contigo, Rojer. A minha mãe deixa-me a cabeça às voltas.

Rojer sorriu.

– Criador! Que inesperado. Isso só acontece em dias em que nasce o Sol.

Leesha não conteve uma gargalhada nervosa e Rojer pensou no que conseguiria abalá-la daquela forma. Viu-a fazer sinal a Darsy e Wonda para a substituírem na distribuição de livros e nas despedidas. A seguir, dirigiu-se com Rojer para a cabana.

Quando chegaram, descobriram Renna Fardos à sua espera.

– Até que enfim – disse Renna. – Começava a pensar que teria de esperar a noite toda pelo fim da conversa.

Leesha pousou as mãos nas ancas. Cansava-se com facilidade na sua condição e discutir com todas as mulheres teimosas do Outeiro em rápida sucessão esgotara-lhe a energia e a paciência. Em compensação, a bexiga estava bem cheia, prestes a rebentar. Dispensava os ares de superioridade de Renna.

– Talvez se me tivesses avisado de que vinhas em vez de entrares na minha casa à socapa, Renna Fardos, pudesse ter-te recebido melhor. – Salientou ligeiramente o *pudesse*.

– Peço desculpa por não ter respeitado as tuas guardas – disse Renna. – Não queria que me vissem.

– E porque não? – perguntou Leesha. – Eras a única fonte de esperança depois do desaparecimento de Arlen e desapareceste durante semanas. Onde estiveste, pelo Núcleo?

Renna cruzou os braços.

– Ocupada.

Leesha permitiu-lhe tempo para elaborar, mas Renna limitou-se a fitá-la, desafiando-a a insistir.

– Está bem – disse Rojer, colocando-se entre elas. – Todos temos piças enormes. Podemos sentar-nos e deixar de compará-las? – Levou a mão ao seu saco de maravilhas multicolorido, retirando uma pequena garrafa de cerâmica. – Tenho couzi para serenar os ânimos.

– Noite. Não precisávamos de mais nada. – Leesha tinha tomado algumas das piores decisões da sua vida depois de ter bebido.

– Senta-te, por favor. Vou preparar o chá.

Renna já tinha aceitado a garrafa e levou-a à boca, inclinando-a com vigor. Leesha esperou que cuspisse depois de um gole daqueles, mas Renna limitou-se a tossir um pouco, devolvendo a garrafa a Rojer.

– Criador... Precisava mesmo disso.

Leesha sentia a cabeça palpitar enquanto punha o bule ao lume e colocava uma travessa com chávenas e pires sobre a bancada, mas não se comparava à pressão que sentia em baixo. Olhou a porta da retrete, mas não podia perder uma palavra. Renna, tal como Arlen, tinha tendência para desaparecer quando alguém afastava o olhar por um momento.

– Fico feliz por estares bem – dizia Rojer, juntando-se a elas na sala. – Quando a Lua Nova veio e não houve sinais de ti, todos receámos o pior. É um milagre termos sobrevivido sem ti.

– Os demónios da mente não queriam vir ao Outeiro na última Lua Nova – explicou Renna. – Tinham outros planos.

– Que planos? – perguntou Leesha. – Basta de palavras vagas. Onde estiveste? Onde está Arlen?

– Não esperem voltar a ver algum de nós depois desta noite – informou Renna. – Os outeireiros terão de se defender a si mesmos. Fomos nós o motivo para a vinda dos demónios da mente. Atraímo-los.

Leesha olhou-a longamente. Explicaria certamente o desaparecimento de Arlen. Se chamava a atenção dos demónios da mente para o Outeiro, tentaria afastar-se tanto quanto possível.

– Porquê?

– Os demónios da mente levam esta história do Libertador tão a sério como os Protetores – explicou Renna. – Receiam muito o que possa acontecer. Chamam-nos unificadores. Consideram-nos suficientemente fortes para recrutar seguidores. Não descansarão até lidarem connosco e nenhum de vós está preparado para atenção desse tipo vinda dos demónios.

Precisam de tempo para encher o Outeiro.

– Então Arlen matou Ahmann e escondeu-se? – perguntou Leesha. – Que os impedirá de se voltarem a seguir contra Thamos?

O gesto com que Renna retirou importância às palavras foi tão veemente que Leesha se sentiu ofendida em nome do seu amante.

– A não ser que aprenda a disparar raios do traseiro, os demónios da mente não terão interesse no conde. – Olhou-os fixamente. – Vocês os dois, pelo contrário, precisam de ter cuidado. Conhecem-vos. Atacarão se tiverem oportunidade.

Leesha sentiu a face gelar. Rojer parecia prestes a vomitar.

– Como sabes isso?

Renna abriu a boca, mas Rojer respondeu por ela.

– Tem razão. Vi-o na Lua Nova. Passei além das guardas e todos os demónios em redor se voltaram para mim em uníssono. Achei que tinha um alvo flamejante no peito.

Leesha imaginou, vendo na sua mente centenas de olhos frios de nuclita fixando-se nela e na vida vulnerável que tinha dentro de si. A criança não seria maior que o seu dedo mínimo curvado, mas juraria que tinha sentido um pontapé. A sua bexiga implorava por alívio, mas uniu as coxas e ignorou-a.

– Deixarão o Outeiro à mercê dos demónios enquanto... o quê? Enquanto partem em lua de mel?

– Os nuclitas são incapazes de mercê, Herbanária – disse Renna. – Devias saber isso. Não me digas que não me importo. Poucos foram bons comigo como os outeireiros. Não é por estar aqui que não luto por eles todas as noites.

– Então porque voltaste? – perguntou Rojer. – Só para nos dizeres que não regressas?

– Sim – respondeu Renna. – Devia-vos isso. Precisam de saber que não chegará ajuda externa.

– Podias ter deixado uma mensagem – disse Leesha.

– Não sei escrever – retorquiu Renna. – Nem todos crescemos com um pai rico e com tempo para aprender as letras. Calculo que tenham perguntas. Despachem-se.

Leesha fechou os olhos, enchendo os pulmões. Renna conseguia enfurecê-la além de qualquer racionalidade. Podia perguntar diretamente se Arlen estava vivo, mas seria inútil. Não acreditava que Renna estivesse tão calma se tivesse morrido.

– Diz-me uma coisa – disse Leesha. Renna cruzou os braços, mas

esperou a pergunta. – Arlen matou Ahmann? – perguntou Leesha. Levou a mão ao ventre como se pretendesse proteger a criança da resposta.

– Também não regressa – foi tudo o que Renna disse. – Os outeireiros não são os únicos a precisarem de se defender a si mesmos.

– Isso não é uma resposta – retorquiu Leesha.

– Disse-te que perguntasses – referiu Renna. – Não disse que responderia.

Mulher insuportável. Leesha olhou-a.

– Como conseguem, tu e Arlen, ter poderes durante o dia quando mais ninguém consegue?

– Hã? – perguntou Renna.

– Derrotaste Enkido na sala do trono do conde – disse Leesha. – O golpe que te aplicou deveria ter-te paralisado. Em vez disso, forçaste-o a recuar e projetaste-o para o extremo oposto da sala. Nenhuma mulher do teu tamanho conseguiria fazer isso sem magia, mas foi em pleno dia. Como? É mais do que só a caulinegra, não é?

Renna hesitou, escolhendo as palavras com cuidado. A demora respondeu à segunda pergunta de Leesha ainda que não à primeira.

No momento em que Renna estava prestes a responder, a porta da frente abriu-se de rompante.

– Mestra Leesha! – gritou Wonda.

Leesha só afastou o olhar de Renna por um instante, mas, quando voltou a olhar, tinha desaparecido.

– Criador! – exclamou Rojer, levantando-se ao perceber o desaparecimento.

Wonda entrou no instante seguinte.

– Mestra Leesha! – Havia um medo desvairado no seu olhar. – Tens de vir depressa!

– Que foi? – perguntou Leesha.

– Os krasianos – disse Wonda. – Os krasianos atacaram Lakton. Os Lenhadores encontraram refugiados na estrada. Trazem-nos tão depressa quanto podem, mas há feridos e muitos continuam desprotegidos na noite.

– Noite – exclamou Rojer.

– Nucleado seja – rosnou Leesha. – Enviem estafetas para alcançar as Herbanárias e dizer-lhes que venham ter ao hospício. Os Lenhadores reúnem as suas forças e quero que levem voluntários consigo. Tu e Darsy vão com Gared.

Wonda acenou afirmativamente e saiu pela porta. Leesha sentiu uma brisa ligeira e olhou para trás. Havia um nevoeiro baixo, que mal fora

visível um instante antes, concentrando-se, aumentando de tamanho e condensando.

E Renna voltou a erguer-se diante deles. Leesha deveria ter-se sentido sobressaltada vendo-a dissipar-se e solidificar como Arlen, mas, por algum motivo, não a surpreendia. Havia assuntos mais importantes para resolver.

– Afirmaste que o Outeiro precisa de se defender a si mesmo – disse. – Isso também inclui os laktonianos?

– Não sou um monstro – referiu Renna. – Todos os segundos que desperdiçarmos a falar será um segundo em que não zelarei pelos que vêm na estrada. Enviem os Lenhadores logo que possam. Garantirei que os mais distantes sobreviverão até chegar ajuda.

Leesha acenou afirmativamente.

– Que o Criador te guarde.

– E a ti – retribuiu Renna, reduzindo-se a vapor diante dos seus olhos.

Rojer e Leesha permaneceram um longo momento em silêncio.

– Tenho de ir à retrete.

TREZE

CARNE NEFASTA

333 DR Inverno

Ouviu-se um ruído alto e a visão de Renna turvou-se, despedaçando-se por inteiro enquanto os seus olhos se desfaziam em milhares de milhão de partículas minúsculas.

Os sentidos humanos pouco significavam no estado intermédio. A magia, nas suas marés intermináveis, era o único sentido que importava. Sentia as guardas na cabana de Leesha, puxando delicadamente a sua essência. Os ossos de demónio nos bolsos do seu avental. Não integravam a barreira da grande guarda do Outeiro, mas sentia-lhe os contornos tão claramente como se passasse a mão por uma parede. O seu poder era um feixe, canalizando e ameaçando sugá-la.

Em vez de resistir, abriu-se, procurando um caminho para o Núcleo. Havia vários no quintal, todos potenciados por redes de guardas como a roda do moinho de Ferd Moleiro era alimentada pela água no Ribeiro de Tibbet.

Tal como a própria Leesha, as suas redes de guardas tinham uma força de atração poderosa, mas eram suficientemente simples para resistirem depois de conhecido o seu poder. Renna desceu por um dos caminhos, passando abaixo da superfície.

Imediatamente sentiu o apelo do Núcleo. Era distante à superfície, como Beni batendo numa panela para os chamar para almoçar depois do trabalho nos campos. Mas, assim que tocou o caminho, sentiu-se presa pela sua bela canção, repleta com a promessa de poder infinito e imortalidade.

Por mais bela que a canção fosse, Renna sabia que era uma meia-verdade. Quando os demónios tinham atacado o Outeiro na Lua Nova, canalizara magia para os repelir e mesmo essa pequena quantidade quase a consumira. O Núcleo era infinitamente mais forte, a origem de toda a magia no mundo. A sua magia própria, suficiente para a tornar uma das pessoas mais poderosas do mundo, era como uma vela erguida perante aquele sol. Poderia realmente tornar-se parte do Núcleo, mas não com a esperança de manter algo da sua essência. Uma gota de chuva caindo sobre o grande lago.

Desceu até onde se atrevia, sabendo que o chamamento se tornaria mais forte, abrindo os seus sentidos e procurando caminhos de volta para a superfície. Seguiam em todas as direções, alguns grandes e outros pequenos, alguns tocando a superfície próxima e outros serpenteando ao longo de quilómetros antes de alcançarem finalmente o mundo superior.

Não deixara intencionalmente nada seu no caminho por onde descera até ali, mas, mesmo assim, estava marcado, sendo-lhe tão familiar como o cheiro do seu suor. Seguiu-o e os quilómetros passaram num instante. Materializou-se a sul do Outeiro e voltou a procurar, encontrando da mesma forma o caminho para a sua viagem de regresso.

Deslizou centenas de quilómetros em quatro saltos rápidos, materializando-se momentos depois dentro da torre.

– Ei. Alguém aqui?

Não obtendo resposta, cerrou os dentes, avançando até à porta e abrindo-a com um pontapé. Arlen e Jardir estavam no pátio, verificando as guardas que cercavam o prisioneiro.

– Ren? – disse Arlen. Tanto ele como Jardir viram a sua aura e pararam o que faziam, voltando para ela a sua total atenção.

– Os filhos do Núcleo voltaram a fazê-lo! – gritou Renna.

– O que... – começou Arlen.

– Os krasianos conquistaram a Doca – interrompeu-o Renna, indicando Jardir com uma mão furiosa. – Marcham sobre os povoados agora mesmo. Matam, incendeiam e forçam as pessoas a fugir das suas casas.

– Não pode ser agora mesmo – disse Jardir. – O meu povo não disputa a Sharak Sun durante o dia.

– Como se fizesse alguma diferença às pessoas que atiraram aos demónios! – gritou Arlen. – Sabias disto?

Jardir acenou calmamente.

– Foi planeado há meses que atacaríamos a Doca com a primeira neve, mas não esperei que o ataque fosse levado a cabo sem mim.

Arlen cobriu a distância que os separava. Jardir levou a mão à lança, mas Arlen fez a arma voar pelo pátio e seguiu em frente, empurrando Jardir contra uma árvore de madeira dourada. O tronco media metro e meio de espessura, mas Renna ouviu a madeira estalar com o embate.

Arlen ergueu um punho, com o poder iluminando-o enquanto canalizava magia para as guardas de impacto nos nós dos dedos.

– As vidas não têm qualquer importância para ti?!

Jardir olhou o punho sem receio.

– Fá-lo, Par'chin. Ataca. Mata-me. Condena ao fracasso o teu próprio plano. Porque, se não o fizeres, será como admitires que estava certo.

Arlen olhou-o, incrédulo.

– Que dizes?

Jardir fletiu os músculos, libertando-se e atingindo Arlen no peito com tanta força que o projetou vários metros para trás. O clarão provocado foi assustador.

Finalmente. Chegou o momento de Arlen obrigar aquele filho do Núcleo a ser humilde, pensou Renna, sorrindo.

Jardir não pareceu preocupado, sacudindo-se e alisando as vestes.

– Estás certo, Par'chin. Hortelões e, sem dúvida, alguns Sharum, morrerão pelo cumprimento das minhas ordens. Mas enganas-te se acreditas que as suas vidas não significam nada para mim. Todas as vidas perdidas são vidas a menos para disputar a Sharak Ka e estamos já em desvantagem numérica.

– E, mesmo assim, sem qualquer justificação... – começou Arlen.

– Há uma justificação. – A voz de Jardir era irritantemente calma. A convicção nos seus ideais iluminava-lhe a aura. – Os hortelões são fracos, Par'chin. Sabes que é verdade. Fracos e divididos como caules de trigo. A Sharak Sun é a ceifa que permitirá uma colheita abundante. A geração seguinte terá lanças, preparada para se erguer com firmeza na Sharak Ka. As vidas perdidas são o preço que deveremos pagar pela unidade, pois é na unidade que residirá a força para salvar Ala.

Arlen cuspiu sobre ele.

– Miserável arrogante. Não sabes isso.

– E tu não sabes que serei eu a permitir-te a vitória no Núcleo. – Jardir limpou a saliva sem responder à letra, mesmo sendo claro que a sua paciência se esgotava. – Trouxeste-me para aqui e curaste-me os ferimentos, apesar do que fiz. Do que faço. Porque parte de ti sabe que há mais em jogo do que algumas vidas. O que está em jogo é o futuro da humanidade e teremos de aproveitar todas as vantagens.

– Que vantagens podem resultar da violação, dos assassinatos e dos incêndios? – exigiu saber Arlen. – De forçar gente a ajoelhar-se perante um Criador diferente? De que forma conseguirá isso tornar-nos mais fortes? As pessoas do Outeiro são tão fortes como os teus Sharum e não precisei de destruir as suas casas e as suas famílias para o conseguir.

– Porque Nie o fez por ti – afirmou Jardir. – Conheço a história da tua vinda. Chegaste momentos antes de os alagai destruírem a tribo para sempre, como eu fiz outrora com os Sharach.

– Os outeireiros são apenas o início – disse Arlen. – Milhares juntaram-se aos Lenhadores desde então.

– Refugiados da minha conquista – replicou Jardir. – Quantos dos teus chin empunhariam a lança se não lhes tivesse roubado a sua ilusão de segurança? Disseste-me quando nos conhecemos que muitos dos teus homens não ergueriam a mão contra os alagai mesmo quando as suas famílias são ameaçadas.

Semicerrou os olhos, lendo algo na aura de Arlen. Renna olhou-o, mas não conseguiu compreendê-lo da mesma forma.

Ainda não.

– O teu próprio pai – disse Jardir, acenando ao compreender. – Desonrou-se, vendo os alagai avançarem por ti e pela tua mãe.

Renna podia não compreender os aspetos mais subtis das auras, mas nem a ela escapava a humilhação e a raiva que incendiavam a de Arlen.

No entanto, havia também alguma coisa na aura de Jardir. Orgulho. Respeito. Com os seus sentidos apurados pela noite, viu a sua maçã de adão estremecer de emoção enquanto continuava a conhecer Arlen através da magia.

– Foste tu quem a salvou. Mal tinhas idade suficiente para o sharaj e avançaste para o confronto como um Sharum experiente.

– Não foi suficiente – disse Arlen. – Perdi-a, mesmo assim. Tudo o que consegui foi adiar o momento.

– Arrependes-te de teres avançado pelo caminho de Nie por ela? – perguntou Jardir.

– Jamais! – exclamou Arlen.

– É isso que significa ser o Shar’Dama Ka – disse Jardir. – Tomar as decisões difíceis que os outros não conseguem tomar. Os fracos como o teu pai deverão ser repelidos para que os fortes possam emergir.

– Jeph Fardos não era fraco – disse Renna, atraindo a atenção dos dois homens. – Aprendeu a sua lição nessa mesma noite, mesmo que a prova viesse apenas quinze anos depois. Quando fui eu a fugir no seu quintal,

ensanguentada e perseguida por demónios, pegou numa ferramenta e enfrentou-os. Salvou-me a vida. Não o fizeste, krasiano. O Ribeiro de Tibbet ergue-se com orgulho agora e não foi necessário que metade dos habitantes morresse.

– Inevera – disse Jardir. – Não importa a forma como os povos se juntam à Sharak Ka, apenas que o façam. – Olhou Arlen. – Foste tu, Par'chin, quem disse que estávamos além de tais coisas. O ataque à Doca foi um plano de Abban e Everam julgará quem será mais forte. Ele e Jayan ou os mestres da doca de Lakton.

– Não devia ter confiado naquele ladrão de camelos viscoso – rosnou Arlen.

Jardir riu-se.

– Disse o mesmo muitas vezes ao longo dos anos. A única coisa que alguém deverá esperar de Abban será que seja Abban. Segue a sua consciência até ser lucrativo ignorá-la.

– Quase me apetece deslizar até à Doca e desancá-lo e ao teu filho – disse Arlen.

A face de Jardir ensombrou-se.

– Se o fizeres, Par'chin, o nosso pacto será dissolvido. Se o fizeres, regressarei ao Trono dos Crânios e deixar-te-ei sozinho com o teu plano louco.

Arlen arreganhou os lábios e os dois homens ficaram tensos, preparados para voltarem a lutar. Mantiveram-se assim por um momento e Arlen acabou por abanar a cabeça.

– Veremos. Entretanto, Ren e eu precisamos de proteger os que expulsaste para a noite.

– Isso não é... – começou Jardir.

– Cala-te! – rugiu Arlen, de forma tão veemente que até Jardir pareceu abalado. – Não aceitarei que os nossos irmãos e irmãs enfrentem a noite sozinhos.

Jardir acenou afirmativamente.

– Claro. Não haverá honra nisso. Convocarei Shanvah e Shanjat e...

– Ficarão aqui a guardar o prisioneiro – ripostou Arlen.

– Não somos teus servos, Par'chin – replicou Jardir – para nos ordenares que sejamos meros carcereiros.

– Não é um cárcere comum – disse Arlen. – Sabes o que capturámos.

Jardir ficou tenso ao ouvir aquilo.

– Alagai Ka.

Arlen acenou com a cabeça uma única vez.

– Se regressar e descobrir que não estão os três a guardá-lo, o nosso pacto será realmente dissolvido.

Jardir curvou-se.

– Não se deixem ver. Salvem o vosso povo da noite, mas a Guerra Diurna já não nos pertence.

Arlen franziu a testa mas acenou a cabeça, voltando-se para estender uma mão a Renna. Esta aceitou-a, segurando-o com firmeza mesmo enquanto se dissolviam num momento tão íntimo como qualquer ligação de carne. Unidos, desceram por um caminho para deslizarem em conjunto.

Renna deslizou de volta à torre, solidificando atabalhoadamente poucos centímetros acima do solo. Noite após noite a canalizar e deslizar deixavam-na zonza e esgotada, com as entranhas fracas e ardendo pela passagem de tanto poder.

A queda súbita torceu-lhe o tornozelo e fê-la tombar, mas algo a amparou antes de cair. Preparou-se para lutar.

– Paz, irmã – disse Shanvah. – Sou só eu.

Renna abanou a cabeça, recuperando o equilíbrio e rejeitando o apoio da mulher.

– Desde quando sou tua irmã?

– Desde que derramámos sangue juntas no túmulo de Kaji – disse Shanvah. – Passámos a ser irmãs de lança.

Sentiu uma palpitação dolorosa no tornozelo. Renna tentou sará-lo, mas percebeu que não lhe restavam forças. Tentou canalizar mais poder, mas sentiu-se como se o seu corpo inteiro ardesse. Era mais fácil permitir que o tornozelo doesse.

Olhou o horizonte. O céu clareava, mas o amanhecer tardaria ainda uma hora. Precisaria de se alimentar antes disso ou seria inútil no dia seguinte.

– Só até ao amanhecer, quando voltamos a ser inimigas?

Shanvah encolheu os ombros.

– Se o Shar’Dama Ka me ordenar que te enfrente, obedecerei, Renna vah Harl, mas não será por minha vontade. Vejo honra em ti e no Par’chin e acredito que Everam terá um plano para nós.

– Gostava que fosse assim tão simples – disse Renna.

– É e não é – elaborou Shanvah. – Nada em Ala é simples ou seria o Paraíso. Everam não revela o Seu plano, mas sabemos que existe.

– Sim – concordou Renna, apesar de não concordar. A mulher desperdiçava tempo que lhe era necessário para caçar, sobretudo com um

tornozelo dorido. Desembainhou a faca. – Vou caçar um pouco. Para recuperar a força.

Shanvah acenou com a cabeça.

– Acompanho-te.

– O Núcleo – exclamou Renna.

– Estás exausta, irmã – disse Shanvah. – O aumento dos números traz segurança.

Renna abanou a cabeça.

– Não preciso de uma ama. Irias atrasar-me.

– Mas nós...

A aura de Shanvah iluminou-se com dor genuína e isso irritou Renna.

– Nós o quê? Somos irmãs de lança? Achas que isso significa alguma coisa para mim depois de ter passado uma semana a tentar salvar vidas que as ratazanas do deserto empurraram para a noite?

Segurou a túnica, expondo as manchas vermelhas abundantes.

– Estou coberta de sangue inocente por culpa do teu Shar'Dama Ka, Shanvah. Aqui, na maldita noite. Perdoa-me se não estiver interessada no teu apoio.

Virou-se imediatamente, afastando-se pela noite fora sem mais uma palavra.

O amanhecer aproximava-se quando Renna avistou finalmente a sua presa. Tinham caçado os cinco na área à volta da torre até não restar nada e, mesmo afastando-se mais, muitos demónios haviam já regressado ao Núcleo, ansiando pelo seu abrigo do sol.

Seguia aquele demónio há vários minutos e percebeu que o fizera a tempo. O demónio dos campos abrigara-se entre a erva alta durante o seu momento de vulnerabilidade até começar a desmaterializar-se. Demónios menores não conseguiam fazê-lo tão depressa quanto os demónios de elite (ou ela própria), sendo tão ineficazes como se adormecessem durante o seu momento de desintegração.

Viu os seus músculos descontraírem enquanto o transe se iniciava, saltando-lhe sobre as costas e prendendo-lhe o tronco com um braço e uma perna enquanto rebolava para trás. O demónio debateu-se e pontapeou inutilmente enquanto lhe cravava a faca no peito e o puxava para baixo com força, expondo-lhe as entranhas.

A luz começou a ver-se sobre o horizonte e a carne do nuclita começou a deitar fumo e a fervilhar. Desesperada, Renna enfiou as mãos no ferimento

aberto, prendendo a carne que conseguisse encontrar e enfiando-a na boca antes que o sol a destruísse.

Seguiram-se vários momentos de mastigação intensa e suja e o sangue negro que lhe escorria pelo queixo incendiou-se numa centelha. Gritou de surpresa.

Ouviu-se um movimento repentino e uma ponta de lança brilhante cortou a erva como uma foice. Shanvah erguia-se ali, com a lança erguida para atacar. Mas sobressaltou-se ao ver o cadáver do demónio.

Deu imediatamente um salto atrás, curvando-se profundamente.

– Peço que me desculpes por não satisfazer o teu pedido, irmã, mas estava preocupada. Quando gritaste, pensei... – Ergueu o olhar. – Claro que não. És Renna vah Harl e nenhum demónio conseguirá erguer-se contra...

A sua aura perdeu-se no Sol nascente, mas os olhos de Shanvah disseram o suficiente a Renna. Sabia.

– Shanvah, espera... – começou, mas a mulher afastou-se com passo acelerado.

Todos estavam de volta ao pátio quando Renna regressou, erguendo-se à sombra da torre. Shanvah estava ajoelhada, com a testa encostada ao chão. Shanjat empunhava a lança.

Arlen e Jardir pareciam prestes a lutar novamente, até ao fim, desta vez.

Todos os olhos se voltaram para ela enquanto se aproximava. Shanvah pôs-se de pé com um salto, apontando a lança a Renna.

– É uma serva de Nie!

– Impossível – disse Jardir. – Ergueu-se connosco contra o próprio Alagai Ka.

– Foi corrompida – assegurou Shanvah. – Juro perante Everam, pela minha honra e possibilidade de ascender ao Paraíso, Libertador. Vi com os meus olhos como devorava a carne nefasta dos alagai.

– Impossível – repetiu Jardir, apontando o Sol nascente. Permanecia na penumbra com os outros, mas Renna era já banhada pela luz. – Como poderia algum servo de Nie erguer-se sob a luz de Everam se...

A seguir, virou-se, olhando Arlen. Aproximou-se num segundo, segurando-lhe as mãos enquanto perscrutava a sua aura.

– É verdade – sussurrou. – Everam nos guarde. Confiei em ti e, durante todo este tempo, serviste Nie.

– Nucleado sejas! Para de agir como um tolo! – gritou Arlen.

– Que outro motivo poderia haver para profanares o teu corpo com...!

Arlen rosnou, empurrando Jardir com tanta força que Shanjat precisou de lhe sair do caminho para evitar ser atingido. Todos se prepararam para o embate, mas Arlen manteve-se firme, não fazendo qualquer esforço para continuar a luta.

– Tens a ousadia de perguntar porquê?! Noite... acreditas que queria isto? – Apontou-lhe um dedo. – A culpa é em partes iguais tua e da maldita tinta.

– Agora és tu quem é tolo, Par'chin – disse Jardir. – Não te forcei a engolir a carne de demónio.

– Não. Tu, Shanjat e os outros abandonaram-me como morto no maldito deserto – ripostou Arlen – depois de me espancaram, de me roubarem e de tentarem atirar-me aos demónios pela audácia de conseguir a primeira vitória na alagai'sharak em três mil anos.

Shanvah olhou Shanjat com olhos arregalados.

– Pai, não pode ser verdade.

A ponta da lança de Shanjat baixou-se quando se voltou para ela.

– É verdade, filha. Desonrámo-nos com o que tivemos de fazer nessa noite, mas o Par'chin tinha roubado a lança de Kaji e não podíamos permitir que a mantivesse.

– Moldas as palavras aos teus intuitos melhor do que qualquer khaffit no bazar – exclamou Arlen. – Ninguém via a lança há mais de três mil anos. O seu poder pertence a toda a humanidade e trouxe-a com honra até Jardir para que a partilhássemos.

– Silêncio, Sharum! – exclamou Jardir, sem nunca afastar o olhar de Arlen. – Também moldas as palavras aos teus intuitos, Par'chin. Nada disso explica porque comeste esta carne nefasta.

– Não? – disse Arlen. – Tu próprio disseste que não havia alimento em Anoch Sun. Foi por isso que o teu povo profanou o local, piores que demónios, quando por lá passaram. Não tiveram tempo para ser respeitosos. Queriam apenas saquear.

– Aviso-te, Par'chin... – começou Jardir.

– Não negues – disse Arlen. – Ser o Shar'Dama Ka implica tomar decisões importantes, não é? Nesse caso, assume a responsabilidade por elas.

– Assumo – afirmou Jardir sem se deixar abalar.

– Tal como eu – disse Arlen. – Desejava tanto os segredos de Anoch Sun como tu. Quando encontrei o Oásis da Madrugada e guardei a pele, tinha comida suficiente para fugir do deserto...

– Ou para regressar a Anoch Sun – concluiu Jardir.

Arlen acenou com a cabeça.

– Passei lá muito tempo, estudando. Os demónios eram a única coisa que podia comer. Tinha de sobreviver. Devia partilhar o que tinha aprendido. – Ergueu um dedo. – Mas deixei o sítio exatamente como o encontrei. Aposto que a tua gente nem sequer percebeu a minha presença. Qual de nós honra Everam combatendo Nie da melhor forma?

Jardir manifestou o seu desprezo com um riso seco.

– Falas de Everam e Nie, Par'chin, sem acreditar em nada.

– E, mesmo assim, cumpro melhor que tu os preceitos da tua religião! – exclamou Arlen, cruzando os braços.

– Comeste carne de alagai – disse Jardir. – Acreditas realmente que conseguirás impedir-te de ser corrompido por ela?

Arlen riu-se.

– Que hipócrita! A tua vida inteira, a tua ascensão ao poder, as tuas conquistas, tudo isso foi ditado pelos alagai hora e falas-me em corrupção? De que forma, na tua lógica retorcida, Everam poderá falar através de ossos de demónio?

Jardir uniu os lábios.

– Tenho pensado nisso muitas vezes, mas o seu poder é inegável.

– Claro que é – concordou Arlen. – Consegues ver a maldita magia. – Apontou a lança. – A Lança de Kaji tem um núcleo de osso de demónio. Tal como a coroa. – A magia não é malévola e os nuclitas não são peões numa guerra cósmica eterna – continuou. – São só animais como nós. Animais que passaram milhões de anos a habitar as profundezas de Ala, banhados pelo poder do Núcleo. Evoluíram para absorver e manter dentro de si esse poder e aprendemos a voltá-lo contra eles. Nada mais. – Ergueu um punho guardado. – As tatuagens dão-me poder, mas não mais do que as tuas cicatrizes. O poder real provém da ingestão da carne. É por isso que consigo dissipar-me em névoa e traçar guardas no ar. Faço coisas que só consegues fazer usando a lança e a coroa ou que não consegues fazer de todo. Passei a ter um núcleo de osso de demónio próprio.

– Se são só animais, como dizes – afirmou Jardir –, arriscas transformar-te num deles se prosseguires por este rumo.

– Bem sei – anuiu Arlen. – Há anos que não como carne de demónio, mas o poder parece estar dentro de mim para ficar.

– E permites que a tua jiwah se arrisque também – disse Jardir.

Arlen voltou a rir, mas agora não era um riso condescendente. A sua alegria era genuína.

– Permito? Conheces Renna Fardos? Será inútil permitir-lhe ou proibir-lhe o que seja.

– Bem podes dizê-lo – disse Renna, pegando-lhe na mão.

Arlen fixou nela um olhar apaixonado, continuando a falar com Jardir.

– Pedi-lhe que não o fizesse, mas sabe o que está em jogo e tem tentado acompanhar-me. Pensa que descerei em névoa até ao Núcleo e tentarei vencer os alagai sem ela.

– Não digas isso como se fosse uma ideia tonta – disse Renna. – Tu próprio disseste que te chama. Ouço o mesmo quando deslizo. Não é uma luta que consigamos vencer sozinhos.

Esperou que Jardir ficasse chocado por saber que o Núcleo os chamava, mas limitou-se a acenar com a cabeça.

– O apelo de Nie é forte, mas é verdade que terão de resistir. Ala inteira depende de nós. Depositem a vossa fé em Everam e manter-vos-á forte.

Arlen abanou a cabeça.

– Nunca fui muito bom a depositar fé no que quer que fosse além de mim e dos meus.

Jardir estendeu uma mão delicada, tocando o peito de Arlen.

– Everam está dentro de ti, meu amigo. Que O tenhamos criado ou Ele a nós é irrelevante. É a luz dentro de ti quando tudo o resto é negro. É a voz que te sussurra a diferença entre o que está certo e o que está errado. É a força que te permitiu ultrapassar a tua provação no deserto. É a esperança que levas dentro de ti neste plano tresloucado. – Sorriu. – É a teimosia que te faz recusar admitir a verdade que partilho.

Arlen sorriu.

– Concedo-te o último ponto, pelo menos.

– Agora que se sabe, talvez não precisemos do prisioneiro – disse Renna. – Há um atalho para as profundezas para todos nós.

Arlen abanou a cabeça.

– Não confies que ninguém, eu incluído, consiga dissipar-se em segurança demasiado perto do Núcleo. Será como despejar um balde num rio e esperar que contrarie a corrente.

Jardir cruzou os braços.

– Com hipocrisia ou não, nem os meus guerreiros nem eu profanaremos os nossos corpos com carne de alagai.

Seguiram-se acenos de cabeça entusiásticos de Shanvah e Shanjat e Renna via o alívio nos seus olhos.

– Então fazemo-lo da forma mais difícil – afirmou Arlen. – Mas, para isso, precisamos de uma forma de obrigar o maldito demónio a falar.

CATORZE

O PRISIONEIRO

333 DR Inverno

O consorte encolhia-se entre as guardas, expondo o mínimo de carne possível à maldita estrela diurna.

Os seus carcereiros tinham sido meticulosos. A corrente e os cadeados haviam sido moldados com esmero a partir de um metal verdadeiro e as suas guardas eram fortes. Queimavam-lhe a pele, mantendo-o sólido.

A sua cela era circular e estava vazia. Pedras coloridas cobriam o solo, formando um mosaico guardado que o manteria preso mesmo que conseguisse libertar-se da corrente. A rede de proteções sugava-lhe a magia com tal força que o consorte precisou de esconder profundamente o seu poder para não ser drenado.

Seria impossível restabelecer a energia perdida, pois a cela do príncipe dos demónios estava muito acima da superfície, sem condutas de onde pudesse canalizar. Era o consorte quem alimentava a sua própria prisão e estava determinado a contribuir com o mínimo possível. Usou as reservas com cautela.

Havia guardas também no exterior das paredes. Guardas que mantinham a prisão escondida de olhares curiosos, tanto de humanos como dos sequazes que, sem dúvida, procurariam sinais seus à superfície. O consorte tentara contactá-los, mas a rede era demasiado forte. Pela primeira vez, a sua mente foi isolada dos impulsos elementares enviados pelos seus sequazes e da bela complexidade dos pensamentos dos seus irmãos. O silêncio era enlouquecedor.

Pior ainda que essa indignidade era a estrela diurna. Cortinas grossas tinham sido puxadas sobre as janelas da cela, sobrepondo-se e bloqueando a luz. A escuridão era tão completa que os habitantes da superfície ficavam cegos, mas, para o príncipe demoníaco, o mínimo indício de luz filtrado pelo tecido era agonia, reduzindo-lhe a força e queimando-lhe a pele. O demónio precisou de esforço para fechar os olhos sem pálpebras e para se encolher no chão até ao regresso da escuridão.

Por fim, a estrela ocultou-se e o demónio fez uma sucessão de movimentos rápidos e eficientes para se sentar direito apesar da corrente que o rodeava com voltas irregulares, prendendo-o. Lentamente, o consorte canalizou uma fração de poder, sarando a carne por baixo da armadura cada vez mais espessa de carne queimada e morta.

Voltou a canalizar uma centelha para se suster. Os seus carcereiros eram sensatos e não se aproximavam o suficiente para o alimentarem.

Por fim, moveu-se, puxando um cadeado em particular contra a carne enquanto focava nele uma última fração de poder, erodindo lentamente o metal. Demasiado e o poder perder-se-ia, mas uma porção limitada gastaria a corrente como a água gastaria a pedra.

O demónio estudara a sua corrente durante meio ciclo e conhecia-a intimamente. Destruindo três cadeados e grande parte da sua mobilidade seria restabelecida. Quebrando mais dois aros, conseguiria libertar-se.

Depois de se libertar da corrente, precisaria de desativar o mosaico para conseguir dissipar-se para fora da prisão. Seria mais rápido, mas os padrões sugeriam que não conseguiria distanciar-se muito antes que os seus carcereiros percebessem a tentativa. Até o mais fraco entre eles conseguiria abrir a cortina com um movimento do pulso e o amanhecer seria o seu fim.

O consorte conseguia ser paciente. Passariam muitos ciclos até ficar pronto para quebrar a corrente e muito poderia mudar nesse tempo. As mentes humanas queriam-no vivo e era uma boa oportunidade para estudar e avaliar as suas fraquezas.

Era uma ironia deliciosa que a corrente que usavam para o manter sólido impedisse o consorte de alterar a garganta e a boca para lhe permitirem imitar os grunhidos grosseiros que as criaturas da superfície consideravam linguagem. Compreendia as suas perguntas, mas não podia responder-lhes.

Isto frustrava-os, aprofundando os abismos que os separavam. Podiam ser unificadores, mas, como qualquer humano, eram estúpidos. Emocionais. Pouco mais inteligentes que miméticos.

Acima de tudo, eram mortais. Chegaria o momento em que a sua vigilância falharia e, nesse momento, ficaria livre.

QUINZE

AS CRIANÇAS GUARDADAS

333 DR Inverno

– Nucleada seja se te deixar tocar na minha filha com essas mãos sebosas de ratazana do deserto!

Leesha ergueu o olhar. Tinha o intestino de um homem nas mãos e viu um laktoniano de braços grossos e o seu filho adolescente erguendo os punhos sobre a minúscula Amanvah. As aprendizas que a auxiliavam estavam paralisadas pelo medo. Jizell também tinha parado a cirurgia que fazia, mas, tal como Leesha, não podia envolver-se.

Amanvah não pareceu incomodada.

– Se não o fizer, morrerá.

– E de quem é a culpa? – gritou o rapaz. – Foram as ratazanas do deserto a matar a nossa mãe e a expulsar-nos para a noite!

– Não me culpes pela tua cobardia e pela incapacidade de protegeres a tua irmã – disse Amanvah. – Afasta-te.

– O Núcleo – disse o homem, segurando-lhe o braço. Sikvah deu um passo em frente, mas o filho do homem atravessou-se no seu caminho.

Amanvah olhou para baixo como se lhe tivesse esfregado merda na túnica branca, impecável apesar das horas que tinha passado a fazer cirurgia com Leesha. A seguir, ergueu a mão, fazendo-a serpentear à volta dos bíceps gigantes do homem, atingindo-o na axila. Afastou-se, dando meia volta e esticando-lhe o braço até o movimento ficar bloqueado pelo ombro. Torceu ligeiramente e o homem rugiu de dor.

Amanvah usou o braço imobilizado para conduzir o homem como um fantoche, afastando-o da mesa de operações e atirando-o contra o filho. Um

pontapé bem medido fez o rapaz cambalear para as portas e Amanvah fez o pai segui-lo enquanto gritava, expulsando-os da sala com a facilidade com que alguém usaria uma vassoura para varrer pó para uma pá.

Soltou o braço do homem quando as portas se abriram, desferindo um pontapé violento contra o seu plexo solar, projetando-os aos dois pelo ar e fazendo-os aterrar pesadamente um sobre o outro. Dúzias de mulheres separando os pacientes de acordo com a gravidade dos ferimentos olharam, chocadas.

Leesha voltou-se para Roni.

– Procura os maiores Lenhadores que encontrares. Coloca-os diante da porta da cirurgia e diz-lhes que lhes arrancarei as cabeças se mais alguém entrar além de pacientes e Herbanárias.

– Alguém tem de trazer os feridos para dentro – disse Roni. – A maioria dos Lenhadores combate na noite.

– Encontrarei alguém quando terminar isto – disse Leesha. – Vai.

Roni acenou afirmativamente e desapareceu. Amanvah debruçava-se já sobre a rapariga, mordida com gravidade por demónios dos campos. Não eram os primeiros laktonianos a perder o controlo ao verem as vestes e a pele morena de Amanvah, mas teriam de se habituar, mesmo que, para isso, precisassem de engolir alguns dentes.

Apesar de quase todos os Lenhadores do Outeiro estarem disponíveis, os recursos estavam no limite. As aprendizas conseguiam reparar ossos e coser cortes, mas poucas tinham o conhecimento suficiente para abrir um paciente e, muito menos, para tratar o que encontrassem. Amanvah era a melhor cirurgiã de combate que Leesha alguma vez vira. Não podia dar-se ao luxo de prescindir dela.

Houve uma pausa enquanto esperavam a leva seguinte. Leesha terminou o trabalho, permitindo que fosse Kadie a coser. Esticou as costas enquanto saía. O peso adicional que transportava não facilitava as horas que passava curvada sobre a mesa de operações.

A sala principal do hospício estava caótica. Passara mais de uma semana desde o início da chegada dos refugiados, mas os feridos continuavam a chegar enquanto patrulhas de Lenhadores e de Soldados de Madeira reuniam grupos encontrados na estrada, orientando-os para o Outeiro. Fugindo durante dias sem fim, muitos sofriam os efeitos da exaustão e da exposição aos elementos. Outros tinham ficado feridos durante a invasão ou tinham sido atacado por demónios na estrada.

Mas, depois dos refugiados de Rizon e das perdas na Lua Nova, os outeireiros tinham-se habituado a repor ordem no caos.

A alguma distância, os dois laktonianos continuavam caídos, com os braços apoiados sobre os joelhos enquanto olhavam o chão. Leesha precisava desesperadamente de descanso, mas aquilo recordava-lhe que havia quem estivesse em piores condições.

Compreendia a raiva que os refugiados concentravam em Amanvah. Também ela a sentia. O ataque à Doca fora demasiado preciso para ter resultado de inspiração repentina. Ahmann tinha-o planeado desde o início, mesmo enquanto a seduzia.

Parte dela, furiosa e magoada, desejou que Arlen o tivesse realmente matado.

Aproximou-se dos dois homens. O pai nem sequer a olhou até colocar um pé no seu campo de visão. O filho manteve o olhar fixo no chão.

– A tua filha ficará bem – disse. – Ficarão todos.

– Agradeço a preocupação, Herbanária – agradeceu o pai –, mas acho que nada voltará a ficar bem. Perdemos... tudo. Se Cadie morrer, não sei o que... – Calou-se, soluçando.

Leesha pousou-lhe uma mão no ombro.

– Sei que é o que parece, mas já estive onde estás. Mais do que uma vez. Todos os outeireiros já estiveram.

– Melhora. – Stela Estalagem surgiu com o carro da água. Encheu dois copos e foi buscar um cobertor áspero. – O tempo arrefece. Haverá guardas térmicas no acampamento, mas só funcionam à noite. Disseram-vos qual era o número?

– *Hmm*... – disse o homem. – O rapaz à entrada disse qualquer coisa...

– Sete – disse o filho, mantendo os olhos no chão. – Estamos na área sete.

Stela acenou com a cabeça.

– O campo de Pollock. Como se chamam?

– Marsin Turfa. – O homem indicou o filho com a cabeça. – Jak.

Stela tomou nota no seu bloco.

– Quando foi a última vez que comeram?

O homem olhou-a sem perceber por um momento. A seguir, abanou a cabeça.

– Não faço ideia.

Stela sorriu.

– Pedirei ao Callen que traga o carro do pão enquanto esperam notícias.

– Que o Criador te abençoe, rapariga – disse o homem.

– Vês? – disse Leesha. – As coisas começam já a melhorar.

– Sim – disse o rapaz. – A minha mãe morreu, a nossa casa ficou

reduzida a cinzas e a Cadie vai morrer com febre demoníaca. Mas temos um cobertor. Só por isso, está tudo maravilhoso!

– Mostra-te grato! – ripostou Marsin, aplicando-lhe uma palmada ligeira na nuca.

– Haverá mais do que cobertores e pão – respondeu Leesha. – Dois homens fortes como vocês podem começar a trabalhar no corte de árvores e na construção de casas para uma das novas grandes guardas.

– Trabalho pago – acrescentou Stela. – Primeiro com créditos para comprar comida. Depois disso, começarão com cinco klats por dia.

Leesha não ficou convencida ao início, mas a moeda nova revelou ser aquilo de que as pessoas precisavam, espalhando-se entre os refugiados mais rapidamente que a cunhagem.

Marsin abanou a cabeça.

– Pensei que fosse o nosso fim quando os demónios atravessaram as guardas do nosso acampamento. Mas tenho de acreditar... que o Criador não nos teria salvado se não houvesse um motivo.

Leesha e Stela sobressaltaram-se ao ouvir aquilo.

– Viram o Libertador? – perguntou Stela.

O homem acenou afirmativamente.

– Sim. E não fui o único.

– Foi só um clarão de luz guardada – disse Jak.

– Sim – concordou Marsin. – Mas foi mais intenso do que qualquer coisa que as minhas guardas traçadas à pressa pudessem produzir. Magoava os olhos. E vi um braço.

– Podia ser qualquer coisa – sugeriu Jak.

– Não foi «qualquer coisa» a congelar o demónio da chama que mordeu Cadie – disse Marsin. – Ou a incendiar o demónio da madeira para conseguirmos alcançar os Lenhadores na estrada.

Leesha abanou a cabeça. Não era a primeira vez que ouvia alguém contar os feitos de Renna, mas, até àquele momento, ninguém vira mais do que uma sombra passageira ou um vislumbre de pele guardada.

Como o faz?, pensou Leesha. Traçar guardas no ar e dissipar-se em névoa, viajando ao longo de quilómetros no tempo que alguém levaria a inspirar profundamente. As guardas de caulinegra não podiam explicá-lo. Wonda tornara-se poderosa durante a noite, mas nada que se assemelhasse àquilo e os seus talentos regressavam sempre a níveis mortais quando o Sol nascia.

– Juro pelo Sol – dizia Marsin. – O Libertador salvou-me a mim e aos meus filhos.

– Claro que sim – concordou Stela. – O Libertador anda por aí, olhando por todos nós.

Leesha afastou a rapariga para onde os homens não a ouviriam.

– Não digas coisas dessas. Sabes muito bem que nem Arlen Fardos conseguirá estar em toda a parte ao mesmo tempo. As pessoas terão de se concentrar em salvarem-se a si mesmas.

Stela baixou a cabeça.

– Sim, mestra. Isso é muito bom quando se é um Lenhador com braços grossos como troncos de árvore ou uma princesa krasiana capaz de atirar homens pelo ar como se fossem bonecas. Que poderá fazer uma rapariga simples do Outeiro como eu?

Sim... o que poderia fazer alguém como ela?, pensou Leesha. Stela era uma rapariga saudável, mas era pequena e tinha membros finos. Ajudava como podia, mas estava certa. Não nascera para lutar.

– Lutarias se conseguisses? – perguntou Leesha.

– Sim, mestra – respondeu Stela. – Mas, mesmo que o meu avô me deixasse, nem sequer consigo puxar a corda de uma besta.

– Veremos – disse Leesha.

– Mestra? – perguntou Stela.

– Concentra-te no teu trabalho – disse-lhe Leesha. – Voltaremos a falar deste assunto em breve.

Ouviu-se um estrondo e a porta do hospício foi aberta de rompante. Wonda Lenhador entrou, trazendo dois homens adultos sobre os ombros e um terceiro preso sob o braço. Tinha as mangas arregaçadas e as guardas de caulinegra brilhavam mansamente.

Em redor, as pessoas apontaram e segredaram. Wonda percebeu que Leesha a olhava e encolheu os ombros, desculpando-se.

– Não tive outra opção, mestra – explicou Wonda quando ficaram sozinhos. – Fiquei sem flechas e o demónio aproximava-se deles. Que podia fazer? Deixá-los morrer?

– Claro que não, querida – disse Leesha. – Fizeste o que estava certo.

– O povoado inteiro não falará noutra coisa – disse Wonda. – Chamam-me Criança Guardada.

– O que está feito, feito está – concluiu Leesha. – Não te preocupes. Não conseguiríamos escondê-lo para sempre e aprendi o suficiente para começar a ampliar a nossa experiência.

– Sim? – perguntou Wonda.

Leesha indicou as guardas nos braços de Wonda, que continuavam a brilhar debilmente.

– A luz apagar-se-á quando se esgotar a tua adrenalina. Faz a respiração até acontecer e, depois, procura voluntários. Lembra-te do que te pedi que procurasses.

– Sim, mestra. – Wonda respirava já lentamente.

– Wonda? – Leesha apontou com a cabeça alguém no extremo oposto. – Começa por Stela Estalagem.

O Sol nasceu e Wonda esperou que a luz alcançasse o pátio, afastando-se do alpendre e começando a alongar-se nos seus sharukin diários. A manhã estava fria, mas vestia apenas uma camisa fina, expondo ao sol o máximo de pele guardada.

– Como te sentes hoje? – perguntou Leesha.

– As guardas fazem comichão quando o sol as toca pela primeira vez – referiu Wonda.

– Comichão? – perguntou Leesha.

– Ardem – disse Wonda. – Como ser açoitado com ramos de urtiga. – Wonda expirou lentamente enquanto passava à postura seguinte. – Mas não te preocupes, mestra. A sensação dura só um minuto ou dois. Consigo aguentar.

– Sim – disse Leesha. – Nunca teria percebido olhando para ti.

– Não queria desperdiçar o teu tempo com cada dor e incómodo insignificante, mestra – retorquiu Wonda. – Não te ouço queixas e sofreste mais que nós.

– Tens de me dizer essas coisas, Wonda – exigiu Leesha. – Agora mais que nunca. A magia afeta-te e teremos de garantir que será segura. Para bem de todos eles.

E para o meu bem, pensou. *E para o bem do meu bebé.*

– Há uma semana que não dormes – disse-lhe Leesha. Poucos Lenhadores tinham dormido. Onde os combates com os demónios fossem mais intensos, nos locais onde houvesse maior número de refugiados na estrada, Wonda e Gared estariam presentes com os Lenhadores originais, os que se tinham erguido com Arlen na Batalha do Outeiro do Lenhador. À noite, as guardas gravadas nos cascos dos seus cavalos cobriam os quilómetros enquanto perseguiam bandos de demónios que caçavam os refugiados, destruindo-os antes que conseguissem atacar. Durante o dia, ajudavam a guiar os laktonianos em fuga até aos acampamentos guardados

construídos ao longo da estrada.

– Nem tu, mestra – referiu Wonda. – Não penses que não estive atenta por não estar aqui. As raparigas contam-me que não dormiste mais do que uns minutos desde que isto começou. A magia também te afeta.

Era verdade.

– Sim. – Leesha endureceu ligeiramente o seu tom de voz. – Usei mais magia de hora na última semana do que nos meses anteriores. Não obtenho metade do retorno que obténs com a caulinegra, mas é suficiente para perceber aquilo por que passas. Sinto que...

– Que conseguirias marchar até ao próprio Núcleo e pontapear o traseiro da Mãe dos Demónios.

Leesha riu-se.

– Não teria usado palavras tão coloridas, mas sim. A magia flui através de nós e leva consigo a fadiga.

Wonda acenou com a cabeça.

– Ao amanhecer, é como se tivesse dormido a noite inteira e bebido uma cafeteira cheia. Melhor ainda. Como uma corda de arco pronta para o disparo.

– Manténs o teu arco sempre pronto para disparar? – perguntou Leesha.

– Claro que não. – Wonda parou os exercícios para olhar Leesha. – Estragaria um bom arco se o fizesse.

– Não é natural passar tanto tempo sem dormir – comentou Leesha. – Talvez não nos sintamos cansados, mas sinto que algo se perde. Sem sonhos que permitam a evasão...

– ... o mundo inteiro começa a parecer um sonho – concluiu Wonda. – Sim.

– Vou preparar uma chaleira de tampereira e flor-celeste – disse Leesha. – Far-te-á dormir durante oito horas.

– E tu? – perguntou Wonda.

– Dormirei esta noite, quando partires para a noite – prometeu Leesha. – Juro.

Wonda grunhiu, voltando aos seus alongamentos. Leesha pensou como seria para Arlen ou até para Renna. Teriam dormido alguma coisa ao longo de meses? Quando tinham sonhado pela última vez?

Receava a resposta. *Será talvez por isso que são os dois completamente loucos.*

Wonda terminou os exercícios e entraram. Wonda tirou a sua armadura de madeira do suporte, preparando as ferramentas de polimento. A armadura fora um presente da mãe de Thamos, a duquesa Araine, e Wonda

valorizava-a quase tanto como o arco e as flechas que Arlen lhe oferecera. Todas as manhãs polia as armas e a armadura com o afeto com que uma mãe banharia um filho.

Leesha demorou-se a ferver uma chaleira e levou-a para a sala de banhos. Mordiscou um biscoito e despiu-se para uma lavagem rápida antes de vestir um vestido limpo.

Inspirou fundo. Em breve, ficaria mais fácil. O fluxo de refugiados continuava, mas o alcance do Outeiro crescia com cada dia, recolhendo gente ainda na estrada, trazendo consigo animais vivos e alimento. Vários povoados que ainda não tinham sido vencidos organizavam evacuações sob proteção dos Lenhadores.

O Outeiro precisaria de os absorver, mas seria mais fácil quando as pessoas chegavam como colonos, trazendo mantimentos e as suas posses, em vez de chegarem apenas como gente exausta, trazendo apenas os seus feridos.

Naquela noite, Leesha poderia dar-se ao luxo de dormir. Talvez. Mas voluntários jovens reuniam-se no pátio, com a sua força e reflexos sendo testados e divididos em grupos pelas suas aprendizas. O alarido dos outeireiros reunidos transformou-se em sussurros excitados quando Leesha e Wonda surgiram à porta.

Os voluntários estavam todos no fim da sua adolescência ou teriam acabado de entrar na casa dos vinte anos. Eram outeireiros que se tinham oferecido para integrar os Lenhadores, sendo recusados por um motivo ou outro. Um deles respirava com dificuldade. Outro precisava de lentes para ver. Outros tinham sido rejeitados apenas por não serem suficientemente grandes ou fortes para acompanhar os restantes.

Uma classe khaffit em potência, se não tivermos cuidado, pensou Leesha.

– Olham-me fixamente – disse Wonda.

– Sim – concordou Leesha. – Para que vejas como é. Para estas crianças, é como se fosses o Homem Pintado.

– Não gracejes com o Libertador – disse Wonda.

– Somos todos Libertadores – respondeu Leesha. – As palavras são dele. Cabe-te a ti inspirá-los, tal como ele te inspirou a ti. O mundo precisa de todos os Libertadores que conseguir encontrar.

– Porque não guardamos também os Lenhadores e os Sharum? – perguntou Wonda. – Porque só o fazemos aos rejeitados?

– Continuamos a fazer testes – explicou Leesha. – Precisamos de um grupo pequeno. Um grupo que consigamos controlar, para testar o processo

antes de tentarmos aplicá-lo a homens grandes como árvores.

Havia três grupos. Stela integrara um deles. O seu tio Keet, apenas alguns anos mais velho, integrara outro. Nenhum deles seria o guerreiro mais válido que o Outeiro poderia oferecer.

A primeira dúzia, incluindo Callen Lenhador, filho da sua amiga Brianne, receberia lanças com desenho especial que Leesha guardara pessoalmente. Tinham hastes curtas e lâminas guardadas longas, concebidas para maximizar a magia canalizada dos nuclitas que chegava a quem as empunhava.

O segundo grupo receberia armas que pareciam idênticas às primeiras mas que continham lascas de hora cobertas com prata guardada. As lanças teriam também algum poder limitado durante o dia e recarregar-se-iam depois de esgotadas.

Por último, o grupo de Stela, o mais cobiçado dos três, teria guardas pintadas na pele com caulinegra e estudaria sharusahk com Wonda.

Os testes levariam meses, mas, se os cálculos de Leesha estivessem corretos, poderiam ter um exército de Libertadores à espera no Outeiro quando os príncipes nuclitas voltassem.

As suas Crianças Guardadas.

– Pronto. Terminei. – Escurecera quando Leesha acabou de pintar a última guarda na pele de Stela. Os outros esperavam com Wonda no pátio, maravilhando-se com as armas e peles guardadas. Todos sabiam que, em breve, avançariam pela noite dentro, como muitos guerreiros veteranos que nunca tinham regressado.

O entusiasmo aumentava no ar. Uma possibilidade de morte, sim, mas também uma hipótese de vingança, para mostrar ao Outeiro que também tinham valor. Nenhum deles conseguia manter-se quieto, movendo os pés sem sair do sítio ou caminhando para trás e para a frente, esperando Stela para poderem começar.

Leesha libertou-a, vendo a rapariga através dos seus óculos guardados. O pátio estava banhado em magia e apenas uma fração seria visível a olho nu. Algumas guardas brilhavam, iluminando o espaço, mas outras vibravam com poder invisível para todos os que não tivessem vista guardada.

Viu o poder acorrer aos tornozelos de Stela, como começara já a acontecer aos outros. Dançou pelas guardas de caulinegra que lhe subiam as pernas, puxado pelos símbolos interligados, envolvendo-lhe o tronco e espalhando-se pelos membros e pela cabeça como se um coração

bombeasse magia em vez de sangue. Erguendo-se no pátio, as Crianças Guardadas sentiriam um formigueiro. A princípio, pareceria o efeito de um chá estimulante forte. Depois, faria lembrar uma descarga de adrenalina. Em seguida, os seus sentidos expandir-se-iam, confundindo-os com cada cheiro ténue, com cada sussurro ouvido a um quilómetro de distância. Seria avassalador até os seus pensamentos conseguirem igualar o mesmo ritmo.

A seguir, sentir-se-iam invencíveis.

– Isto – Wonda ergueu um tubo de metal longo com um cabo de aço formando um laço pendurado da extremidade – é uma arma krasiana a que chamam laço de alagai. – Passou o laço sobre um poste guardado no pátio, apertando-o rapidamente com uma torção e um puxão. – Cada um de vocês levará um. Montei armadilhas na floresta das Herbanárias. Usaremos estas armas para arrastar demónios que poderemos usar como treino.

– Sem mais nem menos? – perguntou Keet. – Não vamos treinar um pouco no pátio antes de sairmos para a noite desprotegida? – Outros murmuraram a sua concordância.

Leesha manteve o sorriso na face. Noite desprotegida. Tinha grandes guardas e caminhos guardados preparados na sua propriedade. As crianças podiam sentir que estavam à mercê dos demónios, mas, na verdade, estariam sempre protegidas.

Era importante que entrassem em contacto com os demónios logo que possível e a sensação de perigo constante mantê-los-ia respeitosos. Não era um jogo.

Era como um sonho, ver Wonda comandar as crianças. O mundo tornara-se difuso. Continuava a conseguir focar o olhar, mesmo após dez horas consecutivas a traçar guardas. A dor na têmpora palpitou e agoniou-a, mas tornara-se uma companheira quase permanente e aprendera a bloqueá-la.

Mas, quando as crianças desapareceram finalmente na escuridão no limite da sua visão guardada, começou a preencher o vazio com imagens. Callen Lenhador chamando pela mãe enquanto se esvaía em sangue pelos ferimentos de garras. Brianne não voltaria a falar-lhe. Nem Smitt, se alguma coisa acontecesse a Stela ou a Keet. Viu um demónio da madeira arrancando a cabeça de Stela com os dentes. O seu coração bateria mais algumas vezes antes que o corpo percebesse que estava morto. O esguicho de sangue erguer-se-ia bem alto.

Afastou a visão, esfregando os olhos. Finalmente. Finalmente, estava livre para dormir antes de enlouquecer. Se Arlen, Ahmann e Thamos entrassem em conjunto no pátio naquele instante e começassem a lutar uns contra os outros, não deixaria de ir para a cama.

Os seus passos eram determinados enquanto se dirigia para a porta da cabana. Na sua cabeça, vestia já a camisa de dormir, soprando as velas. A sua cama era quente e macia.

– Mestra Leesha! – O chamamento frenético veio de trás. Leesha não reconheceu a voz, mas o tom era claro. Tendo-a visto, era alguém que não desistira até falarem.

Inspirou fundo, contando até cinco enquanto a sua mente vestia um roupão. O sorriso de condessa voltou-lhe à face enquanto se voltava para a mulher, reconhecendo-a imediatamente das horas que tinha passado ao lado da cama da filha no hospício. Lusy Novelo. A mãe de Kendall.

Novelo não era um apelido adequado. Era apenas um gracejo inspirado pela incapacidade da aprendiza de tecelão aprender a usar um fuso. Lusy era uma mulher simpática mas sem quaisquer qualidades notáveis que, de alguma forma, conseguira gerar uma filha excecional.

– É um pouco tarde para visitas, Lusy – disse-lhe.

Lusy curvou-se numa vénia.

– Peço desculpa, mestra. Não te teria incomodado se não fosse importante. – Conteve o choro. – Não sei a quem mais recorrer.

A mente de Leesha libertou-se do roupão e voltou a vestir um vestido. O seu suspiro foi inaudível enquanto se aproximava da mulher para a tomar nos braços.

– Pronto, rapariga – disse, mesmo que Lusy fosse anos mais velha. – Não pode ser assim tão mau. Vem para dentro e preparo-te chá.

Lusy falou sem parar na sala de Leesha. Esta sentou-se na cadeira de balouço de Bruna, coberta com o xaile da anciã. Em mais do que uma ocasião, os seus olhos fecharam-se e foi apenas quando deixou cair a cabeça que acordou com sobressalto.

Por fim, um sedativo ligeiro que Leesha colocara no chá da mulher fez efeito e acalmou-se.

– Muito bem, Lusy – disse. – Gostei da tua visita, mas chegou a altura de ires direta ao que interessa.

Lusy acenou com a cabeça.

– Desculpa, mestra. Mas não sei...

– ... o que fazer. Sim. Já o disseste. – A paciência de Leesha esgotava-se. – A que respeito?

– A respeito de Kendall e daquelas bruxas krasianas! – Lusy quase guinchou.

Leesha olhou-a com curiosidade.

– Quem? Amanvah e Sikvah?

– Sim. Sabes o que fizeram? – perguntou Lusy.

– Não sei – respondeu Leesha, apesar de desconfiar. – Porque não bebes outro gole de chá, baixas a voz e começas pelo princípio?

Lusy acenou afirmativamente, bebendo um gole ruidoso e expirando entre soluços.

– Procuraram-me esta tarde. Disseram que me queriam comprar Kendall. Comprá-la! Como se fosse uma maldita ovelha!

– Comprá-la? – repetiu Leesha, apesar de ter percebido já a que a mulher se referia.

– Como pega para aquele maldito Rojer – disse Lusy. – Parece que ter duas mulheres não é aberração suficiente para ele. Também quer a minha Kendall no seu harém. Ouvindo-as falar, é como se quisesse emprenhá-la como uma vaca.

– Os krasianos podem ser... indelicados nestes assuntos – afirmou Leesha com cuidado. – Para eles, o casamento é um contrato, mas, quando as negociações chegam ao fim, encaram os seus votos com tanta seriedade como nós. De certeza que não quiseram insultar-te.

– Como se me importasse com o que querem ou deixam de querer – exclamou Lusy. – Disse-lhes que Rojer só levaria Kendall por cima do meu cadáver.

Má escolha de palavras. Leesha não tinha a certeza de que Amanvah não as concretizaria.

– As duas rameiras foram-se embora como se tivesse sido eu a indelicada – continuou Lusy. – Menos de vinte minutos depois, tenho Kendall à minha frente, a chorar e berrar. Disse-me que casaria com Rojer e que a decisão estava tomada. Disse-lhe que nenhum Protetor a deixaria pôr a mão sobre o Cânone para jurar ser a terceira mulher de um homem e sabes o que me respondeu?

– Conta-me – pediu Leesha, suspirando.

– Disse que não lhe importava. Mandou o Cânone e os Protetores para o Núcleo. Disse que faria o seu juramento sobre um Evejaco...

– Evejah – corrigiu Leesha.

– Um livro de pecado – contrapôs Lusy. – Kendall sempre teve Rojer debaixo de olho, mas não assim. A rapariga perdeu a cabeça! É suficientemente mau que as pegas krasianas o tenham afastado do caminho do Criador com os seus feitiços, mas não vou deixar que levem também a minha filha.

– Poderás não ter escolha – retorquiu Leesha.

Lusy olhou-a, surpreendida.

– Noite, mestra. Não podes aprovar.

– Claro que não. – Leesha planeava já a repreensão a Rojer. – Mas Kendall é uma mulher adulta e tem o direito de escolher o seu caminho.

– Não ficarias tão calma – disse Lusy – se fosse a tua filha a ser licitada como uma galinha poedeira.

Leesha arqueou uma sobrancelha e Lusy recordou nesse momento que falava com a futura condessa do Outeiro, uma mulher que tinha sido ela própria sujeita à licitação matrimonial dos krasianos. Não conseguiu enfrentar-lhe o olhar e olhou para baixo, tentando esconder a cara na chávena de chá. Bebeu demasiado depressa e tossiu.

– Não quis ofender, mestra. Claro que compreendes.

– Acredito que sim – disse Leesha. – Falarei com Rojer e Amanvah logo que possa e chamar-te-ei depois disso.

– Obrigada, mestra. – Lusy ergueu-se, curvando-se atabalhoadamente enquanto recuava para a porta, virando-se e afastando-se.

– Perdeste a cabeça? – Leesha vestia o xaile de Bruna. Nunca era bom sinal.

Rojer exagerou ligeiramente o suspiro por motivos dramáticos, demorando-se a pendurar a Capa de Invisibilidade multicolorida junto à porta. A face de Leesha parecia escarlate e era sempre melhor ganhar tempo quando ficava assim. Não tinha energia suficiente para permanecer naquele estado durante muito tempo. Não com ele, pelo menos.

Recordou como outrora se sentia tão intimidado por ela. Depois de lidar com Amanvah, Leesha Papel era um passeio pela praça em dia soalheiro.

Deixou o estojo do violino junto à porta, fechando-o com cuidado para bloquear os ouvidos indiscretos de Amanvah. Sentia-se nu sem a capa e o violino, mas também isso justificava que se afastasse deles ocasionalmente, para não o reclamarem por completo.

Nunca deixes que um número seja teu dono, dissera Arrick, *ou não farás mais nada durante o resto da vida. Será preferível ir para o Núcleo a contar as mesmas piadas todas as noites até morrer.*

Ignorando a postura e o tom de voz agressivo de Leesha, avançou para a sala, ocupando a sua cadeira preferida. Pôs os pés sobre o banco e esperou. No momento seguinte, Leesha entrou e sentou-se na cadeira de Bruna. Não lhe ofereceu chá.

Noite. Deve estar furiosa, pensou Rojer.

– Lusy visitou-te, não é? – Supusera que tinha sido aquele o motivo para

Leesha comunicar que queria vê-lo a meio da noite. Não que dormisse muito à noite. Poucos outeireiros o faziam. Já não. A luz guardada iluminava as ruas e os caminhos, provando que todos estavam a salvo dos nuclitas. As pessoas aproveitavam com afinco a nova liberdade e as ruas passavam a estar movimentadas a qualquer hora. O bazar de Shamavah e a venda de Smitt tinham passado a abrir também à noite.

– Claro que sim – ripostou Leesha. – Alguém precisava de te fazer ganhar juízo.

– Então és a minha mãe? – perguntou Rojer. – É responsabilidade tua limpar-me o rabo quando está sujo e dar-lhe palmadas quando me porto mal? – Ergueu-se, fingindo mexer no cinto. – Queres que me deite sobre os teus joelhos para poupar tempo?

Leesha ergueu uma mão para tapar os olhos, mas a sua expressão de desagrado dissipara-se.

– Rojer, mantém as calças abotoadas ou encho-te a língua de pimenta!

– São as minhas melhores calças! – disse Rojer, ofendido. – Ouvi dizer que usas ramos verdes como vergasta, mestra. É impossível limpar seiva da seda.

– Nunca vergastei ninguém na vida! – Leesha continha um sorriso.

– E a culpa é minha? – Rojer coçou a cabeça. – Acho que te posso dar dicas, mas é estranho ensinar alguém a vergastar-nos.

Leesha suprimiu o riso.

– Nucleado sejas, Rojer. Não é uma piada!

– Sim – concordou Rojer. – Mas também não é uma brecha na muralha durante a Lua Nova. Ninguém sangra e nada arde. Não há motivo para perdermos as estribeiras. Sou teu amigo, Leesha, não teu súbdito. Derramei tanto sangue pelo Outeiro como tu.

Leesha suspirou.

– Tens razão. Desculpa, Rojer.

– Ei. – Os olhos de Rojer arregalaram-se. – Leesha Papel acaba de admitir que errou?

Leesha riu-se enquanto se levantava.

– Aí tens alguma coisa para contar aos teus netos. Vou fazer chá.

Rojer seguiu-a para a cozinha, indo buscar as chávenas enquanto ela punha a chaleira ao lume. Manteve a sua chávena na mão. Mestra Jessa, a madame do bordel do duque Rhinebeck, onde Rojer passara grande parte dos seus anos formativos, ensinara-o a nunca confiar que uma Herbanária não lhe poria algo no chá.

Nem em mim, dissera Jessa com uma piscadela de olho. *Noite. Acima de*

tudo, não confies em mim.

Leesha pôs uma mão sobre a anca, inclinando-se contra a bancada enquanto esperavam que a água fervesse.

– Não podes ter esperado que todos reagissem com alegria a receberes Kendall como terceira esposa. Não te chegam duas? Noite, só tem dezasseis anos!

Rojer revirou os olhos.

– Dois anos mais nova que eu. O demónio do deserto é mais velho que tu por quantos anos? Uma dúzia? Kendall, pelo menos, não tenta escravizar toda a gente a sul do Outeiro.

Leesha cruzou os braços, um sinal de que Rojer começava a abalá-la.

– Ahmann foi-se, Rojer. Não esteve envolvido neste ataque.

– Abre os olhos, Leesha – disse Rojer. – Lá porque um homem consegue arrepiar-te os dedos dos pés, isso não faz dele o Libertador.

– Bem podes falar! – ripostou Leesha. – Há menos de uma estação, as tuas preciosas esposas tentaram envenenar-me, Rojer. Mas, porque te satisfizeram a verga, casaste com elas mesmo assim, sem te preocupares com a minha opinião.

O instinto de Rojer dizia-lhe que respondesse à letra, mas Leesha Papel era teimosa como um demónio da rocha quando alguém tentava argumentar com ela. Manteve a voz calma.

– É verdade. Ignorei o teu conselho e fiz o que me pareceu certo. Sabes que mais? Não me arrependo. Também não preciso da tua autorização para casar com Kendall.

– Precisas da autorização de um Protetor – lembrou Leesha. – Será mais fácil encontrar uma bola de neve no Núcleo.

– As palavras dos Protetores não significam nada para mim, Leesha – declarou Rojer. – Nunca significaram. Hayes também recusou reconhecer Sikvah. Achas que perdemos horas de sono por isso?

– E Lusy? – perguntou Leesha. – Pretendes ignorá-la também a ela?

Rojer encolheu os ombros.

– Essa preocupação pertence a Kendall. Tem idade suficiente para se casar, quer a sua mãe aprove ou não. Ainda bem que não aprova. Menos hipóteses haverá de querer vir morar connosco.

– Então vais levar avante o plano? – perguntou Leesha. – Costumavas dizer que o casamento era um jogo de tolos. Agora, casas-te sempre que olho para ti.

Rojer riu-se.

– Tentei falar disto contigo. Na noite do Concílio, lembras-te? Mas

Renna apareceu...

– E todos tivemos preocupações maiores – concordou Leesha.

– Tive dúvidas no início – referiu Rojer. – Nunca pensei em Kendall dessa forma. Juro que não. – Olhou as mãos, tentando encontrar uma forma de exprimir o que sentia. Conseguia fazê-lo com facilidade usando o violino, mas as notas saíam-lhe sempre com maior facilidade que as palavras. – Isto que tenho. – Um início miserável. – Esta... afinidade com os demónios, esta forma de os influenciar com música que tu e Arlen esperam que consiga ensinar... Kendall é a única que compreende realmente. Os Jograis e até Amanvah e Sikvah conseguem seguir a minha orientação e imitar as notas, mas não... sentem a música como Kendall. Quando tocamos juntos, é algo tão transcendente e íntimo como qualquer coisa num casamento. Quando tocamos os quatro, é um maldito coro de serafins. – Sorriu. – É natural querer beijá-la depois.

– Então beija-a! – exclamou Leesha. – Noite, durmam juntos até se fartarem. Não dirá respeito a mais ninguém além dos dois e das tuas esposas. Mas o casamento...

– Já te disse que não precisamos da bênção de um Protetor – insistiu Rojer. – Kendall é minha aprendiza. Será natural que viva connosco. Receberá em breve a sua licença de Jogral e convidaremos Lusy para se juntar a nós. Será certamente melhor do que o casebre que hoje partilham.

– Acreditas que ninguém notará? – perguntou Leesha.

– Claro que notarão – admitiu Rojer. – O povoado não falará de outra coisa. Rojer e o seu harém. Eu própria espalharei a história.

– Porquê? – perguntou Leesha. – Porquê promover o escândalo?

– Porque acontecerá, quer eu queira ou não – disse Rojer. – Amanvah e Kendall fecharam um acordo antes mesmo de perceber o que se passava e foi um acordo que só um tolo rejeitaria. Deixa o povo espalhar boatos e habitua-te. Farei com que me amem, mesmo assim, para que, quando Kendall engravidar, ninguém se surpreenda quando considerar a criança um filho legítimo.

– São palavras tuas ou de Amanvah? – perguntou Leesha.

Rojer ergueu as mãos.

– Nucleado seja se sei.

Era quase meia-noite quando Rojer partiu finalmente. Leesha viu-o deixar a sua propriedade, preparando o encontro seguinte com Lusy.

Se Kendall o desejar, não poderás fazer nada para o impedir, diria,

fazendo uma pausa para que o choque das suas palavras fosse interiorizado. *Tudo o que poderás fazer será adiar e esperar que a rapariga recupere o juízo. Aceita negociar, mas faz exigências absurdas...*

Forçou-se a esquecer aquilo. Teria tempo de manhã. *Se me deitar agora, talvez durma seis horas antes que Wonda e as crianças regressem e o alpendre fique cheio de gente.*

Leesha fechou a porta e foi direita ao quarto, deixando um rasto de alfinetes e sapatos. O vestido caía-lhe quando passou a porta do quarto e a combinação de seda que usava por baixo serviria como camisa de dormir. Enfiou-se na cama, abdicando dos seus rituais de limpeza noturnos. A face e os dentes sobreviveriam algumas horas.

Pareceu-lhe que acabara de fechar os olhos quando bateram à porta. Sentou-se na cama, pensando como a noite poderia ter passado tão depressa.

A seguir, abriu os olhos e viu que o quarto continuava escuro, com o brilho débil das guardas como única luz.

Continuaram a bater enquanto Leesha vestia atabalhoadamente o seu roupão, saindo do quarto. Não usara hora naquela noite para poder dormir naturalmente e sentia-se pior do que na manhã posterior à bebedeira no casamento de Arlen. A cabeça palpitava-lhe com cada batida na madeira.

Ou há alguém a esvair-se em sangue do outro lado desta porta ou passará a haver. Leesha não fez qualquer esforço para camuflar o seu desagrado enquanto abria a porta, vendo a sua mãe no alpendre.

O Criador castiga-me, pensou. *É a única explicação.*

Elona olhou-a de alto a baixo, contemplando o seu desmazelo e irritação.

– Engordas, rapariga. As pessoas começam a segredar que o conde poderá ter um herdeiro a caminho.

Leesha cruzou os braços.

– E, de certeza, que alimentas esses rumores.

Elona encolheu os ombros.

– Uma piscadela de olho aqui, um aceno de cabeça ali. Nada que seja válido diante de um magistrado. Puseste os klats sobre a mesa quando te embebedaste e te deitaste com o conde à frente do seu cocheiro, Leesha. É demasiado tarde para cancelar a aposta.

– Não o fizemos à frente do... – começou Leesha, calando-se logo a seguir. Porque lhe respondia? A cama continuava a chamá-la. – Porque vieste a meio da noite, mãe?

– Bah. Mal passa da meia-noite – disse Elona. – Quando começaste a deitar-te tão cedo?

Leesha suspirou. Era um argumento justo. Estava habituada a receber vistas a qualquer hora, mas a maioria avisava primeiro.

Elona cansou-se de esperar um convite para entrar e passou por Leesha.

– Põe a chaleira ao lume, sim? As noites ficam frias como o coração de um nuclita.

Leesha fechou os olhos, contando até dez antes de fechar a porta e voltar a encher a chaleira. Claro que Elona não ergueu um dedo para ajudar. Estava na sala quando Leesha trouxe o tabuleiro. A cadeira de balouço de Bruna não era o assento mais confortável, mas Elona ocupou-o mesmo assim, apenas por saber que Leesha o preferia.

Leesha manteve a sua dignidade, sentando-se numa poltrona com as costas direitas.

– Porque vieste, mãe?

Elona provou o chá, fez uma careta e acrescentou mais três cubos de açúcar.

– Tenho notícias.

– Boas ou más? – perguntou Leesha, sabendo já qual seria a resposta. Não se lembrava de alguma vez ter recebido boas notícias da sua mãe.

– Um pouco de ambas do teu ponto de vista – disse Elona. – Acho que não estás sozinha.

– Sozinha? – repetiu Leesha.

Elona arqueou as costas, esfregando a mão livre sobre o ventre.

– Talvez tenha um escândalo próprio a crescer a tempo de desviar as atenções do teu.

Leesha tentou falar, mas não conseguiu. Fitou a mãe durante muito tempo.

– Estás...

– Enjoada como o raio e o sangue não veio – confirmou Elona. – Não percebo como é possível, mas é assim que as coisas são.

– É possível – disse Leesha. – Só tens quarenta e...

– Ei! – interrompeu Elona. – Não é preciso ofender! Não falo da idade. Há um quarto de século, a bruxa Bruna, a tua santa professora, disse-me que eras a última oportunidade do meu ventre. Não bebi uma gota de chá de pómulo nem obriguei um homem a tirá-lo antes de tempo desde então e não aconteceu nada. De repente, passei a estar fresca como uma flor?

– Tudo é possível – insistiu Leesha. – Se tivesse de adivinhar, diria que é a grande guarda.

– Hã? – disse Elona.

– Todos no Outeiro do Lenhador vivem há quase um ano numa guarda

que carrega toda a terra com magia – explicou Leesha. – Até quem não luta recebe algum retorno, tornando-se mais jovem, mais forte...

– ... e mais fértil – supôs Elona. Levou um biscoito à boca e voltou a pousá-lo no pires depois de um esgar de vómito. – Nem tudo será mau. O teu irmão e o teu filho podem sujar o mesmo berço e correrão um atrás do outro na horta.

Leesha tentou imaginá-lo, mas era demasiado.

– Mãe, tenho de perguntar...

– Quem é o pai? – perguntou Elona. – Não faço ideia. Gared deitou-se comigo regularmente durante os últimos anos...

– Pelo Criador, mãe! – gritou Leesha.

Elona ignorou-a e continuou.

– Mas o rapaz ficou religioso desde que se ergueu com o Homem Pintado. Não me toca desde que nos apanhaste na estrada. – Suspirou. – Suponho que poderá ser do teu pai, mas Erny não é o homem que foi. Ficarias espantada com o que tenho de fazer para o deixar suficientemente duro para...

– Argh! – Leesha cobriu os ouvidos.

– O que foi? – perguntou Elona. – Não és a Herbanária do povoado? Não é tua função ouvir este tipo de coisa e ajudar as pessoas a perceber o que se passa?

– Bom... sim... – começou Leesha.

– Então todos merecem ajuda menos a tua própria mãe? – perguntou Elona.

Leesha revirou os olhos.

– Mãe, mais ninguém vem aqui com histórias como esta. E o pai? Tem o direito de saber que o filho pode não ser dele.

– Ah! – riu-se Elona. – Diz o roto ao nu.

Leesha uniu os lábios. Tinha razão.

– Seja como for, já sabe – referiu Elona.

Leesha pestanejou.

– Sabe?

– Claro que sabe! – ripostou Elona. – O teu pai tem muitas falhas, Leesha, mas não é estúpido. Sabe que não consegue lavrar a terra tão bem quanto a terra precisa e olha para o outro lado quando trato do assunto. – Pestanejou. – Mas apanhei-o a olhar algumas vezes. Não precisei de esforço para o endurecer nessas noites.

Leesha cobriu a face com as mãos.

– Criador, leva-me.

– A questão é esta – começou Elona. – Erny não tem problemas com isso desde que ninguém o confronte com a realidade.

– Como fazes sempre que podes? – perguntou Leesha.

– Não faço tal coisa! – argumentou Elona. – Posso falar assim contigo, mas és da minha família. Não estou a contar às pudicas do Templo que o teu pai gosta de...

– Muito bem! – Leesha preferia conceder a vitória à sua mãe em vez de suportar aquela conversa durante mais um momento que fosse. – Não sabemos quem é o pai do teu bebé. Terei companhia quando for expulsa do povoado.

– Para o Núcleo com isso – exclamou Elona. – Somos mulheres Papel. O povoado terá de se habituar a nós.

DEZASSEIS

HERDEIRO DO DEMÓNIO

333 DR Inverno

– Perdão, mestra – disse Tarisa, tentando pela terceira vez apertar o vestido de Leesha. – O tecido parece ter encolhido. Talvez seja melhor escolheres outro até pedir à costureira que o ajuste.

Encolhido. Abençoada. Tarisa era demasiado discreta para dizer a Leesha que engordava, mas isso era claro como o dia no espelho de prata. A face que via estava mais redonda, uma mudança que se repetia no seu peito, que parecia ter duplicado de tamanho durante a quinzena anterior. Thamos olhava-a com mais atenção, mas ainda não juntara os indícios. Tarisa, no entanto, tinha um brilho sabedor no olhar e surgia-lhe um indício de sorriso nos lábios.

– Sim, por favor. – Leesha colocou-se atrás do biombo, passando uma mão pelo ventre enquanto despia o vestido. Continuava liso, mas não duraria. A mãe dissera-lhe que os rumores tinham começado semanas antes. Ninguém se atrevia a dizer-lho, mas, assim que a barriga começasse a crescer, não conseguiria evitar a atenção das mulheres, provocando tamanho alarido que seria impossível que Thamos não notasse.

Fechou as mãos enquanto o pânico ameaçava dominá-la. O seu coração palpitava e sentia um aperto no peito, impedindo-a de encher os pulmões. Tentou inspirar e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, mas conteve o choro. Não permitiria que Tarisa a visse assim.

Procurou um lenço, mas não encontrou nenhum. Estava prestes a erguer a bainha do vestido para secar os olhos quando a mão de Tarisa surgiu, passando-lhe um lenço limpo do outro lado do biombo.

– As lágrimas vão e vêm – disse a mulher. – Antes isso que acumulá-las cá dentro.

Sabe. Não a surpreendia, mas a confirmação aterrava-a mesmo assim. O seu tempo esgotava-se. De certas formas, era já demasiado tarde.

– Tive lágrimas acumuladas suficientes para uma vida inteira – disse Leesha. – Traz-me o vestido verde, por favor. – Tinha atilhos que permitiam um ajuste mais fácil.

Não havia sessão do conselho naquele dia e Thamos partira já para o seu gabinete. Tarisa, depois de ter depositado a semente, falou apenas sobre assuntos frívolos. Mostrara-se disponível se Leesha quisesse falar, mas sabia demasiado bem qual era o seu lugar para insistir. Tanto ela como os outros criados ficariam eufóricos, sem dúvida. Todos adoravam o conde e tinham acolhido Leesha de braços abertos. Todos desejavam um herdeiro.

Que pensarão quando descobrirem que a criança é herdeira do demónio do deserto e não do seu amado conde?

Leesha apressou-se a sair do palácio tão depressa quanto possível, precisando de se distanciar dos olhares curiosos dos criados. Tarisa podia não discutir abertamente as suas suspeitas com Leesha, mas, sem dúvida, os rumores seriam abundantes nos aposentos da criadagem.

O hospício era pouco mais seguro. As mulheres podiam não a ver despida como Tarisa, mas viam-na com olhares treinados. Uma boa Herbanária aprendia a desconfiar da gravidez de todas as mulheres e procurava indícios como reflexo. Leesha entrou apressadamente pela porta do seu gabinete, fechando-a atrás de si. Sentou-se à sua secretária e apoiou a cabeça nas mãos.

Criador, que farei?

Bateram à porta e Leesha praguejou entre dentes. Um momento de tranquilidade seria pedir demasiado?

Arqueou as costas, inspirando fundo e afastando as suas preocupações.

– Entra.

Amanvah entrou, seguida por Lusy Novelo, olhando com ódio as costas da sacerdotisa jovem.

Leesha precisou de esforço para não irromper em lágrimas. Preferia ser visitada por um demónio da rocha.

Felizmente, as mulheres estavam demasiado envolvidas no seu drama próprio para notarem que Leesha se recompunha. Dirigiram-se ambas para as cadeiras diante da secretária, ocupando-as sem esperarem convite. A boca de Lusy formava uma linha rígida, com as veias nas têmporas palpitando-lhe. Ver aquilo foi suficiente para provocar dores de cabeça

também a Leesha.

Amanvah mostrava-se mais composta, mas Leesha percebia que simulava. Parecia prestes a arrancar o véu de seda e cuspir no chão.

– Precisamos de falar contigo, mestra.

As narinas de Leesha inflaram. Amanvah mostrava-se respeitosa, mas não conseguia camuflar o tom autoritário que acompanhava as suas solicitações, como se fossem meras formalidades.

– As negociações correm bem? – perguntou, sabendo qual seria a resposta.

A serenidade de Amanvah dissipou-se.

– Quer um palácio. Um palácio! Para uma terceira esposa chin cuja família serve pastores.

– Isso mesmo! – gritou Lusy.

– Não julgues tão facilmente aqueles que nasceram em berço modesto – disse Leesha. Fora ela a sugerir o palácio a Lusy, depois de estudar as leis matrimoniais krasianas. – Kaji não nasceu numa família de humildes apanhadores de fruta? Dúzias das suas esposas tinham palácios próprios.

– Kaji foi o Libertador, tocado por Everam – disse Amanvah.

– Foste tu a afirmar que Rojer também é tocado por Everam – recordou Leesha.

Amanvah hesitou.

– É...

– E também foste tu a dizer que Kendall partilha algo do seu dom. Isso não significa também que foi tocada?

Amanvah recostou-se, cruzando os braços num gesto defensivo.

– Everam toca-nos a todos de alguma forma. Nem todos merecem um palácio. Tenho um? Ou Sikvah? O sangue do Libertador corre-nos nas veias. Kendall deverá ser colocada acima de nós?

– Sim, isso mesmo – disse Lusy. – Talvez deva ser Jiwah Primeira ou lá como lhe chamam.

A sobrancelha de Amanvah palpitou e Leesha percebeu que tinha ido longe de mais.

– Basta, Lusy. – Pronunciou as palavras com uma pitada de veneno e a mulher sobressaltou-se. – Sei que amas a tua filha e queres o melhor para ela, mas para que precisas de um palácio? Noite. Alguma vez viste um palácio?

Lusy parecia prestes a chorar. Não era a mulher mais inteligente do povoado.

– M-mas disseste...

Leesha não tinha tempo para delicadezas, interrompendo-a antes que denunciasse o combinado.

– Nunca te disse que devias ser ofensiva. Pede desculpas. Agora.

Com uma expressão aterrorizada, Lusy voltou-se para Amanvah, puxando as saias numa tentativa de vénia sentada.

– Perdoa-me, *hmm*...

– Alteza – auxiliou Leesha.

– Alteza – repetiu Lusy.

– Parece-me que será melhor que todos tenhamos algum tempo para pensar nisto – aconselhou Leesha. – Amanvah, recorda que Kendall não é uma mula cujo preço possas regatear. Lusy, recorda o que diz o Cânone acerca da ganância. Roni agendará um novo encontro. Talvez na Lua Cheia?

A Lua Cheia era sagrada para os evejanos, um período propício para juramentos e alianças. Além disso, adiava o problema durante quase um mês, enquanto procurasse com Lusy um novo pretexto para adiar.

Amanvah acenou afirmativamente.

– É aceitável.

Lusy não perdeu tempo a levantar-se. Curvou-se e partiu. Amanvah ficou sentada, abanando a cabeça enquanto a porta se fechava atrás dela.

– Verga de Everam. Não percebo se aquela mulher é um génio do bazar ou uma completa idiota.

Leesha ficou chocada.

– Amanvah, creio que nunca te ouvi praguejar.

– Sou uma Noiva de Everam – replicou Amanvah. – Se não posso falar da Sua verga, quem poderá?

Leesha riu-se. Era a sua primeira gargalhada genuína numa eternidade. Amanvah juntou-se a ela e, por um momento, houve paz entre ambas.

– Há mais alguma coisa que te preocupe, Amanvah? – perguntou.

– Estás grávida – disse Amanvah. – Quero saber se o filho é do meu pai.

E, sem mais nem menos, a paz perdeu-se. Ao mesmo tempo, o cansaço e a frustração de Leesha foram esquecidos. A adrenalina inundou-a, com todos os seus sentidos alerta. Se Amanvah se atrevesse a ameaçar minimamente o seu bebé...

– Não sei do que falas...

Amanvah ergueu a bolsa de hora.

– Não mintas, mestra. Os dados já o confirmaram.

– Mas não te disseram quem é o pai? – perguntou Leesha. – São coisas curiosas os teus dados. Parecem inconstantes. Pouco fiáveis.

– Sabem que estás grávida. Sem qualquer dúvida – afirmou Amanvah. – Para saber mais, precisaria de sangue. – Fixou em Leesha um olhar inabalável. – Uma gota ou duas e saberia quem é o pai, qual o sexo e até o futuro da criança.

– Mesmo que estivesse grávida, que tens a ver com isso? – perguntou Leesha.

Amanvah curvou-se numa vénia rara.

– Se a criança for minha meia-irmã, se tiver o sangue do Libertador, é meu dever protegê-la. Poucos saberão melhor que eu quantos assassinos atrairá o nascimento de um filho do Shar'Dama Ka.

Era uma oferta tentadora. O sexo da criança podia significar anos a menos na guerra vindoura com Krasia e Leesha desejava desesperadamente saber que caminho percorrer para a manter segura.

Mas não hesitou em abanar a cabeça. Dar a Amanvah uma gota de sangue permitir-lhe-ia uma previsão que exporia todas as suas fraquezas. Nenhuma dama'ting ousaria pedir tão diretamente o sangue de outra utilizadora de hora. Era um insulto que podia criar inimizade durante gerações.

Leesha voltou a injetar veneno na voz.

– Esqueces a tua posição, filha de Ahmann. Ou achas-me tola. Desaparece-me da frente. Antes que perca por completo a paciência contigo.

Amanvah pestanejou, mas o olhar de Leesha era duro e as suas palavras eram sinceras. Leesha tinha a vantagem ali. Todos no Outeiro se voltariam contra Amanvah se erguesse um dedo. A maioria ansiava pela possibilidade.

A sacerdotisa jovem manteve a dignidade enquanto se erguia. Os seus passos rápidos até à porta não chegavam a ser uma corrida.

Quando a porta se fechou, Leesha voltou a apoiar a cabeça nas mãos.

Havia uma expressão estranha na face de Amanvah quando entrou na carruagem furta-cores. Rojer habituara-se às suas alterações de humor, lendo-as nos seus olhos tão facilmente como interpretava os nuclitas.

Mas nenhuma empatia conseguia dizer-lhe o que Amanvah pensava naquele momento. Nunca lhe vira aquele porte, sem demonstrar a sua habitual altivez. Parecia quase abalada.

Rojer pegou-lhe na mão.

– Sentes-te bem, querida?

Amanvah retribuiu o gesto.

– Tudo está bem, marido. Estou apenas frustrada.

Rojer acenou com a cabeça, mesmo sabendo bem como Amanvah ficava quando se sentia frustrada e sabendo que não era aquilo.

– A minha mãe continua a não dar ouvidos à razão? – perguntou Kendall.

– Certamente, mestra Leesha terá conseguido convencê-la – afirmou Sikvah.

– Não contaria com isso – disse Rojer. – Pode não se opor abertamente, mas a ideia não a entusiasma.

– Veremos – disse Amanvah. – Mestra Leesha parece disposta a intermediar o contrato, mas a sua imparcialidade não me convence. Poderá inflacionar o dote até superar a nossa capacidade de pagamento.

– Não me importa o dote – referiu Kendall. – Deixa-me falar com ela...

Amanvah abanou a cabeça.

– Nem pensar. Não é adequado que te envolvas no processo, irmãzinha.

– Então todos têm direito a intervir no meu casamento menos eu? – perguntou Kendall.

Rojer riu-se ao ouvir aquilo.

– Tiveste mais intervenção que eu. Nem sequer me perguntaram se aceitava. – Quando Kendall o olhou, apressou-se a acrescentar: – Mas claro que aceito. Quanto mais cedo, melhor.

– É precisamente por esse motivo que deverão ambos manter-se afastados da negociação – disse Amanvah. – Verão o contrato antes de vos ser pedido que o assinem, mas ouvir as vossas falhas sendo expostas durante a negociação será prejudicial. Como está escrito no Evejah, *o frio da negociação de um casamento conseguirá extinguir as necessárias chamas da paixão.*

Kendall suspirou.

– Estou cansada de dormir em casa da minha mãe. Não me importa um pedaço de papel.

Rojer caminhava na noite desprotegida com a sua capa guardada aberta apesar do frio. Inspirou fundo, enchendo os pulmões com o ar do inverno. Passara demasiado tempo a sufocar dentro da capa.

Rojer e Kendall interpretavam uma melodia fácil nos seus violinos, repelindo subtilmente os nuclitas presentes em redor enquanto Amanvah e Sikvah cantavam em harmonia, tornando-os invisíveis aos sentidos dos

demónios.

Eram cinco ao todo. Kendall e Sikvah vinham atrás, unindo-se como amantes na sua música. Rojer e Amanvah uniam-se de forma semelhante. Interpretavam a mesma peça, mas a voz de Amanvah era conduzida pelo violino de Rojer enquanto a de Sikvah acompanhava Kendall. Isto permitia-lhes a divisão em dois grupos quando fosse necessário, com a fusão de cordas e voz aumentando o poder de cada um deles. À frente, seguia Coliv, atento e mantendo o escudo e a lança prontos.

Não levavam qualquer luz. O mundo era iluminado pela magia. Rojer e Kendall envergavam máscaras guardadas multicoloridas fabricadas por Amanvah e Sikvah, permitindo-lhes ver com o brilho que projetavam. As princesas traziam redes douradas delicadas sobre o cabelo, de onde pendiam moedas guardadas que permitiam o mesmo poder. Amanvah cosera guardas de visão no turbante e no véu de Coliv para que conseguisse acompanhá-los.

Caminharam até ao seu local de treino preferido, uma colina larga que lhes permitia ver em todas as direções. Coliv subiu-a num ápice, olhando em redor. Deu o sinal de que tudo estava bem e os outros seguiram-no.

Quando se posicionaram, Rojer afastou o arco das cordas, com o seu violino e a voz de Amanvah silenciando-se em uníssono.

Kendall acenou com a cabeça, transformando a melodia simples que mantivera os demónios à distância num chamamento que se alongava pela noite, atraindo nuclitas até eles com a promessa de presas fáceis. Sikvah continuou a cantar e a voz continuava a camuflar a sua presença.

Os demónios do vento foram os primeiros a chegar. Dois deles desceram em círculos sobre eles. Kendall chamou-os para perto e, de repente, a sua música alterou-se. Sikvah anulou prontamente o encantamento de camuflagem, unindo a voz à música de Kendall. Os demónios mudaram de trajetória a meio da descida, embatendo uns contra os outros e mergulhando do céu num caos de bicos e garras. Atingiram o chão com tanta violência que Rojer quase conseguiu ouvir a fratura dos seus ossos ocos.

Aplaudiu, acompanhado por Amanvah, e Kendall e Sikvah curvaram-se como lhes tinha ensinado.

– Demónios dos campos a oeste – alertou Coliv. O bando era pequeno, contendo apenas cinco nuclitas, mas cinco demónios dos campos conseguiriam despedaçá-los em segundos.

As duas mulheres ficaram calmas enquanto se voltavam para a nova ameaça. Sikvah retomara a sua canção de invisibilidade, camuflando os cinco humanos sobre a colina e escondendo-os dos sentidos dos demónios

de forma tão segura como uma capa guardada.

Enquanto o bando se aproximava, atraído pelo chamamento insistente de Kendall, franziu a testa e sobrepôs uma nova melodia à primeira, dilacerando-os com dor. A voz de Sikvah acompanhou a harmonia, mantendo-os escondidos enquanto acrescentava poder ao ataque de Kendall.

Rojer apertou com mais força o braço do seu violino enquanto os demónios se aproximavam, recordando a noite em que a vira ser nucleada por culpa do seu fracasso.

Mas Kendall erguera-se na noite sem ele muitas vezes desde então e chegara o momento de deixar de se preocupar com ela.

– Demasiado fácil – gritou, enquanto Kendall fazia os nuclitas enfrentarem-se mutuamente. – Qualquer Jogral de dois klats com uma das minhas pautas conseguirá fazer demónios enfrentarem-se. – Não era inteiramente verdade, mas Kendall continuava demasiado contida na sua harmonia com Sikvah. Precisava de forçar os seus limites.

Kendall sorriu-lhe.

– Sim? E se cada demónio lutar contra si mesmo?

Fez a música torcer como faca em ferida e os demónios dos campos voltaram contra si mesmos os seus dentes e garras. Kendall começou por fazê-los arrancar os olhos, deixando-os cegos e agonizando com raiva. Pouco depois, estavam deitados de costas, mordendo-se e arranhando-se num frenesim até serem vencidos pela gravidade dos ferimentos. Sangue quente e fedorento brilhando com magia acumulou-se à sua volta numa poça viscosa.

Após alguns momentos, só um dos demónios continuava a espernear. Era uma criatura de armadura grossa, o líder do bando. Kendall afrouxou a melodia e ergueu-se, com os ferimentos começando já a fechar-se. Em minutos, recuperaria por completo e os olhos cegos leitosos voltariam a ver.

Kendall não lhe deu tempo. Projetou filamentos de magia, prendendo o demónio e fazendo-o iniciar uma carga cega contra uma parede de rocha nua no topo da colina. Cambaleou, guinchando, mas era como se Kendall o tivesse preso com um fio, usando as pernas do demónio para o fazer bater com a cabeça na pedra. Uma e outra vez, até se ouvir um ruído molhado e a criatura desabar com o crânio esmagado.

Rojer assobiou para acompanhar os aplausos. Até Coliv bateu com a lança no escudo. Mas, a seguir, apontou.

– Demónios da chama a sul. Demónios da madeira de leste.

Rojer olhou os nuclitas que se aproximavam, ainda a alguma distância.

– Violino em baixo, Kendall. Chegou a vez de Amanvah e Sikvah.

Amanvah aproximou-se de Sikvah, com a sua voz subindo de tom e encaixando naturalmente na canção de invisibilidade de Sikvah, tecendo juntas uma canção de chamamento.

Kendall sorria orgulhosa quando se aproximou de Rojer, encostando-se a ele. Sentiu o coração acelerar e corou. Por aqueles dias, não era preciso muito para que a sua aprendiza o excitasse. Passara a vê-la como outra pessoa.

– Não tardarás a ser tão boa como eu – disse Rojer com sinceridade.

Kendall beijou-o na face.

– A ser melhor que tu.

– Dos teus lábios para os ouvidos do Criador – replicou Rojer. – Não quereria outra coisa.

Os demónios da chama subiam a colina, mas, antes que chegassem ao topo, as suas esposas seduziram-nos. Rojer tentara descrevê-lo com outras palavras, mas nenhuma era tão adequada. Os nuclitas cercaram Amanvah e Sikvah, emitindo um ruído baixo e ritmado que se assemelhava de forma perturbadora a um ronronar.

O bando de demónios aproximou-se, espalhando-se para cercar o topo da colina. Coliv agachou-se e Rojer e Kendall seguraram os instrumentos com firmeza, prontos para erguê-los a qualquer momento.

Amanvah fez as cantoras baixarem o tom da voz. Os demónios da chama arquearam o dorso, silvando, e correram para capturarem o topo da colina. Não pararam de silvar enquanto os demónios da madeira se aproximavam e, quando ficaram suficientemente próximos, cuspiram chamas sobre eles.

A batalha resultante foi feroz mas desequilibrada. Os demónios da madeira receavam os demónios da chama, mas, mesmo assim, matavam-nos logo que os viam. Podiam ser feridos por eles ou poderiam mesmo morrer, mas raramente acontecia antes que um demónio da madeira esmagasse vários demónios da chama.

A seguir, Sikvah iniciou um contraponto da sedução de Amanvah, ampliando a canção de invisibilidade até cobrir os seus novos aliados. Os demónios da madeira golpearam às cegas, mas os demónios da chama ágeis esquivavam-se aos golpes violentos, cuspindo saliva flamejante. A saliva colava-se ao que atingia, queimando com uma chama intensa que fazia Rojer ver manchas coloridas. Fletiu a mão direita, mutilada pela dentada de um demónio da chama que lhe levara o indicador e o dedo médio.

Em breve, o último dos demónios da madeira caiu. Os seus cadáveres

engolidos por chamas intensas reduziram-se a restos enegrecidos.

– É como se tivessem sido banhados por um raio de sol – disse Kendall, aplaudindo.

– Sim – concordou Rojer sonoramente. – Mas, como te disse, forçar demónios a lutarem entre si é fácil. – Claro que o que as suas esposas tinham feito ia muito além disso, mas, tal como Kendall, estavam ali para testar os seus limites.

Amanvah sorriu-lhe e Rojer soube que era merecedora da sua confiança. Tocou a gargantilha enquanto elevava oitavas e a canção que anteriormente tinha animado a dança de vitória dos demónios da chama tornou-se um chicote que os fez fugir para norte numa corrida frenética. Havia um lago a pouco mais de um quilómetro nessa direção. Com os sentidos reforçados pela visão guardada, Rojer ouviu os saltos dos demónios para dentro da água e viu as nuvens de vapor que assinalavam a sua passagem.

Um clarão de magia no alto fez Rojer olhar para cima, vendo um demónio do vento em voo picado a poucos metros de distância. A lança de Coliv cravou-se no seu peito. A lança sobreviveu à queda. O nuclita não.

O Vigia curvou-se numa vénia profunda.

– São todos tocados por Everam, é verdade. Mas isso não vos salvará se baixarem as defesas. Everam não tem tempo para tolos que não respeitam o poder de Nie.

Rojer esperou que o tom altivo enfurecesse Amanvah. Em vez disso, curvou-se ligeiramente. Nunca a vira curvar-se tanto perante um guerreiro.

– Proferes palavras sábias, Vigia. E ouvimo-las com atenção.

Coliv voltou a curvar-se.

– Vivo para servir, Filha Sagrada.

Leesha manteve a porta fechada enquanto se ocupava das montanhas de papel que lhe cobriam a secretária. No exterior, Wonda mantinha as visitas à distância, incluindo Jizell e Darsy. Não estava com disposição para ver ninguém.

Ouviu Wonda bater à porta da sua forma distinta e Leesha suspirou, pensando no que consideraria ser suficientemente urgente para motivar incomodá-la.

– Entra, querida.

Wonda enfiou a cabeça pela abertura.

– Perdoa-me, mestra...

Leesha não ergueu o olhar dos papéis, continuando a assinar e tomar

notas.

– A não ser que alguém esteja prestes a morrer, Wonda, não tenho tempo. Diz-lhes que marquem uma entrevista.

– É precisamente isso – disse Wonda. – Pediste-me que viesse chamar-te ao anoitecer. As Crianças Guardadas serão testadas esta noite.

– Não pode ter anoitecido já... – começou Leesha, mas, vendo o céu escurecido pela janela, percebeu que era verdade. O seu gabinete estava já tão sombrio que forçava a vista sem perceber.

Leesha ergueu o olhar da pilha de papéis que pouco reduzira a seu lado e conteve a vontade de chorar. O anoitecer chegava mais cedo em cada dia enquanto se iam aproximando do Solstício, dificultando muito mais as tarefas que precisava de concluir. A noite era um torno que a esmagava. A Lua Nova no verão quase os destruíra. Morreram outeireiros com cada minuto e o condado inteiro aguardara o abrigo do dia, esperando ansiosamente a oportunidade para recuperar forças. Que aconteceria se os príncipes nuclitas voltassem quando a noite se tornasse mais longa e o dia durasse apenas algumas horas?

– E Stela lutou corpo a corpo com um maldito demónio da madeira! – dizia Wonda enquanto a carruagem de Leesha se dirigia para casa. Costumavam percorrer juntas e a pé o quilómetro e meio entre a sua cabana e o hospício, mas deixara de ter a paz necessária para o fazer. O número de pessoas que queria saudá-la, apresentar pedidos e oferecer conselhos tornara-se incomportável. – Criador, devias tê-la visto – continuou Wonda. – O nuclita debatia-se e esperneava como se estivesse prestes a rachar-se ao meio com Stela às costas, calma como uma árvore, esperando pacientemente pelo próximo apoio para os braços. Partiu-lhe a espinha quando o encontrou.

– Hã? – Leesha abanou a cabeça. – O que fez ela?

– Não ouviste nada do que disse nos últimos dez minutos, pois não? – perguntou Wonda.

Leesha abanou a cabeça.

– Desculpa, querida.

Wonda semicerrou os olhos.

– Quando dormiste pela última vez, mestra?

Leesha encolheu os ombros.

– Dormi umas horas na noite passada.

– Três – respondeu Wonda. – Contei-as. Não chega, mestra. Sabes bem que não. Sobretudo quando estás...

– Quando estou o quê? – perguntou Leesha. Estavam sozinhas. Leesha cobrira a carruagem com guardas que abafavam o som para terem privacidade.

Wonda empalideceu.

– Quando estás... bom...

– Desembucha, Wonda – exigiu Leesha.

– De esperanças – disse Wonda, por fim.

Leesha suspirou.

– Quem te disse?

Wonda olhou o piso da carruagem.

– Mestra Jizell. Disse que precisavas de cuidados adicionais e eras demasiado teimosa para admitir.

Leesha esticou os lábios.

– Disse isso?

– Tento cuidar de ti e do pequeno – retorquiu Wonda. – Não sabia o que era, mas vi como tens estado enjoada desde que viemos do Sul. É um herdeiro do demónio, não é?

– Wonda Lenhador! – exclamou Leesha, sobressaltando a rapariga. – Não quero que voltes a chamar isso ao meu filho.

– Não quis...

Leesha cruzou os braços.

– Quiseste.

Wonda pareceu ficar também enjoada.

– Mestra, eu...

– Deixo passar – condescendeu Leesha, antecipando-se. – Desta vez. Pelo amor que te tenho. Mas não voltes a fazê-lo. Quando quiser que tu ou outra pessoa qualquer saibam dos meus assuntos, dir-vos-ei. Entretanto, agradeço que não se intrometam.

Wonda acenou com a cabeça. O corpo volumoso da mulher encolheu-se como a rapariga que era.

– Sim, mestra.

Anoitecera por completo quando regressaram à cabana, mas o pátio estava repleto de aprendizas, Herbanárias e Crianças Guardadas. No anfiteatro, onde Vika dava uma lição sobre como guardar Capas de Invisibilidade, só havia lugares de pé. Leesha queria que todas as Herbanárias e aprendizas do Outeiro tivessem uma antes do início do inverno.

Vika sentava-se ao lado do púlpito, traçando guardas em pergaminho na câmara das lentes. Os espelhos e as lentes refletiam a imagem para um pano

branco enquanto centenas de mulheres copiavam as marcas para os seus livros de guardas.

– As Crianças reúnem-se – disse Wonda. – Roni e as raparigas precisarão de algum tempo para preparar os pesos e medidas. Porque não dormir uma sesta? Chamo-te quando precisarmos de ti.

Leesha olhou-a.

– Nenhum raspanete te impedirá de cuidar de mim, não é?

Wonda não conseguiu evitar o sorriso.

– Perdoa-me, mestra. Não posso deixar de saber o que sei.

Leesha lamentou o tom severo que usara com a rapariga. Wonda podia ter apenas dezasseis anos, mas carregava aos ombros as responsabilidades de um adulto com uma graciosidade que poucos com a sua idade conseguiriam igualar. Leesha não temia nada quando Wonda cuidava dela.

– Lamento ter elevado a voz, Wonda – disse. – Só queres o meu bem e amo-te por isso. Continua. Mesmo quando for...

– Teimosa como um demónio da rocha? – sugeriu Wonda.

Leesha riu-se.

– Vou já para a cama, mãe.

O caminho para a porta da cabana estava desimpedido quando Wonda se afastou ao encontro das Crianças. Olharam-na com espanto, cruzando os punhos sobre o coração enquanto faziam vénias de alunos de sharusahk. Muitos eram mais velhos que ela, mas, mesmo assim, viam-na como sua líder.

Leesha apressou-se, cada passo aproximando-a mais de alguns momentos de paz. Prepararia um chá para adormecer e teria outro pronto com o efeito contrário quando Wonda a acordasse. Poderia esperar quatro horas sem interrupção?

– Leesha – disse uma voz atrás dela. – Ainda bem que te encontrei.

Leesha voltou-se, forçando um sorriso indistinguível de um sorriso real. Era Jizell, a última pessoa em Thesa que queria ver naquele momento. Uma visita de Elona teria sido preferível.

– Porque não estás na aula de Vika? – perguntou.

– Outrora, Vika foi minha aluna e não o oposto. – Jizell agitou a mão. – Que sejam as raparigas a aprender guardas. Sou demasiado velha para voltar a vestir o avental de aprendiza.

– Basta – ripostou Leesha.

Jizell sobressaltou-se.

– O quê?

– Não ouviste o meu discurso? – perguntou Leesha. – Ou achaste que

podias ignorá-lo porque também fui tua aprendiza?

A expressão de Jizell endureceu.

– Tens arrojo para dizer isso, rapariga, depois de tudo o que fiz por ti. Tenho-me esforçado até ao limite desde que viemos para o Outeiro. Podia ter voltado para Angiers na lua anterior.

– É verdade – concordou Leesha. – De tal forma que as outras mulheres te veem como líder quando não estou presente. E é por isso que devias dar um exemplo melhor, para o bem de todos. Se me ignorares e faltares à aula de guardas, que impedirá todas as Herbanárias acima dos cinquenta anos de fazerem o mesmo?

– Nem todas precisam de aprender a guardar, Leesha – ripostou Jizell. – Pedes demasiado a estas mulheres. E demasiado depressa. Esmaga-las com livros e regras sem sequer verificares se sabem ler.

– Não – negou Leesha. – Não pedimos o suficiente. Quase morri na estrada de Angiers por não conhecer sequer as guardas de um círculo de proteção. Não verei isso acontecer outra vez a qualquer Herbanária. A vida de cada mulher vale algumas horas de estudo.

– Não teremos em breve as Crianças Guardadas para nos protegerem? – perguntou Jizell. – Os rumores dizem que é esse o teu grande plano. Um guarda-costas guardado para cada Herbanária.

Leesha sentiu vontade de lhe puxar o cabelo.

– Noite. É só uma maldita aula! Para de me sabotar e vai!

Jizell pousou as mãos nas ancas.

– Sabotar? De que forma te tenho sabotado, pelo Núcleo?

– Discutes pedidos que salvarão vidas! – respondeu Leesha. – Ignoras regras que imponho. Ages como se continuasse a ser tua aprendiza. Noite, chamas-me «rapariga» à frente de todas as Herbanárias!

Jizell pareceu surpreendida.

– Sabes que não o faço por mal...

– Sei – disse Leesha. – Mas as outras não sabem. Tem de parar.

Jizell fez uma vénia trocista com a mágoa bem clara na voz.

– Mais alguma coisa que precises de descarregar, mestra?

Leesha pensou se as coisas algum dia voltariam a ser as mesmas entre elas depois daquilo, mas aprendera que nada de positivo acontecia quando se fugia dos problemas.

– Disseste a Wonda que estava grávida.

Jizell não demorou a responder, mas a procura desesperada de uma mentira foi tão visível na sua aura que Leesha conseguiria vê-la com os olhos fechados.

– Achei que já soubesse...

– Merda de demónio – silvou Leesha. – Não és uma boateira tola, inspirando escândalos por acidente. Disseste-lhe porque querias que cuidasse de mim.

– E se o tiver feito? – Jizell apoiou punhos fechados nas ancas. Leesha podia ser uma adulta, mas a mulher continuava muito maior que ela. – Confias a tua vida à rapariga, mas não a vida do teu bebé? Forças-nos até ao limite, Leesha, mas forças-te a ti mais do que a qualquer outra. És uma mulher adulta, sim, e podes tomar as decisões que entenderes, mas decides por dois e nem Wonda nem eu permitiremos que o esqueças. Continua a insistir e contarei também a Darsy.

Leesha sentiu calor na face. Amava Darsy como uma irmã, mas sabia que guardava um Cânone no bolso do avental sobre o coração. Recusava mesmo preparar chá de pómulo. Aquilo... Leesha não tinha qualquer motivo para acreditar que Darsy ou muitas das outras Herbanárias ficariam a seu lado se soubessem que teria um filho sem estar casada e muito menos se soubessem que o pai era Ahmann Jardir.

Com aquele pensamento, Jizell tornou-se difusa enquanto o negrume cobria a visão de Leesha. Sentiu-se cair e sentiu um safanão quando Jizell a apanhou, mas eram coisas distantes.

– Mestra Leesha! – gritou Wonda, mas parecia estar a quilómetros de distância.

Leesha acordou na sua cama. Sentou-se, olhando o quarto escuro em redor, confusa. Parecia-lhe que tinha pesos sobre as pálpebras.

– Wonda? – chamou.

– Mestra Jizell! – Wonda correu para junto da cama. – Assustaste-nos a todas, mestra.

Jizell trouxe uma velha, afastando Wonda. Ergueu as pálpebras de Leesha com um gesto firme e delicado, aproximando mais a chama para verificar a dilatação.

– Está tudo bem, Leesha – disse Jizell, acariciando-lhe a face. – Volta a dormir. Não acontece nada que não possa esperar até amanhã.

Leesha passou a língua pelo interior da boca.

– Deste-me tampereira e flor-celeste.

Jizell acenou com a cabeça.

– Dorme. Ordens de Herbanária.

Leesha sorriu, voltando a pousar a cabeça na almofada e permitindo que

um sono abençoado a envolvesse.

Quando acordou na manhã seguinte, Leesha sentiu-se mais forte do que em muitos meses. Os seus pensamentos continuavam toldados pela poção narcótica, mas não era nada que um chá forte não reparasse.

Jizell esperava quando saiu do quarto com esforço, apertando o xaile com firmeza. A sua mentora movia-se pela cozinha tão confortavelmente como se lhe pertencesse. Empurrou uma chávena fumegante para a mão de Leesha, contendo uma infusão negra adoçada com mel, tal como tinham partilhado em inúmeras manhãs.

– A água do banho está quente. Vai à retrete e vem sentar-te à mesa. Terei o pequeno-almoço pronto num instante.

Leesha acenou com a cabeça, mas demorou-se.

– Lamento muito o que disse.

Jizell acenou-lhe com a mão.

– Não lamentes. Tinhas razão em quase tudo. Podia ter sido mais delicada, mas uma mulher grávida que não dorme há um mês pode ser difícil. Lava-te.

Quando Leesha terminou o banho e o chá, os seus pensamentos estavam claros. Escolheu o seu vestido preferido e sentou-se à mesa. Como lhe prometera, Jizell tinha um prato quente de ovos com legumes à sua espera.

– Examinei-te enquanto dormias – disse Jizell. – O batimento cardíaco da criança é como um machado de Lenhador. Forte. – Apontou-lhe um garfo. – Mas começa a notar-se. Thamos pode não notar enquanto enterra a cara no teu peito, mas o resto do povoado terá muito gosto em chamar-lhe a atenção, se não o tiverem feito já. Se quiseres dizer-lhe antes que mais alguém o diga, chegou o momento.

Leesha manteve o olhar fixo na comida. Jizell, como a maioria dos outeireiros, supunha que o filho era de Thamos.

– Falarei com ele. Seja como for, terei de cuidar do Jardim Real hoje.

Jizell riu-se.

– É isso que lhe tens chamado? É um nome tão bom como qualquer outro. Certifica-te de que o jardim está bem cuidado antes de lhe falares da colheita.

A carruagem levou Leesha e Wonda até à entrada do Jardim Real. Alguns dos homens do conde aproximaram-se, mas Wonda atravessou-se no seu

caminho enquanto Leesha desaparecia entre a vegetação. Só ela entraria no jardim com Wonda guardando o portão.

O seu coração palpitou enquanto se afastava deles. Infiltrar-se na fortaleza de Thamos era sempre emocionante. O receio de ser apanhada e a perspetiva de sexo eram tão intensos como uma garrafa de couzi. Mas aquele dia era diferente. Deitar-se-ia com ele uma última vez, como Jizell sugerira, mas seria tanto para benefício próprio como para benefício dele.

Outrora, Leesha considerara Thamos um aristocrata mimado, servindo para a violência e pouco mais e facilmente manipulado. Mas Thamos provara uma e outra vez que estava errada. Não era criativo, lidava com as coisas empregando uma inflexibilidade militar, mas sendo conhecido pela sua justeza. As pessoas sabiam o que esperar dele. Nunca hesitava em usar os seus privilégios reais, mas também não hesitava em erguer-se diante dos seus súbditos mais humildes quando os nuclitas avançavam.

Aquela visita poderia pôr fim ao seu noivado e Leesha surpreendia-se por descobrir a que ponto desejava mantê-lo. A criança demoraria meio ano a nascer. Quem podia saber qual o destino que o Criador preparara até lá?

Momentos depois, Leesha atravessou o labirinto de sedes e passou pela porta escondida para a mansão do conde. Tarisa esperava-a, acompanhando-a discretamente até uma sala de espera com outra porta escondida que conduzia diretamente ao quarto de Thamos.

O conde esperava, recebendo-a nos seus braços e beijando-a com avidez.

– Estás bem, meu amor? Disseram-me que tinhas desmaiado...

Leesha voltou a beijá-lo.

– Não foi nada. – Permitiu que a mão lhe descesse pelo corpo, puxando-lhe o cinto. – Temos uma hora, pelo menos, antes que Arther se atreva a bater à porta. Podes possuir-me duas vezes se fores homem para isso.

Leesha sabia que o conde estava à altura da tarefa. Enfrentava demónios quase todas as noites e tinha-lhe embutido hora na armadura e na lança. O conde ficara mais alto do que quando o conhecera e a sua luxúria, notável mesmo então, quando era provocada, tinha duplicado. Desde a sua primeira noite juntos, não houvera qualquer indício de ansiedade capaz de lhe roubar a dureza. Sentia já as suas calças encherem-se.

Surpreendentemente, Thamos recuou, segurando-a pelos cotovelos e afastando-lhe o membro das mãos.

– Não foi nada? Caíste diante de metade das Herbanárias do Outeiro e dizes-me que não foi nada?

Thamos esperou a sua resposta, com silêncio pesado entre ambos. Apertou-lhe os ombros e colocando um dedo gentil por baixo do seu

queixo, erguendo-lhe o olhar para o seu.

– Se tens alguma coisa para me dizer, Leesha Papel, é este o momento.

Sabe. Pensou se teria sido Tarisa a contar-lhe, mas, na verdade, não importava.

– Estou grávida.

– Eu sabia! – exclamou Thamos, segurando-a com firmeza. Por um momento, pensou que a atacaria, mas durou apenas um instante, antes de a abraçar, levantando-a do chão e fazendo-a girar em euforia.

– Thamos! – gritou Leesha, fazendo o conde arregalar os olhos.

Pousou-a imediatamente, olhando-lhe o ventre com preocupação.

– Claro. A criança. Espero não ter...

– Está tudo bem – disse Leesha, sentindo-se inundada pelo alívio. – Fico surpreendida por te ver tão feliz.

Thamos riu-se.

– Claro que estou feliz! Agora, terás de ser a minha condessa. O povo insistirá e não há nada que mais queira.

– Tens a certeza? – perguntou Leesha.

Thamos acenou avidamente com a cabeça.

– Não conseguirei fazer isto sem ti, Leesha. Tal como tu não conseguirás fazê-lo sem mim. O Homem Pintado pode ter partido, mas, juntos, conseguiremos repelir os nuclitas e reconstruir o Outeiro à imagem de uma das grandes cidades da antiguidade.

Leesha não conseguia negar o formigueiro provocado pelas suas palavras. O coração palpitou-lhe quando Thamos pousou um joelho no chão, prendendo-lhe uma mão entre as suas.

– Leesha Papel, prometo-me a ti...

Criador, está mesmo a fazê-lo. Não lhe passa pela cabeça que não é seu.

Estacou. Era tudo o que queria. Na pior das hipóteses, teria seis meses para planear o que fazer. Havia órfãos pelo Outeiro. Talvez conseguisse encontrar um bebé que se parecesse suficientemente com Thamos para permitir uma troca enquanto o filho de Ahmann fosse enviado para local seguro.

Ou talvez a sua preocupação fosse em vão. Recordava as palavras de Stefny depois do Concílio.

As crianças têm esse lado curioso. As pessoas veem nelas o que quiserem ver.

Thamos era mais moreno que Leesha e apresentava-se muitas vezes bronzeado. A pele pálida de Leesha queimava, mas nenhuma cor permanecia. A criança podia conseguir evitar dúvidas, sobretudo se Leesha

gerasse rapidamente outros filhos, os verdadeiros herdeiros de Thamos.

Serei uma boa esposa, prometeu em silêncio. *Uma boa condessa. Não te arrependerás de me receber como tua esposa, mesmo que descubras a verdade um dia.*

Escorreram-lhe lágrimas grossas pelo nariz abaixo. Nem sequer percebera que chorava.

Criador. Acho que estou apaixonada.

Abriu a boca, querendo prometer-se àquele homem e tornar realidade os seus sonhos.

Mas as palavras ficaram-lhe presas na garganta. O conde olhou-a com tal sinceridade, com tal amor, que não conseguiu suportar a possibilidade de o trair.

Afastou as mãos, dando um passo atrás.

– Thamos, eu...

– O que foi, meu amor? Porque não... – E então, subitamente, percebeu. Mesmo sem a visão guardada, conseguiu ver a mudança nos seus olhos enquanto se erguia.

– Noite. Os rumores são verdadeiros – disse Thamos. – Mandei chicotear três dos meus homens por dizerem tal coisa na semana passada, mas diziam a verdade. O demónio do deserto. O homem que conquistou Rizon, matando milhares e criando em Thesa uma classe de refugiados que se manterá durante gerações. Deitaste-te com ele.

– E tu deitaste-te com todas as criadas em Angiers, se os rumores forem verdadeiros – replicou Leesha. – Não te estava prometida quando me deitei com ele, Thamos. Mal nos conhecíamos. Nem sequer sabia que vinhas a caminho do Outeiro.

– Nenhuma dessas criadas matou gente aos milhares – disse Thamos, não fazendo qualquer esforço para o negar.

– Se o tivessem feito – perguntou Leesha – e conseguisses demorar o seu avanço e descobrir os seus planos deitando-te com elas, terias hesitado?

– Então vendeste-te como uma pega – disse Thamos.

Leesha esbofeteou-o. Os olhos de Thamos arregalaram-se por um momento com o choque. A seguir, fecharam-se com força. A sua expressão enfureceu-se enquanto fechava as mãos em punhos ameaçadores.

Leesha aproximou a mão da bolsa onde guardava o seu pó cegante quando o ouviu gritar, afastando-se dela e caminhando para trás e para diante como um lobo enjaulado. Voltou a gritar, esmurrando um poste de madeira dourada da cama.

– Aaaahhh! – gritou, segurando a mão.

Leesha correu para junto dele, pegando-lhe nas mãos.

– Deixa-me ver.

– Não fizeste já o suficiente?! – gritou Thamos, com a cara transformada numa máscara de angústia, vermelha e marcada pelas lágrimas.

Leesha olhou-o com serenidade.

– Por favor. Podes ter partido alguma coisa. Senta-te quieto por um momento e deixa-me ver.

Thamos permitiu que o conduzisse à cama, onde se sentaram enquanto Leesha lhe afastava a mão que cobria a mão magoada, examinando o que escondia. Estava vermelha, com a pele rasgada nos nós dos dedos, mas poderia ter sido muito pior.

– Não há nada partido – disse. Retirou um pano e desinfetante de um bolso do avental, limpando a ferida. – Coloca-o numa taça com gelo.

– Existe alguma hipótese de ser meu? – Havia súplica no olhar de Thamos.

Leesha inspirou fundo, abanando a cabeça. Quase conseguia sentir o seu coração contorcendo-se e despedaçando-se no seu peito. Existia ainda uma hipótese e acabara de a destruir.

– Amo-te – sussurrou-lhe ela. – Juro-o. Se pudesse voltar atrás e mudar as coisas, fá-lo-ia. Sei que alimentei o engano. A princípio, fi-lo para proteger a criança. Mas só a princípio.

– Que passou a ser depois? – perguntou Thamos.

– Passei a querer ser a tua condessa – disse Leesha. – Quero-o mais do que qualquer outra coisa.

Thamos afastou a mão, erguendo-se e recomeçando a caminhar para trás e para diante.

– Se é verdade, prova-o. Prepara o chá das Herbanárias e destrói a criança. Começa de novo. Como minha mulher.

Leesha pestanejou. Não a surpreendeu que a sua mãe o tivesse sugerido e, sem dúvida, Inevera e Araine desejariam o mesmo. As mulheres conseguiam ser muito diretas em tais assuntos quando o julgavam necessário. Mas nunca pensou que Thamos assassinasse uma criança inocente.

– Não – disse. – Bebi o chá uma vez, mesmo sem saber se havia vida crescendo dentro de mim ou não. E nunca me arrependi tanto na vida. Arrependi-me mais ainda do que de ter dormido com Ahmann. Não voltará a acontecer.

– Argh! – gritou Thamos, pegando numa jarra e atirando-a para o extremo oposto do quarto. Leesha enrijeceu. Thamos sucumbia à violência

com o cair da noite. Porque seria diferente ali? Ergueu-se também, aproximando-se da porta secreta para o jardim.

E de Wonda.

Mas Thamos voltou a surpreendê-la, com a raiva abandonando-o e os seus ombros caindo. Voltou para ela uma expressão derrotada.

– Percebes que todo o Condado do Outeiro e a minha mãe acreditam que é meu?

Leesha acenou afirmativamente, chorando. As suas pernas perderam a força e esforçou-se por chegar à cama, cobrindo a face num esforço vão para esconder as lágrimas. Ficou sentada durante um longo momento, soluçando violentamente. Sentiu peso na cama e Thamos cobriu-lhe os ombros com um braço.

Leesha encostou-se a ele, pensando se o faria pela última vez. Segurou-lhe a camisa com força e inspirou profundamente, querendo recordar o seu cheiro.

– Lamento ter-te envolvido nisto – disse. – Não esperava que começasses a cortejar-me, tal como não esperei apaixonar-me por ti. Tentava apenas proteger o meu bebé.

– Protegê-lo de quem? – perguntou Thamos. – Ninguém no Outeiro lhe faria mal.

– Os krasianos arrancá-lo-iam do meu ventre se soubessem – afirmou Leesha. – Ou, pior ainda, esperariam que nascesse e roubá-lo-iam, criando-o como herdeiro das terras verdes. – Olhou Thamos. – E a tua mãe poderia também levá-lo como refém. Não o negues.

Thamos baixou o olhar, acenando afirmativamente.

– É verdade que consideraria essa a melhor opção.

– E tu, Thamos? – perguntou Leesha. Era demasiado cedo para insistir, mas precisava de saber. – No momento anterior, não conseguias continuar sem mim. Porque aceitarias ver-me aprisionada na corte com a tua mãe?

Thamos pareceu devastado.

– Que posso fazer? Rhinebeck ainda não tem qualquer filho. A minha mãe acredita que poderás trazer no ventre o herdeiro do trono de hera. Como esperas que lhe diga que, em vez disso, é um herdeiro do demónio do deserto?

– Não sei – disse Leesha. – Não é necessário decidir agora. Não houve qualquer anúncio formal da minha condição. Vamos agir com normalidade e tentar perceber o que fazer. – Apertou a mão de Thamos e, vendo que não afastava a sua, aproximou-se para um último beijo.

Thamos ergueu-se como se tivesse sido picado por uma abelha.

– Não. Agora não. Talvez nunca mais.

Deu um passo atrás, indicando a porta escondida com uma mão.

– Penso que será melhor que partas.

Leesha soluçou enquanto saía pela porta, correndo para longe da mansão tão depressa quanto podia sem tropeçar.

DEZASSETE

TOM-DOURADO

333 DR Inverno

A carruagem brasonada angierana parecia deslocada no Outeiro, mas Rojer tê-la-ia reconhecido em qualquer parte. Havia viajado nela com Arrick inúmeras vezes quando o seu mestre era ainda o preferido de Rhinebeck.

Passara a pertencer a Jasin Tom-Dourado.

O seu arco escorregou sobre as cordas quando a carruagem parou no Cemitério dos Nuclitas, escoltada por uma dúzia de Soldados de Madeira montando cavalos angieranos esguios. Os outros Jograis e aprendizes imitaram-no na concha acústica, parando também de tocar e seguindo o seu olhar.

Kendall olhou-o.

– Está tudo bem? Pareces pálido como uma nuvem.

Rojer mal a ouviu. A sua cabeça estava preenchida por uma mistura de pânico e medo, recordando os gritos e o riso de uma noite sangrenta não muito distante. Olhou fixamente, vendo o peão baixar os degraus e erguer o braço para abrir a porta da carruagem.

Hary Rebolador pousou-lhe uma mão sobre o ombro.

– Vai, rapaz. Antes que te vejam. Transmito o teu pesar.

As palavras e o empurrão delicado do velho Jogral arrancaram Rojer ao seu torpor. Hary ergueu o violino e posicionou-se para liderar a orquestra, atraindo a atenção dos músicos enquanto Rojer partia.

Rojer saiu do palco pela direita e acelerou assim que ficou fora do alcance visual dos restantes, descendo três degraus de cada vez, saindo pela porta e contornando a concha acústica por trás tão depressa como uma lebre. Pressionou as costas contra a parede à sombra da concha, vendo

Tom-Dourado sair da carruagem.

No ano anterior não conseguira apaziguar o que sentia ao ver o homem que assassinara mestre Jaycob e o deixara a si como morto nas ruas de Angiers durante a noite. Na segurança das sombras, arreganhou o lábio e a sua mão moveu-se, querendo puxar e lançar uma das facas que mantinha presas aos antebraços. Um bom lançamento e...

E o quê?, perguntou a si mesmo. *Enforcam-te por matares o arauto do duque?*

Mas os seus músculos não descontraíam. A sua respiração era acelerada mesmo estando parado e o seu corpo enchia-se de oxigénio, preparando o ataque ou a fuga.

Jasin chamou Hary e o velho Jogral desceu os degraus à frente do palco para o saudar. Os homens partilharam um abraço e uma palmada nas costas e uma das facas pareceu cair na mão de Rojer por sua própria vontade.

Não havia sinais dos seus aprendizes, Abrum e Sali. Abrum partira o violino de Rojer e imobilizara-o no chão. Sali rira-se enquanto espancava o mestre Jaycob até à morte.

Mas os aprendizes eram apenas instrumentos. Fora Jasin a ordenar o que tinham feito. Era Jasin quem devia pagar o maior preço pelo crime.

– Rojer, que fazes? – O sussurro severo de Kendall atrás dele fê-lo dar um salto. Como conseguira aproximar-se tanto sem que percebesse?

– Cuida do teu instrumento, Kendall – disse-lhe Rojer. – Não te diz respeito.

– O Núcleo – ripostou Kendall. – Se esperas que seja tua mulher.

Rojer olhou-a e algo nos seus olhos a fez suster a respiração.

– Por agora – disse, baixando a voz –, tudo o que precisas de saber é que, se um demónio estivesse prestes a comer Jasin Tom-Dourado e me bastasse tocar uma melodia simples para o salvar, partiria o violino antes de o fazer.

* * *

– Quem é Jasin Tom-Dourado? – perguntou Amanvah assim que Rojer entrou nos aposentos que partilhavam. Vestia as suas sedas coloridas. A sua face era bela mesmo com a raiva que sentia.

Esperara aquilo, mas, mesmo assim, a rapidez surpreendeu-o. Kendall e as suas esposas tinham-se tornado unidas como um bando de ladrões durante as semanas anteriores.

– Jasin Tom-Dourado é alguém que me diz respeito a mim e a mais ninguém – ripostou.

– Merda de demónio. – Amanvah cuspiu no chão, surpreendendo Rojer

com a veemência do gesto. – Somos tuas jiwah. Os teus inimigos são também nossos.

Rojer cruzou os braços.

– Porque não perguntas aos dados se queres mesmo saber?

Amanvah forçou um sorriso.

– Marido, sabes que já o fiz. Ofereço-te uma oportunidade para mo dizeres com as tuas palavras.

Rojer fixou nela um olhar neutro e demorado. Sem dúvida, teria realmente lançado os dados com aquela pergunta, mas o que os alagai hora lhe tinham respondido podia não significar nada. Podia saber tudo, mais ainda do que ele sabia, ou podia ter apenas algumas informações que pudesse usar para lhe arrancar o resto da história.

– Se lançares os dados, saberás tudo o que Everam desejar que saibas – contrapôs, sabendo que pisava terreno perigoso.

Para sua surpresa, o sorriso de Amanvah expandiu-se um pouco.

– Aprendes, marido.

Rojer curvou-se.

– Tive excelentes professores.

– Deverás aprender também a confiar nas tuas jiwah, marido – disse Amanvah, pousando-lhe uma mão no braço e aproximando-se. Rojer sabia que era um movimento estudado, tal como a sua raiva, mas não podia negar a sua eficácia.

– É que... – Rojer engoliu em seco. – Não estou preparado para discutir o assunto.

– Os hora dizem que há sangue entre vós – disse Amanvah. – Sangue que só poderá ser lavado com sangue.

– Não compreendes... – começou Rojer.

Amanvah interrompeu-o com uma gargalhada.

– Sou a filha de Ahmann Jardir! Julgas que não compreendo dívidas de sangue? És tu quem não compreende, marido. Deves matar este homem. Deves fazê-lo agora, antes que possa atacar-te novamente. A ti e aos teus.

– Não se atreveria – declarou Rojer. – Não aqui. Não agora.

– As dívidas de sangue mantêm-se durante gerações, marido – advertiu Amanvah. – Se não o matares, os seus netos poderão vingar-se dos teus.

– E matá-lo irá impedir que aconteça? – perguntou Rojer. – Ou limitar-se-á a tornar os seus filhos meus inimigos declarados?

– Se tiver filhos, será melhor que também os mates – aconselhou Amanvah.

– Criador. Falas a sério? – Rojer estava atónito.

– Enviarei Coliv – disse Amanvah. – É um Vigia Krevakh e uma das Lanças do Libertador. Ninguém o verá e, para todas as testemunhas, o teu inimigo ter-se-á limitado a cair do cavalo ou a engasgar-se com uma ervilha.

– Não! – gritou Rojer. – Nada de Vigias. Nada de venenos de dama'ting. Não quero que mais ninguém se envolva. Cabe-me a mim vingar-me de Jasin Tom-Dourado ou não e, se não conseguires respeitar isso, este casamento chegou ao fim.

Seguiu-se silêncio tão profundo que Rojer conseguia ouvir o seu coração palpitando-lhe no peito. Parte dele quis retirar o que tinha dito apenas para quebrar o silêncio, mas não podia.

As palavras eram sentidas.

Amanvah fitou-o durante muito tempo e Rojer retribuiu-lhe o olhar, desafiando-a a pestanejar.

Quando, finalmente, pestanejou, baixou os olhos, curvando-se numa vénia. As suas palavras pingaram veneno.

– Como desejares, marido. O seu sangue pertence-te apenas a ti. – Olhou-o. – Mas ouve o que te digo. Por cada dia que permitires que este homem viva, as suas ações pesarão contra ti quando percorreres o caminho solitário para seres julgado.

Rojer fungou.

– Correrei esse risco.

Amanvah expirou furiosamente, dando meia volta e regressando aos seus aposentos privativos e fechando a porta.

Rojer quis segui-la. Para lhe dizer que a amava e que não queria que o seu casamento acabasse, mas perdeu as forças e a realidade cercou-o.

Jasin Tom-Dourado estava no Outeiro e Rojer não conseguiria evitá-lo para sempre.

O convite chegou na manhã seguinte. Uma reunião vespertina extraordinária do conselho do conde para saudar formalmente o arauto do duque.

Rojer amarrotou o papel na mão, mas teve o cuidado de não o deixar onde alguém pudesse encontrá-lo. Amanvah continuava nos seus aposentos privativos. O ar diante da porta estava gelado.

– Preciso de ver o barão – disse a Sikvah. Imediatamente, viu-a erguer-se para lhe escolher o vestuário adequado.

Até o guarda-roupa de Rojer tinha passado pelas mãos de Amanvah.

Chocara-a descobrir que as roupas que trouxera para a Fortuna de Everam eram as únicas que possuía. Menos de uma hora depois, os alfaiates de Shamavah despiam-no e mediam-no.

Era positivo que lhe construíssem uma mansão. Ao ritmo a que os seus roupeiros se enchiam, precisariam de reservar uma ala inteira para o guarda-roupa.

Não que se queixasse. Rojer passara a ter trajes multicoloridos para todas as ocasiões, com tecido de qualidade e cores de todos os tons, dependendo da natureza do evento. Noite, podia passar um mês sem vestir a mesma coisa duas vezes. Recordava-lhe os primeiros tempos com Arrick, quando fora arauto do duque e viviam no palácio. Mesmo depois de exposta a mentira desses tempos, não deixavam de ser os dias mais felizes que recordava.

Rojer tentara escolher as suas próprias roupas a princípio, mas as suas esposas depressa puseram fim a isso. Era verdade que percebiam mais de tais assuntos que ele.

O casaco e as calças que Sikvah escolhera para um encontro informal com o barão tinham um padrão complexo de cores contidas, fazendo lembrar um tapete krasiano de boa qualidade. A camisa folgada era de seda branca impecável. Era como se vestisse uma nuvem.

Por baixo do tecido solto, o medalhão de Rojer parecia-lhe pesado ao pescoço. Uma condecoração real angierana por bravura pendurada de uma corrente grossa, com o ouro maciço decorado com um relevo de lanças cruzadas por trás do escudo do duque Rhinebeck: uma coroa de folhas flutuando sobre um trono coberto de hera. Por baixo do escudo, lia-se numa faixa:

Arrick Doce-Canção

Mas Rojer usava-o ao contrário, com as costas lisas do medalhão decoradas com mais quatro nomes:

Kally
Jessum
Geral
Jaycob

Os nomes dos que tinham morrido para o proteger. Cinco nomes. Cinco vidas, interrompidas para que a sua continuasse. Quantas mais valeria a sua

existência miserável?

Fingiu ocupar-se com os cordões da camisa como pretexto para tocar o medalhão. Por um instante, os seus dedos roçaram o metal frio e sentiu-se banhado por uma onda confortante que repeliu a ansiedade crescente. Independentemente do que lhe dissesse o seu cérebro, o seu coração sabia que não lhe aconteceria mal algum enquanto o tocasse.

Era uma crença de tolo, mas Rojer era um bobo por ofício e fazia sentido.

Sikvah puxou-lhe as mãos como uma mãe vestindo uma criança, ajustando ela mesma os cordões. A ansiedade regressou e afastou a mão num gesto instintivo. Sikvah aplicou-lhe uma palmada nas costas da mão. Doeu-lhe por um momento, mas passou, deixando-lhe a mão dormente enquanto a sua esposa lhe ajeitava a camisa.

Rojer sobressaltou-se.

– Sikvah!

Sikvah arregalou os olhos e deixou-se cair de joelhos, colocando as mãos no chão.

– Perdoa-me por te ter golpeado, honrado marido. Se desejares chicotear-me, terás esse direito...

Rojer sentiu-se atordoado.

– Não. Eu...

Sikvah baixou novamente a cabeça.

– Certamente. Transmitirei à dama'ting que administre o meu castigo...

– Ninguém será chicoteado! – exclamou Rojer. – Que se passa convosco? Esquece isso e procura-me outra camisa. Alguma coisa com botões.

Assim que se voltou, a mão de Rojer voltou ao medalhão, apertando-o como se a sua vida dependesse disso.

O seu talismã era um dos poucos segredos que continuava a guardar das suas esposas. Conheciam os nomes. Da sua mãe, do seu pai, do Mensageiro amigo da família e dos dois Jograis de que fora aprendiz. Mortos honrados.

Mas as histórias por trás dos nomes, as histórias de assassinato, traição e estupidez continuavam a ser um segredo seu.

Sikvah trouxe-lhe uma camisa volumosa com peitilho coberto de renda. Era mais ostentosa do que a ocasião exigia, mas servia na perfeição para esconder o que trazia ao peito, podendo acariciar o medalhão sem atrair atenções.

Tê-lo-ia feito de propósito? Quando Sikvah deixou aberto o terceiro botão a contar do topo, Rojer soube que compreendia e sentiu um aperto no coração.

Todos os que tinha amado na vida haviam morrido, deixando-o sozinho, mas e se a dívida ainda não tivesse sido paga por inteiro? Seria Sikvah a morrer a seguir? Amanvah? Kendall? Não conseguia suportar essa possibilidade.

Percebeu que segurava o medalhão com tanta força que lhe magoava os dedos. Quanto tempo passara desde a última vez que o fizera? Meses. Depois do ataque na Lua Nova, havia poucas coisas que continuassem a assustá-lo.

Mas sentia medo naquele momento. Thamos mostrara-se frio desde que Rojer recusara aceitar ser o arauto real do Condado do Outeiro. Não aceitaria voltar-se contra o arauto do seu irmão por uma história sobre um artista de rua assassinado.

Pior ainda, Jasin poderia ter chegado com um mandado de prisão para ele e para as suas esposas. A filha e a sobrinha do líder krasiano seriam reféns valiosos, sobretudo depois de os krasianos terem invadido Lakton.

Uma acusação contra Jasin naquele momento poderia valer a Rojer apenas a ira do arauto e sabia bem como Jasin Tom-Dourado lidava com a ira. Acolhia-a, acariciava-a, alimentava-a.

Depois, quando se pensasse que a teria esquecido, brilhariam facas numa rua escura.

Rojer engasgou-se. As suas inspirações seguintes vieram-lhe acompanhadas por tosse.

– Marido, sentes-te bem? – perguntou Sikvah. – Informarei a dama’ting de que...

– Estou ótimo! – Rojer afastou-se, ajeitando o peitilho da camisa. O medalhão chamava por ele, mas ignorou a ânsia, estendendo as mãos para o violino e para a capa. – Preciso só de um gole de vinho.

– Água seria melhor. – Sikvah avançou para lhe encher a taça. As suas jiwah já não tentavam impedi-lo de beber álcool, mas também não aprovavam.

– Vinho – repetiu Rojer. – Sikvah curvou-se e foi buscar o odre adequado. Ignorou a taça que lhe ofereceu e pegou no odre antes de se dirigir para a porta.

– Marido, quando regressarás? – perguntou Sikvah.

– Quando o dia se aproximar do fim. – Rojer saiu, fechando a porta atrás de si.

Coliv erguia-se num nicho ensombrado perto da porta dos aposentos. O Vigia saudou Rojer com um movimento da cabeça, mas não disse nada.

– Posiciona Sharum adicionais à volta do restaurante – disse-lhe Rojer. –

Temos inimigos diurnos.

– Todos os homens têm inimigos diurnos – respondeu Coliv. – É só durante a noite que nos tornamos irmãos.

– Posiciona os homens como ordenei – ripostou Rojer.

Coliv curvou-se numa vénia ligeira.

– Já foi feito, filho de Jeph. A Filha Sagrada deu essa ordem ontem.

Rojer suspirou.

– Claro que sim.

Coliv inclinou a cabeça.

– Este homem. Tom-Dourado. Tem para contigo uma dívida de sangue, não?

Rojer manteve a expressão neutra.

– Sim. Mas não quero que te envolvas, tal como não quero que se envolvam as minhas jiwah.

Coliv voltou a curvar-se, desta vez demorando-se um pouco mais.

– Perdoa-me por te subestimar, filho de Jessum. Afinal, os hortelões sabem algo sobre o caminho dos Sharum. Não há honra num homem que envia assassinos para saldar as suas dívidas de sangue.

Rojer pestanejou. Ouvira realmente aquelas palavras vindas de um assassino exímio?

– Então não te envolvas. Mesmo que Amanvah o ordene.

Coliv curvou-se uma última vez, sem se demorar.

– Não há honra no assassinato, mestre, mas, por vezes, será necessário. Se a Filha Sagrada ordenar que me envolva, envolver-me-ei.

Rojer engoliu em seco. Parte dele desejava que Coliv trespassasse o coração de Jasin e dos seus aprendizes com a lança, mas não terminaria aí. Jasin tinha família. Uma família poderosa com laços próximos com o trono de hera. O sangue seria pago com sangue.

Desceu três degraus de cada vez, quase saltando do patamar e saindo pela porta traseira que conduzia aos estábulos de Shamavah. Crianças krasianas vestidas de castanho ocupavam-se dos animais e todas se sobressaltaram quando o viram, cada uma correndo para o ajudar antes das outras.

A mais rápida foi a pequena Shalivah, neta do instrutor Kaval. Também o instrutor morrera por Rojer. Tal como Enkido, o guarda-costas de Amanvah. Mais dois nomes para gravar no medalhão. Sete vidas pagando a sua.

– O mestre precisará da sua carruagem farta-cores? – perguntou a rapariga, com palavras apressadas e sotaque carregado.

Rojer transformou a face na sua máscara de Jogral. A rapariga não o viu retirar a flor minúscula do seu novo e garrido saco de maravilhas. Pareceu-

lhe que tinha aparecido do ar e abriu a boca de espanto quando lha ofereceu.

– Furta-cores, Shalivah. E não farta-cores. Furta-cores significa que tem muitas cores. Farta-cores significará que tem cores em demasia. Compreendes?

A rapariga acenou com a cabeça e Rojer ofereceu-lhe um rebuçado.

– Repete. Furta-cores.

A rapariga sorriu, saltando para o rebuçado. Rojer não era alto, mas até ele conseguiria mantê-lo fora do alcance de uma criança.

– Furta-cores! – gritou ela. – Furta-cores! Furta-cores! Furta-cores!

Rojer atirou-lhe o rebuçado. O seu guincho de júbilo chamou a atenção das outras crianças, que o olharam expectantes.

Não as desiludiu. Tinha já mais rebuçados escondidos na mão. Presenteou-os com uma gargalhada teatral para esconder o seu coração pesado enquanto rodopiava, atirando um rebuçado com gestos certeiros para as mãos de cada um.

As suas famílias tinham sangrado por ele e pagava-lhes com doces.

O novo barão movia-se desconfortavelmente atrás da sua grande secretária de madeira dourada. O seu punho gigante fazia a pena estremecer como uma pena de beija-flor enquanto rabiscava algo que se aproximava de uma assinatura em cada uma das folhas de papel, aparentemente intermináveis, que lhe eram passadas pelo escudeiro Emet, um aristocrata angierano menor que Thamos designara como seu secretário.

– Rojer! – gritou Gared, erguendo-se imediatamente quando o viu entrar no gabinete.

– Milorde... – começou o secretário.

– Rojer tem assuntos importantes para discutir, Emet. Terás de voltar mais tarde. – Gared era muito maior que o secretário e Emet, sendo sensato, reuniu os seus papéis e saiu.

Gared fechou as portas pesadas, encostando-se a elas e expirando como se tivesse acabado de escapar a um bando de demónios dos campos.

– Graças ao Criador. Estava pronto para atirar a secretária pela janela se tivesse de assinar mais um papel.

Rojer olhou a secretária grande e pesada e a janela a vários metros de distância. Se alguém conseguisse fazê-lo, seria Gared Lenhador.

Sorriu. Sentia-se sempre mais seguro perto de Gared.

– Podes contar sempre comigo como pretexto para fugires de papelada.

Gared sorriu.

– Se me visitares todos os dias às onze da manhã com uma emergência nova, agradeço-te. Bebida?

– Noite, sim! – Rojer esvaziara o odre, mas o vinho era lento. Gared desenvolvera um gosto por brande angierano e mantinha uma garrafa no seu gabinete. Rojer aproximou-se da mesa, servindo dois copos. Foi rápido e Gared nem reparou que esvaziou o primeiro e voltou a enchê-lo antes de os trazer.

Fizeram um brinde e beberam. Gared bebeu um único gole, mas Rojer esvaziou mais um copo, preparando-se para encher um terceiro.

– Hoje não é mentira. Tenho realmente uma emergência.

– Sim? – perguntou Gared. – O sol brilha e nada arde. Não pode ser muito mau. Vamos fumar um cachimbo e falar sobre o assunto antes de conhecermos o arauto do duque. Achas que a sua voz vale realmente ouro?

Rojer esvaziou o copo seguinte, enchendo um quarto antes de se sentar numa das cadeiras diante da grande secretária. Gared ocupou a outra, enchendo o cachimbo. Gared Lenhador não era homem para pôr uma secretária entre si e alguém.

Rojer aceitou a folha oferecida e encheu também o seu cachimbo.

– Lembras-te de como conheci Leesha no hospício?

– Todos conhecem essa história – disse Gared. – É como começa a história de como conheceram o Libertador.

Rojer não tinha forças para argumentar.

– Lembras-te de me teres perguntado quem me tinha enviado para lá? – Gared acenou afirmativamente. Rojer esvaziou o copo.

– Foi o arauto do duque com a voz dourada.

A expressão de Gared ensombrou-se imediatamente, como um pai encontrando a filha com um olho negro. Fechou uma mão num punho pesado.

– Terá sorte se todas as Herbanárias do Outeiro conseguirem remendá-lo quando acabar de tratar dele.

– Não sejas estúpido – disse Rojer. – És o barão do Outeiro do Lenhador. Não és o porteiro da taberna de Smitt.

– Não pode ficar sem castigo – replicou Gared.

Rojer olhou-o.

– Jasin Tom-Dourado é o arauto do duque, o representante do trono de hera no Outeiro. Tudo o que lhe disseres, dirás ao próprio duque Rhinebeck. Tudo o que lhe fizeres, farás ao duque. – Fixou em Gared um olhar que conseguiu perturbar até mesmo o Lenhador ameaçador. – Fazes ideia do

que o duque te faria... e ao Outeiro... se espancasses o seu maldito arauto até à morte?

Gared franziu a testa.

– Então devemos encontrar alguém que o faça por nós?

Rojer fechou os olhos e contou até dez.

– Deixa-me lidar com o assunto.

Gared olhou-o, confuso. Rojer não era um lutador.

– Se queres ser tu a tratar dele, porque me contas?

– Não quero que faças nada a Jasin – explicou Rojer. – Mas não espero que ele seja igualmente magnânimo.

Gared pestanejou.

– Mag... quê?

– Generoso – disse Rojer. – Pode recear que me prepare para fazer alguma coisa e, por isso, pode decidir vir atrás de mim e dos meus. Dormiria melhor se me pudesses dispensar alguns Lenhadores para vigiar a minha gente.

Gared acenou com a cabeça.

– Claro. Mas, Rojer...

– Eu sei – disse Rojer. – Não posso deixar que o ferimento continue infetado.

– Tresanda – considerou Gared. – Gostava que o Libertador aqui estivesse. Arrancaria a cabeça àquela doninha fedorenta e ninguém reclamaria.

Rojer acenou com a cabeça. Fora esse o seu plano desde que conhecera Arlen Fardos.

Mas o Homem Pintado não regressaria.

Rojer moveu-se sobre a cadeira. A tensão era elevada na sala do conselho do conde enquanto esperavam Thamos e Jasin. Lorde Arther e o capitão Gamon estavam ainda mais rígidos que o habitual, não sendo claro se a sua disposição tinha sido influenciada pelas notícias vindas de Angiers ou pela presença do emissário real. O Inquisidor Hayes parecia ter acabado de morder uma maçã ácida.

Até Leesha saíra do esconderijo para a reunião. Não deixara a sua cabana na quinzena posterior ao desmaio no pátio. As Herbanárias que rodeavam a sua cabeceira tinham impedido as visitas de Rojer. Mesmo ali, Darsy guardava-a como o cão de Evin Lenhador.

Não era difícil perceber porquê. Leesha estava pálida, com a cara inchada

e os olhos vermelhos. Não costumava usar maquilhagem, mas a camada espessa de pó na sua face era eloquente, tal como os tendões esticados como cordas no pescoço.

Estaria doente? Podia ser a curandeira mais poderosa de Thesa, mas suportava mais sobre os ombros que Rojer e forçara os seus limites. Esboçou um sorriso débil a Rojer e este retribuiu-lhe com um sorriso radiante e completamente falso.

A seu lado, Gared parecia sentir dificuldades para se manter quieto. Não permitiria que algum mal acontecesse a Rojer, mas o grande Lenhador tinha uma tendência para quebrar o que devia reparar.

Ao lado do barão, Erny Papel e Smitt mantinham as cabeças juntas, trocando palavras baixas. Era duvidoso que estivessem informados acerca de metade do drama na sala, mas os dois homens conseguiam interpretar suficientemente bem a tensão para saber que o arauto do duque não faria uma visita de cortesia.

Hary Rebolador pousou uma mão leve sobre o braço de Rojer. O velho Jogral sabia mais da história de Rojer com Jasin do que qualquer um dos presentes, mas camuflava os sentimentos com a sua máscara e nem Rojer conseguia perceber o que verdadeiramente sentia.

– Não começará se tu não começares – disse a voz treinada de Hary com palavras que só os dois conseguiam ouvir.

– Acreditas que está satisfeito depois de ter derramado sangue? – perguntou Rojer.

– Claro que não – replicou Hary. – Canção-de-Segunda nunca esquece uma ofensa.

Canção-de-Segunda. Era o que os outros Jograis chamavam a Jasin Tom-Dourado quando Arrick Doce-Canção fora o arauto do duque. Dizia-se que conseguira mais patronos com os contactos do seu tio Janson do que com qualquer ouro que tivesse na voz.

Chamavam-lho em privado, pelo menos. Ninguém se lhe referia diretamente como «Canção-de-Segunda» a não ser que procurasse problemas. O tio de Jasin valia-lhe para mais do que agendamentos. O mestre Jaycob não fora o primeiro ou o último assassinato de Jasin sem castigo.

Hary pareceu ler-lhe a mente.

– Já não és um artista de rua de dois klats, Rojer. Se alguma coisa te acontecer, todas as lanças no Outeiro pedirão justiça.

– A justiça pode ser uma coisa formidável – comentou Rojer. – Mas já estarei morto.

Nesse momento, Arther e Gamon ergueram-se, seguidos pelos restantes conselheiros, quando o conde Thamos e Jasin Tom-Dourado entraram na sala.

Tom-Dourado transmitia a mesma arrogância oleosa que Rojer recordava, mas o tempo passado ao serviço do trono fizera-lhe bem. Estava mais magro quando Rojer o vira pela última vez.

Rojer manteve a máscara de Jogral, mantendo os olhos bem abertos e esboçando um sorriso forçado, mas, no interior, sentiu vontade de vomitar. Sentia o peso das facas embainhadas no seu antebraço. Havia Soldados de Madeira posicionados junto à porta, mas nem eles nem os oficiais à mesa conseguiriam mover-se mais depressa do que Rojer conseguiria lançar.

E depois?

Idiota. Ouve o teu próprio conselho, disse Rojer a si mesmo. *Talvez mereças provar a vingança e sofrer uma morte rápida às mãos dos Soldados de Madeira, mas que acontecerá a Amanvah e Sikvah se matares o arauto do duque?*

Rhinebeck talvez considerasse a perda de Tom-Dourado um preço justo pelo pretexto para prender as princesas krasianas, mantendo-as como reféns.

Ficou sentado e não fez nada enquanto o nuclita dentro do seu peito tentava rasgar-lhe o peito com as garras e guinchava, ameaçando despedaçá-lo.

Jasin olhou cada um dos membros do conselho enquanto Arther o anunciava. O seu olhar demorou-se no de Rojer e esboçou um sorriso delicado.

Rojer ansiou por lho arrancar. Em vez disso, retribuiu.

Quando a apresentação terminou, Jasin abriu teatralmente um rolo de pergaminho ornamentado, quebrando o selo de lacre real que fechava o documento. Desenrolou-o, erguendo a voz para preencher a sala.

– Saudações do trono de hera ao Condado do Outeiro neste ano do nosso Criador de 333 DR – começou.

– Sua Senhoria, o duque Rhinebeck III, Guardião da Fortaleza da Floresta, Detentor da Coroa de Madeira e Senhor de Angiers, oferece os seus cumprimentos ao seu irmão e a todos os líderes e habitantes do Condado do Outeiro por assegurarem o regresso em segurança do general Gared e da Herbanária Real Leesha das terras krasianas, bem como a defesa bem-sucedida do Outeiro do maior ataque de demónios em séculos. Mas, com tantas mudanças recentes e com as notícias que chegam de Lakton, resta muito para fazer. Sua Alteza solicita e ordena uma audiência imediata

com o conde Thamos e o barão Gared e também com mestra Leesha, Rojer Meia-Mão e com a princesa krasiana Amanvah.

O nuclita dentro de Rojer parou de se debater, abafando as últimas palavras. Jasin Tom-Dourado era um enredo secundário insignificante no drama que se desenrolava. Rojer também. Todos eles iriam para Angiers. Como poderiam recusar? Mas Amanvah não regressaria. Tanto ela como Rojer ficariam presos até à sua morte ou até o exército krasiano destruir as muralhas.

Jasin enfrentou o seu olhar com outro sorriso fingido, mas, desta vez, Rojer não conseguiu reunir as forças para retribuir.

Rojer sentiu um aperto no estômago enquanto Jasin desenrolava outro documento, quebrando o selo.

– Sua Senhoria, a duquesa-mãe Araine, mãe de Sua Alteza, o duque Rhinebeck III, Guardião da Fortaleza da Floresta, Detentor da Coroa de Madeira e Senhor de Angiers, congratula o barão Gared Lenhador pela sua ascensão. Para o apresentar adequadamente à aristocracia, e para poder apresentar também a princesa Amanvah, organizará um Baile de Debutantes em honra do barão pela sua vinda a Angiers.

– O quê? – perguntou Gared, provocando risos em redor da mesa até bater com os grandes punhos na mesa.

– Mil perdões, barão – disse Thamos, mas a gargalhada não lhe abandonara por completo a expressão. – Significa que a minha mãe aproveita a tua visita para dar uma festa.

Gared descontraiu um pouco.

– Não me parece mau.

– Uma festa para a qual convidará todas as raparigas solteiras de Angiers com uma gota de sangue real, esforçando-se ao máximo para te convencer a casar com uma delas.

Gared deixou cair o queixo.

– Também haverá comida, claro – disse Thamos, vendo que o barão não respondia. Os seus olhos brilhavam pela primeira vez numa quinzena. Aquilo agradava-lhe.

– E música – acrescentou Jasin. – Atuarei pessoalmente. – Piscou o olho. – E dir-te-ei quais as melhores donzelas para cortejar.

Gared engoliu em seco.

– E se não quiser nenhuma delas?

– Nesse caso, continuará a convocar-te para Angiers, tentando uma e

outra vez até decidires – disse Thamos. – Asseguro-te que consegue ser inabalável neste assunto.

– E porque não deveria sê-lo? – perguntou o Inquisidor Hayes, olhando Gared. – O teu baronato precisa de um herdeiro e tu precisas de uma mulher que zele pela tua casa e que tenha sido educada para liderar quando partires ao encontro do Criador. – Traçou uma guarda no ar. – Queira o Criador que aconteça depois de uma vida longa e do nascimento de muitos netos.

– Está certo, Gared. – Eram as primeiras palavras de Leesha naquele dia e todos se voltaram para ela.

A expressão que Leesha fixava em Gared fê-lo encolher-se.

– Passaste demasiado tempo sozinho. Pessoas solitárias fazem coisas tolas. Chegou o momento de assentares.

Gared empalideceu ligeiramente enquanto acenava com a cabeça. Rojer ficou espantado. Sabia que tinham uma história em comum, mas aquilo...

Thamos pigarreou.

– Está decidido. Lorde Arther substituir-me-á durante a minha ausência. As suas decisões terão de ser aprovadas por este conselho. O barão e a mestra Papel nomearão os seus representantes.

– Darsy Lenhador – disse Leesha.

Darsy olhou-a com um olhar de súplica.

– Mestra Jizell seria uma melhor...

– Darsy Lenhador – repetiu Leesha, sem querer discutir.

– Sim, mestra. – Darsy acenou com a cabeça, mas deixou cair um pouco os ombros largos.

– Dug e Merrem Lenhador – disse Gared.

– São dois... – começou o capitão Gamon.

– Funcionam em parelha – disse Gared, interrompendo-o. – Continuo a ser general, além de ser barão. Preciso de dois.

Thamos olhou em redor, interpretando os outros sem precisar de os ouvir. Arther e Gamon não eram amados no Outeiro.

– O barão está certo.

Arther franziu a testa.

– Qual representará o general e qual representará o barão?

Gared encolheu os ombros.

– Escolhe.

Assim que o conde os dispensou, Rojer levantou-se, não querendo passar mais um momento que o necessário na presença de Jasin. Avançava para a

porta quando a voz de Leesha o deteve.

– Almoças comigo, Rojer?

Rojer parou e inspirou fundo, voltando-se com um sorriso radiante na face enquanto se curvava na sua melhor vénia cortesã.

– Claro, mestra. – Ofereceu-lhe o braço e Leesha aceitou-o, mas não retomava o seu porte formal.

Entraram na carruagem de Leesha. Wonda sentou-se ao lado do cocheiro, deixando-os sozinhos no interior. O ar estava frio lá fora, com o inverno parecendo mais próximo cada dia, mas a carruagem estava quente. Mesmo assim, Rojer estremeceu.

Sabe, pensou Rojer enquanto a via olhá-lo. Leesha sabia sempre mais do que devia sobre quase tudo e os seus palpites eram quase tão bons como os dados de Amanvah a alcançar informação que alguém preferisse manter escondida. Sempre se mostrara curiosa acerca do que o levara ao hospício, fazendo-o fugir de Angiers assim que os seus ossos sararam. Era provável que visse o ódio nos seus olhos, encontrando finalmente a solução do enigma. Perguntar-lhe-ia dali a um instante e talvez tivesse chegado o momento de lhe contar a história inteira. Se alguém merecia que o fizesse, seria Leesha Papel, que lhe curara o corpo devastado.

Mesmo que, em muitas ocasiões posteriores, tivesse desejado que não o tivesse feito.

Leesha inspirou fundo. *Aí vem*, pensou Rojer.

– Estou grávida.

Rojer pestanejou. Era tão fácil esquecer que a sua história não era o único drama a desenrolar-se.

– Pensava quando mo dirias. Esperei que o fizesses antes do nascimento do bebé.

Era a vez de Leesha pestanejar.

– Amanvah disse-te?

– Não sou estúpido, Leesha – respondeu Rojer. – Os Jograis ouvem todos os rumores no Outeiro. Achas que esse me escaparia? Depois de o ouvir, percebi que os sinais são óbvios. Estás pálida e nem sequer olhas para comida de manhã. Não paras de tocar o ventre. Repreendes todos os criados que te trazem carne que não tenha sido cozinhada quase até ser carvão. E as mudanças de humor. Noite. Pensava que eras dramática antes disto.

A boca de Leesha formava uma linha rígida.

– Porque não disseste nada?

– Esperava que confiasses em mim – respondeu Rojer. – Mas suponho que não confias.

– Confio em ti agora – disse Leesha.

Rojer fixou nela um olhar tolerante.

– Confias em mim agora porque metade do povoado já sabe e achas que não conseguirás guardar o segredo por muito mais tempo. Noite. Até Amanvah sabia! Tive de me fingir surpreendido quando me contou.

– Mentiste à tua mulher por mim? – perguntou Leesha.

Rojer cruzou os braços.

– Claro que sim. De que lado achas que estou? Amo Amanvah e Sikvah, mas não sou um maldito traidor. Esperaste até ao último minuto para confiar em mim e podia ter-te ajudado desde o início. Podia ter-te tornado uma heroína por trazeres no ventre o herdeiro do trono krasiano. Em vez disso, fizeste com que todos pensassem que é o herdeiro do trono de hera. Sabes o que fará a família Rhinebeck quando descobrirem que foram enganados? À criança?

– Descobriremos em breve – retorquiu Leesha. – Contei a verdade a Thamos.

– Noite – exclamou Rojer. – Isso explicaria a forma como se tem comportado. Esperava que fosse apenas porque os aristocratas odeiam casamentos apressados.

– Magoei-o, Rojer – disse Leesha. – É um bom homem e parti-lhe o coração.

Rojer quase se engasgou.

– É com isso que te preocupas? O Núcleo está prestes a abrir-se à tua volta e preocupas-te com os sentimentos de Thamos?

Leesha retirou o xaile de Bruna do banco a seu lado, cobrindo-se com ele como se fosse uma Capa de Invisibilidade.

– Tudo me preocupa, Rojer. Preocupo-me comigo, com o meu bebé, com o Outeiro. É demasiado e já não sei o que fazer. Sei apenas que não consigo continuar a mentir. Lamento não ter confiado em ti. Devia ter-te procurado mais cedo, mas tive vergonha.

Rojer suspirou.

– Não acrescentes a minha culpa à tua pilha de preocupações. Também te escondi algumas coisas importantes.

Leesha olhou-o e a sua voz subiu de tom como a voz de uma mãe que tivesse acabado de ouvir algo partir-se na sala ao lado.

– Que coisas?

– A noite em que nos conhecemos – disse Rojer. – Quando Jaycob e eu fomos levados para o teu hospício.

A expressão de Leesha serenou-se imediatamente. Juntamente com Jizell,

tinha passado horas a cortar, a coser e a engessá-lo nessa noite. Teve sorte.

– Foi Jasin Tom-Dourado – disse Rojer. – Não era o arauto real quando aconteceu. Era só um asno pomposo cujo nariz parti numa luta. Ele e os seus aprendizes começaram a seguir-me e a Jaycob, vendo as nossas atuações. Numa noite, apanharam-nos sozinhos. Espancaram Jaycob até à morte e obrigaram-me a ver antes de tentarem fazer-me o mesmo. Por sorte, a guarda chegou a tempo.

Leesha franziu o cenho.

– Não podemos permitir que isso passe sem castigo, Rojer.

Rojer riu-se.

– Gared disse o mesmo.

– Contaste a Gared antes de me contares a mim? – Leesha quase guinchou.

Rojer olhou-a fixamente até Leesha ter a decência de baixar o olhar.

– Contarei a Thamos – disse esta, por fim. – Testemunhei o sucedido. Terá de me ouvir.

Rojer abanou a cabeça.

– Não farás tal coisa. Duvido que Thamos esteja disposto a fazer-nos algum favor agora e o que pretendes pedir não será um favor pequeno.

– Porquê? – perguntou Leesha. – Porque é um favor assim tão grande prender um assassino?

– Porque Jasin Tom-Dourado é sobrinho do primeiro ministro Janson – explicou Rojer. – O seu punho assina as ordens de pagamento de todos os magistrados da cidade e a família real não conseguiria encontrar as próprias peúgas sem ele. Será como acusar o próprio Rhinebeck. E com que provas? A única testemunha fui eu. Com um estalar de dedos, Jasin fará mil vozes testemunharem que estava noutro sítio durante a noite em que aconteceu.

– Então pretendes esquecer tudo? – perguntou Leesha. – Não me parece digno de ti, Rojer.

– Não esqueço nada – negou Rojer. – Digo apenas que Thamos não será nosso aliado nesta questão. – Riu-se. – Costumava imaginar que conseguiria convencer Arlen a lançá-lo de um precipício. Quando as pessoas acreditam que somos o Libertador, conseguiremos fazer coisas destas sem censura.

– Matar alguém nunca é a solução – disse Leesha.

Rojer revirou os olhos.

– Seja como for, será melhor manter o segredo, por agora. Se não fizermos nada, Tom-Dourado manter-se-á preocupado com o que poderemos fazer. Assim que avançarmos, poderá responder.

– Se é assim tão intocável, que poderá recear? – perguntou Leesha.

– Não receia castigo – disse Rojer. – Mas nem ele ousará irritar a Guilda dos Jograis e o mestre de guilda Cholls. Cholls viu-me golpear Jasin e ouviu as suas ameaças. É o único cuja palavra seria ouvida.

Leesha suspirou.

– Será uma viagem interessante.

– No mínimo. – Rojer puxou pela sua fiel garrafa, sacudindo-a. Não restava uma gota. – Tens alguma coisa na tua cabana que seja mais forte que chá?

DEZOITO

UM SUSSURRO DA NOITE

333 DR Inverno

O envelope era de papel de boa qualidade, selado com lacre decorado com o brasão de Araine, mas a mensagem no interior era surpreendentemente informal, escrita pela mão da duquesa-mãe. Leesha quase conseguia ouvir a voz da anciã enquanto a lia:

L...

O problema que discutimos durante a tua visita anterior persiste. A questão de Lakton torna-a mais urgente. A Herbanária Real está prestes a desistir. Os teus conhecimentos são necessários.

Sabes que não é apenas bruxa das guardas que os camponeses passaram a chamar-te? Leesha Papel, a nova condessa do Outeiro. O teu nome expande-se. Mais alguma coisa para discutirmos quando vieres até nós.

A...

«Expande-se.» A palavra era como uma pedra carregando o papel. Araine sabia da criança. Mas até onde iria o seu conhecimento? Que lhe dissera Thamos?

De qualquer forma, o tom da carta era claro. Thamos e os outros poderiam ter uma breve estadia em Angiers, mas Leesha não voltaria para casa tão cedo. Porque precisaria de assegurar um herdeiro real antes que os krasianos encontrassem uma forma de atacar a cidade de Lakton.

Quando a cidade no lago fosse conquistada, seria impossível impedir os krasianos de voltarem as suas atenções para norte. Mas Euchor de Miln, seguro nas suas montanhas, não acrescentaria as suas forças às de Angiers enquanto acreditasse poder usar a ameaça para empurrar descendentes seus para o trono.

Leesha passou a mensagem a Jizell sem dizer nada. Esta leu-a, franzindo a testa.

Abanou a cabeça.

– Não podes ir. Manter-te-ão presa no palácio até ao nascimento da criança.

– Não tenho alternativa – disse Leesha.

– Estás demasiado fraca para viajar – respondeu Jizell.

– Há quinze dias, desmaiei por culpa da pressão e do cansaço – replicou Leesha. – Não sou uma inválida.

Jizell encolheu os ombros.

– Sou a tua Herbanária e tenho a opinião contrária. Envia-me no teu lugar. Bruna também me treinou. Não há nada que possas fazer pelo duque e eu não.

Leesha abanou a cabeça.

– Não é apenas uma questão de perícia. É também uma questão de acesso. Rhinebeck não admitirá sequer que tem um problema. Araine precisa de alguém que possa esconder-se na corte à vista de todos. Se precisar de operar, uma Herbanária Real e membro potencial da família será a única em quem confiarão para submeter o duque à faca. – Não disse que Jizell a consultara mais vezes acerca de questões de fertilidade complexas do que o contrário.

Jizell arqueou uma sobrancelha.

– Depois do que aconteceu, terás sorte se o conde te mantiver como Herbanária Real. Parece-me pouco provável que se prometa a ti.

Leesha acenou afirmativamente, mordendo o interior da boca para conter a emoção.

– Sim, mas Araine poderá não saber ainda que o filho não é seu. Seja como for, é suficientemente astuta para guardar o segredo até obter o que precisa de mim.

Espero que sim, pelo menos.

– Lamento, Stela – disse Leesha. – O duque em pessoa ordena a minha presença em Angiers.

– Mas, mestra, a caulinegra apagar-se-á dentro de dias. – O pânico nos olhos da rapariga era preocupante.

– Retomaremos as experiências quando regressar. Prometo – disse Leesha.

– Mas os outros podem ficar com as armas guardadas quando fores – protestou Stela. – Continuam a poder lutar. Nós teremos de voltar a ser inúteis.

– Não são inúteis, Stela – afirmou Leesha, mas a rapariga não lhe dava ouvidos. Stela moveu o peso do corpo de pé para pé, coçando as guardas de caulinegra na pele. Erguia-se nas sombras, longe da janela, tentando manter um pouco mais o seu poder. Mas até a luz ambiente era suficiente para drenar lentamente a magia.

Os outros cuja pele fora guardada por Leesha estavam na mesma posição. Tinham começado a vestir túnicas simples, tal como Arlen quando o conhecera, com mangas longas e largas e capuzes, escondendo as guardas da luz. Muitos escondiam-se em caves escuras e celeiros durante o dia, dormindo algumas horas em vez de regressarem à força mortal. Wonda trazia-os para a luz quando podia, mas não conseguia estar em toda a parte.

Havia outros problemas com as crianças guardadas com caulinegra. A violência doméstica aumentava. Stefny contara uma discussão com a habitualmente passiva Stela em que esta batera com o punho numa mesa pesada, rachando-a ao meio. Ella Lenhador golpeara o namorado quando o surpreendeu a falar com outra rapariga, partindo-lhe o maxilar. Jas Pescador podia ter razão quando protegeu a mãe do seu pai violento, mas quase o matara. Leesha fora forçada a usar hora preciosos para lhe salvar a vida e, mesmo assim, não sabia se voltaria a andar.

Talvez fosse melhor dar-lhes umas semanas para acalmarem antes que acontecesse alguma coisa verdadeiramente horrível.

– Posso ir contigo? – perguntou Stela, esperançosa. – Como guarda-costas na tua viagem para norte?

Leesha abanou a cabeça.

– Obrigada, querida, mas terei uma escolta de Lenhadores e de Soldados de Madeira. E Wonda também lá estará para assegurar a minha proteção.

– Podias tatuar... – começou Stela.

– Não – disse Leesha com firmeza. – Não sabemos o que isso te faria.

– Claro que sabemos! – afirmou Stela. – Ficaria como Renna Fardos, que repeliu os demónios quando o Libertador caiu.

– Nem pensar – afirmou Leesha. Stela cerrou um punho e Leesha afastou a mão da chávena de chá, levando-a ao bolso de pó cegante no avental.

Wonda foi mais rápida, colocando-se entre elas antes mesmo que Leesha percebesse que se movia. Ergueu um punho fechado duas vezes maior que o de Stela.

– Abre essa mão, rapariga. E pede desculpa a mestra Leesha.

Os seus olhares mantiveram-se fixos e, por um momento, Leesha receou que Wonda piorasse as coisas. A magia fortalecia o seu ímpeto lutador, mesmo perante probabilidades improváveis, e a magia dentro de Stela era suficiente para continuar a ser um problema.

Mas a rapariga recompôs-se, dando um passo atrás e abrindo as mãos enquanto se curvava numa vénia.

– Perdoa-me, mestra. Eu...

– Compreendo – disse Leesha. – A magia transforma uma centelha de raiva numa chama e uma chama num incêndio. É mais um motivo para descansares juntamente com os outros.

– Mas e se os demónios da mente voltarem na Lua Nova enquanto estiveres fora? – insistiu Stela. – O Outeiro precisará de todos.

– Devo voltar antes disso – mentiu Leesha. – Os demónios da mente foram rechaçados no seu último ataque. Voltarão, mas não me parece que o façam tão cedo.

– Podes retocar-me a pintura, pelo menos? – suplicou Stela, erguendo o braço, onde as marcas outrora escuras da caulinegra tinham adquirido uma coloração castanha-clara. – Não durarão mais que uns dias.

Leesha abanou a cabeça.

– Desculpa, Stela. Não tenho tempo. Terás de viver sem elas durante uma quinzena.

A rapariga reagiu como se lhe tivesse pedido que passasse sem os braços, mas acenou tristemente e permitiu que Wonda a conduzisse à saída.

– Stela é uma boa rapariga – disse Wonda quando voltou, apesar de terem a mesma idade. – Compreendo como se sente. Não poderias...?

– Não, Wonda – negou Leesha. – Começo a pensar se esta experiência não terá sido um erro. E não deixarei que se mantenha enquanto estiver fora.

Bateram à porta e Wonda avançou para abrir. Leesha esfregou a têmpora esquerda, tentando massajar a cabeça para se libertar da dor. Conhecia chás capazes de acalmar a sensação, mas deixavam-na zonza e incapaz de pensar com clareza. Pior ainda, receava o efeito que teriam no bebé.

A única cura que sempre a ajudava estava fora do seu alcance. Thamos não lhe tocava há semanas e os seus esforços solitários não conseguiam ter o mesmo efeito. Teria de se habituar à dor.

A seguir, a sua mãe entrou e tudo ficou pior.

– Que conversa é esta acerca do baile que a duquesa prepara em honra de Gared? – perguntou Elona. – Dizem que quer fazer todas as flores meio desabrochadas de Angiers pavonearem-se à sua frente para cheirar e colher.

– Também fico feliz por te ver, mãe. – Leesha olhou Wonda. – Sê um anjo e certifica-te de que Stela e as outras Crianças Guardadas se erguem ao sol.

– Sim, mestra. – Como quase toda a gente, Wonda aproveitava com agrado a oportunidade para desaparecer quando Elona Papel aparecia.

Leesha serviu uma chávena de chá à mãe.

– Pondo as coisas dessa forma, parece que a duquesa Araine o leva a um bordel.

– Não vejo grande diferença – disse Elona, aceitando o chá.

– Desde que me lembro que tentaste empurrar-me Gared Lenhador para os braços – disse Leesha. – Agora que tem boas hipóteses pela primeira vez em mais de uma década, queres que continue solteiro para sempre?

– Se estivesse contigo, podia vigiá-lo. – Elona piscou-lhe o olho. – Se não te ocupasses dele, seria a primeira na fila para lhe esvaziar as bolas.

A dor no olho intensificou-se e Leesha sentiu-se muito perto de vomitar.

– És uma pessoa verdadeiramente horrível, mãe.

Elona fungou.

– Não te armes em inocente comigo, rapariga. Não és melhor que eu.

– O Núcleo é que não sou – disse Leesha.

– Merda de demónio – exclamou Elona. – Olha-me nos olhos e diz-me com sinceridade que não gostaste de dormir com o demónio do deserto nas costas de Inevera.

Leesha pestanejou.

– Isso é diferente.

Elona riu-se.

– Continua a convencer-te disso, rapariga. Não passará a ser verdade.

O demónio tentava novamente libertar-se do seu olho, rasgando-o com as garras.

– Que queres, mãe?

– Quero ir a Angiers – respondeu Elona.

Leesha abanou a cabeça.

– Nem pensar.

– Precisas de mim – insistiu Elona.

Foi a vez de Leesha se rir. A gargalhada estridente assemelhou-se preocupantemente à da mãe.

– Porquê? Passaste a ser uma diplomata?

– A duquesa-mãe tentará casar-te com o conde – respondeu Elona. – Precisas de alguém para se ocupar dos preparativos.

– Não são krasianos – recordou Leesha. – Posso falar por mim. Só queres uma última oportunidade para te deitares com Gared durante a viagem e para silvar como uma gata às mulheres no seu livro de marcação de danças.

Elona parecia capaz de cuspir no chão.

– Seja como for, essas cortesãs mimadas não conseguirão aguentá-lo. Um bebé Lenhador rasgaria ao meio uma sirigaita nobre se a árvore nas calças de Gared não o fizer antes.

Leesha baixou a chávena, levantando-se.

– Não tenho tempo para ouvir a tua imundície, mãe. Não vens comigo. Esquece isso.

– Tenho de te recordar que trago o filho de Gared no ventre? – perguntou Elona. – Ainda não se nota tanto como em ti, mas começo já a forçar as costuras.

– Mais um motivo para o esqueceres – disse Leesha. – Qual é a alternativa? Pretendes divorciar-te e casar com ele? Parece-te que o Inquisidor abençoaria tal união? Ou o conde? Ou a duquesa-mãe?

Elona não tinha uma resposta preparada e Leesha insistiu.

– Acreditas que Gared continuaria a amar-te se lhe custasses o título? Noite. Acreditas que te ama agora? Só te tocou por te pareceres comigo.

– Isso não é... – começou Elona.

– É – interrompeu-a Leesha. – Foi ele próprio a dizer-mo. Eras só um trapo velho para lhe afagar a verga enquanto pensava em mim.

Elona fitou-a, arregalando os olhos, e Leesha percebeu que fora demasiado longe. A sua mãe conseguia trazer sempre à superfície o seu pior lado.

O silêncio alongou-se por um momento e Elona acabou por se erguer, sacudindo as saias.

– Dizes que sou horrível, rapariga, mas também consegues ser cruel como um demónio quando queres.

Leesha olhou tristemente pela janela da sua carruagem, vendo o Outeiro ficar para trás. Seria certamente tolice, mas parecia-lhe que o via pela última vez.

Quando era criança, o Outeiro do Lenhador fora um pequeno povoado com escassas centenas de habitantes, quase sem tamanho suficiente para aparecer no mapa. Os seus caminhos e estruturas eram tão familiares que faziam parte dela e todos se conheciam pelo nome. Tal como todos conheciam os segredos uns dos outros.

Pouco restava do lar da sua infância além do Templo e de algumas cabanas e árvores. Até mesmo essas ostentavam cicatrizes do fogo e dos demónios.

Mas, dos restos chamuscados, erguera-se o Condado do Outeiro, um local que, em breve, igualaria ou excederia as Cidades Livres em população. Em menos de dois anos, dezenas de milhar tinham fugido para ali diante do avanço krasiano ou tinham vindo do Norte para responder ao apelo de Arlen e lutarem contra os nuclitas.

As ruas do Condado do Outeiro tinham sido revestidas com creto fresco, mas Leesha conhecia-as tão bem como os velhos caminhos. Estivera a seu lado enquanto Arlen criava um padrão de grandes guardas que poderia ser expandido em círculos cada vez maiores até o Condado do Outeiro se tornar o centro de um mundo guardado.

Talvez Gared estivesse certo. Talvez Arlen fosse realmente o Libertador.

E deixaste-o escapar. Mesmo tendo-a deixado a quilómetros de distância, Leesha não se libertava da voz da sua mãe.

– Levaremos pelo menos uma semana a chegar a Angiers – disse Jizell. – Vão passar o tempo todo a olhar pela janela?

Leesha sobressaltou-se, olhando as suas companheiras, Jizell e Vika. Jizell precisava de regressar ao seu hospício em Forte Angiers e Vika visitava o marido, o Protetor Jona, um amigo de infância de Leesha preso para interrogatório pelos Protetores do Criador. Leesha recebera a garantia da duquesa de que não seria ferido, mas, mesmo assim, devia voltar para casa.

Seria outro assunto a discutir com a duquesa-mãe.

Tal como Leesha, Vika passara as horas anteriores olhando pela janela, roendo as cutículas até sangrarem.

– Lamento – disse Leesha. – Estava longe.

– Sim – concordou Vika.

– Então voltem para perto – retorquiu Jizell. – Quando foi a última vez que tivemos um minuto de sossego juntas? Muito menos uma semana. Será melhor que a aproveitemos.

– Devemos discutir o trabalho? – Leesha animou-se ao pensar naquilo. O trabalho afastá-la-ia do seu turbilhão de pensamentos, dando-lhe algo em

que se concentrar além de uma sensação vaga de perdição.

– A seu tempo – disse Jizell. – Mas também não quero passar uma semana seguida a trabalhar. Pensava que poderíamos jogar um jogo.

– Que tipo de jogo? – perguntou Vika.

Jizell sorriu.

– Chamar-lhe-emos Bengala da Bruxa Bruna.

Por instinto, Leesha esfregou a nuca. Continuava a doer-lhe quando pensava na bengala. Era suficientemente grossa para suportar o peso de Bruna, mas tornava-se leve quando a sua mestra precisava de a brandir com a ligeireza com que Ahmann brandia a Lança de Kaji. Era uma clava, derrubando os tolos que atravessassem entre ela e os seus pacientes, e também um chicote com que podia atingir a mão de uma rapariga, fazendo-a sentir dor eletrizante. Nunca deixava marca, mas doía durante longos minutos.

Bruna não golpeava Leesha com frequência ou sem motivo. De cada vez que o fizera, fora uma lição. Uma lição que significaria a diferença entre vida e morte. Como um truque da memória, os golpes tinham-na impedido de repetir comportamentos tolos, recordando-lhe o poder e a responsabilidade do avental das Herbanárias. Registara cada um no seu diário, mas conhecia os relatos de cor.

– Como se joga? – perguntou.

– Começa tu – disse Jizell. – Quando foi a primeira vez que Bruna te bateu e que aprendeste com isso?

– Misturei raiz-cinza com semente de ovara, achando que curaria a dor de cabeça de Merrem Açougueiro – contou Leesha. Sorriu, batendo com as mãos e tornando a voz mais aguda para imitar o guincho de Bruma. – Rapariga estúpida! Achas que ficar cego durante uma semana é melhor que uma maldita dor de cabeça?

Riram-se as três. A sensação tornara-se quase desconhecida para Leesha. E, por um momento, a preocupação serenou.

– Agora eu! – gritou Vika.

Rojer não sentia grande vontade de ensaiar com Kendall e as suas esposas enquanto a caravana cobria lentamente os quilómetros do percurso. Nem atividades mais prazerosas conseguiam interessá-lo. Tivera uma corda ao pescoço durante anos e conseguia sentir o nó a começar a apertar. Mantinha-se sentado, afinando o violino em busca de uma melodia de perfeição impossível.

Nunca a encontrarás, dissera Arrick. *Mas isso não significa que devas deixar de a procurar.*

As mulheres sentiram a sua disposição, permitindo-lhe que pensasse enquanto jogavam jogos de tabuleiro krasianos e liam passagens do Evejah a Kendall. Riram-se e o som agradou a Rojer, mesmo sem conseguir partilhar a boa disposição. Era impossível perceber o que os esperava em Angiers. Kendall, com o seu talento para encantar nuclitas, chamaria a atenção do duque. Se tentasse apoderar-se dela, teria mais um motivo para impedir que partissem.

O Outeiro tornara-se tão grande que uma viagem de um dia inteiro a partir do centro mal conseguiu levá-los até à fronteira. Mas, finalmente, chegaram a uma estalagem. As noites seguintes seriam passadas em tendas, algo que nunca agradara a Rojer. A tenda de Amanvah tinha a dimensão de um pavilhão, com meia dúzia de criados ocupando-se de todas as suas necessidades mas sem conseguirem proporcionar-lhes um colchão bem recheado. Rojer trocaria a tenda por um armário de vassouras se as paredes fossem sólidas e bloqueassem o ruído dos nuclitas.

A estalagem fora evacuada para receber a caravana real, mas o conde jantou nos seus aposentos. Leesha não foi convidada para se juntar a ele, algo muito eloquente nas minúcias da política do chá angierana.

Jasin também não esteve presente, mas isso não surpreendeu ninguém. Pareceu tão empenhado em evitar Rojer como Rojer se empenhava em evitá-lo a ele.

Amanvah também preferiria isolar-se, mas Rojer não o permitiu, convidando sonoramente Leesha, Gared e Wonda para se juntarem a eles na sala de jantar. Aprendia a forma como os costumes krasianos funcionavam em seu benefício, não podendo as suas jiwah recusar um convite depois de ser feito. Sikvah ocupou meia cozinha, intimidando os criados e ocupando as criadas dal’ting de Amanvah do serviço da sua mesa. Só o Criador sabia o que poderia acontecer se alguma criada ofendesse Sua Alteza curvando-se da forma errada.

Jizell e Vika ocuparam outra mesa com algumas aprendizas, todas perfeitamente satisfeitas por serem servidas por outeireiros. Coliv manteve-se de pé junto à parede, observando tudo e mantendo-se rígido como um poste. Rojer nunca o vira comer.

– Fala-nos deste duque Rhinebeck, marido – pediu Amanvah entre pratos. – Conheceste-o, não?

– Sim, um pouco – respondeu Rojer. – Quando mestre Arrick era o arauto real. Aprendi a ler na biblioteca do palácio.

– Terá sido maravilhoso – considerou Leesha com um suspiro melancólico.

Rojer encolheu os ombros.

– Suponho que sim. Mas não conseguia esperar pelo regresso ao violino e às acrobacias. Mestra Jessa insistiu que aprendesse as letras e Arrick deu-lhe razão.

– Mestra Jessa era a Herbanária Real? – perguntou Leesha.

– Não exatamente – disse Rojer.

Leesha semicerrou os olhos enquanto dizia:

– Herbanária Daninha.

Rojer acenou com a cabeça.

– O que é uma Herbanária Daninha? – perguntou Amanvah.

– Dar-te-ias bem com elas. – Foi notável a forma como Leesha tornou cortantes as suas palavras. Tinha um talento natural. – A Herbanária Daninha é a envenenadora real.

Amanvah manifestou a sua concordância com um aceno de cabeça.

– Uma grande honra para uma serva de confiança.

– Não há qualquer honra no veneno – disse Leesha.

– É mais complexo que isso – afirmou Rojer. Enfrentou o olhar de Leesha. – E não permitirei que fales assim de mestra Jessa. Foi o que mais se aproximou de uma mãe desde a morte da minha. E o Criador sabe que mordo a língua para não falar de Elona.

Leesha fungou.

– É justo.

– Vi o duque pelo palácio ocasionalmente – referiu Rojer. – Normalmente, a caminho do bordel real ou de lá regressando. Há um túnel privativo que usa com os irmãos para poderem visitá-lo sem serem vistos.

– Claro que sim. – Leesha cortou a carne no prato como se amputasse um membro.

– Isso é comum também em Krasia – disse Amanvah. – Os homens poderosos deverão ter muitos filhos.

– Criador, nem pensar – replicou Rojer. – Todas as raparigas de Jessa bebem chá de pómulo. Não pode haver bastardos reais espalhados pela cidade. – Leesha fixou nele um olhar venenoso e Rojer tossiu.

– Elas... – Amanvah hesitou como fazia quando procurava a palavra certa em thesano. – Estas Jiwah Sen usam ervas para evitar as crianças?

– Nojento – considerou Sikvah. – Que tipo de mulher se tornaria kha’ting?

– Não são Jiwah Sen – explicou Leesha a Amanvah. – São heasah.

Amanvah e Sikvah aproximaram as cabeças ao ouvir aquilo, trocando sussurros rápidos em krasiano. Rojer não conhecia a palavra, mas conseguia adivinhar o seu significado. Aquela conversa tornava-se mais desconfortável a cada segundo que passava.

Amanvah endireitou as costas, parecendo esculpida num bloco de dignidade pura.

– Não discutiremos tais assuntos no local onde partimos o pão em nome de Everam.

Rojer apressou-se a fazer uma vénia.

– Claro. Estás certa, Jiwah Ka.

– Fala-me mais do clã Rhinebeck – pediu Amanvah. – De que forma afirmam descender de Kaji?

– Não afirmam tal coisa – disse Rojer.

– Então de que forma afirmam descender do antigo rei da vossa Thesa? – Amanvah agitou a mão com impaciência. – Os nossos eruditos consideram que a linhagem do rei deverá remontar aos herdeiros nortenhos do primeiro Libertador para que o trono seja legítimo.

– É possível – disse Rojer –, mas não diria tais coisas na corte. Os Rhinebeck não têm mais do que uma pitada de sangue real.

– Hã? – disse Leesha.

– Merda de demónio – exclamou Wonda. – Se a duquesa Araine não é realeza, ninguém será.

– Sim, Araine faz parte da realeza – afirmou Rojer. – Casou com o filho de Rhinebeck I num esforço para legitimar o seu golpe. Mas Rhinebeck I era um primeiro ministro sem qualquer sangue real. Inventou a máquina de cunhagem de klats e diz-se que ficou com uma das cinco máquinas feitas. Quando o velho duque morreu sem filhos, passara a ser o homem mais rico de Angiers e todas as casas nobres que aspiravam ao trono eram suas devedoras.

Amanvah sorriu.

– O teu povo é diferente do meu, marido, mas não assim tão diferente.

– É este o problema de Rhinebeck III – declarou Rojer. – Se morrer sem um herdeiro, são numerosas as famílias com aspirações tão legítimas ao trono como as dos seus irmãos. Talvez consigam manter-se no poder, mas pagarão um preço e tornarão a sucessão suscetível a interferências do Norte. Os klats têm o seu valor, mas Euchor conseguirá encher os cofres dos inimigos com ouro.

– Não é a única coisa com que poderá enchê-los – disse Leesha. Mas não elaborou.

Deixaram para trás o Outeiro no segundo dia, mas a estrada estava bem guardada, com locais de acampamento a intervalos regulares. Progrediram a bom ritmo depois do anoitecer, aproximando-se da guarnição de Soldados de Madeira na fronteira do território de Thamos.

Rojer saiu da carruagem assim que a caravana parou, esticando os braços inquietos no seu aquecimento de acrobata.

– Enlouqueceste? – perguntou Gared, desmontando de Derrocada, o seu enorme cavalo angierano, com a facilidade de qualquer um dos comandantes de cavalaria de Thamos.

– Precisava de me esticar – disse Rojer.

– Sim – admitiu Gared. – Deve ser muito cansativo dormir sobre peles macias o dia inteiro com três mulheres.

Rojer sorriu.

– Se é isso que pensas, a duquesa precisa de te encontrar uma noiva com maior urgência do que pensávamos.

Gared riu-se e Rojer resignou-se à habitual palmada nas costas com que o grande Lenhador costumava acompanhar as gargalhadas.

Derrocada virou-se para eles e Gared ergueu uma grande maçã na mão. O animal arrancou-lha aos dedos com uma dentada que facilmente arrancaria a cabeça a um homem adulto e voltou para trás, mastigando em silêncio enquanto Gared lhe escovava o pescoço.

Rojer abanou a cabeça.

– O Gared Lenhador que conheci há um ano mal sabia distinguir entre a frente e a traseira de um cavalo.

– Há uma estação, acontecia o mesmo – concordou Gared. – Conseguia ir daqui ali, mas nunca gostei das malditas bestas. – Olhou o cavalo, orgulhoso como se lhe fizesse um favor ao permitir ser escovado. – Mas o velho Derrocada não tem paciência para madeira verde.

– Um belo exemplar de cavalo – disse o conde Thamos. – Perdoa-me, barão, mas gostava de ter sido o primeiro a vê-lo. – Rojer voltou-se, vendo que Jasin seguia o conde como um cão. Com o cuidado de se manter longe do seu alcance.

– A oferta mantém-se, Alteza – respondeu Gared, estendendo as rédeas com um sorriso. – Se aguentardes um minuto na sela, o cavalo é vosso.

Derrocada relinchou e Thamos curvou-se com uma gargalhada.

– Reconheço dados viciados quando os vejo, barão. Contentar-me-ei sabendo que cavalgas às minhas ordens.

– Sim – disse Gared, hesitando apenas por um momento. Com a partida de Arlen, tornara-se cada vez mais dependente do conde. Se o Homem Pintado não regressasse, não tardaria a ser em tudo um dos homens de Thamos.

– A estrada que temos pela frente não está guardada – disse Thamos. – O comandante da minha guarnição diz que o aumento do tráfego atraiu grande número de demónios. Abrandará a marcha, mas parece-me que não deveremos viajar durante a noite daqui em diante.

– Disparate – discordou Leesha, aproximando-se. Thamos viu-a e não demorou a afastar o olhar. – Temos armas guardadas e guerreiros hábeis. Se o teu irmão não sabe guardar as suas estradas e mantê-las desimpedidas, o Outeiro deverá oferecer o seu auxílio.

Thamos firmou o maxilar. Por fim, ergueu os olhos.

– Temos guerreiros, sim. Também temos Herbanárias, dignitários estrangeiros e Jograis. Não são pessoas preparadas para se erguerem na noite.

Leesha fungou.

– Rojer conseguiria proteger a caravana inteira sozinho.

Ei, não me envolvas nisto, pensou Rojer.

– Como te atreves a falar nesses termos a Sua Alteza, Herbanária? – questionou Tom-Dourado. – O príncipe Thamos comanda os Soldados de Madeira. Não precisa dos teus conselhos militares. De qualquer forma, os acampamentos daqui em diante estarão repletos de mendigos por estes dias. Durante a viagem até ao Outeiro, precisámos de enviar tropas avançadas para os expulsar antes de acamparmos e, sem dúvida, as ratazanas imundas regressaram depois da nossa passagem.

Houve um momento de silêncio atordoado e, a seguir, todos olharam Jasin, que se encolheu sob a intensidade dos olhares combinados. Gared cerrou os punhos gigantescos e Wonda pousou uma mão no arco pendurado da sua sela.

A voz de Thamos era grave e perigosa.

– Dizes-me, arauto, que expulsaste camponeses das suas guardas antes do anoitecer no teu caminho para o Outeiro?

Jasin empalideceu.

– Foi-me ordenado que viesse até vós com a máxima pressa...

Thamos moveu-se com velocidade inacreditável para um homem de armadura, aproximando-se e golpeando Jasin violentamente com as costas da mão, fazendo-o cair.

– Estavam sob a proteção do meu irmão! – gritou. – São refugiados

expulsos das suas casas. Não são mendigos nem bandidos!

Jasin foi sensato e manteve-se no chão. Thamos pontapeou-o e fê-lo rebolar.

– É assim que representas a coroa? Enviando para as suas mortes os que nos procuram em busca de auxílio?

Jasin ajoelhou-se diante do conde enraivecido, unindo as mãos como num gesto de oração.

– Por favor, Alteza. Foi uma ordem do duque.

Todos se tinham aproximado para assistir à cena ou enfiaram as cabeças para fora das carruagens. Não apenas os viajantes, mas também os Soldados de Madeira da guarnição, esperando a ordem de Thamos. Todos equipados com armas e armaduras guardadas.

O conde voltou-se para eles.

– Os Soldados de Madeira estão assim tão mal preparados que não consigam montar os seus próprios acampamentos? Precisam de expulsar os fracos para a noite?

O capitão da guarnição avançou, pousando um joelho no chão diante de Thamos.

– Não, Alteza, não estamos. Mas o arauto diz a verdade. Foi o duque Rhinebeck a assinar pessoalmente o decreto ordenando que todos os que usassem os acampamentos reais sem autorização fossem expulsos.

Surgiram rugas na face de Thamos enquanto firmava novamente o maxilar.

– O meu irmão não precisa de olhar os camponeses nos olhos quando os condena. Os teus homens fizeram-no.

O capitão baixou ainda mais a cabeça.

– Sim, senhor. O Criador julgar-nos-á.

– Basta! – gritou Thamos. A sua voz subiu gradualmente de tom enquanto falava diretamente aos soldados. – Talvez não tenha sido suficientemente claro no que espero dos teus homens. Mas ouçam bem o que direi agora para que nenhum de vós possa alegar ignorância mais tarde. Cabe-vos defender todas as vidas humanas em Angiers. Deverão protegê-las e não expulsá-las da segurança das suas guardas. Tal como não deverão intimidá-las, vigarizá-las ou aceitar subornos. Não deverão tocar nas suas mulheres. Fui claro?

– Sim, comandante! – gritaram os soldados em uníssono.

– FUI CLARO? – gritou Thamos pela segunda vez.

– SIM, COMANDANTE! – trovejaram os homens.

Thamos acenou com a cabeça.

– Muito bem. Porque quem esquecer o que disse será enforcado na Praça dos Traidores como exemplo para os restantes.

Rojer viu Leesha fitando-o com lágrimas nos olhos. Quando o conde afastou o olhar da multidão, aproximou-se dele, mas este afastou-se com ligeireza, vindo até Gared.

– General, prepara os homens. Avançaremos pela estrada depois do anoitecer, destruindo os demónios que encontrarmos pelo caminho.

Gared bateu com um punho no peito.

– Vamos ceifá-los como erva, Alteza.

Thamos voltou-se para Rojer.

– Apesar da garantia de mestra Leesha, não desejo ver qualquer um dos convidados do duque exposto a riscos desnecessários. Usarás os teus encantamentos para afastar os demónios das carruagens?

Rojer curvou-se.

– Certamente, Alteza.

– Não podeis falar a sério – disse Jasin. – Devemos confiar as nossas vidas a este...?

Thamos voltou para ele um olhar no limite da sua paciência.

– A este quê?

Era um prazer tão grande ver Tom-Dourado encolher-se. Rojer pensou que talvez pudesse ter uma oportunidade. Faria a Guilda dos Jograis segredar a sua vilania aos ouvidos certos...

Não conseguiu impedir-se de torcer a faca na ferida.

– Não receies, Canção-de-Segunda, os demónios não se aproximarão de ti. – Esboçou o seu sorriso mais trocista. – A não ser que o deseje.

Rojer percebeu que tinha sido um erro mal acabou de o dizer, mas a forma como Tom-Dourado empalideceu justificou o risco.

Leesha continuou a tentar captar a atenção de Thamos, mas o conde afastou o olhar antes de se afastar. Os Soldados de Madeira seguiram-no, bloqueando-lhe o acesso. Ficou imóvel por um momento. A seguir, virou-se e entrou na carruagem.

Leesha espreitou a escuridão do outro lado da janela da carruagem e, desta vez, Jizell foi sensata e deixou-a entregue aos seus pensamentos. Atrás, Rojer e Kendall erguiam-se no telhado da carruagem furta-cores, fazendo soar os violinos enquanto Amanvah e Sikvah se sentavam no banco do cocheiro, cantando em harmonia.

Com os seus óculos guardados, Leesha viu os nuclitas fora da barreira

que criavam. Conseguiam ver a caravana, demasiado grande para ser escondida pela música de Rojer, e seguiam a sua progressão lenta, mas, sempre que se aproximavam demasiado, a dor fazia-os recuar.

Leesha compreendia-os bem. O som produzido pelo quarteto era violento, composto por notas discordantes que provocavam pontadas dolorosas intensificando a sua dor de cabeça constante até aplicar tampões de cera derretida.

Mas, mesmo com o ruído do mundo abafado, conseguia ouvir os guinchos e os gritos enquanto Lenhadores e Soldados de Madeira abriam um caminho entre os nuclitas suficientemente tolos para se atravessarem na estrada.

Eram auxiliados pelo quarteto de Rojer. Os que precisavam de repousar conseguiam recuar facilmente para a zona segura criada pela música e os que combatiam beneficiavam da distração dos adversários pelos sons dolorosos.

Leesha olhou tristemente os cadáveres dos demónios empilhados junto à estrada, esperando o sol. Momentos antes, eram o inimigo num combate mortal. Naquele momento... eram baterias, combustível para os seus encantamentos. Desejou ter Lenhadores disponíveis para recolher toda aquela riqueza, enviando-a de volta ao Outeiro, mas precisariam de todos os outeireiros disponíveis quando chegassem a Angiers. Tantos ossos desperdiçados.

Horas depois do anoitecer, alcançaram a primeira clareira de acampamento referida pelo arauto do duque. Estava preenchida com uma massa compacta de refugiados de aparência rizonana, recuando perante o avanço da caravana. Os seus postes guardados tinham sido improvisados e as guardas pintadas nas carruagens parcialmente arruinadas eram demasiado grandes e apressadas, com os seus autores procurando compensar com o tamanho o que lhes faltava em talento. Cobriam-se com peles esfarrapadas e tinham apagado as fogueiras para não atraírem demónios que a frágil rede de proteção não conseguisse repelir. Muitos recolhiam pertences como se pretendessem fugir para a noite desprotegida.

Thamos falou-lhes, erguendo a voz.

– Não temam, bom povo! Sou o conde Thamos, príncipe de Angiers e senhor do Condado do Outeiro. Estão todos sob a minha proteção. Por favor, permaneçam dentro das vossas guardas. Nenhum mal vos sucederá! Temos alimento e cobertores para dispensar e fortaleceremos as vossas guardas antes de partirmos. Se houver feridos entre vós, tragam-nos para serem tratados pelas nossas Herbanárias. São todos bem-vindos no abrigo

do Outeiro, se o desejarem.

As pessoas começaram a falar entre si depois de ouvirem aquilo. Alguns reagiram com gritos de júbilo esgotados, mas outros olharam com desconfiança, sem dúvida recordando a passagem de Jasin. Leesha não os censurava por isso.

Enquanto a caravana parava, Leesha e as outras Herbanárias anteciparam-se aos avanços da multidão. Ver os seus aventais com bolsos descansou-os. Vários, alguns com ligaduras, outros coxeando ou tossindo, avançaram com olhares esperançosos.

– Terei de me ocupar das guardas – disse Leesha a Jizell.

– Claro – replicou esta. – Conseguirei ocupar-me de uns arranhões e narizes pingando juntamente com as minhas raparigas.

Mas, enquanto se aproximavam, mais e mais cabeças espreitavam do interior das carroças e do espaço sob elas. Homens, mulheres e crianças de todas as idades. O que parecera um pequeno acampamento albergava perto de cem pessoas, mais do que a caravana inteira.

Leesha voltou-se quando Wonda surgiu a seu lado.

– Quero que patrulhes o perímetro com o teu arco até ficar satisfeita com a solidez das guardas.

– Perdoa-me, mestra, mas será melhor que fique contigo. Não conheço esta gente e disseste que as guardas não são seguras.

Leesha fixou nela um olhar paciente.

– Consigo cuidar de mim durante uns minutos, querida. Ainda conheço um truque ou dois.

– Sim – disse Wonda, nada tranquilizada. – Mas...

Leesha pousou uma mão no ombro da rapariga.

– Proteger-me-ás se os protegeres a eles. – Indicou os refugiados esfarrapados, famintos, assustados. – Há meses que esta gente não sabe o que é a segurança, Wonda. Dá-lhes isso por mim, por favor.

– Sim, mestra. – Wonda fez uma das suas vénias atabalhoadas e partiu, abrindo os punhos da blusa e arregaçando as mangas para expor as guardas de caulinegra. Leesha sabia por experiência própria que nada deixava as pessoas mais seguras do que verem quem os protegia destruir um demónio com as mãos nuas.

Jasin estava com o conde Thamos enquanto Leesha se aproximava da caravana.

– Ficar dentro da carruagem? Mas estou...

– A esgotar a minha paciência – concluiu Thamos. – A tua carruagem está bem guardada. Esta gente não sabe o que isso é. Expulsaste-os para a

morte e agradeço que te afastes antes de prejudicares ainda mais a reputação do trono de hera.

O arauto voltou para dentro da carruagem e, por um breve momento, Thamos ficou sozinho. Leesha queria ir até ele, mas não era o momento certo. Nem sequer sabia o que lhe diria. Só queria voltar a olhá-lo.

Mas havia trabalho para fazer. Jizell e Vika tinham instruído às suas aprendizas que separassem os feridos e Rojer dava cambalhotas e atirava ao ar punhados de sementes voadoras tingidas que refletiam a luz das chamas enquanto alguns dos refugiados aplaudiam com gritos de júbilo. Atirou bombinhas de estalo aos pés de crianças que há meses não teriam motivo para sorrir. Afastaram-se com saltos, guinchando de deleite.

Os refugiados olhavam Amanvah e Sikvah com medo, mas Kendall liderava o trio, facilitando a aceitação das princesas krasianas. Pouco depois, faziam um grupo de mulheres ensaiar uma canção de proteção.

Leesha caminhou junto ao perímetro, examinando a rede de guardas. Era como temia. Os Guardadores naquele grupo não eram completamente incompetentes, mas usavam guardas para um círculo num acampamento oval. As guardas numa proteção oval precisavam de forma diferente, um truque conhecido apenas por Guardadores exímios. Não havia buracos visíveis na rede, mas a magia não se distribuía de forma regular, deixando pontos fracos que poderiam ser explorados por um demónio poderoso ou por um grupo de nuclitas trabalhando em conjunto.

Concentrou-se nas guardas e, durante algum tempo, esqueceu as outras preocupações. Limitou-se a ajustar alguns postes guardados, rodando-os ligeiramente. Outros foram retocados com pincel e tinta, reparando guardas ou substituindo-as por inteiro. Era como limpar sedimentos de um ribeiro. Leesha via a mudança no fluxo da magia enquanto trabalhava. Pouco depois, a rede inteira brilhava intensamente perante os seus olhos guardados.

Um clarão captou-lhe a atenção fora do acampamento. Leesha olhou com maior atenção, esperando ver um demónio da rocha, mas, em vez disso, viu Arlen Fardos.

Pestanejou. Estava cansada e finalmente sozinha, como desejara durante tanto tempo. Os seus pensamentos teriam divagado?

Mas não. Era Arlen, acenando-lhe de uma fileira de árvores além da luz guardada.

– Leesha!

Conseguia ver a magia com que carregou a palavra, levando-a apenas até aos seus ouvidos.

Olhou em redor. Ninguém lhe prestava atenção. Passou uma carroça no perímetro e afastou-se para longe da vista dos outros enquanto continuava a fitar a noite.

– Leesha! – voltou a chamar Arlen, gesticulando-lhe que se aproximasse.

– Mostras-te, finalmente. – Leesha cobriu-se com a Capa de Invisibilidade e correu pela noite fora antes que alguém desse pela sua ausência. – Espero que tenhas boas respostas para me dar – exclamou depois de chegar às árvores sem ser vista pelos refugiados ou pelos guardas do acampamento.

Mas Arlen não estava lá.

– Leesha! – Viu-o mais longe, onde o arvoredo se tornava mais denso. Virou-se e desapareceu nas sombras, gesticulando-lhe que o seguisse.

Leesha franziu a testa, correndo atrás dele.

– Tens assim tanto medo de ser visto?

Arlen não respondeu e apressou-se a alcançá-lo. Estava no limite da sua visão. A luz guardada que emitia tremeluzia enquanto passava entre as árvores.

No momento seguinte, perdeu-o de vista. Seguiu em frente durante mais algum tempo, mas não havia vestígios.

– Leesha. – Vinha de um dos lados. Ter-se-ia confundido entre as árvores? Correu nessa direção.

– Perco a paciência muito depressa, Arlen Fardos – silvou, percebendo que não se mostrava.

– Leesha. – Atrás dela. Voltou-se, mas não havia ninguém.

– Não tem graça nenhuma, Arlen – exclamou. – Se não te mostrares dentro de cinco segundos, volto para o acampamento.

Se recordar o caminho, pensou. Todas as árvores à sua volta tinham o mesmo aspeto e os ramos, cobertos ainda com as folhas amarelas do outono, não permitiam que visse o céu com clareza.

– Leesha. – À esquerda. Voltou-se, mas viu apenas um brilho difuso na escuridão entre as árvores, com a névoa da magia cobrindo o chão da floresta.

– Leesha. – Outra vez atrás de si. Começou a perceber, mas era demasiado tarde. Os chamamentos rodeavam-na.

– Leeeesha. – Deixara de lhe parecer a voz de Arlen. Nem sequer parecia uma voz humana.

– Leesha Papel. – Ouvir o apelido acrescentado arrepiou-a.

Leeshaaaa.
Leesha Papel Leesha Papel Leesha Papel Leesha Papel Leesha Papel Leesha Papel.
Leesha Papel Leesha Papel Leesha Papel Leesha Papel.
Leesha Papel.

Descreveu um círculo lento, vendo o movimento entre as árvores. Nuclitas. Era impossível saber quantos. Meia dúzia pelo menos, com um mimético liderando-os. Não conseguiam vê-la com a Capa de Invisibilidade, mas conseguiriam apertar o nó até a apanharem ou até sucumbir ao medo e fugir. A capa de pouco lhe serviria se fosse forçada a correr.

Idiota. Leesha censurou-se em silêncio ao recordar as palavras de Renna. *Os demónios da mente conhecem-vos. Atacarão se tiverem oportunidade.*

De certa forma, era elogioso que os demónios da mente desejassem a sua morte. Um pesadelo elogioso. Achara-se segura entre Luas Novas, mas, aparentemente, os miméticos não partilhavam a intolerância dos seus mestres ao luar.

E são mais inteligentes do que julgamos, admitiu a si mesma. Aquele demónio em particular fizera-a ser tola e entregar-se às suas garras.

Sentiu um formigueiro no ventre e recordou que não era só ela a correr perigo. Entregara duas vidas às garras dos demónios. Precisava de voltar para o abrigo em segurança.

Viu uma pequena clareira e dirigiu-se nessa direção, desabotoando um bolso fundo no seu vestido. Introduziu a mão, alcançando o osso longo e fino que tirara do braço do demónio da mente, afiando a extremidade e decorando-o com guardas antes de o cobrir com ouro. Era a sua varinha de hora.

Levou a mão livre a uma bolsa no cinto, espalhando klats guardados atrás de si.

Venham daí, filhos do Núcleo, pensou, abrindo a capa. *Ainda não me apanharam.*

Vieram. Dois demónios da madeira surgiram entre as árvores, movendo-se com velocidade aterradora.

Mas não conseguiram ser mais rápidos que a guarda contra demónios da madeira que Leesha traçou com a varinha de hora. O símbolo pairou no ar, brilhando diante da sua vista guardada. Quando os demónios embateram contra ele, a sua magia foi-lhes roubada e usada para os projetar de volta para as árvores. Guincharam e desapareceram entre o ruído dos ramos

partidos.

Se aquilo não fosse suficiente para chamar auxílio, Leesha apontou também a varinha para cima, traçando uma guarda luminosa. Como um flautista mudando de nota, moveu os dedos sobre as guardas, conferindo maior poder ao símbolo. Brilhou intensamente, transformando a noite em dia.

Um demónio da chama cuspiu, mas traçou uma conduta no ar e o poder foi absorvido. A varinha aqueceu-lhe a mão e tudo o que a tocou foi o hálito nauseabundo do nuclita. Canalizou o poder para uma guarda de impacto e foi esmagado como um rato sob a bota de Gared.

Ouviu um guincho vindo de trás e um demónio da madeira pisou os seus klats. O som foi interrompido quando o nuclita parou de se mover, com uma camada fina de gelo cobrindo a sua armadura semelhante a casca de árvore. Seguiu-se um gemido agudo enquanto o demónio tentava forçar os membros a moverem-se e uma fratura lhe surgia no peito, emitindo o som de um pingente de gelo caindo de um alpendre. Leesha mirou a fratura, traçando outra guarda de impacto.

O demónio desfez-se em fragmentos incontáveis, mas havia outros a caminho.

Um demónio dos campos saltou das árvores, mas a guarda de Leesha projetou-o com tanta força que atravessou um tronco grosso. Um bando de demónios da chama surgiu na clareira, mas, no momento seguinte, as suas garras fumegavam e raspavam contra uma parede de gelo. Congelaram por completo logo a seguir, com a luz laranja nos seus olhos e bocas perdendo a intensidade e tornando-se azul.

Leesha ouviu gritos enquanto os Lenhadores corriam em direção aos clarões e aos ruídos de combate, mas eram distantes e o mimético continuava a rodeá-la. Correriam em seu auxílio ou ao encontro das suas mortes? O mimético que tentara matar Rojer devastara Lenhadores e Sharum com igual facilidade até Rojer, Amanvah e Renna unirem esforços contra ele.

Leesha via-o entre as árvores, uma forma esguia e indefinida, movendo-se com grande velocidade. Apontou a varinha e disparou um raio de magia sem pensar na destruição que dele resultaria e esperando apenas que conseguisse anular a criatura. Troncos de árvore estilhaçaram-se e o chão tremeu, mas, como uma serpente, o mimético afastou-se, ileso.

A distração quase a destruiu. Um bando de demónios da madeira rodeou-o. Outro pisou um klat guardado e foi devorado pelas chamas enquanto a guarda térmica se ativava. Os outros, quatro ao todo, encontraram

caminho.

Um deles foi atingido por um frasco de ácido na cara, com os olhos fumegando enquanto os arranhava como louco, aumentando os estragos.

Leesha lançou mais klats com guardas elétricas que atingiram dois demónios, inutilizando-lhes os músculos com choques e estremeções.

Mas o último conseguiu aproximar-se demasiado para lhe permitir traçar uma guarda. Recuou, procurando a faca no seu cinto.

– Leesha! – gritou Thamos, embatendo com o seu escudo guardado contra o flanco do demónio. As guardas iluminaram-se e o nuclita foi projetado. Thamos ergueu-se na sua armadura brilhante e, por um instante, Leesha voltou a sentir-se segura.

A seguir, um grande tentáculo rodeou-o, projetando o conde sobre a clareira e fazendo-o embater violentamente contra uma árvore. Caiu ao chão e não se ergueu.

Leesha disparou um novo raio de magia contra o mimético, mas o alvo voltou a ser demasiado rápido. Atingiu-o de raspão, fazendo a criatura tombar, mas a maior parte do poder perdeu-se na floresta, reduzindo árvores seculares a lenha.

Sentia os ouvidos a zumbir, mas passara a ouvir ruídos de combate a toda a volta, com os outeireiros procurando passar o círculo de demónios e chegar até ela.

Traçou uma guarda contra miméticos no ar sobre Thamos, começando um círculo delas para se proteger a si mesma.

Devia ter começado por si. O mimético atacou com um tentáculo fino, prendendo-lhe o pulso e desequilibrando-a, tornando impossível traçar qualquer guarda. Procurou nos bolsos do avental enquanto era arrastada, mas os seus truques esgotavam-se.

Uma flecha guardada cortou o tentáculo com facilidade e Leesha caiu de costas quando deixou de ser puxada. O tentáculo começou a palpitar, brilhando enquanto pingava sangue negro nauseabundo. Leesha afastou-o de si, horrorizada.

Mais três flechas atingiram o corpo do mimético, fazendo-o estremecer com cada clarão de magia. O demónio gritou, com a carne parecendo derreter para se afastar dos projéteis. As flechas caíram ao chão, mas, nesse momento de distração, Wonda conseguiu aproximar-se, saltando quase cinco metros no ar e aterrando com um golpe violento do punho guardado sobre a sua cabeça.

O demónio caiu ao chão, esmagado como uma figura de barro macio atingida por uma clava. Mas o barro voltou a adquirir forma como que

moldado por mão hábil, voltando a erguer-se de forma mais ameaçadora que antes, coberto com espigões e arestas cortantes.

Wonda estava pronta para ele. As suas mãos e antebraços guardados defletiram-lhe os golpes e as guardas de impacto nos nós dos dedos atingiram-no como uma caixa cheia de paus de trovão. Uma dúzia de tentáculos afiados como lâminas foram lançados na sua direção, mas a rapidez de Wonda superou tudo o que Leesha pudesse ter esperado, ficando quase tão rápida como Renna Fardos.

E lutava como Arlen, rodopiando, dando piruetas e saltando sobre os tentáculos como uma mosca evitando o mata-moscas. A cabeça do demónio transformou-se numa cabeça de demónio da chama e cuspiu fogo na sua direção, mas Wonda afastou os dedos e o calor e a magia foram absorvidos, acrescentando poder aos seus golpes.

Aproximou-se mais, com os braços vibrando como asas de colibri enquanto puxava flechas da aljava, cravando-as no demónio sem precisar de usar o arco. O grito da criatura foi uma cacofonia dolorosa de mil horrores gritando em simultâneo.

Um novo tentáculo projetou-se da massa central que constituía o corpo do demónio, atingindo Wonda em cheio e fluindo à sua volta como se pretendesse unir as suas extremidades, prendendo-a. Ficou imobilizada, com os membros guardados indefesos contra o tronco, incapaz de se libertar de mãos inexistentes.

Leesha ergueu a varinha, mas o mimético percebeu o movimento, usando Wonda como escudo.

– Não te contenhas, mestra Leesha! – gritou Wonda. – Mata-o enquanto podes!

– Não sejas ridícula – disse Leesha. Mas manteve a varinha erguida e pronta, sentindo a mente acelerada. Os ruídos do combate rodeavam-nos, mas o mimético teria trazido nuclitas em número suficiente para a armadilha, porque nenhum outro auxílio chegou à clareira.

– Que queres? – perguntou Leesha à criatura, esperando conseguir ganhar alguns segundos para pensar.

O demónio inclinou a cabeça com curiosidade, fazendo lembrar um cão repreendido. Sabia que lhe falavam, mas não conseguia compreender as palavras.

Não tem inteligência suficiente para falar, pensou Leesha. *Mas, mesmo assim, conseguiu aprender o meu nome e atrair-me até aqui.*

Um guincho agudo encheu o ar e o demónio ergueu a cabeça, urrando. Até Leesha precisou de cobrir os ouvidos. Voltou-se e viu Sikvah agachada,

tocando a gargantilha e projetando um grito que fez a carne do demónio desfazer-se como se fosse devastada por um tornado. Como conseguira aproximar-se tanto da clareira quando os outros não tinham conseguido?

Nesse momento, uma lança projetou-se do peito do mimético, com a magia tingindo a lâmina com um laranja incandescente. Thamos apoiou a haste no chão e usou toda a sua força, atirando o demónio ao chão.

Mas o mimético limitou-se a adquirir novos membros, equilibrando-se antes do embate. A sua cabeça mudara de forma, assemelhando-se a uma serpente sem ouvidos que pudessem ser afetados pelo grito de Sikvah.

O último mimético que tinham enfrentado precisara de vários minutos para se adaptar a um ataque sónico. Aquele fizera-o em segundos.

Foi avisado, percebeu Leesha. *Aprendem os nossos truques.*

O mimético voltou a atacar Thamos, mas, daquela vez, o conde estava preparado, defletindo-o com o escudo. Leesha traçou uma guarda de congelamento no ar e o tentáculo que prendia Wonda partiu-se, fazendo-a cair de costas enquanto tentava libertar-se do anel de carne demoníaca que a prendia.

Tendo finalmente um alvo desimpedido, Leesha ergueu a varinha para destruir o demónio, mas o hora tinha sido drenado e conseguiu apenas projetá-lo debilmente.

Leesha atirou os klats que lhe restavam, sem pensar no efeito que poderiam ter. O demónio já tinha sido queimado, eletrocutado, congelado e empurrado, mas parecia mais irado do que ferido e o seu corpo voltava a readquirir a forma segundos depois, sarando os estragos.

Transformou-se num demónio da rocha, mas com oito braços longos de obsidiana em vez de dois. Cada aresta da armadura parecia afiada, mas não tanto como as garras pérfidas em cada membro, fazendo lembrar punhais de vidro.

Um movimento dos braços atirou Thamos para o lado, quebrando-lhe a lança, prendendo-lhe o escudo e quebrando as correias que o prendiam. Ficou pendurado do braço, mais empecilho que utilidade.

O demónio saltou em direção a Leesha, mas Thamos gritou, atravessando-se no seu caminho. As guardas na sua armadura salvaram-nos aos dois, mas o conde foi projetado contra ela. Leesha sentiu as suas mãos poderosas prendendo-lhe os braços, torcendo-se para absorver o impacto enquanto batiam contra o tronco partido de uma árvore de madeira dourada outrora grandiosa.

Abraçaram-se enquanto o mimético atacava, mas, nesse momento, um relâmpago ergueu-o do solo, projetando-o três metros.

Amanvah erguia-se no limiar da clareira, segurando o que parecia ser uma grande pepita de ouro brilhando com magia. O demónio começou a recuperar a sua forma e atingiu-o com novo disparo, voltando a lançá-lo ao chão.

Rojer e Kendall ladeavam-na, com os violinos mantendo os nuclitas à distância enquanto a dama'ting usava o seu hora. Coliv mantinha-se distante, disparando triângulos de aço afiados contra o demónio, com as guardas em cada um destes provocando pequenos clarões de impacto.

O mimético voltou-se para a nova ameaça, mas Wonda conseguira desembainhar a faca e libertou-se. A bela farda que recebera da duquesa estava ensopada em sangue negro, mas brilhava com magia enquanto duplicava a intensidade do ataque.

O demónio começou a encolher-se diante dos golpes e Leesha percebeu imediatamente que pretendia fugir. Pensou em gritar um aviso, mas de que serviria? O mimético não conseguira matá-la e não lhe restava nada que pudesse usar contra ele. Quanto mais tempo durasse a batalha, maiores seriam as hipóteses de um deles morrer.

Uma pancada repeliu Wonda alguns passos e o demónio aproveitou para se desmaterializar e encontrar uma conduta de volta ao Núcleo.

Leesha fechou os olhos, encostando-se ao braço de Thamos enquanto a conduzia de volta à carruagem. Os outros afastavam-se e sentiu-se grata por isso. Se a proximidade da morte às mãos dos demónios era o preço a pagar para voltar a estar entre os braços de Thamos, parecia-lhe uma pechincha.

Thamos continuou a abraçá-la por um momento além do necessário quando chegaram à carruagem e Leesha voltou-se para ele, rodeando-o com os braços. Sentiu-lhe o peito expandir enquanto inspirava o cheiro do seu cabelo e, por um momento, permitiu-se ter esperança.

Mas Thamos recompôs-se, como se despertasse de uma fantasia desagradável. Soltou-a abruptamente, dando um passo atrás.

– A criança? – perguntou.

Leesha passou a mão pelo ventre.

– Parece-me que está bem.

Thamos acenou com a cabeça. O turbilhão de emoções na sua aura era difícil de interpretar. Voltou-se para partir, mas Leesha segurou-lhe um braço.

– Por favor – disse. – Não podemos conversar, pelo menos?

Thamos franziu a testa.

– Que há para discutir?

– Tudo – respondeu Leesha. – Amo-te, Thamos. Duvida de tudo o resto na criação, mas nunca duvides disso.

Mas a dúvida tingia a sua aura. Segurou-lhe a capa.

– E também me amas. É tão certo como o Sol nascer. Protegeste-me com o teu corpo.

– Teria feito o mesmo por qualquer mulher – disse ele.

– Sim – concordou Leesha. – É o tipo de homem que és, o homem que amo. Mas foi mais do que isso e sabe-lo bem.

– Que importa? – perguntou Thamos. – Não apaga a tua mentira. Deitaste-te comigo sob falsos pretextos para defender a tua reputação. Usaste-me.

Leesha sentiu as lágrimas inundando-lhe os olhos.

– Sim. E, se pudesse voltar atrás, fá-lo-ia.

– Há coisas que não permitem que voltemos atrás – disse Thamos. – Devo casar-me contigo, sabendo que, dentro de meio ano, me humilharás diante de Thesa inteira?

As palavras foram um bofetão, mas não tanto como as que se seguiram.

– É verdade que me amas, mas amas mais o bebé que trazes no ventre. Independentemente do que a sua existência custar em vidas e em honra.

Leesha começou a chorar.

– Queres realmente que mate o meu filho?

– É demasiado tarde para isso, Leesha. O momento para essa decisão perdeu-se nas semanas antes de me contares. – Thamos suspirou. – Não devia ter-te pedido que bebesses o chá das Herbanárias e peço-te desculpa por isso. Acho que não conseguiria amar uma mulher que fizesse algo assim apenas por lho ter pedido.

Leesha apertou-lhe o braço.

– Então é verdade que me amas!

Thamos afastou o braço.

– Poupa-me o espetáculo de Jogral, Leesha. O que sinto não altera nada.

Leesha recuou, magoada.

– Que pretende fazer-me a tua mãe?

Thamos encolheu os ombros.

– Se souber que estás grávida ou se tiver alguma suspeita acerca da identidade do pai, não fui eu a dizer-lho.

Leesha sentiu um ligeiro alívio. Era um consolo menor, mas não estava em posição de recusar bênçãos, por mais diminutas que fossem.

– Não te mentirei – disse Thamos. – Nem casarei contigo com o filho de

outro homem no ventre. A minha mãe não é tola. Será melhor que escolhas muito bem o que pretendes dizer-lhe.

DEZANOVE

POLÍTICA DO CHÁ

333 DR Inverno

Leesha espreitou entre as cortinas fechadas enquanto passavam pelas ruas de Forte Angiers. As pessoas tinham-se reunido para ver e apontar o cortejo. Até os Jograis haviam parado os seus números perante o desvio da atenção do seu público.

Muitos dos observadores trocavam sussurros enquanto as carruagens passavam. Outros gritavam como se nem sequer lhes ocorresse que poderia ouvir.

– É a bruxa das guardas e o seu mago do violino!

– A nova condessa do Outeiro!

– Pelas suas palavras, pareces absolutamente assustadora – disse Jizell.

– Sim – concordou Leesha, agitando os dedos e dando a sua melhor gargalhada malévola. – Cuidado com a bruxa das guardas para que não te transforme num sapo!

Jizell riu-se, mas Vika abanou a cabeça.

– É engraçado agora, com o sol a brilhar, mas os demónios que te atacaram pelo caminho não se riam. Não foi só uma pitada do pó cegante ou os fogos de Bruna a mantê-los à distância.

– Vika tem razão – considerou Jizell.

O cortejo parou diante do hospício e Leesha invejou Jizell e Vika por poderem sair da carruagem. Daria qualquer coisa para voltar atrás no tempo até um período em que a sua maior preocupação era o paciente seguinte no hospício de Jizell.

Bateu com os dedos no interior da carruagem e Wonda espreitou.

– Escolhe dois Lenhadores para guardarem o hospício e manterem à distância visitantes indesejados.

– Não é necessário... – começou Jizell.

– Faz-me a vontade, por favor – pediu Leesha. – Os homens obedecerão às tuas ordens, mas dormirei mais descansada se souber que estão aqui.

Jizell suspirou.

– Se terão de ser Lenhadores, prefiro que sejam mulheres. Afinal, estamos num hospício.

Leesha acenou afirmativamente e, no momento seguinte, duas Lenhadoras corpulentas tinham sido escolhidas. Ambas conseguiam passar a linha pelo buraco de uma agulha com as bestas, mas eram mais conhecidas pela ânsia com que enfrentavam demónios em combate corpo a corpo. A magia tornara-as maiores e mais fortes e seriam tão imponentes como qualquer homem quando se erguessem junto à porta com os braços cruzados.

Leesha ficou sozinha na carruagem durante o resto da viagem. Wonda sentava-se à frente, procurando sinais de ameaça em redor. Culpara-se pela emboscada a Leesha e, desde então, só a perdera de vista durante visitas à latrina. Mesmo nessas ocasiões, mantinha-se à espera a pouca distância. Suficiente próxima para ouvir coisas que deveriam ser privadas.

Ficar sozinha com os seus pensamentos pela primeira vez em dias foi como se um peso esmagasse a carruagem. Costumava precisar de tempo a sós como os outros precisavam de água, mas, ultimamente, ficar sozinha conduzia-a a sítios sombrios.

Parecia-lhe que Arlen a abandonara realmente. Perdera Jardir e Thamos nunca seria seu. Os demónios e Inevera desejavam a sua morte e a duquesa-mãe não tardaria a desejar o mesmo.

Foi um alívio ver finalmente o palácio do duque ao fundo da rua. Teriam passado realmente apenas seis meses desde a sua visita anterior? O mundo inteiro mudara. Quando aceitou a mão de Wonda para descer os degraus da carruagem, arqueando as costas com dignidade no seu melhor vestido de viagem, sentiu o peso sobre os ombros aliviar-se sob o sol do meio-dia. Araine não costumava perder tempo com palavras. Independentemente do que a esperasse, estaria concluído antes do anoitecer e seria melhor que assim fosse.

O primeiro ministro Janson esperava-os no pátio com o seu filho Pawl. Não seria digno ter a realeza à espera no exterior. Curvou-se quando Thamos se aproximou.

– Alteza, é um privilégio voltar a ver-vos.

Thamos pousou-lhe uma mão no ombro.

– E a ti, meu amigo.

– Espero que a vossa viagem tenha decorrido sem problemas – afirmou Janson.

– Dificilmente – referiu Thamos. – Fomos atacados por demónios na estrada e o teu sobrinho maculou a reputação do trono.

– Noite. Que fez agora o rapaz atoleimado? – resmungou Janson.

– Falaremos mais tarde – disse Thamos. – Sei que lhe querias dar uma hipótese como arauto, mas será mais adequado à ópera que à diplomacia.

As narinas de Janson inflaram, mas acenou afirmativamente, voltando-se para Leesha com nova vénia.

– É bom ver que também estás bem, mestra – disse, demorando o olhar no seu ventre. – Sua Senhoria convida-te e à tua guarda-costas para o chá da tarde depois de se instalarem e de terem tempo para se recomporem da viagem.

Rojer olhou Janson com cautela enquanto se aproximava juntamente com as suas esposas e não foi a primeira vez que pensou a que ponto o homem conheceria bem o seu sobrinho. A má sorte era comum também entre os inimigos do ministro. O que Jasin fizera poderia não o surpreender ou não o fazer rejeitá-lo, mas era provável que soubesse apenas que Jasin e Arrick tinham sido rivais.

O olhar do primeiro ministro foi imperscrutável enquanto os saudava com uma vénia superficial.

– Mestre Meia-Mão. A sorte favoreceu-te desde a tua última visita. – Voltou-se para Amanvah, curvando-se muito mais. – Alteza. É um prazer conhecer-vos. Sou o primeiro ministro Janson. Por favor, permiti-me que vos dê as boas-vindas a Angiers. Sua Senhoria, a duquesa-mãe, convida-vos para cear com ela esta noite na mesa real.

Amanvah retribuiu o cumprimento com uma vénia breve.

– Será uma honra, ministro. Pensei que não existissem maneiras nas terras verdes, mas parece-me que estava enganada.

Janson sorriu.

– Mil perdões, princesa, se tiverdes sido tratada com respeito inferior ao que vos é devido. Chamai-me, por favor, se precisardes de alguma coisa durante a vossa estadia.

O primeiro ministro escoltou-os prontamente para o interior, gesticulando aos criados que os conduzissem aos seus aposentos. Mal tinham entrado no

grande átrio quando Rhinebeck surgiu, seguido um passo atrás pelos seus irmãos mais novos, o príncipe Mickael e o Pastor Pether, os três tão parecidos em compleição e maneirismos e tão diferentes de Thamos, vários anos mais novo.

– Thamos! – gritou Rhinebeck, com a sua voz ecoando do teto abobadado. Prendeu o irmão num abraço apertado, mantendo um braço sobre os ombros de Thamos enquanto se voltava para aplicar um murro afetuoso no braço de Gared. – E tu. Da última vez que aqui estiveste, eras capitão. Olhem só para ti agora! Barão e general!

– A nossa mãe está eufórica com a possibilidade de te encontrar uma noiva – disse Mickael. – Há semanas que ninguém no palácio fala noutra coisa que não seja o Baile do Barão.

– E, por isso, os homens sensatos abandonam o palácio enquanto podem – afirmou Pether.

Rhinebeck apertou o braço à volta do pescoço de Thamos, forçando o seu irmão mais novo a curvar-se.

– Partimos para o pavilhão de caça pela manhã. Tu e o teu novo barão terão de vir connosco.

Thamos franziu a testa, vendo-se preso entre família e dever.

– Irmão, há assuntos importantes...

Rhinebeck ignorou as palavras com um gesto.

– Assuntos que deveremos discutir longe de ouvidos curiosos. – Indicou ligeiramente com a cabeça um dos criados que se movia pelo átrio vestindo uma farda milnesa. Aparentemente, Euchor tinha já uma presença na corte.

O duque voltou-se para Gared.

– Que dizes, barão?

Gared esfregou a nuca, parecendo decididamente desconfortável.

– Nunca fui bom a caçar...

– É verdade – intrometeu-se Rojer. – O vosso novo barão está mais capacitado para derrubar árvores do que para as contornar com passos ligeiros.

A gargalhada de Rhinebeck parecia forçada. Tinha peso a mais e os seus pulmões reagiam ao esforço. Apontou Mickael com um polegar sobre o ombro.

– Não há problema. O meu irmão não conseguiria atingir uma árvore no meio da floresta. Mickael fixou-lhe nas costas um olhar de desagrado. – Também haverá cerveja e comida. – Piscou o olho. – E algumas beldades para contemplar.

– Ainda não te casaste – recordou o Pastor Pether.

– Traz também o teu Jogral! – gritou Mickael. – Veremos se consegue realmente encantar um demónio até o fazer perder as calças!

– Não consigo – admitiu Rojer. – Pelo menos, nunca tive oportunidade de o fazer. Vestir-lhes as calças é difícil.

Todos se riram ao ouvir aquilo. Como era habitual entre angieranos, os membros da realeza falavam como se não houvesse mulheres presentes, mesmo vendo-as com clareza. Amanvah e Sikvah aguardavam em silêncio paciente dois passos atrás. As mulheres krasianas estariam habituadas àquele tipo de coisa, mas Kendall, um passo atrás delas, parecia menos tolerante.

– Iremos de bom grado – disse Thamos, não parecendo realmente agradado.

– Bem-vinda, Leesha – disse a duquesa Araine, erguendo-se da sua mesa de chá quando Leesha e Wonda chegaram à ala feminina do palácio.

A duquesa abraçou-a e Leesha deu consigo a saborear o momento. Sentia grande estima pela duquesa-mãe e também receio considerável de se tornar sua inimiga.

– Wonda – disse Araine, voltando-se para a mulher corpulenta e oferecendo-lhe a mão coberta de joias para beijar.

Wonda treinara etiqueta desde o seu último encontro e, apesar de escolher o garfo errado tão frequentemente como escolhia o certo, foi graciosa enquanto pousava um joelho no chão e pressionava os lábios sobre os dedos de Araine.

– Ex’lência.

– Usas as roupas que te enviei – referiu Araine. – Ergue-te e deixa-me olhar-te. – Wonda obedeceu e a duquesa caminhou em seu redor, avaliando-a atentamente. As calças eram folgadas na cintura e nos joelhos, fazendo lembrar uma saia, mas transformando-se em pernas justas que se enfiavam num par de botas de couro grosso e flexível. Também a sua blusa era folgada sobre o peito largo e os braços grossos, fazendo parecer macios membros capazes de rachar a maioria dos homens ao meio. Braçadeiras impediam que as mangas lhe perturbassem os movimentos, protegendo a seda e o seu braço do estalo da corda do arco. – A minha costureira excedeu-se. Elegante sem deixar de ser prático. Consegues lutar assim vestida, não?

Wonda acenou com a cabeça.

– Nunca vesti roupas melhores, mas mexo-me como se estivesse nua.

Araine olhou-a e Wonda corou furiosamente.

– Perdão, Ex’lência. Não queria...

Araine ergueu uma mão.

– Que esperas que te perdoe, rapariga? Uma metáfora adequada? Terás de fazer muito pior para me ofenderes.

– O que é uma meta fora? – perguntou Wonda, mas a duquesa limitou-se a sorrir, passando as pontas dos dedos sobre as guardas delicadas bordadas com fio de ouro no belo casaco de lã de Wonda.

Era um casaco de oficial angierano com corte claramente feminino, mas, em vez da insígnia dos Soldados de Madeira, fora decorado com o brasão de Araine, uma coroa de madeira sobre um aro rendilhado.

Wonda retirara o brasão, substituindo-o pelo almofariz de Leesha. Araine encostou um dedo ao símbolo.

– Se me ofendesse facilmente, talvez me melindrasse ver que retiraste o meu brasão depois dos meus esforços para financiar as mulheres guerreiras do Outeiro.

Wonda curvou-se.

– Fizestes tanto por nós, Ex’lência. As mulheres guerreiras do Outeiro usam o vosso brasão com orgulho e gritam o vosso nome enquanto avançam para a batalha. – Olhou para cima, enfrentando o olhar da duquesa. – Mas jurei lealdade em primeiro lugar a mestra Leesha. Se a minha armadura e as minhas roupas novas exigirem que use o vosso brasão, posso devolvê-las.

Leesha esperou que a duquesa se irasse, mas Araine olhou a rapariga como se tivesse passado num teste.

– Tolice, rapariga. – Com Wonda curvando-se, ficava quase da altura da mulher diminuta e Araine pousou-lhe uma mão no ombro. – Se pudesse comprar a tua lealdade por preço tão baixo, seria inútil. A armadura e as roupas pertencem-te e honras a tua mestra.

Wonda baixou a cabeça, inspirando profundamente e claramente emocionada.

– Obrigada, Ex’lência.

– E basta de «excelências» – disse Araine. – Títulos grandiosos são bons para as multidões, mas tornam-se cansativos em privado. Chamar-me-ás «senhora».

Wonda sorriu.

– Sim, senhora.

– Leesha e eu temos assuntos para discutir em privado, querida – disse-lhe Araine. – Espera lá fora e assegura que não nos incomodem.

– Sim, senhora – disse Wonda, movendo-se tão depressa como um veado fugindo de um caçador. Podia ter jurado servir Leesha, mas não perdeu tempo a obedecer às ordens da duquesa.

Leesha sentiu uma pontada de algo semelhante a ciúme. Fizera tudo o que podia para desencorajar a rapariga quando fora nomeada sua guarda-costas, mas vê-la a obedecer com facilidade às ordens de Araine fazia-a perceber a que ponto passara a depender dela.

Permaneceu sentada com Araine. Não havia criados presentes, mas um serviço de chá em prata tinha sido disposto sobre uma mesa juntamente com uma seleção de alimentos. Bruna podia não lhe ter ensinado o suficiente sobre política, mas fora muito rigorosa nos ensinamentos da política do chá. Mais jovem e com estatuto inferior, foi Leesha a servir, começando por encher a chávena da duquesa. Só depois encheu a sua e pegou num pequeno prato.

– De quanto tempo estás grávida? – Leesha mordia uma pequena sanduíche quando a duquesa falou e quase se engasgava.

– Perdão? – disse, tossindo.

O olhar de Araine indicou que estava no limite da sua paciência.

– Isto correrá melhor se não me tratares como se fosse tola, rapariga.

Leesha ergueu um guardanapo para limpar a boca.

– Talvez quatro meses. – Não era uma mentira, mas também não era uma afirmação precisa. Era tempo suficiente para a criança ser de Thamos ou não. Esperara que o assunto fosse referido, mas voltou a ser surpreendida pelas palavras diretas da duquesa-mãe.

Araine bateu com uma unha pintada na chávena de porcelana delicada.

– Estou certa na minha suposição de que esta criança não tem qualquer parentesco comigo?

Leesha limitou-se a olhá-la fixamente, mas Araine acenou com a cabeça como se tivesse respondido.

– Não pareças tão surpreendida, rapariga. Tenho olhos na corte de todos os meus filhos e não poderias esperar guardar um segredo desses. Tu e Thamos passaram de inseparáveis a isolados quando a tua condição foi conhecida. Não é preciso ser um dos teus demónios da mente para perceber o que aconteceu. – Araine abanou a cabeça. – Mais uma esperança para o trono que se vai. Mickael, o menos inteligente dos meus filhos, é o único a ter produzido alguma coisa que se assemelhe a um herdeiro, mas nenhum dos seus filhos imbecis conseguiria manter-se no trono durante tempo suficiente para aquecer o assento.

Começou a agitar o pé, recordando a Leesha a cauda de um gato

preparando-se para saltar sobre a presa. Leesha olhou em redor, mas continuavam sozinhos. O movimento brusco do pé de uma anciã dentro do seu chinelo não devia ameaçá-la tanto, mas parecia prometer violência.

Araine bebeu o chá.

– Ordenei a Thamos que te cortejasse assim que regressaste ao Outeiro. O meu filho mais novo tem talento com as mulheres, mas nem eu esperei que cedesses na primeira noite. – Fixou em Leesha um olhar altivo. – Mesmo assim, parece-me que não foi suficientemente rápido.

Hipnotizada pelos movimentos do pé, foi necessário um momento para interiorizar as palavras. Leesha olhou para cima.

– «Ordenei»?

– Claro – disse Araine. – Thamos é útil, mas passa mais tempo a treinar com os soldados do que na biblioteca. Precisa de uma condessa com alguma coisa dentro da cabeça e cortejar-te legitimou-o aos olhos dos outeireiros.

Pousou teatralmente a chávena sobre a mesa e Leesha avançou rapidamente para voltar a enchê-la. Araine bebeu um gole, fazendo uma careta.

– Não precisas de ser avarenta com o mel, querida. Vivi muito tempo e mereci-o. – Pegou numa colher de prata delicada, colocando uma porção generosa de mel na chávena.

– É menos amargo do que descobrir que tudo o que partilhei com Thamos foi ordenado pela sua mãe. – Leesha sentiu a visão turvar-se e pestanejou furiosamente para conter as lágrimas que ameaçavam cair.

– Não sejas tonta – disse Araine. – É verdade que o apontei na tua direção, mas fiz o mesmo com muitas pretendentes válidas. Não teria avançado se não houvesse interesse. – Apontou a colher minúscula a Leesha. – E tu, querida, não precisaste que viesse abrir-te as pernas. Precisavas de um marido. Isso foi claro no momento que te conheci. Tens uma fraqueza por homens poderosos e isso causar-te-á dissabores... se não tiver acontecido já.

– Que significa isso? – perguntou Leesha.

– Diz-me quem é o pai – ordenou Araine. – Um dos aspirantes a Libertador? Não é segredo o teu fraquinho por Arlen Fardos. Foi visto a entrar e sair da tua cabana a horas menos próprias.

– Éramos apenas amigos – respondeu Leesha, mas até a ela as palavras pareceram defensivas.

Araine arqueou uma sobrancelha.

– E há a questão do demónio do deserto. Os Jograis colocaram-te

também nas suas almofadas.

– Só havia um Jogral no palácio de Ahmann Jardir – disse Leesha. – E não conta tais histórias.

Araine sorriu.

– Tenho outras fontes em Forte Rizon.

Leesha esperou, mas a duquesa não explicou as suas palavras.

– Só a mim diz respeito com quem me deito e quem trago no ventre. Não é um herdeiro. Podeis mantê-lo fora dos vossos planos e encontrar uma esposa melhor para o vosso filho.

– Desistes tão facilmente? – perguntou Araine. – Estou desiludida.

– Vale a pena insistir? – perguntou Leesha, esgotada.

– Acreditas realmente que é o primeiro bastardo a complicar um casamento real? – troçou Araine. – Uma Herbanária deveria saber lidar melhor com tais assuntos.

– Lidar? – Leesha não percebeu.

O pé da duquesa parou de se mover.

– Anuncias a gravidez com Thamos e casam-se imediatamente. Quando o bebé nascer, o parto será privado e a tua Herbanária anunciará que, infelizmente, a criança nasceu sem vida.

As mãos de Leesha começaram a tremer, fazendo tilintar a chávena sobre o pires. Pousou-os na mesa, fixando na duquesa um olhar duro.

– Ameaçais o meu filho, Excelência?

Araine revirou os olhos.

– Já te disse antes que acompanhasses a dança, rapariga, mas não paras de falhar passos. Tenho quatro filhos e sei que não deverei colocar-me entre uma mulher e o seu bebé. Seria como declarar guerra ao Outeiro.

– Não teríeis hipóteses de ganhar tal guerra – referiu Leesha.

Desta vez, foi o olhar de Araine a ficar duro.

– Não tenhas tantas certezas, querida. Vi todas as peças que podes jogar, mas não viste as minhas. – Agitou a mão, como se pretendesse afastar um cheiro desagradável no ar. – Mas nada disso será necessário. Será simples embrulhar um pão de bom tamanho e sepultá-lo, encontrando um local para esconder a criança. Anunciarás dias depois que, para minorar o teu desgosto, decidiste amamentar um órfão para preencher o vazio no teu coração. O Criador saberá que os krasianos deixaram bastardos de pele escura daqui até ao deserto. Certifica-te de que avaliarás alguns antes de tomar a decisão final para que ninguém suspeite. Depois, poderás dar ao meu filho um herdeiro legítimo. – Ergueu a chávena. – De preferência, mais do que um.

Leesha passou a mão pelo ventre, mantendo-se pensativa.

– Não poderei admitir que a criança é minha?

– Receio que tenhas perdido essa oportunidade – disse Araine. – Terias inimigos do Norte ao Sul e seria provável que o teu próprio povo passasse a duvidar da tua sensatez.

– Talvez precisem realmente de um líder mais sensato – considerou Leesha. – E talvez o vosso filho mereça uma esposa melhor.

– Indica-me onde está tal mulher e o cargo pertence-lhe – disse Araine. – Até lá, a responsabilidade é tua.

Levou um dedo à coroa de madeira lacada que envergava, decorada com joias reluzentes.

– Os plebeus acreditam que envergar uma coroa é fácil. Mas os líderes precisam de fazer sacrifícios. As mulheres, acima de tudo. – Suspirou. – Thamos ama-te, pelo menos. É mais do que alguma vez tive. Depois de o seu avô comprar o trono, a família real esteve perto de levar a cabo um golpe. Euchor colocou soldados em Ponteflúvia preparados para esmagar o vencedor enfraquecido, declarando-se rei. O meu casamento com o filho de Rhinebeck foi a única coisa a manter a cidade unida.

– Não sabia – disse Leesha. A duquesa-mãe nunca antes fora tão aberta com ela e receava dizer algo mais para não quebrar o feitiço.

– Era como se fosse o fim do mundo – disse Araine. – Rhinebeck I não passou muito tempo no trono e o seu filho não demonstrava qualquer aptidão ou interesse pelo governo. Visitou o palácio vezes suficientes para me engravidar e passou o resto do seu tempo no maldito pavilhão de caça, perseguindo javalis e rameiras. Deixou-me sozinha e grávida com as rédeas da cidade. Lamentei a minha sina? Sim. Mas tinha trabalho a fazer. – Apontou Leesha. – E entregar-me-ei à noite antes de permitir que Euchor se apodere da cidade que dediquei a vida a reconstruir.

– Então é isto um palácio nortenho – comentou Amanvah. – Não me impressiona.

O mais estranho era que Rojer conseguia perceber a que se referia. O palácio fortificado de Rhinebeck parecera-lhe outrora o edifício mais grandioso em todo o mundo, mas, depois de ver como a realeza krasiana vivia na Fortuna de Everam, percebia de repente que os tapetes podiam ser mais macios, as cortinas mais grossas, o teto mais elevado.

Era espantosa a rapidez com que se acostumava ao luxo depois de passar mais de uma década procurando pulgas antes de se deitar em pilhas de feno

e em estalagens de dois klats.

– Sou o único a achar que o duque precisa de um tabefe? – perguntou Kendall. – Por nos olhar o traseiro sem sequer nos cumprimentar?

– Rhinebeck e os irmãos são assim – disse Rojer. – Para ser franco, o resto dos nobres angieranos não são muito melhores. As mulheres só os interessam como criadas e como amantes. Farão as apresentações formais esta noite ao jantar sob o olhar atento da sua mãe.

– Anseio por conhecer esta misteriosa duquesa-mãe – disse Amanvah.

Rojer encolheu os ombros.

– Parecer-te-á tão fútil e superficial como os seus filhos. Nenhum deles tem responsabilidades reais. É Janson quem governa.

Amanvah olhou-o.

– Tolice. Não passa de um fantoche.

– É verdade – assegurou Rojer. – Finge-se tonto quando o duque e os príncipes estão por perto, mas é uma máscara tão boa como a de qualquer jogral. O homem por baixo é astucioso e implacável.

Amanvah acenou com a cabeça.

– Mesmo assim, o governo não lhe pertence.

– Foram os teus dados a dizer-to? – perguntou Rojer.

– Não – respondeu Amanvah. – Vi-o nos seus olhos.

– Quero que fiques perto de Leesha durante a minha ausência – exigiu Rojer.

Amanvah inclinou a cabeça.

– Para nossa proteção ou para proteção dela?

– Ambas – disse Rojer. – Não estamos rodeados por inimigos, mas também não serão nossos amigos.

– Muito bem – disse Araine. – Se já discutimos suficientemente os teus afetos inconstantes, chegou o momento de passar a assuntos mais prementes.

Não foi só o sabor a limão a fazer Leesha arreganhar os lábios enquanto provava o chá.

– Quereis saber se a semente do duque é inútil.

– Ambas sabemos que sim – disse Araine. – Não te pedi que viesses aqui para isso. Quero saber se consegues curá-lo.

– Admitirá ser examinado? – perguntou Leesha.

O desagrado foi notório também nos lábios da duquesa-mãe.

– Mostra-se... difícil nesse aspeto.

– Sem um exame, não poderei saber nada de forma concreta – disse Leesha. – Posso ferver ervas de virilidade...

– Não te parece que já tentei isso? – perguntou Araine. – Jessa deu-lhe todos os endurecedores e fertilizantes durante anos.

– Talvez consiga preparar alguma coisa que a vossa... Herbanária Daninha não tenha tentado. – Leesha conteve a amargura na voz, mas a duquesa captou-a mesmo assim.

– Sem dúvida que Bruna terá falado longamente sobre os males das Herbanárias Daninhas – disse Araine. – Mas nunca teve de zelar por mais do que umas centenas de crianças e, se bem me lembro, nunca teve problemas em medicar alguém sem o seu conhecimento.

– Sempre para ajudar – replicou Leesha. – Nunca para prejudicar.

– Ah! – exclamou Araine. – Então ajudava quando atirava pó cegante à cara de alguém? Ou quando os atingia com a bengala?

– Fazia-o sempre para o seu bem – disse Leesha. – Não envenenava ninguém.

– Talvez não. – Araine sorriu sobre o bordo da sua chávena delicada. – Mas tu sim, não é? Todos os Sharum na tua caravana este verão, pelo que sei.

Leesha sentiu a face gelar. Como sabia a duquesa daquilo?

– Foi um erro. Um erro que não repetirei.

– Uma promessa dessas torna-te tola ou mentirosa – considerou Araine. – O tempo o dirá. Tens poder e, um dia, terás de o usar ou ser destruída.

Sentou-se com o seu chá, erguendo um aro de renda. Os seus dedos hábeis contrariavam a idade avançada enquanto trabalhava.

– Seja como for, mestra Jessa foi treinada pela própria Bruna e tem a biblioteca real ao seu dispor. Apostarei que terá esquecido mais sobre ervas do que alguma vez soubeste. Se diz que tentou tudo, tê-lo-á feito realmente.

– Então para que precisais de mim? – perguntou Leesha.

– Porque tens instrumentos que lhe faltam – admitiu Araine. – Jessa conhece as suas ervas, mas não tem a mesma perícia com a faca.

– E se Rhinebeck precisar de um corte entre as pernas para permitir que a semente flua? – perguntou Leesha. – Como conseguiremos isso se não me permitir examiná-lo?

– Se chegar a esse ponto – disse Araine, – colocaremos tampereira e flor-celeste na sua cerveja e mantê-lo-emos inconsciente até estar terminado. Dir-lhe-emos que bebeu demasiado durante uma estúpida caça ao javali, sendo atingido por uma presa entre as pernas. Mas passou a haver uma nova

alternativa. – Araine manteve os olhos na renda. – Magia.

– Não funciona exatamente assim – esclareceu Leesha. – O corpo cura-se a si mesmo. A magia limita-se a acelerar o processo. Se Rhinebeck tiver nascido com um... defeito, não poderei fazer grande coisa.

– E a bruxa branca que trouxeste contigo? – perguntou Araine.

– Quereis envolvê-la nisto? – perguntou Leesha.

– Não sejas estúpida – disse Araine. – Dir-lhe-emos que será outro aristocrata a ter o problema para que te ensine o que é necessário.

– Se existir tal conhecimento – concluiu Leesha.

– Será melhor que exista – disse Araine. – O tempo esgota-se. Se Melny não engravidar até meio do inverno, teremos de passar ao plano de contingência.

– E qual é? – perguntou Leesha.

Araine sorriu.

– Fazer com que Thamos engravide a jovem duquesa.

– O quê? – Leesha sentiu que tinha engolido uma pedra pesada. Por um momento, foi-lhe difícil respirar. A pedra tornou-se um peso doloroso no seu estômago.

– Melny pode não ser a lança mais afiada, mas tem um peito capaz de atrair a atenção de qualquer homem – disse Araine. – Não que seja preciso muito para convencer Thamos se conseguirmos salvar o ducado inteiro oferecendo-te pares de cornos a ti e a Rhiney.

– E Melny? – perguntou Leesha. – Será só um ventre sem direito a opinião?

Araine fungou.

– Abrirá as pernas e agradecerá ao príncipe quando estiver feito. Pode não ser a rapariga mais inteligente, mas também não será completamente estúpida. Que achas que lhe acontecerá se não conseguir engravidar antes que os krasianos avancem para norte e Euchor nos force a mão? A princesa Lorain de Miln já está na cidade com quinhentas Lanças da Montanha, subornando aristocratas e olhando a pobre Melny como uma coruja olhará um rato. A sua presença é suficiente para ofender o trono de hera. – Deu um nó num fio, cortando-o com uma minúscula tesoura de prata. – Thamos é muito parecido com o seu avô. Ninguém duvidará que o filho será de Rhiney.

– Porquê Thamos? – quis saber Leesha.

– Poderia argumentar que Mickael já é casado – disse Araine, enquanto começava novo ponto – e que Pether é Pastor e fez voto de castidade. Mas, sendo franca, nenhum dos dois conseguiria evitar vangloriar-se do feito.

Rhiney descobriria e faria algo estúpido. – Olhou Leesha. – Não deixará de ser justiça poética. Se queres manter a lança de Thamos seca, cura a do irmão. Se não o fizeres, ambos terão um bastardo para esconder quando começarem a vossa vida juntos.

– A princesa Amanvah de Krasia – anunciou Jasin em voz alta, com as palavras ecoando do teto abobadado para que todos as ouvissem. – Primogénita de Ahmann Jardir, duque de Forte Krasia.

Amanvah eriçou-se ao ouvir aquilo.

– Duque? Forte? O meu pai é tão superior aos vossos duques patéticos como eles serão superiores ao cão de um camponês e o seu império cobre...

Rojer apertou-lhe o braço com mais força.

– Fá-lo apenas para nos provocar. Todos sabem perfeitamente quem é o teu pai.

Amanvah acenou ligeiramente com a cabeça, recuperando a sua serenidade de dama'ting.

Jasin olhou Rojer enquanto se erguiam na porta.

– E o seu marido, o Jogral Rojer Estalagem de Ponteflúvia.

Foi a vez de Rojer se eriçar. Normalmente, como marido, seria o primeiro a ser anunciado, mas o abismo que separava o seu estatuto do estatuto de Amanvah tornava-o impossível. Conseguia aceitá-lo.

Mas tornara-se um mestre Jogral e o seu nome artístico, Meia-Mão, era conhecido em toda a parte. Compusera *A Balada do Outeiro do Lenhador* e a *Canção da Lua Nova*. Jasin fazia-o parecer um malabarista contratado para entreter os convidados entre pratos.

Amanvah retribuiu-lhe o aperto no braço.

– Respira, marido. E acrescenta isto à lista de ofensas merecedoras de vingança.

Rojer acenou afirmativamente enquanto caminhavam para trás e para diante, permitindo-lhes tempo para verem e para serem vistos. A sua apresentação deficiente não contribuiu para diminuir o interesse, sendo abordados por uma torrente aparentemente interminável de nobres ávidos de serem apresentados à princesa krasiana e ao mago do violino que conseguiam encantar demónios.

– A princesa Sikvah de Krasia – anunciou Jasin –, sobrinha de Ahmann Jardir, duque de Forte Krasia. A Jogral Kendall Estalagem, dos célebres magos do violino do Condado do Outeiro.

Rojer cerrou os dentes.

Sikvah conduziu Kendall numa direção oposta depois de serem apresentados. O seu estatuto exigia que fosse convidada, mas Amanvah proibira que ela ou Kendall se sentassem à mesma mesa. Aparentemente, não era aceitável que um homem partilhasse a mesa num banquete com a sua Jiwah Sen.

Um pequeno grupo aproximou-se deles, conduzido por um homem de cabelo vermelho berrante vestindo um traje multicolorido discreto com as cores do duque Euchor. Dobrou habilmente uma perna diante de Amanvah, atirando a capa sobre um ombro numa explosão de cor.

– Alteza. – Olhou Rojer. – Mestre Meia-Mão. Sou Keerin, arauto real do duque Euchor, Luz das Montanhas, Guardião das Terras do Norte e Senhor de Miln.

Esperou que Amanvah lhe oferecesse a mão para beijar, mas não havia contacto físico público entre homens e mulheres em Krasia, sobretudo com mulheres casadas e, menos ainda, com dama'ting. Amanvah limitou-se a mover a cabeça de forma quase impercetível, como se estivesse diante de um criado que lhe tivesse trazido a sua bebida.

Keerin pigarreou.

– Por favor, permiti-me que apresente Sua Alteza, a princesa Lorain de Miln, filha mais nova do duque Euchor.

A mulher avançou e Rojer percebeu imediatamente que os rumores eram verdadeiros. Dizia-se que todas as filhas de Euchor tinham herdado a sua aparência e a face quadrada de Lorain tinha muito em comum com a que decorava as moedas milnesas.

O seu porte, alto e com ombros largos, era também bastante masculino. Parecia suficientemente vigorosa para enfrentar Wonda. O cabelo continuava louro e sem vestígios de grisalho, mas a face perdera a juventude. Teria passado dos trinta e cinco anos, pelo menos. Velha para uma noiva política.

Amanvah curvou-se, mas foi um cumprimento superficial, uma demonstração de respeito e não um reconhecimento de igualdade.

– É uma honra conhecer-te, Lorain vah Euchor. Agrada-me ver que não sou a única princesa numa cidade estranha.

Não se percebeu se Lorain teria percebido a desconsideração. As vénias eram uma linguagem de pleno direito em Krasia. A vénia de resposta igualou a de Amanvah em profundidade e duração. Uma afirmação de igualdade e um desafio.

A seguir, fez algo que os surpreendeu a todos.

– A honra é minha, Amanvah filha de Ahmann – disse Lorain em

krasiano.

Amanvah pestanejou, passando imediatamente para a sua língua materna.

– Falas a minha língua?

Lorain sorriu.

– Claro. Uma senhora de educação esmerada conseguirá conversar ao jantar em todas as línguas mortas, ainda que nenhuma de nós tenha tido a oportunidade de praticar com um falante nativo. De certeza que serás inundada por convites de aristocratas desejosas de praticar.

– Línguas mortas? – repetiu Amanvah.

– Ruskano, limnês, albeeno e krasiano – enumerou Lorain.

– Dificilmente a língua que falo será uma língua morta.

Lorain curvou-se novamente.

– Claro. Mas há séculos que não recebemos alguém do teu povo na corte. Na perspetiva nortenha, a língua deixou de ser falada.

– A educação honra-te muito – considerou Amanvah. – Os dados preveem um grande ressurgimento dos falantes de krasiano no Norte.

O sorriso de Lorain era perigoso.

– Não estaria tão segura disso.

Um homem pigarreou, quebrando a tensão que se instalara entre as duas mulheres.

– Permitam-me apresentar o meu acompanhante, lorde Sament – disse Lorain, voltando a falar thesano enquanto apontava o último membro da sua comitiva. Envergava confortavelmente as suas vestes ricas, mas parecia mais um guarda-costas que um acompanhante e tinha olhar duro. Curvou-se.

– Não roubaremos mais tempo à vossa agenda social preenchida – disse Lorain a Amanvah. – Queria apenas apresentar-me. Sem dúvida que teremos tempo para nos conhecermos melhor depois do jantar na ala feminina.

Com aquilo, a milnesa partiu tão depressa como chegara.

– Acompanhante? – perguntou Amanvah.

– Será mais um pau-de-cabeleira – considerou Rojer. – Rhinebeck teve várias mulheres, mas nenhuma conseguiu dar-lhe um filho. Lorain é a candidata seguinte.

– Suspeito que os resultados serão os mesmos se houve várias antes dela – disse Amanvah. – O problema parece ser dele.

– Não diria tal coisa quando tivermos companhia – disse Rojer. – Pelo menos, Lorain tem dois filhos. Isso provará a sua fertilidade.

Amanvah olhou-o.

– O duque de Miln envia ao seu rival uma noiva demasiado velha que nem sequer é virgem? Que aconteceu ao pai dos seus filhos?

– Euchor divorciou-os e enviou-a para Sul – explicou Rojer.

Amanvah manifestou o seu desprezo com um ronco.

– Uma tentativa desesperada de formar uma aliança contra o meu pai.

– Podes censurá-los? – perguntou Rojer.

– Não – respondeu Amanvah. – Mas não fará qualquer diferença.

Era inútil discutir o assunto. A sabedoria de Amanvah era notável em muitos assuntos, mas, no que dizia respeito ao seu pai, via apenas o que queria ver. Era o Shar'Dama Ka e o seu domínio era inevitável.

– O pequeno Rojer um homem casado – disse uma voz. Rojer voltou-se e viu a duquesa-mãe aproximando-se com a duquesa Melny. – Que idade tinhas quando te apanhei a trepar às estantes na biblioteca real?

Rojer curvou-se.

– Cinco, Excelência. – Sentiu dores no traseiro ao recordar o incidente. A duquesa-mãe limitou-se a expirar de exasperação, mas foi como se tivesse sido uma ordem e Jessa tinha um cinto na mão assim que a viu partir.

Amanvah ignorou a jovem duquesa, olhando a anciã nos olhos. Algo aconteceu entre elas e a vénia de Amanvah foi mais profunda e mais demorada que antes.

– É uma honra conhecer a célebre duquesa-mãe.

Melny, cujo estatuto era tecnicamente superior ao da sua sogra, poderia ter-se sentido ofendida por aquilo, mas pareceu reagir bem. Araine tinha pouco poder real em Angiers, mas, enquanto as esposas de Rhinebeck chegavam e partiam, a sua mãe mantinha-se e as aristocratas fúteis da corte concediam-lhe a sua obediência.

– Espero que estejais recompostos da viagem longa – disse Melny quando as apresentações chegaram ao fim. – Os vossos aposentos são satisfatórios?

Amanvah acenou afirmativamente, surpreendendo Rojer. Amanvah nunca achava quaisquer aposentos satisfatórios, mas, aparentemente, tal insatisfação seria melhor comunicada através de criados.

– Certamente.

– Espero que a princesa do Norte tenha tido maneiras – disse Araine.

– Foi muito aprazível descobrir que a minha língua é falada na corte – disse Amanvah em krasiano.

Melny corou e Rojer percebeu que não fazia ideia do que Amanvah acabara de dizer. Amanvah percebeu o mesmo e curvou-se.

– Mil perdões, duquesa. Foi-me dito pela princesa de Miln que todos os membros da realeza aprendiam a falar krasiano como parte dos seus estudos.

O rubor de Melny alastrou, tingindo de rosa o seu peito pálido e prodigioso. O seu olhar encontrou Lorain e a sua comitiva movendo-se pelo salão, acompanhando-os com inquietude mal disfarçada.

– Sim, bom...

Araine pigarreou.

– Barão! – chamou, vendo Gared a poucos metros de distância. – Vem, deixa-me olhar para ti. – Pouco depois, Gared girava como se fosse um modelo vestido com a última moda. O rubor do gigante era tão extenso como o da jovem duquesa.

Araine assobiou.

– Não será nada difícil. As raparigas vão formar filas, esperando a sua vez de dançarem contigo enquanto os pais me encherão os ouvidos com dotes sussurrados.

– Eu... *hmm*... agradeço, Ex'lência – disse Gared. – Espero não pisar ninguém. Não sei dançar em salões grandes como este. – Indicou com a mão o céu abobadado.

– Espera até veres o salão de bailes – retorquiu Araine, rindo-se. – Quanto à dança, encontraremos alguma coisa que consigas dançar. Não podemos permitir que faças má figura no teu Baile de Debutantes.

Rojer curvou-se.

– Se agradar a Vossa Excelência, o meu quarteto ficaria muito honrado se pudesse providenciar a música. Sem dúvida que conseguiremos encontrar alguma coisa que torne o barão mais confortável. – Bateu com uma mão nas costas de Gared, acalmando-lhe alguma da tensão que sentia.

– Que ideia encantadora! – considerou Araine. – Serás a inveja de todos os solteiros da cidade, barão. Encontrar-te-emos uma noiva num piscar de olhos.

Gared parecia prestes a desmaiar.

– Pensei... – começou Melny. Todos os olhos se voltaram para ela e mirrou sob o olhar coletivo.

– Sim, querida? – perguntou Araine.

– Bom... – guinchou Melny, olhando Amanvah –, pensei que a música e a dança fossem contra...

– A lei evejana? – perguntou Amanvah. – No meu país, sim. Mas pertenço à tribo do Outeiro agora – explicou, rindo-se – e sou jiwah de um Jogral. Isso exigiu algumas... mudanças de perspetiva. – Sorriu. – O barão

do Outeiro do Lenhador é um grande kai'Sharum e desperdiça a sua semente vertendo-a no chão. Quando mais depressa tiver uma Jiwah Ka para lhe dar filhos, melhor será. É uma honra fazer parte do vosso ritual de cortejo nortenho. Ao lado do meu marido, poderei estudá-lo sem qualquer impropriedade.

Araine avistou Jasin Tom-Dourado esforçando-se para manter a distância e chamou-o com um dedo.

– Estás liberto do Baile de Debutantes, Jasin – disse a duquesa-mãe quando o arauto se aproximou. – Rojer e as suas esposas ocupar-se-ão da música.

– Mas, Excelência – gaguejou Jasin –, certamente serei mais qualificado...

Araine riu-se.

– Mais qualificado do que Meia-Mão, mago do violino do Outeiro? Podes sentir-te grato por ser o único trabalho que te roubará.

Jasin arregalou os olhos, mas sabia que não devia discutir. Araine podia ser uma velha senil, mas, no que dizia respeito a festas reais, o seu poder era absoluto.

– Parece-me que terá chegado o momento de nos sentarmos – disse a duquesa-mãe. – Vem, Melny, ajuda uma velha. – A duquesa levou a sogra pelo braço e Araine apoiou-se nela enquanto se aproximavam da mesa.

Os outros imitaram-na e dirigiram-se para os seus lugares, mas Rojer não resistiu a torcer mais uma vez a faca.

– Vê o lado positivo – aconselhou a Jasin. – Pelo menos, deixarão de te chamar Canção-de-Segunda na Guilda. – Sorriu. – Violino-de-Segunda soa muito melhor.

Jasin mostrou os dentes, mas Rojer pareceu não notar, apertando o braço sobre o braço de Amanvah e conduzindo-a para os seus lugares.

– Provocar inimigos de sangue não é sensato, marido – disse Amanvah. – Será melhor permitir que acreditem que o teu sangue arrefeceu antes de atacar.

– Nada na vingança é sensato – disse Rojer. – Mas não confio na vida além da morte para fazer Jasin pagar pelo que me fez. Quero vê-lo sofrer nesta vida e isso significa destruir o seu bem mais precioso.

– O seu orgulho – supôs Amanvah.

– A sua reputação – corrigiu Rojer. – Nada ferirá mais Tom-Dourado do que ser conhecido como o segundo melhor.

O jantar foi longo e entediante, com discursos intermináveis e falsas juras de amizade enquanto milneses e angieranos trocavam olhares de ódio e miravam com suspeição Amanvah e Sikvah.

Mas, como sempre no palácio de Rhinebeck, o vinho fluía livremente e Rojer fora sentado ao lado da duquesa Melny, que se ria com facilidade, fazendo tremer o seu peito de forma tão hipnótica que quase o fez esquecer o fim das piadas que ia contando.

Amanvah cravou-lhe as unhas na perna, captando-lhe novamente a atenção enquanto se debruçava para lhe falar ao ouvido.

– Se já terminaste de entreter a pega, marido, tenho perguntas a fazer.

– A «pega» é a duquesa de Angiers – lembrou Rojer.

Amanvah olhou Melny com desprezo. A duquesa sorriu-lhe, sem perceber o que acontecia.

– Já o vi antes. Um homem incapaz de gerar herdeiros fazendo a sua Jiwah Ka trazer-lhe noivas mais jovens e mais estúpidas ano após ano, mais interessado no ato do que no resultado. A única diferença aqui é o facto de ser a sua mãe – indicou Araine com um movimento da cabeça – a agir como Jiwah Ka e a forma como envergonha as suas noivas, divorciando-se antes de casar com as novas.

– Isso é... – Rojer hesitou. – Bastante rigoroso, na verdade. Mas não é algo que possas dizer a qualquer um. Nós, os «selvagens» nortenhos não somos assim tão diretos com estas questões.

Amanvah acariciou-lhe o braço, mas o gesto pareceu condescendente, como alguém acariciando um animal de estimação.

– Nesse caso, caber-nos-á civilizar-vos.

Rojer mudou de assunto.

– Que perguntas?

Amanvah indicou o extremo oposto da mesa. Os pratos de sobremesa tinham sido levados e os criados serviam vinho. Alguns cortesãos sem estatuto suficientemente elevado para conseguir um lugar à mesa foram autorizados a entrar no salão. Coliv surgiu, encostando-se à parede atrás de Amanvah. Não lhe fora permitido trazer armas para a corte, mas Rojer sabia que isso não o tornava menos capaz de proteger a sua senhora.

No extremo da mesa, Jasin Tom-Dourado passara a ter a companhia de um grupo de aduladores, flanqueado por um par corpulento e familiar que fez Rojer sentir um nó na garganta.

– Aqueles dois usam trajes multicoloridos, mas são guarda-costas, não é assim? – perguntou Amanvah.

Rojer acenou afirmativamente.

– Abrum e Sali. Músicos adequadamente competentes, no máximo. Jasin usa-os para entoar harmonias e para partir ossos.

Amanvah não se mostrou surpreendida.

– Os ossos do meu honrado marido estiveram entre os que foram partidos por este par?

– Viste as minhas cicatrizes, Jiwah Ka – disse Rojer. – Nem todas resultam de ferimentos infligidos por alagai.

Minutos depois, Araine ergueu-se, sendo imitada pelo resto dos convivas. Leesha e Melny amparavam-na de cada lado, arrastando consigo todas as mulheres enquanto se dirigiam para a porta.

– O que é isto? – perguntou Amanvah.

– A duquesa-mãe ocupar-se-á de entreter as senhoras durante o resto do serão – explicou Rojer. – Os homens levarão os copos para a sala de fumo do duque.

Amanvah acenou com a cabeça, permitindo a Rojer puxar-lhe a cadeira.

– Leva Coliv contigo.

– Nem pensar – disse Rojer. – O Criador ama-o, mas impedirá a minha capacidade de manobrar a multidão e trata-se de gente poderosa, Jiwah Ka. Precisam de ser manobrados da forma certa.

Amanvah pareceu insegura, mas Gared surgiu no momento seguinte e Rojer sentiu-se grato por ser salvo.

– O conde diz que vamos fumar.

Gared esperou que Rojer se juntasse a ele. Passara o serão sentado entre aristocratas jovens e esperançosas, mas Rojer não vira passar-se grande coisa além de um silêncio desconfortável.

– Estarei com Gared Lenhador – disse Amanvah. – Só um tolo me ameaçaria.

Satisfeita, Amanvah avançou ao encontro das mulheres, levando consigo Sikvah e Kendall pelo caminho.

Gared suspirou.

– Assim tão mau? – perguntou Rojer.

– O perfume de Karen provocou-me dores de cabeça – disse Gared. – É como se tivesse despejado um balde cheio pela cabeça abaixo. E fala como um rato. Tive de passar o tempo todo a inclinar-me para a ouvir, enchendo o nariz com o fedor.

– Talvez falasse baixo para te curvares e veres o seu decote – sugeriu Rojer.

– Dinny foi ainda pior – continuou Gared. – Só queria falar de poesia. Poesia! Noite, nem sequer sei ler! Que posso dizer a senhoras finas como

estas?

Rojer riu-se.

– Não importa. É provável que estejam desesperadas para impressionar o barão solteiro do Condado do Outeiro. Diz o que quiseres. Gaba-te dos demónios que mataste ou fala do teu cavalo. Não importa. Rir-se-ão e suspirarão de igual forma.

– Se não importa o que disser, para que serve isto tudo? – perguntou Gared.

– Para passar tempo – respondeu Rojer. – São pessoas que nunca trabalharam na sua vida inteira, Gar. Têm tempo mais que suficiente para preencherem com poesia e perfume.

Gared cuspiu. Um dos criados olhou-o, escandalizado, mas manteve um silêncio sensato. Gared teve a decência de parecer envergonhado, pelo menos.

– Não quero uma mulher assim – declarou Gared. – Posso não ser esperto e posso não conhecer as letras, mas o Criador sabe que nunca paro, dia e noite. Não quero voltar para casa e ouvir poemas.

– Queres uma mulher que te espere com um copo de cerveja – supôs Rojer –, pronta para erguer o vestido sem pensar duas vezes.

Gared olhou-o.

– Não me conheces tão bem como pensas, Rojer. Faço tudo pelo Outeiro do Lenhador e preciso de uma mulher que faça o mesmo. Posso ir buscar a cerveja sozinho. – Baixou o olhar. – Mas gostei da última parte.

Na sala de fumo de Rhinebeck, os homens fumavam e bebiam, debatendo política e religião e tentando impressionar-se mutuamente. Havia várias mesas de Abrigo rodeadas por homens bebendo brande e fingindo indiferença enquanto viam quantidades de dinheiro superiores ao que a maioria dos angieranos via em toda a sua vida mudando de mãos com cada lançamento dos dados.

Jasin estava presente, mas o arauto escolhera um canto e encontrava-se cercado por um grupo de aduladores que tornavam improvável qualquer encontro inesperado.

– Gared! Rojer! – chamou Thamos, convidando-os a aproximarem-se dos seus irmãos e de lorde Janson. – Juntem-se a nós! – Keerin, o arauto do duque Euchor, também estava presente, mas parecia um homem tentando participar numa conversa em que não era bem-vindo.

– Sentem-se recompostos da viagem, meus filhos? – perguntou o Pastor Pether. – Thamos contava-nos que a vossa caravana viajou também de noite, matando nuclitas pelo caminho. Um feito impressionante.

Gared ergueu os ombros e voltou a deixá-los cair.

– Foi igual a qualquer outra noite. Matar demónios é trabalho duro, mas não é como cortar árvores. Arlen Fardos guardou pessoalmente o meu machado. Não me canso quando o uso contra um demónio. Sinto-me mais forte com cada golpe certeiro.

Os homens grunhiram o seu acordo e acenaram com a cabeça, mas Rojer percebia o que escondia a encenação. Era provável que nenhum deles tivesse alguma vez visto um demónio de perto e muito menos enfrentado um.

– E tu, Rojer? – perguntou Janson. – Pelo que sei, não tens semelhante vantagem quando encantas os nuclitas com o teu violino. Tocar a noite inteira será exaustivo.

– Calos, milorde – disse Rojer, sorrindo enquanto erguia os seus oito dedos. Os homens eram demasiado contidos para se encolherem com repulsa, mas via o choque nos seus olhos. A mão mutilada era uma recordação severa do que existia à noite fora das suas muralhas guardadas. – Como Gared disse, estamos habituados a tais coisas no Outeiro – continuou. – Penso que os meus dedos se desentorpeceriam um pouco mais com uma partida de Abrigo...

– Não te dês ao trabalho – informou Keerin. – Já tentei. Sabem que não devem jogar dados com um Jogral.

– A duquesa-mãe não criou tolos – disse Janson. Rhinebeck e os seus irmãos olharam-no e riram-se, agindo como se Keerin não tivesse falado.

O arauto juntou-se a eles com uma gargalhada desconfortável, desesperado por um pouco de aceitação. Aproveitou o momento de silêncio que se seguiu.

– Também eu tenho alguma experiência com demónios. Talvez tenham ouvido contar como cortei o braço a um demónio da rocha?

Algo naquilo despertou uma memória em Rojer, mas não passou disso. Os outros homens gemeram.

– Outra vez esta história de taberna – disse Rhinebeck.

– Devia ser um demónio pequeno – afirmou Gared. – Duvido que conseguisses chegar ao braço de um demónio da rocha de bom tamanho. O que usaste? Um machado? Uma enxada?

Keerin sorriu, parecendo ganhar vida com as palavras.

– Aí reside uma história grandiosa. – Curvou-se teatralmente perante Rhinebeck. – Com a autorização de Vossa Alteza...

O duque cobriu a cara com a mão.

– Tinhas de perguntar, não é, barão? – Ergueu a mão para Keerin. –

Muito bem, arauto. Canta a tua canção. – Keerin avançou para o centro da sala de fumo, chamando a atenção enquanto o duque pedia mais vinho com um gesto. Tinha um belo alaúde e, não podendo considerar-se um dos melhores cantores do mundo, Rojer também não o seria. A voz de Keerin era rica e cristalina, ecoando enquanto lançava o seu feitiço.

A noite era escura
A terra era dura
O abrigo estava a léguas de distância

O vento frio era agreste
Cortando nossos corações
Só as guardas mantinham os nuclitas à distância

«Ajudem-me!», ouvimos
Uma voz em apuro
O grito de uma criança assustada

«Corre para nós!», gritei
«O nosso círculo é largo,
O único abrigo por perto!»

O rapaz gritou
«Não consigo, caí!»
E a resposta ecoou no negrume

Ouvindo o grito
Procurei ajudar
Mas o Mensageiro não me deixou

«De que servirá morreres?»
Perguntou-me, severo
«Pois a morte é tudo o que encontrarás»

«Não conseguirás ajudar
Contra garras de nuclita
Apenas mais carne para devorarem»

Golpeei-o com força

E tirei-lhe a lança
Saltando sobre as guardas

Uma carga frenética
Com força nascida do medo
Antes que o rapaz fosse nucleado

«Não percas a coragem!», gritei
Correndo para ele
«Mantém o coração forte e verdadeiro!

«Se não consegues fugir
Para a segurança
Levarei as guardas até ti!»

Depressa o alcancei
Mas não o suficiente
Os nuclitas aproximavam-se

Os demónios eram muitos
O meu trabalho foi árduo
Traçando guardas no chão

Um rugido trovejante
Fez vibrar a noite
Um demónio de seis metros

Erguia-se muito acima de mim
E contra tal poder
A minha lança parecia pequena e insignificante

Com chifres como lanças duras!
Com garras como o meu braço!
Uma couraça dura e negra!

Uma avalanche
Prometendo a morte
A besta atacou!

O rapaz parecia assustado
E segurou-me a perna
Cravando as unhas enquanto traçava a última guarda!

A magia cintilou
Dom do Criador
Única força que os demónios temem!

Alguns vos dirão
Que apenas o sol
Conseguirá ferir um demónio da rocha

Nessa noite aprendi
Que podia ser feito
Como aprendeu também o demónio Um Braço!

Rojer ouviu as últimas palavras e, de repente, percebeu porque lhe tinham parecido tão familiares as palavras. Quantas vezes Arlen lhe falara do demónio da rocha com um braço a menos que o perseguiu durante anos depois de lhe ter cortado o braço quando era apenas um rapaz? Quais eram as hipóteses de a história se ter repetido na estrada para Miln?

Keerin terminou com um floreado e ouviram-se aplausos pela sala de fumo, mas não do canto ocupado por Jasin e do círculo à volta do duque.

Os aplausos de Rojer foram sonoros e lentos, pensados para ecoarem na sala de teto alto. Continuaram quando os restantes aplausos se silenciaram, atraindo a atenção de todos.

– Uma bela história – congratulou Rojer, elevando a voz. – Mas conheci um homem que a contava de outra forma.

– Sim? – Keerin reagiu sem hesitar, reconhecendo o desafio. – Quem é ele?

– Arlen Fardos – respondeu Rojer, com o nome provocando um coro de sussurros em redor.

Olhou Keerin com incredulidade fingida enquanto o via empalidecer.

– Saberás, certamente, que o rapaz na tua canção se tornou o Homem Pintado quando cresceu?

– Não me lembro de haver um Jogral nessa história – disse Gared, fazendo aumentar ainda mais o burburinho. – Querem ouvir uma história verdadeira? – Bateu com a mão nas costas de Rojer, fazendo-o dar um passo em frente. – Rojer, canta *A Balada do Outeiro do Lenhador*!

Thamos voltou a cobrir a face com a mão. Rojer voltou-se, curvando-se diante de Rhinebeck como Keerin fizera.

– Alteza, não pretendo...

– Já a tocam em todas as tabernas daqui até Miln – disse Rhinebeck, acenando-lhe com uma mão. – Será melhor ouvi-la da fonte.

Rojer engoliu em seco, mas ergueu o violino e começou a tocar.

O Outeiro do Lenhador perdeu o seu centro
Quando a peste veio para ficar
Matou a grande Herbanária Bruna
Sua aprendiz longe de casa
Ninguém fugiu para se esconder
Todos se ergueram e seguiram
Matando demónios ao anoitecer
E o Homem Pintado saudaram

Em Forte Angiers, muito para norte
Leesha recebeu a má nova
A sua mentora morta, seu pai doente
O Outeiro a uma semana de viagem
Ninguém fugiu para se esconder
Todos se ergueram e seguiram
Matando demónios ao anoitecer
E o Homem Pintado saudaram

Sem guia encontrou pela noite escura
Apenas guardas de viagem de Jogral
Incapazes de suster os bandidos
Tal como as hordas de demónios
Ninguém fugiu para se esconder
Todos se ergueram e seguiram
Matando demónios ao anoitecer
E o Homem Pintado saudaram

Deixada como morta sem cavalo nem abrigo
Nuclitas rondando-a em bando
Encontraram um homem com pele tatuada
Que matava demónios com as mãos nuas
Ninguém fugiu para se esconder

Todos se ergueram e seguiram
Matando demónios ao anoitecer
E o Homem Pintado saudaram

O Outeiro arrasado quando chegaram
Nem uma guarda deixada intacta
E metade do povo que aí habitava
Morto e abandonado
Ninguém fugiu para se esconder
Todos se ergueram e seguiram
Matando demónios ao anoitecer
E o Homem Pintado saudaram

O Homem Pintado desesperado
Pediu que o seguissem e lutassem
Veremos o amanhecer se resistirmos
Lado a lado na noite
Ninguém fugiu para se esconder
Todos se ergueram e seguiram
Matando demónios ao anoitecer
E o Homem Pintado saudaram

Toda a noite lutaram com machado e lança
Faca de açougueiro e escudo
Enquanto Leesha trazia os caídos
Para sarar no Templo
Ninguém fugiu para se esconder
Todos se ergueram e seguiram
Matando demónios ao anoitecer
E o Homem Pintado saudaram

Outeireiros defenderam os seus
Pela noite dura e longa
Transformando o campo de batalha
Em Cemitério dos Nuclitas
Ninguém fugiu para se esconder
Todos se ergueram e seguiram
Matando demónios ao anoitecer
E o Homem Pintado saudaram

Se alguém perguntar porquê ao anoitecer
Os Demónios se acobardam
Outeireiros respondem com a verdade
Porque todos somos Libertadores
Ninguém fugiu para se esconder
Todos se ergueram e seguiram
Matando demónios ao anoitecer
E o Homem Pintado saudaram

Keerin pareceu encolher-se mais com cada estrofe. Gared trovejou o refrão juntamente com Rojer e outros na sala de fumo começaram a cantar a canção. No final, o porte altivo do arauto milnês perdeu-se.

Os aplausos foram mais sonoros quando Rojer terminou, com Gared motivando o público com assobios estridentes, palmas ruidosas e gritos de júbilo. Thamos juntou-se a ele e até os seus irmãos aplaudiram educadamente, exceto o Pastor Pether, que se limitou a beberricar o seu vinho.

No canto de Jasin, houve silêncio até ao fim dos aplausos. A seguir, começou a aplaudir lentamente, aproximando-se do centro da sala.

– Excelência... – começou.

– Agora não, Jasin – interrompeu-o Rhinebeck com um aceno da mão. – Acho que já tivemos canções suficientes para uma noite.

Jasin ficou boquiaberto e Rojer esboçou-lhe um sorriso.

– Nem sequer Canção-de-Terceira hoje, hã? Talvez seja melhor chamarmos-te Nenhuma-Canção de hoje em diante. – Antes que o arauto tivesse tempo de reagir, Rojer virou-lhe as costas e juntou-se novamente ao grupo do duque.

– Onde está esse Homem Pintado? – A boca de Pether formava uma linha rígida. Não surpreendia, já que Arlen Fardos representava um desafio direto à sua autoridade. Se fosse reconhecido por todos como o Libertador, a posição de Pether como líder da igreja angierana deixaria de fazer sentido.

– Lançou-se do alto de um penhasco com o demónio do deserto, como te contei nas minhas cartas – disse Thamos imediatamente. – Estava presente quando aconteceu e não recebi notícias credíveis suas desde então.

– Voltará – disse Gared, ignorando o olhar que Thamos fixava nele ou a forma como o esgar de Pether se agravava. – É tão certo como o Sol erguer-se.

– Então acreditas que é o Libertador? – perguntou Pether.

A toda a volta, outras conversas esmorecerem enquanto os presentes esperavam a resposta de Gared. Até este o percebeu, compreendendo que o relacionamento entre o Condado do Outeiro e Angiers poderia depender da sua resposta.

– Foi o Libertador para mim e para os meus – afirmou Gared, por fim. – Não podemos negar que o mundo se transforma e começou com ele. – Ergueu o olhar, fixando-o na face de Pether com uma intensidade que venceu até a ferocidade no olhar do Pastor. – Mas conheço Arlen Fardos. Não quer um trono. Não quer dizer às pessoas como devem viver as suas vidas. A única coisa que o preocupa é matar demónios e todos nós deveríamos conseguir apoiar essa vontade.

– Muito bem! – exclamou Thamos, erguendo a voz e o copo. Os seus irmãos olharam-no, surpreendidos, mas o conde manteve os olhos fixos em Gared, fingindo não perceber que o olhavam. O resto da sala reagiu instintivamente ao gesto, erguendo os copos num brinde.

Rhinebeck, Mickael e Pether, sentindo qual era a disposição geral, uniram-se ao brinde com sorrisos forçados, mas Rojer percebia o desconforto que escondiam.

* * *

Leesha não deixava de se surpreender com o desempenho magistral de Araine como anciã frágil. Entrelaçava um braço no de Leesha e outro no de Melny e o peso que apoiava em cada uma delas não era simulado.

A eficiência da tática era inegável. Todos os homens na corte, do mais humilde ajudante de cozinha até ao próprio Rhinebeck, tinham sido condicionados a aceder a todos os seus pedidos para que a anciã não se esgotasse com o esforço de atravessar a sala.

Leesha olhou Thamos quando passou por ele, mas o conde fingiu não reparar.

Nada está decidido, recordou a si mesma. *Não até fazer as pazes com Thamos.* Mais do que qualquer outra pessoa, devia saber que os contratos matrimoniais de uma mãe não significavam nada sem a aprovação do filho.

Wonda abriu a porta.

– Empresta a uma velha um desses braços magníficos – disse-lhe Araine.

– Sim, senhora – replicou Wonda. Melny afastou-se prontamente, sorrindo enquanto conduzia as mulheres pelo corredor até ao salão.

Aproximaram-se do fundo do corredor, onde duas mulheres corpulentas se colocaram em sentido de cada lado de duas portas grandes. As suas

vestes eram quase idênticas às de Wonda e envergavam ainda tabardos com o brasão de Araine. Estavam desarmadas, mas não pareciam precisar de armas para impedir a passagem da maior parte dos visitantes indesejados. Quando se moveram para abrir as portas, Leesha conseguiu ver o volume de um bastão curto pendurado dos seus cintos e escondido pelos tabardos soltos.

Saudaram Araine fazendo continência, mas os seus olhares fixaram-se em Wonda.

– Tornaste-te uma lenda em Angiers, querida – disse Araine a Wonda. – Desde a tua última visita, implementei algumas mudanças na guarda do palácio.

Outras duas mulheres do lado oposto fecharam as portas, mas envergavam armaduras de madeira lacada e empunhavam lanças.

Araine ignorou o desconforto na face de Wonda, voltando-se para Amanvah e Sikvah. Voltou a surpreender Leesha, falando krasiano fluente.

– Fiquem em paz, irmãs, e baixem os vossos véus. Estamos na ala feminina do palácio. Nenhum homem está autorizado a passar além destas portas.

Amanvah baixou a cabeça numa vénia breve, baixando o seu véu branco imaculado e soltando o lenço que lhe cobria a cabeça. Sikvah fez o mesmo. Por ser ainda solteira, Kendall mantinha a face exposta, mas prendia o cabelo num lenço multicolorido e tirou-o enquanto se curvava.

O salão estava repleto de senhoras da corte quando Araine subiu os degraus e percorreu o que restava do corredor. Viam-se mulheres bebendo, recostadas, discutindo arte, música, teatro e poesia. A princesa Lorain estava rodeada por um grupo atento, tal como a duquesa Melny. A tensão entre os dois grupos era palpável.

Um trio de Jograis femininas vestindo trajes multicoloridos com as armas da corte atuava perto do centro. Duas delas, jovens e belas, dedilhavam harpas, enchendo o salão com uma melodia apaziguadora.

A terceira era mais velha, alta e corpulenta. Os retalhos de muitas cores que compunham o seu vestido formavam linhas elegantes de veludo colorido bordado a ouro. A sua voz alastrava pelo espaço, ecoando das paredes e do teto concebido para ampliar a voz de quem cantasse no centro do salão. A ária de soprano pertencia a *Língua de Escama*, a ópera sobre o mítico Mensageiro Jak Língua de Escama que conseguia falar com os demónios e que se deleitava a enganá-los.

O olhar de Amanvah fixou-se na cantora com o brilho intenso e predatório comum nas mulheres krasianas. As cabeças de Sikvah e Kendall

moveram-se na mesma direção. Era como um bando de aves voltando-se em uníssono.

Amanvah e Sikvah ergueram ligeiramente as mãos, movendo os dedos na sua linguagem gestual secreta sem deixarem de olhar a Jogral. Leesha continuava sem conseguir perceber o significado dos gestos, mas sabia por experiência própria que as mulheres krasianas conseguiam manter com os dedos e expressões faciais uma conversa tão complexa como se usassem palavras.

Fingindo ajeitar o cabelo, Leesha colocou um brinco guardado. Era uma minúscula concha de prata, moldada sobre um fragmento curvo de cartilagem da orelha de um demónio da chama.

Inclinou ligeiramente a cabeça e ouviu as palavras sussurradas por Kendall enquanto a música soava.

– Quem é?

Sikvah aproximou-se de Kendall. As suas palavras foram quase inaudíveis ao ouvido da rapariga, mas Leesha conseguiu ouvi-las, mesmo assim.

– Foi ela que matou mestre Jaycob.

Sentiu um aperto no estômago. Escrevera o relatório para a guarda da cidade depois do crime. Leesha orgulhava-se da sua memória pormenorizada, mas funcionava tanto para o bem como para o mal e a imagem do corpo inchado e ensanguentado de Jaycob surgiu-lhe na mente, com os ossos partidos como se fossem ramos usados como acendalhas. Fora espancado até à morte por alguém que usara apenas as mãos nuas.

Pela dimensão das suas nódoas negras, sempre presumira que o assassino teria sido um homem. Via-se no ombro de Jaycob a marca roxa de uma mão, no local onde o atacante o teria segurado para o puxar para os seus golpes. Leesha lembrava-se de ter colocado a sua mão sobre a marca, parecendo-lhe a mão de uma criança sobre a mão de um adulto.

Bastou um olhar às mãos grandes da cantora para perceber.

– Que fazemos? – sussurrou Kendall.

– Nada até a dama’ting dar a ordem – disse Sikvah. – Esta mulher tem uma dívida de sangue para com o meu marido, mas, até decidir cobrá-la, deveremos suportar a sua presença.

O Núcleo, pensou Leesha.

– Criador, esta cantoria dá-me uma dor de cabeça terrível – exclamou. Não o fez demasiado alto, mas também não falou em voz baixa.

Araine ouviu imediatamente.

– Sali, cala-te!

A Jogral enchera muito os pulmões para entoar o verso seguinte e engasgou-se, tossindo violentamente. Bateu com um punho no peito, tentando recompor-se e, atrás dela, Leesha e Kendall riram baixinho.

Leesha ergueu a voz.

– Se as senhoras no vosso salão estiverem tão fartas como eu de outra interpretação sem graça de *Língua de Escama*, Excelência, talvez a princesa Amanvah possa presentear-nos com algo mais recente. – Olhou Amanvah e o brilho no seu olhar era de gratidão.

Após um aceno de Araine, Amanvah e as suas Jiwah Sen avançaram para a infeliz trupe real, forçando-as a abandonarem atabalhoadamente o centro do salão.

Kendall ergueu o violino, tocando algumas notas para aquecer as cordas enquanto Amanvah se dirigia ao público.

– Em dias longínquos, o meu povo usou a música para repelir os alagai, roubando-os aos seus propósitos desprezíveis. – A sua voz treinada usou com mestria a acústica do salão em seu benefício e o sotaque musical arrepiou as mulheres que ouviam, atraindo a atenção de todas, incluindo das Jograis substituídas. – Chegou o momento – continuou Amanvah – de devolver esse poder a todos os filhos de Everam. Ouçam bem.

E, depois daquilo, começou a cantar, com Sikvah e Kendall juntando-se a ela. Eram as três quase tão poderosas como quando tinham Rojer a liderá-las. A canção era em krasiano, mas a melodia envolveu-as e, em breve, Leesha via as mulheres no salão esforçando-se para acompanhar o refrão, com o entusiasmo bem visível na face enquanto recordavam lições de infância sobre a língua do deserto.

No canto, Sali erguia-se com os braços cruzados, destilando ódio.

VINTE

RIVALIDADE ENTRE IRMÃOS

333 DR Inverno

Rojer sentia a cabeça a palpitar quando Sikvah o acordou. Mal recordava entrar nos seus aposentos, deitando-se a seu lado. Amanvah e Kendall tinham aposentos próprios. Rojer olhou a janela. A escuridão mantinha-se.

– Criador, qual é a emergência? – perguntou. – A não ser que as muralhas tenham caído, quero dormir até ao meio-dia.

– Não podes – disse-lhe Sikvah. – O homem do duque espera à porta. Partes ao amanhecer para a caçada.

– Noite – murmurou Rojer, esfregando a cara. Esquecera-se completamente. – Diz-lhe que já vou.

Depois de se vestir, encontrou um tabuleiro com o pequeno-almoço, mas limitou-se a levar consigo um pequeno pão a caminho da porta.

– Precisas de comer, marido – disse Sikvah.

Rojer retirou importância ao facto com um gesto da mão.

– Vou caçar com o duque Rhinebeck. Acredita que haverá comida em quantidade. É provável que regresse com alguns quilos a mais e não será por comer carne caçada.

Sikvah olhou-o com curiosidade.

– Quando os Sharum caçam, levam apenas água consigo. É um teste de sobrevivência.

Rojer riu-se.

– Para muitos no Norte, também é. Mas a aristocracia caça por desporto.

Se os criados do duque perseguirem um veado até o colocarem diante do seu arco e se conseguir atingi-lo e não a eles, os cozinheiros transformarão o animal num festim real, mas, seja como for, haverá comida suficiente para alimentar um exército.

Beijou-a, deixando Amanvah e Kendall dormindo enquanto se dirigia para os estábulos em busca de Gared.

Teve a sorte de ouvir Jasin antes de o ver. Escondeu-se num nicho à sombra da estátua de Rhinebeck I, esperando que passassem.

– Não pode ser. Aquele saco de vento milnês e o maldito Meia-Mão foram convidados e eu não? – rosnou Jasin.

– Baixa a voz, rapaz – ripostou Janson. Não havia vestígios do tom obsequioso que empregava com a família real e com os visitantes. Rojer não ouvia aquele tom há algum tempo, mas conhecia-o bem. Janson usara-o com frequência nos últimos dias de Arrick ao serviço do duque. – Rhinebeck não te quer na caçada e não precisas de saber nada mais além disso. Será uma sorte conseguires manter o teu posto depois do disparate que fizeste durante a viagem para sul.

– Foste tu quem me disse para ordenar aos soldados que avançassem para expulsar os vagabundos dos acampamentos – recordou Jasin, reduzindo a voz a um sussurro severo.

– Não te disse que te gabasses disso aos outeireiros – afirmou Janson. – E, se voltares a dizer uma palavra sobre a minha ordem, o vestido preto da minha irmã será um preço baixo a pagar por ficar livre das dores de cabeça que me dás.

Jasin foi sensato e guardou a resposta para si mesmo e, no momento seguinte, o ministro foi chamado para se ocupar de algum assunto relacionado com a partida do duque. Rojer avançou para o átrio, assobiando uma melodia animada. Jasin ergueu o olhar e franziu a testa.

– É pena que não possas juntar-te a nós – disse Rojer enquanto passava por ele.

Jasin segurou-o pelos braços e empurrou-o com força contra a parede. Não era um gigante como Gared, mas era mais alto e mais forte que Rojer.

– Pensei que tivesses aprendido a não me irritar, aleijado, mas parece-me que precisas que te lembre do...

Rojer pisou Jasin com força, movendo os antebraços numa manobra simples de sharusahk para afastar as mãos do arauto. Moveu um punho, colocando uma faca na mão e encostando a ponta ao pescoço de Jasin.

– Já não me assustas, Nenhuma-Canção – exclamou Rojer. Pressionou a faca, vertendo uma gota de sangue.

A face de Jasin passou do rosado ao branco.

– Não te atreverias...

Rojer pressionou mais, calando-o.

– Pensas que esqueci o que me fizeste? O que fizeste a Jaycob? Dá-me um pretexto. Imploro-te.

– Que se passa aqui?

Rojer e Jasin voltaram-se em uníssono para ver quem tinha falado. Rojer escondeu a lâmina, fazendo-a desaparecer pela manga acima. Lorde Janson erguia-se no átrio, olhando-os com desagrado. Rojer julgou que não tivesse visto a faca, mas não sabia ao certo. Não que importasse se Jasin o acusasse e mostrasse o ferimento na garganta.

Mas Jasin sorriu, erguendo as mãos.

– Nada, tio. Apenas um velho desentendimento.

Janson semicerrou os olhos.

– Resolvam-no depois. Sua Alteza espera-te, mestre Meia-Mão.

Rojer curvou-se.

– Com certeza, ministro.

– Depois – concordou Jasin, virando-se e entrando no palácio.

– Meia-Mão! – chamou Rhinebeck quando Rojer chegou ao estábulo. Não era claro se manteria a bebedeira da noite anterior ou se seria uma bebedeira nova, mas o Sol mal acabara de nascer e as suas palavras arrastavam-se e o odre de vinho que o seu pajem carregava estava meio vazio.

– Pretendes caçar assim vestido? – perguntou Pether, apontando o traje multicolorido de Rojer com um bastão curvo curto que também servia como chicote de montar. O Pastor trocara as suas vestes formais por um traje de cavaleiro castanho e verde em seda fina e couro com o bastão curvo bordado a ouro no casaco de lã fina.

Rojer olhou a sua roupa, um conjunto de fragmentos de tecido de muitas cores que era perfeito para atuar, mas não tão ideal para avançar discretamente pela floresta. Encolheu os ombros.

– Mil perdões, milordes, mas não trouxe roupas de caça.

– Não importa – disse o príncipe Mickael. – Tom-Dourado tem trajes de caça multicoloridos. Janson! Envia um rapaz para trazer roupas do arauto.

Janson curvou-se.

– Imediatamente, Alteza. – Olhou Rojer, que foi sensato e escondeu o sorriso olhando os pés.

O estafeta regressou com um traje em tons de verde e castanho de Jasin, mas, quando Rojer abriu o embrulho, percebeu que tresandava como se

Tom-Dourado tivesse vertido o penico sobre a roupa.

Rojer sorriu. Não deixava de ser uma vitória. Se não conseguisse matar o homem com facilidade, contentar-se-ia com mil golpes minúsculos.

O pavilhão de caça real ficava um dia de viagem a leste da cidade. Keerin e Sament tinham sido convidados, mas apenas como gesto de cortesia. Não eram verdadeiramente bem-vindos. Tinham uma comitiva própria e, mesmo na caçada do dia seguinte, os dois grupos mantiveram-se separados.

Caçavam águias-rochosas, uma espécie grande de ave de rapina comum nas montanhas de Angiers. A cor das suas penas tornava-as quase indistinguíveis das rochas em que faziam os seus ninhos.

O duque dividira-os em dois grupos. Rhinebeck, Thamos, Rojer e Gared posicionaram-se a leste, sobre um amontoado de rochas de nidificação. Mickael, Pether, Sament e Keerin tinham sido enviados para uma posição semelhante a oeste. Os criados levaram os cães em silêncio pelas rochas acima. Quando estivessem prontos, Rhinebeck daria o sinal e soltariam os cães, expulsando as aves dos seus esconderijos diretamente para as miras dos caçadores.

Rojer e Gared empunhavam arcos convencionais com as flechas prontas para disparar. O duque e Thamos empunhavam bestas com miras telescópicas ornadas. Cada um tinha um assistente com duas bestas adicionais, preparado para recarregar quando os membros da família real disparassem.

– Envergonha a coroa – dizia Thamos a Rhinebeck. – Expulsou camponeses para a noite para poupar umas horas.

– Camponeses rizonanos – disse Rhinebeck. – Ocupando terreno reservado a Mensageiros e caravanas. Maioritariamente bandidos que não pensariam duas vezes antes de cortarem o pescoço aos meus homens.

– Tolice – retorquiu Thamos. – Os que encontrámos estavam demasiado devastados para serem uma ameaça para alguém. Rizon caiu, irmão. E Lakton não tardará a cair se não agirmos. Se não quisermos as nossas terras repletas de bandidos, teremos de absorver os refugiados, oferecendo-lhes melhores condições. É a única forma. E não poderemos fazê-lo se Tom-Dourado os fizer amaldiçoar o teu nome.

Rhinebeck suspirou, bebendo mais um trago demorado do seu odre. Ofereceu-o a Thamos, que recusou, e a Gared, que aceitou. O barão jovem impressionava, estando quase tão bêbado como Rhinebeck.

– O Criador sabe que não defendo Tom-Dourado – disse Rhinebeck. –

Aquele nojento miserável faz-me ter saudades de Doce-Canção antes de a bebida o ter arrasado. – Olhou Rojer, que manteve a face sem expressão. Não era segredo que o duque e Arrick se tinham desentendido depois de Doce-Canção regressar da destruição de Ponteflúvia trazendo Rojer consigo.

– E tu, Meia-Mão? – perguntou Rhinebeck. – Diz-se que devemos perguntar a um Jogral quando procuramos mexericos. Que dizem nas ruas sobre o meu arauto desmiolado?

– É tão pouco amado na guilda como no palácio – afirmou Rojer. – Antes de Vossa Alteza o acolher como arauto, os seus patronos estavam mais interessados em fazer um favor ao seu tio do que no seu canto. Era conhecido por aceitar trabalhos que o meu mestre rejeitava. Foi assim que mereceu a alcunha Canção-de-Segunda.

Rhinebeck riu-se com estrondo.

– Canção-de-Segunda! Adoro!

O som ecoou das rochas e uma dúzia de águias-rochosas levantou voo com asas poderosas elevando-as no ar para alcançarem os ventos fortes que sopravam sobre as montanhas.

– Noite! – gritou Rhinebeck, erguendo a besta tão rapidamente que o virote se soltou e a corda estalou inutilmente. Rojer e Gared dispararam também, mas as suas flechas não se aproximaram de forma significativa. Ouviram-se pragas quando o grupo a oeste obteve resultados semelhantes.

Só Thamos permaneceu calmo, erguendo a besta e demorando-se a mirar uma das aves. Rhinebeck recebeu outra besta do seu criado e ergueu-a enquanto Rojer e Gared preparavam flechas para os segundos disparos. Thamos disparou e ouviu-se um guincho enquanto Rhinebeck premia o gatilho sem tempo de mirar.

A águia-rochosa guinchou enquanto tombava. Thamos sorriu, mas não por muito tempo. O seu irmão olhou-o, irado. O conde acenou afirmativamente.

– Excelente disparo, irmão. Confesso que estou sem prática, mas, com a ajuda do Criador, recuperarei nos próximos dias.

Houve um momento de silêncio e o criado de Rhinebeck falou.

– Verdadeiramente, senhor. – O criado acenou com a cabeça enfaticamente. – Um tiro de grande mestria, Alteza.

Rhinebeck olhou Gared e Rojer.

– Raramente vi tal perícia com a besta – disse Rojer. Gared ficou calado e Rojer aplicou-lhe um pontapé discreto na perna.

– Ah, sim – disse Gared, sem qualquer sinceridade na voz. – Bom tiro.

Rhinebeck grunhiu, aplicando uma palmada nas costas de Thamos.

– Sempre foste melhor com a lança do que com a besta. – Olhou Rojer. – A culpa é tua, Jogral, por me fazeres rir tanto. – Voltou a rir-se. – Canção-de-Segunda. Terei de me lembrar dessa. – Os criados respiraram de alívio e a tensão perdeu-se.

O pavilhão de caça era uma pequena fortaleza, construída sobre terreno elevado com muralhas guardadas grossas e pessoal exclusivo durante todo o ano. Tinha uma guarnição de cinquenta Soldados de Madeira e pelo menos duas dúzias de criados e guardas de caça, além da vintena de soldados que compunha a comitiva do duque, juntamente com pajens, cozinheiros e cães. Tinha mesmo um bordel próprio, com mulheres para confortar os soldados e pegas de maior requinte para servir os aristocratas de visita. Havia dois rapazes entre elas, mas o seu cabelo e maquilhagem faziam-nos parecer mulheres à primeira vista.

– Nojento – disse Sament, vendo um dos rapazes, mas o olhar de Keerin demorou-se e Rojer percebeu sem qualquer dúvida que gemeriam os dois nas almofadas naquela noite. Pensou se Keerin preferiria ficar por cima ou por baixo.

Mickael e Pether culparam Rhinebeck por assustar a caça e a sua irritação ampliou-se quando Rhinebeck ergueu a águia abatida.

– Thamos levantou-se e moveu a besta tão depressa que o maldito virote se soltou! – Rhinebeck gesticulou com um osso de águia-rochosa para ilustrar o que dizia.

De cada vez que voltava a contar a história, e fizera-o muitas vezes, acrescentava pequenos floreados com a perícia de um Jogral. Parecia ter interiorizado por completo a mentira.

Todos se riram de Thamos. Os seus irmãos e as pegas respetivas, os milneses e até alguns dos criados. Gared estudou o conteúdo da sua taça e Thamos reagiu com um som desagradado que os outros confundiram com riso envergonhado.

Pela sua natureza, Rojer quis juntar-se ao riso. *Nunca estragues a boa disposição de um público,* ensinara-lhe Arrick*, e não te comportes como se fosses superior a ela.*

Mas, depois dos meses que com ele partilhara, Rojer começara a gostar realmente do conde Thamos e não conseguia forçar-se a participar na sua humilhação. Em vez disso, esvaziou o vinho.

Os cozinheiros tinham feito um excelente trabalho com a presa, mas uma

águia-rochosa não era suficiente para alimentar um grupo de homens adultos. Rhinebeck servira-a como aperitivo para que todos pudessem partilhar da sua orgulhosa «vitória». A carne era dura e difícil de engolir, muito semelhante à história que tinham de suportar mais uma vez.

A mesa do duque estava coberta com porco, veado e vaca em quantidade suficiente para alimentar um grupo com o dobro do tamanho. O vinho fluía generosamente e os que não estavam já bêbados não tardaram a estar perto disso, incluindo Rojer.

Da família real, só Thamos não teve companhia nas almofadas e Rojer surpreendeu-o a misturar água no vinho.

Gared seguiu-lhe o exemplo. Retraíra-se desde que o duque reclamara a águia abatida por Thamos.

– Esperava que o trono fosse suficiente.

– Os meus irmãos sempre foram assim. – A voz baixa de Thamos parecia cansada. – Noutro tempo, teria feito a mesma coisa. Aquele virote tinha o meu selo e ter-me-ia deleitado gabar-me diante de Rhiney e dos outros. – Suspirou. – Os vagabundos nos acampamentos também não me teriam agradado. O mundo parece diferente desde que deixei Angiers e vi como vivem as pessoas reais.

Bateu com o punho na mesa. Rojer olhou em redor, mas os seus irmãos faziam demasiado barulho para reparar.

– Perdemos tempo! A norte, Euchor pretende tornar-se rei de Thesa e, a sul, os nossos inimigos avançam. Há gente a passar fome por todo o território de Angiers e caçamos! Caçamos mal. É só um pretexto para sair da cidade para beber e para nos rodearmos de pegas.

O conde ergueu-se.

– Preciso de ar.

– Vais praticar os disparos, irmão? – perguntou Rhinebeck, motivando gargalhadas a Mickael e Pether. – Será melhor ter cuidado ou terei de nomear um novo comandante para os Soldados de Madeira.

Thamos reagiu arreganhando os dentes e Rojer percebeu que o duque fora longe de mais. A coragem do conde demorava a manifestar-se, mas podia mostrar-se impetuoso quando era forçado a esquecer as cautelas.

– Se a tua mira é tão certeira, irmão, poderíamos esquecer caça simples como águias-rochosas e caçar algo de maior relevo. – Thamos olhou em redor, atraindo os olhares dos outros homens à volta da mesa. – Se houver aqui homens com a coragem de perseguir presas a sério.

Aquilo motivou olhares nervosos, mas Rhinebeck ainda não percebera.

– O homem que mal consegue disparar um arco duvida de nós? Muito

bem. Que devemos caçar? Ursos? Lobos?

Thamos cruzou os braços.

– Então de pé. Vamos caçar um demónio da rocha.

– Isto é loucura – exclamou Rhinebeck enquanto avançavam sobre as colinas perto do pavilhão de caça. A progressão era lenta. Rojer, Gared e Thamos conseguiam ver perfeitamente com visão guardada, mas os outros tinham de usar lanternas transportadas por três da meia dúzia de Soldados de Madeira que os escoltava. Empunhavam armas guardadas, mas eram madeira crua, como se dizia no Outeiro. Sem terem sido testados na noite.

– Podes voltar para a tua pega favorita e esconderes-te nas suas saias, irmão – disse Thamos, atraindo um olhar do duque.

Keerin fizera precisamente isso, recusando participar apesar das suas afirmações de bravura. Os irmãos de Thamos teriam desejado fazer a mesma coisa, mas o orgulho não lhes permitiria demonstrar fraqueza diante do seu irmão mais novo.

Lorde Sament acompanhara-os com duas das suas Lanças da Montanha. Como os outros membros da realeza, trazia uma besta e virotes guardados, mas, ao contrário do que sucedia com os angieranos, havia avidez na face de Sament.

O grupo era suficientemente pequeno para Rojer conseguir escudá-los com a sua música.

– Não afastes os demónios – disse-lhe Thamos enquanto abandonavam a segurança das muralhas guardadas do pavilhão. – Permite que vejam o que enfrentamos todas as noites no Outeiro.

Rojer obedeceu, cobrindo o grupo com camuflagem ténue semelhante à das Capas de Invisibilidade de Leesha. Os demónios continuavam a conseguir cheirá-los, ouvi-los, e conseguiam mesmo ver as lanternas pelo canto do olho, mas não conseguiriam encontrar a sua localização exata. Moviam-se além do limite da magia de Rojer, farejando, procurando mas sem conseguirem encontrar as presas.

Um demónio da chama cuspiu, frustrado, e o príncipe Mickael deu um salto, com a voz grave transformando-se num guincho. O demónio ouviu, girando a cabeça na sua direção. Soldados de Madeira posicionaram-se diante do príncipe, unindo escudos e erguendo lanças, mas também eles tremiam de medo.

Thamos olhou para trás.

– Gared.

– A caminho – disse o Lenhador corpulento. Deixou o machado e a faca de mato gigantescas presas nas costas, erguendo punhos blindados. Leesha guardara as manoplas, colocando ossos de demónio no interior. Protegia-se apenas com o colete de couro e com o elmo guardado, mas Gared avançou sem preocupação.

O demónio avistou-o quando deixou para trás a proteção da música. Cuspiu fogo, mas Gared defletiu o jorro com uma mão e fê-lo dissipar-se contra as guardas. Aproximou-se da criatura, segurando-lhe uma das patas enquanto tentava fugir para longe do seu alcance.

O demónio pesaria vinte quilos, mas Gared brandiu-o com uma mão como se fosse um gato, descrevendo um arco que o ergueu sobre a cabeça e fazendo-o embater contra o chão. Depois de lhe roubar o fôlego, Gared apertou-o pelo pescoço, imobilizando-o enquanto o seu punho blindado se erguia e descia, com clarões de magia explodindo em harmonia com os ruídos do embate e com o sangue negro que voava.

Um par de demónios da pedra atarracados avançou para ele, mas Gared atirou-lhes o corpo devastado do demónio da chama e pararam para o devorar. Quando ergueram o olhar, Gared regressara ao escudo protetor de Rojer.

Rhinebeck olhou os demónios da pedra, horrorizado. Mediam menos de metro e meio, mas eram largos, com armadura como uma parede de pedra. O duque tremia como gelatina sobre uma mesa pontapeada.

Mickael, parecendo furioso por ter guinchado diante dos outros, cuspiu e ergueu a besta.

– Os demónios da rocha são nossos. Vamos matá-los de uma vez por todas.

– *Pff!* – Thamos indicou os demónios da pedra com um gesto de desprezo. – Não passam de demónios da pedra. Não serão presas dignas. Rojer?

Rojer franziu a testa, mantendo a música que os escondia, mas incluindo uma sugestão aos demónios da pedra que se tornou cada vez mais insistente.

Num momento, atingiu o ponto de ebulição. Um dos demónios da pedra embateu contra o outro, fraturando-lhe literalmente a face e destruindo a couraça.

O demónio guinchou, mas conseguiu recompor-se e responder à letra enquanto o primeiro intensificava o ataque. Caíram no chão, rebolando para trás e para diante enquanto se golpeavam com grandes punhos de pedra. Por fim, um deles imobilizou-se. O outro tentou erguer-se, mas tinha a perna

partida e caiu para trás, ficando imóvel.

– Está morto? – perguntou Sament.

Thamos abanou a cabeça.

– Os demónios saram depressa. Recuperam de qualquer coisa que não os mate imediatamente.

Sament grunhiu, erguendo a besta e atingindo um olho do demónio com um virote. Houve um clarão de magia enquanto atravessava o crânio, mas a luz guardada fê-los perceber a aproximação dos outros.

– Atraímo-los – disse Pether. O seu tom era monocórdico, mas Rojer sentia o indício de pânico por baixo.

– Claro – respondeu Thamos. – E precisamos de aumentar a atração se queremos que um demónio da rocha se aproxime.

– Somos caçadores ou isco? – perguntou Rhinebeck. – Parece-me que arriscas a vida de todos nós só para salvar o teu orgulho ferido.

– Rojer, afasta-os. – Thamos apontou um dos Soldados de Madeira. – Traz a lanterna. – Apontou uma pegada iluminada de demónio da rocha, tão longa como o braço de um homem. – Perseguimos este demónio durante a meia hora anterior. Ergueu-se a três quilómetros de distância, onde um deslizamento de terras expôs uma parede rochosa.

– Noite – exclamou lorde Sament, colocando uma bota sobre a pegada e espantando-se com a diferença. – Medirá quase cinco metros de altura.

– Seis, pelo menos – corrigiu Gared, sorrindo. Adorava assustar a madeira crua. Ergueu bem alto uma mão aberta sobre os seus dois metros de altura. – Com os chifres mais altos que eu.

Rhinebeck não conteve um gemido baixo, com a besta tremendo de forma tão notória nas suas mãos que os que estavam mais perto dele deram um passo atrás, olhando-o com receio.

Os outros não estavam muito melhores. Mickael apertava tanto a sua besta que Rojer achou que a madeira poderia estalar e Pether parecia entoar a primeira oração sincera da sua vida. Até os soldados na escolta pareciam prontos a borrar as belas armaduras de madeira, apertando com força as lanças nas mãos.

Lorde Sament olhou-os com repulsa.

– É esta a coragem com que Angiers quer que Miln se alie? Se enviarmos homens para enfrentar os krasianos, lutarão lado a lado com eles ou ficarão a tremer na retaguarda?

Era uma provocação inesperada do aristocrata anteriormente silencioso, mas a noite desprotegida conseguia motivar a sinceridade nos homens. As palavras sobressaltaram os irmãos mais velhos e os soldados, puxando-os

novamente para o momento.

Thamos apontou o local onde um par de paredes rochosas formavam uma passagem estreita suavemente iluminada pela Lua quase cheia. Um punhado de árvores mirradas erguia-se nas encostas, despojadas de folhas.

– Aquelas árvores são demasiado dispersas para atraírem demónios da madeira – disse Thamos. – Sament, leva as tuas Lanças da Montanha para a encosta norte. Irmãos, ocupem a encosta sul.

– E onde estarás tu, irmão? – O tom de Rhinebeck deixou claro que haveria contas a ajustar quando voltassem para casa. Rojer receou que Thamos tivesse ido longe de mais.

Mas, se Thamos compreendia os danos que provocara, não o demonstrava. Sentia o sangue em ebulição e todos os outeireiros percebiam o que significava.

– Atrás daquelas rochas – apontou. – Até Rojer atrair o demónio para o desfiladeiro. Posicionar-se-á no extremo oposto enquanto avançarmos pela retaguarda com uma muralha de lanças que o impeçam de fugir enquanto disparam.

– Não poupem os virotes – recomendou Gared. – É um demónio da rocha de seis metros. Não é um demónio da pedra que caísse com um virote ou dois. Mesmo que todos os disparos sejam perfeitos, as primeiras flechas servirão só para o irritar. Terão de esvaziar as aljavas e transformar-lhe a cabeça numa almofada de alfinetes.

– Acho que vou vomitar – disse um dos Soldados de Madeira. Todos olharam enquanto cobria a boca com a mão.

– Sargento... Mese, não é? – perguntou Thamos. O homem acenou afirmativamente, arregalando os olhos, com o enjoo alterando-lhe as feições. – Para fora ou para dentro, sargento – disse Thamos. – Ninguém vai morrer esta noite se mantiverem a cabeça fria e cumprirem as ordens.

O homem acenou afirmativamente e Rojer teve de conter também o vómito, vendo Mese fazer uma careta e voltar a engolir o jantar parcialmente digerido.

Gared, Thamos e os Soldados de Madeira colocaram-se atrás das rochas enquanto os outros se posicionavam sobre as paredes rochosas. Mesmo com a visão guardada, Rojer não conseguia vê-los escondidos entre as árvores, o que significava que os demónios também não os veriam. Fizeram sinal com as lanternas e Rojer ergueu o violino e o queixo para permitir que a magia do seu instrumento enviasse o chamamento pela noite.

A resposta foi imediata. Como Thamos pretendera, o clamor da batalha atraiu-o e o demónio da rocha vinha já a caminho. Era uma simples questão

de o atrair pelo caminho escolhido.

Minutos depois, viram-no, afastando árvores como se afastasse plantas domésticas. As suas pernas eram como colunas de mármore negro e Rojer sentia o solo tremer com cada passo.

Ajustou a melodia, hipnotizando a criatura enquanto avançava para o desfiladeiro estreito. Quando se sentiu confiante de que o nuclita estava encantado, voltou-se e avançou pelo desfiladeiro, acreditando que o seguiria.

Thamos escolhera bem o terreno. Seria difícil que os seus irmãos falhassem àquela distância e a presa conceder-lhes-ia confiança muito necessária.

Quando saiu da linha de fogo, Rojer alterou novamente a melodia, repelindo o demónio em vez de o atrair. Enquanto a grande besta permanecia paralisada, Thamos disparou um foguete que iluminou o demónio com clareza.

Ouviram-se cordas vibrando a norte e os olhos guardados de Rojer viram os virotes milneses cruzando o ar com magia e cravando-se com um silvo fumegante na cabeça e no pescoço do demónio. Guinchou de dor e Rojer deixou de conseguir controlá-lo. Baixou o violino e cobriu-se com a Capa de Invisibilidade, disposto a esperar.

Outra chuva de virotes partiu dos milneses. Ouvia os seus gritos de júbilo quando os virotes atingiram o alvo.

Mas não havia sinal do duque e dos seus irmãos. Que esperavam? Estariam demasiado bêbados para dispararem as bestas?

Como Gared previra, os primeiros disparos conseguiram apenas enfurecer o demónio. Enlouquecido pela dor, correu em direção a Rojer num esforço desesperado para escapar à armadilha. Rojer ergueu o violino, tocando notas ruidosas e dissonantes, repelindo-o.

Bloqueado, o demónio correu na direção oposta enquanto os milneses continuavam a disparar. Que esperariam os irmãos de Thamos?

O conde gritou. Juntava-se a Gared no apoio à muralha de escudos enquanto o demónio da rocha avançava para eles. Chocaram, tentando empurrá-lo de volta para a linha de fogo.

Mas, tendo sido atingido apenas por metade dos virotes, o demónio mostrou-se mais forte do que anteciparam e a dor dos ferimentos conferia-lhe força selvática. Os escudos guardados fizeram-no recuar um passo, mas manteve o equilíbrio e golpeou o chão duro com um punho gigantesco, atirando ao chão dois Soldados de Madeira. Chicoteou a linha com a cauda, partindo a perna de um dos homens e dispersando os outros.

Os arqueiros e besteiros deixaram de conseguir disparar sem atingir os soldados. Só Thamos e Gared mantinham o controlo. O conde posicionou-se entre o demónio da rocha e o homem ferido, repelindo-o com golpes medidos da lança.

Mese colocou-se ao lado de Thamos. O nuclita lutava com desvario, mas não de tal forma que permitisse aberturas exploráveis pelos soldados.

Gared aproveitou a desatenção para contornar o adversário, golpeando-o atrás do joelho com o machado. A perna cedeu e o demónio caiu, apoiando-se sobre um braço de garras medonhas. A grande cabeça coberta de chifres mergulhou e ficou ao alcance da lança de Thamos.

Mas ouviu-se outro grito vindo de cima e um demónio do vento voou a pique, prendendo Mese nas garras traseiras enquanto o homem gritava. As placas de madeira lacada da sua armadura guardada cintilaram ferozmente, impedindo as garras de furarem, mas não o protegeram da pressão enquanto o nuclita o apertava cada vez mais e abria as asas na sua máxima amplitude. Num instante, erguer-se-ia e desapareceria com Mese.

Thamos mudou de trajetória sem hesitar, abdicando do golpe fatal para salvar o soldado. Pareceu saltar enquanto se voltava para a nova ameaça, projetando a lança no momento em que as asas baixavam e o nuclita começava a elevar-se.

O conde previra a subida, cravando a lança com guardas poderosas no peito do demónio quando se tinha erguido uns três metros. Perdeu as forças e embateu no solo enquanto Mese gritava, muito vivo.

A distração teve um preço pesado para Thamos e o demónio da rocha recuperado golpeou, atingindo-o na aresta do escudo e projetando-o pelo ar até aterrar violentamente sobre as costas. O demónio rugiu, lançando-se contra ele.

Tê-lo-ia destruído, mas Gared rugiu também e atacou com o machado, cortando-lhe a ponta afiada da cauda. Jorrando sangue negro, a cauda moveu-se como um chicote, derrubando Gared.

Com a mira temporariamente desimpedida, os milneses arriscaram novos disparos, atingindo o demónio e dando tempo a Thamos para erguer a lança que Mese largara. Rojer olhou para sul, mas não havia sinal dos angieranos.

Thamos bradou um desafio para desviar a atenção do demónio de Gared. Fê-lo hesitar, mas acabou por desferir um golpe bem medido que Thamos defletiu com o escudo enquanto continuava a avançar.

O demónio fixava nele a totalidade da sua atenção e não esperava que os outros Soldados de Madeira liderados pelo sargento Mese encontrassem a

coragem e avançassem.

Brilhando com magia, Gared sarava antes mesmo de se erguer. Moveu-se com passadas furiosas que Rojer reconhecia como significando que a luta se tornara uma questão pessoal.

Quase sentiu pena do demónio.

Enquanto Thamos e os outros o faziam recuar, Gared segurou o machado com as duas mãos. O barão do Condado do Outeiro arrancava nacos ao joelho do demónio como se fosse uma árvore de madeira dourada. Momentos depois, tinha cortado a articulação por completo e o demónio caiu com um estrondo que abalou a montanha.

Depois, viram um clarão a sul, seguindo-se outros. O demónio estava caído por terra, um alvo fácil para os angieranos, que se apressaram a esvaziar as aljavas. A cabeça do demónio pareceu explodir enquanto virote após virote se cravava.

No pavilhão, penduraram os grandes chifres do demónio sobre o trono de Rhinebeck na sala de jantar e passaram a noite a beber e a fazer brindes.

Mese pousou um joelho diante de Thamos, erguendo nas mãos a bela lança do conde.

– A vossa lança, comandante.

Thamos ergueu uma mão.

– Tenho outras. Fica com ela, tenente Mese.

O homem abriu a boca de espanto, pegando na lança e pousando-a com reverência aos pés do conde enquanto caía de joelhos.

– A minha lança estará sempre ao vosso dispor, lorde Thamos. – Ergueu a nova lança e gritou: – Pelo comandante!

Os outros soldados ergueram as canecas transbordantes de cerveja.

– Pelo comandante!

Rhinebeck e os seus irmãos também ergueram as canecas e beberam, mas Rojer via ódio e ciúme nos seus olhos enquanto os homens entoavam o nome de Thamos.

Thamos olhou lorde Sament.

– É isto a coragem angierana, irmãos. É com ela que se aliarão. A paz do Pacto e a falta das guardas de combate amoleceu-nos a todos, mas batem corações de guerreiro em todos os peitos thesanos. Juntem-se a nós e expulsaremos os krasianos para as areias a que pertencem.

Sament cruzou os braços.

– Palavras destemidas. Mas e o Outeiro? Integrará também o Pacto?

– O Outeiro pertence-me – intrometeu-se Rhinebeck, irado. – E obedecerá às minhas ordens.

Thamos cerrou os dentes, mas acenou com a cabeça.

– É como diz o meu irmão.

– Tens um plano para este ataque glorioso, comandante, ou não passa de bravata? – perguntou Sament. – Euchor não arriscará os seus soldados por bravata.

Thamos acenou com a cabeça.

– Enviamos um exército para Lakton e uniremos as nossas forças. Atacaremos a Doca por terra enquanto os navios de Lakton avançam de águas profundas. O cerco será esmagado e, quando a primavera descongelar os cadáveres, teremos assegurado uma fronteira permanente.

– E Rizon? – perguntou Sament.

– Não será conquistada numa estação ou num ano. Mas, quando virem os Sharum rechaçados, os rizonanos erguer-se-ão. São mais numerosos que os krasianos. Basta apenas que recuperem a sua coragem.

– O teu plano está muito dependente da fé, irmão – considerou Rhinebeck.

– É verdade – concordou Mickael. – Sabes quantos homens têm as ratazanas do deserto na Doca?

Thamos perdeu um pouco de ímpeto.

– Não ao certo...

– Não podes esperar que Euchor ou eu arrisquemos homens por um plano tão vago – exclamou Rhinebeck.

– Temos batedores... – começou Thamos.

– Não basta. – Rhinebeck ergueu-lhe um dedo. – Levarás cinquenta Soldados de Madeira para sul para avaliar o inimigo e para estabelecer contacto direto com os mestres da doca. Veremos o que dirão acerca do teu plano.

Thamos pestanejou e Rojer ouviu a armadilha fechando-se. O duque dava-lhe o que queria, mas cinquenta homens atravessando terreno inimigo desconhecido? Era uma missão suicida e Rojer não duvidava que o duque o saberia.

Thamos curvou-se numa vénia hirta.

– Será como ordenas, irmão.

– Irei contigo – disse Sament, de forma inesperada. – Com cinquenta Lanças da Montanha.

Rhinebeck e os outros príncipes olharam-no, chocados, mas o lorde milnês voltava a exibir um brilho ávido no olhar e sabiam que as suas

palavras eram sinceras.

– Então está decidido – disse Rhinebeck.

– Quando partimos? – perguntou Gared.

– Na manhã após o Baile de Debutantes – concluiu Rhinebeck. – Mas só Thamos irá a Lakton. Tu, barão, escolherás a tua futura noiva no baile e voltarás para casa com ela. O Condado do Outeiro será teu até o conde regressar.

Se o conde regressar, pensou Rojer.

VINTE E UM

A HERBANÁRIA DANINHA

333 DR Inverno

Amanvah beberricou o chá, olhando Araine e Leesha com frieza.

– Perguntem – disse, por fim.

– O quê, querida? – questionou Araine.

Amanvah pousou a chávena e o pires.

– Mesmo que os dados não me tivessem dito já qual é a vossa pergunta, os rumores que circulam pela corte tornam-na óbvia.

Araine não mordeu o isco.

– Elucida-nos, por favor.

– Querem saber se usarei os alagai hora para determinar a causa da incapacidade do duque para gerar herdeiros e se conseguirei curá-lo com a magia dos hora.

Araine fitou-a durante muito tempo.

– Usarás? Conseguirás?

Amanvah sorriu.

– Já determinei qual é o problema e, sim, poderia curá-lo.

– Mas não o farás – supôs Araine.

– Fá-lo-ias, no meu lugar? – perguntou Amanvah.

– Porque nos disseste que perguntássemos se não tens intenção de ajudar? – observou Leesha. – Porque te deste ao trabalho de lançar os dados?

– Nem as dama'ting conseguem resistir a um mistério – disse Amanvah. – E ajudei-vos assegurando que é possível. Caber-vos-á aprender o resto sozinhas. Estou aqui como Jiwah Ka de Rojer, não como espia... ou como

ginjaz.

– Ginjaz? – perguntou Leesha.

– Vira-casaca. – A expressão de Araine ensombrara-se. – Estás muito longe de casa, princesa. Poderemos conseguir convencer-te.

Amanvah abanou a cabeça.

– Nada que possam oferecer me fará mudar de ideias. Nem a tortura conseguiria extrair-me dos lábios o que não desejo partilhar. Resolvam os vossos próprios problemas.

– Se não conseguirmos, poderás entregar Angiers ao duque Euchor – disse Leesha. – Declarar-se-á rei e não tardará a declarar guerra ao teu povo.

Amanvah encolheu os ombros.

– Será também esse o vosso propósito ou serão cobardes. Não importa. O meu pai é o Libertador. Quando voltar para reclamar o vosso povo como seus súbditos, curvar-se-ão diante dele. Até lá, não tenho qualquer interesse na vossa política.

– E se o teu pai não regressar? – perguntou Araine em krasiano. – E se o Homem Pintado o tiver matado no Domin Sharum?

– Os dados dir-me-iam se o meu pai estivesse morto – afirmou Amanvah. – Mas, se assim fosse, o Par'chin seria o Libertador e o vosso povo seria subjugado de igual forma.

– Não conheces Arlen se acreditas mesmo nisso – comentou Leesha. – Não tem qualquer interesse em tronos.

– Desde que as vossas lanças lhe sejam prometidas na noite – disse Amanvah. – Tal como sucederia com o meu pai. Neguem isto, tal como fizeram o Andrah e o duque de Rizon, e o Libertador arrancá-las-á das vossas mãos.

– Perdoa-me – disse Araine – se precisar de maior convencimento antes de entregar o meu ducado a um exército invasor ou a um camponês vindo de um povoado do tamanho da minha sala de estar.

Amanvah curvou-se.

– Não me cabe convencer-te, duquesa. É inevera.

– É a vontade de Everam ou da tua mãe? – perguntou Araine, baixando a voz.

Amanvah encolheu brevemente os ombros cobertos com seda.

– São a mesma.

Araine acenou afirmativamente.

– Obrigada pela candura, princesa, e pela ajuda que aceitaste conceder-nos. Dás-nos licença? Preciso de falar com mestra Leesha em privado.

– Claro – respondeu Amanvah. O seu tom de voz e o porte sugeriam que era por sua vontade que se levantava e saía.

Wonda espreitou da porta quando a mulher saiu.

– Precisam de alguma coisa?

– Está tudo bem, Wonda. Obrigada – disse Araine antes que Leesha conseguisse falar. – Certifica-te de que não seremos incomodadas.

– Sim, senhora. – Wonda pareceu acenar afirmativamente com o corpo todo enquanto fechava a porta.

– Mulher insuportável – murmurou Araine.

– Wonda? – perguntou Leesha.

Araine acenou com a mão, irritada.

– Claro que não. A bruxa das areias.

Leesha mergulhou um biscoito no chá.

– Não conheceis metade da história.

– Podemos confiar nela? – perguntou Araine.

– Quem sabe? – Leesha ergueu o biscoito, mas tinha-o mergulhado durante demasiado tempo e metade caiu na chávena. – É a mesma mulher que colocou folha-negra no meu chá cumprindo ordens da mãe.

Araine arqueou uma sobrancelha ao ouvir aquilo.

– Não admira que não gostes de venenos. Então interessa-se mais pela política do que afirma.

– É mais do que diz ser – concordou Leesha –, mesmo tendo-se revelado suficientemente fiável desde que casou com Rojer. Acho que não mentiu, mas também não acredito que tenha dito a verdade toda. Poderá ter-nos empurrado para uma cura porque os dados lhe disseram que o Norte ficaria mais fraco com os ducados divididos. Ou terá escondido a causa do problema de Rhinebeck porque Euchor decidirá tomar a iniciativa, provocando uma guerra civil em Thesa enquanto os krasianos avançam para norte.

Araine espremeu limão sobre o chá, mesmo parecendo impossível que a acidez lhe agravasse mais o esgar de desagrado.

– Suponho que não conseguirás fazer um par de dados semelhante.

Leesha abanou a cabeça.

– Mesmo que os roubássemos, não saberia lê-los. Exige anos de estudo, pelo que sei, e é mais arte que ciência.

Araine suspirou.

– Então, para o bem de todos nós, espero que tenhas sucesso onde todas as outras Herbanárias ao meu serviço falharam. É inútil tentar compreender profecias por palpite, mesmo que acreditasse em tais coisas.

Leesha acordou sobressaltada ao ouvir bater à porta. Tinha a cara dormente e, enquanto a esfregava, sentia os vincos deixados pelo livro sobre o qual adormecera. Havia saliva nas páginas.

Que horas seriam? A única luz no quarto era o brilho da lamparina química sobre a sua mesa, iluminando a pilha de livros de medicina do velho mundo que estudara. Wonda apagara as lanternas ao sair.

Voltaram a bater.

Leesha apertou com firmeza o roupão enquanto saía, mas tinha engordado durante os últimos meses e a frente estava demasiado justa. Apertou o topo com uma mão para o manter fechado.

Quem poderia ser? Pensou em chamar Wonda, mas estavam no centro do palácio, com guardas por toda a parte. Se não estivesse segura ali, não estaria segura em parte alguma.

Mas a sua mão livre enfiou-se no bolso, apertando a varinha de hora enquanto soltava o roupão para abrir a porta.

Era Rojer. Parecia esgotado.

– Precisamos de falar.

Leesha descontraiu imediatamente, mas a expressão de Rojer fazia-a temer o pior. Porque regressara tão depressa? Todos esperaram que o duque e a sua comitiva passassem pelo menos uma semana no pavilhão de caça e tinham ficado ausentes apenas por uma noite.

– Está tudo bem? – Leesha sentiu um aperto no peito. – Thamos...

– Está ótimo – respondeu Rojer. – Comandou o grupo na caçada a um demónio da rocha na noite passada. Caçar águias-rochosas e javalis tornou-se pouco apelativo depois disso e acho que todos queriam regressar à cidade para refletirem sobre o que viram.

Leesha suspirou em pânico repentino. Thamos jurara que não casaria com ela com o filho de outro homem no ventre, mas, com o apoio de Araine, voltara a ter esperança. Se alguma coisa lhe acontecesse...

– Mestra Leesha? – Wonda estava à porta dos aposentos, esfregando a cara para se livrar do sono. A faca na sua mão tinha o tamanho do antebraço de Leesha. – Ouvi vozes. Estás bem?

– Estou ótima, Wonda – disse Leesha. – É só Rojer. Volta para a cama.

A mulher acenou afirmativamente, baixando os ombros enquanto se virava para cambalear até à sua almofada.

Leesha abriu a porta e Rojer entrou um pouco apressado, virando a cabeça para um lado e para o outro enquanto procurava alguma coisa no

quarto.

– Há mais alguém aqui?

– Claro que não – respondeu Leesha. – Quem...

Rojer parecia verdadeiramente inquieto.

– Thamos não veio ver-te?

– Não – respondeu Leesha. – Porquê? Assustas-me, Rojer. Que aconteceu?

Rojer abanou a cabeça. A sua voz foi tão baixa que mal conseguiu ouvi-lo.

– Há ouvidos por todo o lado.

Leesha franziu a testa, mas foi à caixa de joias onde guardava os seus hora, abrindo pequenas gavetas para retirar os ossos apropriados. Dispô-los num círculo à volta de duas cadeiras. Colocou os óculos guardados, certificando-se de que as guardas estavam ligadas e o círculo ativado.

– Pronto. – Pegou na campainha de chamar os criados e aproximou-se do círculo, estendendo o braço para o interior das guardas, fazendo soar vigorosamente a campainha. Viu o badalo mover-se, sentiu a vibração, mas nem ela nem Rojer ouviram qualquer som.

Sentou-se, esperando que Rojer se juntasse a ela.

– Nenhum som escapará deste círculo. Podemos gritar tudo o que quisermos e Wonda continuará a ressonar a seis metros de distância. Diz-me agora o que é assim tão secreto que não possa ser sussurrado num quarto vazio?

Rojer expirou.

– Penso que Rhinebeck e os irmãos tentaram matar Thamos na noite passada.

Leesha pestanejou.

– Pensas?

– Foi... um esforço passivo. – Rojer contou rapidamente a forma como o grupo do duque não disparara quando a batalha parecia correr contra Thamos, disparando apenas quando a vitória pareceu assegurada. – Não tentaram feri-lo diretamente, mas, do sítio onde estava, pareciam prontos para deixar que os demónios o fizessem por eles.

– Haverá certamente outra explicação – admitiu Leesha. – Talvez houvesse um problema com as suas armas.

– Todas? – perguntou Rojer. – Ao mesmo tempo?

Leesha suspirou. Realmente, parecia pouco provável.

– Mas é seu irmão e está distante do trono. Porque quereriam matá-lo?

– Não está assim tão distante – discordou Rojer. – As famílias nobres de

Angiers continuam melindradas pelo golpe de Rhinebeck I há duas gerações. Se o duque morrer sem herdeiro, nem Mickael nem Pether conseguirão subir ao trono sem derrame de sangue, sobretudo com os milneses a conquistarem aliados pela cidade.

– E pensas que com Thamos será diferente? – perguntou Leesha.

– Thamos tem o seu próprio exército – recordou Rojer. – E já é mais numeroso e bem treinado que o exército do seu irmão mais velho. Ao ritmo a que cresce o Outeiro, não tardará a estar à altura dos exércitos de Angiers e Miln combinados. Além disso, Thamos é um herói com os seus feitos eternizados em mais do que uma canção. Rhinebeck foi demasiado mesquinho para permitir que o irmão reclamasse o abate de uma águia-rochosa. Que achas que sentiu quando Thamos o envergonhou diante dos outros homens?

Leesha sentiu uma pontada dolorosa e olhou para baixo. Mantinha as unhas curtas para não interferirem com o seu trabalho, mas continuavam suficientemente compridas para se cravarem na sua pele quando cerrava os punhos com força. Forçou-se a descontrair.

– Falaste disto a mais alguém?

Rojer abanou a cabeça.

– A quem poderia falar? Não acredito que Thamos acreditasse em mim. E Gared...

– Faria alguma coisa estúpida – concordou Leesha.

– Já houve estupidez suficiente – disse Rojer. – Não te contei tudo.

– Aqueles idiotas! – Araine cerrou os punhos, caminhando para trás e para diante à frente da mulher mais jovem.

– Que fareis? – perguntou Leesha quando a anciã parou finalmente.

– Que posso fazer? – perguntou Araine. – A única prova que tenho é a palavra do teu jogral. E Rhinebeck é o duque. Depois de pôr uma coisa na cabeça, pode ser teimoso como um demónio da rocha e não tenho poder para o contrariar.

– Mas sois a sua mãe – insistiu Leesha. – Não podeis...

Araine arqueou uma sobrancelha.

– Usar os meus poderes mágicos de mãe? Com que frequência dás ouvidos à tua?

– Com frequência muito reduzida – admitiu Leesha. – E costumo arrepender-me quando o faço. Mas Thamos também é vosso filho. Não podereis...

– Acredita, rapariga – interrompeu-a Araine. – Não hesitaria em usar todos os truques e artimanhas no meu repertório considerável para forçar os meus filhos a mudarem de rumo, mas isto... é orgulho e nenhum homem abdicará do seu sem uma lança encostada à garganta.

Recomeçou a andar para trás e para diante, mas fê-lo com passos lentos e ponderados. Ergueu uma mão, passando os dedos pelo queixo enrugado.

– É provável que se julgue muito inteligente. Se Thamos morrer, terá um rival a menos. Se Thamos for bem-sucedido e conseguir estabelecer contacto com os laktonianos, poderá reclamar os méritos. – Fungou. – Rhinebeck nunca se aproximou tanto de tentar fazer espionagem. – Voltou-se para olhar Leesha e sorriu. – Mesmo que não possamos travá-lo, não significa que não possamos voltar o plano contra ele.

– *Hmm?* – perguntou Leesha.

– Rhiney e os outros nunca tentaram espionagem porque nunca precisaram. Janson dá-lhes a informação de que precisam e nunca perguntaram de onde vinha.

Leesha sentiu um sorriso formar-se nos lábios.

– Tendes contactos em Lakton?

– Tenho contactos em toda a parte – respondeu Araine. – A mestra da Doca era minha amiga. Sabias? O filho mais velho do teu Ahmann Jardir tentou forçá-la a casar com ele quando capturaram a cidade.

– Tentou? – repetiu Leesha.

Araine riu-se.

– Dizem que o cegou com a pena com que esperavam que assinasse o contrato de casamento. – A sua expressão pareceu enregelar. – Dizem também que, quando terminou de a castigar, o naco de carne que restou mal parecia humano.

Leesha recordou Jayan. Recordou o brilho selvagem nos seus olhos. Não quis acreditar, mas era demasiado plausível.

– Teremos de expulsar os krasianos da Doca – disse Araine – para recuperarmos o controlo do ducado e para forçar o seu regresso a Rizon.

– À Fortuna de Everam – corrigiu Leesha. – Estive lá, duquesa. Os krasianos estão entrincheirados. Não voltará a ser Rizon.

– Não tenhas tanta certeza disso – disse Araine. – Há meses que financio os rebeldes rizonanos e começaram a provocar estragos consideráveis. Os krasianos em Lakton olharão sobre o ombro enquanto as suas terras «seguras» ardem. Não perceberão a nossa chegada.

– Então Thamos tem hipótese? – perguntou Leesha.

– Não te mentirei dizendo que o caminho será seguro, rapariga – disse

Araine. – Sei que o amas, mas é meu filho. O meu único filho com algum valor. Correrá perigo durante toda a viagem, mas assegurarei que terá todas as vantagens possíveis.

– E agora? – perguntou Leesha?

– Agora – disse Araine –, voltas a trabalhar na cura do meu filho mais velho.

– Não podeis esperar que... – começou Leesha.

– Posso e é o que farás! – ripostou Araine. – A situação em Miln não se alterou. Mesmo que Thamos regresse vivo e intacto, correrá sempre perigo enquanto o trono de hera não tiver um herdeiro. – Acenou com uma mão. – Deixa que os meus filhos se envolvam em discussões mesquinhas e conspirações. Se conseguirmos juntar-nos a Lakton e forçar Euchor a aceitar uma aliança, o trono de hera e o trono de metal não valerão um klat. O Outeiro será a nova capital de Thesa e Thamos... Thamos poderá ser rei.

Leesha distraiu-se durante o jantar. Era a primeira vez em algum tempo que visitava o hospício de Jizell, mas continuava a sentir-se em casa ali. Jizell e as suas aprendizas tinham passado as semanas anteriores no Outeiro e as outras, incluindo Sikvah, pareciam igualmente à vontade.

– Delicioso como sempre – agradeceu Rojer a mestra Jizell. – Todos os homens de Angiers lamentam não te terem como esposa.

– Um homem sensato nunca casará com uma Herbanária – replicou Jizell, piscando-lhe o olho. – Nunca poderá saber o que lhe colocará no chá, não é?

Amanvah riu-se ao ouvir aquilo e Rojer sorriu.

– Era o que mestra Jessa costumava dizer.

A expressão de Jizell azedou.

– Aprendemos as duas com Bruna, ainda que ela não tenha aprendido muito mais que isso.

– Começo a cansar-me – afirmou Rojer. – Mestra Jessa foi sempre boa para mim e, se continuares a falar mal dela, quero saber porquê.

– Eu também – disse Leesha.

– É uma Herbanária Daninha – referiu Jizell. – Que mais há para dizer?

– E então? – perguntou Rojer. – Não vejo qual é a diferença. Ameaçaram as duas drogar-me o chá. E fizeram-no as duas com sinceridade.

– Sim, uma Herbanária usará os seus dons para forçar alguém que precisa de ser forçado – admitiu Jizell. – Mas o seu principal objetivo será curar e ajudar. As Herbanárias Daninhas funcionam do modo oposto.

– E falta dizer que são todas pegas – concluiu Vika.

– Vika! – exclamou Leesha.

Vika ficou hirta, mas não voltou atrás.

– Perdão, mestra Leesha, mas é a verdade. Quase todos os bordéis na cidade são geridos por uma Herbanária Daninha. Normalmente, são boticas com quartos por cima onde vendem mais do que curas.

– Foram quase todas aprendizas de mestra Jessa nalgum momento – disse Jizell. – E recebe uma percentagem. É a mulher mais rica na cidade depois da duquesa-mãe, mas é dinheiro sujo, ganho à custa dos casamentos que destrói. – Kadie trouxe o chá e Jizell juntou mel, pensativa enquanto mexia. – Bruna já me tinha aceitado como aprendiza e não queria outra, mas a duquesa Araine insistiu que aceitasse também Jizell. A rapariga era dotada, mas interessava-se mais por afrodisíacos e venenos do que por curas. Não sabíamos que Araine a preparava para gerir um bordel privado para os seus filhos. Como forma de os controlar mesmo quando satisfizessem os seus caprichos masculinos.

– Foi por esse motivo que as dama'ting criaram as jiwah'Sharum – referiu Amanvah. – Mas o meu povo honra tais mulheres e aceita os filhos que geram.

– Aqui não é assim – declarou Jizell. – Não se pode esperar que um homem se deite apenas com a sua mulher quando há bordéis em cada bairro. Podemos culpar o bêbado por mijar à nossa porta, mas foi o taberneiro que lhe pôs o copo na mão.

– E foi por isso que Bruna a expulsou? – perguntou Leesha.

Jizell abanou a cabeça.

– Queria a receita do fogo de demónio líquido. Quando Bruna recusou ensinar-lha, tentou roubá-la.

Leesha arregalou os olhos. Qualquer Herbanária digna do nome saberia alguma coisa sobre os segredos do fogo, mas Bruna afirmava ser a última a saber como preparar aquela mistura infernal. A velha guardara a receita durante mais de cem anos, nunca a ensinando às suas aprendizas. Só quando sentiu que o conhecimento poderia perder-se para sempre decidiu partilhá-lo com Leesha.

– Porque nunca me contaste isto antes? – perguntou Leesha.

– Porque não te dizia respeito – respondeu Jizell. – Mas, agora, se tens de lidar com essa bruxa mentirosa...

– Parece-me que chegou o momento de conhecer mestra Jessa – disse Leesha.

– Podemos ir agora, se quiseres – retorquiu Rojer. – E esclarecer tudo.

– Não é um pouco tarde? – perguntou Leesha. – O Sol pôs-se há muito.

Rojer riu-se.

– Mal abriram as portas. E receberão clientes até ao amanhecer.

Leesha voltou-se para ele.

– Pretendes levar-nos ao bordel?

Rojer encolheu os ombros.

– Claro.

– Não podemos conhecê-la na sua casa? – perguntou Leesha.

– O bordel é a sua casa – explicou Rojer.

– Esperem um minuto! – disse Gared. – Não podes levar mulheres para um sítio desses!

– Porque não? – perguntou Rojer. – Seja como for, já está cheio de mulheres.

Gared corou, fechando um dos seus punhos gigantescos.

– Não podes levar Leesha para um... um...

– Gared Lenhador! – exclamou Leesha. – Podes ser barão, mas não aceitarei que me digas onde posso ir ou não!

Gared olhou-a, surpreendido.

– Estava só a...

– Sei bem o que estavas a fazer – interrompeu Leesha. – Tens o coração no sítio certo, mas a tua boca não. Irei onde me apetecer e o mesmo se aplica a Wonda.

– Será divertido – disse Kendall. – Conheço uma dúzia de canções sobre bordéis angieranos, mas nunca acreditei que conheceria um.

– E não conhecerás. Uma casa de almofadas heasah não é sítio para uma Jiwah Sen. – Amanvah olhou Coliv por um instante. – Ou para Sharum.

– Mas a Wonda pode ir! – disse Kendall. Sikvah silvou-lhe e calou-se, cruzando os braços.

Amanvah voltou-se para Rojer.

– A tua Jiwah Ka não será tola ao ponto de te deixar entrar em tal sítio sem mim, marido.

Para surpresa de Leesha, Rojer curvou-se para a sua mulher.

– Certamente. Quero que saibas que era criança durante o tempo que lá passei e nunca mais que isso. Nunca foi para mim um sítio de paixões.

Amanvah acenou com a cabeça.

– E nunca será.

– Dama’ting, devo... – começou Coliv.

– Deves obedecer às tuas ordens, Sharum. – A voz de Amanvah era fria. – Lancei os alagai hora. Não correrei qualquer perigo esta noite. – O Vigia

não insistiu nos protestos.

– Nada de carruagens – ordenou Rojer enquanto saíam do hospício de Jizell pela porta das traseiras.

Leesha olhou-o com curiosidade.

– Porque não? Não há nenhuma lei que nos proíba de usar carruagens durante a noite.

– Sim, mas ninguém o faz – explicou Rojer. – A nossa passagem daria nas vistas e vamos a um sítio onde não devemos ir.

– Pensei que tivesses dito que o bordel era secreto – disse Leesha. – Se ninguém sabe que lá está...

– Veriam carruagens de outeireiros à porta da Escola de Etiqueta e Sociedade de Mestra Jessa para Raparigas Talentosas – disse Rojer. – O que será ainda mais bizarro.

– O que é uma escola de etiqueta e sociedade? – perguntou Wonda.

– Um sítio onde raparigas aprendem a caçar maridos ricos – resumiu Rojer.

Foi verdade que não viram ninguém enquanto Leesha, Wonda, Amanvah e Gared seguiam Rojer pelas ruas sinuosas de Angiers, atravessando vielas e escondendo-se nas sombras.

Não que houvesse muitos sítios onde pudessem vê-los. Não havia luzes guardadas e os candeeiros eram escassos e muito espaçados, multiplicando-se apenas nos bairros mais abastados.

Avançaram rapidamente apesar da escuridão, vendo com maior clareza usando a visão guardada do que veriam em pleno dia. Vestiam todos Capas de Invisibilidade com exceção de Amanvah, que cosera as guardas em fio de prata nas suas vestes.

– O silêncio é estranho – referiu Wonda. – As lojas continuariam abertas no Outeiro a esta hora da noite.

– O Outeiro não tem buracos na rede de guardas suficientemente grandes para permitir a entrada de demónios do vento – disse Rojer. – Os únicos que andam pela rua nesta noite somos nós, os guardas e os sem-abrigo.

– Sem-abrigo? – perguntou Wonda. – Põem gente pobre ao relento durante a noite?

– Será mais não os deixarem entrar, mas, sim – disse Rojer. – Achava que era normal enquanto crescia aqui. Foi só quando comecei a tocar nos povoados que percebi a maldade da situação.

Como se tivesse sido encenado, ouviu-se um estrondo e parte da rede de

guardas por cima iluminou-se. Um demónio do vento voara demasiado baixo, sendo defletido pelas guardas. As linhas de proteção cintilaram como relâmpagos no céu apenas por um instante, mas Leesha conseguiu ver buracos suficientemente grandes para permitirem a passagem do demónio.

O demónio também os viu. Pairou, batendo poderosamente as grandes asas de couro enquanto recuperava do choque. A seguir, mergulhou, passando pela rede e voando sobre as ruas em busca de presas.

Leesha quis puxar pela varinha de hora para o destruir, mas, se receavam que as carruagens anunciassem a sua presença durante a noite, um clarão de magia seria ainda pior.

Mas também não podiam permitir ao demónio que caçasse.

– Wonda.

– Sim, mestra – respondeu Wonda. Olhou em redor por um momento. A seguir, correu para um barril de chuva junto a um edifício. Saltou, com o pé mal parecendo tocar o barril enquanto o usava para saltar e alcançar o telhado inclinado, içando-se sem esforço e correndo sobre as telhas enquanto alcançava o arco que trazia às costas.

Deu um grito tão semelhante ao de um demónio do vento que as pessoas escondidas atrás das suas portadas guardadas não estranhariam. O demónio ouviu e respondeu ao grito, dirigindo-se para ela.

Wonda permaneceu firme, puxando a flecha até às orelhas enquanto o demónio se aproximava. Estava quase sobre ela quando disparou e a magia fez brilhar a flecha guardada enquanto se cravava no peito do demónio. Despenhou-se, embatendo violentamente contra o passadiço de tábuas à sua frente.

– Gared – disse Leesha enquanto Wonda descia. – Verifica que está morto e procura um bebedouro para deixar o cadáver para não começar um incêndio quando o Sol nascer.

– É para já – disse Gared.

Aproximou-se, mas o demónio não se mexeu enquanto puxava a flecha de Wonda. Não havia um bebedouro ou uma fonte por perto e foi forçado a retalhar o corpo para conseguir enfiá-lo no barril de chuva. Wonda dirigiu-se à poça de sangue negro na rua, colocando as mãos sobre ela e estremecendo enquanto as guardas de caulinegra absorviam o poder. O sangue do demónio continuaria a tresandar, mas não se incendiaria com a luz do Sol.

Olhou para cima, com os olhos brilhando enquanto a força noturna a preenchia.

– Queres que continue a caçar, mestra? Para encontrar mais?

– Sentir-me-ia mais segura se ficasses comigo – confessou Leesha. Era verdade, mas também queria limitar a absorção de magia por Wonda até compreender melhor os efeitos.

Avançaram rapidamente para o centro da cidade, não muito longe do palácio de Rhinebeck. As ruas ali estavam profusamente iluminadas com candeeiros e eram patrulhadas pelos guardas, mas não tiveram grandes dificuldades para os evitarem.

– Estamos praticamente de volta ao palácio – disse Leesha.

– Claro – considerou Rojer. – O bordel está ligado ao palácio por uma série de túneis para que o duque e os seus cortesãos preferidos tenham acesso privativo, dia e noite.

Contornaram uma curva e ali estava a Escola de Etiqueta e Sociedade de Mestra Jessa para Raparigas Talentosas. Era um edifício grandioso com duas alas e uma torre central, vendo-se três pisos acima do chão. Leesha viu que as guardas na torre e no edifício eram fortes, gravadas com traços profundos, lacadas e bem polidas. Os candeeiros ao longo da rua também estavam guardados. Se as muralhas da cidade caíssem, a escola seria um refúgio dos nuclitas tão seguro como o próprio palácio.

Rojer dirigiu-se à porta com arrojo, puxando a corda de seda ligada à campainha. Leesha supôs que funcionasse, pois não ouviram nada no exterior. No momento seguinte, a porta abriu-se, revelando um homem gigantesco. Não era tão alto como Gared, mas era mais largo, com pescoço de touro que forçava o colarinho da camisa de seda rica e braços grossos que ameaçavam romper as costuras do seu casaco de veludo. Tinha a face torcida com um nariz que fora obviamente partido mais de uma vez. Havia uma sugestão de grisalho no seu cabelo, mas isso conseguia apenas fazê-lo parecer mais experiente. Um bastão polido pendia-lhe do cinto, facilmente alcançável.

– Não te conheço. – Era uma simples afirmação, mas o tom do homem fazia com que parecesse uma ameaça.

– Não, Jax? – perguntou Rojer, abrindo a capa. – Cresci um pouco, mas continuo a ser o rapaz que costumavas atirar tão alto que conseguia tocar as traves do teto.

O homem pestanejou.

– Rojer?

Antes que Rojer terminasse de acenar afirmativamente, o homem deu um grito de júbilo e colocou-lhe as mãos nas axilas, atirando-o ao ar. Gared ficou tenso, mas Rojer riu-se e fê-lo descontrair.

– Entrem, entrem! – exclamou Jax, convidando-os a entrar com acenos

rápidos e olhando a rua antes de fechar a porta. – Vi um dos teus espetáculos há dois verões – disse Jax a Rojer. – A mestra e eu escondemo-nos entre a multidão e assistimos. Deixaste-nos aos dois a chorar quando acabou. – Havia uma comoção na voz do homem corpulento que parecia ser incompatível com o seu porte enorme e ameaçador.

– Deviam ter-me avisado. – Rojer aplicou-lhe um murro no braço, mas, se o sentiu, o homem não reagiu.

Jax apontou-lhe um dedo.

– E tu não devias ter esperado tanto tempo para nos visitar. É mesmo verdade que és o mago do violino do Homem Pintado?

– Sim. – Rojer indicou os seus companheiros. – Vim apresentar os outeireiros a mestra Jessa. Está disponível?

– Para ti? – perguntou Jax. – Claro. Mas terão de se despachar. Começa a ser tarde. Os aristocratas não tardarão a chegar.

Conduziu-os por uma grande escada em espiral coberta com veludo vermelho até descerem dois pisos. Havia um corredor no patamar, mas Jax ignorou-o, empurrando uma grande estante de livros dupla. Deslizou facilmente sobre uma calha com rodas, revelando um arco coberto com cortinas grossas e rendadas.

A estante regressou ao seu lugar enquanto passavam pela cortina e chegaram a uma câmara opulenta repleta de mulheres belíssimas. Repousavam em sofás macios ou em alcovas parcialmente ocultas por cortinas. Todas envergavam belos vestidos e tinham a face maquilhada e o cabelo penteado com esmero. O odor a perfume pairava no ar.

– Criador – disse Gared. – Acho que morri e fui para o céu.

Leesha fixou nele os olhos semicerrados e fê-lo baixar o olhar.

– E preocupavas-te tu com a minha vinda aqui.

O centro da câmara tinha teto a uma altura de dois pisos, mas, em redor, havia um mezanino que conduziria presumivelmente a quartos privados. Jax levou-os rapidamente por uma escadaria até à varanda, passando por um arco tapado com cortinas.

Leesha ouviu sons vindos de baixo enquanto passava, espreitando para ver o príncipe Mickael a chegar com um grupo de homens. Sentiu o coração acelerado enquanto fechava rapidamente a cortina.

– Espero que haja mais do que uma saída daqui – disse, enquanto se juntava aos outros e esperando com eles que Jax trouxesse a sua mestra.

– Há mais saídas do que conseguirás contar – referiu Rojer, piscando-lhe o olho.

– O pequeno Rojer Meia-Mão! – disse alguém no momento seguinte.

Viram uma mulher surgir numa porta ao fundo do corredor.

Jessa teria a mesma idade de Jizell, tendo pelo menos cinquenta anos. Mas, se Jizell tinha engordado com os anos, o vestido de Jessa continuava a cingir uma cintura estreita e o peito que se via pelo decote generoso era ainda firme e convidativo. Tinha a cara maquilhada, mas continuava bela. Apenas algumas rugas cuidadosamente escondidas traíam a sua idade.

– Recorda-me a minha mãe – disse Leesha, sem se dirigir a ninguém em particular.

– Sim – concordou Gared, mas, pelo seu olhar, era óbvio que não considerava isso algo negativo. Leesha pensou se deveria pedir-lhe que esperasse à entrada e se lhe obedeceria se o fizesse.

Amanvah parecia pensar a mesma coisa. Colocou-se entre Gared e a mulher enquanto Rojer avançava para a abraçar.

Jessa apertou-o contra o peito, estalando a língua em reprovação.

– Passaram mais de dez anos, Rojer. Quase fui tua ama de leite e não te dás ao trabalho de me visitar?

– Acho que o duque não teria aprovado – respondeu Rojer. Afastou-se e Leesha viu que tinha os olhos molhados. Independentemente do que Leesha pensasse acerca da Herbanária Daninha, era claro que Rojer a amava.

– Deixa-me olhar para ti – disse ela, erguendo-lhe os braços e dando um passo atrás como se dançassem.

Olhou-o de alto a baixo.

– Tornaste-te um belo homem. Aposto que partiste tantos corações como Arrick.

Rojer recuou, esfregando o medalhão que trazia ao peito enquanto pigarreava.

– Mestra Jessa, permite que te apresente a minha mulher, a dama’ting Amanvah asu Ahmann am’Jardir am’Kaji.

O sorriso de Jessa foi amplo enquanto se aproximou para abraçar Amanvah, mas a jovem dama’ting recuou um passo.

– Hã? – questionou Jessa.

– Perdão, mestra – disse Amanvah. – Mas és impura e não podes tocar-me.

– Amanvah! – gritou Rojer.

– Não faz mal – disse Jessa, erguendo-lhe uma mão, mas sem nunca afastar os olhos de Amanvah. – Devo pedir desculpa pela minha imodéstia? Devo cobrir o peito e o cabelo?

Amanvah acenou com uma mão.

– As jiwah’Sharum usam com honra vestes muito menos modestas que

as tuas. A tua imodéstia não me ofende.

– Então o que é? – perguntou Jessa.

– És tu quem prepara o chá de folhas de pómulo que transforma as tuas heasah em kha'ting, não é assim? – perguntou Amanvah. – Envergonha-las e enfraqueces a tua tribo negando a estas mulheres os filhos que resultariam das suas uniões.

– É melhor que não saibam quem são os pais dos seus filhos? – perguntou Jessa. – É melhor que sejam mães solteiras antes do seu vigésimo ano de vida? As minhas raparigas formam-se e regressam às suas vidas mais ricas e preparadas para encontrar maridos de bom estatuto, dando-lhes filhos legítimos.

– Então casam-se depois de conhecerem outros homens? – insistiu Amanvah.

Leesha pigarreou, recordando Sikvah de forma nada subtil, por não ser virgem quando foi apresentada a Rojer. Amanvah não reagiu, mas Leesha arrependeu-se ao ver Jessa esboçar um sorriso vitorioso.

– Também petiscaste antes de encontrares Rojer? – perguntou a Herbanária Daninha.

Amanvah ficou hirta. Leesha conseguia ver o clarão da ira na sua aura, quente e perigosa, mas manteve a compostura.

– Sou Noiva de Everam, mas entreguei-me ao meu marido pura e desconhecida por qualquer homem mortal, tal como convém a uma Jiwah Ka. Rojer sabia e aceitou que o mesmo não se aplicasse à sua Jiwah Sen.

Rojer avançou ao ouvir aquelas palavras, estendendo a mão para a de Amanvah. Esta voltou-se para ele bruscamente, mas a ternura que lhe viu nos olhos surpreendeu-a enquanto a confusão se sobrepunha à raiva na sua aura.

Rojer ergueu a mão livre, voltando a esconder-lhe uma madeixa no lenço.

– Também te teria aceitado a ti, Amanvah vah Ahmann am'Jardir am'Kaji. Nada disso me importa. Nada me importa. Amei-te desde o momento em que começaste a cantar para mim e acho que nunca deixarei de te amar.

A confusão abandonou a aura de Amanvah, substituída por sentimentos de tal intimidade que Leesha sentiu vergonha por olhar. Tirou os óculos guardados, mas, mesmo com a sua visão normal, havia lágrimas nos olhos da jovem sacerdotisa enquanto abraçava Rojer.

Jessa olhou-os e também ela tinha lágrimas nos olhos. Afastou o olhar para lhes dar privacidade, aproximando-se de Wonda.

– E quem és tu?

– Wonda Lenhador, mestra – respondeu Wonda com uma vénia. O cabelo com que cobria a cara para esconder as cicatrizes moveu-se.

A mestra ergueu uma mão.

– Posso?

Wonda hesitou, mas acabou por aceder. Jessa afastou o cabelo de forma tão terna como Rojer afastara o de Amanvah. Passou os dedos sobre as cicatrizes e estalou a língua em censura.

– Conseguirias escondê-las melhor com um pouco de maquilhagem, querida – disse. – Uma das minhas raparigas poderá ensinar-te gratuitamente.

– Sim? – interrogou-se Wonda.

– Claro – retorquiu Jessa. – Mas queres o meu conselho? Não as escondas. Sê quem és.

Wonda abanou a cabeça.

– Ninguém quer beijar um monte de cicatrizes.

Jessa riu-se.

– Deixa-me contar-te um segredo. Por cada dez homens repelidos pelas tuas cicatrizes, um sonhará beijar-te só por seres diferente. Ergue-te com orgulho e os homens virão até ti. As mulheres também, se te agradarem.

– Eu... *hmm*... – Wonda pareceu desconfortável. Jessa riu-se alto e não a torturou mais.

Ergueu-lhe a mão, olhando as guardas pintadas.

– Caulinegra?

– Sim – respondeu Wonda.

– Uma pena que não tenham trazido convosco este Homem Pintado de quem todos falam. As raparigas fazem apostas acerca da sua piça. Algumas dizem que também a tem tatuada e há as que discordam.

Deixou Wonda a lidar com o espanto ao ouvir aquilo e voltou-se para Gared.

– Mas isto é quase tão bom. O melhor partido em pessoa! – Ergueu uma mão arrojada para apertar os bíceps de Gared. – Ainda bem que Jax vos trouxe sem demora. As raparigas não parariam de oferecer borlas e nenhum bordel conseguirá suportar isso.

Como se tivesse esperado o momento certo, uma cortina abriu-se e uma rapariga entrou trazendo um serviço de chá delicado. Como as outras em baixo, trazia um vestido comprido, mas os ombros estavam expostos e o decote era baixo. Tinha uma racha alta de um lado, escondida pelos folhos da saia. De cada vez que movia a perna desse lado, expunha um vislumbre

de coxa. Era alta e tinha carne sobre os ossos. Músculos de bailarina.

Sorriu a Gared, piscando-lhe o olho, e o barão do Outeiro do Lenhador, que enfrentara demónios da rocha sem vacilar, ficou muito vermelho.

Jessa estalou os dedos junto à face de Gared, sobressaltando-o.

– Não. A duquesa-mãe tem planos para ti, rapaz, e não quer que te toquem. As raparigas sabem que estás fora de alcance, mesmo que não lhes agrade. – Olhou a rapariga. – Serve o chá e desaparece, Rosal, antes que a duquesa saiba. – Rosal acenou com a cabeça, dirigindo-se apressadamente a uma mesa lateral e dispondo o serviço.

Jessa piscou o olho a Gared.

– Não te surpreendas se vires algumas das minhas raparigas no Baile de Debutantes. Escolhe uma delas como rainha do baile e prometo-te uma noite que te deixará a cabeça às voltas. Casa com ela e nunca dirá não.

– Claro, Gared – concordou Leesha. – Um homem não precisará de mais nada numa mulher.

Jessa fixou um olhar pleno de azedume em Leesha e todos ficaram tensos. Rojer avançou para Jessa.

– Permite que te apresente...

– Sei quem é – disse Jessa, sem afastar os olhos de Leesha. A boca de Rojer fechou-se ao perceber o tom de voz e deu um passo atrás.

– A encantadora mulher do pequeno Meia-Mão foi criada segundo costumes diferentes – referiu Jessa –, mas esperava que uma aluna de Bruna soubesse melhor como são as coisas.

– Que pretendes dizer com isso? – perguntou Leesha.

– Rosal! – chamou Jessa. A rapariga pousou imediatamente o bule de chá e colocou-se a seu lado, mantendo os olhos no chão.

– Interroga-a – ordenou Jessa. – Na opinião da sábia mestra Leesha, quais serão os requerimentos exigidos à baronesa do Outeiro do Lenhador?

Leesha sentiu a armadilha, mas fora demasiado longe e não havia outro caminho a seguir, esperando conseguir escapar sem grande dano. Pôs os óculos guardados, examinando a aura de Rosal.

– Que idade tens, rapariga?

– Vinte verões, mestra – respondeu Rosal.

– Há quanto tempo frequentas a escola de mestra Jessa? – perguntou Leesha.

– Desde os treze verões, mestra – respondeu Rosal.

– Trabalhas no bordel desde essa idade? – perguntou Leesha.

Viu um clarão na aura da rapariga. Ouvir aquilo escandalizava Rosal.

– Claro que não, mestra. Nenhuma rapariga pode descer aos pisos

inferiores antes do seu décimo oitavo verão. É o meu segundo e último ano. A minha formação terminará na primavera e será então que debutarei. – Os seus olhos moveram-se para Gared. – A não ser que encontre um marido no baile.

– Sabes ler? – perguntou Leesha. – E escrever?

Rosal acenou afirmativamente.

– Sim, mestra. Krasiano, ruskano e albeeno.

– E thesano, naturalmente – acrescentou Jessa. – Rosal é uma excelente leitora.

– Poesia? – perguntou Gared. O receio na sua voz tingia-lhe a aura.

Rosal apertou o nariz como se a sugestão lhe cheirasse mal.

– Histórias de guerra.

– História militar – corrigiu Jessa.

– Se tivermos de ser aborrecidos, sim – concordou Rosal. Os seus olhos nunca se afastavam dos olhos da mestra, mas a sua aura mostrava que se concentrava unicamente em impressionar Gared. Cada palavra, cada gesto era para seu benefício. Teria perturbado Leesha, mas, tanto quanto percebia, a rapariga fora sincera.

– Aprendeste matemáticas? – perguntou Leesha.

– Sim, mestra – disse Rosal. – Aritmética, álgebra e cálculo. Também frequentámos aulas de contabilidade e inventário.

– Conhecimento de ervas? – perguntou Leesha.

– Consigo preparar de memória as sete curas – informou Rosal. – Para a fertilidade, moer três... – Leesha calou-a com um gesto, mas não antes que as suas palavras tivessem o efeito pretendido na aura de Gared. – Com livros, conseguirei preparar outras – disse Rosal. – Todas estudamos arte de boticário para prever as ocasiões em que os homens exagerem o consumo de pós ou bebida enquanto aqui estiverem.

– Muito bem, mas sabe cantar? – perguntou Rojer, rindo-se. A aura de Amanvah gelou quando o olhou com desagrado. – Perdoa-me – disse Rojer. Em voz mais baixa, acrescentou. – Tentava só aligeirar o ambiente.

A rapariga abanou a cabeça.

– Mestra Jessa nunca considerou que o meu canto fosse aceitável, mas sei tocar harpa e órgão.

– O que é um órgão? – perguntou Gared.

Rosal olhou-o e piscou-lhe o olho.

– Posso mostrar-te o meu, se...

– Basta! – bradou Jessa. – Vai-te, rapariga, antes que vá buscar um pau!

Leesha pestanejou. Quantas vezes ouvira Bruna gritar aquelas palavras?

Era como voltar a ouvir a voz da sua mentora.

Mas, enquanto Jessa via a rapariga partir, não havia qualquer raiva na sua aura. O seu desempenho deixara-a orgulhosa. Era pouco provável que tivesse sido por acaso que Jax enviara Rosal com o chá e não qualquer outra rapariga.

Os olhos de Gared seguiram Rosal e, antes de passar a cortina, dirigiu-lhe um aceno breve que lhe arrepiou a aura.

Leesha voltou-se novamente para Jessa, segurando a saia com uma mão e dobrando os joelhos numa vénia.

– Perdão, mestra. Fui indelicada.

– Desculpas aceites – disse Jessa imediatamente. – E agora, mestra, poderemos discutir o verdadeiro motivo da tua presença?

O gabinete de mestra Jessa estava ricamente decorado com um tapete grosso e mobília pesada em madeira dourada. Havia centenas de livros nas suas estantes. Volumes raros, muitos dos quais Leesha nunca vira. Teve de resistir ao impulso de começar a folheá-los.

– Podes levar qualquer um emprestado – ofereceu Jessa. – Desde que o devolvas pessoalmente antes de levar outro.

Leesha olhou-a, surpreendida. Jessa sorriu.

– Começámos mal, mas quero muito que sejamos amigas, Leesha. Bruna nunca ensinou tolas e Araine tem-te em grande estima. Não conseguirei avaliar alguém melhor que essas duas. – Sorriu. – E qualquer mulher que consiga prender a atenção de Thamos durante mais de uma noite terá de ser especial.

Leesha esteve prestes a retribuir o sorriso, mas as palavras arrepiaram-na. Jessa era elegante e bela. Era também a mestra do bordel real. Teria dormido com Thamos? Alguma das raparigas em baixo o teria feito? Noite. Era possível que se tivesse deitado com todas.

Jessa ergueu uma chávena sobre um pires, enchendo-a com um serviço de chá em prata que valeria uma fortuna numa cidade pobre em metais como Angiers.

– Os irmãos reais visitam com frequência – referiu Jessa. – Rhinebeck e Mickael... E nem o Pastor Pether hesitou alguma vez em livrar-se das vestes aqui. É difícil perceber, mas algumas das minhas raparigas já foram rapazes. – Leesha aceitou a chávena, tentando evitar que a mão tremesse. – Mas, Thamos... – continuou Jessa. – Thamos veio só uma vez e não voltou desde então. Sempre preferiu caçar sozinho.

– Que faz isso de mim? – perguntou Leesha. – Uma presa?

– No amor, os dois envolvidos poderão ser a presa – disse Jessa. – É isso que o torna tão delicioso.

– Tentaste roubar a receita do fogo de demónio líquido a Bruna? – perguntou Leesha.

Se Jessa ficou surpreendida por ir direta ao assunto, isso não foi visível na sua aura.

– Sim, tentei – respondeu. – Bruna tinha quase noventa anos e, depois do nascimento do príncipe, só falava em regressar ao Outeiro. Sabia que não voltaria a vê-la e receei que o segredo morresse com ela.

– Bruna nunca falou de ti – referiu Leesha. – Uma única vez em todos os anos que passei com ela.

Jessa esboçou um sorriso dorido.

– Sim. Ninguém conseguirá guardar rancores melhor que a bruxa Bruna. Mas amava-a e lamento que nos tenhamos separado daquela forma. A sua morte... foi rápida?

Leesha olhou a chávena.

– Não estava presente. A peste levou-a. Vika implorou-lhe que não se aproximasse dos doentes, disse-lhe que estava demasiado fraca...

– Mas nada afastaria Bruna dos seus filhos em momento de necessidade – disse Jessa.

– Sim – concordou Leesha.

– Tentei fazer as pazes com Jizell uma ou duas vezes ao longo dos anos – disse Jessa. – Devia ter-me esforçado mais, mas era orgulhosa e apenas obtive silêncio como resposta.

– Jizell consegue ser tão teimosa como Bruna – comentou Leesha.

– E a sua aprendiza? – perguntou Jessa.

– Tenho preocupações mais urgentes do que um roubo falhado há trinta e cinco anos – disse Leesha. – Não vejo necessidade de nos desentendermos.

– O fogo de demónio líquido nem sequer é o grande poder que foi outrora – replicou Jessa. – Esta magia de rameira do deserto fá-lo parecer paus de chama, pelo que sei.

– Magia de hora – corrigiu Leesha.

Jessa riu-se.

– Soa melhor assim! Mas a magia das rameiras também pode alterar o rumo que seguem os ducados.

Leesha resistiu a um impulso para acariciar o ventre, mesmo que Jessa conhecesse sem dúvida a sua condição.

– É verdade.

– Passamos aos assuntos que importam? – perguntou Jessa.

Leesha concordou com um aceno.

– Como avalias a condição de Rhinebeck?

– Não tem semente – afirmou Jessa sem rodeios. – Digo-o há vinte anos, mas Araine não me dá ouvidos. Está desesperada por uma cura que não existe.

– Em que indícios baseias o teu diagnóstico? – perguntou Leesha.

– Além das seis mulheres em vinte anos, nenhuma das quais vacilou sequer no seu fluxo? – perguntou Jessa. – Sem referir as minhas raparigas. Independentemente do que diga a bruxa das areias, não dou chá de pómulo às favoritas de Rhinebeck. Araine divorciaria o filho sem hesitar e casá-lo-ia com uma delas se lhe parecesse que isso garantiria a continuação da linhagem. Várias formaram-se e revelaram ser tão férteis que a barriga lhes inchou só por se sentarem ao colo de um homem, fazendo-lhe cócegas no queixo.

Não era nada que Leesha não soubesse já.

– É tudo?

– Claro que não – replicou Jessa. Mostrou um livro encadernado a couro, passando-o a Leesha, que o abriu imediatamente e começou a folheá-lo. O livro registava todos os testes que Jessa fizera, as ervas e curas que tentara e os resultados, tudo anotado com caligrafia aprumada usando a metodologia meticulosa que Bruma ensinara.

– Cheguei mesmo a pedir às minhas raparigas que o acariciassem para dentro de um copo para poder examinar-lhe a semente numa caixa de lentes – explicou Jessa. – Tem poucos girinos e nadam em círculos, chocando uns contra os outros como bêbados numa dança de roda.

– Gostaria de poder examinar também – disse Leesha.

– Para que fim? – perguntou Jessa.

– Poderá haver um bloqueio que consiga anular com cirurgia – disse Leesha.

Jessa abanou a cabeça.

– Mesmo que tivesses todos os recursos da Era da Ciência, será trabalho delicado, supondo que o duque deixará que te aproximes das suas partes baixas com uma faca.

– Nesse caso, usarei a magia dos hora – disse Leesha. – Conheço uma mulher que há décadas deixou para trás os seus anos férteis e foi curada por ela.

– Achas que Rhinebeck deixará que o enfeitices? – perguntou Jessa. – Será como pedir o nó do carrasco.

– Veremos – replicou Leesha. – Mas, por agora, gostaria apenas de ver a sua semente. Poderás...?

– Conseguir-te alguma? – questionou Jessa, rindo-se. – Claro. Mas poderias consegui-la tu, se desejasses. Grávida ou não, Rhinebeck não hesitaria em encornar o irmão.

– Não acontecerá – disse Leesha.

– Nem sequer precisarias de te deitar com ele – continuou Jessa. – As minhas raparigas deram-lhe o gosto pela mão de uma mulher. Não demoraria mais que um minuto.

Leesha inspirou profundamente, contendo a repulsa pelo pensamento.

– Conseguirás obter-me a semente ou será melhor pedir à duquesa?

Jessa percebeu que insistira demasiado.

– Enviá-la-ei aos teus aposentos em gelo logo que consiga obtê-la. Talvez esta noite.

VINTE E DOIS

BAILE DE DEBUTANTES

333 DR Inverno

Bateram à porta e Leesha deu um salto. Olhou o relógio. Era quase meia-noite.

Podia ser Rojer outra vez, mas achou improvável a não ser que houvesse alguma emergência. Poderia esperar que fosse Thamos? Visitas noturnas tinham sido a norma quando estavam juntos e olhara-a fixamente durante o jantar. A princípio, fingiu não notar, mas acabou por lhe retribuir o olhar, esperando vê-lo afastar os olhos, embaraçado.

Mas não o fez. Os seus olhos continuaram fixos nos dela e Leesha conseguia sentir o calor no seu olhar. Não tinham falado em privado desde aquela noite na estrada, mas partiria para sul dentro de dois dias e havia ainda muito para dizer. Ambos o sabiam.

Wonda dormitava numa das cadeiras, mas, desde a visita surpresa de Rojer, recusara deitar-se antes de Leesha. Estremeceu, afastando o sono e endireitando as costas enquanto se dirigia à porta.

Leesha levou rapidamente a mão à gaveta de cima da sua secretária, pegando no espelho de mão e conferindo o cabelo e a face. Era um gesto de vaidade, mas não lhe importava. Enfiou um dedo no vestido, puxando-o para baixo e erguendo o peito.

Mas não era Thamos. Em vez dele, Rosal entrou no quarto, trazendo uma caixa de madeira dourada lacada.

– Alguém te viu? – perguntou Leesha, tentando camuflar a desilusão na voz. – O duque...

Rosal abanou a cabeça com um risinho.

– Fiz Sua Alteza ferver antes de o aliviar. Dormia quando parei de o acariciar.

Pousou a caixa na secretária, erguendo a tampa. O interior estava repleto de gelo moído. Sobre o gelo, viam-se três frascos de cristal minúsculos contendo um líquido espesso e leitoso.

Leesha fechou a tampa.

– É fresco?

– Não tem meia hora – disse Rosal. – Vim pelo túnel.

Leesha pensou se o túnel para o bordel do duque estaria tão bem guardado como o resto das muralhas.

– É puro? Não tem outros... fluidos misturados?

Rosal sorriu.

– Perguntas se o cuspi para os frascos? Mestra Jessa exigiria a minha cabeça se obtivesse uma amostra assim. Nem sequer uso óleo. Fi-lo a seco.

Leesha estremeceu com a imagem mental do corpulento Rhinebeck gemendo e contorcendo-se com os cuidados de Rosal.

– O teu trabalho parece agradar-te.

Rosal encolheu os ombros.

– É melhor do que trabalhar na oficina de lacagem do meu pai, com os vapores a ameaçarem explodir-me a cabeça. Não é assim tão mau treinar truques de esposa nos nobres. Mestra Jessa ensinou-nos a liderar a dança, esvaziando-lhes as bolsas como esvaziamos as bolas.

– Então estás lá de livre vontade? – perguntou Leesha.

Rosal acenou com a cabeça.

– Sim. Mas não terei saudades quando me formar. Anseio por começar a minha vida.

A rapariga saiu do quarto, deixando para trás um ténue perfume de rosa. Leesha começou imediatamente a polir e montar a sua caixa de lentes. Verteu uma gota da semente do duque no vidro e ajustou a lente até as células se focarem. Tal como Jessa descrevera, viu poucas sementes ativas. Colocou os óculos guardados e foi pior ainda. Uma amostra saudável brilharia com vida. A de Rhinebeck era cinzenta como um céu nublado.

Lá se ia a esperança da duquesa-mãe numa cirurgia. Se as sementes não conseguissem alcançar o seu destino, poderia corrigi-lo. Se estivessem mortas...

Gared caminhou para trás e para diante, abrindo e fechando as enormes mãos. Um jovem escudeiro observava horrorizado enquanto os seus ombros

ameaçavam rasgar as costuras do casaco fino.

– Noite, Gar. Senta-te e fuma um cachimbo. – Rojer levava já o seu à boca, com os pés confortavelmente sobre a mesa de chá.

Gared abanou a cabeça.

– Não quero cheirar a fumo. – O seu cabelo estava oleado e atado na nuca com um laço de veludo. A barba tinha sido aparada e o casaco de lã estava decorado com o seu novo brasão, um machado duplo cruzado com uma faca de mato diante de uma árvore de madeira dourada. Gared fitara o brasão durante horas quando o alfaiate lho mostrara, esperando a sua aprovação. Precisou de lho arrancar das mãos para conseguir cosê-lo no casaco.

– Uma bebida, então – sugeriu Rojer, servindo dois copos enquanto o gigante continuava a caminhar.

– Sim, para arrastar as palavras estúpidas que conseguir dizer – disse Gared.

– Para com isso – respondeu-lhe Rojer. – Não é por não teres sido criado numa mansão que serás estúpido.

– Então porque sinto que uma em cada duas palavras que ouço são de troça? – perguntou Gared.

– É provável que seja verdade – admitiu Rojer, esvaziando o brande. – Os aristocratas estão sempre a dizer mal uns dos outros, mesmo enquanto sorriem e falam do clima.

– Não quero uma mulher assim – disse Gared.

– Então não escolhas uma que seja assim – replicou Rojer. – Esta noite, és tu quem manda, mesmo que não te pareça. Não tens de casar com quem não queiras.

– E se não quiser nenhuma delas? – perguntou Gared. – O duque disse que tenho de voltar ao Outeiro com uma rapariga para cortejar. E se a duquesa-mãe se fartar e escolher uma?

Rojer riu-se.

– Enfrentas demónios da rocha com seis metros e tens medo de uma mulher com metade do teu tamanho e o triplo da tua idade?

Gared riu-se também.

– Não tinha pensado nas coisas assim, mas... sim. Acho que sim. Recorda-me a bruxa Bruna, mas é mais assustadora ainda.

– Isso é apenas medo de subir ao palco – disse Rojer, pegando no brande que servira para Gared e esvaziando-o também. – Sair-te-ás bem quando começar.

Gared recomeçou a andar para trás e para diante, mas parou logo a

seguir.

– Achas que Rosal virá? – Inspirou profundamente como se tentasse captar-lhe o perfume. – Tem um nome bonito. E cheira a rosas.

– Tem cuidado, Gar – advertiu Rojer. – Sei que é vistosa, mas não queiras casar com uma das raparigas de Jessa.

– Porque não? – perguntou Gared.

– Porque o duque e os seus irmãos não pararão de rir. – Rojer fez uma careta. – Além disso, queres beijar uma boca que esteve na piça de Rhinebeck?

Gared ergueu um punho carnudo diante da cara de Rojer.

– Seja ou não verdade, não quero ouvir-te falar dela assim, Rojer. A não ser que queiras ficar sem os dentes.

Rojer assobiou.

– Caíste mesmo, não foi?

– Caí em quê? – perguntou Gared.

– Jessa pavoneou a rapariga à tua frente de propósito – disse Rojer. – Aposto que é a sua melhor aluna. Tudo o que a rapariga fez foi preparado para captar a tua atenção.

Gared encolheu os ombros.

– Isso não a torna diferente das outras. A única diferença é que, com ela, funcionou.

– Digo-te apenas que tenhas cuidado – aconselhou Rojer. – As raparigas de Jessa podem ser... frias. Conseguem o que querem de um homem e fazem-no pensar que a ideia foi sua.

– O meu pai dizia que o casamento é assim – disse Gared. – Dizes que é diferente para ti?

Rojer enfiou o cachimbo na boca, sem responder.

* * *

Rojer e o seu quarteto erguiam-se numa concha acústica atrás de Gared, que aguardava no centro do palco com a duquesa Araine. O jovem barão parecia o noivo diante do altar.

O salão de baile estava já repleto com a nata da sociedade. Nobres, mercadores ricos e as suas esposas, todos envergando as suas vestes mais ricas. Mas, do outro lado das grandes portas duplas no extremo oposto do salão, aguardava uma longa fila de debutantes jovens e esperançosas, esperando para serem apresentadas.

A duquesa ajeitou o colarinho de Gared.

– Estás pronto, rapaz?

– Acho que vou vomitar – disse Gared.

– Não o recomendaria – disse Araine, sacudindo uma partícula de pó do seu casaco. – Mas duvido que esvaziasse muito o teu livro de marcação de danças. Nem todos os solteiros desejáveis têm um baronato no bolso. Isso fará qualquer uma delas ignorar uma camisa manchada de vómito.

Gared empalideceu e Araine riu-se.

– Uma noiva jovem com quem fazer filhos dificilmente será uma sentença de morte. Aproveita enquanto dura.

Bateu-lhe no traseiro com a bengala e Gared deu um salto.

– Tudo o que tens de fazer agora é ficar aqui enquanto Jasin apresenta as debutantes. Depois disso, podes ir para os bastidores esvaziar o estômago antes do início do baile.

Afastou-se, gesticulando a Jasin que abrisse as portas. Imediatamente, Rojer aproximou o violino do queixo, sendo imitado por Kendall enquanto tocavam a peça da primeira entrada. Cada mulher escolhera a sua música de entrada. Era a canção que tinham pedido no livro de marcação de danças. O quarteto de Rojer ensaiou durante dias para conseguir aprendê-las a todas.

– A menina Kareen Oriental – anunciou Jasin –, filha do conde Alen de Ponteflúvia. – Rojer alterou a melodia. Kareen escolhera uma canção lenta, tanto pela intimidade como pela oportunidade de avançar de forma insinuante pela passadeira, maximizando o seu tempo como centro das atenções.

Foi uma má escolha, pois o nariz de Gared ficaria envolvido na nuvem perfumada da jovem durante a dança inteira, ansiando pelo momento em que poderia afastar-se dela.

Kareen subiu os degraus à esquerda do palco, dirigindo-se para o centro e deleitando-se com a atenção enquanto Gared se curvava para ela. Teria passado ali toda a noite, acolhendo os gritos de júbilo e os aplausos se Jasin não tivesse aberto a porta para deixar entrar a mulher seguinte. Kareen piscou-lhe o olho enquanto se dirigia para os degraus de saída.

– A menina Dinese Boaguarda, filha de lorde Boaguarda de Klat do Sul.

Dinny escolhera uma valsa que faria Gared tropeçar em toda a gente no salão. Seria provável que aumentasse o castigo recitando poesia sem parar.

Araine assegurara que muitas jovens esperançosas ocupassem os lugares ao lado de Gared durante os jantares anteriores, mas nenhuma com maior insistência que aquelas duas. Os seus pais poderosos tinham conseguido comprar atenção que não era acessível aos restantes. Eram as preferidas políticas óbvias, mas, a não ser que as restantes debutantes fossem animais da quinta, teriam poucas hipóteses de serem escolhidas como rainha do

baile.

Dinny esboçou um aceno discreto a Gared enquanto descia do palco, mas, tal como acontecera com a piscadela de olho de Kareen, o jovem barão não deu qualquer sinal de ter reparado. Manteve o olhar nas portas, esperando algo que lhe desse esperança.

Rojer tocou música atrás de música para cada mulher, mas Gared não se mostrava impressionado.

– A menina Emelia Laca, filha de Alber Laca da Colina do Mercador. – Por um momento, Gared permaneceu muito quieto. A seguir, ficou hirto e inclinou-se para diante.

Rojer olhou a porta. Devia ter esperado. Todas as raparigas de Jessa escolhiam «nomes profissionais» enquanto trabalhavam, abandonando-os na formação, quando regressavam à sociedade com os seus nomes legítimos.

Era Rosal.

Desse momento em diante, Gared não deixou de a olhar, ignorando mesmo as últimas mulheres que entraram a não ser quando passavam à sua frente na travessia do palco. Felizmente, não eram muitas, mas uma grande parte dos presentes tinha percebido já a distração de Gared, apontando Emelia e trocando sussurros.

Rojer suspirou. Todos os membros da alta sociedade estavam presentes, incluindo vários frequentadores prováveis do bordel real nos dezoito meses anteriores. Emelia mudara o penteado e escolhera um vestido modesto, parecendo muito diferente da rapariga que tinham visto na casa de Jessa, mas, mais cedo ou mais tarde, alguém a reconheceria.

Leesha estava sozinha no baile. Tinha feito tudo ao seu alcance para conseguir enfiar Wonda dentro de um vestido para a ocasião, mas a rapariga acabou por dar um grito, arrancando o último e rasgando-o enquanto o fazia. Leesha acreditou que a costureira teria um ataque cardíaco.

– Esta não sou eu – disse Wonda. – Amo-te, mestra. Aceitaria levar com cem virotes por ti. Mas nem tu nem todos os demónios do Núcleo conseguiriam obrigar-me a experimentar outra vez um maldito vestido até ao último dia da minha vida.

Que podia fazer Leesha além de lhe pedir desculpa? Wonda mantinha-se junto à parede com os outros guardas. Tinha cortado e oleado o cabelo, expondo com orgulho as linhas irregulares que as garras do demónio lhe tinham deixado na face.

Leesha sorriu. Era um começo. Teria de agradecer a Jessa. As suas palavras tinham tocado a rapariga de uma forma que nunca conseguira.

Ouviu-se um gemido coletivo de espanto e ergueu o olhar, vendo Gared ignorar os degraus e saltar do palco tão facilmente como outros homens desceriam de um banco. Surpreendidos pela informalidade, os convidados hesitaram antes de se aproximarem para apresentar cumprimentos.

Mas Gared aproveitou a hesitação para passar por eles, com as pernas longas fazendo-o atravessar rapidamente o salão de baile até ao local onde Emelia se erguia com os seus pais. Os aristocratas e os donos de grandes fortunas ficaram boquiabertos pela indelicadeza e Alber Laca notou, mesmo que Gared não parecesse incomodado. Mostrou-se nervoso enquanto Gared lhe sacudia a mão, mas a mãe de Emelia, também uma beleza considerável, esboçou-lhe um sorriso orgulhoso.

Gared fora sempre um homem simples e direto. Por vezes, era positivo. Recordava aos aristocratas que nem tudo era um jogo secreto com cartas escondidas.

Leesha estivera prometida a Gared certa vez, mas tornara-se um homem muito melhor, mesmo que tivesse dormido com a sua mãe. Parte dela queria aconselhá-lo a não casar. Emelia era tortuosa e controladora. Mas Elona também era assim. Tal como Leesha admitia ser se fosse sincera consigo mesma. Talvez fosse disso que Gared precisasse numa mulher.

Emelia trazia consigo o risco de escândalo, mas o mesmo se aplicava a Gared, ainda que não o soubesse. Se Elona desse à luz um gigante, não demoraria muito até que alguém percebesse. Nem Gared seria lento ao ponto de não perceber.

– Daria qualquer coisa para saber o que te passa pela cabeça – disse uma voz atrás dela.

Leesha sobressaltou-se, tão absorta em pensamentos que não notara que Thamos se aproximara por trás dela, curvando-se. Mas ansiara por aquele momento e estava preparada. Esmagou as suas emoções num punho cruel, enfiando-as num buraco negro enquanto se virava e fazia uma vénia elegante.

Por mais que Wonda tivesse sido difícil para a costureira, Leesha fora pior. Preocupara-se com cada ponto e folho no seu vestido de seda, concebido para esconder o ventre volumoso à sombra de um decote que nem as mulheres conseguiriam ignorar.

Conteve um sorriso enquanto via os olhos de Thamos descerem para o seu peito enquanto se curvava. O conde estava garboso com as botas polidas e a farda formal de veludo e seda, com dragonas e cordões

dourados. Uma dúzia de medalhas de ouro lacado cobriam-lhe o lado esquerdo do peito e trazia a lança de cerimónia pendurada do ombro numa bainha polida decorada com pedras preciosas.

Mas, se o seu decote tinha captado o olhar dele, a face atraente de Thamos captou e prendeu o seu. A sua barba tinha sido cuidadosamente aparada e não havia um único cabelo fora de sítio na sua cabeça. Quis apertá-lo com força, despenteando as madeixas imaculadas brilhantes com suor enquanto a penetrava.

Sentiu-se humedecer entre as pernas. Era a última noite antes de ser enviado para sul e pretendia possuí-lo uma última vez antes de partir. Morreria se não o fizesse.

– Nada de importante, milorde – respondeu.

– Uma mentira. – Thamos parecia cansado. – Mas devia estar habituado. Nunca algo de importante se passa atrás dos teus olhos, Leesha Papel.

Leesha engoliu em seco. Pensou que mereceria aquilo.

– Gared parece ter escolhido já a sua rainha do baile. – Apontou-os com a cabeça no local onde não paravam de olhar os olhos um do outro. – Pensava na escolha. – Indicou Wonda com um movimento da cabeça. – E pensava como Wonda conseguiu resistir a envergar um vestido.

Thamos gemeu.

– A rapariga é sensata. A minha mãe organiza estes bailes há anos. Preferia enfrentar nuclitas.

– O Barão do Outeiro não é o único solteiro desejável presente, Alteza – disse Leesha. – O conde continua a precisar de uma condessa.

Nesse momento, ouviram-se campainhas e todos olharam a duquesa-mãe, que se erguia com Kareen Oriental. Perto dela, aglomeravam-se os aristocratas que Gared ignorara, tentando (e não conseguindo) esconder o vexame.

– Parece-me que o conde de Ponteflúvia quer terminar o baile antes da hora – disse Thamos, rindo-se. – A pretensão dos Orientais ao trono é mais forte que a da minha mãe. Não estão habituados a serem ignorados.

Com efeito, Araine assinalou a Rojer que iniciasse a primeira dança e o Jogral não ousou recusar. Iniciou a dança lenta que acompanhara a entrada de Kareen.

Thamos deu um passo atrás, oferecendo-lhe a mão com uma vénia.

– Posso ainda não ter uma condessa, mas não desejo procurar uma na minha última noite em Angiers. Danças comigo?

– Se te rodear com os braços, Alteza – respondeu Leesha, aceitando a mão e aproximando-se –, é possível que não te solte.

Thamos pousou-lhe uma mão na cintura.

– Terás de o fazer. A minha mãe convocou-nos para o seu jardim depois da primeira dança.

– Agora?! – Leesha não conseguia acreditar. – No meio do baile e quando estás prestes a ser enviado ao amanhecer para o Criador saberá onde?

– Expus os mesmos argumentos à minha mãe – referiu Thamos. – Disse-me apenas que, se dou valor à pele, deveria chamar-te e fazer o que me manda.

Passaram por Gared no centro do salão. Fazia uma careta e, quando Leesha cheirou o perfume de Kareen, não era difícil perceber porquê. Deixou que as narinas se fechassem e um músculo na têmpora estremeceu, antecipando a dor de cabeça que aí vinha.

A dor continuava ligeira enquanto Thamos a conduzia do centro do salão até uma saída lateral. Wonda avançou para a seguir, mas Leesha gesticulou-lhe e a rapariga percebeu a dica, voltando a aproximar-se da parede.

Passaram por corredores silenciosos, vistos apenas por um punhado de criados que souberam manter os olhos postos no chão.

Até esse movimento cessou quando se aproximaram mais da saída para o jardim privativo de Araine. O corredor era longo e escuro, repleto de nichos ensombrados com estátuas dos duques de antanho. Leesha parou, puxando Thamos.

– O que foi? – perguntou ele.

Leesha colocou-se atrás da estátua de Rhinebeck. Era uma representação deveras abonatória, mas até uma estátua favorável de Rhinebeck era suficientemente larga para cobrir o nicho com uma grande sombra.

– Dói-me a cabeça. – Puxou e Thamos apenas fingiu resistir enquanto se deixava puxar.

Para qualquer outro casal, as palavras poderiam significar o fim de perspetivas românticas naquela noite, mas acontecia o oposto com Leesha e Thamos sabia-o. Antes que o conde tivesse tempo de dizer alguma coisa que arruinasse o momento, Leesha cobriu-lhe a boca com a sua.

Ficou hirto por um momento, mas abraçou-a firmemente a seguir, fazendo serpentear a sua língua na boca dela. Leesha cobriu-lhe a nuca com uma mão, segurando-lhe o cabelo e empurrando-lhe a língua mais para dentro.

Thamos rosnou enquanto a tocava. De alguma forma, os seios libertaram-se do vestido e Thamos apertou-os enquanto Leesha se encostava mais a ele, soltando-lhe o cabelo e baixando as mãos para o segurar pela frente das

calças. Estava duro e não perdeu tempo a abrir os cordões para o libertar.

– Não temos muito tempo – murmurou ele.

– Então não sejas delicado – disse ela, virando-se e erguendo o vestido enquanto se curvava sobre o pedestal.

Gared cumpriu o seu dever, dançando com todas as debutantes no baile. Foi estranho de ver. Era muito maior que as mais altas mulheres angieranas e pisou alguns pés delicados enquanto tentava acompanhar as danças.

Pior era a expressão de concentração na sua face, mais adequada ao combate contra nuclitas do que à dança com jovens belas. Parecia tentar apenas sobreviver.

Até chegar a vez de Emelia. Quando aconteceu, a face do grande Lenhador iluminou-se e foi como se dançasse sobre ar. Parecia ter encontrado a sua noiva e nem todo o ouro em Ponteflúvia o faria mudar de ideias.

Kendall percebeu o mesmo e alongou o seu solo de violino, dando-lhes mais tempo para olharem os olhos um do outro. Amanvah e Sikvah acrescentaram as suas vozes à tarefa, enfeitiçando o jovem casal tão facilmente como enfeitiçariam um nuclita.

Jasin manteve a sua máscara de jogral, sorrindo enquanto dançava com aristocratas ricas cujos maridos cochichavam, ignorando o que acontecia. Mas, ocasionalmente, erguia o olhar para o palco, fixando em Rojer um olhar gelado.

Rojer permitiu-se retribuir com um sorriso. A sua vingança estava longe de estar completa e, apesar de não saber qual seria o seu passo seguinte, Jasin sofria humilhações diárias e isso agradava-lhe muito.

Mas, a seguir, Jasin moveu um olhar conhecedor para Gared e Emelia, voltando a olhar Rojer com um sorriso amplo.

Sabe.

Claro que sabia. A não ser que as coisas tivessem mudado desde o tempo de Arrick, o acesso regular ao bordel real era um dos benefícios do arauto real. Além de saber que Emelia era a pega Rosal, era provável que a tivesse possuído.

E Rojer não acreditava que o arauto pretendesse guardar esse segredo.

* * *

Araine e o ministro Janson esperavam no jardim quando Leesha e Thamos chegaram. Algumas lanternas tinham sido penduradas, mas as sombras

eram longas e ameaçadoras. Apesar da confiança que depositava na mulher, Leesha colocou os óculos guardados, procurando perigos escondidos nas sombras.

– Isto é tudo muito clandestino – disse Leesha. – Há algum motivo para termos sido forçados a deixar o baile na última noite de Thamos em Angiers?

– Há um motivo excelente – respondeu Araine. – Quero que conheças a minha arma secreta e não posso apresentar-ta no baile. O rapaz cheira pior que um penico cheio.

– O rapaz? – perguntou Leesha.

– Briar, querido – chamou Araine delicadamente. – Aproxima-te.

Leesha viu um rapaz sair de dentro de uma moita de raiz-porqueira a uns três metros de distância. Como era possível que não o tivesse visto? Com os óculos guardados postos, a sua aura deveria ter brilhado como uma lanterna.

Mas não aconteceu. A aura do rapaz era tão diminuta que Leesha pensou que estaria moribundo, mas moveu-se com graciosidade até ficar ao lado da duquesa. Não teria mais de dezasseis verões e era alto e magro. Sobre um ombro, tinha um escudo redondo guardado de Sharum, mas vestia calças e camisa thesanas.

As suas feições não eram completamente krasianas, mas também não eram completamente thesanas. Era difícil vê-lo com clareza porque o rapaz estava completamente imundo.

Como a duquesa advertira, o fedor era avassalador. Leesha inflou as narinas, avaliando o odor. Havia um cheiro a suor juvenil acumulado, mas sobrepunha-se o cheiro a raiz-porqueira. Esmagara folhas, esfregando-as na pele como se fossem uma loção. Tinha a roupa coberta com manchas de raiz-porqueira. A seiva pegajosa cobrira-se com uma camada de poeira, mas não se tornava menos fedorenta.

– Perdoa o nosso pequeno estratagema – disse Araine. – Briar afirma que nenhum demónio consegue vê-lo se não desejar ser visto e pensei que o mesmo poderia aplicar-se aos teus óculos notáveis.

Leesha não respondeu, mas a duquesa obtivera já a sua resposta. Tinha referido os óculos à duquesa? A mulher sabia mais do que dava a entender.

– Leesha, Thamos, este é Briar Damaj – disse Araine e o rapaz grunhiu-lhes. Era um som gutural, duro e animalesco.

Damaj. Um apelido krasiano. Significava que pertencia à mesma linhagem de Inevera e Amanvah, mesmo que o parentesco pudesse ter-se diluído com centenas de gerações. O clã Damaj tinha a sua origem na era de

Kaji.

Mas Briar era um nome laktoniano. O rapaz era mestiço, mas Leesha não conhecera qualquer krasiano no Norte antes da invasão. As suas feições poderiam tornar-se comuns dali a alguns anos, mas era a primeira vez que as via. Seria filho de um Mensageiro?

– É um prazer conhecer-te, Briar – disse Leesha, estendendo-lhe a mão. Briar ficou tenso e recuou. Leesha baixou a mão, sorrindo. – Os demónios não gostam do cheiro a raiz-porqueira, não é?

Aquilo pareceu descontrair o rapaz.

– Ficam agoniados quando o cheiro é muito forte. Os nuclas odeiam raiz-porqueira.

Leesha acenou afirmativamente, inspecionando a aura do rapaz. Não sabia que o cheiro da raiz-porqueira repelia demónios, mas fazia sentido. Era o ingrediente principal nas curas de infeções demoníacas e os nuclitas evitavam as moitas.

Mas isso não era tudo. Viu a magia ambiente canalizada pelo solo do jardim como se fosse nevoeiro. Normalmente, a magia era atraída por criaturas vivas quando não havia guardas por perto. A magia evitava Briar como o azeite evitava a água.

A raiz-porqueira conseguiria repelir a magia? Isso explicaria muitas das suas propriedades e tornaria a erva preciosa infinitamente mais útil.

– Briar revelou-se muito valioso para a resistência – disse Araine. – Fala krasiano e consegue mesmo passar por um deles. Acima de tudo, consegue mover-se durante o dia e a noite. Como o teu Homem Pintado, mas sem ilusões de grandeza.

Leesha ignorou a provocação. Araine não exagerara ao dizer que o rapaz era valioso. Era um recurso que a duquesa não partilharia de ânimo leve. Nem mesmo com ela.

– Briar tem contactos em Lakton – referiu Araine. – Poderá guiar os teus homens por um atalho até ao Outeiro, evitando as patrulhas krasianas e conseguindo um encontro com os mestres da doca. Usam um mosteiro junto ao lago como base.

Thamos arqueou uma sobrancelha.

– Rhinebeck sabe disto?

Araine riu-se.

– Claro que não. Tanto quanto Rhiney sabe, terão encontrado a resistência pelos vossos próprios meios. Foi ele quem te enviou e ficará obrigado a cumprir as promessas que fizeres.

– Que promessas? – perguntou Thamos.

Araine gesticulou a Janson, que passou ao conde um pergaminho enrolado. Thamos abriu-o, lendo rapidamente. Leesha inclinou-se para o ler sobre o seu ombro.

– Este documento afirma que os laktonianos me juram lealdade – disse Thamos.

– Que nos impedirá de fazer exigências se comprometermos a vida dos nossos homens em seu auxílio? – perguntou Janson. – São eles que estão cercados e não nós.

– Ainda não – referiu Leesha.

– O ministro está correto – disse Araine. – Neste momento, precisam mais de nós do que nós precisamos deles, um facto que seria tolice ignorar quando iniciarmos as negociações. Os seus soldados obedecerão às tuas ordens na batalha. Essa parte não é negociável.

– Compreendo. – A apreensão era percetível na voz de Thamos. – Mas obriga-los a jurarem-me fidelidade a mim e não a Rhinebeck.

– És tu o comandante dos Soldados de Madeira e conde do Condado do Outeiro – disse Araine. – Faz sentido que se aliem diretamente contigo.

Thamos abanou a cabeça.

– Rhinebeck não verá as coisas assim.

– Rhinebeck não terá alternativa. – A voz de Araine soou como uma chicotada. – Quando souber, o tratado estará assinado e estarás fora do seu alcance com três exércitos ao teu dispor. Não terá força suficiente para se opor a ti.

– Para se opor a mim? – perguntou Thamos. – Devo substituir o demónio do deserto como conquistador de Thesa?

– Não te peço que sejas um conquistador – replicou Araine. – Não é disso que precisamos.

– Então de que precisamos, mãe? – perguntou Thamos.

– De um rei – respondeu Araine. – Não de um demónio. Não de um Libertador. Thesa precisa de um rei.

Thamos fitou-a sem dizer nada e Araine avançou, segurando-lhe a face entre as mãos.

– Meu querido filho. Não penses nisso agora. Pensa apenas na tua segurança, fazendo o que precisa de ser feito e voltando para junto de quem amas. – Abraçou-o firmemente, secando lágrimas nos olhos enquanto se afastava. – Tens até ao amanhecer para resolveres os teus assuntos e para tratares das despedidas – disse Araine. – Mas, avaliando pelo teu rubor quando chegaste, suponho que já terás resolvido alguns dos assuntos.

Voltou-se, levando Briar e Janson consigo e deixando Leesha e Thamos

sozinhos no jardim. Thamos abriu os braços e acolheu-a entre eles. Leesha abraçou-o com força e sentiu que retribuía. Leesha começou a soluçar contra o pano dobrado no ponto onde a capa se prendia sobre o seu ombro.

– Não vás – implorou, sabendo que era um pedido tolo.

– Que alternativa tenho quando a minha mãe e o meu irmão unem vontades? – perguntou Thamos. – Roubar-me-iam o Outeiro. Talvez o dessem a Mickael. Lamenta não o ter aceitado antes. Pether também. Nenhum deles queria o povoado quando lhes foi oferecido há meses, mas olham-no agora com avidez.

– Cobiçam-no porque o transformaste – disse Leesha. – Os outeireiros sabem disso. Quando voltares ao teu trono, nenhuma carta de Angiers conseguirá roubar-to, mesmo que alguém ouse tentar.

– Sim, talvez – concordou Thamos. – Se desejar mais uma guerra com o meu irmão do que com os krasianos. Mas alguém precisará de inverter a maré. Se os krasianos conquistarem Lakton, será uma questão de tempo até engolirem tudo a sul do Divisor. Quem o evitará se não for eu? O teu precioso Arlen Fardos desapareceu.

Havia azedume nas palavras, mas Leesha ignorou a provocação.

– Então leva-me contigo.

– Não sejas ridícula – disse Thamos. – São semanas de viagem através de território inimigo e estás grávida de cinco luas.

– Fui suficientemente forte para enfrentar um bando de assassinos nuclitas – lembrou Leesha. – Achas que não conseguirei enfrentar os krasianos?

– Os krasianos lutam durante o dia – recordou-lhe Thamos. – Os hora protegerão o teu filho das lanças e flechas enquanto o sol brilhar?

Leesha soube que estava certo, mas, mesmo assim, magoava-a.

– Usam-te. Tanto Araine como Rhinebeck. Como um peão nos seus jogos políticos.

– E que fazes tu, Leesha? – perguntou Thamos. – Sabias o que pareceria quando te deitaste comigo de forma tão pronta. Usaste-me para esconder a tua indiscrição.

– Eu sei – admitiu Leesha. – Lamento que...

Thamos interrompeu-a.

– E agora tenho de escolher. Caso contigo e espero a humilhação inevitável ou volto as costas à única mulher que alguma vez amei verdadeiramente. – Afastou-se. – Talvez morrer seja preferível.

Virou-se e deixou-a sozinha no jardim, sentindo-se como se o seu coração tivesse sido dilacerado.

Leesha ficou parada por um momento, com o choque e a dor paralisando-a. Mas apenas por um momento. A seguir, erguia as saias e libertava-se dos sapatos com pontapés.

– Thamos! – chamou, sacrificando a dignidade para correr atrás dele. Não podia terminar assim. Não o permitiria. Estivera tão perto. Tivera-o nos seus braços. Tivera-o dentro dela. Se tinham de se separar, que fosse com um beijo e com Thamos sabendo que o amava.

Ter-se-ia movido com grande rapidez ou teria seguido por um caminho diferente desde o jardim. Chegou à entrada do palácio e não viu qualquer sinal dele no corredor. Passou a correr pelas estátuas de duques passados a caminho dos seus aposentos. Teria de voltar lá para concluir os preparativos da partida.

Ouviu um som à frente, vindo do nicho que partilhara com Thamos na sua união furtiva. Ter-se-ia escondido dela? Ou teria decidido sucumbir à emoção na segurança das sombras?

Mas algumas coisas não eram compatíveis com sombras. Algumas coisas precisavam de luz. Retirou uma pedra guardada da bolsa de hora que trazia à cintura e moveu os dedos para ativar as guardas, enchendo o nicho com luz guardada intensa que baniu as sombras como se fosse o próprio sol.

Mas não era Thamos quem se escondia ali. Quase na mesma posição em que se tinha unido ao conde, viu a princesa Lorain e lorde Sament. O ímpeto do aristocrata fê-lo dar ainda duas estocadas antes de reagir à luz, recuando e cambaleando enquanto tentava puxar as calças para cima.

Leesha sentiu a face ardendo. Baixou a luz e afastou o olhar.

– Sinto muito. Pensei que fosse outra pessoa.

– Sintas ou não, viste-nos. – Lorain teve menos dificuldades para se compor e o vestido caiu assim que se endireitou. Avançou para Leesha com postura ameaçadora. – O que importa é saber o que farás agora.

– Não fostes prometida a Rhinebeck. Ninguém esperará que vos guardeis para um homem casado. – Leesha olhou Sament, que voltava a estar decente. – Ouvi dizer que Euchor anulou o vosso casamento, mas não era lorde Sament o vosso marido.

– Sament é meu amigo – disse o lorde. – E aceitou emprestar-me o seu nome para a nossa viagem até ao Sul. Ninguém em Angiers conhece a nossa aparência. – Ergueu o braço, pegando na mão de Lorain. – Com o casamento anulado ou não, não podia enviar a minha mulher sozinha para uma corte hostil.

– O meu pai consegue rasgar um contrato, mas não conseguirá anular os nossos votos – disse Lorain. – Casarei com Rhinebeck se a política o exigir, mas nunca será meu marido. – Olhou Sament. – Nem mesmo se o meu marido concretizar o seu desejo noturno e morrer nesta expedição tresloucada a Lakton.

– Tenho de ir – disse Sament. – Se conseguirmos libertar Lakton, talvez não precises de casar com Rhinebeck. Se não acontecer, preferiria morrer a ter de assistir.

Lorain olhou Leesha com olhar desconfiado.

– Suspeito que não consigas compreender, mestra. Contarás à duquesa?

Leesha estendeu a mão para a mulher, ignorando a expressão chocada da princesa enquanto a puxava para um abraço.

– Compreendo melhor do que sabeis. Se não casardes com Rhinebeck, tendes a minha palavra de Herbanária de que não contarei a ninguém. – Olhou Sament. – Se acontecer, regressareis a Miln até ao nascimento de um herdeiro para assegurar que a sucessão será legítima.

Sament cerrou os dentes, mas acenou com a cabeça.

– Depois disso – continuou Leesha –, o que fizerdes não me dirá respeito.

Voltou-se e deixou-os, demorando-se no salão durante o tempo suficiente para assegurar que Thamos não voltara. Todos pareciam mais altos sem os sapatos, mas não tinha qualquer desejo de dançar. Gesticulou a Wonda que a seguisse e regressaram aos seus aposentos.

Sentou-se atrás da sua secretária, pegando numa folha do precioso papel com flores prensadas que tinha feito na oficina do pai. A sua provisão quase se esgotara e era provável que não voltasse a ter tempo de fazer mais.

Para que serviria papel especial se não fosse para dizer ao homem que amava as palavras que não tinha conseguido dizer-lhe pessoalmente?

Agonizou durante longas horas e acabou por ordenar a Wonda que se certificasse de que o conde não partiria sem a carta.

Gared deveria passar tempo com cada debutante depois de concluídas as danças, mas fez sinal a Rojer para se juntar a eles entre canções de forma a nunca ficar sozinho. Em cada ocasião, regressava inexoravelmente para junto de Rosal, puxando consigo as debutantes tagarelas cheias de esperanças. Em breve, a filha do lacador ficou rodeada por mulheres unidas no propósito de a sabotar.

– Que saberá a filha de um artesão acerca do governo de um baronato? –

perguntou Kareen.

Rosal sorriu.

– Por favor, senhora. Esclarecei-nos. O vosso pai, por exemplo, levou Ponteflúvia a uma dívida tão grande que foi forçado a duplicar as portagens da ponte. Os mercadores dispostos a atravessá-la sobrecarregam os clientes com o custo adicional, forçando homens como o meu pai a pagar mais pelas matérias-primas, acabando por aumentar o preço pago pelos camponeses. Como resolveríeis o problema?

– São questões que os homens deverão decidir – disse Dinny, quando Kareen não respondeu imediatamente. – Como disse o poeta Nichol Pedra-Cinzenta:

No homem e na mulher viu o Criador
Duas almas em harmonia
Com trabalho diário, o homem providencia
Alimento e conforto para a sua bela esposa.
Os filhos e o lar são o seu domínio:
Assim se assegura o equilíbrio matrimonial.

– Foi Markuz Eldred e não Pedra-Cinzenta – referiu Rosal enquanto os olhos de Gared começavam a vidrar. – E citais uma má tradução eclesiástica. O original ruskano diz:

No homem e na mulher viu o Criador
Duas almas em simetria
Que no trabalho diário providenciam
Domínio e conforto a um homem e sua esposa
Para criarem prole vigorosa no lar
Sem suportarem sozinhos pensamentos conturbados.

Olhou Gared e piscou-lhe o olho.

– Não é o meu poema preferido de Eldred. Produziu melhor trabalho na sua juventude:

Um homem de Lakton era tão dotado
Que as mulheres que amava todas coxeavam.
Nenhuma conseguia suportá-lo,
Quando uma cobria despido,
E enfiou-o no traseiro de um demónio da rocha.

Gared riu-se alto e assim prosseguiu o resto do serão. Rosal defendia-se contra uma maré de detratoras, concentrando a atenção de Gared.

As mãos do Lenhador gigantesco tremiam nos bastidores quando disse a Araine que Emelia Laca era a sua escolha para rainha do Baile de Debutantes.

Araine apoiou as mãos nas ancas.

– Esperas que fique surpreendida? Não conseguiste afastar os olhos dela durante a noite inteira.

Gared olhou para os pés.

– Sei que não era a vossa primeira escolha...

– Não sabes tanto quanto julgas – disse Araine. – E ambos sabemos que o que sabes nunca foi muito. Os nobres ficarão num frenesim e o Criador saberá que continuarão a esfregar-te Kareen e Dinny na cara, juntamente com promessas de riqueza e criadas bonitas, mas nenhuma das raparigas tem o que é necessário para lidar contigo ou com o Outeiro. Os meus filhos rir-se-ão atrás das tuas costas, mas não se oporão ao casamento e Emelia valerá dez vezes mais que qualquer um deles, independentemente do que julgarem saber sobre Rosal.

Gared olhou a duquesa, surpreendido.

– Achavas que não sabia? – perguntou Araine. – Jessa trabalha para mim. Nunca teria pavoneado a rapariga à tua frente sem a minha aprovação.

A expressão neutra na face de Gared transformou-se num grande sorriso. Araine pôs-lhe cobro antes que lhe engolisse a cara por inteiro, erguendo um dedo.

– Trata bem a rapariga, Gared Lenhador. E também o Outeiro do Lenhador. Quero que jures fazê-lo.

– Juro pelo Sol – disse Gared, com avidez.

Araine acenou afirmativamente.

– E não engordes. É a pior coisa que um homem pode fazer. Ninguém respeita um homem gordo no trono e, depois de perderes o respeito, passarás a ser apenas alguém sentado temporariamente numa cadeira.

Poucos na multidão pareceram agradados quando Gared coroou Rosal como rainha do baile, mas todos foram tão pouco surpreendidos como Araine. Rojer tocou alguma coisa triunfal para a sua última dança e os aristocratas recuaram para lamber as feridas e planear como poderiam fazer Gared mudar de ideias.

Como se fosse possível. A festa transferiu-se para saletas quando o baile terminou e, mesmo assim, o jovem casal continuou inseparável.

Amanvah abanou a cabeça enquanto os olhava.

– Não aprovas que case com uma heasah? – perguntou Rojer.

– Com uma oferta de noivas potenciais tão pouco digna, não teve grande escolha – disse Amanvah.

– Isso quase parece aprovação – notou Rojer.

– Teria sido melhor que o meu pai lhe tivesse encontrado uma noiva adequada – considerou Amanvah.

Rojer sorriu.

– Não me posso queixar das suas escolhas nesse aspeto.

Estava um pouco embriagado enquanto deixavam a festa e regressavam aos aposentos de Rojer. O átrio principal estava repleto de convidados dirigindo-se para carruagens guardadas e Rojer conduziu as suas companheiras a uma escadaria traseira por onde conseguiriam alcançar a ala dos convidados e subir até aos seus quartos no quarto piso.

Para variar, Rojer sentia-se esperançoso. O casamento realizar-se-ia logo que Gared conseguisse prepará-lo e não tardariam a estar de volta ao Outeiro, onde pertenciam. Kendall caminhava alegremente, nunca tendo atuado num evento de tamanho requinte. Rodopiou com o seu vestido de baile de seda, rindo-se enquanto admirava as cores berrantes.

Coliv desceu as escadas à sua frente, tão atento a qualquer sinal de perigo como aconteceria durante a noite, mesmo estando na fortaleza do duque.

Quando chegou ao patamar, ouviu-se um ruído seco e um virote cravou-se no seu ombro.

Tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo. Dois homens envergando os tabardos verdes e dourados da guarda do palácio correram pelas escadas abaixo, empurrando com força Kendall e Sikvah contra Rojer e Amanvah. Caíram para diante e Rojer bateu com o queixo no último degrau antes de sentir as mulheres desabando sobre ele e roubando-lhe o fôlego.

Coliv arremessou a lança na direção de onde viera o tiro. Ouviu-se um gemido na escuridão, seguindo-se o ruído de novo disparo. Coliv ergueu o escudo no momento certo, mas o metal guardado fino tinha sido concebido para travar nuclitas e não virotes. O dardo atravessou-o sem dificuldade, projetando-se atrás do pescoço do Vigia.

Coliv voltou-se para o guarda mais próximo de Amanvah, introduzindo a mão no interior das vestes e retirando um dos seus triângulos de arremesso

afiados. Levantou um braço como se pudesse ignorar o ferimento medonho para proteger a sua senhora, mas, a seguir, caiu de joelhos, asfixiando com o seu sangue.

Ergueram-se, mas os guardas do palácio vinham de todos os lados, armados com bastões lacados curtos. Quando um deles avançou para ele, Rojer alcançou as facas que escondera nas suas mangas. Lançou uma, mas continuava embriagado e a lâmina falhou o alvo. Segurou a outra com firmeza, não querendo perder a última arma que lhe restava.

Esquivou-se ao primeiro movimento do bastão e ao segundo. Antes que o guarda conseguisse recuperar o suficiente para um terceiro ataque, Rojer aproximou-se, cravando-lhe a faca no flanco.

De pouco serviu. A lâmina era pequena para ser facilmente lançada e escondida. O guarda pareceu mais irritado do que ferido quando golpeou Rojer na face com o bastão, projetando-o. Kendall correu para se colocar diante dele, mas o guarda pontapeou-a violentamente no estômago e fê-la cair, pisando a face de Rojer enquanto o fazia.

Rojer tentou erguer a faca, mas o guarda pisou-lhe o punho com força e a lâmina escapou-lhe dos dedos numa explosão de dor. O bastão atingiu-o no estômago e, quando se curvou num movimento reflexo, o golpe seguinte atingiu-o nas bolas. Gritou, mas o grito foi interrompido quando um terceiro golpe lhe partiu dois dentes.

Rojer caiu, atordoado, vendo Amanvah e Sikvah imobilizadas por trás com bastões. Sempre que se debatiam, os guardas apertavam com mais força, roubando-lhes o fôlego e forçando-as a submeterem-se. Os homens tinham a vantagem em termos de músculos e de peso. Cada um deles era mais pesado que as duas mulheres combinadas.

Um dos besteiros jazia mais à frente no corredor, com a lança de Coliv cravada no peito. Kendall tinha sido imobilizada pelo outro. A sua arma sem projétil estava pendurada do ombro e segurava-lhe os pulsos contra o chão, ajoelhando-se sobre as suas coxas para que não conseguisse pontapeá-lo.

Ouviram bater palmas e Jasin Tom-Dourado afastou-se das sombras, seguido por Abrum e Sali.

– Tom-Dourado? – gemeu Rojer.

– Ah. Já não sou Nenhuma-Canção? – perguntou Jasin. – Recordas o respeito que me deves demasiado tarde, Meia-Mão.

– Tolo-Dourado. Foi isso que disse. – Rojer tentou cuspir-lhe, mas os lábios inchavam rapidamente. A mistura viscosa de sangue e saliva escorreu-lhe pelo queixo abaixo. Mesmo assim, o esforço valeu-lhe novo

golpe na face.

– Pedaço de merda aldeão. Acreditas que podes humilhar-me na minha cidade? – perguntou Jasin. – Que podes espalhar mentiras e ameaçar a minha posição sem esperar retaliação? Deverias saber que não. Não que fosse difícil alistar aliados. – Jasin indicou Amanvah e Sikvah com a cabeça. – Esta noite, tornar-me-ei um homem muito rico. Surpreender-te-ia o número de lordes que pagarão bom dinheiro por um par de princesas krasianas como reféns. Mais ainda quando acrescento provas de que a rainha do Baile do Barão não passa de uma pega do bordel real.

Sikvah puxou a lança, mas o homem que a imobilizava apertou-a com mais força.

– Será melhor que deixes de te debater antes que me dês ideias, rapariga.

– Nada de ideias – disse Jasin. – Não aqui. Teremos de concluir o trabalho e partir.

– Mataram Anders – disse o guarda que prendia Kendall. – Não podemos deixar isso passar sem derramar sangue pelo dele.

– Conhecia os riscos – disse Jasin. – Mas, como recompensa, podes espancar Rojer e a rapariga até à morte.

– Sim, está bem. – O guarda sorriu, levando a mão ao bastão no cinto.

– Não! – Rojer tentou afastar-se, rebolando, mas o guarda sobre ele esmagou-lhe o pulso com a bota, mantendo-o imobilizado enquanto o bastão repetia o percurso pelo estômago, bolas e cabeça. Manchas coloridas dançaram-lhe diante dos olhos como bailarinas embriagadas.

Quando a visão clareou, olhou Amanvah.

– Sinto muito – disse, com palavras arrastadas.

Amanvah olhou-o com dureza.

– Basta. Sikvah.

Sikvah ergueu a perna, atingindo o seu captor na face. Segurou-lhe os pulsos cruzados e curvou-se para diante, torcendo-os numa projeção que o lançou contra a parede, deixando-lhe o bastão nas mãos. Não hesitou no lançamento, atingindo na cabeça o homem que se erguia sobre Rojer, fazendo-o cair.

Amanvah desferiu um golpe preciso com os dedos hirtos no ombro do captor. O seu braço pendeu, inerte, e segurou o outro, prendendo-o e torcendo-o para o fazer cair sobre os degraus, pisando-lhe a garganta.

Sikvah já se movia, correndo para o homem que imobilizava Kendall. Este ergueu-se para ela, mas Sikvah esquivou-se ao seu esforço para a segurar, saltando e rodeando-lhe o pescoço com uma perna. Torceu-se em pleno ar, usando a queda para lhe partir o pescoço.

Jasin não hesitou, puxando por uma faca e correndo para Rojer. O homem que Sikvah derrubara recuperava e Abrum e Sali ergueram bastões próprios enquanto avançavam.

Um movimento dos seus dedos e um dos triângulos afiados que Coliv favorecia cravou-se na mão com que Jasin segurava a faca. Largou a arma e gritou enquanto Sikvah se aproximava.

Rojer supôs que o que se seguiu teria sido uma luta, mas parecia-lhe uma palavra pouco adequada para descrever um embate tão desequilibrado. Sikvah não lutava. Limitava-se a matar.

Sali ergueu o bastão, mas Sikvah segurou-lhe o pulso e aproximou-se, canalizando o ímpeto para o cotovelo com que lhe esmagou a garganta. Lançou o corpo da mulher corpulenta contra Jasin, voltando-se como uma dançarina para enfrentar o guarda mascarado. O guarda rodopiou e Sikvah esquivou-se ao seu golpe, completando o círculo e atingindo-lhe a coluna com o cotovelo produzindo um ruído audível. Estava morto antes de embater no chão.

Abrum decidiu que queria viver, voltando-se para fugir, mas Sikvah arremessou um bastão, atingindo-o na coxa. Pareceu apenas um golpe de raspão, mas a perna cedeu e pousou um joelho no chão. Segurou-lhe a cabeça enquanto saltava sobre ele, dando uma pirueta e partindo-lhe o pescoço.

E, tão depressa como começara, terminou.

Jasin tentava afastar de si o corpo pesado de Sali. Sempre tivera uma cara de demónio da madeira, mas transformara-se num horror sangrento.

Rojer alcançou a faca que Jasin largara, levantando-se. Amanvah ajoelhava-se junto a Coliv, fitando os seus olhos vazios.

– Percorre o caminho solitário com honra, Sharum. Everam espera-te no Paraíso com a tua recompensa.

Rojer sentiu um nó na garganta. Tinha-se erguido com Coliv na noite. Não via tais coisas com o romantismo dos krasianos, mas era inegável que era um laço forte.

E morrera porque Rojer receara matar Jasin. Outro nome para registar no seu medalhão. Quantos nomes lá caberiam?

– Acabou – disse Rojer. Matara apenas demónios e sempre se questionara se teria o que era necessário. Mas não podia hesitar e não pretendia dizer últimas palavras. A lâmina cravou-se no olho de Jasin como se fosse um ovo cozido e o corpo de Tom-Dourado estremeceu violentamente uma última vez enquanto girava a faca.

E foi assim que os verdadeiros guardas do palácio o encontraram.

VINTE E TRÊS

INQUISIÇÃO

333 DR Inverno

Ouvir a fechadura fez Rojer ficar tenso. A porta era de madeira dourada grossa reforçada com aço. A única abertura era uma pequena portinhola ao fundo suficientemente grande para permitir a passagem de um tabuleiro. Era impossível perceber o que haveria do lado oposto.

Mas não importava. Rojer tinha pouca vontade de lutar. Os guardas do palácio, enraivecidos pela morte dos seus camaradas, tinham-se mostrado pouco contidos quando tentaram espancá-lo até obterem uma confissão. Afinal, respondiam perante Janson e o primeiro ministro estava furioso com a morte do seu sobrinho.

Mal se mantinha consciente quando finalmente desistira, acolhendo o desmaio com gratidão e acordando ali.

Um único olhar pela janela minúscula fê-lo perceber onde estava. Na Torre Sul.

A grande Catedral de Angiers fora construída antes do Regresso, tendo grande torres de pedra, uma em cada ponto cardeal. A torre mais a norte albergava o grande sino, ouvido a quilómetros de distância. As outras torres continham celas onde, durante séculos, tinham estado presos hereges e prisioneiros políticos. Homens e mulheres demasiado poderosos ou nobres para serem executados. Demasiado perigosos ou ameaçados para ficarem na prisão comum.

Rojer conhecia as histórias fabulosas que se contavam sobre as torres e criara também algumas, mas nunca imaginara fazer parte de uma delas.

Endireitou-se quando a porta se abriu. Através das pálpebras inchadas,

viu Leesha e suspirou de alívio, deixando-se cair sobre a enxerga simples.

– Rojer! – gritou Leesha, correndo para ele enquanto a porta se fechava atrás dela. Segurou-lhe a face nas mãos, mas apenas por interesse profissional para lhe examinar os ferimentos. Rojer guinchou enquanto Leesha afastava o cobertor, procurando ossos partidos e hemorragias.

– Malditos selvagens – murmurou, levantando-se. Aproximou-se da janela, afastando a pesada cortina e voltando para o seu lado.

– Que fazes? – perguntou Rojer com lábios inchados enquanto Leesha ignorava as ervas nos bolsos do seu avental, procurando ao invés o seu estojo de Guardadora.

– Quieto – disse Leesha, erguendo um pincel fino e um frasco de tinta. – Não temos muito tempo e prometi a Amanvah que te restauraria antes de falarmos.

– Que me restaurarias? – repetiu Rojer. Ou, pelo menos, tentou repeti-lo. A sua face recusava colaborar na formulação de palavras.

Leesha não respondeu, despindo-o sem se preocupar com o seu poder e pintando-lhe guardas na pele. Rojer estremeceu quando a viu introduzir uma mão na bolsa de hora, retirando o osso de demónio, mas a dor era demasiada para lhe permitir protestar.

As guardas aqueceram enquanto Leesha passava o osso sobre elas, fazendo-as brilhar suavemente e provocando-lhe um formigueiro na pele que penetrou profundamente músculo e osso, acalmando a dor e reduzindo o inchaço. A sua visão recompôs-se e os lábios recuperaram algo que se aproximava da sua antiga agilidade. Recuperava a mobilidade da boca, movendo a língua por instinto para o vão onde o bastão lhe arrancara dentes. O cansaço abandonou-o e sentiu-se forte e alerta.

Ergueu um punho, com o poder fluindo através dele. A porta que antes lhe parecera impenetrável deixava de parecer tão formidável. Conseguiria deitá-la abaixo e lutar até à saída da catedral. Faria com que lhe perdessem o rasto nas ruas. Encontraria uma forma de sair da cidade...

Mas o osso desfez-se na mão de Leesha e a loucura do poder abandonou-o.

– Noite – disse, voltando a vestir-se. – É fácil perceber que alguém fique viciado nisto.

– Não posso fazer grande coisa pelos dentes que faltam – disse Leesha. – Podemos fazer dentes novos em porcelana. Podem ser tingidos para combinarem com os dentes que te restam ou com cores mais garridas, se preferires.

Rojer abanou a cabeça.

– O que mais me agrada no traje multicolorido é poder despi-lo.

Leesha concordou com um aceno, levando a mão ao seu saco e retirando algo que lhe agradou ver. O estojo do seu violino.

– Amanvah quis que te trouxesse isto... para passares o tempo.

Rojer abriu rapidamente o estojo, com o alívio preenchendo-o enquanto via o apoio para o queixo guardado no seu compartimento de veludo. Pousou-o deliberadamente sobre a enxerga entre ambos. Amanvah conseguiria ouvir tudo, mesmo que não conseguisse responder.

– O que aconteceu, Rojer? – perguntou Leesha.

– Fui tolo – respondeu. – Pensei que estávamos seguros no palácio. Pensei que conseguisse torcer o nariz de Jasin e envenenar a sua reputação sem pagar o preço. – Baixou a cabeça. – É tudo culpa minha.

– Não sejas tonto – ripostou Leesha. – Não começaste.

– Comecei – disse Rojer. – Comecei quando o esmurrei no nariz.

– A minha mãe esmurrou-me no nariz uma vez – disse Leesha. – Não tive vontade de a matar e a quem se erguesse entre nós.

– Não tento desculpar o comportamento de Jasin – disse Rojer. – Aquele filho do Núcleo teve o que merecia. Mas sabia o que era e, mesmo assim, despertei o demónio. Agora, Jaycob e Coliv estão mortos.

Leesha tirou um relógio do avental, vendo as horas.

– Só me deram uma hora, Rojer, e restam poucos minutos. Terás muito tempo para filosofar quando estiveres sozinho, mas, por agora, preciso que me contes tudo o que recordas acerca da noite passada.

Rojer acenou com a cabeça.

– Jasin veio matar-me. Terá subornado alguns dos guardas do palácio para o ajudarem. Disse que havia um lorde disposto a pagar por Amanvah e Sikvah.

– Disse quem era? – perguntou Leesha.

Rojer abanou a cabeça.

– Não estava em posição de pedir pormenores.

– Vamos – disse Leesha.

– Saberiam que evitaríamos o átrio principal no regresso aos nossos aposentos – disse Rojer. – Esperavam no átrio inferior. Alvejaram Coliv, mas lutou até ao fim, matando a maior parte deles. Deixou Jasin para mim.

Manteve as coisas deliberadamente vagas, sem referir o envolvimento de Sikvah. Continuava sem saber o que pensar acerca daquilo. A sua doce e submissa Sikvah tornara-se algo assustador diante dos seus olhos. Mas, fosse o que fosse, era sua mulher e não a trairia.

– Então foi em legítima defesa – afirmou Leesha.

– Claro que foi em legítima defesa – replicou Rojer.

– Não é isso o que diz o ministro Janson – disse Leesha. – Diz que te viu ameaçar Jasin com uma faca há alguns dias.

Rojer baixou o olhar.

– Bom, sim... mas só depois de me ter atacado.

– Atacou-te e não disseste nada? – perguntou Leesha.

– Pedes ajuda sempre que alguém te empurra? – perguntou Rojer. – Ou limitas-te a empurrar com mais força?

– Tento não empurrar ninguém – respondeu Leesha.

– Diz isso a Inevera – afirmou Rojer, observando satisfeito enquanto Leesha engolia as palavras que se preparara para dizer a seguir.

– Não importa – disse ela, quando se recompôs. – Janson afirma que foste tu quem foi atrás de Jasin.

– Levando as minhas esposas e Kendall atrás de mim? – perguntou Rojer, incrédulo.

Leesha encolheu os ombros.

– Pode ter sido apenas uma discussão que foi demasiado longe. E, quando os guardas tentaram pôr-lhe fim...

– Assassinámo-los todos? – perguntou Rojer. – Isso parece remotamente plausível?

– Plausível ou não, Jasin morreu e foste encontrado sobre ele com uma faca ensanguentada – lembrou Leesha.

– Procura Cholls – disse Rojer. – O mestre da Guilda dos Jograis. Contei-lhe há meses que Jasin matou Jaycob e me enviou para o hospício.

Leesha acenou afirmativamente.

– Muito bem. Mas merece confiança? Todos parecem ser intimidados pelo primeiro ministro.

– Põe Gared na sala quando for questionado – sugeriu Rojer. – Estava lá quando aconteceu.

– Gared sabia?! – perguntou Leesha. – Meses antes de me teres contado?

Rojer olhou-a fixamente.

– Gared estava presente quando o mestre da guilda me questionou acerca do meu desaparecimento no ano passado. Quando aconteceu, não compreendeu o que ouvia, mas é seguro apostar que Cholls não saberá que assim foi. Calculo que, se pensar que Gared poderá contrariá-lo, não terá a audácia de mentir.

– Mesmo que conte tudo, conseguirá apenas fortalecer os teus motivos – disse Leesha.

– Já tenho motivos – recordou Rojer. – Isto dará motivos também a Jasin.

– Rodeou os joelhos com os braços, aproximando-os do peito. – Como estão as mulheres?

– Amanvah e Kendall estão sob prisão domiciliária até ao julgamento – contou Leesha. – Escolhi Lenhadores para acompanharem os guardas do palácio. Não estão felizes, mas estão seguras.

Rojer engoliu em seco, percebendo que Leesha deixara alguém de fora.

– E Sikvah?

– Sikvah – respondeu Leesha em voz baixa – desapareceu.

As pernas de Leesha doíam-lhe quando chegou ao fundo dos degraus aparentemente intermináveis. O seu sono tornava-se cada vez mais inquieto enquanto a gravidez progredia, com cãibras noturnas provocando-lhes dores persistentes.

Mas conhecia bem as torres da catedral e, quando saiu da Torre Sul, percorreu os corredores até chegar à Torre Este, voltando a subir.

Rojer corria perigo maior do que julgava. A própria Araine tinha sido forçada a intervir junto do Pastor Pether para que Janson, furioso, acedesse a autorizar que os Protetores o transportassem inconsciente para a segurança da catedral.

Mas, sendo verdade que estaria seguro até ao julgamento, os cadáveres eram demasiado numerosos para permitirem que escapasse sem problemas. E Sikvah? Onde estava Sikvah? Os guardas diziam não a ter visto depois do ataque. Teria sido raptada pelo lorde com que Jasin colaboraria? Até mesmo a sobrinha do Libertador seria refém suficientemente importante para motivar uma guerra que não estavam prontos para travar.

Ocupou-se com tais pensamentos durante a ascensão interminável até ao topo da torre, onde encontrou uma cela semelhante à de Rojer. O guarda acenou-lhe com a cabeça e prontificou-se a abrir a porta. Tinham-se habituado às suas visitas.

– Jona – disse Leesha, enquanto o homem erguia o olhar dos seus livros. Os Protetores faziam-no copiar o Cânone como penitência enquanto discutiam o seu destino.

– Leesha! – exclamou Jona, erguendo-se apressadamente e aproximando-se dela. – Que o Criador te abençoe! Estás bem? Pareces cansada. – Puxou a única cadeira da cela, retirando alguns livros e oferecendo-lha para se sentar. – Posso oferecer-te um pouco de água?

Leesha abanou a cabeça, sorrindo.

– Quase se esquece que és um prisioneiro aqui.

Jona acenou com a cabeça.

– A minha cela de acólito no Outeiro do Lenhador era mais pequena. Tenho livros e tenho o Cânone. Sou visitado por Vika e por ti. Que mais poderia pedir?

– A liberdade – retorquiu Leesha.

Jona encolheu os ombros.

– Quando o Criador assim o entender, a liberdade virá.

– Não é com a vontade do Criador que deverás preocupar-te – disse Leesha. – É com a vontade de Rhinebeck.

O Protetor voltou a encolher os ombros.

– Preocupei-me a princípio. Passaram semanas a interrogar-me e não me permitiram dormir adequadamente, ter livros ou qualquer outra coisa que ajudasse a passar o tempo. Mas agora – acariciou a encadernação a couro de um dos seus livros com gesto afetuoso –, estou em paz. Os Protetores estão convencidos de que não guardo segredos que conseguissem dar-lhes alguma vantagem sobre o Libertador e a minha heresia anda pelas bocas de metade do ducado. Mais tarde ou mais cedo, cansar-se-ão de me ter aqui.

– Sobretudo depois do desaparecimento de Arlen – disse Leesha.

– Não desapareceu – afirmou Jona.

– Não podes sabê-lo – disse Leesha. – Não estavas lá.

– Tenho fé – retorquiu Jona. – O que me surpreende é que, depois de tudo o que passaste, continuas sem a ter.

– Se o Criador tem um plano, esse plano não me tem sido favorável – recordou Leesha.

– Todos passamos por provações – disse Jona. – Mas, olhando para trás, o que mudarias? Terias casado com Gared e vivido uma vida normal? Terias ficado em Angiers enquanto a peste devastava o Outeiro? Terias cuspido na face do demónio do deserto quanto te saudou com amizade?

Leesha abanou a cabeça.

– Claro que não.

– Negarias a vida que cresce dentro de ti?

Leesha cobriu o ventre com uma mão, olhando Jona com dureza.

– Nunca.

– É isso – concluiu Jona. – É isso a fé. Não conseguirás medi-la com pesos e doses como fazes às tuas ervas. Não podes classificá-la nos teus livros ou testá-la com químicos. Mas existe, mais poderosa que qualquer fragmento de ciência do mundo antigo. Só o Criador conseguirá ver o caminho em frente. Faz de nós o que desejar, aquilo que o mundo necessita que sejamos. Mas podemos captar um vislumbre quando olhamos para trás.

– Thamos foi enviado para Lakton – disse Leesha, com voz trémula.

– Porquê? – perguntou Jona.

– Para evitar uma guerra – disse Leesha, fungando. – Ou talvez para começar uma. Só o Criador saberá.

Jona pousou-lhe uma mão delicada no ombro.

– Só o conheci por um momento, quando se uniu ao Inquisidor para me enviar para aqui. Mas conheço-te a ti, Leesh. Não entregas o teu coração com facilidade. Será um bom homem.

Leesha sentiu vontade de vomitar. Jona seria talvez o seu amigo mais velho e próximo, mas guardara segredos dele.

– Ultimamente, tenho entregado o meu coração com alguma facilidade – disse. – Arlen deu-me a volta à cabeça e Ahmann arrebatou-me, mas Thamos... – Cruzou os braços sobre o peito como se abraçasse o próprio corpo. – Thamos é o único homem que alguma vez amei. E traí-o. Partiu, talvez para a morte, com o meu bisturi cravado no coração. Como é possível que também isso faça parte do plano do Criador?

Jona abraçou-a e deixou que se encostasse a ele, chorando.

– Não sei – disse, acariciando-lhe o cabelo. – Mas, quando tudo isto ficar para trás, conseguirás perceber. É tão certo como o Sol nascer.

A estrada percorrida pela carruagem e os grandes degraus do palácio estavam repletos de gente em pleno dia, ocupando-se com conversas e negócios. Mas, quando Leesha saiu, tanto cortesãos como criados se calaram, olhando-a.

– Diz-me que imagino isto – disse Leesha.

– Não imaginas – respondeu Wonda, movendo o olhar sobre a multidão em busca de uma ameaça. – Passei tempo a fazer perguntas no pátio enquanto visitavas as torres dos Protetores. Os boatos alastraram como fogo na noite passada. Não ajudou que metade da maldita cidade estivesse no palácio.

Wonda puxou-a pela mão e quatro Lenhadoras avançaram para as cercarem, atentas ao que se passava em redor. Subiram os degraus sem serem incomodadas, passando pelas portas e chegando ao grande átrio.

Foi pouco melhor. Os criados do palácio eram mais profissionais, mas até eles olhavam Leesha e a sua comitiva pelo canto do olho.

– Que dizem as pessoas? – perguntou Leesha.

Wonda encolheu os ombros.

– Histórias de taberna, sobretudo. Mas todas acertam no elemento mais

importante. O mago do violino do Outeiro matou o arauto do duque. A diferença está sobretudo na forma como cada história é contada.

– Porquê? – perguntou Leesha.

– A cidade está dividida, tal como o Outeiro e todos os outros sítios – explicou Wonda. – As pessoas comuns acreditam que o senhor Fardos é o Libertador. Os poderosos acham que representa sarilhos.

– Que tem isso a ver com Rojer? – perguntou Leesha, mesmo conseguindo adivinhar sem dificuldade. Chegaram à ala residencial, deixando muitos dos olhares curiosos para trás, mas Wonda não dispensou as Lenhadoras. Leesha não acreditava que voltasse a estar sozinha algum dia, se a decisão dependesse da sua jovem guarda-costas.

– Tu e Rojer ajudaram-no a salvar o Outeiro – disse Wonda. – A bruxa das guardas e o mago do violino. As pessoas acreditam que falam pelo Libertador durante a sua ausência. Mesmo na catedral, há quem diga que, se Rojer matou Jasin, a morte foi decidida pelo Criador.

– Isso é ridículo – considerou Leesha.

– Talvez seja – disse Wonda, sem parecer totalmente segura. – Mas, seja ou não verdade, as pessoas não reagirão bem se alguma coisa acontecer a Rojer. Alguém poderá aleijar-se.

– Se alguma coisa acontecer a Rojer – disse Leesha –, eu própria ficarei muito desagradada.

– Nem mais – concordou Wonda enquanto contornavam uma esquina, vendo o ajuntamento de homens diante da porta dos aposentos que Rojer partilhava com as suas esposas. Quatro guardas do palácio erguiam os pescoços, tentando amedrontar com o olhar os quatro Lenhadores gigantescos que se posicionavam junto à parede oposta.

O grupo abriu caminho quando Leesha se aproximou e Wonda adiantou-se para bater à porta.

No momento seguinte, Kendall abriu.

– Graças ao Criador! – Deu um passo ao lado para permitir a entrada de Wonda e Leesha, com as Lenhadoras juntando-se à multidão no corredor.

Kendall apressou-se a fechar a porta, trancando-a.

– Viste Rojer?

– Vi – respondeu Leesha.

– O nosso marido encontra-se bem? – perguntou Amanvah, surgindo à porta do seu quarto privativo. A dama’ting jovem parecia tão descontraída e serena como sempre, mesmo que Leesha acreditasse que não passava de uma fachada.

Acenou-lhe com a cabeça.

– Sem dúvida que já to terá dito pessoalmente.

– Claro que sim – admitiu Amanvah. – Mas é frequente que os homens escondam a sua dor quando não querem preocupar as esposas.

Leesha sorriu.

– O Rojer que conheço nunca terá sido esse tipo de homem. – Amanvah não pestanejou sequer. – Foi espancado com gravidade – continuou Leesha. – Mas os teus hora cuidaram disso. Está tão forte como nunca, mesmo com dois dentes em falta.

Amanvah moveu ligeiramente a cabeça numa sugestão de aceno.

– E Sikvah?

Leesha suspirou.

– Não sabem nada. Se alguém pretender pedir um resgate por ela, certificar-se-ão em primeiro lugar de que estará bem escondida.

– É inadmissível – disse Amanvah. – Nem sequer nos permitem que deixemos os aposentos para procurá-la.

– São testemunhas de um homicídio no palácio ducal – lembrou Leesha. – Não podem esperar que vos deixem partir. Não conseguiriam procurar em algum sítio que não seja acessível aos espiões de Araine.

– Não confio nos seus espiões chin – disse Amanvah. – É provável que estejam envolvidos no desaparecimento.

Leesha olhou a bolsa de hora que pendia da cintura de Amanvah.

– Podemos falar a sós?

– Ei...! – Kendall começou a protestar, mas Amanvah silenciou-a com um silvo, apontando o seu quarto.

Leesha seguiu-a, vendo que todas as janelas estavam cobertas. Até a porta se cobria com uma cortina pesada e, quando Amanvah a fechou, ficaram envoltas na escuridão. Por reflexo, Leesha levou uma mão à sua bolsa de hora enquanto tirava os óculos guardados com a outra.

Mas Amanvah não constituiu qualquer ameaça. As moedas guardadas na sua tiara brilhavam quando as viu através dos óculos, mesclando-se com a sua aura. Nenhuma delas conseguia ler auras com a facilidade de Arlen, mas seria difícil mentirem uma à outra com as auras expostas.

– Posso oferecer-te chá? – perguntou Amanvah.

Leesha percebeu que sustinha a respiração. Expirou enquanto acenava afirmativamente.

– Criador, sim.

O bule brilhava ligeiramente, tendo sido guardado para manter o interior quente e o exterior frio. A utilização de magia poderosa para fim tão frívolo dizia muito acerca das dama’ting, que usavam a magia dos hora há séculos.

Leesha, com todo o poder que tinha ao alcance dos dedos, compreendia mal as subtilezas das suas guardas.

– Que te disseram os teus dados? – Leesha provou o chá e sentiu o corpo todo descontrair. Talvez não fosse um uso assim tão frívolo da magia.

– Os alagai hora não mentem, mestra – disse Amanvah, enquanto bebia. – Mas também não nos dizem tudo o que desejaríamos saber. Fiz três lançamentos hoje. Não me disseram nada sobre o destino de Sikvah e o futuro do meu marido permanece... nublado. – Não havia qualquer sinal de mentira na sua aura.

– Nublado? – perguntou Leesha. – Que significa isso?

– Significa que existem demasiados pontos divergentes para que o futuro seja assegurado – disse Amanvah. – Demasiadas possibilidades e vontades interessadas no resultado final. Não está a salvo. Consigo perceber isto.

– Está preso numa torre a noventa metros do solo num dos locais mais bem guardados por homens e por magia em todo o mundo – recordou Leesha.

– Bah! – exclamou Amanvah. – As vossas defesas hortelãs são patéticas. Qualquer Vigia em Krasia conseguiria chegar até ele. Certamente, os seus inimigos locais conseguirão desenvencilhar-se. – Abanou a cabeça. – Deveria ter ordenado a Coliv que matasse este Tom-Dourado há semanas, qualquer que fosse a vontade do meu marido.

– Não te martirizes com o que poderias ter feito – disse Leesha. – Duvido que tivesse sido melhor assim. Participas num jogo político que não compreenderás totalmente.

Amanvah encolheu os ombros.

– A política de sangue nunca muda, mestra. Quando alguém tenta matar-te e fracassa, cumpre-te assegurar que não terão nova hipótese.

– Serão os tribunais a matar Rojer agora – comentou Leesha.

Amanvah acenou com a cabeça.

– E suponho que estariam mais dispostos a decidir em nosso favor se estivéssemos entre a tua tribo.

Leesha não podia contrariar aquilo, mas havia algo na aura de Amanvah. Não era mentira, mas...

– Há alguma coisa que não me dizes.

Amanvah riu-se.

– Claro! Porque deveria confiar mais em ti do que em todos os outros hortelões?

Bruxa ingrata.

– Que fiz para merecer a tua desconfiança, Amanvah vah Ahmann? –

perguntou Leesha em krasiano. – Que te faz insistir em desonrar-me quando fui sempre franca?

– Foste? – perguntou Amanvah. – Quem carregas no ventre, mestra? O meu irmão ou o próximo duque de Angiers?

Leesha olhou-a com curiosidade.

– Os teus dados disseram-te que Rhinebeck não poderá ser curado – supôs.

– Saberias se lhe tivesses examinado a semente – disse Amanvah.

– Fi-lo – afirmou Leesha.

O véu de Amanvah escondeu-lhe o sorriso, mas foi evidente a alteração na sua aura.

– Viste a heasah colher a amostra ou confiaste na sua palavra?

Leesha sobressaltou-se, quase entornando o chá. Pousou-o rapidamente, erguendo-se.

– Com a tua licença.

Amanvah dispensou-a com um gesto.

– Com certeza.

Wonda e as Lenhadoras quase precisaram de correr para acompanharem Leesha enquanto percorria os corredores do palácio, primeiro até aos seus aposentos para recolher um frasco e depois até aos aposentos da duquesa.

Uma das aias de Melny abriu a porta, conduzindo Leesha até ao quarto privativo da duquesa.

– Há alguma coisa que possa fazer por ti, mestra? – perguntou Melny quando ficaram a sós. Formalmente, era a mulher mais poderosa de Angiers, mas, na prática, mostrava-se quase tão submissa perante Leesha como perante Araine.

Leesha ergueu o frasco de vidro guardado.

– Posso estar perto de conseguir uma cura, mas preciso que façais algo por mim em segredo.

Rojer sentava-se sobre a mesa da sua cela, que puxara para junto da janela para poder ver a cidade enquanto interpretava uma melodia lúgubre no seu violino.

Pensou se o ouviriam em baixo. Esperou que sim. Afinal, que era um Jogral sem público? Mesmo que não conseguisse vê-los, que ouvissem a sua dor.

Não havia muito mais que pudesse fazer ao luar. Os Protetores não lhe tinham dado lanternas e a máscara guardada que lhe permitia ver na escuridão estava nos seus aposentos, onde Amanvah caminharia nervosamente para trás e para diante.

Não estava em posição de exigir sequer uma vela. A quem pediria? Não voltara a ter visitas além do acólito anónimo que lhe empurrava tabuleiros pela porta e levava os tabuleiros vazios que empurrava em sentido inverso. A comida era simples mas suficientemente nutritiva.

A janela era pequena. Permitia-lhe colocar a cabeça de fora, mas não podia acrescentar um ombro. Não que importasse. Mesmo que conseguisse passar pela abertura minúscula, esperava-o o abismo. As quatro torres erguiam-se noventa metros acima do solo.

Mas qualquer coisa era melhor do que olhar as paredes da cela e a vista era realmente espetacular, com toda a cidade de Angiers espraiando-se em baixo. Viu os clarões nos pontos onde demónios do vento embatiam contra a rede de guardas e tocou para Amanvah.

Talvez os angieranos conseguissem ouvir ou talvez não, mas sabia que Amanvah o ouvia. Tocou a falta que dela sentia, a sua mágoa e os receios por Sikvah. Tocou o seu orgulho e o seu amor. A sua esperança e a sua paixão. Tentara sussurrar tudo isso ao hora, mas as palavras falharam-lhe.

A música nunca o fazia.

– Marido.

O arco escapou-lhe sobre as cordas. Rojer ficou em silêncio, olhando em redor, pensando se teria imaginado. Teria Amanvah encontrado uma forma de falar através do apoio para o queixo e não apenas de ouvir?

– O-olá? – sussurrou, hesitante.

A seguir, viu uma mão segurando o parapeito da janela e recuou com um guincho, caindo da mesa abaixo. Perdeu o fôlego ao embater no chão, mas anos de treino fizeram-se sentir e rebolou no momento do embate, conseguindo agachar-se a vários metros da janela.

Sikvah olhava-o pela abertura minúscula. Vestia o seu toucado negro e o véu branco, mas os olhos eram inconfundíveis.

– Não te alarmes. Sou apenas eu.

Desfilaram memórias pelos olhos de Rojer. Sikvah esmagando a garganta de Sali. Sikvah partindo a coluna ao guarda. Sikvah partindo o pescoço de Abrum.

– Nunca foste «apenas» o que quer que seja, esposa – disse Rojer. – Mesmo que, aparentemente, não conheça sequer metade da história.

– Tens o direito de te sentires incomodado, marido – respondeu Sikvah. –

Guardei-te segredos, mas não por minha própria vontade. Foi a Damajah a ordenar pessoalmente que eu e as minhas irmãs de lança mantivéssemos a nossa natureza em segredo.

– Amanvah sabia – disse Rojer.

– Ela e mais ninguém em todo o Norte – assegurou Sikvah. – Temos o sangue do Libertador. Ela tem sangue de dama. Eu de Sharum.

– O que és? – perguntou Rojer.

– Sou a tua jiwah – respondeu. – Imploro-te, marido, se não acreditares em mais nada que te diga, acredita nisso. És a luz da minha vida, o meu amor, e, se o Evejah não o proibisse, matar-me-ia por te ter envergonhado.

– Não chega – disse Rojer, cruzando os braços. – Se queres que volte a confiar em ti, preciso de saber tudo.

– Claro, marido – replicou Sikvah. Parecia aliviada, como se a pena fosse leve. E talvez fosse. A sua personalidade dócil não passara de um número. Quem poderia assegurar que o seu alívio não o seria também?

Parte dele não se importava. Sikvah mostrara-lhe apenas devoção desde que tinham proferido os seus votos. Até quando matava, fazia-o por ele e, apesar de tudo o que acontecera, Rojer não conseguiria forçar-se a voltar atrás. Algures, o espírito de Jaycob repousava em paz. Finalmente, os seus assassinos tinham encontrado a justiça.

– Posso entrar? – perguntou Sikvah. – Prometo responder a todas as perguntas com franqueza e em sinceridade.

Em sinceridade?, pensou Rojer. *Ou insinceridade?* Poderia ter sido qualquer das duas.

Olhou a janela minúscula com desconfiança.

– Como pretendes fazer isso?

Os cantos dos olhos de Sikvah ergueram-se num sorriso enquanto enfiava a cabeça. Torceu-se e a sua mão tornou-se visível, serpenteando para o interior para empurrar contra a parede.

Ouviu-se um estalo que fez Rojer encolher-se e o ombro passou. Rojer vira muitos números de contorcionismo na Guilda dos Jograis, mas nunca nada assim. Era como um rato passando por baixo de uma porta.

Em segundos, acabou de passar, caindo no chão e colocando-se com ligeireza em posição prostrada. Colocou os joelhos e as mãos abertas no chão, pressionando a testa contra a carpete gasta. Envergava vestes de Sharum em seda: calças largas, túnica justa e um toucado do negro mais profundo que contrastava com o branco intenso do seu véu matrimonial. As mãos e os pés estavam nus.

– Para com isso – exigiu Rojer. Os krasianos podiam apreciar tais

demonstrações de submissão, mas deixavam-no profundamente desconfortável, sobretudo vindo de alguém capaz de o matar com um dedo mínimo.

Sikvah rebolou e sentou-se sobre os calcanhares. Retirou o véu, puxando o toucado para mostrar o cabelo.

Rojer foi à janela, enfiando a cabeça no exterior e olhando para baixo. Não viu cordas nem instrumentos de escalada. Teria subido apenas usando as mãos e os pés?

– Amanvah enviou-te para me libertares?

Sikvah abanou a cabeça.

– Posso fazê-lo, se o ordenares, mas a Jiwah Ka não acredita que seja esse o teu desejo. Vim zelar por ti e assegurar que nenhum mal te acontecerá.

Rojer olhou a minúscula cela à sua volta com o mobiliário escasso.

– Não há muitos sítios onde possas esconder-te se alguém vier conferir o meu estado.

Sikvah sorriu.

– Fecha os olhos durante duas inspirações.

Rojer obedeceu e, quando voltou a abri-los, Sikvah tinha desaparecido. Procurou na cela, chegando mesmo a espreitar por baixo da enxerga, mas não havia vestígios dela.

– Onde estás?

– Aqui. – A voz vinha de cima, mas, mesmo quando olhou na direção de onde viera o som, viu apenas as traves. Depois, continuando a olhar, uma das sombras moveu-se e vislumbrou-lhe o véu branco.

Sikvah deixou-se cair no chão em silêncio, parecendo ressaltar. Mesmo observando-a atentamente, perdeu-a de vista, vagueando pela cela até a sua mão lhe segurar o tornozelo, esticando-se de baixo da enxerga. Sobressaltou-se com um grito agudo.

Sikvah soltou-o, imediatamente, aparecendo no momento seguinte junto à porta. Manteve-se em silêncio por um momento e acabou por abanar a cabeça.

– Há um guarda três lanços de escadas abaixo. É desmazelado e não me parece que ouça. Mas teremos de ser cautelosos.

Rojer olhava espantado enquanto Sikvah escalava a parede de pedra que a passagem dos séculos tornara lisa. E fazia-o tão facilmente como se subisse por uma escada.

– Quando sair daqui, vamos reformular completamente o nosso espetáculo de Jogral – disse Rojer. – É um desperdício que te limites a

cantar.

Conversaram pela noite dentro, com Rojer deitado na cama com as mãos unidas atrás das costas enquanto fitava a escuridão que envolvia Sikvah.

Contou-lhe como tinha sido oferecida à Damajah, que a enviou posteriormente para as entranhas do Palácio das Dama'ting. Contou-lhe o treino brutal que se seguiu.

– Terás odiado Enkido – disse-lhe.

– Durante algum tempo – admitiu ela. – Mas a vida de um Sharum não é fácil, marido. Não haverá segundas oportunidades em batalha, como acontece na arte. Enkido dotou-nos das ferramentas para conseguirmos sobreviver. Aprendi depois que tudo o que fazia era feito por amor.

Rojer acenou afirmativamente.

– Era muito semelhante a minha relação com mestre Arrick. – Sempre tivera o cuidado de partilhar com as suas esposas a versão aprumada e respeitosa do seu mestre, mas Sikvah partilhava com ele a sua vida inteira e fez o mesmo.

Contou como Arrick tentou abandoná-lo e à sua mãe quando corriam risco de vida. Contou os seus excessos de vinho e a violência que nele despertavam. A forma como permitira que a bebida (e também o seu ego) alterassem as suas sortes uma e outra vez.

Apesar de tudo isso, Rojer não conseguia forçar-se a odiar Arrick. Pois o seu último gesto em vida fora saltar para além das guardas, lançando-se contra um demónio da madeira para que Rojer sobrevivesse.

Arrick fora fraco, egoísta e mesquinho, mas amara Rojer à sua maneira.

Sikvah falava sem hesitar, partilhando mais de si do que alguma vez fizera, mas a sua sinceridade permanecia por testar.

– No dia em que nos conhecemos – disse Rojer – e falhaste no teste de pureza...

– Falaste em minha defesa – disse Sikvah. – Foi nesse momento que soube.

– Que soubeste o quê? – perguntou Rojer.

– Que não eras como os homens krasianos – retorquiu Sikvah. – Que, quando olhavas para mim, não vias apenas propriedade. Não te conhecia nesse dia, marido. Não tinha visto a tua face nem tinha ouvido contar os teus feitos. Falava a tua língua, mas desconhecia por completo os costumes do teu povo. Não me foi pedido que me tornasse tua mulher. Não me ofereci. Fui-te oferecida.

– És uma princesa. Não és uma escrava... – começou Rojer, mesmo sabendo que, até no Norte, tais coisas não eram inauditas, sobretudo na corte.

– Perdoa-me, marido – disse Sikvah –, mas sou o que a Damajah fez de mim. Um instrumento da sua vontade. Se me ordenou que casasse contigo, deveria fazê-lo. Era inevera.

– Porque te ordenou que o fizesses? – perguntou Rojer. – Porque te escolheu a ti? – Era uma simples pergunta, mas sabia que era a primeira de várias que testariam a sua lealdade para com Inevera, compreendendo cada vez mais a forma como lhe moldara a vida.

Mas Sikvah não hesitou.

– Para proteger Amanvah, claro. A Damajah pretendia ter um agente poderoso e leal entre os hortelões, mas não colocaria em risco a sua filha mais velha. Não haveria melhor guarda-costas que Enkido, mas há locais em que um homem, mesmo que seja um eunuco, não poderá entrar. Eu, pelo contrário, poderia estar sempre ao lado de Amanvah.

– E Amanvah? – perguntou Rojer. – É dama'ting. Teve alguma escolha?

Ouviu-se um sussurro de seda no alto que poderia ter sido um encolher de ombros.

– As palavras da Damajah ofereceram uma escolha, mas a sua vontade foi clara e, dama'ting ou não, Amanvah estava tão impedida de recusar como eu. – Riu-se. – Sei que sempre te parecemos irmãs, mas, antes desse dia, desprezávamo-nos.

– Voltou-se contra ti quando falhaste o teste de pureza – lembrou Rojer. Hesitou, esperando uma resposta, mas Sikvah permaneceu em silêncio. – Nunca perdi o teste – referiu Rojer. – Antes pelo contrário. Sempre disse que não era necessário. Mas Inevera insistiu. – Sikvah continuou sem dizer nada. – Depois, Leesha mentiu, dizendo que tinhas passado apenas para te poupar a desonra. E, mesmo assim, Amanvah voltou-se contra ti. – Silêncio. – Fê-lo por te desprezar – perguntou Rojer – ou não passou de uma encenação?

– A Damajah lançou os dados antes do nosso encontro – admitiu Sikvah. – Sabia que tentarias proteger-me.

– Bravo – exclamou Rojer. – O número conseguiu enganar-me. – Supôs que deveria sentir-se incomodado ou até irado, mas não lhe restava energia para tal. O passado não importava. Que Amanvah e Sikvah tivessem começado por ser apenas agentes de Inevera não surpreendia. Era o que seriam agora que precisava de saber.

– Quem foi ele? – perguntou.

– Hã? – disse Sikvah.

– O homem que... te conheceu – insistiu Rojer. Parte dele não queria saber, mas estivera com muitas mulheres de que não se orgulhava e não estava em posição de julgar.

– Ninguém – respondeu Sikvah. – Rompi o hímen no treino de sharusahk. A minha desonra para contigo não passou de uma ficção.

Rojer encolheu os ombros.

– Pareceu-me que sabias o que fazias.

Voltou a rir. Era um som doce e tilintante.

– As dama'ting ensinaram-nos a dança das almofadas. Para que as minhas irmãs de lança e eu pudéssemos ser as esposas perfeitas.

Dança das almofadas. As palavras eram suficientes para o alvoroçar. Mudou de assunto.

– O que pretendia Amanvah quando envenenou Leesha?

Pela primeira vez, houve uma hesitação.

– Amanvah preparou o veneno, marido, mas fui eu quem lho colocou no chá.

– Isso não responde à minha pergunta – ripostou Rojer. – Conspiraram as duas. Que importa quem fez o quê?

– A Damajah sentia-se incomodada pela influência da tua mestra que motivou o meu tio a criar as Sharum'ting – explicou Sikvah. – As mulheres de Krasia pertenciam-lhe e reservava-lhes outro destino.

– Tentaram matar a minha amiga por ter persuadido Jardir a dar direitos às mulheres? – perguntou Rojer.

– Pus folha-negra no seu chá porque a Damajah o ordenou – disse Sikvah. – Pessoalmente, a proclamação do Shar'Dama Ka agradou-me. As minhas irmãs de lança foram autorizadas a abandonar a clandestinidade, conquistando a glória na noite. Lamento nunca ter sido autorizada a fazer o mesmo.

– Isso pode mudar – disse Rojer. – O segredo é conhecido. Quando regressarmos ao Outeiro, poderás...

– Perdão, marido, mas o segredo mantém-se – disse Sikvah. – Ninguém vivo pode contar esta história além de ti e das minhas irmãs-esposas. A minha capacidade de te proteger e à minha Jiwah Ka seria grandemente reduzida se fosse conhecida por outros.

– E se eu, como teu marido, te ordenar que deixes de esconder o que és? – perguntou Rojer.

– Obedecerei – respondeu Sikvah. – Mas considerar-te-ei um tolo.

Rojer riu-se ao ouvir aquilo.

– Disseste que conseguirias tirar-me daqui. Como?

– A porta é grossa, mas não passa de madeira – comentou Sikvah. – Conseguiria parti-la, mas precisaria de tempo e alertaria os clérigos. Será mais fácil sair pela janela e descer até um piso inferior. Os vossos homens santos chin não são guerreiros como os dama. Seria simples matar os guardas e obter as chaves.

– Não quero que mates ninguém – afirmou Rojer. – A não ser que as nossas vidas dependam disso.

– Claro – disse Sikvah. – A Jiwah Ka sabia que seria esse o teu desejo.

Rojer pensou no seu apoio de queixo, seguro no seu estojo guardado.

– Está a ouvir-nos agora?

– Sim – respondeu Sikvah. – A minha gargantilha permite-lhe ouvir-me quando o desejar.

– E consegue também falar-te? – perguntou Rojer.

– Sim – confirmou Sikvah. – Mas o hora está sintonizado apenas com a minha consciência. Não funcionará contigo. A dama'ting aplica-se agora mesmo para te criar um brinco. Pede desculpa por não o ter feito mais cedo. Entretanto, serei eu a sua voz.

– E que tem para dizer? – perguntou Rojer.

– Que é tarde – disse Sikvah – e não sabemos o que trará o dia de amanhã. Pede-te que durmas enquanto resta alguma escuridão.

Rojer olhou as sombras no alto.

– Dormirás entre as traves?

– Não preciso de dormir como tu – afirmou Sikvah. – Meditarei para me recompor, permanecendo atenta a qualquer ameaça. Fecha os olhos, amado, e sabe que te vigiarei.

Rojer fez o que lhe pediu, sentindo-se realmente seguro, mas os seus pensamentos estavam demasiado revoltos e estava inquieto.

– Acho que não conseguirei dormir.

Mal se ouviu qualquer som quando a Sikvah se deixou cair no chão. Rojer estremeceu quando se enfiou na cama a seu lado, nua.

– A Jiwah Ka ordena que te serene até que durmas, marido – ronronou.

– Tudo o que houve entre nós resultou de ordens? – perguntou Rojer.

Sikvah beijou-o. Os seus lábios não eram menos macios agora que sabia como poderiam ser duros.

– Pode ser-me dada uma ordem para fazer uma coisa, marido, mas isso não significa que não o deseje. – Despiu-lhe eficientemente as calças multicoloridas. – Ou que não me dê prazer.

Leesha girou o parafuso, ajustando a caixa de lentes.

A diferença nas amostras foi imediatamente óbvia. Havia poucas sementes vivas na que Rosal providenciara. Aquela estava repleta de sementes vivas em grande número, apesar de se moverem de forma lenta e débil.

O efeito de uma droga.

Olhou pela janela. O Sol mal acabara de se mostrar sobre o horizonte. Araine estaria acordada àquela hora?

Era demasiado importante para esperar. Enviou uma mensageira e a rapariga regressou pouco depois com uma convocatória da duquesa-mãe.

– Tens a certeza? – perguntou Araine quando chegou. – Não é um truque da bruxa branca para pedir a libertação do marido? – A anciã vestia ainda o seu roupão branco de tecido surpreendentemente gasto e simples, mas não perdia o porte real e não estava com disposição para conversa de circunstância.

Leesha acenou afirmativamente.

– Amanvah poderá querer a libertação do marido, Excelência, mas está certa. As duas amostras não pertencem ao mesmo homem. A não ser que não confieis em Melny...

Araine acenou com uma mão, afastando a possibilidade.

– A rapariga não tem ponta de malícia e não ganharia nada com a mentira.

– Então foi Rosal quem nos mentiu – assegurou Leesha. – E duvido que a conspiração termine aí.

Araine concordou com um aceno.

– Isto acontece desde que a rapariga borrava fraldas. – Estalou a língua com desprezo. – É uma pena. O teu Gared terá um grande desgosto quando for enforcada por traição.

– Poderá ser apenas um peão – admitiu Leesha cautelosamente. – Talvez possamos ser misericordiosos se nos conduzir ao traidor real na corte. – Tinha já algumas suspeitas.

– Pensas que foi Jessa – disse Araine.

Leesha encolheu os ombros.

– Talvez. Em parte.

Araine soprou, levantando-se.

– Envia um mensageiro para convocar a bruxa branca dentro de uma hora e espera no meu gabinete enquanto visto a armadura.

Uma hora depois, Araine voltava a envergar vestes ricas, com a sua coroa

sobre a cabeça, olhando Amanvah com altivez. Esta teve pelo menos a humildade de se curvar mais que a duquesa-mãe.

– Sabes quem tem drogado o meu filho? – perguntou Araine.

Amanvah baixou ligeiramente a cabeça, sem que os olhos revelassem alguma coisa acima do véu.

– Sei.

– Não apenas quem o fez, mas também quem o ordenou? – perguntou Araine.

Novo aceno superficial. Araine esperou, mas Amanvah não disse mais nada. Os minutos arrastaram-se enquanto olhavam uma para a outra, cada uma um retrato perfeito de dignidade régia.

– Dir-me-ás? – perguntou Araine, por fim.

Amanvah encolheu ligeiramente os ombros.

– O meu marido está preso numa cela no alto de uma torre por se defender sob o teu teto. A minha irmã-esposa está desaparecida e não fizeste nada para a procurar. Kendall e eu continuamos presas nos nossos aposentos. Diz-me, duquesa-mãe, porque deveria ajudar-te?

O dedo de Araine começou a bater contra a chávena de porcelana delicada, produzindo pequenos círculos na superfície do chá.

– Além do óbvio? Poderia libertar o teu marido. Virar a cidade do avesso em busca de Sikvah. Libertar-vos do vosso isolamento.

Amanvah abanou a cabeça delicadamente enquanto mexia o chá.

– Perdão, duquesa, mas não poderás fazê-lo. Lancei os dados a este respeito. Não tens poder suficiente na corte do teu filho para me garantires qualquer uma dessas coisas. O teu poder é grande, mas governas Angiers nos pormenores que se escondem entre acordos assinados e o destino do meu marido é demasiado público para escapar à atenção do duque. O futuro está repleto de divergências, mas todos os destinos concordam que não conseguirás evitar o seu julgamento.

Araine manteve a pose, mas os seus lábios desapareceram quando os pressionou um contra o outro. Havia poucas coisas que mais desagradassem à mulher do que ouvir serem-lhe recordados os limites do seu poder.

– Talvez não – concordou, finalmente. – Haverá um julgamento. Ninguém poderá evitá-lo. Mas não rejeites tão rapidamente a minha proposta. Posso não conseguir influenciar a decisão do meu filho, mas a clemência é um dos poucos poderes formais que continuam a pertencer-me. Mesmo que Rhinebeck condene o teu marido à morte, poderei perdoá-lo com um simples gesto e nem todos os meus filhos juntos conseguirão evitá-lo.

Amanvah fitou-a longamente. A seguir, olhou Leesha.

– É verdade?

Leesha olhou Araine e voltou a olhar Amanvah. Encolheu os ombros.

– Não sou perita em lei angierana, mas será certamente possível.

– Posso apresentar documentos que o provarão – declarou Araine.

Amanvah abanou a cabeça, erguendo-se.

– Não será necessário. Lançarei os dados.

– Fá-lo aqui, se desejares – disse Araine, parecendo mais uma ordem do que um pedido. – Gostaria de assistir a esta magia de dados.

Amanvah pensou por um momento e acabou por acenar afirmativamente. Olhou Leesha, que pousou a chávena e foi correr as cortinas pesadas enquanto Amanvah se ajoelhava sobre o chão de madeira entre carpetes ricas, abrindo o seu pano de lançamento de um branco imaculado.

Leesha teve de puxar tapetes para bloquear a luz que entrava por baixo das portas e, em breve, a única luz provinha dos alagai hora nas mãos de Amanvah. Leesha e a duquesa-mãe prestaram atenção, mas Amanvah murmurava orações em krasiano e nenhuma delas conseguia perceber grande coisa com os lábios escondidos pelo véu.

Ergueu um pequeno frasco rolhado, presumivelmente contendo o sangue de Rojer, e verteu gotas modestas sobre os dados antes de os agitar e lançar. Era perturbador ver as guardas cintilando enquanto os dados eram afastados das suas trajetórias naturais para formarem um padrão. Leesha não conseguia sequer começar a ler o que diziam enquanto Amanvah os olhava durante algum tempo, acenando com a cabeça e sentando-se sobre os calcanhares. Leesha retirou uma lanterna química do avental, abanando-a para iluminar as três mulheres com o seu brilho.

– Serão necessárias três coisas – disse Amanvah.

– Três coisas em troca de uma – afirmou Araine.

Amanvah encolheu os ombros.

– Poderás tentar regatear se desejares. – O seu tom de voz deixava claro que o esforço seria inútil.

– Que três coisas? – perguntou Araine.

– Perdoarás o meu marido e também me perdoarás a mim e às minhas irmãs-esposas assim que o julgamento chegar ao fim – disse Amanvah. – Sem equívocos nem reservas. Ficaremos livres e teremos a tua proteção até regressarmos ao Outeiro.

Araine acenou com a cabeça.

– Feito.

– Conceder-me-ás direitos de visita diária ao meu marido – prosseguiu

Amanvah.

– Posso dar-te uma hora por dia com ele até ao tribunal – disse Araine.

Amanvah acenou com a cabeça.

– É aceitável.

– E por fim? – perguntou Araine.

Amanvah voltou-se para Leesha.

– Uma gota do sangue de mestra Leesha.

Leesha cruzou os braços.

– Nem pensar! – Era impossível prever o mal que a mulher conseguiria operar com uma gota apenas. Era insultuoso pedir-lhe tal coisa.

– Leesha – disse Araine com um aviso no seu tom de voz.

– Não compreendeis o que pede – replicou Leesha. – Dar o nosso sangue a uma dama'ting equivalerá a passar-lhes uma faca e expor o pescoço em seguida. Porque aceitaria tal coisa?

– Porque a salvação do meu ducado poderá depender disso – silvou Araine. – Dá-lhe o sangue ou ordenarei que to tirem.

Leesha mostrou os dentes.

– Não me ameaces, Araine. Defender-me-ei e ao filho que carrego no ventre. Se os teus guardas me tocarem, farei o palácio cair-te sobre a cabeça.

Os olhos de Araine arregalaram-se, mas Leesha fora absolutamente sincera e a anciã sabia-o. Enfrentou o olhar da duquesa-mãe por um instante e, a seguir, olhou Amanvah.

– Duas condições.

Amanvah semicerrou os olhos. Os krasianos adoravam regatear.

– Quais são?

– Usarás a gota de sangue aqui e agora, formulando a tua pergunta em thesano, falando em voz alta – começou Leesha.

Amanvah acenou afirmativamente.

– E a segunda condição?

– Aceitarás lançar os dados por mim uma vez no futuro – disse Leesha. – O momento e a pergunta ficarão ao meu critério.

Amanvah estreitou novamente os olhos.

– De acordo. Desde que a tua pergunta não afete diretamente o meu povo ou a minha família.

Como resposta, Leesha retirou uma lanceta de um bolso do avental e ergueu o dedo, preparada para o furar.

– Estamos todas de acordo?

– Sim – disse Araine.

– Estamos – confirmou Amanvah.

– Ergue os dados. – Leesha pressionou a lanceta contra a ponta do indicador, fazendo cair uma única gota sobre os dados de Amanvah.

A dama'ting fê-los rolar sobre a palma da mão até acreditar que o sangue os tocara a todos. A seguir, voltou-se para o pano, começando a agitar as mãos.

– Todo-poderoso Everam, fonte de luz e vida, concede à tua serva o conhecimento do futuro. Mostra à tua humilde serva o destino da criança no ventre de Leesha vah Erny am'Papel am'Outeiro.

Leesha sentiu o bebé pontapear enquanto os dados cintilavam e guinavam a meio do arremesso. Amanvah curvou-se avidamente para diante, lendo os significados ocultos.

– E então? – perguntou Leesha, por fim. – Que dizem?

Amanvah recolheu os dados, voltando a guardá-los na bolsa de hora.

– Aceitei fazer a pergunta em voz alta para que a ouvisses, mestra, mas não aceitei partilhar a resposta.

Leesha firmou o maxilar, mas Araine evitou que respondesse.

– Basta! Resolvam isto no vosso tempo. – Fixou em Amanvah um olhar duro. – Cansam-me os teus jogos e perdas de tempo, princesa. Pagámos o teu preço. Agora, lança os dados e diz-me quem droga o meu filho. Oriental? Boaguarda? Euchor? Um dos meus filhos?

Amanvah abanou a cabeça.

– A tua Herbanária age sozinha.

Seguiu-se um silêncio espantado e, para variar, Araine perdeu parte do porte régio, arregalando os olhos como um sapo.

– Porquê?

Amanvah encolheu os ombros.

– Pergunta-lhe e dir-te-á. É um segredo há muito guardado e deverá ser lancetado como um furúnculo.

– E a droga? – perguntou Leesha, percebendo que Araine parecia precisar do dia inteiro para processar a informação.

– Uma tintura no seu vinho – revelou Amanvah. – Não posso dizer exatamente o que será, mas não importa. Se as doses pararem, a sua semente recuperará sozinha.

– Levará meses – disse Leesha.

– O processo poderá ser acelerado com hora – disse Amanvah. – Prepararei um osso para a cura.

Ergueu-se.

– Cumpri a minha parte do acordo. Verei o meu marido agora.

Araine recuperou parcialmente a compostura ao ouvir o tom imperioso da dama'ting. Abanou a cabeça.

– Esperarás sentada e em silêncio enquanto testo essa informação. Verás o teu marido quando estiver satisfeita e não antes.

O véu de Amanvah moveu-se quando expirou de raiva. Fixou o olhar no da duquesa-mãe, mas, após um momento, baixou a cabeça numa vénia brusca.

– Esperarei. Mas, se não tiver visto o meu marido, assegurando-me de que está bem até ao anoitecer, considerarei que violaste o nosso acordo.

O pé de Araine começou a agitar-se, mas não disse nada.

* * *

Leesha tentou recordar as lições de Rojer enquanto sorria a Rosal e Jessa, que tinham respondido à convocatória da duquesa-mãe supostamente para discutir o interesse muito óbvio de Gared pela rapariga.

Rojer ensinara-lhe muita coisa sobre como se comportar diante de realeza, sobre como projetar a voz sem gritar, sobre como transformar a face numa máscara, mostrando apenas serenidade independentemente do que sentisse. Era uma lição que até àquele dia lutava para dominar.

– Por favor, mestra – disse Leesha. – Sua Excelência quer falar com a menina Laca a sós antes que sejas convidada a participar na conversa.

Rosal olhou Jessa, preocupada, mas a mulher acenou-lhe com uma mão, tranquilizando-a.

– Vai, rapariga.

– Vais ficar orgulhosa de mim – prometeu Rosal.

Jessa tocou-lhe o ombro num gesto afetuoso.

– Não poderia ser de outra forma.

As palavras surpreenderam Leesha. Eram quase idênticas às últimas palavras que trocara com mestra Bruna. Pensou no que significariam para as duas mulheres. Poderia ser também a sua despedida.

Conduziu Rosal através das portas até à saleta cavernosa de Araine. Seguiram sempre em frente, passando outro par de portas até alcançarem uma sala de audiências com paredes grossas para evitar que as conversas fossem ouvidas.

No interior, Wonda fechou a porta, colocando-se de um dos lados. O outro era ocupado por Bekka, uma Lenhadora igualmente enorme e ameaçadora. Amanvah sentava-se num canto junto à parede do fundo, olhando sem demonstrar qualquer emoção. A minúscula rapariga angierana olhou-as, parecendo nervosa antes de fazer uma vénia graciosa à duquesa-

mãe. Não havia sinais da arrogância que demonstrara a Leesha nos seus aposentos.

– Excelência – disse Rosal, mantendo a cabeça tão baixa que quase tocaria o chão. – É uma honra ser convocada. Sou uma serva obediente.

– Ergue-te, rapariga – ordenou Araine, bruscamente. – Dá uma volta e deixa-me olhar-te.

Rosal assim fez, dando obedientemente uma volta lenta com postura perfeita e face como a de uma estátua.

– O barão quer a tua mão – afirmou Araine sem rodeios. – Qualquer tolo o percebe. E um homem que deseja tanto alguma coisa costuma conseguila. – Rosal corou teatralmente, mas não se seguiu qualquer pergunta e permaneceu calada. – Mas não desta vez – disse Araine. Rosal esforçou-se para esconder o desconsolo, mas nem alguém tão bem treinado resistiu a um esgar de desagrado provocado por aquelas palavras. – Será mais provável que passes o resto dos teus dias na cela de uma masmorra do que na cama do barão.

Ouvindo isto, a compostura de Rosal perdeu-se e não conseguiu impedir-se de abrir a boca.

– Excelência?

– De quem era a semente que trouxeste a mestra Leesha? – perguntou Araine. – Sei que não era do meu filho.

Rosal estacou, arregalando os olhos como uma corça assustada. Olhou a porta, mas as duas Lenhadoras colocaram-se diante da saída, cruzando os braços.

– Não ouvi uma resposta – disse Araine, irritada. – A não ser que queiras estar pendurada de uma forca na Praça dos Traidores ao fim do dia, será melhor que colabores.

– J-Jax – disse Rosal. – A semente era dele.

– Porquê? – perguntou Araine.

– Mestra Jessa – começou Rosal. A duquesa-mãe silvou. – Disse que mestra Leesha pretendia substituí-la como mestra real, roubando-lhe o cargo e assumindo o controlo da escola.

– Não quero tal...! – começou Leesha, mas Araine silenciou-a com um gesto brusco.

– Pões o ducado inteiro em risco pela reputação da tua mestra? – perguntou Araine.

Rosal caiu de joelhos, com as lágrimas borrando o lápis negro com que contornara os olhos e o pó aplicado na face.

– Eu n-não o fiz... Mestra Jessa encontraria uma cura, se existisse. Que p-

poderia fazer?

Sim. O quê?, pensou Leesha. Mestra Jessa tinha a vida de Rosal nas suas mãos. Não podia traí-la e esperar que a duquesa aceitasse a sua palavra contra a palavra da sua mestra.

Sentiu pena da rapariga, mas não havia qualquer sinal de misericórdia no olhar de Araine.

– Também tens envenenado o duque?

Rosal pareceu genuinamente chocada.

– O q-quê? Não! Nunca! – Hesitou. – Por vezes, mestra Jessa dá-nos poções de fertilidade para que o façamos bebê-las.

Araine silenciou-a com um gesto.

– Acredito no que dizes, rapariga. Mas isso não torna menor a tua traição.

– Por favor, Excelência... – começou Rosal.

– Silêncio – disse Araine. – Disseste-me o que precisava de saber. Se te interessa manter a língua, mantém-na quieta enquanto falo com a tua mestra. – Virou-se para a porta. – Wonda, querida, acompanha Jessa para dentro.

– Sim, senhora – disse Wonda, abrindo a porta e regressando pouco depois atrás de mestra Jessa.

Jessa entrou com passos bastante descontraídos, mas parou ao ver Rosal ajoelhada no chão, com as lágrimas manchando-lhe a face de negro. Olhou para trás, mas Wonda já tinha fechado a porta e bloqueava o caminho com Bekka a seu lado, ambas de braços cruzados.

Jessa inspirou fundo e virou-se novamente para o interior da sala, olhando em redor com olhar predatório. Trazia um avental com bolsos e Leesha sabia bem o caos que podia provocar com o seu conteúdo.

– Presumo que Vossa Excelência não considere Rosal adequada para o jovem barão? – perguntou Jessa.

– Há quanto tempo drogas Rhinebeck para inutilizar a sua semente? – perguntou Araine.

Jessa deu um passo em frente, erguendo as mãos.

– Que tolice é...

– Despe o avental – disse Leesha.

– O quê? – Jessa deu outro passo em frente e Leesha levou uma mão à sua bolsa de hora.

– Wonda – disse Araine –, se Jessa der mais um passo sem pousar o avental no chão, atinge-a com uma flecha na perna.

Wonda puxou uma flecha da aljava.

– Qual das pernas?

Um canto da boca de Araine ergueu-se num sorriso cruel.

– Surpreende-me, querida.

Jessa franziu a testa, mas obedeceu, tirando o avental e pousando-o no chão enquanto olhava Leesha.

– Excelência, não sei o que Leesha vos disse...

– Nada que Bruna não me tivesse dito há décadas – ripostou Araine. – Mesmo que tenha sido demasiado teimosa para lhe dar ouvidos.

– Que provas... – começou Jessa.

– Não estamos num tribunal – disse Araine. – Não preciso de um juiz para te demitir ou para te agrilhoar durante o resto da tua vida. Não estás aqui para contestar provas.

– Então porque estou aqui? – perguntou Jessa.

– Estás aqui para me dizer porquê – disse Araine. – Sempre te tratei bem.

– Porquê?! – repetiu Jessa. – Quando Rhinebeck trata as minhas raparigas como escarradores? Quando o duque de Angiers é suficientemente tolo para ser manipulado pela sua mãe, atirando o pobre Meia-Mão para a rua apenas por ter dormido na cama errada?

– E por isso quiseste substituí-lo por um dos seus irmãos idiotas? – perguntou Araine. – Podem ter mais alguma coisa dentro da cabeça, mas nenhum deles é particularmente esclarecido.

– Não me importa se são ou não esclarecidos – respondeu Jessa. – Nenhum dos outros tentou deitar-se comigo.

– Hã? – perguntou Araine.

– Não trabalho. Foi a promessa que me fizestes – disse Jessa. – Recrutaria raparigas e ocupar-me-ia do seu treino, mas as minhas saias não se ergueriam.

Os lábios de Araine formaram uma linha rígida.

– Rhiney não concordou.

– Não estava interessado em mim – explicou Jessa. – Queria apenas possuir todas as mulheres do bordel. É o duque. O direito de espalhar a sua semente é assegurado pelo próprio Criador.

– E roubaste-lhe a semente – concluiu Araine. – Deverias ter-me dito.

– Porquê? – perguntou Jessa. – Que poderíeis ter feito?

Araine ergueu as mãos.

– Suponho que nunca saberemos. O que não teria feito seria arriscar a segurança e a estabilidade do ducado durante décadas.

– Não sejais tão dramática – disse Jessa. – Tendes filhos idiotas em

número suficiente para substituir Rhinebeck. E Mickael já vos deu netos. Se tivesse de escolher entre casar com a pega milnesa ou nomear um dos filhos de Mickael seu herdeiro, Rhinebeck teria esquecido a rivalidade com os irmãos.

– Outrora, talvez – concordou Araine. – Mas, com uma guerra a caminho, enfraqueceste-nos.

– Foi tanto pela vossa teimosia como pela minha – admitiu Jessa. – Esperei que tivésseis percebido a realidade há uma década, ordenando a Thamos que engravidasse uma das intermináveis duquesas jovens. Em vez disso, preferistes enviá-lo numa empreitada inútil.

Araine expirou ruidosamente, agitando um pé enquanto pensava. Finalmente, acenou com a cabeça.

– Decidirei mais tarde o que fazer contigo. Por agora, poderás acenar ao jovem mestre Meia-Mão da tua cela no topo da Torre Oeste. – Apontou Bekka com o queixo e a mulher avançou e prendeu o braço de Jessa com uma mão forte como um torno.

Enquanto era puxada para fora da sala, Jessa olhou Rosal, que continuava ajoelhada.

– A rapariga não tem nada a...

– ... a ganhar por falares em sua defesa – antecipou-se Araine. Acenou e a guarda arrastou-a para fora. Leesha ficou tensa, pensando se resistiria, mas a Herbanária Daninha parecia resignada ao seu destino.

– Noite – exclamou Araine quando saíram e Wonda fechou a porta. Pareceu diminuir de tamanho e Leesha recordou a que ponto a mulher era minúscula.

Mas a vulnerabilidade desapareceu no instante seguinte e a duquesa-mãe olhou novamente Rosal.

– Que devo fazer contigo, rapariga?

Rosal recomeçou a soluçar e não era difícil perceber porquê. Jessa mereceria uma das torres da catedral, mas Rosal era... dispensável. Araine poderia enforcá-la antes do anoitecer, se assim o entendesse.

– Amanvah – disse Leesha, surpreendendo-se a si mesma. – Quero o meu lançamento dos dados agora.

A dama’ting olhou-a, igualmente surpreendida.

– Desperdiçarias uma pergunta perante Everam por uma heasah?

– Pela vida de uma mulher – corrigiu Leesha.

– Concordo com a princesa – considerou Araine. – Não me parece minimamente...

– Estive prometida a Gared Lenhador, outrora – disse Leesha. – Posso tê-

lo rejeitado, mas continuo a ser parte interessada. O Outeiro precisa dele e precisa de uma mulher que consiga ajudá-lo a suportar o fardo melhor do que aquelas debutantes fúteis que insistis em sentar a seu lado ao jantar.

Araine grunhiu.

– Não posso negá-lo.

– Graças ao Criador – exclamou Rosal.

– É cedo para agradeceres a alguém – disse Araine.

Rosal arregalou os olhos de medo enquanto Amanvah puxava a adaga curva da bainha no seu cinto.

– Estende o braço, rapariga.

Rosal tremeu, mas fez o que lhe era ordenado. O corte de Amanvah foi rápido, apanhando o sangue numa chávena vazia. Araine indicou a Wonda que levasse a rapariga. Depois de sair, a duquesa voltou-se para ver Amanvah ajoelhando-se no chão, banhada com o brilho dos hora enquanto lançava os dados.

– Será uma esposa leal – disse Amanvah, lendo o padrão formado. – A ele e à tribo do Outeiro. Dar-lhe-á filhos fortes, mas será a sua filha a suceder-lhe. – Virou-se, olhando Leesha e Araine.

– Se concordar – referiu Araine.

Amanvah abanou a cabeça.

– Perdão, Excelência, mas não tens alternativa. O filho de Steave não aceitará outra mulher.

Araine franziu a testa.

– Então que case com ela. Quero que desapareça da minha vista antes que mude de ideias.

– Mestra! – Wonda irrompeu pela porta, segurando Bekka nos braços. – Não respira!

Leesha correu para ela. Amanvah retirava já hora da bolsa.

– Fecha a porta – disse a dama'ting.

Wonda moveu-se para obedecer, mas Araine segurou-lhe um braço.

– Onde está Jessa?

– Foi-se – respondeu Wonda. – Encontrei Bekka caída no corredor.

– Encontrem-na – ordenou Araine. – Quero que todos os guardas do palácio procurem aquela bruxa.

Wonda acenou com a cabeça e partiu.

* * *

– Por vezes, penso como teria sido a minha vida se mestre Piter tivesse feito o seu maldito trabalho e verificado as guardas – disse Rojer.

Sikvah, escondida algures entre as traves, não respondeu. Raramente o fazia, exceto quando lhe colocava diretamente uma questão ou quando precisava de falar por Amanvah. Nessas ocasiões, descia e aproximava-se, baixando a voz para que apenas ele ouvisse.

Rojer não se importava. Bastava-lhe saber que ali estava, ouvindo-o. Mais do que a sensação de segurança pela sua presença ou o calor do seu abraço durante a noite, era a sensação de companheirismo que lhe permitia suportar a prisão sem ceder.

Alguém para o ouvir. Alguém para se preocupar com ele. Que Jogral conseguiria sobreviver durante muito tempo sem aquelas coisas? Rojer vira grandes intérpretes tornarem-se sombras de si mesmos quando o seu público começou a escassear.

– Teria irmãos e irmãs – prosseguiu Rojer, imaginando-os com tanta clareza que quase conseguia dar-lhes um nome. – Os meus pais eram jovens. Pareciam-me velhos como árvores, mas, olhando para trás, suponho que seria apenas o primeiro de muitos filhos. – Suspirou, melancólico, pensando nas brincadeiras de criança e nas gargalhadas perdidas. – Não havia um único instrumento em Ponteflúvia – disse Rojer –, muito menos alguém que soubesse tocar. Seria provável que tivesse acabado por gerir a estalagem, casando com uma rapariga local pouco vistosa e sendo pai de filhos. Nunca teria ido a parte alguma, nunca teria visto ou feito alguma coisa especial. Teria sido apenas... normal.

Ouviu-se um estalido quando o fecho da porta da cela se abriu. Do outro lado, viu...

– Amanvah! – Rojer ergueu-se e quase voou ao seu encontro.

– Tolice, marido – disse Amanvah em voz baixa enquanto se abraçavam. – Foste abençoado por Everam. Não poderias ter sido normal. Se mestre Arrick não te tivesse puxado para o violino, outra pessoa o teria feito. A Sharak Ka aproxima-se e foi inevera que trouxesses a *Canção da Lua Nova* de volta a Ala.

– Poderias tê-lo feito sem mim – respondeu Rojer.

Amanvah abanou a cabeça.

– Podes ter transmitido parte do teu dom às tuas esposas, mas começou por ser teu.

Ergueu o véu, beijando-o. Rojer tentou abraçá-la com mais força, mas Amanvah ergueu as mãos, empurrando-o enquanto o véu voltava a cobrir-lhe a boca como uma cortina caindo depois do último ato.

– Tenho apenas uma hora por dia contigo, marido – disse – até este assunto ficar resolvido. Antes disso, há assuntos que deveremos abordar.

Bateu com as mãos e a porta voltou a abrir-se. Dois acólitos encorpados entraram, trazendo baldes de água pesados. Outro trouxe uma pequena banheira de madeira com tamanho suficiente para Rojer conseguir introduzir-se no interior. Atrás deles, não sendo mais do que uma sombra, Sikvah avançou para a porta aberta e saiu.

– Trouxeram isto tudo até aqui? – perguntou Rojer, olhando os baldes pesados.

Os homens fitaram-no com desagrado, mas não disseram nada.

– Não consideres indelicado o seu silêncio, marido – explicou Amanvah. – Estão proibidos de falar com os prisioneiros. Sua Excelência ordenou que te fosse dada comida melhor e três banhos semanais. Estes homens obedecem com orgulho às suas ordens reais.

Os homens não pareceram orgulhosos a Rojer enquanto o olhavam uma última vez e saíam da cela, expirando ruidosamente.

– Sikvah... – disse Rojer em voz baixa quando a porta se fechou atrás deles.

– Assegurará a nossa privacidade durante a hora seguinte – disse Amanvah, deixando cair pedras prateadas guardadas no interior dos baldes. Estas silvaram enquanto a magia aquecia a água. – Por favor, marido – disse, indicando a banheira. Sabia que não devia discutir, despindo-se e entrando. A madeira lacada estava fria e Rojer estremeceu, cobrindo-se com pele de galinha enquanto Amanvah erguia o primeiro balde para verter água quente sobre ele.

Imediatamente, Rojer começou a acalmar-se. Não era a grande banheira na estalagem de Shamavah, mas o ritual do banho diário era algo a que se habituara e nem sequer percebera que lhe sentira a falta.

– Comecei a fazer-te um brinco – referiu Amanvah enquanto se ocupava dele com uma escova e um pedaço de sabão. – Mas precisará de trabalho e espero que te libertem muito antes de estar termiado.

– Sem dúvida que terá também outros usos – disse Rojer. – Que melhor aplicação poderá haver para a magia do que permitir-me ouvir a tua voz doce à distância?

Amanvah abraçou-o, contendo o soluçar. Rojer apertou-a contra si, sem se preocupar com as vestes que ensopava.

Amanvah afastou-se, fungando, dando um passo atrás para despir a seda molhada.

– Se me deitares e me encheres com a tua semente, marido, colocar-me-ás uma criança no ventre.

Rojer começara finalmente a descontrair, recostando-se na banheira, mas

as palavras deixaram-no hirto e endireitou-se imediatamente.

– Amanvah, não é o melhor momento...

– É – afirmou Amanvah. – Para que aconteça, terá de ser agora.

Rojer engoliu em seco.

– Não me agrada o que isso diz acerca das minhas hipóteses de sobrevivência.

Amanvah ajoelhou-se novamente junto à banheira, passando as mãos pelo seu peito nu. Já não o fazia para o banhar.

– Também não me agrada – admitiu. – O teu futuro está nublado. Mas não é apenas o teu. Aproximamo-nos de uma grande divergência e muitos nesta cidade poderão percorrer o caminho solitário antes que passe. – Fez subir uma mão pelo seu pescoço acima, cobrindo-lhe a face e puxando-o para um beijo. – Mas há um pilar no regato. Se me possuíres agora, dar-te-ei uma criança.

– Então sobreviverás a esta... divergência? – perguntou Rojer.

– Até ao nascimento, pelo menos. Depois disso... – Amanvah encolheu os ombros, beijando-lhe o pescoço.

Rojer encolheu-se.

– Então talvez devamos esperar. – Amanvah olhou-o, confusa. – Não quero que cries o nosso filho sozinha – disse Rojer. – Não tens sequer vinte anos. Se morrer, deverás procurar um novo marido. Alguém que possa...

Amanvah prendeu-lhe a face nas mãos.

– Oh, marido. Não estarei sozinha. Terei as minhas irmãs-esposas e não nos compreendes bem se pensas que te esqueceremos por percorreres o caminho solitário.

Ergueu-se, acentuando o meneio das suas ancas enquanto caminhava até à pequena cama.

– Sou dama’ting. Tudo o que Everam me exige é que dê à luz uma sucessora. – Deitou-se de costas, abrindo as pernas. – Concede-ma e não necessitarei do toque de outro homem.

Rojer saiu da banheira apressado, sem se preocupar por estar molhado enquanto se deitava sobre ela.

– Uma filha?

Amanvah sorriu.

– Sikvah transporta já no ventre o teu filho.

Janson observava Leesha sem que se percebesse que o fazia. O primeiro ministro parecia fixar na duquesa-mãe toda a sua atenção, mas a sua aura

contradizia-o. Apercebia-se intensamente da presença de Leesha e sentia-se frustrado por não conhecer o motivo. Estava habituado a ser o braço-direito de Araine e não lhe agradava que Leesha parecesse erguer-se entre eles.

– Não temas, Janson – disse-lhe ela. – Regressarei ao Outeiro em breve.

O ministro olhou-a, surpreendido. Não falara, mas os seus sentimentos tinham sido tão fortes que lhe respondeu por instinto.

É assim com Arlen, percebeu Leesha, voltando a compreendê-lo demasiado tarde. Sentia um aperto no coração ao pensar que poderia não voltar a vê-lo e os demónios tinham usado essa dor contra ela. Era provável que tivessem visto a ânsia gravada na sua aura tão facilmente como agora lia a aura de Janson.

– Não irás tão cedo – referiu Araine. – Ainda tens deveres a cumprir. – Voltou-se para Janson. – Encontraste Jessa?

O primeiro ministro abanou a cabeça.

– Foi vista a entrar no túnel, mas ninguém admitiu tê-la visto do outro lado. Tenho guardas na escola e revistamo-la de alto a baixo.

– O local está repleto de passagens secretas – disse Araine. – Retira de lá as alunas e os criados e ordena aos teus homens que batam em todas as paredes. Se uma parede for oca, procurem a porta ou deitem-na abaixo. E, pelo Criador, diz-lhes que tenham cuidado. A bruxa teria matado Bekka com a agulha envenenada se Leesha e Amanvah não estivessem presentes para a socorrer.

Janson baixou a cabeça.

– Assim será. Também procuramos nas outras propriedades de mestra Jessa e na casa dos seus associados conhecidos. Os guardas posicionados no portão têm ordens para revistar todas as carroças e procurarem debaixo de cada cobertura. Encontrá-la-emos.

Araine acenou afirmativamente, mesmo sem certezas na sua aura. A traição tingia-a, mas continuava a ter grande consideração por Jessa. Era perigosa e receava que conseguisse escapar-lhes.

– Mais alguma coisa? – perguntou Janson. A sua aura deixava claro que sabia que sim. A duquesa não o teria convocado apenas para repetir as ordens que lhe dera horas antes.

– Precisámos da ajuda da princesa krasiana para expor a conspiração – disse Araine. – Houve um preço.

A aura de Janson alterou-se, endurecendo quando percebeu onde queria chegar.

– Meia-Mão.

Araine confirmou com um aceno de cabeça.

– Terá o seu julgamento, mas, aconteça o que acontecer, perdoá-lo-ei.

– Excelência – começou Janson, com a voz a endurecer. – O meu sobrinho era um asno vaidoso e frequentemente um fardo para o trono de hera, mas não deixava de ser meu sobrinho. Não poderei aceitar que...

– Poderás e fá-lo-ás – exigiu Araine, interrompendo-o. – Não espero que te agrade, mas foi necessário e haverá motins na rua se lhe acontecer algum mal. Permanecerá na torre até ao julgamento, mas, quando mestra Leesha regressar ao Outeiro, Meia-Mão e o Protetor Jona irão com ela.

A raiva incendiou a aura de Janson. De tal forma que Leesha ficou tensa, enfiando uma mão na sua bolsa de hora, alcançando a varinha. Se fizesse algum movimento brusco em direção à duquesa, reduzi-lo-ia a mil pedaços.

A seguir, a emoção furiosa cessou, forçada por uma vontade tão forte que assustou tanto Leesha como a raiva anterior. O primeiro ministro limitou-se a fazer uma vénia rígida.

– Será como Vossa Excelência ordena. – Voltou-se e saiu, não esperando ser dispensado.

Araine suspirou.

– Disse com frequência que pagaria qualquer preço para resolver a falta de semente do meu filho, mas não pensei que me custasse os meus dois aliados mais próximos num único dia.

Leesha cobriu-lhe a mão com a sua.

– Tendes outros. Lorde Janson ultrapassará a raiva quando partirmos da cidade.

Mas, ao recordar a raiva que lhe vira na aura, não teve a certeza.

VINTE E QUATRO

BRIAR

333-334 DR Inverno

Briar acordou na moita de raiz-porqueira no jardim da duquesa. A senhora oferecera-lhe uma cama verdadeira, mas Briar não dormia numa cama ou com um telhado sobre a cabeça há quase uma década. Desde os seis anos de idade, quando um descuido resultara nas chamas que tinham expulsado a família para a noite desprotegida.

O medo mantivera-o vivo durante todos aqueles anos. A agitação nervosa que o mantinha atento a cada som, a cada movimento mínimo. Não dormia muito, limitando-se a fechar ocasionalmente os olhos durante algumas horas, preparado para agir a qualquer momento. Paredes guardadas e camas macias faziam esquecer que a noite aguardava no exterior, pronta para roubar tudo.

E esquecer isso era morrer.

Arrancou folhas de raiz-porqueira enquanto se levantava, enfiando-as nos bolsos. A erva era suficientemente comum, mas quem se movia na noite não a podia ter em demasia.

A comoção no palácio prosseguiu até altas horas na noite, com os gritos de «assassino» reduzindo-se a silêncio total enquanto o assassino era arrastado do palácio para o Templo. Não dizia respeito a Briar. Havia gente em Lakton contando com ele para trazer ajuda ao duque. Nada era mais importante do que levar o conde Thamos até ao mosteiro.

Foi ao estábulo, mas não encontrou o movimento que esperava. Não havia cavalos a ser preparados nem soldados armando-se. Segurou uma criada pelo braço.

– O conde?

A mulher olhou-o, torcendo o nariz. Tresandava a estrume, mas era o cheiro da raiz-porqueira a incomodá-la? Era o que acontecia por dormir numa cama.

– O quê?

Habituado a vigiar pessoas escondido, Briar mal falara durante anos. Compreendia thesano e krasiano, mas falar continuava a não lhe parecer natural e, por vezes, era difícil ser compreendido.

– Tenho de guiar o conde para sul. Onde está?

– Duvido que Sua Alteza, o príncipe Thamos, vá a algum lado hoje – disse a mulher. – Esta questão do mago do violino alvoroçou a cidade.

Briar apertou-lhe o braço com mais força.

– Não pode esperar. As pessoas contam connosco.

– Que esperas que faça?! – gritou a criada, libertando o braço. – Não sou a duquesa-mãe!

Briar sobressaltou-se, recuando um passo e erguendo as mãos. Via a marca da sua mão vermelha no braço da mulher.

– Desculpa. Não queria apertar.

– Não faz mal – disse a mulher, esfregando o braço e fazendo Briar perceber que deixaria nódoas negras. As pessoas não eram como os nuclas. Eram macias. Magoava-as se não tivesse cuidado.

Regressou ao jardim e passou pela porta pouco usada que conduzia ao palácio. Havia guardas por toda a parte e criados atarefados, mas a única coisa que perceberam foi um ligeiro cheiro a raiz-porqueira no ar. Os corredores tinham esconderijos infinitos para quem fosse rápido.

Mas a senhora e Janson estavam atrás de portas fechadas e Briar conhecia apenas um punhado de outras pessoas em Angiers. Não encontrou nenhuma delas. Regressou ao jardim, rastejando para o interior da moita de raiz-porqueira e fechando os olhos.

Pouco tempo depois, ouviu vozes. Ficou tenso, preparado para fugir, mas as vozes não falavam com ele e aproximou-se para ouvir. Antes de se aproximar, percebeu que era Leesha Papel. O cheiro do seu avental com bolsos, repleto com dúzias de ervas, recordava-lhe a sua mãe. Briar gostava da mestra, mesmo que lhe chamassem bruxa. Diziam o mesmo de Dawn.

– Não vou a lado nenhum enquanto tiverem Rojer preso! – gritou Gared, o barão do Outeiro do Lenhador.

– Fala baixo – sussurrou Leesha.

– Viste-o – disse Gared. – Bateram-lhe muito?

Leesha acenou afirmativamente.

– Nada que não conseguisse sarar com magia dos ossos. Precisará de dentes novos, mas está bem.

Gared ergueu um punho.

– Se aquele maldito Jasin não estivesse já morto, juro pelo Sol...

– Não termines essa frase, Gar – sugeriu Leesha. – É mais um motivo para que vás.

– Porquê? – perguntou Gared.

– Não ajudarás nada aqui – respondeu Leesha. – E, se queres que Rosal vá contigo, será melhor que a leves agora, antes que um dos aristocratas decida impedir-te. – Vendo que não parecia convencido, colocou-lhe uma mão sobre o braço. – Quando chegares, podes preparar uns milhares de Lenhadores para voltar aqui e escoltar-nos até casa? As estradas estão cheias de bandidos por estes dias...

Gared franziu a testa, confuso. Mas passou rapidamente.

– Sim. Compreendo. Queres que...

– Quero-te pronto para acompanhar a delegação do Outeiro em segurança até casa – disse Leesha. – Todos nós. Qualquer que seja a decisão do tribunal.

– O duque não gostará disso – comentou Gared.

– Imagino que não – concordou Leesha. – Sei que não tenho o direito de pedir...

– O Núcleo é que não tens – replicou Gared. – O Outeiro deve-te tudo. A ti e a Rojer. O teu lugar é connosco, em segurança. O duque e os seus Soldados de Madeira não quererão intrometer-se... – Cuspiu no chão. – Ninguém racha madeira como um Lenhador.

– Não irá tão longe – disse Leesha. – Mostra-lhes os dentes, mas não mordas.

– Não morderei – prometeu Gared. – Desde que Rojer continue a respirar. Se voltar e descobrir que não respira...

Deixou a frase por concluir e partiu.

* * *

Briar olhou as rédeas que o moço de estrebaria lhe passava e abanou a cabeça. Gostava de cavalos, mas não confiava neles.

– Corro.

– Não servirá, Briar – disse Thamos. – Pretendo avançar a grande velocidade para o Outeiro.

Briar encolheu os ombros.

– Preciso que consigas acompanhar-nos – disse Thamos.

Briar acenou com a cabeça.

– Sim.

O conde parecia irritado, mas Briar não percebia porquê.

– Não conseguirás acompanhar a minha cavalaria correndo – disse Thamos.

Briar inclinou a cabeça.

– Porque não?

O conde olhou-o durante muito tempo antes de encolher os ombros.

– Como queiras, rapaz. Mas, se te atrasares, deito-te sobre a sela como se fosses um veado.

Briar riu-se, surpreendendo-se quando ninguém se juntou a ele. Fora uma boa piada.

Thamos montou o seu cavalo, erguendo a lança enquanto os portões da cidade se abriam.

– Em frente!

Briar começou a correr enquanto os cavaleiros faziam trotar os seus cavalos. Acompanharam-no durante algum tempo, mas havia tráfego nas estradas perto da cidade e, mesmo os que cediam passagem imediatamente, acabavam por encher as ruas, abrandando os homens do conde. A pé, Briar conseguia afastar-se da estrada e evitar o movimento e os inevitáveis olhares e perguntas.

Não tardou a deixá-los para trás, recolhendo comida onde podia enquanto explorava o terreno e registando mentalmente a localização dos povoados e dos trilhos. A senhora dissera que viria frequentemente a Angiers e seria melhor que conhecesse os caminhos. Registou com cuidado a localização das moitas de raiz-porqueira e deixou cair sementes onde não as havia. A erva era agressiva e crescia quase em qualquer parte.

Mesmo demorando-se a fazê-lo, precisou de recuar para norte junto à estrada nessa noite para encontrar o acampamento onde os homens jantavam. Briar olhou-os com inveja da moita junto à estrada enquanto os soldados esperavam em filas pacientes para receberem uma malga de sopa grossa e um pão.

As raízes e nozes que encontrara conseguiriam encher-lhe suficientemente a barriga, mas o cheiro da sopa e do pão fazia-o ter água na boca. Sabia que lhe dariam comida. Para isso, bastaria que se colocasse na fila.

Mas todos os soldados eram parecidos, envergando armaduras de madeira, capas e tabardos com as armas do conde. Pertenciam ali. Briar não. Olhá-lo-iam. Chamar-lhe-iam fedorento ou lamacento quando

achassem que não os ouvia. Manteriam a sua distância ou, pior ainda, falariam com ele.

Queria pão, mas não o queria assim tanto.

Os homens não demoraram a montar novamente, preparando as armas enquanto o Sol se punha. Retomaram a marcha, matando nuclas pelo caminho com precisão experiente.

Os demónios aprendiam já a evitar a estrada, acompanhando o cortejo nas árvores, mantendo-se atentos. Os demónios da madeira eram pacientes quando as presas conseguiam fugir-lhes ou enfrentá-los. Briar viu um demónio mais à frente numa árvore cujos ramos se alongavam sobre a estrada. O demónio trepava rapidamente, escondendo-se entre os ramos enquanto esperava.

O nucla deixou a cavalaria passar, mas o conde e o barão seguiam atrás das fileiras avançadas em velocidade mais lenta. Os outros davam muito espaço aos dois homens. Ambos se perdiam nos seus pensamentos. Para o demónio da madeira na árvore, era como se tivessem alvos pintados nas costas.

Briar correu para a árvore. Outro demónio da madeira silvou e tentou atravessar-se no seu caminho, mas Briar agitou as abas do casaco aberto e as manchas frescas de raiz-porqueira fizeram-no recuar, tossindo. Largando a lança e o escudo, Briar apoiou o pé num nó do tronco, trepando tão rapidamente como o demónio. Escolheu com cuidado os apoios para as mãos, não produzindo qualquer som até chegar ao ramo onde o demónio aguardava.

O nucla olhou para cima quando Briar gritou, correndo pelo ramo fora enquanto retirava a faca guardada do cinto. O demónio preparou-se para saltar sobre ele, mas Briar estava preparado, esquivando-se às garras. Saltou, segurando o demónio da madeira com um braço enquanto usava a outra mão para cravar a faca na sua armadura semelhante a casca de árvore. A magia fortaleceu-lhe o braço, alimentando um frenesim de punhaladas enquanto sustinha a respiração.

O nucla ficou por baixo dele, amortecendo o impacto quando embateram na estrada, mas, mesmo assim, perdeu o fôlego. A queda poderia tê-lo ferido sem a magia que lhe fluía pelo corpo. Briar rebolou para longe do demónio e ergueu-se, mantendo a faca preparada. Mas o demónio da madeira não se movia.

– Pelo Núcleo, Briar. Por onde andaste? – perguntou Thamos.

Briar olhou-o, confuso.

– Não andei longe.

– Quero que me contactes com frequência – exigiu Thamos. – O Criador sabe que não conseguirei encontrar a resistência se te perder.

Era uma afirmação ridícula. Como poderia Briar perder de vista tantos homens e tantos cavalos? Mas acenou afirmativamente antes de regressar às árvores.

– O pequeno malcheiroso matou um demónio da madeira que poderia ter-nos nucleado – ouviu Gared dizer. – Podíeis ter-lhe agradecido antes do sermão.

Briar permitiu que o vissem quando o cortejo parava para comer, aceitando a sua malga e o seu pão antes de voltar a desaparecer quando tinha a certeza de que o conde o vira. Um Mensageiro demoraria uma semana a chegar ao Outeiro, mas os Soldados de Madeira de Thamos não dormiam, absorvendo magia suficiente à noite para conseguirem avançar durante o dia. Os homens tornavam-se cada vez mais irritáveis, mas subtraíram dias ao tempo de viagem e, na terceira noite, aproximavam-se já do Outeiro.

– Briar! – chamou Thamos quando o rapaz se aproximou do acampamento para comer. – Junta-te a nós! – Sentava-se com o barão Gared e lorde Sament num tronco caído a pouca distância dos outros homens.

– Não sou muito malcheiroso? – perguntou Briar, aproximando-se.

– Perdoa-me – disse Gared. – Devia saber que tinhas ouvidos de morcego. – Abriu o casaco, cheirando-se. – Nenhum de nós cheira a rosas depois de dias a cavalgar e a matar demónios. – Olhou a única carruagem no cortejo, que transportava e menina Laca e a sua mãe, esboçando um pequeno sorriso. – Talvez não se aplique a algumas de nós.

– Chegaremos ao Outeiro pela manhã – disse Thamos. – Passaremos o dia a preparar a partida na manhã seguinte. Encontraremos um quarto para ti...

Briar abanou a cabeça.

– Guio gente até ao Outeiro às vezes. Sei onde ficam as moitas de raiz-porqueira.

– Não podes passar o resto da vida a dormir em moitas de raiz-porqueira – disse Thamos.

Briar inclinou a cabeça.

– Porque não?

Thamos abriu a boca e voltou a fechá-la. Olhou Gared, esperando a sua ajuda.

– Apanharás frio quando o inverno chegar – disse Gared.

Briar encolheu os ombros.

– Posso fazer uma fogueira.

– Como queiras – retorquiu Thamos. – De quanto tempo precisaremos para chegar ao mosteiro do Pastor Alin?

– Dez dias – respondeu Briar.

– Tanto tempo? – perguntou Sament.

– Não podemos ir pelas estradas – explicou Briar. – Vigias por todo o lado. Atravessaremos o pântano.

– Não me agrada – disse Gared. – Os cavalos partem tornozelos em terreno alagado. E os pescoços dos cavaleiros também podem partir-se.

– Os caminhos não são a direito – explicou Briar –, mas consigo encontrar terreno seco quase sempre.

– Podes fazer-nos um mapa? – perguntou Thamos.

Briar abanou a cabeça.

– Não sei ler, mas conheço o caminho.

– Levaremos connosco um cartógrafo – disse Thamos.

– Têm comida? – perguntou Briar.

Thamos sorriu.

– Ainda com fome? Pede outro pão ao cozinheiro.

Briar abanou a cabeça.

– Para o mosteiro. Cheio de gente. Muitos com fome.

Thamos acenou afirmativamente.

– Imaginei que assim fosse. Não temos tempo para preparar uma caravana de abastecimento, mas quinhentos Soldados de Madeira a cavalo conseguirão transportar uma quantidade considerável de mantimentos se houver erva para os cavalos pastarem.

Briar acenou com a cabeça.

– Levará mais tempo com tantos.

– Pensei que o duque tivesse ordenado cinquenta – disse Gared.

– Pensaste? – repetiu Thamos. Levou a mão ao interior do casaco, retirando um pergaminho dobrado com o selo real. Apontou uma mancha escura no documento. – É difícil ler com esta mancha. Suponho que poderá dizer cinquenta, mas isso seria loucura, claro.

– Claro – concordou Gared.

– Só um tolo ordenaria que levasses tão poucos – concordou Sament. – De certeza que dirá quinhentos.

– Porque não cinco mil? – perguntou Gared.

Thamos abanou a cabeça.

– Não podemos levar tantos sem roubar Lenhadores à defesa do Outeiro. Não os deixarei sem a defesa adequada. A minha cavalaria terá de servir até sabermos mais. Quero rapidez e mobilidade.

Briar acenou avidamente com a cabeça. Os laktonianos não tinham cavalaria. Com quinhentos Soldados de Madeira, conseguiriam defender o mosteiro de quase qualquer coisa e os mantimentos alimentariam muitas bocas famintas.

– Anseio por ver o lago – disse Gared. – Ouvi dizer que é tão grande que não se consegue ver o outro lado.

Thamos acenou com a cabeça.

– Vi-o uma vez e é notável. Mas não virás connosco, barão. Alguém terá de governar o Outeiro durante a minha ausência.

– Dito assim, parece que não regressareis – respondeu Gared.

– Pretendo regressar – afirmou Thamos –, mas não é garantido com o inimigo tão próximo. Terás de estar preparado para governar.

– As pessoas ouvem o que digo – disse Gared. – Mas não nasci para papéis e política.

– Fazemos o que precisamos de fazer e não o que queremos fazer – replicou Thamos.

– O Libertador disse-me a mesma coisa certa vez – recordou Gared.

– Não sei se Arlen Fardos é ou não o Libertador – disse Thamos. – Mas, se o vires...

Gared sorriu.

– Sim. Envio-o até vós.

Passaram três dias no Outeiro enquanto Thamos preparava os seus homens. Briar passou esse tempo a explorar, descobrindo outros vivendo na floresta das Herbanárias. Alguns eram krasianos, do povo do seu pai. Outros eram thesanos que tinham começado a pintar guardas na pele exposta. Vestiam túnicas soltas durante o dia e tangas à noite, quando matavam nuclas com as mãos nuas.

Briar manteve-se escondido enquanto os observava, sentia-se fascinado. Não compreendia os seus costumes, mas pensou que, com o tempo, pudesse compreendê-los.

Avançaram a bom ritmo nos primeiros dias depois de partirem do Outeiro, mas abrandaram quando entraram no pântano vasto que rodeava o lago. O frio mantinha a maioria dos mosquitos à distância, mas, mesmo assim, os homens tentavam matá-los com palmadas, queixando-se.

Briar apontou rastos.

– Demónios do pântano.

– Nunca vi um – respondeu Sament.

– Nem eu – disse Thamos.

– Baixos – explicou Briar, estendendo os braços à sua frente. – Braços compridos. Cuspo que se cola a tudo. Queima e come a pele se não o lavarmos.

– Como se matam? – perguntou Thamos.

– Dando um passo ao lado. Não conseguem abrir os braços para o lado. Precisam de se virar. – Ergueu um braço, apontando um ponto abaixo das costelas. – Cravem a lança aqui. Não tem armadura.

– Pareces saber muito sobre eles – observou Thamos.

Briar sorriu. Não sabia muito sobre mapas, mas conhecia bem os nuclas.

– Acampar. Os cavalos não podem avançar pelo pântano à noite. Ensino-vos a preparar armadilhas para os demónios do pântano.

Briar girou para se ajustar ao tronco retorcido da árvore pantanosa curva, vendo sem ser visto o batedor krasiano que avançava pelo pântano. O kha'Sharum trazia um saco pesado de mantimentos, registando pontos de referência em papel oleado.

Estava sozinho. Briar certificou-se. Não vinha com um grupo e não dariam pela sua falta. Era apenas um batedor solitário enviado para traçar um mapa do pântano.

Mas avançava diretamente para Thamos e para os seus homens. Numa hora, ouvi-los-ia ou avistaria vestígios da sua passagem. Pouco depois, correria para informar os seus superiores.

Briar apertou a lança nos dedos. Odiava aquilo. Odiava matar pessoas. Os krasianos pareciam-se tanto com ele que, sempre que acontecia, era como se matasse a si mesmo.

Mas não podia evitar. Quando o batedor passou sob a árvore, caiu sobre ele, com a lança trespassando-lhe o ombro e perfurando o coração e os pulmões. Morreu antes de cair no chão.

Briar tirou-lhe o saco e os papéis, deixando o corpo afundar-se na água turva do pântano.

Demoraram quinze dias a chegar ao mosteiro, com Briar fazendo Thamos e os seus homens passar pelos batedores inimigos sobre terreno seco com

erva para os cavalos. Nove Soldados de Madeira sucumbiram aos demónios do pântano e sete cavalos partiram tornozelos e tiveram de ser abatidos. Entre as Lanças da Montanha, um homem foi atingido na cara com cuspo de demónio do pântano. Briar cobriu-lhe a face com lama e cataplasmas, mas parecia uma vela derretida quando finalmente retirou a ligadura.

O Mosteiro da Nova Aurora erguia-se sobre um penhasco alto sobre o lago. Tinha água de três lados e era acessível apenas por uma estrada estreita cortada por um fosso ligado às águas do lago. As paredes de madeira eram grossas e altas, com uma ponte levadiça permitindo as entradas e saídas. As docas a norte e sul tinham sido construídas nos rochedos baixos. Os mantimentos trazidos por navios tinham de ser levados por uma escada estreita acima, ziguezagueando pela parede rochosa.

A ponte levadiça baixou para os receber e entraram.

– Criador – exclamou Thamos, vendo as tendas dos refugiados no interior das muralhas. As pessoas estavam imundas e magras, habituadas às refeições em falta.

– Não fazia ideia de que a situação era assim tão má – confessou Sament. – Os refugiados no Outeiro...

– Têm a vantagem de estar seguros em território aliado – disse Thamos. – Estas pobres almas... – Voltou-se para um dos seus capitães. – Encontra o despenseiro e entrega-lhe os mantimentos que carregamos. Descobre se poderemos fazer mais alguma coisa para proporcionar conforto a esta pobre gente.

O homem bateu continência e partiu enquanto Briar conduzia Thamos e Sament até às portas do mosteiro.

O Protetor Heath esperava-os. O Protetor velho e gordo abraçou Briar com firmeza.

– Que o Criador te abençoe, rapaz. – Olhou o conde, curvando-se numa vénia profunda. – É uma honra, Alteza. Bem-vindo ao Mosteiro da Nova Aurora. Sou o Protetor Heath. Levar-vos-ei ao Pastor.

Não era frequente ser Briar autorizado a entrar no gabinete privativo do Pastor Alin. O Pastor envergava uma túnica castanha simples semelhante à do Protetor Heath, mas os seus aposentos eram mais ricos do que qualquer coisa que Briar pudesse ter imaginado. Os tapetes eram grossos, macios e coloridos, tecidos com guardas eclesiásticas poderosas. Acólitos seguiam-no com vassouras para limparem a lama que se soltasse das suas sandálias.

As cadeiras e poltronas eram volumosas e tinham almofadas grossas

muito macias. Heath disse-lhe que não poderia sentar-se para não as manchar com seiva de raiz-porqueira, mas Briar aproximou-se de um sofá de veludo enquanto avançavam, tremendo de prazer ao passar as pontas dos dedos sobre ele.

Grandes estantes de madeira dourada polida erguiam-se do chão até ao teto junto às paredes, contendo livros incontáveis. Heath tentara ensiná-lo a ler, mas Briar interessava-se mais pelos desenhos.

O Pastor esperava-os no gabinete ao fundo, juntamente com dois outros homens.

O pai de Briar, Relan, ensinara-lhe tudo o que havia para saber acerca de vénias. A do Pastor foi suficientemente profunda e demorada para ser respeitosa, mas sem demonstrar subserviência. Era a vénia de um igual.

– É uma honra conhecer-vos, Alteza – disse o Pastor. – Esperámos que Briar voltasse com ajuda, mas não esperávamos realeza.

– Ou tantos Soldados de Madeira – disse um dos outros homens. Tinha estatura mediana e envergava um casaco fino. Erguia-se com os pés afastados como alguém mais habituado ao convés de um navio do que a terra firme. – E são soldados de cavalaria! Parece que o Criador ouve preces, afinal.

– Mestre da doca Isan – disse o Pastor Alin, apontando o homem. – O seu irmão, o comandante Marlan.

Thamos estendeu as mãos como faziam os comandantes laktonianos e saudaram-se, unindo os braços imediatamente abaixo do cotovelo.

– Aceitem, por favor, as minhas condolências e as condolências do trono de hera pela perda da vossa mãe.

Marlan cuspiu, ignorando o olhar irritado que Alin lhe dirigiu.

– Não a perdemos. Foi assassinada.

– Claro. – Thamos voltou-se para Sament. – Permitam-me que apresente lorde Sament de Miln, que trouxe consigo cinquenta Lanças da Montanha.

– É bom ver que viestes – disse Alin. – O que acontece aqui diz respeito a todas as Cidades Livres.

– Não precisais de me convencer disso – replicou Sament. – Mas Euchor poderá não pensar como eu.

– Precisa de uma vitória – disse uma voz nova. Briar olhou e sorriu amplamente enquanto a comandante Dehlia entrava no gabinete, trazendo consigo outro homem ricamente vestido.

– A comandante Dehlia do Lamento do Sharum – disse Heath. – Tem sido um espinho cravado no dorso dos krasianos desde que chegaram à Doca.

– Graças a Briar – retorquiu Dehlia, passando os dedos pelo cabelo emaranhado de Briar. – O rapaz tem entrado e saído do povoado por nós, espiando o inimigo e dizendo-nos onde atacar.

Cobriu-lhe os ombros com um braço, puxando-o para si sem se preocupar com as manchas pegajosas de raiz-porqueira nas suas roupas. Briar não gostava que lhe tocassem, mas, quando era a comandante Dehlia a fazê-lo, não se incomodava tanto.

O Pastor Alin indicou o recém-chegado.

– Egar...

– ... terceiro filho do duque Edon de Rizon – concluiu Thamos, abraçando-o. – Pensávamos que estivesses morto, meu amigo.

Egar abanou a cabeça.

– Depois de os krasianos atacarem a capital, reuni os soldados que consegui encontrar e fugi para a planície. Atacamos onde podemos e fugimos antes que as ratazanas do deserto consigam alcançar-nos.

– Quantos homens tens? – perguntou Thamos.

– Consigo reunir cinco mil lanças com tempo suficiente – respondeu Egar.

Thamos semicerrou os olhos, fixando-o.

– Porque estás aqui e não em Rizon com os teus homens?

– Porque – intrometeu-se Isan – chegou o momento de reconquistarmos a Doca.

– Foi Briar quem tornou tudo possível – referiu o Pastor Alin. Desciam escadas em espiral aparentemente intermináveis, passando entre os alicerces do mosteiro e alcançando cavernas naturais no interior do penhasco.

– Encontrou as forças inimigas fazendo o reconhecimento da margem do lago – explicou Isan –, dando-nos tempo para preparar uma emboscada. Capturámos ou matámos duzentos homens nesse dia. Foi a nossa maior vitória até hoje.

Entraram numa grande caverna fria e húmida, onde o ar cheirava mal. Briar olhou horrorizado, vendo dúzias de guerreiros krasianos acorrentados às paredes, com caras e membros emaciados.

– Criador – exclamou Thamos. – Não os alimentam?

Marlan cuspiu.

– Quando os alimentamos, tentam fugir. E porque deverão comer quando tantos lá em cima passam fome?

Briar sentiu-se agoniado. Os homens, tão parecidos com o seu pai e os seus irmãos, permaneciam imóveis, esqueléticos e imundos com os seus dejetos. Conduzira os laktonianos até eles, sabendo que muitos invasores morreriam, mas aquilo...

– Os que falam são alimentados – disse Alin. – Todos os meus Protetores e Discípulos falam krasiano, mas os guerreiros de condição mais baixa têm pouca informação útil.

Gesticulou aos guardas no extremo oposto da caverna e destrancaram uma porta pesada.

No interior, um krasiano estava preso a uma cadeira. O seu turbante negro e véu branco tinham sido tirados, mas, mesmo assim, Briar reconhecia o líder dos batedores krasianos. As suas mãos cobriam uma mesa estreita à sua frente, com cada dedo preso por um parafuso atarraxado à madeira. Mantinha a respiração regular, mas estava corado e banhado em suor. Um velho de óculos, que vestia ainda uma túnica de acólito, ocupava-se de apertar os parafusos.

– Este é o príncipe Icha – disse Alin. – Afirma ser o terceiro filho do próprio demónio do deserto, o duque krasiano Ahmann Jardir.

– Quando o meu pai souber disto – rosnou Icha em thesano gutural mas compreensível –, estas torturas serão multiplicadas por mil e aplicadas a todos os homens, mulheres e crianças da resistência.

Respondendo a um aceno de cabeça de Alin, o acólito ajustou os parafusos até Icha começar a uivar. Outro aceno e desapertou-os até Icha se calar novamente, arfando.

– O teu pai morreu – afirmou Thamos sem rodeios. – Vi Arlen Fardos lançá-lo do alto de um penhasco.

– O meu pai é o Libertador – declarou Icha. – Nenhuma queda conseguiria matá-lo. A Damajah previu o seu regresso. Até lá, o meu irmão será o instrumento da sua ira divina.

– Quantos homens tem o teu irmão em Lakton? – perguntou Thamos.

– Mais do que os peixes no vosso lago – ripostou Icha. – Mais do que as estrelas no céu. Mais...

Alin ergueu um dedo e o acólito voltou a fazê-lo gritar. O velho curvava-se sobre os parafusos com face tão inexpressiva como a do pai de Briar quando reparava uma peça de mobiliário partida. Briar quis bater-lhe ou fugir e tentar esquecer o que vira. Mas não podia fazê-lo. Aproximou-se mais e, quando a dor cessou finalmente, Icha ergueu a cara e olhou-o.

– Os chins serão julgados, irmão Damaj, mas não tanto como tu – gemeu Icha. – Everam envia os ginjaz para as profundezas do abismo de Nie para

toda a eternidade.

– Não sou um traidor – negou Briar. – Este é o meu lar. São vocês os chin.

Mas, mesmo tendo pronunciado as palavras, não estava certo de acreditar nelas. Considerara o Pastor um bom homem, mas o que fazia aos prisioneiros krasianos era asqueroso.

Talvez tivesse chegado o momento de regressar ao pântano. A vida era mais fácil quando estava sozinho com nuclas.

A comandante Dehlia cobriu-lhe os ombros com o braço.

– Vem, Briar. Não ouças este animal. Sabes o que fizeram.

Briar acenou afirmativamente, permitindo-se ser conduzido através da caverna gelada repleta de Sharum famintos.

– Esta colina – disse Thamos, apontando o mapa. – Conhece-la, Briar?

Briar sobressaltou-se. Perdido nos seus pensamentos acerca das cavernas subterrâneas, não prestara atenção. Olhou as linhas onduladas e as manchas coloridas no papel, mas não conseguiu perceber o que seria supostamente uma colina.

– O Monte de Colan – disse Dehlia.

Briar acenou afirmativamente.

– Conheço-o.

– Se conseguirmos posicionar arcos longos aqui – disse Thamos –, conseguirão cobrir todo o porto.

– Muitos Sharum aí – informou Briar. – Escorpiões. Difícil de capturar.

– Não para a minha cavalaria – disse Thamos. – Conseguiremos avançar a grande velocidade e capturar os escorpiões para o nosso lado. Depois, continuaremos pela estrada sob fogo de cobertura para atacar o povoado propriamente dito.

O Pastor Alin acenou afirmativamente, passando um dedo pelo mapa.

– Atraídos pelos sons da batalha, não verão as vossas forças, Egar, vindas do sul.

Egar abanou a cabeça.

– Não sabemos quantos guerreiros têm, mas superarão, sem dúvida, as nossas forças combinadas.

– A não ser que a frota inteira avance para conquistar as docas e a praia – sugeriu Isan. – Conseguiremos desembarcar milhares de homens e mulheres armados.

– Seria sangrento – disse Egar.

Isan acenou afirmativamente.

– Mas, dentro de seis semanas, o lago congelará e ficaremos encurralados sem abastecimentos. Os mestres da doca concordaram todos. Teremos muito mais a perder se não fizermos nada.

– Quando planeiam atacar? – perguntou Thamos.

O Pastor Alin abriu um mapa com marcas variadas.

– Estas são as posições habituais das tropas krasianas. – Abriu um segundo mapa consideravelmente diferente. – E estas são as suas posições na mudança de lua.

– Lua Nova – murmurou Thamos.

– As ratazanas do deserto passam o dia em oração e defendem-se do ataque dos demónios – explicou o comandante Marlan. – Não estarão preparados para enfrentar as nossas forças combinadas.

Gente rezando, gente erguendo-se contra os nuclas e aqueles homens planeavam chaciná-los. Não era diferente do que os krasianos tinham feito, sem provocação, mas, mesmo assim, a possibilidade agoniava Briar.

Egar acenou afirmativamente.

– Será tempo suficiente para a marcha, mas não se houver tropas inimigas no terreno até lá. Precisaremos de saber se o caminho está desimpedido ou não arriscarei os meus homens.

Alin concordou com um aceno.

– Precisaremos de interrogar o príncipe Icha de forma mais... vigorosa.

Briar fletiu as mãos, recordando os parafusos que esmagavam os dedos de Icha e, de repente, deixou de conseguir respirar. Tossiu, tentando forçar o ar a encher-lhe os pulmões.

– Sentes-te bem, rapaz? – perguntou o Pastor Alin.

– E se não souber? – perguntou Briar. – E se as coisas tiverem mudado?

– Tem razão – concordou Egar. – Não arriscarei os meus homens com informação velha de meses. Precisamos de saber quantos guerreiros têm nos povoados neste momento.

– Posso ir – ofereceu-se Briar. Faria qualquer coisa para impedir o velho horrível de apertar os parafusos, tocando os gritos como um instrumento musical. – Descubro onde os chefes se reúnem. – Apontou os mapas na mesa. – Roubo mapas.

A comandante Dehlia pousou-lhe uma mão no ombro.

– Briar, é demasiado perigoso. Não podemos pedir-te que...

– Não pediram – disse Briar. – Vou.

VINTE E CINCO

O ESPIÃO

334 DR Inverno

– Ficam ali, olhando-nos. – Jayan caminhou para trás e para diante da grande janela do seu centro de comando, outrora o gabinete faustoso da mestra da doca Isadore. – Gostava que os cobardes atacassem de uma vez por todas.

Uma dúzia de navios de guerra laktonianos estavam ancorados entre a Doca, rebatizada Cisterna de Everam, e Lakton, que continuava visível com a luz do sol poente. Outrora, poderiam ter sido navios de pesca e comércio, mas traziam agora fundibulários no convés, com arqueiros posicionados na proa e na popa.

O pior eram os escorpiões acabados de construir segundo planos krasianos. Com os segredos hortelões do fogo permanecendo um mistério, irritou Abban que os laktonianos tivessem conseguido roubar os planos tão facilmente.

Os navios mantinham a linha há meses, guardando uma fronteira invisível de que os krasianos nunca se tinham aproximado. Mas, mesmo carregados com todo aquele armamento, os navios eram velozes, impelidos pelos ventos do lago como uma ave pairaria no céu. Se decidissem atacar, seria um ataque rápido. Navios abandonavam a formação com frequência e era impossível perceber se tinham tripulação reduzida para intimidar ou se estariam carregados de guerreiros prontos para tomar o cais de rompante.

Outros navios chegavam da cidade do lago e para lá regressavam, evacuando as dúzias de aldeias piscatórias na margem e recolhendo desesperadamente mantimentos para substituir a décima parte das colheitas.

Jayan enviou os seus meios-irmãos para norte e sul, arrastando-se através das terras alagadas repletas de demónios estranhos para esmagar as aldeias, mas a maioria estava deserta quando Icha e Sharu chegaram com as suas forças.

A sul, Sharu alcançou um rio demasiado largo e profundo para atravessar, avisando que regressava à Cisterna de Everam. A norte, ninguém tivera notícias de Icha e dos seus homens há semanas e nem as dama'ting conseguiriam adivinhar o seu destino com alguma certeza.

– Não foram cobardes quando havia navios para reclamar – recordou Abban. – Os chin temem-te, Sharum Ka, e são sensatos por isso. O mais fraco dos teus Sharum conseguirá chacinar uma dúzia de homens peixe.

– Uma vintena – corrigiu Jayan. – Sem se esforçarem.

Abban acenou afirmativamente.

– É como dizes, Sharum Ka. Mas não subestimes o inimigo. Não é a cobardia a demorá-los.

– Então o que é? – perguntou Jayan.

– Não lucrariam nada com um ataque – disse Abban.

– Bah! – exclamou Jayan. – Discutimos a Sharak Sun e não os teus regateios de khaffit.

– Disseste muitas vezes que os hortelões são mais khaffit que Sharum – recordou Abban. – Não haverá qualquer ganho na reconquista do povoado quando temos tantos guerreiros para o defenderem e mais ainda a poucos dias de marcha. – Tremeu, indicando a Cem Orelhas que colocasse mais lenha na fogueira. – Será mais ajuizado esperar que a neve e o frio nos enfraqueçam.

Jayan grunhiu. Todos os krasianos se mostraram frios e irritadiços, recordando o inverno nortenho anterior. Em Krasia, as temperaturas de inverno atingiam com frequência o ponto de congelação à noite, mas o sol do deserto mantinha os dias quentes. No Norte, o frio e a chuva mantinham-se durante meses sem cessar. O inverno mal começara no interior, mas, àquela proximidade do lago, as neves chegavam cedo, abrandando as patrulhas e devastando os escorpiões. Se os locais mereciam confiança, grande parte do lago gelaria nos meses mais frios, inutilizando os portos até à primavera.

– Sugeres então que usemos as lanças como assento neste miserável povoado chin? – perguntou Jayan.

– O Evejah fala-nos de muitos invernos em que o Divino Kaji foi forçado a esperar em território capturado antes de vencer a Sharak Sun. A conquista é sempre assim, Sharum Ka. Meses de movimentação de homens e

mantimentos, esperando o momento perfeito para atacar. – Abban bateu com as mãos para conferir ênfase às palavras. – Para esmagar os teus inimigos.

Jayan pareceu acalmar-se ao ouvir aquilo.

– E esmagá-los-ei. Arrancar-lhes-ei os olhos e comê-los-ei. Os homens peixe segredarão o meu nome em horror durante gerações.

– Disso não há qualquer dúvida – concordou Abban, mantendo os olhos baixos para não olhar o globo leitoso em que se transformara o olho direito de Jayan. Encomendara uma pala dourada com belas guardas, mas Jayan recusava usá-la. O jovem Sharum Ka sabia que o seu olho perturbava os homens e esse desconforto agradava-lhe muito. – Entretanto, poderás passar o inverno com luxo. – Abban indicou com uma mão a câmara faustosa. – Com calor e abundância de boa comida enquanto os habitantes do lago tremem nos seus navios gelados, roendo cabeças de peixe para encher os estômagos vazios. – Duvidou que a situação fosse assim tão grave, mas era sempre recomendável exagerar quando se lisonjeava o Sharum Ka. – As obras recomeçaram no teu palácio na Fortuna de Everam e tens jiwah hortelãs para te aquecerem a cama.

– Quero glória e não luxo – declarou Jayan, ignorando as palavras apaziguadoras. – Terá de haver uma forma de atacar. Agora, antes que o inverno chegue em força.

Havia realmente uma forma, mas Abban não a partilharia com o rapaz. Seria um plano arriscado na melhor das circunstâncias e não confiaria o planeamento a um rapaz cujo orgulho quase lhes custara a totalidade da frota capturada.

Dos dez navios grandes que tinham sobrevivido às chamas ateadas pelos Sharum, quatro haviam sido recapturados pelos laktonianos e outros dois tinham sido queimados durante o ataque, ficando além de qualquer reparação. Um perdera-se para um bando de demónios da água que reclamara ainda várias embarcações mais pequenas. Abban enviara o que restava para uma baía escondida guardada pelos seus homens, onde estudavam navegação e construção naval, aplicando os conhecimentos obtidos a partir de livros, subornos e das tenazes dos seus torturadores.

Uma trompa de Sharak fez os dois homens endireitarem as costas. Abban olhou pela janela e percebeu imediatamente o motivo.

– O Lamento do Sharum.

Jayan silvou, erguendo a lança e correndo para a janela como se pretendesse arremessá-la ao longo dos quinhentos metros até ao navio esguio que avançara vindo do norte, aproveitando a diminuição da luz para

esconder a sua aproximação.

A comandante Dehlia rebatizara o Lamento do Cavalheiro depois de o recapturar aos krasianos. Na bandeira, via-se a silhueta de uma mulher olhando para longe, mas o pretendente rejeitado tinha sido substituído pela silhueta de um Sharum em chamas. O navio atacava com regularidade, testando as suas defesas e provando merecer o seu nome. Tinha sido Dehlia e o Lamento do Sharum a roubarem o escorpião, permitindo aos laktonianos copiarem a arma.

Sempre que o Lamento do Sharum se aproximava, implicava mágoa e perda para as forças ocupantes e raiva impotente para Jayan. Com frequência, o navio aproximava-se do alcance das forças em terra, disparando projéteis em chamas da sua catapulta, juntamente com uma chuva mortífera de flechas, voltando a afastar-se antes que os Mehnding conseguissem calibrar as armas para responder ao fogo.

Jayan tentara colocar chin no cais e nos edifícios mais próximos da margem, mas, de alguma forma, a comandante fora informada do plano, atacando noutro local para atrair as forças de Jayan enquanto os restantes navios levavam a cabo um resgate ousado dos seus irmãos convenientemente posicionados.

Sempre que tentavam preparar-se ou atacar o Lamento do Sharum, a comandante Dehlia parecia saber dos seus planos e mudava de tática. Naquele momento, era impossível perceber se avançava para provocar ou se teria um qualquer propósito astucioso.

Abban olhou atentamente, vendo o navio mover-se ao longo da margem, fora de alcance. Viraria para terra quando se aproximasse do alvo. Espalhados pelo cais e pela margem, Mehnding sustinham a respiração, sabendo que teriam apenas alguns momentos para mirar e disparar. Jayan prometera um palácio à equipa que conseguisse afundar o maldito navio.

Mas, nesse momento, o navio mudou de direção e Abban sentiu o seu esfíncter apertar-se.

– Coração negro de Nie.

– Hã? – perguntou Jayan, voltando-se para Abban no momento em que o fundibulário avançava, lançando um projétil pesado na sua direção.

– Sharum Ka! – gritou Abban, lançando-se sobre ele.

Jayan tinha músculos pesados, mas nem ele conseguiu resistir ao volume de Abban que o prendeu ao chão. Esmurrou-o enquanto embatiam no tapete, empurrando-o e fazendo-o rebolar para longe.

– Como te atreves a tocar-me com as tuas mãos impuras, seu escroto de camelo comedor de porco! Matar-te-ei e...

Nesse momento, ouviu-se um estrondo quando algo bateu na grande janela. O vidro guardado instalado por Abban resistiu ao impacto, mas o edifício inteiro estremeceu.

Jayan moveu o olhar entre a janela e Abban, que conseguira apoiar-se no joelho são. Voltou a olhar pela janela coberta com fragmentos de madeira e, mais uma vez, o seu olhar voltou a Abban.

– Porquê?

O jovem Sharum Ka não era conhecido pela sua eloquência, mas Abban compreendeu-o bem. Porque arriscaria um khaffit cobarde a sua vida por alguém que o insultara e maldissera durante anos?

– És o Sharum Ka – retorquiu Abban. – Corre-te nas veias o sangue do Libertador e és a esperança do nosso povo enquanto o teu pai continuar a batalhar contra Nie. A tua vida vale muito mais que a minha.

Jayan acenou afirmativamente, ostentando uma expressão pensativa que não lhe era comum.

As palavras eram vazias, claro. Abban não hesitaria em permitir que o rapaz fosse atingido por uma lança em vez dele. Em mais de uma ocasião, ponderara mesmo ordenar a sua morte. Poderia tê-lo feito se não arriscasse a ira da Damajah.

Mas, se o Sharum Ka morresse a seu lado e Abban sobrevivesse, Hasik viria atrás dele. Qeran ou Sem Orelhas poderiam conseguir pará-lo a tempo, mas Abban não estava disposto a apostar a sua vida nessa possibilidade. Hasik não hesitaria morrer se pudesse arrastar Abban consigo e era perigoso apostar contra aquele tipo de homem.

– Salvaste-me, khaffit – disse Jayan. – Continua a servir-me e não o esquecerei quando ocupar o trono do meu pai.

– Ainda não salvei ninguém – disse Abban, olhando o entulho e os destroços que continuavam sobre o vidro guardado. – Teremos de sair.

– Bah! – exclamou Jayan. – Não mentiste quando disseste que o teu vidro guardado era imune a qualquer golpe. Que há para temer?

Voltou-se no momento em que o Lamento do Sharum enviava outro projétil, afiado e em chamas, de um dos escorpiões a estibordo.

– Temos de sair! – gritou Abban, vendo o míssil vir na sua direção. Fez uma série de gestos rápidos a Sem Orelhas, que deu um salto, segurando Abban nos dois braços.

Ouviu-se um estrondo ensurdecedor e houve um clarão capaz de ferir o olhar até mesmo de um morador no deserto quando o projétil atingiu o fogo de demónio líquido que cobria a janela. Mesmo assim, o vidro guardado resistiu, absorvendo o choque e o calor da explosão.

Abban traçou uma guarda no ar.

– Everam seja louvado. – A parte lógica da sua mente sabia que o vidro fazia exatamente o que devia, mas, para o seu coração cobarde, era um milagre. – Sai! – gritou, indicando a porta com um movimento do braço. Mesmo com a resistência do vidro, o edifício que o rodeava era de madeira simples. Começava já a erguer-se fumo pelas tábuas do soalho.

Sem Orelhas baixou a cabeça, correndo para a porta pesada e arrombando-a com um pontapé. A porta atingiu Hasik, que corria para o local, mas Abban não perdeu tempo, gesticulando a Sem-Orelhas que corresse a toda a velocidade. O gigante surdo erguia Abban nos braços como uma criança enquanto descia os degraus e atravessava a grande sala inferior em direção à porta dos fundos.

– Fogo! – gritou Abban enquanto se dirigiam para a saída. – Fujam!

Só quando chegaram ao exterior Abban percebeu que Jayan o seguira a curta distância. Gesticulou imediatamente a Sem-Orelhas que o pousasse, percebendo que teria parecido a todas as testemunhas que tinham aberto caminho para a fuga do Sharum Ka.

Outros juntaram-se a eles, incluindo Khevat, Asavi, o guarda-costas de Jayan e Qeran.

– Ordenaste a Sem-Orelhas que te carregasse? – perguntou o instrutor, enojado, com voz demasiado baixa para que os outros ouvissem. – Não tens vergonha?

Abban encolheu os ombros.

– No que à minha sobrevivência diz respeito, instrutor, não tenho qualquer vergonha.

– Cravarei a lança no coração daquela bruxa e foderei o buraco! – gritou Jayan.

– Conta comigo para a segurar enquanto a montas – disse Hasik. Tinha sangue no cabelo, mas parecia tão pronto para lutar como sempre.

– Porque precisaria que a segurasses, imbecil – questionou Jayan –, depois de lhe trespassar o coração com a lança?

– Eu... – começou Hasik.

– O Sharum Ka não deseja as tuas desculpas, Assobiador! – gritou Abban, deleitando-se com o momento. – Deverias ter sido tu a abrir-lhe caminho e não um par de khaffit.

Hasik parecia desejar que o chão se abrisse para o engolir e Abban desejou que o momento durasse para sempre. Mas passou e Hasik mostrava-lhe os dentes.

– Estamos cegos – disse Jayan. – Vai ao cais e descobre o que se passa. –

Apontou e Hasik correu como um cão obediente.

– Nem tu nem os clérigos devem permanecer aqui, Sharum Ka – disse Qeran. – Por favor, permite que as Lanças do Libertador te escoltem até um local mais seguro, de onde possas comandar...

– Ali! – guinchou Asavi de repente. Todos os olhares se viraram para ela enquanto apontava um Sharum saindo do edifício entre o fumo e a confusão, com o véu noturno erguido para se proteger do fumo. Trazia um saco sobre o ombro, negro como a sua túnica. O guerreiro estacou, juntamente com todos os outros. O momento pareceu arrastar-se até à eternidade.

– Não fiquem aí especados! – gritou a dama'ting. – Apanhem-no ou o sangue correrá pelas ruas!

Aquilo fê-los moverem-se, mas o guerreiro foi mais rápido, empurrando um dama e correndo para a fuga mais próxima.

Em direção a Abban.

Fazia sentido. Abban era um aleijado gordo e seria menos provável que conseguisse travar o espião, ao contrário dos Sharum e dos dama. E só um tolo se aproximaria demasiado de uma Noiva de Everam. Um bom empurrão atirá-lo-ia ao chão, atrapalhando os seus perseguidores.

Mas, sendo verdade que Abban era gordo e que uma das suas pernas não valia mijo de nuclita, os seus maneirismos teatrais tinham sido concebidos para fazer a enfermidade parecer muito pior do que era realmente.

Deu um guincho assustado, apoiando o peso na perna sã enquanto o guerreiro avançava. Mas, quando o Sharum empurrou, Abban segurou-o pelo pulso, fazendo-o tropeçar com a muleta e derrubando-os aos dois.

Deveria ter sido o fim, mas, de alguma forma, o guerreiro conseguiu controlar-se, aterrando por cima e forçando Abban a suportar a totalidade do impacto. Nesse momento, o seu véu caiu e Abban conseguiu vê-lo bem.

Era jovem, quase demasiado jovem para as vestes negras. Tinha a cara manchada com terra, mas, mesmo assim, a sua pele era clara para um krasiano, ainda que fosse mais escura que a da maioria dos hortelões. Também as suas feições uniam traços de ambos os povos. Um mestiço? Vinha uma geração deles a caminho, mas estariam quase todos ainda nos ventres das mães e os outros estavam ocupados a chorar e a borrar os bidos.

Enquanto Abban o olhava boquiaberto, o mestiço ganhou balanço e fez a testa embater entre os olhos de Abban. Este viu um clarão e ouviu um estrondo seco quando a sua nuca embateu nas tábuas. Abban sentia-se zonzo enquanto Sem-Orelhas avançava para segurar o guerreiro, mas o

mestiço voltou a ser mais rápido, aplicando um pontapé no joelho do kha'Sharum. Fugiu e Abban ficou sem fôlego quando Sem-Orelhas caiu violentamente sobre ele. Rebolaram os dois, emaranhados, e ouviram-se gritos furiosos dos guerreiros cuja perseguição foi atrapalhada.

Quando a visão de Abban clareou finalmente, o espião corria a toda a velocidade para o cais, perseguido por meia dúzia de Sharum e com mais olhando-o enquanto passava por eles.

Surpreendentemente, Qeran era o primeiro dos perseguidores, fazendo diminuir rapidamente a distância que o separava do espião. A sua perna de mola de aço nem sempre era ideal, mas, numa corrida de velocidade, poucos homens com duas pernas conseguiriam acompanhá-lo.

O espião parecia sabê-lo também. Virou-se para alcançar um barril de chuva e aplicou contra ele o seu peso total, empurrando-o para o caminho. O barril começou por se mover devagar, balouçando enquanto o espião corria. Com a deslocação do peso da água que continha, moveu-se com rapidez repentina, projetando o conteúdo enquanto rebolava contra os Sharum em perseguição.

Os homens dispersaram, alguns atirando-se para fora do caminho enquanto outros tropeçavam na água quando procuravam esquivar-se. Um dos homens tropeçou no próprio barril.

Só Qeran mantinha a perseguição, saltando sobre o barril com agilidade que faria inveja a um gato. Aterrou com uma cambalhota, usando o impulso para se erguer sem parar de correr.

Dois guerreiros mais abaixo tentaram abrandar o espião, mas atirou-lhes um pó de algum tipo e os homens caíram, levando as mãos à cara entre gritos.

O cais estava repleto de barris, cordas, redes e outros objetos e o espião usou-os todos, ziguezagueando para usar todas as coberturas e o terreno para abrandar os perseguidores.

Mesmo assim, o instrutor continuou a aproximar-se. Qeran largara a lança e o escudo para ganhar velocidade, mas não importava. Nem mesmo um mestre de sharusahk conseguiria enfrentar durante muito tempo Qeran num combate corpo a corpo.

Abban sorriu, coxeando em silêncio na sua direção para conseguir a melhor vista possível e ser o primeiro a interrogar o espião antes que os outros fizessem alguma coisa estouvada. Jayan e os clérigos seguiam-no, mas ia à frente e todos se moviam lentamente, empolgados pela cena.

Quando os dedos de Qeran roçaram o pano da túnica do espião, este voltou-se subitamente, retirando o escudo das costas e fazendo-o embater

contra o instrutor, projetando-o para trás. O escudo era antiquado, tendo pelo menos cinco anos. Remontava a um momento anterior à recuperação das guardas de combate. Outra curiosidade.

Qeran não demorou a recompor-se e voltou a correr, mas o espião esquivou-se, dobrando os joelhos e tentando prender a perna do instrutor para o derrubar.

Qeran estava preparado para o truque, saltando sobre a perna, mas o espião não foi surpreendido. Manteve o ímpeto e girou o escudo, fazendo embater a aresta pesada contra a perna metálica do instrutor enquanto se baixava.

A mola de metal encolheu e Qeran foi inesperadamente desequilibrado. O espião aproveitou e trocaram uma sucessão rápida de golpes. O homem era baixo e impossivelmente rápido, não permitindo ao instrutor um momento para recuperar o equilíbrio. Atingiu-o na face com o escudo, saltando e pontapeando o instrutor em cheio no peito.

Qeran caiu para trás, sem ferimentos graves, mas o espião não perdeu mais tempo com ele, voltando-se e correndo pelo cais fora.

Mais à frente, guerreiros Mehnding das equipas que operavam os escorpiões e as catapultas tinham-se reunido para lhe bloquearem o caminho. O espião olhou para trás, vendo mais de uma vintena de guerreiros passando por Qeran, liderados por Hasik. Era a primeira vez que Abban se lembrava de querer que o maldito eunuco tivesse sucesso.

O espião virou para um cais menos usado que conduzia a uma secção da baía tão rochosa e pouco profunda que conseguia albergar apenas os barcos mais pequenos. Havia um punhado destes atados ao cais. Eram simples barcos a remos que até um Sharum conseguiria usar, mas parecia pouco provável que o espião conseguisse libertar um a tempo e muito menos que conseguisse remar até sair do alcance das lanças antes de ser morto. Ignorando os barcos, correu para o fundo da doca. Pretenderia nadar?

Com Hasik meros passos atrás, o espião contornou bruscamente a curva, saltando para um dos barcos. Hasik perdeu segundos preciosos adaptando-se à mudança, mas acabou por saltar do cais com a lança pronta para trespassar o homem antes que conseguisse cortar uma corda.

– Merda de demónio – murmurou Abban. Hasik não era conhecido por deixar prisioneiros que pudessem ser interrogados.

Mas o espião nem sequer tentou libertar um dos barcos, saltando sobre eles e lançando-se à água.

Abban susteve a respiração, mas o espião não afundou, parecendo ressaltar da superfície da água e erguer-se num salto, aterrando com uma

explosão de salpicos à volta dos tornozelos. Deu mais três passos e virou bruscamente, continuando a correr sobre a superfície da água.

Hasik tentou manter o equilíbrio sobre o barco ondulante, arremessando a lança com eficácia surpreendente. O espião percebeu, esquivando-se por centímetros.

– Que Everam me guie! – gritou Hasik, saltando do barco como o espião fizera. Milagrosamente, também ele aterrou de pé, parecendo tão surpreendido como todas as testemunhas. Com um uivo, começou a persegui-lo enquanto os outros Sharum saltavam para o barco para o seguirem.

Hasik deu dois passos e afundou como uma pedra com o passo seguinte. Os outros Sharum saíram-se pouco melhor, dois deles projetados para a água que rodeava o barco que balouçava como louco. Um terceiro conseguiu completar o salto, derrapando na superfície em que Hasik e o espião teriam aterrado, mas perdeu o equilíbrio, caindo à água. Os Sharum arremessaram as suas lanças, mas continuava a correr sobre a água, saindo do alcance dos dardos. Por fim, pendurou o escudo às costas e saltou, esticando os braços enquanto começava a nadar.

O Lamento do Sharum lançara um bote durante a confusão, com três homens remando com velocidade notável. Momentos depois, tinham intercetado o espião, puxando-o para bordo enquanto lanças caíam na água, perdendo-se.

Ouviu-se uma trompa e o Lamento do Sharum disparou contra os guerreiros aglomerados no cais, matando dúzias com flechas e pez em chamas, destruindo uma catapulta e dois escorpiões. Os Mehnding, tendo abandonado os engenhos para impedir a fuga do espião, não estavam preparados para retribuir o fogo.

Enquanto olhavam, impotentes, o bote regressou e o navio guinou uma última vez para atingir a margem enquanto a tripulação gritava de júbilo. Viram a comandante Dehlia de pé sobre a amurada da popa, expondo os seios enquanto lhes gritava. A toda a volta, os homens e as mulheres da sua tripulação viraram-se e baixaram as calças, batendo nas nádegas enquanto o navio se afastava.

* * *

Hasik e dois Sharum continuavam a segurar-se ao bote quando Abban alcançou o local onde o espião saltara do cais. Os Sharum que tinham tentado seguir Hasik e o espião para o lago não tinham voltado à superfície.

Não surpreendia. Os krasianos não eram nadadores e as placas blindadas pesadas cosidas no interior das suas vestes negras puxavam os que tinham caído para as profundezas geladas do lago tão depressa que não conseguiriam libertar-se do peso a tempo.

Abban tentou imaginar como seria. O seu pescoço tinha sido apertado vezes suficientes no sharaj para saber como era não conseguir respirar, mas sentir aquilo rodeado por água negra, sem sequer saber em que direção ficava a superfície...

Estremeceu.

Qeran erguia-se no cais, com a raiva alterando-lhe as feições. Os Sharum eram governados pelo seu orgulho e o espião fizera-o parecer um tolo diante de dúzias de testemunhas. Sem dúvida que mataria o primeiro inferior a olhá-lo da forma errada.

Mas, khaffit ou não, Abban não era seu inferior e precisava do seu instrutor e não de uma criança amuada.

– Saíste-te bem – disse em voz baixa, colocando-se ao lado do homem.

Qeran reagiu com um esgar.

– Falhei. Deveria...

– Deverias sentir-te orgulhoso – adiantou Abban, impedindo-o de fazer alguma proclamação masoquista. – Foste melhor que todos os outros Sharum na perseguição. Tamanha velocidade! Tamanha perícia! A tua nova perna envergonha a anterior.

– Mesmo assim, não foi suficiente – rosnou Qeran.

Abban encolheu os ombros.

– Inevera. Nada acontece sem que Everam o deseje. O que o espião tiver roubado da mansão do Sharum Ka será algo que o Criador deseja que esteja nas mãos dos nossos inimigos.

Era um disparate, claro, mas dizer que algo era inevera sempre fora um bálsamo e uma muleta para evejanos irritados.

– Como também desejou que perdesse a perna? – perguntou Qeran entre dentes cerrados. – Como desejou que me afogasse em couzi e nos meus excrementos até um khaffit gordo e aleijado provar ser melhor que eu, forçando-me a obedecer-lhe? E agora, é também inevera que não consiga segurar um espião chin quando o alcanço.

O instrutor cuspiu para a água.

– Parece que Everam me condena apenas à humilhação.

– A glória virá, instrutor – vaticinou Abban. – Glória suficiente para todos na Sharak Sun e na Sharak Ka. É suficientemente mau que te tenha encontrado no chão, lamentando o teu destino. Não te acolhi para cederes à

autocomiseração.

Qeran fixou nele um olhar severo, mas Abban enfrentou-o.

– Acolhe a dor, Sharum.

As narinas do instrutor inflaram, mas acenou afirmativamente. Abban voltou-se para fazer uma vénia enquanto Jayan se aproximava.

O Sharum Ka olhou o lago sombrio.

– Como conseguiu o espião correr sobre a água daquela forma? – Voltou-se para Asavi. – Disseste-me que os chin não usam magia de hora.

– Não foi magia, Sharum Ka – explicou Abban, captando a atenção de todos. – Ouvi homens regressados das aldeias chin no pântano contando este fenómeno. Os chin construíram aí pequenas ilhas artificiais alcançáveis apenas por trilhos de pedra escondidos sob a superfície da água. As pedras dos trilhos têm superfície irregular, permitindo que um homem por ali passe se conhecer o caminho, mas dificultando que um demónio... ou outro homem o siga.

Jayan grunhiu, digerindo a informação enquanto via o primeiro Sharum ser içado para o cais. O homem tremia, cuspindo água e ensopando o cais, mas parecia estar bem.

Até um tentáculo se projetar da água, enrolando-se à sua perna. O homem conseguiu apenas gritar antes que o grito fosse interrompido por uma explosão na água e antes de ser puxado de volta para o lago.

Hasik estacou, procurando o demónio da água na superfície, mas o outro Sharum começou a gritar e a agitar o braço livre enquanto se segurava ao bote com a outra mão.

– Verga de Everam! Atirem-me uma corda! Depressa!

Claro que o alarido atraiu o demónio para ele. Um tentáculo rodeou-lhe a garganta e os seus gritos foram cortados enquanto era puxado para baixo.

Hasik aproveitou esse momento para se içar para dentro do bote. A pequena embarcação ondulou com o seu peso, ameaçando virar-se, mas, de alguma forma, Hasik conseguiu entrar e usar o seu peso para o equilibrar.

Todos os barcos no cais tinham guardas aquáticas e, sem dúvida, Hasik ter-se-ia achado seguro até um tentáculo se enrolar ao seu tornozelo. O guerreiro tinha já perdido a lança e o escudo no lago, mas levou a mão à cintura, desembainhando uma faca curva ao mesmo tempo que o barco se virava, acabando submerso.

Todos se silenciaram enquanto olhavam a superfície da água, vendo a ondulação onde o guerreiro desaparecera começar a perder-se. Os Sharum eram intrépidos contra demónios da terra e do ar. Seria justo dizer que os demónios os temiam mais do que o contrário. Mas os demónios da água,

pesadelos misteriosos que puxavam as suas vítimas para o fundo, aterrorizavam-nos.

Abban não era diferente, mas não conseguia forçar-se a chorar a perda de Hasik. Queria que o homem continuasse a sofrer, mas, depois de tudo o que Hasik fizera para lhe tornar a vida um inferno, era bom que a sua chegasse ao fim.

De seguida, viu-se um clarão, fazendo lembrar um relâmpago na água. Ocorreu uma e outra vez antes de a escuridão ser total. No momento seguinte, Hasik irrompeu à superfície, tentando encher os pulmões. Estava nu, tendo descartado a armadura para não se afundar, mas mantinha a faca na mão. Prendeu-a entre os dentes enquanto nadava atabalhoadamente para o cais.

– Barba de Everam – murmurou Jayan. O sentimento foi ecoado à sua volta enquanto atiravam uma corda a Hasik e o viam içar-se para o cais, vivo. Havia pequenos ferimentos inchados sobre a sua pele nos pontos onde os tentáculos do demónio se tinham prendido, mas começavam já a fechar como efeito da magia absorvida com a morte do nuclita.

Enquanto se erguia, um dos Sharum que o tinham ajudado a sair da água abriu a boca de espanto ao olhar o seu baixo-ventre, liso como o de uma mulher, apresentando apenas uma cicatriz e um tubo de metal no local onde antes estivera o seu membro viril.

Hasik rosnou, prendendo o pescoço do guerreiro com um braço poderoso e partindo-o com um estalo medonho. Virou-se enquanto despia a túnica ao homem e os restantes guerreiros afastaram-se, dando-lhe tempo para vestir as calças largas e a túnica. Jayan ignorou a morte e também os seus conselheiros permaneceram em silêncio a respeito daquele assunto.

– Ocupar-me-ei dos ferimentos do teu guarda-costas – disse Asavi.

Jayan segurou-lhe o braço quando passou por ele. Havia fúria nos seus olhos.

– Hasik pode esperar até nos explicares porque ia morrendo.

Todos estacaram. Era crime punível com a morte tocar uma dama’ting daquela forma. Poderia exigir que a mão lhe fosse cortada ou que o matassem e a lei evejana exigiria a concretização da sua vontade.

Mas Jayan era o Sharum Ka, filho primogénito do Libertador e o provável próximo líder de Krasia. Abban pensou se alguém se atreveria a tomar o partido da dama’ting ou a aplicar uma sentença por si decretada.

Asavi pareceu percebê-lo, passando os olhos pelas testemunhas, atenta às suas reações. Se exigisse castigo e a exigência fosse recusada, pareceria mais fraca aos olhos do conselho de Jayan. Khevat e os outros dama não

apreciavam o novo e mais vocal papel das dama’ting desde a prestação de Inevera na sala do trono.

Ergueu a mão livre, parecendo tocar levemente Jayan no ombro, mas Abban conseguia reconhecer um carteirista a três bancas de distância no mercado e percebeu o movimento brusco do dedo dobrado.

A mão de Jayan pendeu, inerte, como se tivesse decidido de sua própria vontade libertá-la, mas com os olhos dizendo o contrário.

– A preocupação do Sharum Ka é justa – disse Asavi com voz serena. – Mas são palavras para o nosso conselho privado e não para um cais ao relento.

– Não tenho sala de conselho! – ripostou Jayan. – A bruxa do lago pegou-lhe fogo.

Abban curvou-se.

– Outras mansões foram reclamadas pelos teus kai leais, algumas com vista para o cais e fora do alcance das fundas. Apresentarei uma lista para poderes escolher e compensarás o teu tenente enquanto transportamos os teus pertences. Entretanto, tenho um armazém por perto com um gabinete ricamente decorado, onde poderás descontrair até os preparativos estarem concluídos.

Jayan pareceu inquieto, olhando o ombro e acabando por se limitar a grunhir.

– É aceitável, khaffit. Mostra o caminho.

Quando chegaram ao armazém, Jayan suava e a dor tornara-o pálido. Desabou sobre as almofadas, aceitando chá com uma mão e deixando a outra pender a seu lado. Khevat e os outros homens fingiram não notar, mas todos sabiam que algo não estava certo.

Viu-se um brilho vindo do canto do quarto enquanto Asavi fazia a magia atravessar Hasik, terminando a recuperação iniciada com a morte do demónio. Ouviu uma súplica sussurrada, mas Asavi, olhando por um segundo o seu baixo-ventre, limitou-se a abanar a cabeça tristemente. Hasik fixou em Abban olhos repletos de ódio e Abban permitiu que visse um indício mínimo de sorriso.

– O Sharum Ka deseja que me ocupe do seu braço agora? – perguntou Asavi. Os outros homens olharam-na, desconfortáveis, antes de fazerem regressar os seus olhares à figura pálida e suada de Jayan. Todos sabiam o que aí vinha. Asavi não conseguira responder adequadamente em público ao ultraje e, por isso, a dor seria três vezes pior atrás da cortina.

– Se a d-dama’ting o desejar – conseguiu dizer Jayan entre dentes cerrados.

– Posso ignorá-lo, se preferires – respondeu a Noiva. – Há tempo para o salvar se agir rapidamente. Se não o fizer, mirrará e morrerá.

O único olho funcional de Jayan arregalou-se antes de começar a tremer.

– As Noivas de Everam não precisam de clérigos ou de guerreiros para punir quem nos toca, filho de Ahmann – disse Asavi. – O nosso divino marido concedeu-nos poder suficiente para assegurar a nossa proteção. É uma lição que deverias recordar.

Olhou a sala em redor, enfrentando com arrojo os olhares dos outros homens, incluindo o de Khevat.

– O mesmo se aplicará a todos vocês.

Eram palavras ousadas para uma mulher e muitos dos homens, sobretudo Khevat, se eriçaram. Mas nenhum foi tolo ao ponto de a contradizer. Permitiu-lhes um momento antes de acenar afirmativamente, ajudando Jayan a expor um ombro. O local onde a dama'ting o golpeara estava negro e o ombro inchara. Pegou gentilmente no braço, virando-o enquanto o massajava para voltar à vida. Pouco depois, Jayan mexia os dedos e não tardou a conseguir fechar a mão num punho.

– O membro recuperará completamente dentro de alguns dias – disse.

– Dias?! – repetiu Jayan.

Asavi encolheu os ombros.

– Mata alagai e a magia acelerará a recuperação.

– Curaste Hasik imediatamente – insistiu Jayan.

– Não me tocou – recordou Asavi.

– Muito bem! – exclamou Jayan de repente, protegendo o braço ferido com a sua mão boa. – Dir-nos-ás agora o que se passava na doca?

– Os teus inimigos reúnem e fazem planos – disse Asavi. – Os dados há muito o tinham previsto.

– Qualquer tolo conseguiria percebê-lo – ripostou Jayan.

– Os dados também me disseram que travasse o ladrão que tresanda a raiz demoníaca ou milhares morreriam.

– Raiz de demónio? – perguntou Jayan.

– Uma erva curativa das dama'ting – explicou Asavi. – Chamam-lhe raiz-porqueira aqui no Norte. O espião tresandava a ela.

– Porque não me falaste disto antes? – perguntou Khevat. – Poderíamos ordenar aos guardas que cheirassem todos os que entrassem no palácio do Sharum Ka.

– Os dados não disseram nada sobre o palácio – respondeu Asavi – ou sobre o Sharum Ka. O ladrão poderia ser qualquer um. Os dados previram que nos encontraríamos quando sentisse este cheiro e previram também o

que precisaria de fazer. Se tivesse falado disto a alguém, o destino poderia ter mudado e o ladrão escapar-me-ia também a mim.

– Escapou-te – recordou Khevat. – Louvas tanto toda essa magia dos hora e não conseguiste travar um simples ladrão?

– Não era um simples ladrão, caro dama – contrariou Abban, curvando-se. – Escapou aos dal'Sharum como se corressem sobre areia funda e resistiu durante dez segundos contra o maior instrutor vivo. Além disso, era intrépido, correndo entre os demónios da água como se os conhecesse bem. E não esqueçamos que o Lamento do Sharum incendiou o palácio como distração.

– Que procurava ele? – questionou Qeran.

– Não há forma de saber ao certo – disse Abban. – Perderam-se apenas algumas vidas no incêndio no palácio, mas o edifício ficou destruído. Com tudo o que ficou reduzido a cinzas, não temos forma de saber que papéis foram roubados, mas será fácil adivinhar.

– Números de tropas – concluiu Qeran. – Caravanas de abastecimento. Os nossos mapas. Os nossos planos.

Abban curvou-se perante Jayan.

– Temos cópias de tudo, Sharum Ka. Nada se perdeu. Mas deveremos presumir que os nossos inimigos passaram a saber tudo.

Asavi ajoelhou-se no chão, captando a atenção de todos. Enquanto falavam, a dama'ting estendera em silêncio o seu pano de lançamento. Retirava agora os hora, iluminando tudo com o seu brilho sinistro.

– Palpites – disse. – Everam poderá mostrar-nos um caminho mais claro, agora que a divergência foi ultrapassada.

Todos se calaram enquanto lançava os dados, muitos presenciando um lançamento pela primeira vez desde o seu Hannu Pash. Quando terminou, a Noiva de Everam ergueu o olhar, com a luz dos hora banhando o seu véu branco com luz vermelha e fazendo-o parecer ensopado em sangue.

– Não importa o que o espião tenha levado – disse Asavi. – Três ducados unem-se contra nós e os nossos inimigos têm aquilo de que precisam para atacar.

Os olhos de Jayan brilharam com uma luz ávida.

– Onde? Quando? – Um comandante são poderia preocupar-se com um ataque iminente, mas o jovem Sharum Ka via apenas uma oportunidade de glória, uma hipótese para provar ser digno do Trono dos Crânios.

A dama'ting voltou a olhar os dados, movendo os olhos sobre padrões ilegíveis. Abban nunca confiara nos dados. Não negava que fossem mágicos, dando informações que conseguiam ser estranhamente acertadas,

mas parecia-lhe que a sua leitura tinha tanto de arte como de ciência e não revelavam tudo.

– Atacarão por terra e água – disse Asavi.

– Sim? – perguntou Jayan. – E usarão armas? E guerreiros? Se é isso o melhor que os teus dados conseguem...

Asavi ergueu os dados e estes iluminaram-se com o seu poder, banhando a sala inteira com luz vermelha. Pareciam prestes a queimar os dedos da dama'ting, mas segurava-os sem dificuldade enquanto os homens se encolhiam perante o seu brilho.

O silêncio manteve-se durante um momento. Abban olhou Qeran, acenando-lhe com a cabeça para que avançasse.

O instrutor reagiu como se lhe tivesse pedido que saltasse para um fosso de alagai, mas avançou sem hesitações nem queixumes, ajoelhando-se perante Asavi e pousando as mãos no chão. Curvou-se para diante, pressionando a testa entre as mãos.

Asavi olhou-o por um momento e acenou com a cabeça.

– Fala, instrutor.

– Honrada e sábia dama'ting – começou Qeran, cautelosamente. – Não nos cabe a nós, homens humildes, questionar as palavras de Everam. Mas, se os dados disserem alguma coisa acerca do local onde deveremos posicionar as nossas forças, isso poderá significar a diferença entre vitória e derrota.

– Os dados não falam de tais assuntos – afirmou Asavi – porque os nossos inimigos nos observam, esperando algum sinal de que conhecemos o seu intuito. Se os seus espiões notarem a nossa movimentação, alterarão os seus planos, negando a profecia.

Ergueu um dedo.

– Mas, mesmo que não refiram o local, dizem-nos o momento. Atacarão na Lua Nova.

Khevat pestanejou.

– Impossível. Não se atreveriam...

– Fá-lo-ão – assegurou Asavi – precisamente pelo que motiva a tua dúvida. Acreditam que a Lua Nova nos distrairá. Nos deixará fracos.

Jayan franziu a testa.

– O meu pai dizia que os chin têm honra, ainda que seja uma honra inferior à nossa, sendo humildes perante Everam. Mas é impossível que assim seja se, como dizes, se atreverem a atacar no dia em que nos preparamos para a vinda de Alagai Ka.

– Esse será apenas o início da sua ofensa contra Everam – disse Asavi,

captando novamente todas as atenções. – Atacarão durante a noite.

VINTE E SEIS

PRIMEIRO ATAQUE

333 DR Inverno

Com o coração acelerado, Briar corria a grande velocidade, mantendo a cabeça baixa e usando a cobertura que encontrava. Continuando a vestir a sua túnica negra roubada, a escuridão era um manto confortante.

Havia alguns nuclas na área. Independentemente do que se dizia acerca do povo do seu pai, os krasianos tinham limpado de demónios as terras à volta da Doca com tanta eficácia que, mesmo durante a noite, pouco havia a temer.

Mas havia outros predadores na escuridão.

Thamos usara a distração dos festejos da Lua Nova para aproximar as suas forças, posicionando-as atrás de um pequeno bosque perto do sopé do Monte de Colan. O cavalo do conde sobressaltou-se, erguendo-se sobre as patas traseiras e relinchando quando Briar saiu de entre a vegetação diante deles.

Briar estacou, receando que o conde fosse projetado, mas Thamos manteve-se montado, conseguindo acalmar habilmente o animal.

– Noite, rapaz – rosnou o conde com voz baixa e furiosa. – Tentas denunciar a nossa posição e matar-nos a todos?

– Sabem – disse Briar.

– Hã? – perguntou Thamos.

– Vi-os – disse Briar. – Sharum avançando pela floresta para se colocarem atrás de nós. Sabem que aqui estamos.

– Nucleados sejam – rosnou Thamos. – Quantos são? Estão montados?

– São muitos mais que nós – respondeu Briar. Não era bom com

números. – Mas a maior parte está apeada.

Thamos acenou com a cabeça.

– Movimentarmo-nos a cavalo em segredo é mais difícil. Estão posicionados?

Briar abanou a cabeça.

– Ainda não. Em breve.

Thamos voltou-se para lorde Sament.

– Prepara os homens. Avançaremos segundo o plano.

– Pretendes avançar para a armadilha? – perguntou Sament.

– Que poderei fazer? – perguntou Thamos. – Não teremos outra hipótese. Egar e os seus homens estão ocupados e Lakton não tem abastecimentos para o inverno. Teremos de capturar aquele monte e posicionar arqueiros que cubram o movimento dos laktonianos. O inimigo está apeado e o caminho por onde atacarão é estreito. Depois de conseguirmos capturar o terreno elevado, ser-lhes-á muito difícil expulsar-nos.

– Mas fá-lo-ão – disse Sament. – Depois de chegarmos ao topo do monte, ficaremos encurralados.

– Se resistirmos até à captura do cais, é possível que consigamos romper o cerco com uma carga de cavalaria.

– E se não conseguirmos?

– Se não conseguirmos – disse Thamos –, protegeremos o cais até morrermos.

Abban apoiou-se sobre a muleta junto à janela do seu armazém com vista para o cais, fitando a escuridão. O seu gabinete ocupava a totalidade do piso cimeiro, com janelas a toda a volta, permitindo-lhe ver em todas as direções.

Sem-Orelhas erguia-se por perto, mas Abban mantinha-se inquieto. O gigante era mais forte do que qualquer pessoa que Abban alguma vez tivesse conhecido e estaria muito perto de ser um mestre de sharusahk, mas a sua presença não confortava Qeran. O instrutor não conhecia rival no combate e era respeitado por todos, mostrando-se disposto, ou mesmo ávido, para o aconselhar e para referir quando Abban estava prestes a fazer algo menos inteligente.

Era surpreendente a forma como passara a depender do instrutor, um homem que outrora odiara com cada fibra do seu ser. O homem que o tinha pontapeado do alto da muralha do Labirinto sobre um bando de demónios, apenas por não ter dobrado corretamente uma rede.

Com o seu olho de mercador, Abban compreendia. Fora um perigo para a sua unidade, colocando em risco outros Sharum com a sua incompetência na guerra. Acumulara dívida sem forma de a pagar, sendo como uma galinha incapaz de pôr ovos. Do ponto de vista de Qeran, seria preferível que morresse.

Mas Abban tinha outros talentos, que o tornavam inestimável para o Shar'Dama Ka e para os seus filhos. O plano que executariam naquela noite era seu. Se alcançassem a vitória, Jayan reclamaria o crédito e o papel de Abban seria apagado da história. Se falhassem, a vida de Abban valeria o mesmo que o pó nas suas sandálias.

Qeran era necessário na escuridão.

A poucos metros de distância, o dama Khevat caminhava para trás e para diante junto à janela. O velho não estava mais tranquilo que Abban. Só Asavi, ajoelhada no chão sobre o seu pano de lançamento branco e imaculado, projetava serenidade. Olhava os homens com frieza enquanto bebia o seu chá.

Os krasianos tinham tido o cuidado de agir como se não houvesse nada fora do normal durante o dia. Khevat presidia às orações da Lua Nova enquanto os guerreiros passavam o dia a comer, a descansar e a deitarem-se com mulheres. Muitos Sharum tinham chamado as suas famílias para se instalarem no povoado, ajudando a defendê-lo, e outros haviam casado com noivas hortelãs quando o povoado foi saqueado.

Mas, quando se reuniram para a alagai'sharak, como todos os Sharum deveriam fazer na Lua Nova, não seguiram o caminho que habitualmente seguiam para varrer os alagai dos arredores, dirigindo-se para locais onde conseguiriam emboscar os chin, mantendo-se invisíveis nas suas vestes negras.

– Quando o fogo cruzar três vezes o céu, deverão atacar – dissera Asavi a Jayan naquela manhã, depois de ler os dados. O poder dos alagai hora foi novamente demonstrado quando uma linha de fogo riscou o céu emitindo um guincho ouvido ao longo de quilómetros.

O fogo chin foi duplicado por outro míssil disparado da superfície do lago. Um terceiro iluminou o céu a sul, no local para onde Sharu levara os seus dal'Sharum.

À distância, Abban ouviu a Trompa de Sharak e sentiu um arrepio de emoção. Para o melhor e para o pior, a batalha começara.

No momento preciso, fogos selvagens começaram a arder nas catapultas de dúzias de navios de guerra laktonianos que avançavam rapidamente para a margem. As equipas Mehnding começaram imediatamente a trabalhar,

mas continuavam a calcular o alcance quando as chamas começaram a cruzar o ar. Khevat parou de caminhar para trás e para diante para olhar os mísseis, com a trepidação marcando a sua face habitualmente impassível.

Abban não ficou preocupado. Os seus engenheiros e Guardadores tinham assegurado a segurança do edifício, emparedando cadáveres de alagai nas muralhas para energizar as guardas. Uma imitação tosca da magia dos hora das dama'ting, mas era adequadamente eficiente. Pedras ressaltavam das muralhas de forma inofensiva e nenhuma chama conseguiria alcançá-los. O fumo transformava-se numa brisa fresca antes de entrar. A cidade inteira podia ser arrasada, mas o seu armazém manter-se-ia intacto.

Mal começara a pensar na possibilidade quando os laktonianos tentaram torná-la realidade. No passado, tinham limitado os bombardeamentos às praias e ao cais, mas, naquela noite, os projéteis chegavam mais longe, devastando edifícios e ateando fogos pelo povoado.

– A primeira noite da Lua Nova – rosnou Khevat – e expulsam com o fogo mulheres e crianças da segurança das suas guardas!

– Parece-me que haverá nisto uma certa justiça – disse Abban. – Não respeitámos o seu dia santo da primeira neve quando capturámos o povoado e sei o que os Sharum fizeram às mulheres e às crianças.

– A mulheres e crianças chin – disse Khevat. – Infiéis fora da luz de Everam.

Abban encolheu os ombros.

– Talvez. Tolos, seja como for, se acreditam que haverá ganhos possíveis a obter com um ataque na Lua Nova.

Khevat grunhiu.

– Mesmo que consigam, de alguma forma, vencer a batalha, os Damaji não aceitarão tal coisa. Esvaziarão a Fortuna de Everam de guerreiros e matarão mil chin por cada Sharum caído.

Briar viu Thamos curvando-se, aproximando um fósforo do tubo de papel que cravara no solo.

Os arqueiros estavam preparados, mas o seu número não era suficiente para travar a carga da cavalaria blindada de Thamos. Se os krasianos tivessem posicionado demasiados homens sobre a colina, teriam revelado as suas intenções muito cedo. Tinham abandonado os homens no alto à sua morte.

O pavio incendiou-se e o foguete elevou-se com um grande guincho, deixando um rasto de fogo vermelho no céu. Briar arregalou os olhos

enquanto acompanhava o voo do foguete. A sua mãe fazia estalos para os dias festivos, mas ouvira apenas contar histórias sobre aquele tipo de fogos. Para sul e para leste, outros foguetes ergueram-se em resposta, assinalando a prontidão das forças para o ataque.

– São belos – disse.

– Leesha Papel preparou-os para outra Lua Nova. – A voz de Thamos parecia distante e triste. – Vi foguetes falharem muitas vezes, mas não os seus. Nunca os seus. – Levou dois dedos à couraça como se pretendesse certificar-se de que ainda lá estava.

– Que pensaria a Herbanária – perguntou Sament – se soubesse que os seus fogos são usados para anunciar semelhante carnificina?

Thamos voltou-se para ele, percebendo-se pelo seu olhar que estava pronto para o confronto. Uma trompa ouviu-se em baixo, captando a atenção dos dois homens. O conde inspirou fundo, parecendo acalmar-se enquanto expirava.

Colocou um pé no estribo, subindo para a sela.

– É demasiado tarde para pensarmos no que pensam as mulheres. – Ergueu a lança. – Arqueiros! Matem tudo o que se mexer no cais até que cheguem os navios! Fogo livre!

Briar correu para um das grandes pedras junto à estrada, trepando rapidamente e encostando o ventre à rocha enquanto olhava as forças em aproximação.

– Que vês? – perguntou Thamos, aproximando-se.

O Monte de Colan tinha paredes rochosas de três lados, com uma estrada pedregosa conduzindo ao topo.

– Demasiadas coberturas para disparar – disse Briar. – Atacam a pé. Os arqueiros ficam para trás.

– Para conservarem as forças, ficando preparados para reconquistar o monte – disse Thamos. – Se conseguirem, poderão lançar uma chuva de flechas sobre o cais quando os laktonianos desembarcarem.

Briar preparou-se para descer da pedra, mas Thamos apontou-lhe um dedo.

– Fica onde estás, Briar. É assunto de soldados.

– É a minha terra – rosnou Briar. – Também é assunto meu.

Thamos acenou afirmativamente.

– Mas lutas de formas inacessíveis a outros, Briar. Só tu conseguirás fugir deste monte para informar os outros do que aconteceu aqui. – Introduziu uma mão na armadura, retirando um pedaço de papel dobrado. – Só tu conseguirás entregar isto a Leesha se não sobreviver a esta noite.

Briar sentiu um nó na garganta enquanto aceitava o papel. Gostava do conde, mas vinham muitos Sharum a caminho.

Demasiados.

Thamos libertou um grito selvático, golpeando a égua com os calcanhares e liderando a carga pela estrada abaixo.

Briar sentiu uma esperança repentina, olhando os cavalos pesados. Esperara que a carga abrandasse quando alcançassem as lanças dos Sharum, mas os Soldados de Madeira e os seus cavalos envergavam armadura de madeira leve fortalecida com lacagem guardada. Defletiam as lanças inimigas enquanto os cavalos gigantescos ceifavam homens como erva, deixando para trás apenas restos ensanguentados.

Mas, quando chegaram ao sopé do monte, os krasianos incendiaram caldeirões de óleo com clarões intensos. Espelhos refletiram a luz enquanto os cavalos ficavam ao alcance dos arqueiros inimigos. Lançaram-se indiscriminadamente contra o ajuntamento de guerreiros, sem se preocuparem com os seus cavaleiros na linha de fogo.

Flechas começaram a encontrar juntas e pontos débeis na armadura dos Soldados de Madeira. Homens gritaram e cavalos ergueram-se com relinchos de dor enquanto as tropas inimigas avançavam para os rodearem em terreno aberto.

Thamos deu o sinal e a sua cavalaria mudou de direção como um bando de aves, correndo novamente para terreno elevado.

O repouso foi temporário, mas os Sharum ganharam terreno e cada vez mais guerreiros corriam pelo monte acima. Com a luz do óleo em chamas, Briar via que as suas túnicas não eram pretas ou castanhas, mas sim verdes.

O pormenor explicava porque o seu comandante estava tão disposto a desperdiçar as suas vidas na conquista do monte. Não eram krasianos. Eram homens rizonanos forçados a combater. Sangrariam antes que os seus mestres capturassem o monte.

Briar recordou Icha, relembrando a compaixão que por ele sentira quando o viu submetido aos parafusos do torturador. O tratamento fora cruel, errado e inútil. Mas não era nada comparado com o que o inimigo estava preparado para fazer.

Briar sabia que nada impediria os krasianos de tomarem o Monte de Colan. Esfregou os dedos sobre o papel que o conde lhe entregara. Se pretendia fugir, teria de o fazer em breve.

A estrada principal era demasiado perigosa. Por isso, Briar dirigiu-se para uma das paredes rochosas, para descer a pique. Com os seus dotes de trepador e as vestes negras que continuava a envergar, conseguiria chegar

onde outros não conseguiriam.

Ou, pelo menos, acreditava que sim.

Briar esfregou os olhos, acreditando que lhe pregavam partidas. A sua visão noturna era boa, fortalecida por uma vida inteira vivendo na escuridão, mas tinha limites.

Estacou, tentando ver com a luz ténue das estrelas e do fogo que cobria as águas em baixo enquanto a comandante Dehlia e os outros atacavam o porto.

Ali estava novamente. Um movimento no penhasco. Cobrindo-o por completo.

Eram dal'Sharum subindo o Monte de Colan. Centenas deles.

Correu na direção oposta, passando entre os arqueiros.

– Sharum no penhasco! Sharum no penhasco!

– Vejo um! – gritou um arqueiro, disparando pela parede rochosa abaixo. Terá falhado, praguejando antes de puxar outra flecha.

A toda a volta, os arqueiros confirmavam a subida dos guerreiros, afastando o olhar do cais e atacando os alvos mais próximos. Mas os Sharum, vestidos de negro e espalmando-se contra a parede vertical, eram alvos difíceis e foram mais as flechas desperdiçadas do que os Sharum abatidos.

Thamos cavalgou até ao sargento que comandava os arqueiros laktonianos.

– Diz aos teus homens que parem de desperdiçar flechas e continuem a disparar contra o cais! Deixo cem cavaleiros para os protegerem.

– E o resto de nós? – perguntou Sament, aproximando-se.

Thamos apontou o sopé do monte.

– Destruiremos os arqueiros que esperam para se posicionarem aqui. Poderão capturar o monte, mas não lhes trará qualquer benefício. – Olhou Briar. – O caos que provocaremos...

Briar acenou afirmativamente. Seria fácil fugir sem ser visto com quatro cavaleiros pesados como distração.

O conde gritou, golpeando a montada com os calcanhares antes de ter tempo de pensar melhor no que fazia. Os Soldados de Madeira trovejaram pelo monte abaixo, varrendo os chi'Sharum. Ao contrário do que sucedera nos ataques anteriores, seguiram em frente quando chegaram a terreno aberto, dirigindo-se diretamente para as fileiras de arqueiros dal'Sharum de elite.

Os krasianos não esperavam o ataque, mas a sua surpresa não durou muito e começaram a alvejar os cavaleiros, reduzindo o seu número. Os

cavalos não conseguiam correr na máxima velocidade com armadura completa e, enquanto as flechas começavam a encontrar os vãos, relinchavam e caíam, frequentemente arrastando consigo os que os ladeavam.

Mesmo assim, a carga aumentou de velocidade e, de repente, estava sobre os arqueiros, baixando as lanças enquanto os cavalos enormes esmagavam quem se erguia à sua frente. Os arqueiros não tinham defesas e foram prontamente devastados.

Thamos liderou o ataque, com a sua lança movendo-se com grande velocidade nesta e naquela direção. Sament acompanhava-o.

Mas, enquanto os arqueiros eram destruídos, o exército krasiano avançava. Não eram chi'Sharum a quem tivessem sido dadas lanças, sendo forçados a combater. Eram verdadeiros Sharum, treinados para a guerra desde tenra idade, muitos deles também montados. Vieram de todos os lados, quebrando as fileiras de Thamos e semeando o caos entre os seus soldados disciplinados.

A batalha prosseguiu, mesmo assim. Sament manteve-se próximo de Thamos. Os dois senhores eram fáceis de encontrar com as suas armaduras brilhantes. Sament usou o escudo para afastar uma lança que se dirigia para Thamos. Este trespassou o homem que a brandia e projetou o corpo do Sharum para o caminho de um cavalo inimigo. Sament estava pronto, cravando a lança no pescoço do cavalo que se erguia sobre as patas traseiras.

Pareciam dominar o terreno em redor, mas, à distância, Briar conseguia ver que eram separados dos seus companheiros. Puxados para uma armadilha.

Briar sabia que devia fugir. Devia distanciar-se pela noite dentro, levando a notícia da perda do monte e a carta para Leesha Papel.

Mas não conseguia forçar-se a fazê-lo. Ergueu o véu de Sharum e saltou de pedra em pedra, aproximando-se mais da batalha.

Thamos e Sament lutaram até alcançarem um círculo formado pelas suas tropas e, de repente, viram-se numa clareira. Os dal'Sharum tinham-nos cercado.

Para o centro do círculo avançou Jayan, o líder krasiano, facilmente identificável pelo seu turbante e véu brancos.

– Lutas bem, hortelão – gritou Jayan, erguendo a lança. – Queres testar o teu valor contra um adversário digno?

Abban pegou na sua luneta, outro presente da Damajah. Os seus Guardadores tinham desmantelado meticulosamente o dispositivo, estudando o desenho, as guardas e o fragmento de osso de demónio que o alimentava. Não precisaram de muito tempo para fabricar mais e todos os seus comandantes de navio, incluindo Qeran, passaram a usá-los.

O dispositivo permitia-lhe ver com a luz de Everam, a visão guardada, como lhe chamavam os hortelões. Com ela, conseguia ver os navios inimigos como se fossem iluminados pela luz do dia. Cada marinheiro ficava iluminado e as guardas nos cascos brilhavam como se tivessem sido gravadas com fogo.

A água permanecia escura, com toda a magia flutuante canalizada pelas guardas dos navios. No entanto, abaixo da superfície, Abban conseguia ver o brilho de demónios atraídos pelo alarido. Moviam-se em círculos, esperando um vão nas guardas para puxar navios inteiros para os braços de Nie.

No cais e na praia, os fundibulários inimigos provocavam baixas numerosas. Os disparos de fogo de demónio concentravam-se no interior. Os chin não desejavam destruir o cais. As fundas disparavam pedras do tamanho de punhos, dispersando-se para destruir fortificações, guerreiros e engenhos. Os escorpiões acrescentavam mortes precisas ao caos, eliminando arqueiros e kai que abandonavam a cobertura.

E, além disso, havia ainda os disparos vindos do Monte de Colan.

– Não conseguirão resistir – disse Khevat, apontando as galés que se moviam fora do alcance dos disparos, suficientemente grandes para serem vistas apenas com a luz das guardas e das chamas. – Os chin esmagá-los-ão quando as suas forças desembarcarem.

– Se desembarcarem, honrado dama – respondeu Abban.

Asavi surgiu a seu lado, olhando o lago. Abban fingiu ajustar a luneta, olhando-a através dela. Como suspeitava, as suas muitas joias brilhavam ferozmente com magia, sobretudo as moedas guardadas sobre a testa. Sem dúvida que conseguiria ver tão bem como ele na escuridão.

– Deixa a guerra para os homens verdadeiros, khaffit – disse Khevat. – Já estudava as conquistas de Kaji antes de o teu pai envergar o bido. Não há nada que os dal’Sharum possam fazer para impedir o desembarque. Terão de vencer em terreno aberto.

Abban não perdeu tempo a discutir, movendo a luneta para sul e encontrando finalmente o que procurava. Aproximando-se rapidamente a partir da baía escondida, a sua pequena frota era quase invisível sobre a água escura e o inimigo ainda não a avistara.

O navio que tomava a dianteira era Lança de Everam, comandado pelo instrutor Qeran e tripulado exclusivamente pelos homens da Centena de Abban. Era uma galé esguia com vinte remos de cada lado e velas quadradas capazes de captar quase qualquer vento. Mas as velas negras estavam presas e a galé avançava como uma flecha em direção à frota inimiga, impelida exclusivamente pela força dos remos. A proa e a popa não albergavam fundibulários e sim escorpiões especialmente concebidos e muitos, muitos soldados.

Mais duas galés a seguiam e uma vintena de embarcações menores, não transportando fundibulários ou escorpiões. Os seus porões estavam repletos de Sharum.

Abban ergueu uma segunda luneta guardada, uma cópia barata da sua, mas sendo perfeitamente adequada. Queria que o seu antigo professor visse aquilo.

– Estás certo, dama, por não depositares fé nos dal'Sharum para travarem o inimigo. Vê os meus kha'Sharum terem sucesso onde os dal'Sharum falharam.

Khevat pareceu desconfiado, mas ergueu a luneta, olhando o local para onde Abban apontava.

– Os navios que capturámos. E então? Um punhado de navios não conseguirá afundar tantos.

– Afundar? – Abban estalou a língua. – Que lucro haveria nisso? Para vencermos esta guerra, dama, a frota inimiga deverá ser nossa.

No momento seguinte, o navio de Qeran aproximou-se de uma grande galé laktoniana, uma embarcação elegante com grandes velas pontiagudas e convés coberto com armamento de ambos os lados.

Os krasianos lançaram grandes espigões que se cravaram no casco do navio inimigo. As cordas presas aos espigões tinham roldanas pesadas no extremo oposto e escravos chin corpulentos começaram a fazê-las rodar, aproximando os navios.

Antes que os laktonianos percebessem o que acontecia, Vigias kha'Sharum ágeis avançavam sobre as cordas esticadas como nie'Sharum no topo das muralhas do Labirinto. Não traziam escudos, mas todos tinham uma dúzia de lanças de arremesso às costas e, quando foram posicionadas rampas para permitirem a passagem dos restantes guerreiros, as maiores ameaças no convés foram eliminadas.

Momentos depois, os guerreiros de Abban tinham varrido o convés. Viu Qeran entre eles. O instrutor era fácil de encontrar graças à perna em falta. Matava com eficiência que teria assustado Abban se não lhe visse a aura.

Não conseguia ler corações como Ahmann ou a Damajah, mas a glória da vitória brilhava intensamente à sua volta.

Vês, instrutor?, pensou Abban. *Devolvi-te tudo o que perdeste.*

Quando o convés ficou desimpedido e o navio passou a estar controlado pela Centena, subiram Mehnding a bordo para se ocuparem do armamento chin. Uma tripulação mínima permaneceu no navio e Qeran regressou ao Lança de Everam enquanto os cabos eram cortados.

Do outro lado do lago, navios laktonianos foram tomados de forma semelhante por grupos de Sharum que tinham avançado, remando em silêncio. Os hortelões podiam ter a vantagem no fogo de longo alcance, mas, na luta corpo a corpo, ninguém conseguiria igualar os Sharum de Krasia. Jayan dera homens a Qeran e o instrutor fizera-os correr implacavelmente para trás e para diante sobre conveses inclinados até conseguirem equilibrar-se.

Qeran capturou pessoalmente quatro navios e o resto da sua frota capturou outros dezasseis antes que os gritos de alarme alcançassem o resto da frota laktoniana.

Só então os Mehnding nos navios abriram fogo, apontando aos navios inimigos que se tinham aproximado do cais e da praia. Enquanto as tropas laktonianas desembarcavam, os Mehnding alvejavam os hortelões com o seu próprio fogo de demónio. Guerreiros chin gritaram e arderam enquanto os piratas de Abban voltavam a sua atenção para os navios seguintes. Grandes correntes foram lançadas, rasgando velas e quebrando remos, deixando os navios à deriva.

Os comandantes laktonianos, superando ainda em número os piratas, voltaram-se para o novo inimigo, mas os arqueiros Mehnding dispararam flechas em chamas, atingindo as velas e os conveses enquanto os chin tentavam adaptar a trajetória dos disparos.

O Lamento do Sharum surgiu. O navio ágil posicionou-se para usar o seu armamento. A vantagem da surpresa depressa se perdeu e os números começaram a traduzir isso mesmo. Mas, ao contrário dos hortelões, os guerreiros Sharum estavam preparados para morrer. Quando os seus navios foram danificados, mostraram-se mais do que capazes de abalroar o inimigo e saltarem para junto dele, lutando corpo a corpo.

Mesmo assim, a batalha na água parecia perdida e os laktonianos conseguiriam regressar ao seu bastião. Havia um último truque que Qeran podia tentar, mas o instrutor resistira longamente à possibilidade e até Abban concordava que era uma manobra desesperada e que poderia ser mais prejudicial que benéfica.

Jayan baixou o véu.

– Sou Jayan asu Ahmann am'Jardir am'Kaji, primogénito do Shar'Dama Ka e da Damajah, Sharum Ka de Krasia. – Acenou brevemente com a cabeça do alto da sua sela. – Posso ver a tua face e ouvir o teu nome, chin, antes de te enviar para o julgamento de Everam?

– Não... – começou Sament, mas Thamos ignorou-o, cravando a lança no chão onde seria facilmente alcançável e abrindo a correia que lhe fixava o elmo.

Enquanto o erguia, Jayan arregalou os olhos.

– Tu. O príncipe que veio com o Par'chin a...

Thamos acenou afirmativamente.

– Sou o príncipe Thamos, quarto filho do duque Rhinebeck II, comandante dos Soldados de Madeira, terceiro na linha de sucessão ao trono de hera e conde do Condado do Outeiro.

Jayan mostrou-lhe os dentes.

– O que se atreveu a tocar na prometida do Libertador.

Ouviu-se um murmúrio irado alastrando entre os Sharum ao ouvirem aquilo.

– Leesha Papel escolheu-me a mim antes de Ahmann Jardir cair para a sua morte. – Thamos apontou Jayan com a lança. – E tu partilharás o seu destino. Desafio-te para o Domin Sharum.

Jayan riu-se e, após um momento, os guerreiros imitaram-no.

– O Domin Sharum é um combate honrado perante Everam, chin. – Jayan apontou-lhe também a lança. – Atacaste homens na noite da Lua Nova. Não tens qualquer honra.

– Capturámos o teu irmão e os seus tenentes – replicou Thamos. – Fere-nos e não voltarás a vê-los.

– Icha? – perguntou Jayan.

Thamos acenou afirmativamente.

– E três kai, meia dúzia de instrutores e mais de cinquenta Sharum. Concede-me um combate honrado e serão libertados.

Jayan voltou-se para os seus dal'Sharum.

– Vejam como os guerreiros chin tentam regatear as suas vidas como mercadores khaffit!

Os guerreiros krasianos manifestaram ruidosamente o seu desprezo, cuspindo em direção a Thamos.

Jayan voltou-se para Thamos.

– Podes ficar com o meu irmão e os seus homens! Se foram fracos e estúpidos a ponto de serem capturados por chin, não merecem outro fim. Iremos resgatá-los no momento certo.

Ergueu o véu.

– Mas, se desejas que te mate pessoalmente por te achares capaz de encornar o Shar'Dama Ka, conceder-te-ei esse desejo.

Thamos baixou rapidamente o elmo e ergueu a sua lança longa, impelindo o cavalo para que contornasse Jayan enquanto se preparava.

Nenhum dos homens hesitou durante muito tempo, fazendo avançar os seus grandes cavalos em cargas quase idênticas com as lanças em baixo.

No último momento antes do embate, Jayan ergueu a lança, apontando-a ao peito de Thamos. Com um gesto inesperado, Thamos atirou habilmente ao ar a sua lança longa, apanhando-a com a mão erguida muito mais perto da cabeça.

A lança de Jayan atingiu o conde em cheio no peito, mas viu-se um clarão de magia produzido pelas guardas na armadura de Thamos e a arma fraturou-se.

No momento seguinte, Thamos ficou suficientemente próximo para conferir força e velocidade a uma série de movimentos rápidos da lança, golpeando as defesas de Jayan e procurando uma abertura.

Jayan tentou afastar-se para se recompor, mas o conde era um cavaleiro mais experiente e a sua égua perseguia o garanhão de Jayan como um cão pastor perseguiria uma ovelha, mantendo-os próximos enquanto o conde prosseguia o tormento.

Jayan moveu o escudo com velocidade frenética e, protegido por ele e pela sua armadura de vidro, conseguiu defender-se. Mas foi forçado a adotar uma postura defensiva e não tinha lança para atacar. O conde não tardaria a encontrar uma junta na sua armadura, desferindo um golpe fatal.

Jayan empurrou com o escudo, fazendo Thamos recuar o suficiente para expor a montada. A parte superior do pescoço da égua estava coberta com armadura, mas a garganta não e Jayan cravou a haste partida da lança na carne do animal.

A égua ergueu-se nas patas traseiras, engasgando-se e caindo enquanto as patas dianteiras escoiceavam em desvario. Thamos manteve-se montado enquanto o animal começava a tombar, conseguindo afastar-se antes de embaterem no chão.

Briar achou que terminaria ali, mas Jayan regressou para junto dos seus tenentes, desmontando e pegando numa lança de infantaria com quase dois metros de comprimento.

Thamos ergueu-se enquanto Jayan começava a avançar para ele. Deixou a sua lança de cavalaria com três metros na lama, puxando uma lança de duelo angierana do suporte nas suas costas enquanto esperava que o inimigo se aproximasse.

Jayan rosnou, posicionando os pés como o pai de Briar lhe ensinara anos antes. Os seus passos em diante eram rápidos e pragmáticos, apoiando a lança no braço do escudo. O seu braço moveu-se vertiginosamente enquanto golpeava como o conde fizera montado, procurando na armadura de madeira fraquezas que pudesse explorar.

Thamos bloqueou a maior parte dos golpes com o escudo e a couraça, atacando com a lança o vão entre as placas couraçadas na coxa de Jayan.

Mas Jayan afastou o membro da trajetória da arma. Com a mão do lado do escudo, segurou as correias nas costas de Thamos e puxou, cravando-lhe um joelho no estômago enquanto Thamos era projetado de costas, momentaneamente atordoado.

Jayan voltou a ter a vantagem, contornando o conde enquanto este se recompunha e se erguia, rosnando. Curvou-se, raspando os pés no chão.

– Poderei não ver o amanhecer, mas tu também não – prometeu Thamos.

Jayan riu-se.

– Tens bolas grandes, chin. Depois de te matar, poderei cortá-las para tas enfiar pela garganta abaixo.

Thamos avançou rapidamente, com ligeireza que Briar não julgaria possível. As guardas na sua armadura brilhavam enquanto a lança de duelo se movia em golpes e bloqueios.

Jayan defendia-se com confiança sem nunca perder o equilíbrio. Esquivou-se a um golpe, rodopiando para atingir Thamos violentamente na face com a aresta do escudo. O conde cambaleou para trás e Jayan avançou, desferindo golpes rápidos contra a sua armadura que o massacravam mesmo que não conseguissem atingi-lo. Thamos foi empurrado como um animal para o centro do círculo.

O conde desferiu também um golpe idêntico, mas Jayan estava pronto. Largou o escudo e estendeu a mão para o bíceps de Thamos do lado defensivo. Rodopiou no sentido dos ponteiros do relógio, endireitando o braço e golpeando com força o vão por baixo do elmo de Thamos.

O conde cambaleou por um momento antes de cair ao chão.

Por fim, Qeran deu o sinal e os fundibulários libertaram nova chuva de barris de alcatrão aquecido contra o casco dos navios inimigos que

avançavam para o porto.

Cobrindo as guardas.

O efeito foi imediato. Abban viu o brilho dos demónios da água enquanto avançavam para os navios vulneráveis, captando um escasso vislumbre das criaturas raras enquanto rompiam a superfície aqui e ali para furarem cascos com tentáculos e tenazes. Alguns mantiveram-se erguidos acima da água durante tempo suficiente para se introduzirem nos navios, varrendo os conveses tão facilmente como um batalhão de Sharum.

A superfície do lago cobriu-se com espuma, com homens e mulheres gritando enquanto eram puxados para baixo.

A seguir, perante o seu olhar horrorizado, um demónio enorme aproximou-se da superfície. A água ergueu-se com grandes ondas coroadas de espuma enquanto tentáculos tão altos como os minaretes do Sharik Hora se erguiam à volta de um dos navios maiores, envolvendo-o e apertando. O convés fraturou-se com a pressão e marinheiros indefesos foram sugados para o fundo. Momentos depois, o navio desapareceu por completo, tragado por toneladas incontáveis de água.

Khevat fixou um olhar sombrio em Abban.

– Isto é obra tua, khaffit?

Abban engoliu em seco, mas, depois do que testemunhara, havia pouca coisa que o clérigo pudesse fazer para o assustar.

Endireitou as costas, fortalecendo a sua determinação.

– Sim, dama. Não culpes o instrutor Qeran. Mostrou-se muito contrário ao plano e Jayan não foi informado.

Khevat limitou-se a olhá-lo. Era uma tática de negociação que Abban conhecia bem, permitindo que um adversário se comprometesse com as suas próprias palavras, mas Khevat era mestre de sharusahk e o clérigo de maior estatuto na Cisterna de Everam. Se decidisse matá-lo ali mesmo, Abban não poderia fazer nada para o impedir.

Poderia apenas tentar convencê-lo a não o fazer.

– Olha – disse Abban, apontando o caos na água. Cumprindo as suas ordens, Qeran e os navios capturados retiraram com toda a velocidade enquanto os demónios se alimentavam freneticamente. – A maioria dos navios que capturámos estão seguros e a frota inimiga foi destruída. Os poucos navios que lhes restam regressam à sua cidade flutuante. Até o Lamento do Sharum foge de nós e atrevo-me a dizer que a comandante Dehlia não mostra os seios desta vez.

– Entregaste os nossos inimigos aos alagai – disse Asavi, com um tom de voz baixo e perigoso. – Entregaste-os a Nie.

– Sim – admitiu Abban. – Não havia outra hipótese para conseguirmos derrotar a investida e conseguir capturar navios suficientes para superar o impasse. Deveria ter permitido que os nossos homens morressem?

– São Sharum – afirmou Khevat. – As suas almas estão preparadas e conhecem o preço da guerra.

– Tal como eu – respondeu Abban. – Conheço o preço e paguei o que foi necessário pela vitória. Estes homens atacaram durante a noite, na Lua Nova. Não são nossos irmãos. Não são inimigos de Nie. Pelo contrário, cumprem os seus desígnios e limitei-me a devolver-lhos.

Apontou Khevat com um dedo. Era um gesto simples que, mesmo assim, dava motivo suficiente ao dama para matar um khaffit segundo a lei evejana.

– Paguei o preço pelos nossos homens. E por ti.

– Por mim? – questionou Khevat.

– E pelo Sharum Ka. E até por Qeran, que teria recusado a ordem se não tivesse jurado obedecer-me. Poderão ir todos ao encontro do Criador sem peso na alma. O khaffit sem alma poupou-vos à responsabilidade. Que seja Everam a julgar-me, quando finalmente coxear até ao fim do caminho solitário.

Khevat fitou-o longamente e Abban pensou se estaria diante do Criador em breve. Mas, a seguir, o dama voltou-se para Asavi com expressão inquisitiva.

A dama’ting estudou-o com o olhar e Abban precisou de esforço para não se encolher.

Por fim, acenou afirmativamente.

– O khaffit diz a verdade. Está condenado a sentar-se diante dos portões do Paraíso até Everam se apiedar, concedendo-lhe outra vida. É inevera.

Khevat grunhiu, aproximando-se da janela e pousando uma mão sobre o vidro enquanto via os navios a arder.

– Estes homens não eram nossos irmãos – concordou, por fim. – Não os forçámos a atacar durante a noite. Inevera.

Abban expirou, percebendo apenas nesse momento que sustivera a respiração.

VINTE E SETE

DAMA NA ESCURIDÃO

334 DR Inverno

– Disseram que tinha sido amaldiçoada por Everam quando pari três filhas depois de Ahmann – disse Kajivah à multidão, indicando Imisandre, Hoshvah e Hanya com a mão. A Santa Mãe vestia lã negra simples e envergava o véu branco de kai'ting, mas, ao contrário das outras mulheres que partilhavam o sangue de Ahmann, Kajivah começara também a usar um toucado branco.

Inevera, observando da bancada real enquanto a Santa Mãe abençoava a festa da Lua Nova, desejou estar noutro sítio qualquer. Ouvira a idiota fazer o mesmo discurso mil vezes.

– Mas sempre disse que Everam me abençoou com um filho tão grandioso que não precisava de irmãos! – A multidão irrompeu em gritos de aprovação das palavras, com guerreiros batendo com os pés e golpeando os escudos com as lanças enquanto as suas esposas aplaudiam e as crianças uivavam de deleite.

– Agradecemos a Everam pelo alimento que estamos prestes a partilhar, mais rico do que tudo o que muitos de nós conheciam antes de Ahmann nos conduzir da Lança do Deserto até às terras verdes – prosseguiu Kajivah. – E desejo agradecer às mulheres que se esforçaram tanto para preparar a festa.

Mais aplausos.

– Honramos as Sharum'ting que se erguem com orgulho na noite, mas há outras formas de honrar o Criador. Recordemos as esposas e as filhas que mantêm cheios os ventres dos nossos homens, que mantêm as suas casas limpas, os seus berços repletos de crianças. Honramos hoje os homens que

nos protegem dos alagai, mas também as mulheres que os deram à luz e que os amamentaram, que lhes ensinaram o que é a honra, o dever e o amor à família. Mulheres modestas e humildes diante de Everam, construindo os alicerces com que contam os nossos guerreiros.

Os gritos de júbilo aumentaram de tom, com mulheres ululando como demonstração de amor e devoção. Inevera viu mais do que uma mulher chorando abertamente e não acreditou.

– Demasiadas de nós esquecem quem somos e de onde viemos, baixando os nossos véus e cobiçando as vestes imodestas das mulheres nortenhas. Mulheres que ousam vestir cores como se fossem a própria Damajah! – Kajivah indicou Inevera com um gesto largo e ouviram-se apupos e assobios. Inevera percebeu que eram dirigidos às mulheres imodestas, mas não conseguiu evitar sentir um formigueiro provocado pelos assobios que se seguiram ao seu nome.

– A Damajah foi sensata em atribuir esta tarefa à Santa Mãe – disse Ashan. – O povo adora-a.

Inevera não estava assim tão certa. Parecia suficientemente inofensivo pedir a Kajivah que planeasse festas. Mantinha-a ocupada e longe do seu caminho. Mas, de alguma forma, a tola conquistava os corações do povo com a sua ignorância e valores conservadores. O seu povo vivia um momento de mudança. Para triunfarem na Sharak Sun, não podiam manter o isolamento em que tinham vivido durante séculos na Lança do Deserto.

Kajivah não mostrou sinais de abrandamento, empolgando-se com o sermão como um dama que tivesse surpreendido Sharum jogando dados e bebendo couzi. Para uma mulher com a cabeça oca, Kajivah conseguia falar durante horas se não a impedissem.

Inevera ergueu-se e, imediatamente, a multidão silenciou-se, com as mulheres ajoelhando-se e pousando as mãos no chão enquanto os homens, dos Damaji aos Sharum, se curvavam em vénias demoradas.

Aquela visão costumava confortá-la. Era uma recordação do seu poder e do seu estatuto divino. Mas havia também poder em conseguir motivar o júbilo do público. Talvez demasiado poder para uma mulher simples como Kajivah.

– A Santa Mãe é realmente humilde – afirmou Inevera. – Ninguém se esforçou mais para preparar esta festa grandiosa do que a própria Kajivah. – O público voltou a manifestar a sua euforia e Inevera cerrou os dentes. – Não poderemos honrá-la mais do que participando. Em nome de Everam, iniciemos a festa.

– Receio que tenhamos aberto a garrafa de um djinn – comentou

Inevera.

A sua mãe, Manvah, beberricou o chá. Era a sua primeira visita aos aposentos reais, mas, se estava impressionada com a opulência que a rodeava, não o demonstrou.

– Tendo lidado diretamente com a mulher, terei de concordar – disse Manvah. O pavilhão de Manvah no novo bazar fornecia muitas das decorações usadas no festim da Lua Nova, valendo-lhe um convite. O seu marido khaffit, Kasaad, não fora convidado.

Fora um risco conceder-lhe uma audiência privada, mas Inevera precisava mais da sua mãe naquele momento do que em qualquer outro. O eunuco que a conduzira pelas passagens secretas tinha sido drogado. Acordaria sem qualquer memória da mulher e, com o véu erguido, Manvah parecer-se-ia com qualquer outra mulher enquanto saía da passagem e alcançava a secção pública do palácio.

– Comecei por considerar que não passaria de uma reles regateira, mas, depois de suportar algumas das suas cenas, percebo que a avaliei mal. – Manvah abanou a cabeça. – Receio ter-te aconselhado mal neste assunto, filha. Deduzirei a falha da tua dívida.

Inevera sorriu. Era uma piada que partilhavam, pois Manvah fazia Inevera, a Damajah, tecer folhas de palmeira para ela sempre que a filha a procurava para obter conselho.

– Não finge – disse Inevera. Manvah ensinara-lhe que uma cena válida ajudava a regatear, mas sempre de forma calculada. Um bom regateador nunca perdia a compostura.

Kajivah não conseguia controlar a sua.

– Mesmo assim, o povo ama-a – disse Manvah. – Até as dama’ting saltam quando a ouvem.

– Nie me leve se conseguir perceber porquê – replicou Inevera.

– É bastante simples – disse Manvah. – O nosso povo passa por um momento de grande agitação, deixando muitos sem um ponto de apoio seguro. Kajivah dá-lhes isso mesmo, falando de uma forma que as massas conseguem compreender. Move-se entre eles. Conhece-os. Passas o teu tempo aqui no palácio, muito distante.

– Se não fosse a mãe do Libertador, envenená-la-ia sem pensar duas vezes – disse Inevera.

– Ahmann não ficaria satisfeito com isso depois do seu regresso – respondeu Manvah. – Nem mesmo tu conseguirias esconder tal coisa da visão divina do Shar’Dama Ka.

– Não. – Inevera baixou o olhar. – Mas Ahmann não regressará.

Manvah olhou-a, surpreendida.

– Os teus dados disseram-te isso?

– Não de forma direta – revelou Inevera. – Mas referiram o cadáver do Shar'Dama Ka e não consigo ver-lhe quaisquer futuros. Só um milagre de Everam impedirá o nosso povo de seguir em frente sem ele até conseguir criar outro.

– Criar? – repetiu Manvah.

– De todos os mistérios que os dados me revelaram – disse Inevera –, nenhum me abalou tanto como perceber que os Libertadores não nascem. São criados. Os dados guiar-me-ão até ao seu sucessor e mostrar-me-ão a forma como poderei moldá-lo.

Inevera esperou que Manvah ficasse boquiaberta, tal como ela ficara quando descobrira, mas, como era habitual, Manvah absorveu a informação sem reagir e seguiu em frente.

– Quem será, então? Certamente, não será Ashan. Jayan? Asome?

Inevera suspirou.

– Quando lancei os dados pela primeira vez por Ahmann, quando era um rapaz de nove anos, vi o potencial que albergava. Acreditei que fosse uma raridade irrepetível, mas, após anos a procurar, encontrei o mesmo potencial noutro. O Par'chin, quando era mais novo que Asome. Nunca antes ou depois desses dois encontrei um homem ou um rapaz com esperança de seguir o caminho do Libertador. Um dos meus filhos poderá precisar de ocupar o trono, mas limitar-se-ão a guardá-lo para quem vier a seguir.

– Ninguém se erguerá voluntariamente de um trono – assegurou Manvah.

– É por isso que espero adiar o momento durante tanto tempo quanto possível – disse Inevera. – Ainda há tempo, queira Everam. Nenhum dos rapazes provou o seu valor de forma significativa. Sem quaisquer feitos, nenhum deles conseguirá tomar o poder ao Andrah. A minha preocupação neste dia será encontrar uma forma de controlar Kajivah.

– Odeio sugerir isto – comentou Manvah –, mas a resposta poderá ser passar mais tempo com ela.

Inevera fitou-a sem dizer nada.

– E tornar o teu vestuário um pouco mais modesto. – O sorriso notou-se apenas nos cantos da boca de Manvah, mas era inconfundível.

Ashia esperou impassível enquanto Asome cortava a mão, fazendo o sangue pingar sobre os dados de Melan.

O seu marido tinha feito aquilo com frequência desde que haviam sido informados do ataque iminente à Doca. As mãos de Asome estavam cobertas de ligaduras.

Asome e Asukaji continuavam a olhar o processo com fascínio. Crescendo no Palácio das Dama'ting, Ashia vira o ritual do lançamento dos dados vezes incontáveis, mas nem ela conseguia alhear-se. Havia beleza e mistério nos alagai hora. Olhou os dados enquanto Melan os lançava, sustendo a respiração em antecipação daquele momento perfeito em que os dados eram desviados da sua trajetória natural, movidos pela mão de Everam.

No seu âmago, sabia que o poder vinha dos ossos e das guardas, mas Ashia não acreditava que qualquer das Noivas de Everam conseguisse invocar a Sua mão. Para qualquer outra pessoa, seriam apenas dados.

Apesar de todo o seu poder e da proximidade com Everam, Ashia não cobiçava as vestes brancas e o sangue dos dama. Também ela sentia o toque de Everam. Vibrava através dela quando matava alagai. Não era a magia, mesmo que fosse também uma sensação intensa. Sentira-o mesmo naquela primeira noite, quando matou com uma lança sem guardas. Havia uma sensação de justiça, uma calma total e uma certeza de que fazia a Sua obra. Era o seu propósito na vida. O dom do sangue dos Sharum.

Melan ergueu o olhar, com a face velada banhada com luz guardada escarlate.

– Esta noite. A divergência será agora ou nunca. Quando Jayan regressar, virá reclamar o Trono dos Crânios. Se não agires esta noite, tomá-lo-á.

Por um instante, Ashia perdeu o seu centro, varrido por uma memória.

– Permite que te derrote – disse a Damajah a Ashia.

– Hã? – perguntou Ashia. Acabara de ser elevada à condição de Sharum'ting e seria enviada até ao jovem Sharum Ka pela primeira vez com as suas irmãs de lança.

Inevera escolhera as jovens como suas guarda-costas, mas não deixavam de ser Sharum sujeitas à autoridade de Jayan. Deveria «avaliá-las» naquela noite para assegurar o seu valor e determinar onde seriam posicionadas na alagai'sharak.

– Jayan é orgulhoso – disse Inevera. – Procurará dominar-te diante das tuas irmãs para assegurar que não o ameaçarás. Desafiar-te-á para um duelo com o pretexto de avaliar o teu sharusahk, mas a luta será muito real.

– E pretendes que... perca? – Era impossível. Impensável. Durante

quantos anos fora forçada a fingir fraqueza como esposa tímida do push'ting Asome? A Damajah prometera-lhe que isso mudaria quando recebesse a lança.

– Ordeno-te que percas – exigiu Inevera, fazendo a voz subir de tom. – Mostra-lhe o teu valor. Conquista o seu respeito. E perde. Se não o fizeres, matar-te-á.

Ashia engoliu em seco, sabendo que deveria ficar calada e acenar afirmativamente.

– E se o matar a ele?

– É o filho primogénito do Libertador – explicou Inevera. – Se o matares, todos os Sharum e dama em Krasia exigirão a tua cabeça e o Shar'Dama Ka não se oporá.

Não disse nada acerca do seu papel naquilo, mas Jayan era também o seu primogénito. Ashia sabia que o filho mais velho de Inevera a incomodava, mas não deixava de o amar.

– Sei que esta ordem fere o teu coração de Sharum – disse Inevera. – Mas é por amor que a dou. Sou a Damajah. O teu orgulho e a tua vida pertencem-me. – Pousou delicadamente uma mão no ombro de Ashia. – Valorizo menos o primeiro que a segunda. Everam tem um plano para ti e não envolve a tua morte pelo ego frágil de um homem.

Ashia acenou afirmativamente, afastando-lhe a mão enquanto se ajoelhava e pousando as mãos no chão, pressionando a testa entre elas.

– Será como ordena a Damajah.

Não houve muitas testemunhas. Jayan sabia que as Sharum'ting tinham sido apadrinhadas pelo seu pai e não desejava desacreditá-las em público. Era apenas ela e Shanvah, Jayan, Jurim e Hasik. Shanjat, o pai de Shanvah e primeiro dos kai'Sharum, deveria estar também presente. A sua ausência era eloquente.

O Sharum Ka e dois membros da sua força de elite, as Lanças do Libertador. Mesmo que, juntamente com Shanvah, conseguisse matá-los antes de fazerem soar o alarme, algo que não era garantido, dúzias de guerreiros tinham-na visto entrar na câmara de audiências. Não tinha escapatória possível.

Jayan sorriu enquanto as duas mulheres pousavam as mãos no chão diante dele.

– As minhas primas acanhadas! Encolhendo-se com cada som e nunca elevando a voz acima de um sussurro. Quem além de Everam poderia imaginar que passaram anos aprendendo sharusahk em segredo?

– Há muitos mistérios no Palácio das Dama'ting – disse Ashia.

Jayan riu-se.

– Disso, não tenho dúvidas. – Abriu o fecho da capa e despiu a túnica com placas de armadura no interior, erguendo-se em tronco nu, vestindo apenas as calças largas. – Mas foram ensinadas por mulheres e eu aprendi com o próprio Shar'Dama Ka. Devo julgar os vossos talentos para encontrar para vós um lugar na sharak. – Estendeu uma mão, convidando-as a aproximarem-se.

Ashia manteve a respiração estável enquanto se erguia. Também ela despiu a capa e retirou o escudo do ombro, passando-os a Shanvah. Não despiu a túnica, mas introduziu as mãos nos seus muitos bolsos com gestos eficientes, retirando as placas de cerâmica guardadas no interior e empilhando-as ordeiramente no chão.

Ficou mais leve quando se ergueu, avançando e começando a contornar Jayan.

A postura do adversário era forte. Jayan não mentira quando disse que o Shar'Dama Ka o tinha ensinado e o seu tio era o maior mestre de sharusahk vivo. Talvez conseguisse vencer o duelo pelos seus próprios méritos. Não envergonharia Enkido se fosse derrotada pelo filho do Libertador e Ashia preferia perder com justiça do que desonrá-los aos dois perdendo propositadamente.

A seguir, Jayan avançou e Ashia foi mais rápida. Fê-lo tropeçar com uma reação instintiva, cravando a biqueira num ponto de convergência que lhe deixou o pé dormente por um instante. Perdeu o equilíbrio quando passou por ela e Ashia roubou-lhe o ímpeto, colocando-lhe a mão na axila e usando-a para o lançar de costas.

O silêncio alastrou pela câmara. Os homens pareceram espantados. Tinham esperado um resultado muito diferente. Ashia pensou se teria ido demasiado longe. Se os homens a matariam para salvar a honra do seu Sharum Ka.

Mas, após um momento, Jayan forçou uma gargalhada, voltando a erguer-se e batendo com o pé para voltar a senti-lo.

– Uma bela projeção! Vejamos que mais tens.

Defendeu-se melhor daquela vez, aplicando uma sucessão de murros, pontapés e golpes de mão aberta. Ashia esquivou-se à maior parte, defletindo os outros e minimizando o contacto. Desferiu também alguns golpes contidos, avaliando-lhe as defesas.

Para um Sharum, era bom. Um dos melhores. Mas muitos dos seus bloqueios expunham pontos de convergência, possibilitando-lhe usá-los para imobilizar, para inutilizar e para matar.

Em vez disso, saltou sobre um dos seus pontapés circulares, dando um mortal para se distanciar.

– É sensato que recues, irmã – referiu Jayan. – Ter-te-ia derrotado.

Ashia firmou o maxilar. Poderia tê-lo matado em três ocasiões diferentes. Olhou Shanvah.

A sua irmã de lança ajoelhava-se serenamente, mas moveu os dedos de uma mão, formulando uma pergunta. *Porque não aproveitas as vantagens?*

Sim. Porquê?, pensou Ashia. A Damajah tinha-o ordenado, claro, mas que exemplo dava a Shanvah e às Sharum'ting futuras se permitisse que Jayan a derrotasse?

– Não poderás afastar-te eternamente – disse-lhe Jayan. – Já te concedi demasiada energia. Vem. Mostra-me a força que tens quando não roubas a minha.

Ashia atacou tão rapidamente que Jayan não estava preparado. Afastou-lhe os braços com o capuz de serpente e curvou-se para a frente, prendendo-lhe a cintura enquanto o pé direito se erguia para o pontapear na face.

Cambaleou para trás e Ashia rodopiou no chão, golpeando-lhe o joelho por trás com o seu e fazendo-o cair.

Jayan sabia lutar no solo, torcendo-se e reposicionando o seu peso para minimizar os alvos e a vantagem concedida. Mas Ashia estava mais próxima ainda, onde o sharusahk das dama'ting que Enkido lhe ensinara seria mais mortífero. Golpes precisos quebraram-lhe as linhas de poder enquanto conseguia colocar-se sobre ele, submetendo-o e atingindo-lhe a traqueia com o antebraço, esmagando a artéria que levava o sangue até ao seu cérebro.

Jayan estremeceu. O suor cobria-lhe a face e viu-lhe medo no olhar. E também, por fim, respeito. Imaginou-se forçando-o a submeter-se, mas voltou a recordar as palavras da Damajah.

Mostra-lhe o teu valor. Conquista o seu respeito. E perde.

Jayan puxou debilmente o braço que o asfixiava e Ashia afrouxou o aperto como se o esforço tivesse feito a diferença.

Jayan susteve a respiração e avançou, esmurrando-a com força na face. Sem estar preparada para tal ferocidade, Ashia cambaleou para trás enquanto sofria golpe atrás de golpe na cara e no corpo. Eram golpes destinados a provocar dano duradouro.

Fê-la virar-se até ficar deitada de bruços, imobilizando-a sob o seu peso enquanto lhe puxava por trás a gola da sua túnica em direções opostas para bloquear o ar e o sangue, tal como Ashia lhe fizera.

Pretenderia matá-la? Não sabia. Se tivesse ido demasiado longe, se

tivesse humilhado Jayan até o fazer esquecer a razão, não hesitaria. Era o primogénito do Libertador e, se a matasse, seria simplesmente repreendido pelo seu pai e teria o apoio de todos os outros.

Mesmo naquele momento, conseguiria inverter a situação. Mesmo naquele momento, com o mundo enegrecendo diante dos seus olhos, conseguiria golpear a convergência no seu ombro, sustendo a respiração quando as suas mãos afrouxassem e invertendo as posições.

Permite que te derrote.

Não havia nada que Ashia mais desejasse do que mostrar a Jayan e àqueles homens que era melhor que eles, mas não fora isso que aprendera.

O combate é feito de enganos, ensinara Enkido. *O guerreiro sensato sabe ganhar tempo.*

Estendeu uma mão trémula para o braço de Jayan enquanto a sua visão se reduzia a um túnel escuro, com a luz ao fundo pronta para se extinguir a qualquer momento. Mas, em vez de golpear a convergência, aplicou duas palmadas débeis.

O sinal de submissão.

Jayan grunhiu, afrouxando o aperto. Ashia inspirou. O ar que lhe entrou nos pulmões foi mais doce do que qualquer outro, com exceção do que Enkido lhe permitira tantos anos antes.

Mas, apesar de parecer ter aceitado a sua submissão, Jayan não se afastou, mantendo-a imobilizada e aproximando-lhe a boca do ouvido.

– Lutas bem, prima, mas não deixas de ser uma mulher.

Ashia cerrou os dentes, não dizendo nada.

– Há quanto tempo? – sussurrou Jayan, movendo-se sobre ela. – Há quanto tempo o meu irmão push’ting te tratou como sua esposa pela última vez? Calculo que tenha acontecido apenas numa ocasião. – Roçou-se contra o seu traseiro e Ashia sentiu-lhe a ereção. – Quando estiveres preparada para um homem verdadeiro, procura-me.

– Jayan não poderá subir ao trono – disse Ashia. – Teria de matar o meu pai para conseguir fazê-lo e não seria um governante sensato.

Asome acenou afirmativamente.

– Ajuda-me a travá-lo.

– Como? – perguntou Ashia. – Se sair vitorioso esta noite, não conseguiremos alterar o rumo dos acontecimentos mesmo que o desejássemos. E não te ajudarei a roubar o trono durante a sua ausência. A Damajah pronunciou-se. O Shar’Dama Ka regressará.

– Os dados dizem que poderá regressar, rapariga – disse Melan. – Não que acontecerá realmente.

– Tenho fé – afirmou Ashia.

– Eu também – concordou Asome. – Não te peço que me ajudes a reclamar o trono, jiwah. Apenas que me ajudes a conquistar glória igual à do meu irmão, para que a validade da sua pretensão seja diminuída e para que o Andrah mantenha o poder até ao regresso do Shar'Dama Ka.

– Como? – voltou a perguntar Ashia.

– Estamos na Lua Nova – disse Asome. – Esta noite, partirei com os meus irmãos dama recém-ordenados para enfrentar os alagai.

– É proibido – disse Ashia.

– Terá de acontecer – replicou Asome. – Ouviste a dama'ting. A Damajah não conseguirá afastar Jayan do trono. O Andrah também não. Só eu poderei fazê-lo e apenas esta noite. Amanhã será demasiado tarde. Faço isto porque tenho de o fazer – acrescentou Asome. – Para bem de toda a Krasia. Para bem de todo o mundo. Mas tenho medo.

Estendeu-lhe uma mão.

– Sem dúvida que terás sentido algo semelhante na primeira noite em que a Damajah te ordenou que desafiasses a lei evejana para reclamar o teu direito de te tornares Sharum. Imploro-te, se algum dia te viste como minha esposa, ergue-te agora comigo.

Ashia hesitou e acabou por lhe aceitar a mão.

– Erguer-me-ei a teu lado, marido. Com orgulho.

Ashia olhou a Damajah das sombras enquanto Inevera entrava nos seus aposentos. Permanecia alerta ao mínimo perigo que pudesse ameaçar a sua mestra, mas, mesmo assim, sentia os seus pensamentos acelerados. Era seu dever servir a Damajah em todas as coisas, mas Asome era o seu marido e era filho do Libertador.

Qual das suas lealdades era mais forte? A lealdade a Everam, claro, mas como poderia ela, que mal era digna da Sua atenção, avaliar o Seu plano? Não seria essa a função da Damajah? Deveria informá-la do plano de Asome sem demora e permitir que fosse Inevera a determinar qual era a vontade de Everam.

Mas hesitou. Talvez não pudesse conhecer o Seu plano, mas, no seu coração, a voz de Everam era clara. A Sharak Ka aproximava-se e não havia lugar para quem não lutasse. Asome tinha espírito de guerreiro, treinara como guerreiro, mas, tal como ela, tinha sido proibido de usar o

que aprendera, mesmo perante o avanço das forças de Nie.

O Libertador concedera o direito de lutar aos khaffit e até às mulheres. Porque não poderia fazê-lo também aos clérigos? A cobardia de velhos deveria poder ditar o destino dos jovens enquanto os alagai dilaceravam a Fortuna de Everam?

Depois de Asome matar um alagai, não haveria forma de o impedir. Era o filho dama do Shar'Dama Ka e da Damajah e a sua glória não conheceria limites. Nem mesmo a Damajah conseguiria travá-lo.

Até esse momento, os seus planos podiam ser anulados, custando guerreiros à causa de Everam e sentando um rapaz indigno no Trono dos Crânios.

Inevera parou, olhando Ashia como se as sombras que a escondiam não estivessem presentes. Ashia sentiu-se enregelar. Sabia que não conseguiria esconder-se da sua mestra, mas era sempre perturbador quando a Damajah a olhava diretamente enquanto se escondia.

– Sentes-te bem, querida?

– Não é nada, Damajah – respondeu Ashia, apressando-se a encontrar o seu centro e deixando os seus medos e dúvidas afastarem-se.

Mas Inevera semicerrou os olhos, fitando-a. A sua visão divina afastou o centro de Ashia como as camadas de uma cebola.

– A noite vindoura preocupa-te.

Ashia engoliu em seco, acenando afirmativamente.

– É a Lua Nova, mestra.

– Alagai Ka tenta levar-nos a descontrair as nossas defesas, não se manifestando – concordou a Damajah. – Tu e as tuas irmãs terão de se mostrar particularmente vigilantes, correndo a informar-me se testemunharem alguma coisa fora do normal.

– Assim farei, Damajah – replicou Ashia. – Juro-o pelo meu amor a Everam e pela esperança de alcançar o Paraíso.

Inevera continuou a olhá-la atentamente e Ashia esforçou-se muito para manter o centro. Por fim, a Damajah acenou com a cabeça.

– Regressa aos teus aposentos e passa com o teu filho as horas que restam até à concentração das forças.

Ashia curvou-se.

– Assim farei, mestra. Obrigada, mestra.

* * *

Ashia apertava contra si o jovem Kaji enquanto via Asome e Asukaji a preparar-se para a noite.

Os seus preparativos próprios tinham sido rápidos e eficientes como resultado de anos de treino. As suas armas e a sua armadura estavam oleadas e dispostas de forma precisa. Mesmo que vestisse um roupão de seda simples nos seus aposentos privativos, conseguiria vestir a armadura e ficar pronta para combater em momentos.

O seu irmão e o seu marido, no entanto, caminhavam para trás e para diante, tão diligentes nos preparativos como mulheres. Tinham as mãos envoltas em seda branca, expondo unicamente o primeiro nó dos dedos. Como Ashia e as suas irmãs, Asome pintara guardas de combate nas unhas das mãos e dos pés de Asukaji, cobrindo os símbolos com verniz transparente para os endurecer e proteger.

Asukaji cerrou os punhos, movendo-se numa sucessão de sharukin com a precisão de um mestre, fletindo os dedos para ativar combinações diferentes de guardas.

– Experimenta as pratas – sugeriu Asome, fazendo Asukaji acenar afirmativamente enquanto se aproximava de um estojo de madeira lacada na sua cómoda. No interior, havia duas peças de prata polida e guardada moldadas para cobrirem os dedos. Ajustou-as confortavelmente sobre os nós dos dedos, dotando o seu irmão de punhos capazes de atingir os alagai como relâmpagos.

Asukaji repetiu os seus sharukin, acrescentando movimentos para aproveitar ao máximo as armas.

– Agora o bastão – disse Asome, retirando a vergasta de Asukaji do seu suporte e atirando-lha.

O bastão era uma arma gloriosa. Dois metros de flexível madeira dourada nortenha decorada com guardas poderosas e reforçada em cada extremo com prata guardada. Asukaji apanhou o bastão, fazendo-o girar rapidamente enquanto o incorporava nos seus sharukin. A vergasta moveu-se com velocidade que os olhos não conseguiam acompanhar e, nas mãos de um mestre, a madeira maleável conseguiria curvar-se para superar defesas que defletiriam uma arma rígida.

Ashia olhou Asome, armado apenas com o seu chicote de alagai, a arma que acompanhava todos os dama. As extremidades múltiplas e afiadas estariam sem dúvida guardadas, mas parecia pouco por comparação com a miríade de armas que o seu irmão se preparava para levar para a noite.

– E tu, marido? – perguntou Ashia. – Nem sequer pintaste as unhas. Que arma de dama levarás para a alagai’sharak?

Asome retirou o chicote do cinto, pendurando-o no seu gancho na parede.

– Nenhuma. Esta noite, lutarei como tu na noite em que as Sharum’ting se revelaram.

Ashia escondeu a surpresa.

– Lutarás com lança e escudo como o teu honrado pai?

Asome abanou a cabeça.

– Os dama estão proibidos de empunhar a lança e um escudo serviria apenas para me forçar a abrandar. Precisarei de ser rápido.

Ashia olhou-o, compreendendo aos poucos.

– Marido, não podes esperar lutar apenas com sharusahk.

– O meu pai fê-lo quando era apenas um kai – afirmou Asome.

Ashia conhecia a história. Era uma das primeiras lendas acerca da ascensão do Shar’Dama Ka.

– O teu honrado pai tinha passado anos no Labirinto quando aconteceu, marido, e, pelas suas próprias palavras, fê-lo como último recurso. Partir desarmado para a Lua Nova é...

– Loucura – concordou Asukaji, mas Asome olhou-o com desagrado, fazendo-o afastar o olhar.

– Qualquer um conseguirá matar alagai com armas – disse Asome. – Os meus irmãos Sharum fazem-no todas as noites. Não será suficiente se pretendo conquistar glória à altura do meu irmão.

Fechou uma das mãos enfaixadas num punho.

– Quer Everam queira que tenha sucesso ou não.

Asukaji e os filhos dama do Libertador partiram para a noite cobertos com capas negras. Só Asome avançava com arrojo, expondo as suas vestes brancas. Os Sharum olharam-no com apreensão, recordando que o Shar’Dama Ka proibira que os clérigos se erguessem na noite. Mas reconheceram Asome, que tinha o sangue do próprio Libertador, e nenhum se atreveu a impedi-lo.

Não havia alagai perto da cidade, sendo repelidos pelas muralhas, pelos postes guardados e por patrulhas regulares. Tiveram de se afastar muito para ouvirem os sons da batalha. Finalmente, alcançaram Hoshkamin, o irmão mais novo de Asome, envergando o turbante de Sharum Ka enquanto dava ordens aos homens que abatiam demónios dos campos numa planície ampla.

Hoshkamin olhou-os, surpreendido.

– Não devias ter saído para a noite, irmão! É proibido!

Asome ergueu-se diante dele, parecendo esguio por contraste com os

músculos volumosos de Hoshkamin. Vestia apenas seda e Hoshkamin envergava a sua melhor armadura. Estava desarmado, enquanto Hoshkamin empunhava lança e escudo de vidro guardado.

E, no entanto, Ashia percebeu que era Asome quem ocupava a posição dominante. Estavam separados apenas por dois anos, mas isso era muito para homens que não tinham chegado ainda aos vinte. Asome inclinou-se para diante e Hoshkamin deu um passo atrás.

– O Libertador não está presente para me impedir – disse Asome em voz baixa. – Nem o nosso irmão mais novo. – O seu sorriso era perigoso. O sorriso de um predador. – Tentarás fazê-lo?

Não ergueu a voz nem fez qualquer gesto ameaçador, mas Hoshkamin empalideceu visivelmente. Olhou os seus homens, sem dúvida imaginando a vergonha se o seu irmão mais velho o derrotasse diante deles enquanto envergava o turbante branco.

Hoshkamin recuou dois passos, curvando-se respeitosamente perante Asome.

– Claro que não, irmão. Dizia apenas que a noite é perigosa. Atribuir-te-ei um guarda-costas....

Asome recusou com um gesto.

– Tenho guarda-costas suficientes.

Com aquilo, o Damaji Asukaji e os irmãos dama de Asome abriram as capas, com as túnicas brancas brilhando à luz das chamas e das guardas. Hoshkamin e os Sharum fitaram-nos em silêncio enquanto avançavam para o campo de batalha.

Asome seguia à frente, avançando para um bando de demónios dos campos sendo perseguidos por uma unidade de dal’Sharum com os escudos unidos numa formação em cunha.

Foi diretamente ao vértice da cunha, afastando os Sharum com um gesto. Surpreendidos por verem um dama filho do Libertador, recuaram por instinto. Ashia e as suas irmãs de lança seguiram-no, juntamente com Asukaji e os outros.

Um dos demónios foi mais rápido que os seus companheiros a aproveitar a quebra na formação, saltando para Asome com um rugido. Ashia preparou-se para correr, atravessando-se no seu caminho se o alagai superasse as capacidades do seu honrado marido.

A preocupação foi inútil. Asome esquivou-se facilmente às mandíbulas e garras, segurando o demónio pelos chifres e girando num círculo completo que converteu toda a energia do salto do demónio numa torção que lhe partiu o pescoço. Sharum experientes foram surpreendidos pelo ruído e

recuaram quando Asome atirou o cadáver do demónio para junto dos seus pés.

Mais dois demónios avançaram contra ele, mas Asome estava pronto, prendendo o pulso de um e torcendo-o para lhe endireitar o braço enquanto apoiava a mão livre contra a articulação do ombro. Voltou a usar o impulso do demónio contra ele, fazendo-o cair no chão e partindo-lhe o braço sem esforço enquanto o colocava no caminho do seu semelhante.

O segundo demónio não hesitou e usou as garras no primeiro, abrindo ferimentos profundos enquanto saltava. Mas Asome precisou apenas de um momento para mudar o seu posicionamento, segurando-lhe os pulsos e desequilibrando-o enquanto se deixava cair para trás. Colocou-lhe uma perna à volta do pescoço, aproximando-se demasiado dos seus dentes. Rebolaram no chão por um momento, mas Ashia sabia que o seu marido controlava o aperto e até os alagai precisavam de respirar.

Não demorou a ficar imóvel e Asome ergueu-se. O outro demónio silvou-lhe, coxeando debilmente sobre três patas. Asome retribuiu o silvo, aproximando-se.

– Barba de Everam – sussurrou Hoshkamin enquanto o demónio recuava perante o avanço de Asome. Os outros Sharum imitaram-no, balbuciando ameaças e traçando guardas no ar.

Os restantes demónios do campo hesitaram por um momento, confusos, mas recompuseram-se, preparando um ataque que esmagaria seguramente Asome.

Asome percebeu o mesmo, apontando-os com um movimento brusco da mão.

– Acha!

Com aquilo, Asukaji e os outros dama emitiram gritos de guerra, erguendo as armas e passando além de Asome, deixando marido e mulher erguendo-se lado a lado.

Ashia voltou-se para Micha e Jarvah.

– Informem a Damajah do que aqui viram. Agora. Não se desviem do caminho nem abrandem até que a nossa mestra ouça o vosso relato.

As mulheres entreolharam-se e curvaram-se diante de Ashia, correndo rapidamente de volta à cidade.

Asome olhou-a, curioso.

– Há muitos juramentos contradizendo-se esta noite, marido – disse Ashia. – Mas respeitá-los-ei a todos se puder.

Asome curvou-se.

– Claro, esposa. Não te pediria outra coisa. Mas deverias ter esperado. –

Pestanejou. – O melhor está para vir.

Viraram-se em uníssono, olhando o campo enquanto os clérigos travavam a alagai'sharak. Asukaji avançou para um aglomerado de demónios, com o bastão parecendo atingi-los a todos ao mesmo tempo. Clarões de magia cintilaram e esmoreceram à sua volta enquanto rodopiava.

Os irmãos mais novos também se notabilizaram. Mesmo não tendo mais que quinze anos, haviam sido treinados em sharusahk desde o momento em que conseguiram levantar-se, cada um influenciado pelo estilo de combate distinto da sua tribo. Maji, treinado pelo mestre Aleverak, não usava qualquer arma além das unhas guardadas e das pratas. Permitiu que o demónio que enfrentava fizesse a maior parte do trabalho, conferindo energia a golpes violentos que o faziam recuar.

A lei evejana negava lâminas aos dama, incluindo as flechas de ponta larga e as facas de arremesso preferidas pelos Sharum Mehnding. Os dama Mehnding arremessavam boleadeiras e Savas não era exceção. Uma corrente guardada fina unia duas esferas pesadas de prata guardada. Savas prendeu as pernas de um demónio dos campos, imobilizando-o enquanto o golpeava selvaticamente com as pratas.

Hallam, o irmão Sharach, usava a rede de alagai favorecida pela sua tribo, com o punho de metal guardado. Apanhou um demónio pelo pescoço, apertando o laço até a magia lhe fazer saltar a cabeça. Tachin e Mazh, os irmãos Krevakh e Nanji, tinham pequenos espigões de madeira cravados nos bastões, assemelhando-se aos degraus de uma escada. Ashia viu Tachin correr ao longo do seu bastão, saltando três metros no ar, dando um mortal sobre um demónio que avançava e aterrando atrás dele. Enquanto a criatura rodopiava, confusa, atingiu-o com uma sucessão explosiva de golpes com as pratas.

Avançaram pela noite, com Hoshkamin seguindo o seu irmão mais velho enquanto Asome conduzia os seus irmãos dama à glória.

Como acontecera durante vários meses, não houve sinais de Alagai Ka, mas estavam na Lua Nova e os alagai eram mais fortes e numerosos. E havia algo mais.

– Atacam posições estratégicas – disse Ashia. Não conseguiam a precisão que tinham demonstrado quando controlados pelos demónios da mente, mas aglomeravam-se em locais onde as defesas eram mais fracas, atacando postes guardados para aumentar o seu alcance.

Asome acenou afirmativamente.

– Talvez o nosso pai se erga no limiar do abismo como previu a nossa

mãe, repelindo os príncipes de Nie. Mas os demónios também têm kai.

– Os miméticos – respondeu Ashia, apertando mais a sua lança.

– Melan previu que encontraríamos um na noite – concordou Asome. – Olhou Ashia. – Para que superemos este teste, esposa, teremos de lutar lado a lado.

Ashia acenou avidamente com a cabeça. Tinha sido um mimético a vencer Enkido e mostraria o sol àquele em honra do seu mestre.

– A tua glória não conhecerá limites esta noite, marido. É com orgulho que me ergo a teu lado.

Uma hora depois, o ataque veio sem aviso quando um grande demónio da madeira cercado pelo ataque dos dama atacou, com o braço transformando-se num grande tentáculo espinhoso. O golpe projetou meia dúzia de homens. As guardas bordadas com fio de prata nas suas túnicas defletiram a maior parte do impacto, mas todos ficaram atordoados, abanando a cabeça e pousando as mãos no chão enquanto tentavam erguer-se.

Hoshkamin avançou para proteger os seus irmãos dama. Os escudos dos seus guerreiros foram mais eficazes a defletir os golpes do mimético, mas o demónio girou, atacando pelo vão estreito entre os escudos e o solo. Sharum gritaram de agonia quando tombaram, muitos com pés cortados.

Ashia ficou aliviada por ver que Hoshkamin escapara a esse fim. A magia das dama’ting podia curar muita coisa, mas não conseguiria fazer crescer o que tinha sido cortado. Gritou ao mesmo tempo que avançava, esperando conseguir distrair a criatura enquanto os seus irmãos na noite ajustavam o seu posicionamento.

Asome seguiu-a, mas o seu marido não absorvera qualquer magia no combate noturno e não conseguiu acompanhar-lhe a passada. Era bom que assim fosse. Superara todas as expetativas, mas, sem uma unha guardada que fosse, aquele inimigo estava além das suas capacidades.

Tentáculos chicotearam-na, mas Ashia estava preparada. Esquivou-se ao primeiro, saltou sobre o segundo e defletiu um terceiro com o escudo, sem nunca abrandar. Outros dois atacaram quando se aproximou e baixou o escudo para se agachar por baixo deles.

Atingiu o alagai com a cambalhota e usou o ímpeto para acrescentar poder à perfuração do coração do demónio usando as duas mãos.

O golpe provocou uma explosão de magia, subindo pelos braços de Ashia acima e preenchendo-a com poder como nunca sentira. Os olhos negros do mimético arregalaram-se em choque e Ashia fitou-o, querendo ver esgotar-se a sua vida malévola.

– Que Everam te queime em nome de Enkido.

O demónio guinchou-lhe e Ashia tentou libertar a lança para golpear novamente, mas percebeu que estava bem presa. Continuando a fitar os olhos escuros da criatura, compreendeu o seu erro.

Um braço de demónio da rocha projetou-se do peito do mimético, roubando-lhe o fôlego enquanto a apertava com força, pressionando-a contra o chão ao mesmo tempo que as garras roçavam as placas de vidro guardado escondidas nas suas vestes. As garras não perfuraram, mas isso pouco importou e Ashia sentiu as costelas a estalar.

A sua lança, que trespassara o tronco do demónio de lado a lado, libertou-se como uma colher passando entre resina quente, caindo ao chão, longe do seu alcance. Tinha outras armas escondidas nas vestes, mas não conseguiria alcançá-las assim esmagada.

Everam, estou pronta, pensou. Servira-O em todas as coisas e morreria nas garras de um alagai, como exigia o seu sangue Sharum. Não havia qualquer desonra. Era uma criatura como a que tinha matado o seu mestre, como a que lutara contra o Libertador de igual para igual. Era uma boa morte.

Enquanto o nuclita ganhava balanço para o golpe final, Asome passou por ela com um salto. Ashia quis gritar-lhe que fugisse, mas, mesmo que tivesse fôlego, não o desonraria de tal forma.

Percorreremos juntos o caminho solitário, pensou. Que mais poderia desejar um casal? Everam unira-os em vida. Parecia adequado que morressem unidos.

A seguir, Asome atacou e viu-se um clarão de magia tão intenso que queimou os olhos guardados de Ashia. Como se tivesse olhado para o Sol, a imagem permaneceu-lhe nos olhos durante alguns momentos, mesmo que pestanejasse e abanasse a cabeça. As garras que a pressionavam afrouxaram enquanto a criatura era abalada pelas explosões, acabando por se afastar por completo.

Ashia fechou os olhos com força por um momento e acabou por abri-los.

Asome prendeu o braço do demónio com força, fazendo-o fumegar e queimar-se, iluminado pela magia. O seu marido despira-se até ficar vestido apenas com um bido branco simples, descartando até as sandálias e as faixas que lhe cobriam as mãos.

Percebia porque escondera as mãos durante os últimos dias. Os seus punhos e o corpo inteiro estavam cobertos com cicatrizes em relevo. Tal como o pai fizera, Asome cortara guardas na carne. O seu toque seria insuportável para os filhos de Nie.

O seu brilho fora ténue antes, quando lutou sem o auxílio dos símbolos, provando o seu valor perante Everam e os Sharum. Mas as guardas passavam a estar escritas com fogo na sua pele e o brilho tornou-se tão intenso que havia um halo rodeando-o que seria visível para todos, com visão guardada ou sem ela.

Baixou-se e torceu-se, desferindo golpes poderosos que fizeram o demónio recuar, defletindo os golpes de resposta. Mas até ele parecia incapaz de causar dano duradouro. Lutaram durante longos momentos e, em vez de continuar a perder terreno, o demónio parecia fortalecer-se, apoiando os pés com maior firmeza enquanto reavaliava melhor Asome, adaptando-se.

Asome percebeu.

– Irmãos! Formem um círculo! Não poderemos permitir que os servos de Nie escapem!

Mal acabara de pronunciar as palavras quando o demónio golpeou com força e um dos seus tentáculos superou as defesas de Asome. A magia impediu o tentáculo de atingir o alvo, mas, mesmo assim, o impacto fê-lo voar pelo ar.

Ashia movia-se já, rebolando e erguendo-se novamente com a lança na mão. Estudou o mimético com a sua visão guardada, mas era diferente de qualquer demónio que tivesse enfrentado antes. Cada demónio, cada criatura viva, tinha linhas de poder. A essência do sharusahk das dama’ting era a quebra dessas linhas, golpeando os pontos de convergência.

Mas as linhas do demónio eram tão mutáveis como o corpo, crescendo e encolhendo em alteração constante. Percebeu a existência de um padrão, mas não conseguiu interpretá-lo, concentrando-se apenas no facto de estar viva.

A magia que absorvera com o primeiro golpe fluía através dela, tornando-a impossivelmente rápida e forte. Tentáculos espinhosos atacaram-na de todas as direções, mas fez girar a lança, afastando-os.

O demónio vomitou fogo como um demónio da chama, mas, tal como um demónio da chama, os seus olhos fecharam-se com força e, nesse instante, contornou-o rapidamente para golpear de outro ângulo. Daquela vez, não fez qualquer esforço para desferir um golpe mortífero, limitando-se a mover rapidamente a arma para a frente e para trás para atingir o adversário com meia dúzia de golpes superficiais.

Cada ferimento cintilou intensamente, enquanto o sangue negro do demónio emitia magia em bruto tal como o fogo emitiria fumo. No momento seguinte, a perda de magia diminuiu e a área à volta do ferimento

tornou-se mais baça enquanto a carne do demónio se reparava.

O mimético guinchou e Ashia não foi suficientemente rápida quando cuspiu um relâmpago sobre ela. Dor como nunca imaginara dilacerou-lhe o corpo, chocando membros rígidos enquanto era atirada pelo ar. Acreditou que perderia a lança, mas, quando bateu no chão, permanecia firmemente nos seus dedos. Não conseguiria soltá-la mesmo que quisesse.

A seguir, tão depressa como chegara, a dor dissipou-se e os músculos descontraíram. Todo o seu corpo ardia, mas continuava a haver magia fluindo-lhe pelo corpo e a dor dissipava-se. Ergueu o olhar, vendo que Asome regressara ao combate, golpeando violentamente o mimético enquanto os seus irmãos o acossavam de todos os lados.

Savas prendeu dois tentáculos com as suas boleadeiras e a corrente guardada imobilizou-os, impedindo-os de derreter. Outro ficou preso na rede de alagai de Hallam.

Mas não passava de um incómodo ligeiro. O demónio não tardou a libertar-se das boleadeiras e movimentava Hallam para trás e para diante pela vara da sua rede. Os outros aplicaram-se na tarefa, mas sentiram dificuldades e ficaram fora do combate.

Asome continuou a massacrar o demónio e, enquanto Ashia recuperava o escudo, conseguiu ver um padrão começando a formar-se na magia da criatura. Mesmo sendo um demónio poderoso, tinha uma provisão limitada e viu a magia fluindo e sarando-lhe os ferimentos, fortalecendo-lhe os golpes e alterando a forma do seu corpo.

Com cada golpe que desferia, Asome tornava-se ligeiramente mais luminoso e o demónio perdia o brilho. Se conseguissem mantê-lo à distância durante tempo suficiente, a vitória seria inevitável.

Ashia recuou, golpeando com força a criatura presa com a rede. Cravou a ponta da lança na base de um tentáculo, cortando o membro. O demónio reparou o estrago, mas o tentáculo e a magia que continha jaziam na terra, deixando de fazer parte do todo.

Surgiram olhos nas costas do mimético, com chifres e garras erguendo-se no ar para afastar os atacantes, mas Ashia conseguia ver as suas linhas de poder e sabia que estava atento a Asome. Atirou-o por terra e abriu mandíbulas que depressa atingiram proporções gigantescas.

Ashia não percebia se quereria mordê-lo ou engoli-lo inteiro, mas não lhe deu oportunidade de fazer qualquer uma das coisas, aceitando a chicotada de um tentáculo e avançando para golpear com força. Os chifres afiados rasgaram-lhe a túnica, arrancando placas de armadura e atingindo a carne macia por baixo. Cuspiu sangue quando embateu no chão, pedindo a

Everam que Asome usasse a distração para recuperar.

O demónio hesitou, mas Asome não aproveitou a oportunidade para fugir. Enquanto a criatura rugia de dor através das mandíbulas impossivelmente largas, Asome encolheu-se e saltou em direção à sua boca.

A força do salto fê-lo passar entre os maxilares, introduzindo-se dentro da garganta do alagai. Ashia viu as suas linhas de poder estilhaçarem-se enquanto canalizava toda a sua força para sarar os danos que a pele guardada de Asome provocaria no interior. Membros derreteram, regressando à mancha indefinida, com exceção dos que os dama tinham prendido com prata guardada.

O amontoado amorfo ergueu-se e debateu-se. Asfixiado, o demónio não conseguia guinchar. Ashia percebia que perdia a sua coesão e soube que o fim seria inevitável. Mas arrastaria consigo o seu marido? Continuava vivo, continuava a combater, mas nem ele conseguiria resistir muito tempo sem respirar.

Levantando-se com esforço, Ashia voltou a avançar. Fora negada a lâmina aos dama que lutavam à sua volta, mas a faca curva media uns trinta centímetros e era suficientemente afiada para rapar os pelos de uma pata de aranha. Cravou-a até ao punho na massa gelatinosa, abrindo uma linha profunda.

O ferimento inchou de forma grotesca, cobrindo-a com sangue negro, mas Ashia não desistiu, cortando-o com maior profundidade. Por fim, um dos punhos guardados de Asome esmurrou o vazio noturno, intensamente iluminado com poder. A sua outra mão ergueu-se e as duas dilaceraram a ferida de dentro para fora.

Surgiram bocas na superfície do demónio, unindo-se num último grito antes de cair no chão, imóvel.

Asome erguia-se ali, coberto com sangue negro e brilhando como o sol. Como o seu tio abençoado.

Como o próprio Kaji.

Os seus irmãos dama e os Sharum que restavam, incluindo Hoshkamin e Asukaji, ajoelharam-se diante dele. Ashia também o sentia. Compreendia o que acontecera, mas o instinto de ajoelhar era forte. Foi apenas a sua força de vontade a permitir-lhe continuar de pé.

– O poder de Nie volta a crescer na Lua Nova, irmãos! – gritou Asome. – É apenas o primeiro dos kai de Nie a avançar. Enquanto o meu pai desafia Alagai Ka no limiar do inferno de Nie, não bastará que os Sharum se defendam. Todos os homens deverão lutar para que consigamos vencer a

Sharak Kah! O meu pai transformou os khaffit fracos em kha’Sharum! Os chin em chi’Sarum! Até as mulheres, como a minha abençoada Jiwah Ka, foram chamadas para serem Sharum’ting!

Indicou com uma mão os dama reunidos.

– Em toda a Krasia, somos só nós, os clérigos, que aguardamos ainda o nosso chamamento! Mas a espera terminou, irmãos! Tal como o meu pai chamou outros para se juntarem à alagai’sharak, é justo que seja o sangue do Libertador a dar o primeiro passo na luta. Nomeio-vos shar’dama, clérigos guerreiros capazes de guiar Krasia durante o seu momento mais sombrio.

Alastrou um silêncio atordoado em redor e, a seguir, os homens reunidos uniram as vozes em gritos de júbilo. Nem mesmo Hoshkamin, criatura do Sharum Ka, conseguiu impedir-se de esmurrar o ar, juntando-se ao grito.

– Shar’dama! Shar’dama! Shar’dama!

Kajivah dormia no quarto da criança enquanto Ashia e Asome entravam discretamente nos seus aposentos palacianos. Asukaji e os outros dama tinham procurado dama’ting para sararem os seus ferimentos, mas Ashia e Asome, sentindo ainda o rubor da magia roubada, tinham sarado já cada ferimento e nódoa negra.

Era impossível não perceber a intenção de Asome enquanto entrava bruscamente na câmara de almofadas de Ashia. Esta sentia o mesmo, puxando-o com uma mão enquanto baixava o véu com a outra, beijando-o.

A emoção da batalha, o orgulho que sentiam um no outro e o frenesim da batalha continuavam a abalá-los. Era um afrodisíaco a que nenhum deles conseguia resistir.

Ashia tropeçou no seu marido, fazendo voar Asome para a cama e trepando por ele acima.

– Dizem-me que estas camas hortelãs podem ser usadas para melhores propósitos que o sono. – Beijou-o novamente. O membro de Asome erguia-se por baixo das suas vestes como um poste de tenda.

– Continuo a ser... push’ting. – Gemeu enquanto Ashia o apertava.

– Amanhã, talvez – disse Ashia, puxando as suas vestes. – Esta noite, és meu marido.

VINTE E OITO

SHAR’DAMA

334 DR Inverno

– Violaram a minha ordem e também a ordem do Shar’Dama Ka – disse Ashan, sentado no Trono dos Crânios. Todos percebiam que a raiva na sua voz não era uma encenação. Do seu lugar acima do trono, Inevera percebia-lho na aura. – Partiram para a noite na Lua Nova para travar a alagai’sharak. Que têm a dizer em vossa defesa?

O silêncio preencheu a grande sala enquanto todos sustinham a respiração, esperando uma resposta. A sala do trono estava completamente cheia, estando presentes todos os dama da cidade, bem como todos os Sharum graduados e todas as dama’ting. A notícia da batalha noturna chegara já a todos os ouvidos na cidade e todos falavam no shar’dama. Inevera duvidava que o djinn pudesse ser devolvido à sua garrafa depois de libertado.

Asome erguia-se à frente, sem mostrar arrependimento, com Asukaji a seu lado. Atrás deles, erguiam-se os seus meios-irmãos dama com os Damaji das tribos respetivas. Os velhos estavam maioritariamente lívidos de raiva, com auras incendiadas. Tinham sido forçados a aceitar filhos de Ahmann como seus herdeiros, mas, com a ausência do Libertador e com um crime cometido, muitos desejavam ardentemente que aquela fosse a sua hipótese de se libertarem dos rapazes para retomarem o controlo direto das tribos.

Inevera quisera resolver o assunto em privado, mas Ashan, demonstrando determinação invulgar, recusou. Desejava a distância possibilitada pelo trono, receando estrangular os rapazes se os tivesse perto de si em privado.

Era um sentimento que Inevera compreendia bem. O equilíbrio do poder na cidade alterara-se já, como se fosse construído sobre alicerces de areia. Os herdeiros dama de Ahmann tinham recebido recentemente as vestes brancas e eram ainda demasiado jovens e inexperientes para controlarem as tribos e para manterem esse controlo. Os dados tinham-na informado da vitória de Jayan no lago e usaria certamente esse triunfo para reforçar a sua pretensão ao trono.

Mesmo assim, quem mais ferira Inevera fora Ashia. Esperava que os seus filhos lutassem pelo poder. Mas a lealdade das irmãs de lança deveria ter sido absoluta. Micha e Jarvah não souberam. Isso foi claro nas suas lanças quando a procuraram. Mas Ashia erguera-se diante dela, conhecendo os planos do marido e colocando a honra de Asome acima do dever para com a sua senhora.

Era um problema para resolver mais tarde. Inevera foi arrancada à reflexão quando Asome encheu os pulmões para começar a falar. Ao contrário da tensão e da raiva nos outros, a aura de Asome permanecia fria e contida, estando convencido da justeza do seu caminho e seguro na crença de ter Everam do seu lado.

– Sagrado Andrah – disse Asome, curvando-se longamente perante Ashan –, diz-se, entre os Sharum que te acompanharam a ti e ao meu pai no encontro com a tribo do Outeiro, que tu próprio travaste a alagai’sharak com eles. É verdade?

Houve burburinho na sala quando ouviram aquilo, com os dama gemendo de espanto e trocando sussurros.

Ashan semicerrou os olhos.

– O Shar’Dama Ka ordenou que o seguisse para a batalha e obedeci, defendendo-me enquanto empurrava alagai para o caminho das lanças dos Sharum. Não empunhei armas guardadas para matar.

– E, mesmo assim, a tua honra foi infinita – comentou Asome. – Também não empunhei armas. Matei os primeiros alagai apenas usando sharusakh e sem magia que me ajudasse. Foi apenas quando Nie lançou os seus kai contra nós que lutei como o meu pai, voltando o seu poder contra eles.

O burburinho voltou a intensificar-se na multidão.

– E foi precisamente isso que o teu pai proibiu – recordou-lhe Ashan. – Foi aqui mesmo, em sessão pública, que te proibiu de combateres na Lua Nova.

– O meu pai emitiu esse decreto para punir a minha arrogância – replicou Asome, motivando olhares de surpresa. Na verdade, todos os filhos de Ahmann eram arrogantes, mesmo que Inevera não soubesse de outro que o

tivesse admitido alguma vez. – A minha esposa partiu para a noite, matando alagai por ordem da Damajah. – Ergueu o olhar para Inevera, enfrentando o seu. – Sem me ter avisado previamente. Que marido não sentiria raiva depois disto? Que homem não sentiria a ferroada? Falei movido pela raiva, tentando negar-lhe a lança.

Asome voltou-se, olhando a multidão reunida.

– Mas estava errado! Foi um erro negar a honra a quem desejasse pegar em armas contra Nie e erguer-se nas fileiras unidas da Sharak Ka. Nada de enganos, irmãos e irmãs. A Sharak Ka está próxima! A minha mãe relatou a partida do Libertador para o abismo de Nie e, quando regressar, trará a totalidade das hostes demoníacas no seu encalço! Os exércitos do Libertador terão de estar preparados quando esse dia chegar, mantendo-se fortes atrás dele quando se virar para enfrentar a horda imunda e limpar Ala da sua mácula de uma vez por todas! – Virou-se para Ashan. – Porque passam os dama as suas vidas inteiras a estudar sharusahk? Para forçar Sharum e khaffit a obedecerem-nos? Não é esse o intuito de Everam. Não é essa a vontade do Shar'Dama Ka. Com cada uma das suas movimentações, o meu pai aumentou as suas forças com elementos vindos de locais improváveis. Khaffit. Chin. Mulheres. A criação dos shar'dama era inevitável, sagrado Andrah. O meu pai negou-me a honra de me ensinar isto, mas aprendi. Cresci. E, agora, enquanto o meu pai enfrenta provações longe daqui, será dever de todos os dama liderarem o povo durante a sua ausência. – Os seus olhos voltaram a fixar-se na multidão. – E, assim, na segunda noite da Lua Nova, convoco todos os dama para o combate, para mancharem as suas vestes brancas com sangue de demónio, enviando uma mensagem aos generais de Nie e deixando claro que o povo de Krasia não é fraco na noite. Que não nos ergueremos apenas quando o Libertador está connosco, mas também quando precisa que nos ergamos sozinhos. Cada unidade de Sharum tem um conselheiro dama. Partam com eles para a noite e presenciem em primeira mão o grande trabalho que fazem. O seu sacrifício. Participem na alagai'sharak e tornem-se o que deveriam ter sido desde a primeira vez que foram levados para as entranhas do Sharik Hora para aprenderem os sharukin!

Ouviu-se um rugido depois de dizer aquilo, com alguns dama e Damaji gritando em protesto, mas muitos mais eram os que gritavam palavras de apoio, ávidos pela honra que Asome prometia.

– Terás de apoiá-lo – sussurrou Inevera a Ashan através do brinco. Tinha-o dito antes, mas não havia outra escolha. Quando Ahmann recuperara as guardas de combate, permitindo enfrentar Nie em combate justo, o Andrah

e os Damaji resistiram, receando a diminuição do seu poder. Os Sharum tinham partido em grande número, dirigindo-se para o Labirinto e respondendo ao apelo de Ahmann. Se resistissem, seria uma questão de tempo até Asome fazer o mesmo.

Ashan sentia-se furioso, mas não era tolo e soube avaliar a situação.

– Há verdade nas tuas palavras, meu filho. O sangue do meu irmão Ahmann, o Shar'Dama Ka, corre com intensidade nas tuas veias. Nas veias de todos vós. Honras Everam com as tuas palavras. – Ergueu-se do Trono dos Crânios.

– E também eu o farei. Também lutarei na noite, manchando as minhas vestes.

– Tal como eu – disse o velho Aleverak, com o seu braço em falta, dando um passo em frente. – Há demasiado tempo que os dama se escondem como mulheres na Subcidade enquanto os Sharum derramam o seu sangue na noite.

Outros elementos avançaram. Alguns movidos pela paixão e outros, como se percebia pelas suas auras, por receio de serem vistos como cobardes. O vento soprava e ninguém conseguiria resistir-lhe.

– Shar'dama! E o meu irmão é o primeiro deles! Entoam cânticos pelas ruas enquanto me sento aqui, ao frio, sem fazer nada!

Jayan atirou a carta à lareira, atirando em seguida a sua garrafa de couzi. A bola de fogo que se seguiu consumiu imediatamente o papel e todos deram um passo atrás. Felizmente, as chamas não alastraram.

Traz uma taça cheia ao Sharum Ka, disseram os dedos de Abban a Sem-Orelhas. *Mas deixa a garrafa no tabuleiro.*

O kha'Sharum mudo obedeceu, mantendo os olhos fixos no chão. Mesmo encolhendo-se, era o homem mais alto na sala, mas a sua subserviência silenciosa era tão eficaz como uma Capa de Invisbilidade.

– Não encontrarás o caminho para a glória numa taça de couzi, Sharum Ka – disse Khevat.

Jayan esvaziou teatralmente a taça, limpando a boca com o véu branco. Khevat reprovou, mas não disse nada enquanto Jayan se aproximava rapidamente dele.

– Então onde o encontrarei, dama? Foste enviado para aqui para me aconselhares, não é assim? Durante quanto tempo o teu filho manterá o Trono dos Crânios se o poder do meu irmão continuar a crescer?

– O meu filho não pretendia o trono – discordou Khevat. – Foi obra da

Damajah.

– Que terias feito no lugar dela? – perguntou Jayan.

– A lei é clara – respondeu Khevat. – O trono deveria ter-te sido entregue. És o filho mais velho. O teu santo pai atribuiu-te o comando da alagai'sharak e és tu quem se encontra em terras estrangeiras, travando a Sharak Sun para glória de Everam. O teu irmão matou apenas um punhado de alagai.

– E fundou um movimento que dilacerará o clero, tal como fez o teu pai – disse Abban.

Khevat olhou-o com ferocidade.

– Ninguém te pediu a opinião, khaffit.

Abban curvou-se enquanto Jayan o olhava.

– É como diz o Sharum Ka, honrado dama. Estamos aqui para aconselhar.

– És tu quem põe couzi na mão do Sharum Ka – referiu Khevat. – Como podes esperar aconselhar um caminho glorioso?

– Sim, como? – perguntou Jayan, mas sem a troça habitual na voz. – Desejo ouvir o conselho do khaffit.

Abban sorriu.

– O Sharum Ka já sabe o que fará.

Jayan cruzou os braços, mas sorria.

– Esclarece-nos.

Abban voltou a curvar-se.

– O Sharum Ka poderia ter regressado à capital para passar o inverno. A cidade no lago está praticamente conquistada e o frio conseguirá manter um cerco mais eficiente que os guerreiros. A rebelião chin na Fortuna de Everam está esmagada. Porquê permanecer aqui, comandando os seus exércitos, tendo pouco para fazer até ao degelo?

– Que rumo me resta? – perguntou Jayan. – Com o lago gelado e a tribo do Outeiro superando-nos em número no Norte?

– Leste. Para veres com os teus próprios olhos a destruição provocada pelos teus guerreiros no mosteiro infiel que lançou o ataque contra nós – disse Abban. – Os teus engenhos de cerco cobrir-se-ão com neve se ficarem tão perto do lago, mas a Velha Estrada da Montanha para o Norte continua desimpedida.

– Não sugeres decerto que o Sharum Ka ataque Angiers – comentou Khevat. Mas Jayan esboçava um sorriso amplo. – Não temos homens suficientes para manter uma cidade dessa dimensão.

– Para manter? – repetiu Abban. – Para quê mantê-la? Será saqueada. As

muralhas nortenhas não significam nada. Derrubando os portões, conseguiremos infiltrar dez mil guerreiros nos bairros mercantis. Esvaziaremos os armazéns, capturaremos tudo o que tiver valor e regressaremos à Cisterna de Everam antes que o inverno caia por completo.

Jayan pareceu desiludido.

– Queres que leve milhares de dal'Sharum para norte apenas para roubar alguns poços?

– Incendeia o palácio se desejares. – Abban encolheu os ombros. – Captura reféns, espeta a cabeça do duque numa lança sobre a muralha. Faz o que quiseres, desde que o faças rapidamente e consigas partir antes que os seus vizinhos tenham tempo de avançar contra ti. Depois disso, terás o maior e mais experiente exército no mundo, móvel e bem abastecido, além de riqueza que superará a do teu pai. Que importará então quem se sentará no Trono dos Crânios? O próprio Kaji passou mais anos na sela do que sentado num trono.

Jayan olhou Khevat, que parecia convencido.

– É um plano arrojado, Sharum Ka. Se os Vigias da tribo do Outeiro perceberem as nossas movimentações.

– Não acontecerá – interrompeu-o Jayan. – Os meus Vigias espiaram a tribo do Outeiro durante algum tempo. As suas patrulhas não chegaram ainda ao extremo oposto da grande floresta.

Khevat olhou Asavi.

– Talvez devêssemos consultar...

– Já lancei os dados a pedido do Sharum Ka – disse a dama'ting. – O filho do Libertador derrubará os portões e fará entrar milhares de dal'Sharum na cidade antes do fim do primeiro dia.

Jayan aproximou-se de uma tapeçaria representando um mapa de Thesa na parede, apontando com a lança.

– Quantos guerreiros permanecem na Cisterna de Everam?

Não olhou Abban, mas, porque poucos dos outros conseguiam contar até números tão altos, o khaffit apressou-se a responder.

– Trinta e cinco mil Sharum permanecem no terreno alagado. Cento e vinte kai'Sharum, seis mil quatrocentos e seis dal, duzentos e trinta e quatro kha e dezanove mil oitocentos e setenta e seis chi.

– Levarei vinte mil Sharum para leste. – Jayan voltou-se para Khevat. – Dama, acompanhar-me-ás ao mosteiro e permanecerás aí com mil homens para reconstruir as fortificações com o intuito de abrigar os despojos de Angiers longe de olhares curiosos.

Khevat curvou-se.

– Sim, Sharum Ka.

– O comandante Qeran comandará o cerco de Lakton sob as ordens do meu irmão Sharu, que comandará as nossas forças terrestres.

Qeran e Sharu curvaram-se.

– Assim será, Sharum Ka.

– Jurim. O pacto do meu pai com a tribo do Outeiro não nos proíbe de roubarmos alguns poços aqui e ali. – Jayan apontou as aldeias na fronteira sul do território sob influência do Condado do Outeiro. Tecnicamente laktonianos, os povoados estavam demasiado distantes da Doca para terem valor estratégico e a tribo do Outeiro anexara as terras. – Leva trezentos homens. Não fiques mais tempo num sítio do que o necessário para saquear e incendiar num padrão previsível. Fá-los pensar que comandas muitos mais soldados do que o número real.

Jurim curvou-se, parecendo agradado com a possibilidade.

– Não será suficiente para atrair os seus guerreiros para as nossas terras, mas captará a sua atenção e fá-los-á enviar patrulhas para o sul. – O dedo de Jayan contornou o mapa a leste da Doca, passando pelos pântanos até encontrar uma linha fina dirigindo-se para norte. – Enquanto levar os meus homens para norte pela Velha Estrada da Montanha. Contornaremos o Outeiro por inteiro e surpreenderemos os angieranos desprevenidos. – Sorriu. – E não estarão preparados, depois de o dama Gorja entregar a sua mensagem.

VINTE E NOVE

O DAMA GORJA

334 DR Inverno

A mensagem tinha sido escrita com as letras grandes e toscas de Darsy Lenhador. Tal como a própria mulher, as suas cartas não perdiam tempo e iam diretamente ao assunto. Em vez de uma carta longa, como alguns poderiam escrever, a correspondência de Darsy era composta por mensagens breves, cada uma expondo um problema específico.

Mestra Leesha

As Crianças Guardadas deixaram de se aprumar. Não se apresentam à inspeção. Começaram a pintar-se com mais do que apenas caulinegra. Stefny Estalagem surpreendeu Stela com tatuagens permanentes por baixo do vestido. Yon Grisalho tentou pô-las na ordem e Callen Lenhador partiu-lhe o braço.

Passaram a viver na floresta, como dizem que o Libertador fazia durante o dia, escondendo-se do sol. Gared tolera-os porque reduzem muito o número de nuclitas. Mas até ele perde a paciência.

Disseste que tinhas um plano se uma coisa assim acontecesse. Se tens um truque na manga, chegou o momento certo.

Darsy

– Nucleados sejam – disse Leesha.

Wonda ergueu o olhar do arco que polia.

– Nucleado seja o quê?

– As coisas desmoronam-se no Outeiro – disse Leesha. Esfregou o ventre pesado. – E, se ficar muito mais tempo, não poderei viajar até ao nascimento da criança.

– Como poderemos partir sem Rojer? – perguntou Wonda.

– Não podemos – respondeu Leesha. – Mas perco a paciência com as demoras intermináveis de Janson. Não me importa o mijo de um nuclita que Jasin fosse o seu sobrinho. Tentou matar Rojer duas vezes e o que aconteceu é culpa sua.

– Duvido que isso convença alguém – disse Wonda.

– Ficarão convencidos se Gared chegar com alguns milhares de Lenhadores para nos escoltar de volta a casa – respondeu Leesha.

Wonda olhou-a por um momento e voltou a polir o arco.

– Acreditas que será preciso?

Leesha esfregou a têmpora.

– Talvez. Não sei. Espero que não.

– Se acontecer, será sangrento – comentou Wonda. – Podem chocar às vezes, mas Gar vê Rojer como um irmão mais novo.

– Todos o fazemos – concordou Leesha. – Mas o duque e os seus irmãos são casmurros. Se Gared aparecer com um exército, poderão libertar-nos, mas o Outeiro ficará por sua conta.

Wonda encolheu os ombros.

– Gosto bastante do conde e da duquesa-mãe, mas o Outeiro sair-se-ia muito bem sem eles. Precisam mais de nós do que nós deles.

– Talvez – repetiu Leesha. Mas não estava assim tão certa.

Bateram à porta. Wonda abriu-a a uma das aias da duquesa Melny.

– É um bom sinal – disse Leesha a Melny. – Mas é demasiado cedo para entusiasmos.

– Merda de demónio – considerou Araine. – A rapariga sangra de quatro em quatro Segundos Dias. Tão fiável como o amanhecer. Estamos no quinto dia e nem uma gota. Não preciso de um avental de Herbanária para perceber o que significa.

– Significa que tenho um bebé dentro de mim – retorquiu Melny.

– Não o nego – disse Leesha, fazendo a face de Melny iluminar-se. – Mas não gritaria a novidade da varanda para já. Numa fase tão precoce de uma primeira gravidez, as probabilidades de um nascimento sem problemas

são tão elevadas como as probabilidades opostas.

– Correrá tudo bem – insistiu Melny. – Sinto a mão do Criador nisto, concedendo-nos o filho de que tanto precisamos.

– Mesmo assim, não custa esperar um pouco antes de contar a toda a gente – disse Leesha. – Ainda há tempo.

– Não tanto tempo como pensas – disse Araine.

Leesha precisou de apressar o passo enquanto Araine a conduzia pela ala feminina do palácio. Estava tão habituada ao número de inválida senil que lhe parecia ver outra mulher.

Algo está muito mal, percebeu Leesha, para ter abandonado a sua máscara no salão aberto.

Cheirou-o assim que entrou. Araine abrira a janela e decorara a sala com flores frescas, mas o fedor era inconfundível, mesmo na sala ao lado. Sentiu uma pontada atrás do olho esquerdo e percebeu que acabara de desencadear uma dor de cabeça que a faria gemer de dor na cama até ao fim do dia.

Briar esperava na sala ao lado, parecendo ainda mais imundo e fedorento do que na ocasião anterior. Havia sangue nas suas roupas, que estavam molhadas por ter caminhado através de neve derretida. O que conseguia ver da sua pele estava coberto com arranhões e nódoas negras.

Leesha aproximou-se, contendo o vómito. A dor aumentava atrás do olho e também a suprimiu, procurando ferimentos.

O rapaz parecia um maltrapilho, como se não tivesse dormido há mais de uma semana. Os seus pés estavam ensanguentados e cobertos de bolhas, mas não havia infeção. Os restantes ferimentos pareciam dolorosos, mas eram superficiais.

– Que aconteceu? – perguntou-lhe.

Briar olhou Araine e foi ela quem respondeu enquanto Leesha continuava a cuidar do rapaz.

– Thamos comandou um ataque para reconquistar a Doca – referiu Araine. – Um esforço conjunto com Lakton e a resistência rizonana.

– Porque não fui informada de nada disto? – perguntou Leesha.

– Porque não confio em ti no que diz respeito aos krasianos – explicou Araine, sem rodeios. – Ter-te-ias oposto ao ataque.

Leesha cruzou os braços.

– E que resultou da vossa brilhante estratégia militar, Excelência?

– Perdemos – informou Briar em voz baixa, começando a chorar.

Leesha aproximou-se por instinto, respirando pela boca e abraçando o

rapaz enquanto chorava, com as lágrimas deixando rastos na cobertura de lama raiz-porqueira nas suas bochechas. Mil perguntas agitaram-se dentro dela, mas, naquele momento, só uma importava.

– Onde está Thamos? – perguntou.

Continuando a chorar, Briar abanou a cabeça. Introduziu uma mão na túnica, retirando um pedaço de papel coberto com manchas imundas.

– Disse que te entregasse isto.

– Hã? – perguntou Araine com mãos trémulas. Era óbvio que Briar não incluíra aquilo no seu relatório inicial.

Leesha aceitou o papel com mãos trémulas. As palavras, escritas à pressa estavam borradas, mas a letra era sem dúvida de Thamos.

A mensagem era curta.

Minha querida Leesha

Perdoo-te. Amo-te.
Duvida de tudo, mas nunca duvides disto.

Thamos

Leesha leu a cartas três vezes, com a visão tornando-se turva com as lágrimas. O choro veio apesar do esforço e largou o papel, escondendo a cara. Briar aproximou-se, abraçando-a como ela o abraçara antes.

Araine curvou-se e ergueu do chão o papel, gemendo enquanto lia.

– Devolver-nos-ão o seu corpo para sepultar? – perguntou Leesha.

Araine cobriu-se melhor com o xaile e avançou até à janela, olhando diretamente o céu invernoso cinzento.

– Espero que seja enviado em breve um emissário de Krasia. Se exigirem dinheiro, pagaremos imediatamente, qualquer que seja o custo.

– Não querem dinheiro – disse Leesha. – Querem guerra.

Araine voltou-se para olhar Leesha.

– Se é isso que querem far-lhe-emos também essa vontade. Qualquer que seja o custo.

O emissário krasiano chegou duas semanas depois. Era um único dama escoltado por dois dal’Sharum. Os guardas do palácio confiscaram as suas armas, olhando-os com hostilidade declarada, mas os krasianos emanavam

a confiança enfurecedora do seu povo, mostrando-se tão altivos quando desarmados e rodeados por inimigos como quando se erguiam no seu centro de poder.

Leesha olhou-os do camarote real, uma fila atrás da plataforma do trono. O Sol ia baixo no horizonte, sendo visível no fundo das janelas altas da sala do trono. A luz natural era ténue e os seus óculos guardados conseguiam ver a custo as auras arrogantes.

Acompanhavam-na a duquesa-mãe, Wonda e a princesa Lorain de Miln. O fluxo de Melny ainda não chegara e Araine proibira-a de participar.

Era a primeira vez que Leesha via a princesa milnesa desde a chegada das notícias da vitória krasiana. Tal como Araine, Lorain soubera antecipadamente do ataque. Lorde Sament deveria cavalgar ao lado de Thamos enquanto a sua cavalaria liderasse a carga e não havia notícias dele desde então.

Lorain desaparecera no interior da sua embaixada fortemente protegida, com Lanças da Montanha patrulhando as muralhas até chegar a notícia da vinda do emissário. Parecia ter envelhecido durante aqueles dias. Tinha olheiras profundas à volta dos olhos que a maquilhagem não conseguia esconder por completo, mas, no centro da face, o seu olhar era duro.

Rhinebeck e os seus irmãos lançaram olhares ferozes da sua bancada, mas os krasianos não se deixaram intimidar. O dama avançou com arrojo, seguido pelos Sharum, transportando uma grande caixa lacada entre eles.

Os guardas travaram o dama antes que conseguisse cobrir metade da distância que o separava do trono e o homem curvou-se numa vénia superficial.

– Sou o dama Gorja. Trago uma mensagem do meu mestre e falo com a sua voz.

Desenrolou um grande pergaminho e começou a ler.

– Saudações, Rhinebeck III, duque de Angiers no Ano de Everam de 3784... Testemunho perante Everam que quebraste a boa fé com o Criador e os seus filhos em Ala, atacando na Lua Nova sagrada durante a noite, quando todos os homens são irmãos. De acordo com a lei evejana, deverás morrer por isto.

Ouviram-se murmúrios irados pela corte depois destas palavras, mas o dama Gorja ignorou-os, continuando a ler.

– Mas a misericórdia de Everam é infinita e a Sua justiça divina não necessita de se estender ao teu povo, com quem sempre desejámos apenas amizade e fraternidade. Organiza os teus assuntos e mata-te por teres ordenado este crime abominável. No primeiro dia da primavera, o teu

sucessor entregar-me-á a tua cabeça e ser-lhe-á permitido tocar com a testa o tapete sob meus pés. Fá-lo e o teu povo será poupado. Não o faças e a responsabilidade recairá sobre Angiers inteira, aplicando a justiça infinita de Everam a todos vós. Aguardo a tua resposta. Jayan asu Ahmann am'Jardir am'Kaji, Sharum Ka de Krasia, Senhor da Cisterna de Everam, filho primogénito e legítimo herdeiro de Ahmann asu Hoshkamin am'Jardir am'Kaji, também conhecido como Shar'Dama Ka, o Libertador.

A cara de Rhinebeck estava escarlate enquanto o dama erguia o olhar do pergaminho.

– Esperas que me mate?!

O dama Gorja curvou-se.

– Se amas o teu povo e não desejas que sejam punidos pelo teu crime. Mas, até mesmo no Sul, é sabido que o duque Rhinebeck é gordo, corrupto e não tem semente, um khaffit que não merece o seu trono. O meu mestre espera que recuses, acolhendo a fúria divina de Everam.

– Everam não é para aqui chamado, dama – disse o Pastor Pether.

O dama Gorja curvou-se novamente.

– Mil perdões, Alteza, mas Everam é chamado para todas as partes.

Rhinebeck parecia engasgar-se com um osso de galinha. A sua face anafada estava quase roxa.

– Onde está o corpo do meu irmão? – perguntou.

– Ah, sim – disse o dama Gorja, estalando os dedos. Os dois Sharum aproximaram-se do trono com a caixa lacada.

Leesha sentiu um horror crescente enquanto a caixa se aproximava. Janson e meia dúzia de Soldados de Madeira intercetaram-na antes que chegasse aos degraus e os Sharum mantiveram-se impassíveis enquanto o primeiro ministro espreitava o interior.

– Noite! – gritou Janson, afastando a cara, horrorizado. Tirou um lenço do bolso para cobrir a boca enquanto vomitava.

– Tragam-na para aqui – ordenou Rhinebeck. Dois dos seus guardas levaram a caixa até ao trono. Pether e Mickael ergueram-se, avançando para ver enquanto Rhinebeck abria a caixa.

Mickael ficou atónito e Pether foi também acometido por vómitos. Não foi tão rápido como Janson, bloqueando o vómito com a mão e deixando escapar uma parte para o peito da túnica antes imaculada. Rhinebeck limitou-se a olhar friamente o conteúdo, ordenando que a caixa fosse afastada com um gesto.

– Quero ver essa caixa, Wonda – disse Araine.

– Sim, senhora – respondeu Wonda, intercetando os guardas, enviando-os

para o camarote real.

Janson correu para junto dela.

– Excelência, não recomendo...

Mas Araine ignorou-o, abrindo a caixa. Leesha ergueu-se rapidamente. Tinha já adivinhado qual era o conteúdo, mas precisava de ver com os seus próprios olhos. O horror que continha era pior do que esperara.

No interior, havia dois grandes frascos selados de vidro guardado, contendo o que parecia ser mijo de camelo. Num deles, flutuava a cabeça de Thamos. No outro, a de lorde Sament. Os órgãos genitais de Thamos tinham sido cortados e enfiados na sua boca. A boca de Sament estava cheia de estrume.

A visão dilacerou-a como as garras de um demónio, mas endureceu o coração e não exteriorizou a dor que sentia. No olhar de Lorain havia também mais raiva do que horror.

O mesmo não poderia dizer-se de Araine. Leesha raramente vira uma demonstração de emoção na mulher, mas aquilo era de mais até para o seu porte régio. A sua personalidade férrea dissipou-se enquanto erguia o frasco com a cabeça de Thamos, apertando-o contra si enquanto chorava.

– Guardas! – gritou Rhinebeck. – Levem estas ratazanas do deserto para as masmorras!

A aura do dama Gorja alterou-se ao ouvir aquelas palavras e a sua arrogância cedeu lugar à emoção da vitória. Esperara aquela reação. Fizera mesmo tudo para a motivar.

Gorja curvou-se numa vénia profunda diante do trono.

– Obrigado, Alteza. Estava preparado para partir simplesmente, pois está escrito no Evejah que um emissário é um homem na noite e, como tal, a sua integridade é inviolável. Mesmo na vossa cultura infiel, estes direitos são reconhecidos a um Mensageiro. Como teu hóspede, não poderia atacar-te de forma honrada. – Sorriu. – Mas, já que decidiste agravar mais ainda o teu crime, sinto-me autorizado a matar-te com as minhas próprias mãos.

O ronco de desprezo de Rhinebeck foi suspenso quando Gorja rodopiou, atingindo com o peito da mão o nariz do guarda mais próximo. A cartilagem esmagou-se e o osso quebrou, com os estilhaços atingindo o cérebro. Leesha viu-lhe a aura piscar enquanto caía ao chão, morto.

Os dois Sharum entraram em ação, partindo ossos e dobrando articulações em direções em que não deviam dobrar.

O dama Gorja chegou ao fundo da plataforma sobre a qual assentava o trono, movendo-se com velocidade impossível. Janson ergueu uma faca que trazia escondida algures, mas Gorja segurou-lhe o pulso e puxou, mal

abrandando a passada enquanto fazia o primeiro ministro cair de costas sobre os degraus duros e seguindo em frente.

Leesha sabia que poderia ter levado a faca, mas os clérigos evejanos estavam proibidos de usar armas brancas. De qualquer forma, não precisava de usar uma arma. A sua aura cintilou intensamente quando iniciou o seu ataque. Havia magia em ação.

Num piscar de olhos, o dama aproximou-se de Rhinebeck, golpeando violentamente. A aura do duque tinha-se já apagado quando o impacto do salto derrubou a grande cadeira. Gorja não correu riscos, continuando a esmurrar o duque enquanto caía. Quando atingiu o piso da plataforma, a cabeça de Rhinebeck parecia um melão que tivesse sido lançado do alto da Torre Sul.

Mickael ergueu-se. O príncipe estava em melhor forma que Rhinebeck, sendo maior que Gorja e com um alcance maior. Segurou bruscamente o dama pelos ombros, tentando afastá-lo do irmão.

Gorja mal olhou para trás, atingindo Mickael com um punho fechado. O golpe parecia ter sido débil, mas a metade inferior da face de Mickael explodiu com um estalo e um jorro de sangue, dentes, osso e carne pendurada de uma massa arruinada.

O dama firmou os pés, usando o ímpeto do movimento ascendente para conferir força ao golpe que desferiu contra o peito de Mickael enquanto se virava. O som das costelas fraturando-se ecoou do teto enquanto o príncipe era projetado da plataforma do trono. Aterrou a seis metros de distância, com a aura extinta como a chama de uma vela soprada.

O Pastor Pether tentou fugir, mas o dama segurou-lhe a túnica e puxou-o com facilidade para a cadeira.

– Fica, infiel, para podermos aprofundar o debate acerca dos locais para onde Everam é ou não chamado.

Aconteceu tão rapidamente que o duque e o príncipe pereceram enquanto Leesha se erguia, mas, quando Gorja segurou o peito da túnica do Pastor e ergueu o punho, elevou a sua varinha de hora e disparou uma rajada de magia que afastou o dama da sua vítima e o projetou para o extremo oposto da sala. Embateu contra a parede, fraturando a pedra e deixando uma grande cratera enquanto caía no chão.

Leesha sentiu a força do retorno da magia subindo-lhe pelo braço acima e preenchendo-a. Sentiu-se zonza e o bebé pontapeou com força em resposta. Gemeu, levando a mão ao ventre.

Os Sharum tinham matado os guardas, ainda que um tivesse sido atingido por uma lança durante o combate, sangrando mas sem ficar neutralizado.

Outros guardas avançaram, mas não o fizeram a tempo de salvar Pether enquanto o Sharum recém-armado corria pelos degraus acima para terminar o trabalho iniciado pelo dama, destruindo a linhagem de Rhinebeck.

– Nucleado sejas! – Leesha receou o que a magia fizesse ao seu filho, mas não conseguia limitar-se a ser testemunha. Voltou a erguer a varinha, disparando mais duas rajadas que eliminaram cada um dos assassinos.

O bebé estremecia como um tambor dentro do seu ventre, como se tentasse nascer meses antes do tempo. E talvez conseguisse. Leesha soluçava enquanto voltava a baixar a varinha, cobrindo com as mãos o volume do ventre.

– Cuidado, mestra! – gritou Wonda. Leesha olhou para cima e viu Gorja, chamuscado e ensanguentado mas ainda iluminado pela magia, matando dois guardas e correndo na sua direção.

Uma flecha silvou sobre o ombro de Leesha, voando para o coração do dama, mas Gorja afastou-a como se fosse um moscardo incómodo.

– Nucleado seja – rosnou Wonda, baixando o arco e correndo para se colocar à frente de Leesha, enfrentando o ataque do dama.

Gorja acreditou que conseguiria passar por ela com a facilidade com que passara pelos outros que tinham tentado detê-lo, mas a armadura de Wonda era fortalecida por osso de demónio que conseguia usar para aumentar a sua força e velocidade, tal como o dama parecia fazer. Segurou-lhe o braço e torceu-o numa projeção.

Mas Gorja nunca perdeu o controlo, movendo-se para enfrentar o novo ataque. Antecipou-se à projeção, pontapeando Wonda na face e ficando em posição para uma projeção própria.

– Nem penses! – exclamou Wonda, aplicando o peso contra a manobra e mantendo o equilíbrio. O dama também ajustou a postura até Wonda voltar a avançar, esmagando-lhe o nariz com a testa.

O dama foi finalmente desequilibrado e Wonda atirou-o ao chão com violência, fraturando o piso de pedra. O krasiano torceu-se, varrendo o tornozelo de Wonda e derrubando-a também.

Pagou pelo que fez quando Wonda desabou sobre ele, desferindo golpes rápidos e poderosos contra o seu corpo. Voltou a fazer-lhe bater a cabeça contra a pedra.

Gorja continuava a debater-se mesmo enquanto o golpeava e pontapeou de repente, cruzando as pernas sobre a garganta de Wonda. Foi puxada para trás, asfixiando. Debatia-se quando bateu no chão enquanto Gorja apertava com mais força.

Não conseguia alcançar o dama para o atacar, puxando-lhe as pernas

inutilmente enquanto a asfixiava.

Com o bebé continuando frenético no ventre, Leesha não se atreveu a usar novamente a varinha, mas também não podia permitir que Wonda morresse. Procurou desesperadamente uma arma, mas Lorain antecipou-se. A mulher corpulenta segurava a cadeira pelo encosto e golpeou violentamente com ela.

O dama voltou a mover-se rapidamente, erguendo um antebraço a tempo de bloquear o golpe. A cadeira despedaçou-se e Gorja segurou a frente do vestido da princesa, puxando-a também para o chão. Pressionou-lhe a garganta com o braço, interrompendo o fluxo de ar sem que as pernas parassem de asfixiar Wonda.

Leesha moveu-se sem pensar, com a magia a encher-lhe os membros com força sobre-humana. Esqueceu o bebé, Thamos e o seu juramento de Herbanária. Todo o seu mundo se reduziu a um alvo. A cabeça do dama Gorja.

O seu pontapé esmagou-lhe a cabeça contra o tronco. Leesha sentiu vértebras a estalar enquanto o impacto lhe atingia a coluna e o dama caía finalmente.

No silêncio da sala, apenas se ouviam a respiração ofegante das três mulheres. Wonda e Lorain enchiam os pulmões com grandes golfadas, mas a respiração de Leesha era tão acelerada como o batimento do seu coração. Ergueu-se, sabendo que o combate chegara ao fim e esforçando-se para concentrar um misto de fúria, adrenalina e magia que ameaçava esmagá-la. Desejou ter mais inimigos para enfrentar, como se o poder pudesse dilacerá-la se não o libertasse. Noite. Seria aquilo o que Wonda e os outros sentiam quando ficavam embriagados pela magia em batalha? Era assustador.

À sua volta, na sala, todos olhavam com espanto. Até Araine erguera os olhos cheios de lágrimas do frasco no colo, fitando Leesha com a boca aberta. Conseguia ver o medo nas suas auras e não os censurava.

Na escuridão crescente da sala, a magia ganhava vida, rodopiando ferozmente no ar, atraída pela violência. Leesha fechou os olhos para a bloquear, forçando inspirações mais profundas. O bebé continuou a dar pontapés e a agitar-se violentamente.

Enlevada pela magia, sentia a vida dentro dela como nunca antes sentira. Era forte. A magia não a tinha ferido. Isso era óbvio. Mas não significava que o efeito fosse positivo. Leesha vira a magia forçar crianças a crescerem antes de tempo. O bebé poderia nascer mais cedo, demasiado grande para

parir sem cirurgia arriscada? Ou o poder desencadearia outra mudança? Arlen receara aquilo quando recusou ficar com ela e Leesha enfrentava o mesmo problema sem ele.

Esqueceria o problema até mais tarde, abrindo os olhos e ajudando Lorain a levantar-se. Wonda apoiara já um joelho no chão e erguia uma mão para negar ajuda.

– Não te preocupes comigo, mestra. – Inspirou mais uma grande golfada de ar. – Preciso só de um minuto para ficar bem.

Leesha via a magia fluir através dela, atraída pelos seus ferimentos, e soube que dizia a verdade. Permitiu que Wonda mantivesse o seu orgulho, voltando-se para o cadáver do dama Gorja.

Continuava sem sentir nada. Tinha incinerado dois dos seus homens e quebrado a espinha do dama. Eram humanos e não demónios. Mesmo assim, não sentiu a culpa que teria sentido num momento mais introspetivo. Aqueles homens teriam assassinado todos os presentes com a facilidade com que Leesha arrancaria ervas da terra.

Um dos punhos do dama continuava firmemente fechado e forçou-o a abrir, encontrando um pedaço de osso de demónio esmagado e com o poder gasto. Soprou ligeiramente e o osso desfez-se em pó.

Janson conseguiu finalmente recompor-se, subindo os degraus até ao trono. Olhou o cadáver destruído de Rhinebeck e levou uma mão ao amontoado de carne e entranhas para alcançar a coroa de madeira lacada que o duque envergara.

– O duque morreu! – gritou o primeiro ministro. Desceu um degrau, estendendo a mão para ajudar o Pastor Pether a erguer-se. – Longa vida ao duque Pether!

O Pastor Pether olhou-o, com a confusão e o medo marcando-lhe a aura.

– Hã?

Os restos dos irmãos reais não eram suficientes para um enterro adequado e três funerais reais eram excessivos até para a capacidade do trono de hera. Uma semana após o ataque, com a cidade continuando em alerta máximo, Thamos, Rhinebeck e Mickael receberam os últimos ritos na grande Catedral de Angiers.

Foi o próprio Pether a presidir à cerimónia, não vendo qualquer conflito em acumular o cargo de Pastor dos Protetores do Criador depois de a coroa de madeira lhe ter sido colocada na cabeça. Quando o choque inicial se dissipou, ordenou a artesãos que criassem novas vestes e armadura

cerimonial adequadas ao seu duplo estatuto.

Leesha ergueu-se de costas bem direitas e com expressão fria na fila de enlutados depois da cerimónia. Chorou Thamos em privado, mas o seu pesar não era algo que estivesse pronta para partilhar. Aceitou as condolências de aristocratas angieranos cujos nomes não sabia nem queria saber, forçando um sorriso e apertando brevemente mãos estendidas num gesto mecânico antes de dispensar cada um olhando o aristocrata seguinte.

Pareciam suceder-se sem parar. Cumpriu o seu dever e suportou tudo, mas estava oca por dentro.

De volta aos seus aposentos, deixou-se cair na cama, sendo acordada por Wonda momentos depois.

– Perdoa-me por incomodar, mestra Leesha, mas a senhora quer ver-te.

Leesha levantou-se contrariada, verificando o cabelo no espelho e arqueando as costas antes de voltar a sair do quarto sem mostrar qualquer indício do que sentia aos criados e aos guardas no corredor. Também estavam enlutados e precisavam de a ver demonstrando força.

Lorain sentava-se diante da duquesa-mãe enquanto Leesha entrava na sala de audiências. A princesa milnesa olhou Leesha e acenou com a cabeça, mas os seus olhos foram mais eloquentes. Passara a haver algo entre elas. Talvez não fosse amizade, mas sim confiança. E uma dívida recíproca.

Lorain voltou-se novamente para Araine, retomando a conversa como se Leesha não estivesse presente.

– Sua Alteza aceitará?

– A coroa inchou mais ainda a cabeça do rapaz, mas é uma cabeça que o meu filho pretende manter. Pether pode preferir deitar-se com rapazes de vestido, mas, se conseguires que o teu pai nos envie alguns milhares de Lanças da Montanha...

Lorain acenou afirmativamente.

– Interessa-me tanto o seu toque como o meu lhe interessa a ele. Mas, se forçar as ratazanas do deserto a pagarem pelo que fizeram ao meu marido, não me importarei que traga os seus rapazes para o nosso leito.

Ouviu-se um ronco de desprezo a Araine.

– Nunca te sentarás no trono. Nem mesmo como regente, se gerares um filho que não seja maior aquando da morte de Pether.

Lorain concordou com um aceno.

– O meu pai pode desejar o trono, mas eu não. No entanto, não me será negado o acesso ao rapaz. E os meus filhos serão trazidos para aqui e viverão no palácio, mantendo intacto o seu estatuto real.

– Com certeza – concordou Araine. – Mas o seu título será honorário, sem terras angieranas ou posições atribuídas além do seu rendimento.

– Pedirei às minhas Mães que procedam às necessárias alterações no contrato – disse Lorain. – Estará pronto para assinar pela manhã.

– Quanto mais cedo, melhor – afirmou Araine. Lorain ergueu-se, apertando o ombro de Leesha quando passou por ela.

– Recuperaste, querida? – perguntou Araine, gesticulando a Leesha que se sentasse.

Leesha sentou-se.

– O suficiente, Alteza.

– Chama-me Araine quando estivermos sós – disse a duquesa-mãe. – Mereceste isso e mais ainda. Poderia ter perdido quatro filhos no mesmo dia em vez de três. Pether assinará também isto pela manhã – prosseguiu Araine, passando um decreto real a Leesha. O documento nomeava Leesha condessa do Condado do Outeiro e elevava-a à condição de membro da família real, mesmo que nunca tivesse casado com Thamos.

– É uma questão de bom senso – disse Araine enquanto Leesha erguia o olhar do pergaminho. – De qualquer forma, há meses que desempenhas efetivamente o cargo e ouso dizer que o teu povo não aceitará mais ninguém. Gared é um bom rapaz, mas será melhor como barão do que como conde, sobretudo com a sua nova noiva propensa a escândalos.

– Acredito que ficará aliviado quando souber – disse Leesha.

– Regressarás imediatamente – ordenou Araine. – E levarás Melny contigo.

– Hã? – disse Leesha.

– Todos esqueceram Melny por agora e quero que continue assim – disse Araine. – Miln e Angiers deverão aliar-se sem demora. Ninguém sabe que a rapariga tem no ventre o filho de Rhinebeck e esse facto causaria complicações desnecessárias se viesse a saber-se. O tipo de complicações que são resolvidas com lanças.

– Lorain não mataria uma criança por nascer – retorquiu Leesha.

– Nunca digas nunca – replicou Araine. – Mas pensava sobretudo no seu pai. Ou em Oriental e Boaguarda, usando a criança como pretexto para avançar contra Miln. Não me surpreenderia descobrir que terá sido um deles a raptar a pobre Sikvah.

– Isso leva-nos à questão de Rojer – disse Leesha. – Virá comigo quando partir e as acusações contra ele serão levantadas.

Araine arqueou uma sobrancelha, mas acenou afirmativamente.

– Feito.

Leesha ergueu-se, regressando aos seus aposentos para iniciar os preparativos. Ficaram prontos para partir em dois dias, mas, quando aconteceu, o exército krasiano estava diante das muralhas e o pânico alastrava pela cidade.

TRINTA

A GUARDA DA PRINCESA

334 DR Inverno

Rojer olhou pela janela minúscula da sua cela. A altura da torre permitia-lhe uma visão demasiado clara das forças krasianas que se amontoavam diante do Portão Sul.

Após meses naquela cela maldita, aquele deveria ser o dia da sua libertação. Ao invés, a cidade inteira estava em alerta e tinha sido esquecido.

– Sabia que era demasiado bom para ser verdade – murmurou. – Morrerei nesta cela.

– Disparate – disse Sikvah das sombras sobre ele. – Proteger-te-ei, marido. Se as muralhas abrirem uma brecha, estaremos muito longe quando chegarem à catedral.

Rojer não a olhou. Deixara de tentar fazê-lo com frequência. Sikvah era vista quando pretendia e não em qualquer outra ocasião. Os olhos de Rojer fitaram com horror crescente coluna após coluna de guerreiros reunidos, posicionando grandes catapultas.

– Sabias que isto aconteceria? – perguntou.

– Não, marido – respondeu Sikvah. – Juro por Everam e pela minha esperança de alcançar o Paraíso que não sabia. Conhecia demasiados segredos do Palácio do Libertador antes de casarmos, mas nunca ouvi referir quaisquer planos de expansão além das fronteiras da Fortuna de Everam no futuro próximo. A Fortuna de Everam é uma terra de riquezas vastas, povoada com gente para sujeitar à vontade de Everam. A sabedoria ditava que lá permanecêssemos durante pelo menos meia década.

– Retomando a conquista a seguir. – Rojer cuspiu pela janela da torre.

– Isso não é novo, marido – disse Sikvah. – O meu sagrado tio nunca te escondeu o seu caminho. A Sharak Sun deverá unir todos os povos para que se alcance a vitória na Sharak Ka.

– Merda de demónio – exclamou Rojer. – Porquê? Porque um livro o diz?

– O Evejah... – começou Sikvah.

– Não passa de um maldito livro! – ripostou Rojer. – Não sei se existe ou não um Criador, mas sei que não desceu do Paraíso para escrever livros. Os livros são escritos por homens e os homens são fracos, estúpidos e corruptos.

Sikvah não respondeu imediatamente. Rojer contrariava tudo aquilo em que a sua esposa acreditava e conseguia sentir a sua tensão, o seu desejo de discutir chocando contra o voto sagrado que a obrigava a ser uma esposa submissa.

– Seja como for – respondeu Sikvah, após um momento. – Será obra de Jayan. O meu primo tem a pretensão de sangue mais forte ao Trono dos Crânios, mas não tem glórias reais associadas ao seu nome. Sem dúvida, tentará provar o seu valor ao nosso povo para que o aceitem durante a ausência do meu sagrado tio.

– O teu sagrado tio caiu de um penhasco há meses e não deu sinais de vida desde então – lembrou Rojer. – Ainda acreditas que voltará?

– Não se encontrou um cadáver – recordou Sikvah. – E os vestígios indicaram que estaria vivo quando embateram no chão. Não acreditarei que o Libertador tenha morrido. Regressará quando for mais necessário. Mas que destruição será suscitada pelos seus filhos e pelos Damaji durante a sua ausência? Os nossos exércitos ficarão mais fortes quando a Sharak Ka vier ou os meus primos tolos dispersá-los-ão tanto que acabarão por quebrar?

Baixou-se em silêncio até ficar a seu lado, olhando pela janela e cuidadosa, mesmo àquela altura, para não ser vista de fora.

– Sangue de Everam. São quase quinze mil Sharum.

– O forte terá sessenta mil habitantes, mais ou menos – afirmou Rojer. – Mas duvido que restem dois mil Soldados de Madeira depois da partida de Thamos para sul.

– Acreditas que é verdade o que dizem? – perguntou Sikvah. – Que atacou as forças do meu primo na Lua Nova? À noite?

Rojer encolheu os ombros.

– O meu povo não encara a noite e a Lua Nova como o teu, Sikvah. Em duas ocasiões diferentes, Jasin tentou matar-me durante a noite. E o duque e os seus irmãos fizeram o mesmo quando acicataram Thamos a partir para a

caçada.

– Sim, mas não eram homens verdadeiros – notou Sikvah. – Tom-Dourado e Rhinebeck... Eram khaffit sem alma. Vi o conde Thamos lutar. Talvez fosse um tolo, mas tinha coração de Sharum e os alagai tremiam diante dele. Não consigo imaginá-lo agindo de forma tão desonrosa.

Rojer voltou a encolher os ombros.

– Não estava presente. Nem tu. Mas que importa agora que a sua cabeça foi enviada para a sua mãe num jarro?

– Nenhuma mãe deveria testemunhar tal coisa – concordou Sikvah. – As ações do meu primo não poderão ser justificadas.

Colunas de fumo erguiam-se a leste, no local onde os krasianos saqueavam os povoados próximos. Havia dúzias deles a um dia de viagem das muralhas da cidade.

– Se vieram tanto para norte – perguntou Rojer, sentindo formar-se um nó na garganta –, isso significará que o Outeiro caiu?

Sikvah abanou a cabeça.

– O Outeiro é forte e abençoado por Everam. Este número de guerreiros poderia tê-lo conquistado, mas demoraria semanas. Talvez meses. Estes homens estão frescos, sem feridos nem equipamento danificado.

Olhou para leste, onde o fumo se erguia.

– Seguiram para leste, contornando a grande floresta e provavelmente evitando por completo o Outeiro.

– Pelo menos isso – disse Rojer. – Talvez Gared venha já a caminho com dez mil Lenhadores.

Por favor, Gar, implorou para si mesmo. *Sou demasiado novo para morrer.*

O duque Pether movia-se nervosamente, com gotas de suor riscando-lhe a face maquilhada. Era notório que o Pastor não estaria habituado a erguer-se diante do altar em vez de presidir à cerimónia. Como terceiro filho entregue à igreja, Pether nunca teria esperado envergar a coroa de madeira e muito menos casar-se enquanto um exército invasor se erguia às portas da cidade.

A princesa Lorain, de forma contrastante, erguia-se com determinação, fixando os olhos no Protetor enquanto entoava os votos que selariam a sua aliança, permitindo-lhe enviar os seus soldados para a noite. Não que fosse provável que as suas quinhentas Lanças da Montanha conseguissem fazer grande diferença contra vinte mil Sharum. Mensageiros tinham sido enviados assim que as forças inimigas foram avistadas, mas era impossível

saber se tinham conseguido passar.

O céu clareava, mesmo que faltasse ainda uma hora para o amanhecer. A cerimónia foi abençoadamente rápida, limitando-se à troca de juramentos e a um beijo que deixou os dois envolvidos envergonhados. Leesha não invejava a noite de núpcias a nenhum deles, mas as necessidades dos seus povos eram mais importantes que o seu conforto pessoal. Gerar uma criança parecia uma coisa tão simples, mas Leesha conhecia muito bem o impacto que poderia ter no mundo.

– Marido e mulher! – gritou o Protetor, enquanto a nova duquesa acenava com a cabeça a Bruz, o capitão da sua guarda. Este enviou um estafeta para convocar as Lanças da Montanha, voltando a posicionar-se atrás dela enquanto descia do altar com Pether. Os convidados saudaram o momento com gritos de júbilo escondendo o medo que sentiam, mas os bancos estavam maioritariamente vazios, com a população a defender as muralhas ou barricando-se em casas e abrigos.

Araine foi a primeira a curvar-se diante do novo casal, mas os outros não demoraram a imitá-la. Leesha curvou-se tanto quanto conseguia no seu estado. Até Amanvah se curvou num gesto eloquente. Estava desesperada para libertar Rojer.

– Basta – exclamou Pether, fazendo-os levantarem-se novamente. – Terão muito tempo para vénias e súplicas amanhã. Se sobrevivermos até lá. – O tom estridente da voz deixava claro o que esperava naquela questão.

A face de Lorain parecia uma máscara de pedra enquanto olhava o seu novo marido, mas tinha na aura uma mistura de irritação e repulsa.

– Marido, talvez seja algo que devamos discutir em privado?

– Claro, claro – concordou Pether, indicando ao séquito real que passassem pela sacristia ao lado do altar, percorrendo o corredor até aos seus aposentos privados. O palácio de Rhinebeck passara a pertencer-lhe, mas não houve tempo para uma mudança e o Pastor via com relutância a possibilidade de abandonar o gabinete faustoso que passara uma década a decorar.

Ali, no centro do seu poder, rodeado por símbolos de fé e por recordações da sua própria grandeza, o duque pareceu recuperar parcialmente a compostura, endireitando as costas.

– Janson, qual é o estado das nossas defesas?

– Pouco mudou nos últimos vinte minutos, Alteza – respondeu Janson. – O inimigo reúne-se em força, mas aprendemos, pelo menos, que não atacarão até ao amanhecer. Temos arqueiros na muralha e homens para repelir tentativas de escalada, mas o verdadeiro perigo é o Portão Sul. Há

companhias de homens guardando os outros portões, mas o inimigo posicionou aí as suas máquinas de guerra.

– A muralha resistirá? – perguntou Pether.

Janson encolheu os ombros.

– Não é garantido, Alteza. O inimigo não trouxe projéteis consigo e é pouco provável que encontrem pedras com tamanho suficiente para derrubar o portão. Deverá resistir à maioria dos bombardeamentos.

– À maioria? – repetiu Pether.

Janson voltou a encolher os ombros.

– Nunca foi testado, Alteza. Se cair, a praça será a última esperança de travar o ataque antes que o inimigo consiga espalhar-se pela cidade.

– Se falhar, estamos perdidos – disse Pether. – Depois das perdas na Doca, não temos Soldados de Madeira em número suficiente para defender a muralha e a praça enquanto vinte mil krasianos avançam pelas nossas ruas. Chegam homens dos recrutamentos a grande velocidade, mas não temos armas para eles. Não resistirão a cavalaria treinada usando ferramentas de carpinteiro.

– Nada está perdido – afirmou Lorain com voz dura. – O capitão Bruz levará as Lanças da Montanha para a praça. Há apenas três avenidas por onde o inimigo poderá seguir depois de passar o portão. Cada uma é suficientemente estreita para ser defendida com número limitado de homens.

Pether voltou-se para Leesha.

– E o Outeiro, mestra? Poderemos esperar ajuda vinda do sul?

Leesha abanou a cabeça.

– Dei hora a Briar para apressar a sua viagem até ao Outeiro com notícias do ataque de Gorja, mas, mesmo que Gared montasse imediatamente, levaria dias a conseguir chegar com uma força de tamanho significativo. – Encolheu os ombros. – Suponho que será possível que os outeireiros tenham percebido a movimentação dos krasianos, agindo mais cedo, mas não apostaria que assim tenha sido.

– E o teu Homem Pintado? – perguntou Pether. – Se é mesmo o Libertador, seria o momento ideal para o provar.

Lorain não conteve um ronco de desprezo e Leesha abanou a cabeça mais uma vez.

– Teríeis melhores hipóteses com o Outeiro, Alteza. Se o Homem Pintado continuar vivo, perseguirá demónios algures, tendo deixado a política para trás.

– E tu, mestra? – perguntou Pether. – Disparaste relâmpagos contra Gorja

e os seus guerreiros.

– E quase tive um aborto como resultado – recordou Leesha. – Não voltarei a fazê-lo a não ser como último recurso, com uma lança apontada ao ventre. De qualquer forma, pouco poderei fazer à luz do dia. Talvez consiga fortalecer o portão.

Todos a olharam quando disse aquilo.

– Como? – quis saber Pether.

– Com guardas e hora – explicou Leesha. – Se conseguirmos colocar o portão em escuridão completa.

Pether olhou Janson. Os olhos do ministro voltaram-se para Araine, que pareceu não fazer mais do que mover ligeiramente os pés.

Jason acenou afirmativamente.

– Podemos ordenar a todos os alfaiates da cidade que cosam medidas de tecido, Alteza.

– Certifica-te de que assim será. – Pether olhou em redor. – Mais ideias? Se alguém tiver um plano tresloucado, será este o momento para o partilhar.

O silêncio pairou pesado no ar e Leesha inspirou fundo.

– Há uma coisa...

– Permite que fale com ele – disse Amanvah.

Pether abanou a cabeça.

– É loucura.

– Haveis pedido planos tresloucados, Alteza – lembrou Leesha. – Da minha parte, acredito nela. – Não conseguia explicar a sua visão guardada e a sinceridade que via na aura da mulher. Os aristocratas julgá-la-iam louca em vez de confiar nas suas palavras.

– Jayan é meu irmão – referiu Amanvah. – Somos o filho e a filha primogénitos do Libertador e da Damajah. Envia-me ao seu encontro agora enquanto esperam o sol e aceitará falar comigo. Talvez consiga demovê-lo deste plano. O Evejah proíbe que qualquer homem, incluindo o Sharum Ka, levante a mão para ferir uma dama’ting ou para travar a sua marcha. Não conseguirá impedir-me de regressar e não atacará a cidade enquanto aqui estiver.

– E que garantia temos de que voltarás? – perguntou Lorain. – Será mais provável que te alies ao teu irmão e partilhes o conhecimento que tens das nossas defesas e da nossa estrutura de comando.

– Têm o meu marido em vosso poder – recordou-lhe Amanvah. – E a

minha irmã-esposa, dizendo-me os dados que permanece aprisionada algures na cidade.

– Que melhor forma haverá de os libertar – perguntou Pether – do que fazendo o teu irmão derrubar as paredes das suas prisões?

– Se te importarem minimamente – acrescentou Lorain. – Talvez estejas cansada do teu marido chin e pretendas deixar o passado para trás e regressar para junto dos teus.

Os olhos de Amanvah arregalaram-se e a sua aura iluminou-se com um clarão de raiva.

– Como te atreves?! Ofereço-me como refém para salvar a vossa cidade chin fedorenta e insultas a minha honra e o meu marido.

Avançou para a duquesa e, mesmo sendo mais baixa e tendo metade do peso da mulher corpulenta, a aura de Lorain brilhou com medo, sem dúvida recordando a forma despreocupada como o dama Gorja matara todos os que se atravessaram no seu caminho na sala do trono.

– Guardas! – gritou Lorain, fazendo Bruz colocar-se imediatamente à sua frente, apontando a lança a Amanvah. Tinha uma lâmina larga e curva na extremidade, que tanto serviria para cortar como para perfurar. Leesha via guardas brilhando no aço.

Amanvah olhou-o como se fosse um inseto que pudesse esmagar, mas não reagiu, erguendo as mãos.

– Não ameaço a tua integridade, duquesa. Estou apenas preocupada com a segurança do meu marido. Se não acreditares em mais nada, acredita nisso. Os dados dizem-me que corre perigo sério se permanecer aprisionado.

– Todos corremos perigo com o teu irmão diante das muralhas – respondeu Lorain enquanto seis Soldados de Madeira entravam na sala, cercando Amanvah. – Mas, se te preocupas assim tanto com a segurança do teu marido, podes juntar-te a ele. – Indicou aos guardas que levassem Amanvah.

– Ordenem que seja revistada por mulheres antes de ir para a torre – disse Araine. – Não queremos que leve ossos de demónio.

Um dos guardas estendeu a mão para ela, mas Amanvah esquivou-se com algumas palmadas em pontos específicos que o afastaram do seu caminho. Dirigiu-se rapidamente a Leesha, retirando a bolsa de hora. Tirou também as joias, incluindo a tiara guardada e a gargantilha, enfiando-as na bolsa e puxando os cordões para a fechar. Passou-a a Leesha enquanto os guardas avançavam novamente, guiando-a agora com as lanças.

– Guardá-la-ei em segurança – prometeu Leesha. – Juro pelo Criador.

– Everam cobrar-te-á essa promessa – disse Amanvah, saindo e sendo escoltada até à torre.

Leesha continuava a fortalecer com guardas o Portão Sul quando o Sol nasceu. Janson cumprira a sua promessa. O portão estava banhado em escuridão, com as portas e rastrilhos cobertos com pano grosso. Nem sequer perceberia que o Sol se erguera sem o estrondo e o tremor indicando que as máquinas de guerra krasianas tinham começado a disparar.

O impacto desequilibrou-a, mas Wonda estava por perto para a amparar. Pedras e pó soltaram-se da estrutura. O inimigo não encontrara muitas pedras para disparar. Isso era uma bênção, pelo menos.

– Não estás segura aqui, mestra – disse Wonda. – Temos de ir. Depressa.

– Não vamos a lado nenhum antes de terminar o meu trabalho – disse Leesha.

– A criança... – começou Wonda.

– Ser-me-á roubada se este portão cair – interrompeu Leesha. – Se o seu meio-irmão não se limitar a arrancar-ma do ventre.

Wonda mostrou os dentes ao ouvir aquilo, mas não protestou enquanto Leesha voltava a pintar guardas no grande portão de madeira e nas suas trancas pesadas. Wonda abatera três demónios do vento voando sobre a cidade, esventrando-os no portão e enchendo baldes com o seu sangue peçonhento e rico em magia.

Leesha calçava luvas delicadas de couro fino enquanto mergulhava o pincel no líquido espesso e nauseabundo, traçando mais guardas com linhas curvas que brilhavam intensamente perante a sua vista guardada. Cada uma ligava-se às que tinha ao lado, formando uma rede que distribuiria força pela madeira. As guardas iluminavam-se já com cada impacto, sarando eficientemente os danos sofridos pela madeira. Enquanto o portão permanecesse escuro, a barreira tornar-se-ia mais forte com a continuação do bombardeamento.

Criador, permite que seja suficiente, implorou Leesha.

Quando terminou a rede, puxou pela varinha de hora. Manipulando as guardas à superfície com os dedos, Leesha libertou magia para a rede num fluxo lento e constante. As guardas no portão tornaram-se cada vez mais brilhantes enquanto o brilho da varinha diminuía de forma constante.

As luvas possibilitavam alguma proteção do retorno enquanto a magia cumpria a sua função, mas não muita. Sentiu o formigueiro nos dedos alastrando por ela como um arrepio. O bebé, imóvel no momento anterior,

começou a pontapear e a debater-se, mas teria de suportar enquanto descarregava o poder da varinha para o portão. Podia ser recarregada se sobrevivessem até ao anoitecer.

Voltou a ouvir-se um estrondo quando o portão foi atingido, mas agora quase não tremeu.

– Já está? – perguntou Wonda. – Podemos ir?

Leesha acenou afirmativamente, dirigindo-se para as escadas.

– Ei. – Wonda apontou com um polegar sobre o ombro. – A saída é por aqui.

– Eu sei. – Leesha continuou a subir. – Mas quero ver a vista do topo antes de voltarmos ao palácio.

– Noite! – exclamou Wonda, correndo pelos degraus acima, passando à frente de Leesha.

Havia cortinas de cada lado da porta que abria para o piso superior do portão, erguendo-se acima do resto da muralha. A estrutura do portão era de pedra sólida, possuindo vinte e quatro janelas, oito para norte e sul, quatro para leste e quatro para oeste. As aberturas estreitas permitiam cobertura aos cinquenta arqueiros que ali tinham sido posicionados.

As janelas para norte abriam-se para uma grande praça com uma fonte ao centro. As pedras do piso estavam cobertas com bancas e carros de mercadores abandonados por mercadores evacuados.

Três avenidas partiam daí. Uma para leste, uma para oeste e uma terceira diretamente para norte a partir do centro da cidade. Lorain posicionara aí duzentas Lanças da Montanha, com outras cento e cinquenta posicionadas a leste e oeste. Os homens erguiam-se em sentido, preparados para ver os krasianos passando a muralha.

Dos outros lados do portão, arqueiros ajoelhavam-se junto às janelas. Os que olhavam para sul disparavam sem cessar enquanto rapazes corriam para encher as aljavas que iam esvaziando. Os homens que espreitavam sobre o topo da muralha disparavam apenas ocasionalmente, mas o facto de dispararem era preocupante.

Leesha dirigiu-se à parede leste, vendo Soldados de Madeira e voluntários cortando cordas de escalada e empurrando escadas. Aqui e ali, alguns krasianos chegavam ao topo da muralha, abrindo uma clareira entre os defensores até os arqueiros os derrubarem. Os Soldados de Madeira lutaram com bravura, mas os dal’Sharum tinham sido criados para aquilo.

Leesha inspirou fundo, fortalecendo a sua determinação enquanto avançava para a parede sul. Wonda voltou a tomar a dianteira, falando com lorde Mansen, o capitão que comandava os arqueiros. O homem olhou

Leesha com incerteza, mas sabia que não devia protestar.

– Peers, foste rendido – disse o sargento a um dos arqueiros, um homem posicionado junto à janela do canto oriental.

Wonda colocou-se à janela antes que Leesha tivesse tempo de dar um passo, espreitando para assegurar que era seguro. Recuou subitamente, juntamente com os outros homens. Um novo estrondo abalou o portão e entrou pelas janelas uma nuvem de pó densa acompanhada por fragmentos de tijolo.

Wonda esperou um momento antes de voltar a espreitar, tossindo.

– O caminho está livre, mestra. Depressa, enquanto carregam. Depois, partimos.

– Muito bem – concordou Leesha. Mas, enquanto olhava as tropas krasianas, sentiu um peso no coração. Vinte mil. Era um número que a lógica lhe permitia compreender, mas olhar a realidade era algo completamente diferente. Eram tantos. Mesmo que não conseguissem passar o portão, os que trepavam acabariam por superar os soldados na muralha.

Gared, suplicou para si mesma, *se algum dia houve momento em que pudesses fazer algo bem, é agora. Precisamos de um milagre.*

A força maioritária do inimigo mantinha a distância: uma cavalaria numerosa e milhares de soldados apeados, prontos para avançar se o portão caísse. Equipas de Mehnding carregavam com entulho trazido dos povoados incendiados os cestos das suas catapultas. A maioria disparava cegamente sobre a cidade, mas um dos engenhos tinha sido adiantado para atingir o portão. Os arqueiros de Mansen concentravam os disparos nesses guerreiros, mas estavam protegidos por outros com escudos sobrepostos enquanto trabalhavam.

Os krasianos retribuíram o fogo. Ouviu-se um guincho e um dardo de escorpião trespassou um dos arqueiros angieranos. A cabeça larga do projétil saiu-lhe pelas costas enquanto voava para a parede oposta, morto.

Todos fitaram o cadáver empurrado para a parede norte. O instinto de Leesha foi correr para o homem, mas percebia que era inútil. Ninguém sobreviveria a um golpe daqueles.

– Se continuam vivos, parem de olhar especados e disparem! – bradou Mansen, fazendo os homens regressarem ao trabalho.

Wonda estava ansiosa, mas Leesha ignorou-a, arriscando olhar novamente pela janela, vendo a munição que os Mehnding carregavam. Eram sobretudo grandes destroços de casas mal construídas como o que atingira o portão momentos antes. Se era aquilo o pior que as catapultas

podiam disparar, o portão estaria a salvo.

Mas, enquanto pensava isto, viu uma carroça a ser carregada com rocha maciça. Uma estátua de Rhinebeck II com pedestal pesado, medindo seis metros da base ao topo. Seria o maior teste de todos, mas as guardas resistiriam até àquilo.

Espero que sim, pensou.

Enquanto a estátua era carregada, o kai'Sharum ergueu uma mão, ordenando aos Mehnding que esperassem. Arqueiros continuaram a disparar dos dois lados e havia homens a lutar sobre a muralha e caindo dela, mas os disparos de artilharia pesada cessaram.

– Que esperam? – perguntou Leesha.

Soube-o no momento seguinte, quando as janelas se enegreceram em uníssono e Vigias krasianos desceram do alto com cordas, infiltrando-se pelas aberturas estreitas.

Vestiam-se completamente de negro, não trazendo lanças ou escudos. Também não tinham as suas escadas caraterísticas, mas Leesha conhecera Vigias antes e reconhecia-os pelo seu silêncio, perícia e armamento exótico.

Vários arqueiros tombaram, com adagas de arremesso cravadas na cabeça e no pescoço enquanto os Vigias entravam. Wonda mal conseguiu afastar Leesha a tempo.

Seguiram-se rixas breves enquanto os Vigias eliminavam os arqueiros restantes como se ceifassem erva. Mesmo enquanto lutavam corpo a corpo, os seus braços arremessavam peças de aço afiado contra as reservas no centro da sala.

Um dos krasianos aproximou-se de Leesha, mas Wonda lançou-se contra ele e os murros e pontapés do homem não conseguiram evitar que fosse lançado pela janela. Apesar de serem célebres pelo seu silêncio, o Vigia gritou enquanto caía.

Wonda virou-se para o atacante seguinte, mas não havia outros que as ameaçassem. Metade dos Sharum tinham já desaparecido pela porta para as escadas e os outros moviam-se na direção oposta, matando quem se atravessava no seu caminho.

Leesha pensou que teriam vindo para eliminar os arqueiros, mas ao ouvir os gritos vindos de baixo, percebeu que não era esse o objetivo.

– Vão abrir o portão! – gritou, amaldiçoando-se pela tolice. Nem todas as guardas no mundo significariam alguma coisa se os krasianos se limitassem a erguer as trancas.

Wonda empunhava o arco e, mesmo no espaço apertado e caótico, atingiu

com uma flecha um Sharum prestes a chegar à porta. Disparou mais uma logo a seguir e outro krasiano subiu as escadas nesse instante. Alvejou o terceiro, mas uma fileira de Soldados de Madeira bloqueou-lhe a vista enquanto enfrentavam os Vigias.

Leesha correu para as janelas a norte.

– Krasianos no portão! Às armas!

As Lanças da Montanha não se moveram das suas posições, mas os Soldados de Madeira e os voluntários correram para o portão.

Leesha soube que chegariam demasiado tarde. Conseguia sentir já o solo a vibrar enquanto os Vigias erguiam o rastrilho. Mesmo que os angieranos recapturassem o portão e voltassem a descê-lo, os estragos estariam feitos. Até a luz indireta do sol conseguiria sugar o poder das suas guardas, tornando-as inúteis.

– Noite – exclamou Leesha, correndo para olhar novamente as equipas Mehnding. Tinham carregado a estátua, mas continuavam à espera, parecendo olhar diretamente Leesha.

Há mais Vigias no telhado, percebeu Leesha. Deram algum sinal e as catapultas dispararam. Leesha viu o pai de Thamos voando pelo ar e considerou irónico que o marido de Araine fosse o instrumento que poria fim à sua autoridade.

O portão inteiro estremeceu com o impacto, rugindo com o som de madeira estilhaçada e metal retorcido. Leesha cambaleou, mas Wonda voltou a estar presente para a amparar. Os últimos Vigias tinham desaparecido, barricando a porta depois de passarem. Os arqueiros, que não costumavam ser homens particularmente corpulentos, lançaram-se inutilmente contra a porta pesada. Fora construída para manter invasores do lado de fora e era igualmente eficaz quando voltada contra os defensores.

Ouvia o combate no portão intensificar-se enquanto os Soldados de Madeira tentavam desesperadamente baixar o rastrilho de ferro pesado antes que o portão cedesse.

No exterior, um grupo de chi’Sharum fora incumbido de manobrar o aríete. Leesha não acreditava no que via. Homens nascidos e criados em Thesa erguiam o grande tronco de madeira dourada rodeados por outros que erguiam os escudos para formar uma carapaça de tartaruga sobre o aríete. A formação complexa não os impediu de ganhar velocidade enquanto atravessavam terreno aberto. Arqueiros sobre a muralha disparavam inutilmente, com as flechas a quebrar contra os escudos. Homens com caldeirões de óleo a ferver tinham sido posicionados no alto do portão como defesa, mas os Vigias capturaram o telhado, deixando-os impotentes.

O estrondo de cada embate do aríete era acompanhado pelo ruído de madeira a quebrar e Leesha soube que o portão não resistiria por muito mais tempo.

Os homens do aríete recuaram, preparando novo embate. Leesha olhou o aglomerado de homens em baixo com tristeza.

– Que o Criador vos perdoe.

Voltaram a avançar, mas Leesha levou a mão ao seu cesto e conseguiu retirar um pau de trovão. Aproximou um fósforo e atirou-o, destruindo a tartaruga e rachando o aríete.

Os homens gritaram e, quando o fumo se dissipou, Leesha viu-os. Pedaços de humanidade ensanguentada espalhados pelo solo, fazendo lembrar um matadouro.

Nem todos estavam mortos. Isso seria talvez o pior. Alguns guinchavam com tamanho desespero que Leesha agoniou.

São estes os segredos do fogo que Bruna protegeu durante tanto tempo, pensou. *Os que partilhou comigo sob juramento de Herbanária para não prejudicar ninguém. E usei-os para matar.*

Não fazia diferença no panorama geral das coisas, pois havia outros homens com outro aríete avançando para o portão enquanto Leesha tentava impedir-se de vomitar. O portão estremeceu e ouviu-se um grito de júbilo do exército krasiano quando Jayan ergueu a sua bandeira, ordenando a carga da cavalaria pesada pelos portões da cidade.

Rojer gritou até ficar rouco enquanto os Vigias trepavam o portão, mas ninguém o ouvia de tão alto. A seu lado, Sikvah ficou hirta e Rojer calou-se, ouvindo o som de passos subindo a torre.

Viriam finalmente libertá-lo? Talvez tivesse sido a exigência de Amanvah para negociar uma trégua com o irmão.

Sikvah encolheu-se e saltou, trepando pela parede acima usando apoios de mãos que Rojer nem sequer conseguia ver. Demorou segundos a voltar às sombras entre as traves do teto.

A porta da cela foi aberta de rompante, mas, ainda que Amanvah estivesse do outro lado, não viera supervisionar a sua libertação. Tinha as mãos e os pés agrilhoados e, avaliando pelas nódoas negras na face dos seus carcereiros, não aceitara de bom grado as grilhetas.

Foi empurrada rudemente para o interior, tropeçando nas correntes e caindo violentamente sobre a pedra. Rojer correu para junto dela.

Esperou que os guardas partissem, mas entraram na cela. Dois a

princípio, depois quatro... seis... No total, doze homens amontoaram-se na cela minúscula até parecer que Rojer não conseguiria estender um braço sem tocar um deles.

Eram todos guardas do palácio, como os que golpeara depois do Baile de Debutantes, armados com bastões pesados. Rojer conhecia as suas caras, mas não os seus nomes.

– Desculpa o aperto – disse o sargento. – O ministro não enviou homens suficientes da última vez, mas Janson não comete o mesmo erro duas vezes.

– Devia ter calculado que Jasin não conseguiria fazer aquilo sem ajuda – disse Rojer.

– Jasin não conseguiria descalçar as botas sem ajuda – afirmou o sargento. – Não direi que algum de nós sentirá a falta do verme miserável, mas incomodaste muito o ministro.

– Não podem querer matar-me na catedral e escapar às consequências – disse Rojer.

O sargento riu-se.

– A cidade inteira mantém os olhos fixos no portão, desgraçado, e não há demónios do outro lado que possas encantar com o violino. Ninguém quer saber de ti ou da tua pega krasiana agora. Os vossos guardas estão encolhidos lá em baixo, preparados para se barricarem nas criptas se os krasianos passarem o portão. – Inclinou a cabeça, fixando um olhar malicioso em Amanvah, admirando-lhe as sedas esticadas sobre as curvas. – Não que possa censurar-te. Talvez os homens possam divertir-se um pouco antes de vos empurrarmos aos dois por aquela janela fora.

– Não! – gritou Rojer.

O sargento voltou a rir.

– Não te preocupes, rapaz. Não ficarás de fora. Tenho alguns homens mais interessados no teu rabo que no dela. Afinal, estamos num templo.

Algo se moveu velozmente junto ao seu pescoço, como se uma sombra o tivesse coberto. A seguir, caía em direção a eles com um jorro de sangue. Sikvah voou como uma mosca para o extremo oposto da cela, apunhalando outro homem na garganta enquanto o usava como trampolim para regressar às sombras no alto.

– Noite! Que foi isto, pelo Núcleo? – gritou um dos guardas. Todos olhavam para cima. Rojer e Amanvah tinham sido esquecidos.

– Estás bem? – perguntou-lhe Rojer.

– Não – respondeu Amanvah. – Esgotei a paciência. – Algo naquelas palavras era mais assustador do que qualquer outra coisa que alguma vez

tivesse dito.

Houve um novo borrão de movimento e Sikvah caiu do teto como um demónio da madeira, cravando a lâmina no peito de um homem. Matou mais dois no caos que se seguiu, voltando a desaparecer entre as traves.

– Adeus. Não contem comigo – disse um deles. Juntamente com outros dois guardas, correu para a porta, mas esta fechou-se violentamente e a tranca girou com ruído.

– Janson quer que morram! – gritou uma voz do outro lado. – Se querem a porta aberta, façam-no!

Os homens voltaram costas à porta, furiosos. A seguir, Sikvah caiu como uma aranha sobre o do centro, partindo-lhe a espinha. Embateu contra a porta com um salto, usando o ímpeto para energizar as facas com que apunhalou os homens de cada lado.

– É a outra! – gritou um guarda. E três dos sobreviventes avançaram para ela, brandindo clavas.

O quarto desembainhou uma faca, correndo para Rojer e Amanvah. Rojer tentou puxá-la para um canto seguro, mas a corrente que lhe prendia os pés era curta e voltou a cambalear. Rojer inverteu a direção, avançando rapidamente e aplicando um pontapé poderoso entre as pernas do homem, recordando o treino de sharusahk.

Mas o pé embateu contra a armadura e sentiu algo estalar, provocando dor intensa. O grito foi interrompido quando um dos guardas o empurrou para o lado com o bastão, erguendo a faca para pôr fim a Amanvah.

– Não! – Rojer não pensou enquanto se colocava na trajetória da faca, escudando o corpo de Amanvah com o seu. Sentiu o impacto nas costas e, de repente, havia um pedaço de metal afiado erguendo-se do seu peito, com uma mancha vermelha alastrando em redor no peito da camisa. Não sentiu dor, mas sentia o frio do metal dentro de si e compreendeu vagamente o que acontecera.

Amanvah também compreendeu. Via-o nos seus olhos, nos seus belos olhos castanhos, sempre tão serenos, arregalando-se de horror.

Com um safanão, a mão do atacante caiu do punho da faca. Tombou no chão, morto, ao lado de Rojer.

Sikvah começou a gritar, mas, tal como a dor de Rojer, era algo distante. A sua segunda esposa ergueu-o de Amanvah tão delicadamente como se segurasse um bebé.

– Cura-o! – implorou. – Tens de...!

– Os chin tiraram a minha bolsa de hora! – exclamou Amanvah. – Não tenho nada com que possa trabalhar.

Sikvah arrancou a gargantilha do pescoço.

– Aqui está! Aqui tens o hora!

Amanvah acenou afirmativamente, dirigindo-se rapidamente à janela para a tapar. Sikvah pousou Rojer delicadamente na cama e retirou todas as peças de joalharia guardada que trazia, destruindo objetos de valor inestimável com o punho da faca. Concediam-lhe poderes incríveis, mas, por ele, destruiu-os sem pensar.

Era uma demonstração de amor tão eloquente que Rojer sentiu lágrimas nos olhos. Quis dizer-lhe que parasse, que aquilo não o salvaria e que precisava do poder nos dias e noites vindouros.

Amanvah estava com ele, cortando-lhe as roupas como se não houvesse uma faca atravessada no seu corpo. Como se houvesse alguma coisa que pudesse fazer. Morria. Morria e com tanto para fazer.

Havia um pincel fino sobre a mesa de Rojer e Amanvah usou o seu sangue para traçar as guardas, apressando-se enquanto mais sangue continuava a ensopar o pano com que cobriam o ferimento.

Momentos depois, ergueu os hora e um brilho quente cobriu-lhe o peito, trazendo consigo uma euforia que lhe acalmava a dor. Amanvah olhou Sikvah.

– Puxa lentamente a lâmina, irmã. A magia terá de lhe reparar os órgãos imediatamente a seguir.

Sikvah acenou afirmativamente e começou a puxar. Rojer sentia a lâmina movendo-se centímetro a centímetro, puxando-lhe as entranhas e cortando novamente. Sentiu-a, com o corpo a entrar em convulsões, mas não houve dor. Era como se o seu corpo fosse um ator interpretando uma cena de morte.

Os ossos no punho de Amanvah desfizeram-se e Sikvah puxou os centímetros da faca que continuavam cravados, pressionando imediatamente um pano sobre o ferimento.

Amanvah examinou-lhe as costas.

– Tem a coluna intacta. Se coser o ferimento...

Mas Rojer sentia o ardor dentro de si e o batimento errático do coração. Voltou-se para ficar de frente para elas.

– C... – O som foi acompanhado por uma bolha de sangue que rebentou, salpicando a face de Amanvah, mas não a fez vacilar e misturou-se com as lágrimas.

Rojer tentou ganhar força.

– Continuem a cantar. – Saiu-lhe como um gemido e caiu para trás, esforçando-se para respirar quando havia tanto para dizer. Cada uma das

suas esposas pegou numa das suas mãos e apertou-lhas com toda a força.

– C... continuem a aprender. A e-ensinar. – Olhou para o lado. – Kendall...

– Marido? – perguntou Sikvah, fazendo-o recompor-se e perceber que perdia os sentidos. A escuridão aproximava-se, reduzindo o seu campo visual ao tamanho de uma cabeça de alfinete, com uma luz ao fundo que poderia seguir.

– Entreguem o meu violino a Kendall.

Leesha correu para as janelas do portão voltadas para a noite, rezando para que o rastrilho tivesse sido fechado a tempo. Em vez disso, viu o portão jorrando uma torrente interminável de krasianos. O fluxo contornou a fonte. Eram centenas... milhares de guerreiros gritando com lanças longas apontadas enquanto galopavam em direção a um punhado de Lanças da Montanha que guardavam as avenidas.

Para seu crédito, a guarda da princesa não abandonou as fileiras, mantendo as lanças erguidas à sua frente, como se fosse possível travarem duas toneladas de cavalo galopante.

O capitão Bruz ergueu também a sua arma enquanto a avalanche se aproximava dos seus homens. No último momento, baixou a lança com um grito.

O pátio preencheu-se com centenas de explosões, como uma caixa de foguetes festivos atirada a uma fogueira. O ar encheu-se de fumo e a carga krasiana atingiu as chamas com a violência com que um demónio embateria contra guardas.

Os cavalos relincharam, alguns erguendo-se tão alto que caíram para trás, outros desabando a meio do galope, projetando os cavaleiros contra as pedras do piso.

A cavalaria krasiana não teve tempo para travar. Os que vinham atrás chocaram contra as primeiras fileiras, quebrando ossos e não conseguindo evitar cravar as lanças erguidas nas costas dos seus companheiros. Do alto, Leesha via a onda de impacto alongar-se pela carga de cavalaria até perder a força.

Seguiu-se um momento em que foram os próprios Sharum a saltar das montadas. Alguns cavalos voltaram a erguer-se, muitos deles sem cavaleiro. Muitos ficaram por terra. Instalou-se uma confusão atordoada.

KCHAK!

As Lanças da Montanha voltaram a apontar as armas, pressionando um

gatilho e acrescentando outra muralha mortífera ao caos.

Os segredos do fogo, percebeu Leesha. Sabia que Euchor os conhecia. Vira pessoalmente os planos para a construção das armas que as Lanças da Montanha disparavam.

Mas nunca sonhou sequer que pudesse ser louco a ponto de usá-las ou que pudessem ser construídas em grande número com tão grande rapidez.

Sempre as teve. O pensamento era arrepiante, mas fazia sentido. Euchor sempre ansiara por se tornar rei de Thesa. Miln fora, afinal, a antiga capital da nação.

KCHAK!

A retirada do inimigo tornara-se inquestionável. Os que ainda conseguiam mover-se puxavam os cavalos e voltavam a sair pelo portão. Metade das Lanças da Montanha voltou a disparar, começando a recarregar enquanto as outras disparavam em seguida.

Depois de todos terem recarregado, as Lanças da Montanha iniciaram o seu avanço. Atrás, milhares de homens recrutados seguiram-nos, alguns com armas e outros com ferramentas pesadas. Os comandantes tinham desesperado ao imaginarem aqueles homens em combate aberto, mas eram adequados a esmagar cabeças e cortar gargantas enquanto abriam caminho entre os inimigos feridos. Leesha viu-os trabalhar e vomitou pela janela, atingindo o turbante de um Sharum em fuga.

As Lanças da Montanha recapturaram o portão em minutos, subindo ao topo das muralhas e alastrando enquanto recarregavam com precisão. As forças inimigas estavam completamente desordenadas, com a cavalaria passando entre as linhas de infantaria que tinham avançado pela retaguarda. Os Mehnding pareciam confusos, sem saberem para onde disparar e talvez pensando se deveriam também fugir.

Esse momento de confusão foi tudo aquilo de que precisaram as Lanças da Montanha. Abriram fogo contra os homens que operavam catapultas e escorpiões e nem a madeira e aço martelado dos seus escudos conseguiu protegê-los. Foram devastados, desabando dilacerados e ensanguentados sobre as suas máquinas de guerra.

As Lanças da Montanha voltaram a recarregar. Quinhentos homens, cada um com três tiros das armas flamejantes e tinham recarregado quantas vezes? Quatro? Leesha precisou de se apoiar ao parapeito enquanto vomitava outra vez.

– É melhor regressar ao palácio, mestra – aconselhou Wonda enquanto uma dúzia de Lanças da Montanha destrancava finalmente a porta, marchando além dos arqueiros esgotados, posicionando-se nas janelas.

Leesha acenou afirmativamente, apressando-se a caminho da porta, mas não com velocidade suficiente e estremecendo com cada disparo das armas flamejantes.

Leesha estava pálida e esgotada quando regressou aos seus aposentos. Sabia que devia encontrar Araine e informá-la do sucedido, mas parecia-lhe escusado. Os krasianos tinham sido esmagados e a cidade inteira não tardaria a sabê-lo.

O horror de tudo o que acontecera não parava de lhe surgir na memória. As Lanças da Montanha disparando contra as costas dos krasianos em fuga. Os soldados recrutados eliminando brutalmente os feridos.

Corpos dilacerados pelo seu pau de trovão.

Seria melhor que Euchor? Pregara durante anos acerca do motivo que levava as Herbanárias a guardar os segredos do fogo, mas, quando se via verdadeiramente pressionada, não hesitara em usá-los para matar. Era uma Herbanária Daninha. Melhor a matar do que a curar.

Wonda manteve o arco na mão, mesmo enquanto caminhavam pelos corredores da ala feminina do palácio. Ninguém as deteve. As duas mulheres estavam imundas e tresandavam a sangue e a fumo, mas eram imediatamente reconhecíveis por todos.

Wonda abriu a porta e Leesha só conseguiu ver a porta interior que conduzia ao seu quarto. Correu diretamente para ela.

Mas, assim que Wonda fechou a porta, gritou. Leesha voltou-se e viu-a no chão, com a minúscula Sikvah conseguindo imobilizá-la de alguma forma. Os aposentos tinham sido vasculhados.

Amanvah surgiu diante dela.

– Onde estão?

– De que falas? – perguntou Leesha.

Kendall saiu do quarto de Wonda.

– Não estão escondidos aqui.

– Ei! – gritou Wonda do local onde Sikvah a imobilizava.

– Desculpa, Won – disse Kendall, encolhendo os ombros.

– Onde escondeste a minha bolsa de hora? – perguntou Amanvah, centrando novamente em si o olhar de Leesha. Não esperou por uma resposta, remexendo-lhe no interior dos bolsos do avental.

– Não me toques! – Leesha tentou afastá-la com um empurrão, mas Amanvah defletiu o ataque com facilidade, erguendo o olhar durante tempo suficiente para a golpear com um nó do dedo no ombro. O membro ficou

inerte por um momento e seguiu-se um formigueiro. Recuperaria em breve, mas, até lá, ficaria pendurado e inútil.

– Ah! – Amanvah ergueu a bolsa de hora e afastou o olhar de Leesha como se tivesse deixado de importar. – Kendall! Sikvah!

Sikvah libertou Wonda e as mulheres seguiram-na obedientemente enquanto Amanvah se dirigia para o quarto de Leesha. Foi só nesse momento que Leesha percebeu que a túnica branca habitualmente imaculada da jovem dama'ting estava ensopada de sangue.

Wonda ergueu-se imediatamente, segurando uma faca longa na mão. Leesha ergueu um braço para a atrasar.

– Amanvah, o que aconteceu?

Amanvah olhou para trás.

– Vem e testemunha, filha de Erny. Isto também te diz respeito.

Leesha e Wonda trocaram um olhar preocupado, mas seguiram-na com cautela.

Sikvah virara a cama ao contrário, desimpedindo o chão e colocando o colchão contra as janelas de cortinas grossas. Leesha voltou a colocar os óculos guardados enquanto a porta se fechava, deixando-os em escuridão completa.

Amanvah ajoelhou-se no centro da sala, banhada com o brilho vermelho dos dados. Estava coberta de sangue, mas não parecia ser o seu. Apertou uma área ensanguentada da túnica, manchando a mão de vermelho. Colocou os alagai hora nessa mão e começou a girá-los até ficarem ensopados.

– De quem é esse sangue? – perguntou Leesha, com o pavor crescendo-lhe à boca do estômago. O seu bebé agitou-se como se pretendesse fugir a pontapés.

– Everam, Criador do Paraíso e de Ala, Fonte de Luz e vida, o teu filho abençoado, Rojer, filho de Jessum dos Estalagens de Ponteflúvia, genro do Shar'Dama Ka e meu honrado marido, foi assassinado.

Leesha sentiu a garganta estreitar ao ouvir aquelas palavras e achou que asfixiaria.

– Rojer? Morto? Impossível.

Os seus pensamentos foram interrompidos enquanto Amanvah continuava.

– Onde deverá Sikvah esperar o responsável para que a nossa vingança seja rápida e possamos colocá-lo perante a tua justiça infinita?

Lançou os dados e viu-se um clarão de magia enquanto os dados eram forçados a seguir o padrão do destino. Leesha não acreditava que as

mensagens fossem enviadas pelo Paraíso, mas não podia negar que os alagai hora tivessem poder muito real.

Amanvah estudou os símbolos por um momento e olhou Sikvah.

– A latrina no corredor sudeste do quarto piso.

Sikvah acenou com a cabeça e desapareceu. Mesmo com a visão guardada, a sua aura mudou, tornando-se um véu energético difuso, fundindo-se com o que a envolvia como faria uma Capa de Invisibilidade. Percebeu-se um movimento mínimo enquanto saía pela porta, conseguindo não deixar entrar luz enquanto o fazia.

– Vai matar alguém?! – perguntou Leesha, segurando o pulso de Amanvah enquanto recolhia os dados para outro lançamento.

Amanvah segurou os dados no punho fechado e girou o pulso, invertendo as posições e torcendo tanto o pulso de Leesha que a fez recear que partisse. A dor foi intensa, tornando difícil pensar.

– Não voltes a tocar-me – disse Amanvah, soltando-a e afastando-a com um empurrão. Wonda avançou, mas um olhar feroz de Amanvah deteve-a. – Sim – prosseguiu Amanvah. – Sikvah faz o que lhe devia ter ordenado que fizesse há meses. Destruirá os inimigos do filho de Jeph. O fracasso foi meu e, agora, o honrado Coliv e o abençoado Rojer percorrem o caminho solitário.

– Amanvah – disse Leesha. – Se alguém matou Rojer, podemos informar...

Amanvah silvou, interrompendo-a.

– Estou cansada de esperar pela justiça corrupta dos chin enquanto os nossos inimigos atacam. Não preciso de assistência nem de autorização para vingar o meu marido.

– E terás o mesmo fim? – perguntou Leesha. – Não posso ajudar-te se ordenares que este homem seja assassinado.

Amanvah fixou nela um olhar medonho.

– Podes e fá-lo-ás. – Apontou-lhe o ventre. – O teu filho tem primos crescendo agora mesmo no meu ventre e no ventre de Sikvah. Filhos do filho de Jessum, partilhando o seu sangue com o teu filho. Aceitarás entregá-los à justiça chin?

Leesha olhou-a, sabendo que tinha sido vencida, mas odiando admiti-lo.

– Nucleada sejas. Não.

Leesha não precisou de fingir chorar quando viu Rojer ser trazido do alto da torre. Achou que estaria vazia de lágrimas depois do massacre no pátio, mas

ver o seu amigo, pálido e ensanguentado, encontrou novas reservas. Esperara demasiado tempo, acreditando que Rojer estaria seguro na Torre Sul. Amanvah estava certa. Devia ter insistido mais.

– Rojer morto na torre – disse Araine mais tarde durante o chá. – Janson encontrado esventrado na latrina.

– Os dois com intervalo de horas – referiu Lorain. – E debaixo dos nossos narizes.

– Não esqueçamos uma dúzia de guardas do palácio – referiu Leesha. – Um dos quais assassinou o meu amigo na sua cela depois de aceitares libertá-lo. Homens que recebiam ordens de Janson e por ele eram pagos. Que vos parece que levou uma dúzia de homens armados à cela de Rojer?

– Não sei – disse Araine. – Mas sei que estão mortos. Guardas do palácio, Leesha. Os meus guardas. Mortos. E com Amanvah desaparecida.

– Talvez o seu irmão tenha enviado homens para a resgatar enquanto nos distraíam na muralha – sugeriu Leesha. – E aproveitaram a oportunidade para eliminarem um ministro perigoso pelo caminho.

– Ou talvez a bruxa tenha conseguido levar alguns ossos de demónio consigo – disse Lorain.

Leesha acenou afirmativamente.

– Talvez. Ou talvez haja outras explicações ainda. Seja como for, parece-me que o assunto estará resolvido e prefiro deixá-lo para trás.

– Como podes dizer isso? – perguntou Araine. – Não desejas justiça para o teu violinista? Não te importa?

– O violinista salvou mais vidas do que as vidas colhidas pelas Lanças da Montanha – replicou Leesha. – Era o meu melhor amigo em todo o mundo e o meu coração está despedaçado agora que partiu. – Debruçou-se com olhar duro. – Mas assisti durante demasiado tempo a este ciclo. Há dois anos, Jasin Tom-Dourado enviou Rojer para o meu hospício depois de lhe ter matado o mestre. Depois disso, Jasin tentou terminar o que começara e Rojer foi preso por se defender. Agora, está morto, possivelmente por ordem de Janson. E Janson também morreu. Quantas mortes são necessárias para pôr fim a isto? – Abanou a cabeça. – Nada conseguirá trazer-me Rojer de volta e, por isso, o que mais quero é levá-lo de volta ao Outeiro para poder repousar.

– Talvez te possas permitir o luxo de esquecer as coisas – disse Lorain –, partindo numa viagem de uma semana inteira para sul. Mas o assassinato ocorreu no palácio. O assassino terá de ser encontrado e o corpo de Rojer é uma das provas.

Foi notório que Leesha perdeu a paciência, batendo com a chávena de

chá sobre a mesa com tanta força que fez o conteúdo entornar-se. Era um gesto teatral, mas achou que Rojer ficaria orgulhoso do seu desempenho.

– Inaceitável. A minha gente e eu passámos demasiado tempo como prisioneiros em Angiers. O barão Lenhador não tardará a chegar com milhares de Lenhadores. Quando chegar, quererá saber como o seu melhor amigo foi assassinado enquanto estava ao vosso cuidado e, de uma forma ou de outra, partiremos.

– É uma ameaça? – perguntou Lorain.

– É um facto – constatou Leesha.

Lorain abanou a cabeça.

– Angiers deixou de ser fraca...

– Não penseis que o vosso truque me impressionou, princesa – disse Leesha. – Conheço muitos mais segredos do fogo que vós. Podeis ter salvado Angiers, mas o que libertam no mundo é pior ainda. Fazemos o trabalho dos demónios por eles quando devíamos unir-nos.

Lorain grunhiu de desprezo.

– É impossível que acredites nessa tolice da Guerra Demoníaca e do Libertador.

– Não acredito no Libertador – afirmou Leesha. – Mas é impossível negar que os demónios se erguem contra nós. Senti um na minha cabeça e sei do que são capazes. As vossas novas armas serão inúteis contra eles.

– Veremos – disse Lorain. – Mas erguemo-nos contra os demónios durante trezentos anos. Não fomos nós a atacar.

Leesha acenou afirmativamente.

– Todos fomos... comprometidos nesta batalha. Há sangue suficiente nas mãos de todos. – Olhou cada uma delas. – Salvei a vida do vosso filho, Araine. E a vossa, Lorain. Das duas vezes arriscando a minha vida e a vida que cresce dentro de mim. Por favor, permiti que partamos em paz, como aliadas.

As duas duquesas entreolharam-se, sendo muito eloquentes apenas pela expressão. Araine acenou com a cabeça a Leesha.

– Leva Rojer e as tuas novas aprendizas e parte em paz.

Novas aprendizas. Jizell fecharia o hospício e assumiria a posição de Herbanária Real da duquesa-mãe, enviando as restantes aprendizas para sul com Leesha para treinarem no Outeiro. Entre essas «aprendizas», incluíam-se a duquesa Melny grávida e, sem que Araine soubesse, Amanvah e Sikvah.

As duquesas teriam perguntas a colocar quando as duas reaparecessem no Outeiro, mas eram perguntas a que seria melhor responder por

intermédio de um Mensageiro e não cara a cara. Leesha não tinha qualquer intenção de partir outra vez do Outeiro sem um exército de Lenhadores como escolta.

TRINTA E UM

ASSOBIADOR

334 DR Inverno

Abban nunca antes vira Sharum fugir. Everam era testemunha de que não recordava se alguma vez teria acontecido. Fora uma coisa feia e caótica, uma consequência do pânico.

Milhares de dal'Sharum, a elite das forças de Jayan, entrara a cavalo na cidade. Só um punhado conseguiu voltar a sair, gritando e sangrando. Os que tinham voltado abandonaram por completo o campo de batalha, fazendo os seus cavalos galopar a grande velocidade pelo caminho por onde o exército tinha vindo sem algo que se assemelhasse a um plano. Deixaram o que restava das forças (equipas de engenhos de cerco, kha e chi'Sharum, além da guarda pessoal de Sharum, erguendo-se em confusão sobre a lama revolvida pela sua passagem. Outros seguiram o exemplo, abandonando os seus postos e seguindo-os.

– Barba de Everam – sussurrou Abban enquanto começava a interiorizar a enormidade da derrota.

Voltou-se para Sem-Orelhas.

– Traz o meu baú. – Enquanto o kha'Sharum mudo corria para a saída da tenda, Abban voltou-se para o seu outro guarda-costas: Fahki, o seu filho. – Os mapas e os documentos, rapaz. Depressa. Teremos de fugir antes que...

Nesse momento, as abas da tenda abriram-se de rompante e Jayan entrou com passos apressados, seguido por Hasik e por dois kai'Sharum das Lanças do Libertador.

– Lá se foi o teu plano arrojado, khaffit! – bradou Jayan.

– O meu plano? – repetiu Abban. – Limitei-me a concordar com a sabedoria do Sharum Ka. Foi a dama'ting a prometer vitória.

– Os cobardes chi'Sharum rendem-se – disse Hasik, espreitando pela entrada da tenda. Saiu e gritos e caos encheram a tenda até a aba pesada voltar a cair.

– Antes isso que voltarem as lanças contra nós – comentou Abban. – Sem despojos ou sem os chicotes dos dal'Sharum como incentivo à ação, não ganharão nada com a partilha da nossa derrota.

– Matarei aquela bruxa mentirosa quando voltarmos à Cisterna de Everam – ameaçou Jayan.

– Não mentiu exatamente – recordou Abban, continuando a recolher papéis e enfiando-os numa sacola que Fahki segurava. – Prometeu que forçarias o portão e entrarias na cidade. E foi o que fizeste.

– Sem referir que os meus homens seriam chacinados momentos depois – rosnou Jayan.

– Nunca me agradaram as profecias das dama'ting – referiu Abban. – Nunca dizem tudo.

– Não? – perguntou Hasik, voltando a entrar na tenda.

Jayan voltou-se para ele.

– Que disseste?

– As profecias das dama'ting não se destinam a dizer-nos o que desejamos ouvir – recordou Hasik. – Dizem-nos qual é a vontade de Everam. Não acreditava realmente até este dia.

– Verga de Everam, Assobiador! – gritou Jayan. – Que dizes tu?!

– Perguntei à dama'ting Asavi se algum dia me vingaria de Abban, o khaffit gordo – disse Hasik. – Respondeu-me que viria um dia de fumo e ruína em que o Sharum Ka deixaria de ser favorecido por Everam. – Retirou uma lâmina curva da manga. – E, nesse dia, ninguém se atravessaria diante da minha raiva.

– Que fazes?! – Jayan assobiou. – Assobiador! Para trás!

Os dois kai'Sharum foram rápidos, movendo-se imediatamente para se erguerem lado a lado diante de Jayan com as armas prontas.

Hasik avançou sem medo, com a face transformada numa máscara de pedra enquanto defletia uma lança e pontapeava com força o escudo do kai'Sharum, projetando-o pelo ar até cair sobre a mesa de Abban num turbilhão de papéis.

Hasik aproveitou o espaço antes que o outro kai pudesse ajustar a sua posição. Girou, cravando a faca curva na axila do braço com que o guerreiro segurava o escudo, onde havia uma pequena costura na armadura

de vidro impenetrável usada por todas as Lanças do Libertador.

Jayan iniciou um ataque próprio antes que Hasik conseguisse libertar a faca, apontando-lhe uma lança ao pescoço descoberto. Hasik percebeu a manobra, esquivando-se. A lança roçou-lhe o elmo abaixo do turbante, arrancando-lhe parte da orelha.

Hasik riu-se, segurando a haste da lança imediatamente abaixo da extremidade e puxando-a para o lado enquanto esmurrava com força, prendendo entre os dedos o punho pesado da faca. O nariz de Jayan foi esmagado e caiu para trás, sem sentidos.

– Foge, pai! – gritou Fahki, passando-lhe para as mãos o saco e empurrando-o para a saída. A sua intenção era boa, mas o rapaz não deixava de ser um idiota, continuando a empurrar enquanto a perna defeituosa de Abban cedia. Caiu ao chão, com Fahki aterrando sobre ele.

A Lança do Libertador sobrevivente voltou a erguer-se entre uma nuvem de relatórios esvoaçantes. Há muito perdera a lança, mas desembainhou uma faca semelhante à de Hasik e avançou, protegendo-se com o escudo.

O escudo deveria ter sido uma vantagem de peso num combate com facas, mas Hasik simulou um golpe e largou a faca, abrindo os braços e segurando o escudo com mãos firmes. Torceu, puxando com força selvagem. O kai foi projetado por cima de Hasik e Abban ouviu-lhe o braço estalar no ponto mais alto do voo.

Aterrou de costas e Hasik partiu-lhe o outro pulso sem esforço, pegando na faca do kai para substituir a sua. Com o homem por terra, segurou-lhe a couraça e puxou, fazendo estalar as correias e expondo-lhe o peito à lâmina.

A perna de Abban gritava-lhe em protesto, mas ignorou-a, apoiando-se com força em Fahki e na sua muleta para se erguer.

Jayan gemeu, apoiando-se sobre um braço.

– Assobiador, o que...?

Hasik saltou em direção a ele, cravando-lhe a faca na boca. A sua face era uma máscara de ferocidade demoníaca enquanto empurrava a lâmina curva para o cérebro do filho primogénito do Libertador.

– O meu nome! – Hasik libertou a faca e cravou-a outra vez. Desta vez, entrou com facilidade até ao punho. – Não é! – Puxou a faca e cravou-a uma terceira vez. – Assobiador!

Foi nesse momento que Sem-Orelhas regressou. O mudo ficou à entrada da tenda, segurando o baú de tesouro de Abban.

Abban não disse nada, mas ergueu a mão formando com os dedos o sinal de morte, apontando Hasik com o polegar.

Em silêncio, como um demónio do vento em voo picado, Sem-Orelhas deu três passos rápidos em frente. O baú pesaria mais de noventa quilos, estando cheio de ouro, mas Sem-Orelhas ergueu-o sem dificuldade acima da cabeça e atirou. Atingiu Hasik nas costas, afastando-o do corpo sem vida de Jayan.

Protegido pela sua armadura de vidro, Hasik não sofreu ferimentos sérios, mas cambaleou, desequilibrado, enquanto Sem-Orelhas cobria a distância que os separava, prendendo-o numa chave de braços.

– Depressa, rapaz! – gritou Abban, correndo para a saída. – Vem!

Os combatentes rebolaram pelo piso da tenda. Sem-Orelhas, mais pesado e controlando a situação, ficou por cima, imobilizando com um joelho a mão com que Hasik segurava a faca. Segurou o outro braço de Hasik pelo pulso, golpeando-o na face com a mão livre. Eram golpes poderosos e medonhos, mas Abban vira Hasik lutar nas filas para a comida desde que eram rapazes no sharaj e sabia que não terminaria ali.

Um dos murros projetou a cabeça de Hasik para um lado e mordeu com força o pulso da mão com que Sem-Orelhas o imobilizava. O gigante não conseguia falar, mas o seu urro de dor desprovido de qualquer tom humano foi terrível. Um grito animalesco sem qualquer humanidade.

Assim que a força com que o prendiam afrouxou, Hasik libertou uma mão, interrompendo o grito do mudo com um murro na garganta. Ergueu-se, invertendo as posições e vendo Abban aproximar-se da aba da tenda.

– Desta vez, não, khaffit! – gritou Hasik, lançando a faca.

Abban ergueu os braços, mas a lâmina não se destinava a atingir a cabeça ou o peito. Cravou-se na coxa da sua perna sã, fazendo-o cair novamente com um grito.

– Pai! – gritou Fahki, correndo para ele.

– Foge – disse-lhe Abban. – Encontra guerreiros e conta-lhes que Hasik matou o Sharum Ka.

– Não te deixarei – disse Fahki, agachando-se e tentando içar Abban. Sangue quente escorria-lhe pela perna, mas Abban cerrou os dentes e firmou o pé, apoiando-se sobre a muleta de camelo. Pediu ajuda, mas, no caos exterior, ninguém o ouviu através das paredes de lona pesada.

Hasik e Sem-Orelhas estavam de pé, trocando golpes cujo objetivo era matar ou causar dano permanente. Sem-Orelhas conseguia resistir à justa. As caras dos dois homens estavam ensanguentadas e começavam a inchar. Um dos olhos de Sem-Orelhas enchia-se de sangue e o nariz de Hasik estava espalmado contra a face, claramente partido.

Mas sorria. O exército estava destruído, Jayan morrera e Hasik lutava

pela vida, mas o eunuco brutal sorria de uma forma que Abban nunca vira.

Tentou dar um passo, mas, mesmo com Fahki apoiando-o, a dor era insuportável.

Hasik conseguiu superar a defesa de Sem-Orelhas, puxando-o pelas orelhas. Puxou com força enquanto o atingia na face com o topo do elmo. O espigão abriu um buraco medonho na testa do mudo.

O gigante empurrou Hasik para trás com força e gritou, levando a mão à cabeça.

– Procuras isto? – riu-se Hasik, erguendo a orelha que arrancara. – Agora és verdadeiramente sem-orelhas!

O gigante voltou a avançar, mostrando-se irado pela primeira vez. Os seus murros teriam derrubado um camelo, mas Hasik defletiu-os com facilidade, aproximando-se e pontapeando-o com o calcanhar no estômago. Sem-Orelhas foi projetado contra o poste de suporte central da tenda, rachando-o ao meio e fazendo desabar o teto de lona.

Abban cerrou os dentes e dirigiu-se para a saída com toda a sua força. Um passo. Dois. Mas não foi suficiente e Hasik libertou-se do emaranhado de lona.

– Atrás de mim – disse Abban, segurando o braço de Fahki e puxando-o para fora do caminho de Hasik. – É a mim que quer.

– Não o deixarei... – começou Fahki, colocando-se diante do seu pai.

– Não sejas idiota – antecipou-se Abban. – Não terias qualquer hipótese.

– Devias dar ouvidos ao teu pai. – Hasik continuava a sorrir. – Foge e deixa que o teu pai aceite o que é inevera. – Moveu o olhar para a lança de Fahki. – Ou prometo que te fodo com a tua própria lança.

– Como o Shar’Dama Ka te fez? – perguntou Abban.

O sorriso desapareceu da face de Hasik e Abban ergueu a muleta com bossas de camelo, pressionando o gatilho que libertava da extremidade uma lâmina de electrum com quinze centímetros. Estava envenenada com veneno de víbora-dos-túneis. O veneno mortífero mais conhecido.

Mas Hasik moveu-se mais depressa do que julgou possível, segurando a pata de camelo na base da muleta e virando a lâmina para o lado. Puxou-a das mãos de Abban, projetando o khaffit e partindo a muleta sobre o joelho.

Fahki gritou e correu, golpeando com a lança. O gesto foi perfeito, mas não passava de um rapaz e Hasik era um dos mais mortíferos assassinos vivos. Afastou a ponta afiada com a lâmina da muleta, pisando com força o joelho de Fahki. O rapaz gritou e pousou um joelho em terra, usando a lança como apoio.

Hasik pontapeou a lança, acompanhando a queda de Fahki com pontapés e vergastadas com a haste da muleta para deitar o rapaz de costas no chão.

A seguir, cravou-lhe a lâmina de electrum pelo traseiro acima. O veneno atuou rapidamente. Fahki começou a ser afetado por convulsões selváticas, com espuma branca saindo da boca.

– Roubaste-me a piça, mas continuo a foder à minha maneira – disse Hasik a Abban enquanto se aproximava. Voltara a sorrir.

Ouviu-se um raspar de lona e um grito animalesco enquanto Sem-Orelhas se libertava do emaranhado, agarrando Hasik pelas pernas.

A vantagem foi apenas momentânea. Hasik tinha os dois braços livres e, enquanto caíam, golpeava os olhos e o pescoço do mudo com os nós dos dedos. Os golpes aumentaram de intensidade quando caíram no chão e, por fim, o mudo ficou imóvel.

– Não haverá retorno possível depois disto – advertiu Abban enquanto Hasik se erguia pela última vez. – A Damajah encontrar-te-á. A tua vida chegou ao fim.

Hasik riu-se.

– Vida? Que vida? Não tenho nada, khaffit. Asseguraste que assim fosse. Não tenho nada além de humilhação diária. – Sorriu. – Além de humilhação e da minha vingança.

– Então mata-me. Despacha-te – disse Abban.

Hasik riu-se, erguendo um punho.

– Matar-te? Oh, khaffit. Não te vou matar.

TRINTA E DOIS

A NOITE DOS *HORA*

334 DR Inverno

– O ataque terminou – disse Melan aos clérigos. – Foi uma chacina.

Ashia viu os homens torcendo as mãos e arrastando os pés. As notícias tinham chegado no dia anterior, informando que Jayan levara a maior parte das suas forças para atacar Angiers a norte, ultrapassando muito a sua autoridade como Sharum Ka. Os clérigos tinham suplicado às dama'ting por previsões desde então. Se Jayan tivesse sucesso, como aconteceria certamente, avançaria quase de certeza para o Trono dos Crânios.

A Damajah cansara-se da histeria, retirando para os seus aposentos para fazer previsões em privado, deixando Melan a substituí-la.

A dama'ting de véu negro intensificava o dramatismo, libertando os dados brilhantes da mão direita arruinada. Segredava-se no Palácio das Dama'ting que fora forçada a erguer o seu primeiro par de dados imperfeito para o sol, ficando queimada até ao osso. Deixara crescer as unhas e, com as cicatrizes ásperas múltiplas, a sua mão parecia uma garra de alagai.

Os dados da dama'ting tinham sido drenados durante a manhã pelas questões incessantes dos clérigos, sem notícias para partilhar. Teria de esperar o anoitecer para tentar novamente.

Ashia era a única outra mulher presente na sala, mas ninguém se atreveu a protestar pela sua presença. O marido desejava cada vez mais a sua presença. Asome vivia com enorme pressão e começara a depender do seu apoio nos dias anteriores. Continuava a ser push'ting, mas, desde que se tinham deitado juntos como marido e mulher, Ashia atrevia-se a tentar

encontrar uma forma de manter a união em Ala sem transformar a vida no abismo de Nie.

– Conseguiu? – perguntou Ashan com voz preocupada. – Jayan conquistou Forte Angiers? – Era uma corte fechada, apenas com os clérigos de maior estatuto presentes. Ashan sentava-se sobre o Trono dos Crânios, com os Damaji e os filhos dama do Libertador na base dos degraus, ladeando Melan de dois lados enquanto se ajoelhava sobre o seu pano de lançamento.

– Não surpreende – troçou o damaji Ichach. – Os chin são fracos.

Melan debruçou-se mais, inclinando a cabeça enquanto continuava a estudar o padrão.

– Não. Os dal'Sharum foram vencidos. Retiram do campo de batalha a grande velocidade. O primogénito do Libertador morreu.

Seguiu-se silêncio atordoado. Nenhum dos Damaji quisera que o jovem e impulsivo Jayan alcançasse outra grande vitória tão cedo. Mas a alternativa era demasiado horrível para suportar. Os dal'Sharum vencidos? O filho do Libertador assassinado. Por chin?

Vitória após vitória sob liderança do Shar'Dama Ka tinham conduzido o seu povo até um orgulho nacional que, pela primeira vez em séculos, começava a transcender as tribos. Uma crença de que todos integravam o povo escolhido de Everam, os evejanos, sendo inevera que os chin fossem subjugados e forçados a vergarem-se ao jugo e à lei evejana.

Era a Sharak Sun, a Guerra Diurna que uniria toda a humanidade para a Sharak Ka.

A derrota era impensável.

– Tens a certeza? – perguntou Asome. Melan acenou afirmativamente.

– Estás dispensada – disse Asome. A mulher acenou afirmativamente, guardando os dados na bolsa de hora e começando a dobrar o pano de lançamento.

– Fica – ordenou Ashan. – Tenho outras perguntas.

Melan dobrou o lenço até ao fim e ergueu-se.

– Mil perdões, Andrah, mas a Damajah ordenou que a procurasse imediatamente com quaisquer notícias que surgissem. – Voltou-se para partir.

O desrespeito fez Ashan abrir a boca, mas Asome antecipou-se antes que pudesse falar, colocando-se diante dos degraus que subiam para o trono.

– Permite que Melan se ocupe da minha mãe, tio. Há muito que precisaremos de discutir que não dirá respeito às dama'ting.

Ashan olhou-o com curiosidade e Asome curvou-se.

– Mil perdões, honrado Andrah, mas a tua liderança falhada trouxe-nos até este ponto. Jayan não se teria atrevido a levar a cabo um ataque tão tolo se o meu pai ocupasse o trono. É um sinal claro de que Everam está insatisfeito com o teu governo.

Voltou-se para varrer o quarto com o seu olhar, enfrentando os olhos dos outros homens.

– É chegado o momento de aceitar que o meu pai não regressará. Depois da morte do meu irmão, é inevera que me sente no Trono dos Crânios no seu lugar. – Olhou Ashan. – É teu direito tentar contrariar-me. Deverás saber que, se o fizeres, não haverá desonra na tua morte.

Ashan franziu a testa.

– Apenas se conseguires matar-me, rapaz. Mas, em primeiro lugar, deverás olhar para os Damaji para desimpedires o teu caminho.

– Assim é. – Asome acenou com a cabeça, voltando-se novamente para Ashan enquanto passava pelos outros homens. – Damaji! Avancem!

Em uníssono, os seus irmãos dama deram um passo em frente, curvando-se enquanto se viravam para os Damaji respetivos.

– Mil perdões, honrado Damaji – disseram em perfeita sintonia –, mas devo desafiar-te pela liderança da tribo. Será teu direito tentar contrariar-me. Deverás saber que, se o fizeres, não haverá desonra na tua morte.

– Que afronta! – gritou Ichach. – Guardas!

Asome sorriu.

– Não há guardas que consigam ouvir-te, Damaji. Melan selou a sala com guardas de silêncio e trancou as portas.

Ashia e Asukaji eram uma ilha de paz entre o mar de tensão repentina que fez os homens assumirem posturas de combate. Ashia estacou, sem saber o que fazer. Asome tinha claramente planeado aquilo, mas não soubera de nada.

Subitamente, as palavras *permite que Melan se ocupe da minha mãe* revestiam-se de um tom sinistro. Voltou um olhar inquisitivo para Asukaji enquanto o irmão lhe rodeava o pescoço com o garrote. Era rápida, mas não o suficiente. Cruzou os punhos, puxando com força enquanto o sentia mover-se com passos de dança atrás dela.

Ashia asfixiou, movendo a cabeça para um lado, mas acompanhou o puxão de Asukaji, curvando-se para diante e pousando um pé com firmeza antes de erguer o outro para trás para lhe aplicar um pontapé de escorpião na nuca.

O seu irmão resistiu, mas Ashia conseguiu enfiar um dedo por baixo da corrente que lhe rodeava a garganta, inspirando com dificuldade.

Asfixia. Acabava por ser sempre a asfixia.

Continuou a pontapear e a acotovelar Asukaji com o braço livre, mas a vantagem era dele, aceitando os golpes débeis e apertando mais enquanto os seus pés dançavam sobre o chão, procurando apoiar-se ao mesmo tempo que as forças de ambos se contrariavam mutuamente.

Ashia conseguiu firmar os pés por um momento, mas, quando ergueu uma perna para desferir um pontapé, Asukaji estava pronto, erguendo a outra perna e fazendo-a cair ao piso de mármore.

– Acreditaste realmente que eras a sua jiwah? – perguntou Asukaji. – Que significas alguma coisa para ele? Passas uma noite deitada por baixo dele e acreditas que consegues suplantar-me? Asome é meu, irmã. Agora e para sempre.

E, com efeito, Asome olhou-os com aura fria. Era como se Asukaji esmagasse um inseto.

Ashia forçou a corrente com o dedo até sangrar, mas não conseguiu enfiar outro. Sentiu a cara inchar e soube que era apenas uma questão de tempo.

Viu os shar’dama executaram os seus Damaji. Não havia outra descrição possível. Todos os Damaji eram mestres de sharusahk, mas nenhum deles tinha menos de sessenta anos e muitos eram bastante mais velhos. Muitos tinham também engordado. Os meios-irmãos de Asome eram todos jovens e fortes, rondando o auge do seu vigor físico.

Mas não era apenas isso. Todos eles tinham coberto as mãos com cicatrizes guardadas e cada um erguia um punho que brilhava intensamente com magia de hora. O poder absorvido pelas guardas concedia-lhes força e velocidade sobre-humanas, roubando toda a honra às suas vitórias enquanto um Damaji após outro caíam perante os seus ataques brutais.

Morreram todos em segundos com exceção do ancião Aleverak, que dançava para trás e para diante com Maji. O velho Damaji ceifara também alagai durante a noite. Não deixava de ser magro e mirrado, mas há décadas que não se sentia tão forte. Até àquele momento, nenhum dos dois conseguira atingir o outro com um golpe, chave ou projeção certeiros.

Enquanto a visão começava a turvar-se-lhe, Ashia via que Aleverak se limitava a avaliar o rapaz. A sua aura mantinha-se calma enquanto explorava as defesas de Maji e procurava fraquezas.

Percebeu pelo seu porte o momento em que preparou o ataque. O Damaji não conseguia ver com a luz de Everam, mas também ele notara as capacidades reforçadas de Maji e o punho que mantinha cerrado enquanto lutava.

Aleverak não via as linhas de poder que mantinham o punho de Maji fechado, mas destruiu-as tão facilmente como Enkido, pressionando o punho do jovem dama com um pé. A sua mão abriu-se por reflexo e, apesar de ter recuperado rapidamente, voltando a fechar o punho, o estrago estava feito.

Embrenhados no conflito, ninguém, nem mesmo Asome, vira o fragmento de osso de demónio que caiu da mão de Maji, saltitando pelo chão.

Mas todos viram a mudança no rumo do combate. A expressão de Aleverak permaneceu neutral, mas havia receio na de Maji enquanto o Damaji começava a atacar com maior ferocidade. Deu um passo atrás.

Savas avançou para auxiliar Maji, mas Asome ergueu uma mão para o travar.

– Este teste é apenas seu, irmão. – Savas não pareceu agradado, mas curvou-se e deu um passo atrás.

No momento seguinte, Maji estava imobilizado no chão com a mão de Aleverak apertando-lhe a garganta.

Ashia escolheu esse momento para redobrar os seus esforços num último esforço antes de perder os sentidos. Asukaji, distraído pela batalha, voltou para ela as suas atenções, apertando mais. Mas não importava. Os dedos de Ashia apertavam o fragmento de osso de demónio. Sentia o formigueiro da magia nas guardas pintadas nas suas unhas, preenchendo-a com novas forças.

– O teu pai, o Shar'Dama Ka, fez-me uma promessa, rapaz – disse Aleverak. – Prometeu-me que nunca desafiaria a minha chefia dos Majah e que Maji poderia enfrentar o meu filho para decidir a quem seria entregue depois da minha morte natural.

Asome curvou-se.

– Sei-o bem, honrado Damaji. Mas não sou o meu pai. As suas promessas não são minhas.

– Diz o Evejah que as promessas feitas pelos pais obrigam os seus filhos – recordou Aleverak. – E as promessas feitas do Trono dos Crânios obrigam-nos a todos. Se tivesses honrado este pacto, não me teria erguido contra ti esta noite. – Arreganhou os dentes num gesto de desprezo. – Em vez disso, quebras promessas e atacas durante a noite como um chin sem honra. Por isso, a tua vitória não será completa. – Olhou Maji. – Não há outro Majah que consiga igualar-me. – E, com aquilo, partiu o pescoço de Maji.

Todos os novos Damaji recuaram, dando espaço a Asome e Aleverak. O

Damaji ancião posicionou-se diante dos degraus do Trono dos Crânios, bloqueando o caminho de Asome.

Ashan mantinha-se pronto no alto dos degraus. A tradição exigia que esperasse até que o caminho entre ambos estivesse desimpedido, mas o seu pai tinha coração de guerreiro. Ansiava pelo confronto.

– Honras o nosso povo nesta noite, Damaji – disse Ashan. – Everam abrir-te-á pessoalmente os portões do Paraíso.

– Ainda não estamos mortos – avisou Aleverak enquanto Asome avançava para ele.

Ashia não conseguia ver qualquer brilho de hora envolvendo o seu marido. Podia ter permitido que os seus irmãos vencessem sem honra, mas escolhia lutar como a tradição ditava.

Foi o primeiro a atacar e fê-lo com violência. Aleverak deslizou para o lado, mas a manobra não surpreendeu Asome, girando para atingir o adversário com um cotovelo na axila. Segurou o membro que perdera a força, desequilibrando o velho. Prendeu nos dedos o cinto do Damaji, erguendo-o do chão e fazendo-o cair sobre o seu joelho, partindo-lhe a espinha.

Deixou o Damaji cair ao chão, inerte e esquecido, enquanto se endireitava com os olhos postos em Ashan.

Ashia conseguira enfiar lentamente outro dedo por baixo da corrente. Não era ainda apoio suficiente para se libertar, mas inspirou fundo, duplicando o seu poder.

Asukaji apertou com mais força.

– Barba de Everam. Dá-me a honra de morreres antes que o meu cabelo fique grisalho, irmã.

Ashia enfiara um terceiro dedo, mas emitia ruídos de quem asfixiava e deixava-se tombar enquanto aproveitava para aumentar as forças.

Ashan desceu os degraus do trono e Asome deu-lhe espaço para poderem erguer-se como iguais. Os seus irmãos afastaram os mortos do caminho entre ambos.

– A tua mãe sabe da tua traição, rapaz? – perguntou Ashan. – Criei-te como se fosses meu filho.

– A minha mãe não sabe de nada – disse Asome. – *Será sempre cega às ações dos seus filhos.* Os dados disseram-no a Melan acerca da minha mãe e provou-se uma e outra vez que era verdade.

– Não permitirá que mantenhas o trono – disse Ashan.

– Abdicará também do seu – replicou Asome. – A minha avó é uma Damajah mais adequada. A sua beatificação será a minha primeira ordem

como Shar’Dama Ka.

– Antes disso, terás de alcançar os degraus – recordou Ashan.

Enquanto os Shar’Damaji olhavam, impassíveis, Asome e Ashan lutavam pelo Trono dos Crânios.

Aleverak resistiu mais tempo. Asome defendeu-se dos três primeiros golpes do tio, permitindo que Ashan desferisse um pontapé violento contra o interior das suas defesas. Defletiu-o, mas não conseguiu impedir que Asome saltasse para rodear o pescoço de Ashan com a perna. O seu peso fez o resto.

O pai de Ashia fora um grande mestre de sharusakh antes do seu quadragésimo ano de vida, mas Asome quebrou-o como se fosse um nie’Sharum. O estalo do pescoço ecoou pelo espaço amplo.

Asome olhou os seus irmãos. Não perderam tempo a ajoelhar segundo ordem estudada ao longo do caminho para o trono, pressionando a testa contra o chão enquanto Asome iniciava a subida.

Foi então, com todos os olhares fixos no seu marido, que Ashia atacou, projetando a cabeça para trás enquanto puxava com força a corrente do garrote. Sentiu o nariz de Asukaji esmagar-se e afrouxou o aperto, permitindo-lhe afastar a corrente.

Todos os olhares se voltaram para ela com surpresa, mas Ashia não hesitou, aplicando um golpe preciso contra a nuca do irmão, despedaçando osso e fraturando-lhe a medula.

– Asukaji! – rugiu Asome, com a sua aura fria tornando-se finalmente quente. Mas não parou de subir, cobrindo os degraus que restavam com dois grandes saltos para alcançar o estrado. Ashia correu para a saída dos fundos, que a levaria aos aposentos reais.

Asome alcançou o trono, olhando-a com ódio enquanto bradava:

– Matem-na!

Ashia lançou-se contra a porta para a ala do palácio que pertencia à Damajah, mas, como Asome afirmara, Melan tinha selado todas as portas com magia de hora. Era como se tivesse lançado o ombro contra os portões da cidade.

Ressaltou na direção oposta, embatendo contra um dos grandes pilares enquanto os filhos do Libertador voltavam para si a sua fúria.

Assim que deixaram de a ver, passou para trás de um segundo pilar,

trepando sem demora. Quando os seus primos contornaram o pilar e perceberam que tinha desaparecido, alcançara já um dos nichos usados para vigiar a Damajah.

As irmãs de lança de Everam tinham saídas próprias da sala do trono e a dama'ting não as barrara.

As guardas de silêncio em torno da corte mantiveram os guardas exteriores na ignorância. Erguiam-se calmamente nos seus postos, sendo facilmente evitados até alcançar o corredor principal. A qualquer momento, Asome desativaria as proteções e colocaria o palácio inteiro em alerta, mas, por enquanto, o caminho estava ainda desimpedido. O seu dever era proteger a Damajah, que poderia enfrentar naquele preciso momento um golpe para a derrubar também a ela.

– Que Everam me perdoe – sussurrou Ashia, correndo na direção oposta.

– Não. Não tenho qualquer intenção de to entregar! – Kajivah abraçava o seu bisneto num gesto protetor enquanto Ashia avançava para ele.

– Não é seguro para nenhum dos dois – avisou Ashia. – Asome mata os Damaji na sala do trono. Colocar-vos-ei sob proteção da Damajah até a situação acalmar.

Kajivah recuou outro passo, mas Ashia apertou o polegar da avó e deu meia volta, amparando Kaji com suavidade enquanto o largava.

– Como te atreves a tocar-me, sua...!

Ashia aninhou o filho contra o peito, prendendo-o a ela com uma faixa de seda. Meio acordado, o rapaz começou a sugar-lhe a túnica, procurando um mamilo.

– É meu filho, tikka. E não teu. Se pretendes mantê-lo a salvo, temos de ir. Agora.

– Teu filho?! – gritou Kajivah. – Onde está o teu mamilo quando tem fome? Onde estás quando chora? Quando suja o seu bido? Lutas contra os alagai. E encontro-te coberta com sangue de demónio enquanto tentas esmagá-lo...

Ashia sentiu calor na face.

– Não foi isso que aconteceu. Não passou de um acidente.

Kajivah ergueu o véu e cuspiu aos pés de Ashia.

– O acidente foi ser amaldiçoada com uma neta aberrante que envergonha a nossa família.

Era tão ridículo que Ashia teve de se rir.

– És assim tão tola, tikka? Não consegues perceber que o facto de ser

«aberrante» é obra tua? Forçaste-me e às minhas irmãs a ir para o Palácio das Dama'ting sem pensares no que isso significaria. Sou aquilo em que me transformaste e nada mais.

– E esperas agora que procure a proteção da Damajah? – perguntou Kajivah. – A mulher que te distorceu proteger-me-á do meu próprio neto?

Ashia afastou o véu, mostrando a linha vermelha medonha no seu pescoço.

– O meu próprio irmão tentou matar-me esta noite, tikka. Ninguém está a salvo.

– Asukaji? – perguntou Kajivah, chocada. – Que lhe fizeste? – Avançou rapidamente para Ashia, golpeando-a com os punhos. – Bruxa! Que fizeste a Asukaji?!

Ashia voltou-se para proteger Kaji, defletindo facilmente os golpes. Prendeu o braço da mulher e pressionou com o polegar uma convergência dolorosa, empurrando-a para a porta. Sempre que Kajivah tentava seguir para qualquer direção além da que Ashia pretendia, provocava um choque de agonia na velha, superando rapidamente a resistência.

Tinham chegado ao corredor quando se ouviu um grito. Meia dúzia de Sharum corriam das duas direções, bloqueando o caminho.

– Graças a Everam que te encontrámos a salvo, Santa Mãe – disse o kai'Sharum que os liderava. – O teu neto anseia para ser informado de que estás segura. – Voltou-se, apontando a lança a Ashia. – Entrega a criança à Santa Mãe e recua. Agora.

Ashia levou uma mão atrás dela, segurando a haste de uma das lanças perfurantes curtas que trazia cruzadas às costas.

– O meu filho ficará comigo.

O kai'Sharum sorriu.

– Assim será. O Shar'Dama Ka anseia também pelo regresso a salvo da sua Jiwah Ka.

– Para poder matar-me pessoalmente? – perguntou Ashia.

– Não tens grande alternativa, princesa – disse o kai. – Lutarás, usando o teu próprio filho como escudo?

Foi a vez de Ashia sorrir.

– Não receies a sorte do meu filho, Sharum. Receia antes o que acontecerá a qualquer tolo que lhe aponte uma lança.

– Basta. – Kajivah avançou, estendendo os braços para Kaji. – Acabou, Ashia.

Ashia expirou, afastando a mão da haste da lança. Voltou-se para a sua avó, puxando o nó da faixa que lhe apertava o filho contra o peito.

Mas, quando Kajivah se aproximou, bloqueando momentaneamente os corpos de mãe e filho dos olhares dos guerreiros que os rodeavam, Ashia atingiu a velha com um golpe preciso, amparando-a teatralmente enquanto caía.

– Tikka! – Fixou um olhar de pânico nos guerreiros. – Ajudem-na! A Santa Mãe precisa de ajuda!

Os homens não reagiram, esquecendo as armas que empunhavam enquanto se aproximavam, não sabendo ao certo o que fazer. Pensar em tocar a Santa Mãe assustá-los-ia mais do que enfrentar uma horda de alagai.

Ashia atacou na confusão, lançando vidro guardado afiado aos guerreiros mais próximos.

Os homens envergavam armaduras, mas Ashia conseguiria cortar as asas a uma mosca com as suas adagas de arremesso em vidro. A cabeça de um dos guerreiros virou-se o suficiente para conseguir atingir-lhe a jugular. Os Sharum não tinham proteções de nariz nos elmos e outro deles foi atingido entre os olhos. Ouviu-se um estalo enquanto a adaga perfurava o osso fino e se cravava no seu cérebro.

A confusão aumentou enquanto os guerreiros moribundos caíam contra os seus companheiros. Um Sharum foi mais rápido que os outros a perceber o que se passava, mas, enquanto avançava, expôs o vão da armadura sobre a virilha, permitindo a Ashia cortar o músculo que ligava a coxa à anca. A perna do guerreiro cedeu, abrindo caminho até ao kai'Sharum.

Kaji acordou e chorou de irritação enquanto Ashia trespassava a garganta do kai com uma das lanças de arremesso. Retirou a outra lança da correia que a prendia, pontapeando o kai em direção a outro guerreiro. Um golpe rápido no caos que se seguiu e o braço com que o guerreiro segurava a lança caiu inerte a seu lado enquanto passava por ele.

Ashia ultrapassou a barreira, ficando com o caminho livre. Uma corrida rápida e poderia subir até uma das passagens secretas.

– Bura! Kamen! Levem a Santa Mãe até ao Shar'Dama Ka! – gritou uma voz. – Os outros sigam-na!

Ashia olhou para trás. Um instrutor de véu vermelho passara a comandar os homens, liderando pessoalmente a carga enquanto dois guerreiros pousavam as lanças e despiam as capas para improvisar uma maca.

Tinha já matado três homens e ferido outros dois com gravidade. Guerreiros honrados que obedeciam às ordens do seu líder. Sharum perdidos para a Sharak Ka.

Mas não podia permitir que os homens levassem Kajivah até Asome,

permitindo-lhe usá-la para suplantar a Damajah. Nem poderia permitir que os guerreiros voltassem para o seu marido, informando-o de que Inevera tinha o seu filho.

Olhou para baixo e Kaji retribuiu-lhe o olhar. Sabia que Kajivah estivera certa. Tinha deixado que o seu dever a separasse do seu filho e quase o perdera como resultado.

– Coragem, Kaji – sussurrou. – Mesmo que caminhemos juntos sobre o limiar do abismo, não voltarei a deixar-te.

Cada uma das suas lanças tinha uma haste de meio metro com trinta centímetros de vidro guardado afiado na ponta. Ashia puxou rolhas das extremidades e uniu-as com uma torção enquanto Kaji bocejava e fechava os olhos.

Até o instrutor parou enquanto atacava, não sabendo como atacar sem ferir a criança. Ultrapassou-lhe as defesas antes que tivesse tempo de reagir e antes mesmo que percebesse que morria.

Recuperou o fôlego, com a luz de Everam iluminando as linhas de poder que percorriam os quatro guerreiros que restavam enquanto escolhia o alvo seguinte. Um pontapé quebrou o tornozelo ao primeiro, permitindo-lhe tempo mais que suficiente para bloquear um golpe ao segundo. Ashia girou a lança nas duas mãos, golpeando com a segunda lança abaixo da aresta do escudo do guerreiro seguinte, decepando-lhe a mão com que empunhava a lança. Tombou, horrorizado, abrindo caminho para o guerreiro que se erguia atrás dele. Estava pronto, mas Ashia deu um passo atrás, defletindo novo golpe do segundo guerreiro enquanto preparava um golpe letal contra o primeiro. O homem não conseguiu equilibrar-se sobre a perna que lhe restava intacta e bastou um empurrão para abrir um rombo nas suas defesas.

Esperou que o guerreiro com a mão decepada precisasse de mais tempo para recuperar, mas gritou como um louco e correu para ela com o escudo erguido.

Sem poder desviar-se, Ashia rodopiou, amparando a carga com a placa couraçada que lhe cobria as costas. Manteve a lança erguida na horizontal à sua frente, criando uma zona segura em torno de Kaji enquanto era empurrada contra o outro guerreiro.

Mas, enquanto os homens demoravam um momento a recuperar o equilíbrio, os pés ágeis de Ashia nunca falharam um passo. Um empurrão e uma perna traçada deitaram os guerreiros de costas. As linhas do Sharum com a mão cortada perdiam o brilho enquanto a sua vida se perdia. Voltou-se para o outro, apagando-lhe a aura com uma pancada rápida antes de se

virar para o último homem que se erguia no seu caminho.

Bura e Kamen afastavam-se com a maca de Kajivah, contornando já uma esquina distante e seguidos de perto pelo guerreiro cujo braço inutilizara. Ashia ergueu uma lança que um dos homens largara e arremessou, atingindo o fugitivo nas costas.

O último guerreiro erguia o escudo, dobrando os joelhos e preparando-se para avançar. Baixava a lança à altura do peito de Ashia, apontando-a a Kaji.

Mas a ponta tremia.

– Encontra a tua coragem e investe, guerreiro – incitou Ashia. – Morre com honra no cumprimento do dever e Everam acolher-te-á no fim do caminho solitário.

O dal'Sharum inspirou fundo, gritou bem alto e correu para ela, empunhando a lança com firmeza.

Ashia matou-o rapidamente, de forma honrosa.

– Bruxa! – Enquanto o adversário anterior tombava, Ashia viu o guerreiro com a perna ferida erguendo-se sobre a perna intacta.

Segurava a lança com a mão esquerda, destinando-a ao seu coração. As placas de armadura dentro das suas vestes defletiriam facilmente tal golpe, mas Kaji, preso à sua frente, não podia fazer o mesmo.

Sem tempo para se esquivar, Ashia largou a lança e envolveu Kaji com os braços, girando para dar o flanco à lança. As placas aí eram mais pequenas, com vãos que permitiam liberdade de movimentos. A ponta raspou uma das placas e cravou-se num desses vãos.

Ashia recuou um passo. Por um momento, pensou que a lança não a tinha atingido, mas sentiu-lhe o peso quando se moveu. Estava cravada com profundidade no seu flanco.

Não percebia a extensão dos danos, mas era tão irrelevante como a dor. Puxou a lâmina do corpo e alvejou com ela quem lha lançara. A seguir, ergueu a sua lança e correu atrás de Bura e Kamen.

Foi fácil conseguir adiantar-se aos dois homens. O palácio estava repleto de caminhos conhecidos apenas pelas Sharum'ting, que lhe permitiram atravessar paredes enquanto os homens eram forçados a seguir pelo caminho mais longo, carregados com o peso da sagrada individualidade.

Ashia espalmava-se contra o topo de uma arcada, esperando que passassem. Kaji moveu-se e o seu ferimento ligado à pressa doeu-lhe, ensopando a túnica. Mas perdia-se na sua inspiração profunda e tais coisas não a tocavam.

Anunciados pela sua respiração ofegante, os guerreiros aproximaram-se.

Deixou Bura passar a arcada, caindo em silêncio sobre Kamen.

Kaji riu-se enquanto caíam e o infeliz guerreiro olhou para cima a tempo de ver a morte chegar. Quando Kamen largou o seu extremo da maca, o puxão súbito roubou o equilíbrio a Bura. Ficou à sua mercê.

– Tikka! – gritou Kaji, vendo Kajivah. Ashia cerrou os dentes enquanto erguia o peso morto da mulher, colocando-o sobre os ombros.

Ao fundo do corredor, ouviu os gritos de mais guerreiros, vasculhando o palácio à sua procura.

O teu primogénito está morto.

Inevera fitou os dados, filtrando a mistura de emoções que passava através dela.

Era dever de todas as dama'ting gerarem uma herdeira, mas adiara essa vontade pelo seu povo, usando os dados para abençoar Ahmann com dois filhos em primeiro lugar. Um para o sharaj e outro para o Sharik Hora. Os rapazes tinham nascido pelo cumprimento do dever, mas, enquanto cresciam dentro dela, Everam fizera operar as Suas magias mais subtis e, nesse milagre, começara a amá-los quando os levou ao peito.

Enquanto cresciam, os dois rapazes irritavam-na em partes iguais. Achou que sairiam a Ahmann, mas eram criaturas com traços próprios. Afinal, que filho do Libertador poderia ser outra coisa que não uma desilusão?

Jayan era um Sharum perfeito. Brutal e afincadamente ignorante. Do berço ao Labirinto, nunca perdera um momento com cautela ou com preocupações com a sua segurança pessoal, saltando sem nunca olhar para baixo. Como líder, preferia resolver problemas com a lança e não com a cabeça. Era inteligente à sua maneira e poderia ter conquistado um nome próprio, mas era suficiente que quem o rodeava ouvisse o nome do seu pai. Tinha sido sobrecarregado com demasiadas responsabilidades antes de ser um homem feito.

Os dados nunca tinham tido grande utilidade com os seus filhos, mas sempre soubera, no seu coração, que Jayan morreria novo.

Esse medo triplicou quando soube que partia para norte.

A perdição abater-se-á sobre os exércitos do Libertador, disseram os dados, *se marcharem para norte, deixando inimigos por subjugar na sua retaguarda.*

A confirmação da morte de Jayan trouxe uma angústia agravada pela sensação de culpa motivada pelo alívio do momento que temera durante tanto tempo.

Poderia encher frascos de lágrimas mais tarde. Visualizou a palmeira vergando ao vento da sua dor e controlou a respiração até ficar outra vez pronta para lançar os dados.

O teu poder será posto à prova três vezes durante esta noite.

Aquilo fê-la hesitar e, por um instante, sentiu uma pontada de medo. Os seus olhos fixaram-se na única entrada na sua câmara de lançamentos. No exterior, Micha e Jarvah esperavam com a Damaji'ting Qeva, prontas para a defenderem com a vida. Outras Sharum'ting esperavam fora dos seus aposentos, bem como guardas eunucos treinados pelo próprio Enkido.

Se as notícias da derrota de Jayan tivessem chegado aos Damaji, era impossível perceber o que fariam. Nenhum deles merecia confiança. Todos conspiravam. Não hesitariam em agir para defender os seus interesses.

Ergueu os dados uma terceira vez.

– Todo-poderoso Everam, fonte de Luz e Vida, permite à tua humilde serva ver o futuro. Quem me porá à prova esta noite?

Os dados iluminaram-se e formaram um padrão complexo, como sempre acontecia. Mas a mensagem foi simples.

Espera.

Ouviu-se um grito no exterior da câmara.

Melan ergueu o olhar quando Inevera saiu. Tinha retirado o toucado branco, segurando na mão o toucado negro da sua mãe. Qeva jazia a seus pés, com a aura apagada pela morte. No extremo oposto, junto às portas, viu Micha e Jarvah, ambas caídas. As suas auras estavam fracas e não se mexiam.

Melan riu-se, chocando Inevera. Foi tão inesperado que hesitou.

– Vem, Damajah! – gritou Melan. – Não percebes a ironia? Não foi precisamente assim que te encontrámos com a minha avó há tantos anos?

Era verdade. Inevera não quisera assumir a liderança prematura das dama'ting Kaji, mas, quando Kenevah ameaçou os seus planos de sentar Ahmann no Trono dos Crânios, não hesitara em matar a anciã.

– Talvez – concedeu. – Mas não foi também um matricídio.

– Claro que não – disse Melan, com um esgar trocista. – A filha da cesteira jamais magoaria a sua santa mãe. Como está Manvah? Continua no bazar? Talvez tenha chegado o momento de lhe fazer uma visita.

Inevera ouvira o suficiente. Ergueu a varinha de hora, disparando uma rajada de magia contra Melan.

Assim que ergueu a varinha, a mão de Melan enfiou-se no interior da sua túnica, alcançando um fragmento guardado da armadura de um demónio da

rocha revestido a ouro. A magia contornou as guardas, devastando a câmara em redor e deixando Melan incólume.

Está preparada para mim, percebeu Inevera.

– Há quanto tempo planeavas esta traição, Melan?

Melan ergueu a mão queimada e disforme.

– Tens mesmo de perguntar? – Grunhiu de desprezo. – Há muito tempo. Desde a primeira vez que teceste o bido, sonho com este dia. Mas Everam falou-te. Os dados indicaram Ahmann Jardir como Shar'Dama Ka e a ti como sua Damajah. Que poderia fazer senão obedecer? – Melan apontou uma das suas garras a Inevera. – Não conseguiste prever a derrota de Ahmann Jardir e não mantiveste o nosso povo unido durante a sua ausência. Everam deixou de te abençoar. Os dados começaram a falar contra ti quando a pega nortenha te superou nas almofadas. Chegou o momento de termos um novo Shar'Dama Ka e uma nova Damajah.

Inevera riu-se.

– Não tens o que é necessário para satisfazer o meu filho push'ting.

– Nenhuma mulher o tem – concordou Melan. – E, de qualquer forma, falta-me o reconhecimento de que o nosso povo precisa.

– Kajivah – disse Inevera, pronunciando o nome como se o cuspisse.

Melan uniu sonoramente a mão intacta e a distorcida.

– É delicioso que tenhas sido tu própria a fornecer-me a arma. Asome tê-la-á já beatificado e ocupará as tuas almofadas junto ao trono... alguns degraus abaixo. Uma figura cerimonial e um instrumento rudimentar que aprendemos a usar de forma bastante eficaz.

Inevera ergueu a varinha de hora.

– Não usarás nada, Melan. Percorrerás o caminho solitário esta noite.

Algo atingiu Inevera nesse momento, projetando-a. Se a magia não a fortalecesse, o impacto tê-la-ia deixado quebrada e indefesa. Mesmo assim, foi atirada como uma boneca, embatendo no chão com violência que fez dor subir-lhe pelos membros acima enquanto a varinha lhe escapava das mãos. Olhou na direção de onde viera o ataque, sentindo que tudo girava à sua volta.

A seguir, o rodopio terminou e viu a dama'ting Asavi, que deveria estar a centenas de quilómetros.

Aconselhando Jayan.

– Mataste o meu filho – disse Inevera.

– Foi a tua profecia a decretar a sua perdição. – Asavi levou uma mão ao peito. – Se a sábia Damajah decidiu não a partilhar com o seu filho, quem era eu para o fazer?

Não me teria dado ouvidos, mesmo que o tivesse feito, pensou Inevera. Mas não diminuía a dor provocada pelas palavras ou a raiva que a abalava como um furacão.

Melan e Asavi afastaram-se para extremos opostos, mantendo Inevera entre elas e tornando difícil que as visse em simultâneo. O brilho das suas auras intensificava. Cada uma delas ativara uma pedra de hora para se fortalecerem durante o combate que se avizinhava. As suas joias e os objetos que empunhavam brilhavam com poder idêntico.

Com demasiado poder para que Inevera se sentisse confortável. Moveu o olhar para a sua varinha de hora, mas Melan afastou-a com um pontapé.

Fabricada a partir de um membro de príncipe demoníaco, a arma era mais poderosa do que os hora de Melan e Asavi combinados. Tão poderosa que Inevera passara a depender dela em demasia, tendo consigo poucos objetos de magia atacante além da varinha. Confortou-se, pelo menos, sabendo que seria inútil para os seus inimigos sem horas de estudo para perceber como posicionava as guardas de ativação.

Mas nem desarmada Inevera ficava indefesa, como Asavi aprendeu quando ergueu um crânio de demónio da chama que disparou contra ela uma língua de fogo. Um dos anéis de Inevera ganhou vida e o fogo tornou-se uma brisa quando passou sobre ela.

Não perdeu tempo, correndo para o fogo e pontapeando o crânio nas mãos de Asavi. Rodopiou, pretendendo cravar-lhe um cotovelo na garganta, mas Asavi não era uma praticante novata de sharusahk. Colocou uma mão por baixo do cotovelo de Inevera e puxou, acompanhando a sua rotação natural enquanto fazia cair o peso do corpo, tentando derrubá-la com a flor murcha, um sharukin que quebraria a linha de poder na sua perna.

Inevera adaptou-se rapidamente, virando a coxa para proteger o ponto de convergência. Os dedos de Asavi falharam apenas por um centímetro, mas foi suficiente e a sua perna permaneceu firme enquanto usava o ímpeto de Asavi para a imobilizar violentamente contra o chão.

Mas, antes que conseguisse aproveitar a vantagem, Melan atirou-lhe um punhado de dentes de demónio do vento. As guardas gravadas nos dentes ativaram-se, fazendo-os voar com velocidade suficiente para dilacerar o ar.

Inevera ergueu uma mão a meio caminho entre a face e o peito. Uma das pulseiras tinha guardas contra demónios do vento e um clarão de magia protegeu os seus órgãos vitais.

Outras partes do seu corpo não tiveram a mesma sorte. Os dentes dos demónios do vento eram afiados como agulhas e finos como palha. Um deles abriu-lhe um buraco no estômago e outro cravou-se na anca.

Inevera canalizou intensamente o poder das suas joias, sarando as perfurações, mas dois dentes estavam-lhe cravados na coxa e não tinha tempo para os libertar.

Bateu com o pé no chão, mas Asavi afastara-se e ergueu-se imediatamente. Melan ergueu um tubo feito com o couro da asa de um demónio do vento e percebeu o que se seguiria.

Sem fuga possível, Inevera agachou-se enquanto a rajada de vento a atingia com a força da mão de Everam, esmagando-a de tal forma que as tábuas do soalho estalaram sob ela.

Asavi atirou uma pedra guardada enquanto Inevera erguia as pernas para se endireitar. A pedra deslizou sobre o chão, deixando um rasto de gelo. Era poder suficiente para congelar um inimigo.

Inevera canalizou o poder do anel de rubi que decorava o seu umbigo. O ouro tinha sido moldado sobre um círculo de osso de demónio e o seu corpo preencheu-se com calor, contrariando os efeitos do frio enquanto pontapeava a pedra em direção a Melan.

Preparava outra rajada de vento quando a pedra fria veio na sua direção. Apontou desesperadamente o tubo de asa de demónio do vento e disparou. Conseguiu repelir a pedra, mas cometeu o erro de mirar o solo e o ressalto fê-la cair.

Inevera reduziu a distância que a separava de Asavi, pressionando-lhe o ombro com dedos rígidos. Asavi não foi suficientemente rápida para bloquear por completo o ataque, mas segurou o antebraço de Inevera com força suficiente para proteger o seu ponto de convergência, transformando um golpe capaz de a inutilizar num ataque que era apenas doloroso.

Tendo Inevera tão próxima, Asavi segurou-lhe o ombro, imobilizando-a enquanto lhe atingia um rim com o joelho uma, duas vezes. Inevera aceitou os golpes como oportunidade para prender o joelho de Asavi com o braço livre, voltando a derrubar a adversária. Prendeu-lhe a perna com o outro braço, preparando-se para lho arrancar ao ombro.

Não conseguiu completar o movimento, mas teve o efeito desejado. Não querendo permitir que a sua amante fosse ferida e não podendo usar um disparo de magia que pudesse atingi-la, Melan aproximou-se para se juntar ao confronto.

Inevera teve de soltar a perna de Asavi para bloquear o pontapé veloz de Melan, respondendo com um golpe no peito que teria quebrado a couraça a uma mulher normal. Mas também Melan tinha sido fortalecida pela magia e resistiu ao golpe enquanto caía para trás, pontapeando Inevera com força nas virilhas.

Ao contrário dos outros pontos, onde um centímetro faria a diferença entre atingir ou não uma convergência, grande parte do poder de uma mulher centrava-se entre as suas pernas e era difícil falhar o alvo. Aglomerados nervosos protestaram dolorosamente e acabaram por vencê-la.

Em vez de se permitir ser controlada, Inevera aplicou o seu peso na queda, apanhando Asavi pela nuca e rebolando para a colocar por cima a tempo de absorver o pontapé descendente de Melan com as costas da sua cúmplice. Pontapeou as duas mulheres uma contra a outra, erguendo-se e correndo para a varinha de hora.

Mesmo sendo rápida, o arremesso de Melan foi mais rápido ainda. Como um carvão em brasa, a pedra de hora cruzou o ar e aterrou entre ela e a arma, com guardas de impacto abrindo um grande buraco no chão e atingindo-a com os destroços. Não conhecia guardas contra a madeira e ficou ensanguentada e coberta de farpas afiadas. Entre o fumo e o pó, perdeu a varinha de vista.

Ouviram-se gritos no exterior, atraídos pela comoção, mas Asavi lançou outra pedra de impacto contra a porta, fazendo a armação desabar para impedir que alguém viesse socorrer Inevera.

Inevera voltou a canalizar poder curativo, mas sentiu que as reservas nas suas joias diminuíam. Não podia continuar a esgotar hora àquele ritmo.

Em desespero, levou a mão à bolsa de hora, fechando os dedos sobre os contornos familiares dos dados. Nem precisou de olhar enquanto os erguia, ativando a sua luz.

As guardas luminosas estavam entre as primeiras que as nie’dama’ting gravavam nos seus dados para poderem trabalhar mais ainda com a luz de Everam. Até uma noviça conseguiria fazê-lo. Melan e Asavi riram-se do seu esforço.

Mas os dados de Inevera tinham sido talhados a partir de osso de demónio da mente, com electrum puro para focar o poder. A luz que produziu era intensa como o sol e as duas mulheres guincharam, afastando a cara do brilho.

Quando se recompuseram, Inevera tinha prendido o braço de Asavi, torcendo-o até sentir a cartilagem estalar, ouvindo-a gritar.

A manobra valeu-lhe um ataque com as garras de Melan na face. O sangue começou a escorrer-lhe sobre os olhos enquanto defletia o golpe seguinte, atingindo um ponto de convergência que fez Melan cambalear.

Precisou de um momento para passar o antebraço pela face, limpando o sangue. Voltou a canalizar para curar o ferimento, mas, desta vez, sentiu o

poço secar enquanto a hemorragia parava. Asavi afastou-a com um pontapé forte como um coice de camelo, demorando-se a canalizar também a cura dos seus ferimentos.

Os minutos seguintes foram difíceis de acompanhar. Inevera foi forçada a concentrar-se quase exclusivamente nas defesas enquanto as adversárias avançavam das duas direções. Tinham vindo preparadas. As suas auras continuavam a brilhar intensamente enquanto a de Inevera diminuía, começando a abrandar os movimentos.

Asavi e Melan tinham lutado juntas durante toda a sua vida, concebendo os seus sharukin para lutarem em perfeita harmonia. Bloquear o ataque de uma expunha Inevera aos ataques da outra e as mulheres aproveitaram essa vantagem.

Inevera deu consigo a falhar cada vez mais golpes enquanto o seu poder se dissipava e os poucos ataques que conseguia concretizar pelo meio eram facilmente bloqueados. Percebeu que brincavam com ela, saboreando o momento.

– Aceita o teu destino – disse Melan, atingindo-a com um pontapé na cabeça que a desequilibrou.

– Everam esqueceu-te – comentou Asavi, pontapeando-a na direção oposta.

– A culpa é tua – acusou Melan, esmurrando Inevera no queixo com tanta força que a fez cair.

Asavi estava posicionada para lhe amparar a queda, dobrando um joelho e usando-o contra Inevera. Inevera cuspiu sangue enquanto perdia subitamente o fôlego e Asavi largou-a, fazendo-a cair de costas.

– O poder fez com que te acomodasses. Combates com pouco mais do que os dados, falhados desde que os cobriste de uma forma proibida pelo Evejah.

Seria verdade? Os dados ter-se-iam voltado contra ela? Teria realmente deixado de ser favorecida por Everam? Se assim fosse, qual teria sido a sua falha? Não ter confirmado a morte do Par’chin? Ter revestido os seus dados? Ter permitido que Ahmann se envolvesse num Domin Sharum? Que poderia ter feito de forma diferente?

A seguir, recordou alguma coisa e levou a mão à bolsa de hora.

– Avisaram-me – gemeu.

– Hã? – perguntou Melan.

– Os dados. – Inevera enfiou a mão na bolsa com um esgar de dor. – Avisaram-me de que o meu poder seria posto à prova. Everam não me esqueceu. É apenas mais um teste.

Era proibido pelo Evejah canalizar o poder dos dados para alguma coisa além de fazer previsões e gerar luz para evitar que ficassem tão esgotados que pudessem causar previsões erradas. Além disso, os dados eram os objetos mais preciosos que possuía uma dama'ting. Eram a chave das vestes brancas, o seu guia através da vida, o coração do seu poder. Nenhuma dama'ting arriscaria danificá-los.

Mas Inevera perdera já os seus numa ocasião, ficando cega até conseguir talhar um novo conjunto. O preço foi elevado, mas ficou mais forte depois de o pagar.

Passara a ter dados talhados a partir de ossos de demónio da mente e revestidos com electrum. Fechou os dedos sobre os sete dados e canalizou intensamente o seu poder para uma última explosão de força e velocidade.

Melan e Asavi não esperavam aquilo, mas também não se deixaram surpreender. Enquanto Inevera se erguia, moveram-se em perfeita sincronia. Asavi bloqueou enquanto Melan atacava.

Mais velozes que víboras no momento anterior, as mulheres pareciam agora arrastar-se como camelos sobrecarregados. O pontapé de Inevera atingiu o peito de Asavi antes que conseguisse posicionar as mãos para bloquear, fazendo-a recuar e permitindo-lhe tempo suficiente para girar e bloquear o ataque de Melan, aplicando-lhe uma projeção de vários metros.

A distância segura, as duas mulheres levaram novamente as mãos às bolsas de hora, mas Inevera foi mais rápida, erguendo o punho que continha os dados, apontando com um dedo e traçando uma guarda de frio no ar com a unha afiada.

Asavi gelou literalmente, com uma fina camada de gelo branco cobrindo-lhe a pele. Inevera não pretendera matá-la tão cedo, mas calculara mal o poder dos dados. A aura da mulher extinguiu-se como a chama de uma vela soprada.

Melan guinchou, disparando um relâmpago, mas Inevera voltou-se, traçando no ar uma guarda de canalização rápida. Sentiu um formigueiro na mão enquanto a energia era absorvida de volta aos dados.

Boquiaberta, Melan atrapalhou-se com a bolsa de hora, retirando outro punhado de dentes de demónio. As guardas de propulsão ativaram-se quando lançou, mas Inevera repetiu a guarda invertida e os dentes voltaram para quem os lançara.

Melan gritou e caiu para trás, gemendo e tentando respirar, coberta de furos. Inevera manteve os dados na mão, preparada para traçar uma nova guarda, mas a aura da mulher não deu qualquer sinal de pretender continuar o duelo.

– Mataste... Asavi... – disse Melan entre dentes cerrados.

– O mesmo destino que me desejava – recordou Inevera. – Mas não temes o frio, não é, Melan? – Traçou guardas rápidas no ar e uma chama intensa pairou sobre a sua mão. – O fogo foi sempre o teu carrasco.

Melan estremeceu, chorando de dor enquanto se encolhia como reflexo, aproximando do corpo a mão queimada.

– Não te direi nada!

Inevera riu-se.

– Tenho os meus dados, irmãzinha. Não preciso que me digas nada. O valor que pudesses ter foi anulado assim que falaste na minha mãe.

– Perdoa o nosso falhanço, Damajah – implorou Micha quando Inevera a despertou. Jarvah começava a reagir à magia curativa quando um dos brincos de Inevera começou a vibrar, indicando que alguém entrara numa das passagens secretas que as irmãs de lança usavam.

Silêncio, disseram as suas mãos com um gesto. Moveu os dedos e Micha ajudou Janvah a esconder-se enquanto Inevera erguia a varinha de hora.

A porta escondida abriu-se em silêncio, mas não entrou qualquer atacante. Do outro lado, viu Ashia, trazendo Kajivah sobre o ombro e com um volume preso ao peito. A túnica da irmã de lança estava rasgada e ensanguentada e havia manchas vermelhas no seu véu branco. Deixara pegadas de sangue atrás dela.

– Suplico abrigo, Damajah. – Ashia pousou Kajivah e mostrou o que trazia ao peito. Era o seu filho.

– Que aconteceu? – perguntou Inevera, avançando para lhe examinar os ferimentos. Tinha nódoas negras e cortes superficiais, mas uma lança cravara-se no seu abdómen, atravessando-a de um lado ao outro. Estava pálida, com aura débil. Precisaria de magia de hora para sobreviver.

– Jayan morreu – disse Ashia. – As suas forças foram devastadas.

Inevera acenou afirmativamente.

– Eu sei.

– Os shar’dama mataram os seus Damaji e passaram a controlar as tribos – continuou. – Todos menos Maji, que foi derrotado.

Era uma novidade com consequências gravosas. Inevera sempre pretendera que os filhos dama de Ahmann tomassem o controlo das suas tribos, mas num momento por si escolhido. Os idiotas arriscavam tudo e percebia a que ponto deixara de os controlar.

– E Ashan? – perguntou, adivinhando já qual seria a resposta.

– O meu pai está morto – respondeu Ashia. – Asome senta-se no Trono dos Crânios.

Pior ainda. Perdera Jayan. Seria devastador se fosse forçada a matar Asome.

– Voltei-me para Asukaji quando a chacina começou – explicou Ashia. – A tempo de sentir uma corrente no pescoço enquanto tentava matar-me.

– Então o teu irmão também está morto – supôs Inevera.

Ashia acenou afirmativamente, tossindo sangue e ajoelhando-se. Inevera fez um gesto e Micha e Jarvah aproximaram-se imediatamente.

– Levem a criança.

Jarvah estendeu as mãos, mas Ashia abraçou Kaji com mais força por instinto e o filho começou a chorar. Ashia semicerrou os olhos como se não reconhecesse a sua irmã de lança, com confusão e medo marcando-lhe a aura.

Isso assustou Inevera mais do que qualquer outra coisa. Quando vira medo na aura de Ashia? Nem mesmo quando os alagai construíram grandes guardas à volta da cidade.

– Por Everam e pela minha esperança de alcançar o Paraíso, juro que não lhe farei mal, irmã – disse Jarvah. – Por favor, permite que a Damajah te trate os ferimentos.

Ashia abanou a cabeça e parte da confusão abandonou-lhe a aura.

– Atravessei o abismo para proteger o meu filho esta noite, irmã. Não serei separada dele.

– Não serão separados – assegurou Inevera. – Tens a minha palavra. Mas poderás apertá-lo demasiado quando a magia te percorrer o corpo. Deixa que a tua irmã de lança tome Kaji nos braços. Não se afastarão de ti.

Ashia acenou afirmativamente, afrouxando os braços e permitindo que Jarvah pegasse em Kaji, segurando-o pelas axilas enquanto se debatia, mantendo os braços esticados. Parecia preferir enfrentar um demónio da rocha. As Sharum’ting haviam visto a sua infância ser-lhes negada e não tinham quaisquer instintos maternais.

Inevera tirou-lhe a criança das mãos, envolvendo-a confortavelmente no cobertor antes de a aninhar na dobra do cotovelo de Jarvah.

– Micha, leva a Santa Mãe para a Cripta. Juntar-nos-emos a ti em breve. Parte depressa e não digas a ninguém.

– Sim, Damajah. – Micha curvou-se e desapareceu.

Inevera entrou na sala do trono ao amanhecer, seguida pelas suas irmãs-

esposas Damaji’ting. A sala estava repleta de dama e Sharum e o alarido foi imenso quando perceberam o que acontecia. À sua frente, os seus filhos segundos ladeavam o caminho até ao trono, com Belina fixando um olhar de ódio no Damaji Aleveran. O filho mais velho de Aleverak ocupara o lugar do seu pai como líder dos Majah. Até nova ordem, pelo menos.

Nenhuma das Damaji’ting aprovava o golpe dos filhos, mas laços de sangue uniam-nos profundamente a todos. Inevera também os sentia, erguendo o olhar para Asome no topo dos degraus, com expressão severa e olhos ainda inchados, sem dúvida por ter chorado Asukaji.

O poder tem sempre um preço, meu filho, pensou. Mesmo agora, a compaixão pelo rapaz misturava-se com a dor da perda de Jayan. Alguns poderiam dizer que o filho mais novo matara o mais velho, mas a verdade dos dados era mais severa. Asome tinha incentivado o irmão, mas fora Jayan a derrotar-se a si mesmo.

– Apraz-me ver-te bem, mãe. Receei pela tua segurança na noite passada. – Asome fora sensato e destapara as janelas da sala do trono, enchendo-a de luz refletida por dúzias de espelhos novos. Mas Inevera não precisava de lhe ler a aura para saber que mentia.

– Receio por todos nós – disse Inevera, avançando enquanto as suas irmãs-esposas ocupavam o seu lugar à esquerda do trono, voltadas para os novos Damaji. – De tal forma que recolhi Kajivah e o meu neto sob meu cuidado. Para a sua proteção, claro.

– Claro. – Asome cerrou os dentes enquanto a via subir os degraus. Inevera sabia que desejava impedi-la. Todos os homens presentes quereriam o mesmo, mas uma coisa seria mandar matar a sua mãe de forma discreta. Outra muito diferente seria atacar a Damajah em pleno dia diante da corte inteira.

– E Ashia? – perguntou Asome. – A minha esposa traiçoeira deverá enfrentar a justiça por ter matado o seu irmão e os meus guardas.

Inevera resistiu ao impulso de se rir da ironia.

– Receio que a tua Jiwah Ka tenha sido mortalmente ferida durante os combates, meu filho.

Asome uniu os lábios. A sua dúvida era clara.

– Agora que o perigo cessou, deixou de haver necessidade de protegeres quem quer que seja. Gostaria de ver o cadáver da minha esposa, Kaji deverá liderar a sua tribo e a minha santa avó...

Inevera subiu os degraus e enfrentou-lhe o olhar. Asome não se atreveu a terminar a frase. Como Shar’Dama Ka, o seu poder superava o da mãe, mas não tinha experiência a exercê-lo e ambos sabiam que Inevera poderia

matar os reféns muito antes de conseguir encontrá-los.

– O perigo não cessou! – afirmou Inevera, elevando a voz, com as suas palavras ecoando pela sala. – Consultei os alagai hora. Os dados preveem morte se abandonarem a minha proteção.

Não se curvou, avançando como sua igual até ao leito de almofadas ao lado do trono.

TRINTA E TRÊS

UMA VOZ NA ESCURIDÃO

334 DR Primavera

Passaram seis ciclos. Os meses frios chegaram e partiram enquanto o demónio se esforçava, gastando o metal das suas grilhetas átomo a átomo. A primeira grilheta estava pronta a quebrar e as outras enfraqueciam. Em breve, poderia fugir, mas os seus carcereiros mantinham-se atentos.

A prisão começou a aquecer, com a luz penetrando a cortina grossa. A estrela do dia não tardaria a erguer-se por completo.

Estava prestes a encolher-se novamente quando ouviu um som vindo de baixo. Os seus carcereiros vinham gritar-lhe novamente.

Eram cinco, os mesmos que tinham atacado no túmulo do Inimigo. Por motivos que desconhecia, haviam-se afastado de forma insensata dos seus sequazes. As suas mentes estavam guardadas, mas não tinham aprendido a camuflar bem as suas auras e o brilho que os rodeava permitia ao Consorte aprender muito.

Os subalternos foram os primeiros a chegar. O macho tinha magia e mente fracas, mas era leal como um sequaz da rocha. Contornou o mosaico guardado, posicionando-se atrás do Consorte.

A fêmea era mais brilhante que o progenitor, mas isso não surpreendia. As fêmeas de demónio dominavam sempre os seus progenitores e isso era algo que o Consorte sabia bem. A Rainha era sua cria, afinal.

Com os subalternos atrás dele, os Unificadores entraram. Em primeiro lugar, entrou o Herdeiro, que empunhava as armas do Inimigo, alimentadas pelos ossos e chifres dos antepassados do Consorte, incluindo os restos do seu próprio avô.

O Consorte suprimiu um silvo. O Herdeiro esforçara-se muito para

proteger o corpo do seu antepassado e, apesar disso, exibia os ossos dos seus inimigos com arrogância. Era um insulto pelo qual o Consorte o faria pagar um preço multiplicado por mil quando estivesse livre.

Mas a aura superficial do Herdeiro era de ação contida a custo. Todos os seus instintos lhe gritavam que matasse o Consorte de uma vez por todas. Não agiria sem ser provocado, mas aproveitaria qualquer pretexto para atacar.

O Consorte teve o cuidado de não lhe permitir tal pretexto. A sua postura não ameaçava, mas enfrentava o olhar do Herdeiro, atento.

A seguir, entrou o Explorador, que encontrara o túmulo do Inimigo, recuperando as guardas de combate que o Consorte e os seus semelhantes tanto se tinham esforçado para suprimir. Acompanhava-o a sua consorte, a Caçadora, que não temia nada quando sentia o odor da presa. Ambos tinham coberto a pele com guardas poderosas alimentadas de dentro por magia roubada ao Núcleo.

Herdeiro. Explorador. Caçadora. Cada um brilhando intensamente com poder, mas, mesmo naquele momento, os três juntos não conseguiriam igualar o poder inverso detido pelo Consorte, se estivesse livre para o usar.

– Bom dia – disse o Explorador. – Espero que os aposentos sejam do teu agrado. Perdoa-nos por não podermos ser melhores anfitriões.

O Consorte olhou-o, intrigado. O Explorador começava sempre por proferir palavras aprazíveis sem qualquer sinceridade. Jogavam aquele jogo uma e outra vez, mas não era suficiente para lhe permitir aprender as regras.

O desagrado tingiu a aura do Herdeiro depois de o Explorador falar. Era mais velho e mais experiente, estando habituado ao domínio. Mas a magia do Explorador era mais intensa e a magia vencia sempre.

Era uma pequena fratura na sua aliança, no entanto, tal como as fissuras nos elos da sua corrente, o Consorte poderia ampliá-la com tempo.

– Como poderemos ter a certeza de que nos compreende? – perguntou a Caçadora. A fêmea não tinha paciência e enfurecia-se rapidamente. Mais uma fissura a ampliar.

– Talvez a sua boca não se adeque à fala – disse o Explorador. – Mas percebe cada palavra.

Moveu-se junto à parede, mantendo os olhos no Consorte. Havia algo novo na sua aura.

– Mas penso que consegue falar. Apenas não quererá fazê-lo.

– Não consigo imaginar porquê – respondeu a Caçadora.

– Porque é uma criatura de Nie – concluiu o Herdeiro.

– A questão, demónio, é que não nos servirás de muito se não falares. – O Explorador prendeu uma das cortinas na mão, abrindo-a.

O Consorte guinchou, erguendo os braços para escudar os olhos enquanto a cela se preenchia com claridade cegante. Queimava-lhe a pele como pedra derretida.

O Explorador fechou a cortina e o Consorte canalizou imediatamente as suas reservas, sarando os danos. As pupilas dos olhos dos humanos nem sequer tinham dilatado, mas era luz suficiente para que o Consorte não conseguisse suportá-la durante muito tempo. O seu poder acabaria por se esgotar antes mesmo que a estrela diurna se erguesse para o destruir.

– Tens alguma coisa a dizer? – perguntou o Explorador, mantendo o tecido entre os dedos.

Era um ardil. Os Unificadores tinham-no mantido preso durante demasiado tempo para o matarem naquele momento. Mas os olhos do Consorte continuavam a arder e as auras que o rodeavam eram imperscrutáveis. Não podia correr o risco.

Canalizou intensamente, rebolando para um lado e fortalecendo uma garra para desfazer a grilheta que gastara. Um fragmento de corrente libertou-lhe uma das pernas e estendeu a mão, prendendo entre as garras os pedaços partidos.

Uma breve explosão de poder fez o metal voar pela cela. Nem o Consorte nem a sua magia conseguiriam abandonar o círculo no centro do mosaico, mas, depois de colocados em movimento, os projéteis voavam sem restrição.

O Herdeiro defletiu um pedaço com um movimento da arma. O Explorador dissipou-se, permitindo que o atravessassem sem efeito. A Caçadora foi atingida, mas a sua aura brilhou com maior intensidade, sarando imediatamente os danos. A subalterna ergueu o escudo e desviou o projétil.

O subalterno era pouco inteligente, mas era também rápido e mantinha-se alerta. Moveu-se precisamente como o Consorte previra e o pedaço de metal falhou-o e atingiu a parede no ângulo exato para lhe atingir a nuca com o ressalto, soltando ligeiramente os panos guardados com que cobria a cabeça.

Atordoado, o subalterno cambaleou para o mosaico e caiu, com um membro adiantando-se e colocando a ponta de um dedo no interior do círculo.

Até mesmo essa brecha mínima foi suficiente para que o Consorte lhe entrasse na mente, esmagando-lhe a vontade como se fosse um inseto. Os

outros avançaram para ele, mas pararam quando o subalterno se ergueu, colocando-se diante do Consorte com a lança e o escudo prontos.

– Shanjat, afasta-te – disse o Herdeiro.

– O vosso subalterno já não controla esta carapaça – respondeu o Consorte, usando a boca do guerreiro para formular as vibrações toscas e ineficazes da sua fala.

O Herdeiro apontou-lhe a arma odiada.

– Shanjat está pronto para o Paraíso, demónio. Não te libertaremos por ele.

– Claro que não – concordou o Consorte. – Não passa de um sequaz. Não espera que o salvem. Implora perdão pelo seu falhanço.

– Não há desonra em ser derrotado por um inimigo superior – disse o Herdeiro, com a emoção tingindo a sua aura e turvando-lhe a razão. Com que facilidade eram manipulados!

– Assim é – concordou novamente o Consorte. – Estavam certos quando disseram que não consigo formular as vossas palavras, mas este sequaz passará a ser a minha voz.

A fêmea subalterna emitiu um som baixo e a sua aura tingiu-se com uma mistura deliciosa de dor e raiva. O Explorador voltou a colocar a mão na cortina.

– Só por agora, Shanvah. Terás o teu pai de volta.

Não teria, claro. O Consorte destruíra já a vontade do sequaz, substituindo-a pela sua. Tinha acesso aos seus pensamentos, sentimentos e memórias, mas, sem a vontade do Consorte para o animar, o corpo mirraria e morreria.

– Qual é o preço da minha liberdade?

– O caminho para o Núcleo – respondeu o Explorador.

– Estão por toda a parte para alguém como tu, Explorador – disse o Consorte.

O Explorador abanou a cabeça.

– Um caminho real. Como os que usam para levar os prisioneiros até à cidade dos demónios.

– Um caminho perigoso e sinuoso – retorquiu o Consorte. – Com inúmeras curvas. Demasiado difícil para ser explicado por este sequaz primitivo. Mas posso guiar-te.

– Não podemos confiar neste servo de Nie – afirmou o Herdeiro.

– Ninguém confia em ninguém – disse o Explorador. – Estamos apenas a conversar. Mais nada.

O Herdeiro sentiu-se desagradado pelo tom autoritário do Explorador e o

Consorte voltou-se para ele, com as duas cabeças movendo-se em uníssono.

– Esses Nie e Everam que referes são ficções. Grunhidos apaziguadores para serenar o vosso medo da escuridão.

– Mais mentiras – disse o Herdeiro.

O Consorte abanou a cabeça do sequaz.

– Pretendes saber porque temos algo em vez de coisa nenhuma. Talvez a questão mais válida que alguém com o vosso intelecto primitivo conseguirá colocar. A corte das mentes ponderou esse assunto durante milénios. Existem muitas respostas plausíveis, mas nenhuma se assemelha à fantasia ridícula que o Matador de Mentes usou para inspirar os seus guerreiros.

– O Matador de Mentes? – papagueou o Herdeiro.

– Aquele a quem chamas Kaji – explicou o Consorte. – Mesmo que, na verdade, o nome se pronuncie «Kavri».

– Como é possível que o saibas? – perguntou o Herdeiro.

– Conheci-o, à minha maneira – disse o Consorte. – Todos os meus semelhantes o conheceram nesses ciclos.

– Estavas vivo na era de Kaji? – perguntou o Herdeiro. – Há três mil anos? Impossível!

O sequaz sorriu.

– Cinco mil cento e doze anos. Perderam a conta muitas vezes ao longo dos tempos.

A subalterna atreveu-se a falar aos seus superiores.

– Mente.

– É o príncipe dos mentirosos – afirmou o Herdeiro.

– Noite. Que se passa convosco? – perguntou a Caçadora. – Não estamos aqui para discutir escrituras!

A aura do Herdeiro enfureceu-se com o seu tom e a Caçadora avançou, intrépida perante a presa.

– Basta – disse o Explorador em voz baixa. O seu tom submisso traía o domínio exercido sobre as auras dos outros, conseguindo fazê-los recuar.

– Porque nos guiarias? – perguntou.

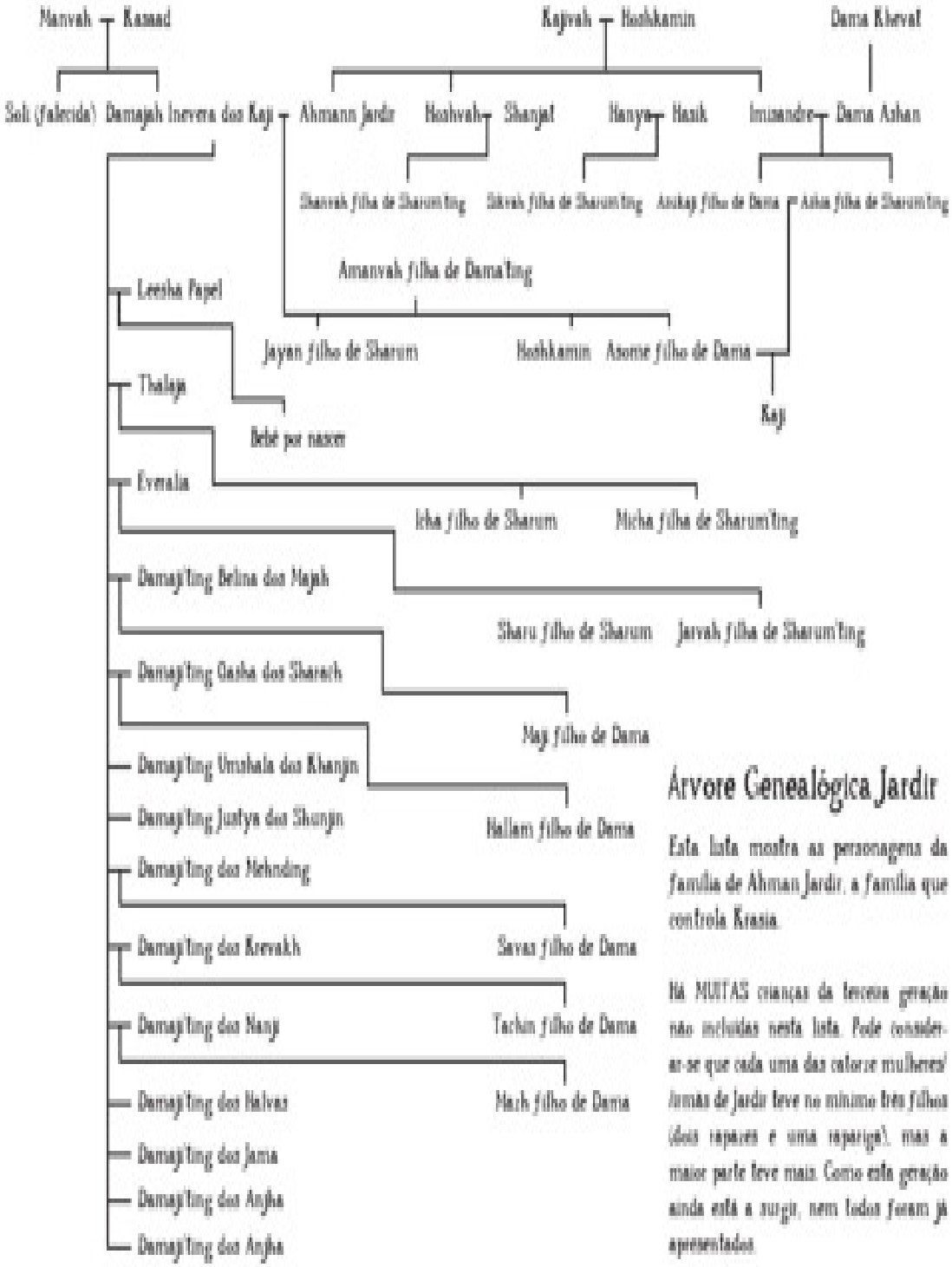
– Porque a viagem é longa e são mortais. Chegará o tempo em que descurarão as vossas defesas e, nesse momento, libertar-me-ei. – O Consorte falseou a sua aura, conferindo sinceridade às palavras.

– É justo – considerou o Explorador.

– E porque a superfície não tardará a ser varrida – acrescentou o Consorte.

– Hã? – perguntou o Explorador.

– Não compreendes nada do que as vossas ações no deserto desencadearam sobre o vosso povo – disse o Consorte. – Seremos legião.



Árvore Genealógica Jardir

Esta lista mostra as personagens da família de Ahman Jardir, a família que controla Krasia.

Há MUITAS crianças da terceira geração não incluídas nesta lista. Pode considerar-se que cada uma das catorze mulheres/ /amas de Jardir teve no mínimo três filhos (dois rapazes e uma rapariga), mas a maior parte teve mais. Como esta geração ainda está a surgir, nem todos foram já apresentados.

DICIONÁRIO DE KRASIANO

Abban am'Haman am'Kaji: Mercador khaffit rico, amigo de Jardir e de Arlen, parcialmente incapacitado durante o seu treino como guerreiro.
Abismo de Nie: Também conhecido como Núcleo. Submundo com sete níveis onde os alagai se escondem do sol. Cada nível é povoado por uma estirpe diferente de demónio.
Ahmann asu Hoshkamin am'Jardir am'Kaji: Ahmann, filho de Hoshkamin, da linhagem de Jardir, da tribo Kaji. Líder de toda a Krasia. Considerado por muitos como sendo o Libertador. Ver também: Shar'Dama Ka.
Ajin'pal (irmão de sangue): Nome do laço formado na primeira noite de um rapaz no Labirinto, quando é preso a um guerreiro dal'Sharum para o impedir de fugir quando os demónios o atacarem pela primeira vez. Um ajin'pal é considerado um parente daí em diante.
Ala: (1) O mundo perfeito criado por Everam, corrompido por Nie. (2) Terra, chão, barro, etc.
Alagai: Palavra krasiana para designar os nuclitas (demónios). A tradução direta será «praga de Ala».
Alagai hora: Ossos de demónio usados pelas dama'ting para criar objetos mágicos como os dados guardados que usam para prever o futuro. Os alagai hora irrompem em chamas quando expostos à luz do Sol.
Alagai Ka: Antigo nome krasiano para o consorte de Alagai'ting Ka, a Mãe de Todos os Demónios. A tradição refere que Alagai Ka e os seus filhos são os senhores de demónios, generais e capitães mais poderosos entre as forças de Nie.
Alagai'sharak: Guerra Santa contra os demónios.
Alagai, cauda de: chicote formado por três faixas de couro entrançado terminando em farpas afiadas destinadas a cortar profundamente a carne da

vítima. Usados pelos dama como instrumento de castigo.
Alagai'ting Ka: A Mãe de todos os Demónios, a rainha dos demónios da mitologia krasiana.
Aleverak: Damaji da tribo Majah em Krasia.
Amanvah: Dama'ting e filha mais velha de Jardir e Inevera. Casada com Rojer Estalagem
Andrah: Ditador secular e religioso krasiano, subordinado apenas ao Libertador e à Damajah.
Anoch Sun: Cidade perdida que, outrora, foi a capital de Kaji, o Shar'Dama Ka. Redescoberta por Arlen Fardos, descobriu-se que albergava as guardas de combate.
Asavi: Dama'ting da tribo Kaji. Antiga rival de Inevera nos tempos de ambas como nie'dama'ting. Amante de Melan.
Ashan: Filho do dama Khevat e amigo mais próximo de Jardir durante o treino no Sharik Hora. Ashan é o Damaji da tribo Kaji e integra o círculo mais próximo de Jardir. Casado com a irmã mais velha deste, Imisandre. Pai de Asukaji e Ashia.
Ashia: Sobrinha Sharum'ting de Jardir. Filha de Ashan e Imisandre. Casada com Asome. Mãe de Kaji.
Asome: Segundo filho de Jardir e Inevera. Dama. Conhecido como «herdeiro de nada». Casado com Ashia. Pai de Kaji.
Asu: «Filho» ou «filho de». Usado como prefixo em nomes formais. Exemplo: Ahmann asu Hoshkamin am'Jardir am'Kaji.
Asukaji: Filho mais velho de Imisandre, irmã de Jardir, e herdeiro da tribo Kaji. Dama.
Baden: Dama rico e poderoso da tribo Kaji. Push'ting. Conhecido por possuir vários itens de magia de hora.
Bazar, Grande: O maior espaço comercial em Krasia, situado do lado interno dos portões principais. É inteiramente gerido por mulheres e khaffit.
Belina: Esposa dama'ting de Jardir da tribo Majah.
Bido: Tanga usada pela maioria dos krasianos por baixo das vestes, o bido é mais notório como única roupa envergada pelos rapazes e raparigas krasianos durante o seu treino.
Centena, A: Guerreiros kha'Sharum e chi'Sharum ao serviço de Abban. O seu nome deriva dos cem guerreiros kha'Sharum que lhe foram atribuídos por Jardir. Abban aumentou o seu número muito além dos cem.
Chabbavah: Mulher dal'ting morta durante uma tentativa de ascender ao estatuto de Sharum.

Chin: Estrangeiro/infiel. A palavra é também considerada um insulto, significando que alguém é cobarde.
Chi'Sharum: Os homens hortelões adultos demasiado velhos para passarem pelo Hannu Pash são recrutados e treinados no chin'sharaj. Os que passam os testes tornam-se chi'Sharum. Geralmente usados como carne para canhão.
Cielvah: Filha de Abban. Violada por Hasik, motivando Abban a provocar a castração de Hasik.
Coliv: Vigia Krevakh. Guarda-costas de Amanvah.
Comedor de porco: Insulto krasiano equivalente a khaffit. Apenas os khaffit comem porco, considerando-se um animal impuro.
Couzi: Uma bebida alcoólica forte e ilegal aromatizada com canela. Pela sua potência, é servida em minúsculas taças que deverão ser bebidas com um único gole.
Dal: Prefixo significando «honrado».
Dal'Sharum: A casta guerreira krasiana, que inclui a vasta maioria dos homens. Os Dal'Sharum dividem-se em tribos controladas pelos Damaji e em unidades mais pequenas que respondem perante um dama e um kai'Sharum. Vestem túnicas negras com turbante preto e véu noturno. Todos são treinados no combate corpo a corpo (sharusahk), bem como em combate com lança e em formações defensivas.
Dal'ting: Mulheres férteis casadas ou mulheres mais velhas que deram à luz.
Dama: Um sacerdote krasiano. Os dama são, em simultâneo, líderes religiosos e seculares. Vestem túnicas brancas e não usam armas. Todos os dama são mestres de sharusahk, a arte marcial krasiana.
Damajah: Título da Primeira Esposa do Shar'Dama Ka.
Damaji: Os doze Damaji são os líderes religiosos e seculares das suas tribos respetivas e servem o Andrah como ministros e conselheiros.
Damaji'ting: As líderes tribais das dama'ting e as mulheres mais influentes em Krasia.
Dama'ting: Sacerdotisas krasianas que também funcionam como enfermeiras e parteiras. As dama'ting detêm os segredos da magia dos hora, incluindo o poder de prever o futuro. São temidas e respeitadas. Magoar uma dama'ting de alguma forma é punível com a morte.
Domin Sharum: Significando literalmente «dois guerreiros», o Domin Sharum é um ritual de combate singular regido pela lei evejana.
Draki: Unidade monetária krasiana.
Enkaji: Damaji da poderosa tribo Mehnding.

Enkido: Servo eunuco e instrutor de sharusahk das dama'ting Kaji. Tornado guarda-costas pessoal de Amanvah. Morto por um demónio mimético.
Escorpião: Balista krasiana. O escorpião é uma besta gigante que usa molas em vez de corda. Dispara lanças grossas com extremidades pesadas (ferrões) e pode matar demónios da areia e do vento a distâncias de trezentos metros, mesmo sem guardas.
Estrada solitária: Nome krasiano para a morte. Todos os guerreiros deverão percorrer a estrada solitária até ao Paraíso, com tentações ao longo do caminho para testar o seu espírito e assegurar que apenas os dignos se erguerão diante de Everam para serem julgados. Os espíritos que se afastam do caminho perdem-se.
Evejah: Livro sagrado de Everam, escrito por Kaji, o primeiro Libertador, cerca de três mil e quinhentos anos antes. O Evejah divide-se em secções chamadas Dunas. Cada dama copia a totalidade do Evejah com o seu próprio sangue durante o seu treino como clérigo.
Evejana: Designação atribuída à religião krasiana. Evejano será «aquele que segue o Evejah».
Evejana, lei: Lei religiosa fundamentalista que os krasianos impõem aos chin, destinada a forçar os infiéis a seguir o Evejah por medo e não por crença.
Everalia: Terceira esposa Kaji de Jardir.
Everam: O Criador.
Everam, Fortuna de: Depois de Forte Rizon ser conquistada com os seus terrenos agrícolas vastos em 333 DR, a cidade-estado foi rebatizada Fortuna de Everam em honra do Criador. É a base de operações krasiana nas terras verdes.
Everam, luz de: Visão guardada e a capacidade de ver fluxos de magia invisíveis de outra forma usando a visão guardada.
Fahki: Filho dal'Sharum de Abban. Ensinado a odiar o seu pai khaffit.
Fashin: Damaji da tribo Halvas.
Ferrão: Munição das balistas escorpião. Os ferrões são enormes lanças com pesadas pontas de ferro capazes de perfurar as couraças de demónios da areia em tiros de grande distância.
Gai: Praga, demónio.
Gaisahk: Forma de sharusahk modificada por Arlen Fardos para maximizar os efeitos da sua pele guardada.
Ginjaz: Vira-casaca. Traidor.
Guerra Diurna: Também conhecida como Sharak Sun. Guerra ancestral

durante a qual Kaji conquistou o mundo conhecido, unindo-o para a Sharak Ka.
Hannu Pash: Literalmente «caminho de vida». O período na vida de um rapaz depois de ser retirado à mãe, mas antes de ser definida a sua casta (dal'Sharum, dama ou khaffit). É um período de treino físico intenso e brutal, juntamente com doutrinamento religioso.
Hanya: Irmã de Jardir quatro anos mais nova. Casada com Hasik e mãe de Sikvah.
Hasik: Guarda-costas de Jayan caído em desgraça e castrado por Abban. Chamam-lhe Assobiador porque um dente em falta transforma os seus SS em assobios.
Hortelão: Natural das Terras Verdes.
Hoshkamin: Pai de Ahmann Jardir. Falecido. E também o terceiro filho de Jardir e Inevera.
Hoshvah: Irmã do meio de Jardir, três anos mais nova que ele. Casada com Shanjat e mãe de Shanvah.
Ichach: Damaji da tribo Khanjin.
Imisandre: A mais velha das irmãs de Jardir, um ano mais nova que ele. Casada com Ashan e mãe de Asukaji e Ashia.
Inevera: (1) Poderosa Primeira Esposa dama'ting de Jardir. Da tribo Kaji. Também conhecida como Damajah. (2) Palavra krasiana significando «vontade de Everam» ou «queira Everam».
Instrutores: Guerreiros de elite que treinam os nie'Sharum. Os instrutores vestem túnicas negras de dal'Sharum, mas os seus véus noturnos são vermelhos.
Irmãzinhas: Nome dado por Inevera às suas irmãs-esposas.
Jamere: Sobrinho dama de Abban e seu presumível herdeiro.
Jardir: O sétimo filho de Kaji, o Libertador. Outrora uma grande casa, a linhagem de Jardir durou mais de três mil anos, reduzindo-se gradualmente em número e glória até o seu último filho, Ahmann Jardir, restaurar a sua glória.
Jayan: Primeiro filho Sharum de Jardir e Inevera. O Sharum Ka.
Jiwah: Esposa.
Jiwah Ka: Primeira Esposa. A Jiwah Ka é a primeira e a mais honrada das esposas de um homem krasiano. Tem poder de veto sobre os casamentos subsequentes e exerce autoridade sobre as esposas de estatuto inferior.
Jiwah Sen: Esposas inferiores, obedientes à Jiwah Ka.
Jiwah'Sharum: Literalmente «esposas de guerreiros». Mulheres compradas para o grande harém dos Sharum durante os seus anos férteis.

Considera-se uma grande honra servir aí. Todos os guerreiros têm acesso às jiwah'Sharum da sua tribo e espera-se que as mantenham grávidas, dando novos guerreiros à tribo.

Jurim: Kai'Sharum das Lanças do Libertador que treinou com Jardir. Membro da tribo Kaji.

Kad': Prefixo significando «de».

Kai'Sharum: Capitães krasianos. Os kai'Sharum recebem formação especial no Sharik Hora e lideram unidades individuais na alagai'sharak. O número de kai'Sharum numa tribo depende do seu número de guerreiros. Algumas tribos têm muitos, outras apenas um. Os kai'Sharum vestem túnicas negras de dal'Sharum, mas os seus véus são brancos.

Kai'ting: Mãe, irmãs e sobrinhas de Jardir, bem como as filhas dos Sharum. As kai'ting usam véus brancos com as vestes negras. Golpear uma é punido com a morte ou a perda do membro agressor.

Kaji: Nome do Libertador original e patriarca da tribo Kaji, também conhecido como Shar'Dama Ka, a Lança de Everam, entre muitos outros títulos. Kaji uniu o mundo conhecido na guerra contra os demónios três mil e quinhentos anos antes. A sua capital era a cidade perdida de Anoch Sun, mas também fundou Forte Krasia.

Kaji possuía três artefactos famosos: (1) A Lança de Kaji – lança de metal que usava para matar alagai aos milhares. (2) A Coroa de Kaji – decorada com pedras preciosas e moldada com a forma de guardas poderosas. (3) A Capa de Kaji – uma capa que o tornava invisível aos demónios, permitindo-lhe mover-se livremente na noite.

Kajivah: Mãe de Ahmann Jardir e das suas três irmãs, Imisandre, Hoshvah e Hanya. Também conhecida como Santa Mãe. Não sendo uma religiosa treinada, tem um poder religioso (maioritariamente indefinido) entre a gente comum, que a adora.

Kasaad: Pai de Inevera. Khaffit aleijado. Antigo Sharum.

Kaval: Gavram asu Chenin am'Kaval am'Kaji. Instrutor da tribo Kaji. Um dos instrutores dal'Sharum de Jardir durante o seu Hannu Pash. Morto por um demónio mimético.

Khaffit: Um homem que adota um ofício em vez de se tornar um sacerdote ou um guerreiro. Casta masculina mais baixa na sociedade krasiana. Expulsos do Hannu Pash, os khaffit são forçados a vestir a cor castanha das crianças e a rapar a face como sinal de que não são homens.

Kha'Sharum: Khaffit fisicamente aptos que Jardir elevou à condição de infantaria de baixo treino. Os kha'Sharum usam túnicas, turbantes e véus noturnos castanhos para tornar claro o seu estatuto de khaffit.

Kha’ting: Mulheres inférteis. A casta feminina mais baixa na sociedade krasiana.
Khevat: Pai de Ashan. O dama mais poderoso de Krasia.
Lança do Deserto: Nome dado pelos krasianos à sua cidade. Conhecida no Norte como Forte Krasia.
Lanças do Libertador: Guarda pessoal de elite de Ahmann Jardir composta sobretudo pelos Sharum da sua antiga unidade no Labirinto.
Lifan: Kha’Sharum de óculos e aspeto débil que é mestre de Fahki e Shusten. Integra a Centena de Abban.
Lua Minguante: (1) Celebração religiosa de três dias dos evejanos, ocorrendo nos dias antes, durante e após a Lua Nova. A deslocação ao Sharik Hora é obrigatória e as famílias passam os dias juntas, incluindo mesmo os filhos que se encontrem no sharaj. Diz-se que os demónios ficam mais fortes nestas noites, quando, supostamente, Alagai Ka caminha sobre a superfície. (2) As três noites em cada mês quando a escuridão é suficiente para que os demónios da mente se ergam.
Maji: Segundo filho Majah de Jardir, um nie’dama que terá de disputar com o herdeiro de Aleverak o trono de Damaji dos Majah.
Manvah: Mãe de Inevera. Esposa de Kasaad. Cesteira de renome.
Mehnding: A maior e mais poderosa tribo a seguir aos Majah. Os Mehnding dedicam-se inteiramente às artes do armamento de distância. Constroem catapultas, fundas e escorpiões usados na sharak, talham e transportam pedras para serem usadas como munição, fabricam os dardos de escorpião, etc.
Melan: Filha dama’ting de Qeva. Neta de Kenevah. Antiga rival de Inevera. Amante de Asavi.
Nie: (1) O nome da Anti-Criadora, oposto feminino de Everam e deusa da noite e dos demónios. (2) Nada, nenhum, vazio, não.
Nie, Abismo de: Também conhecido como Núcleo. Submundo de sete níveis onde os alagai se escondem do sol. Cada nível é povoado por um tipo diferente de demónio.
Nie’dama: Nie’Sharum escolhidos para treino como dama.
Nie’dama’ting: Raparigas krasianas que treinam como dama’ting, sendo demasiado jovens para receber o véu. As nie’dama’ting são profundamente respeitadas tanto por homens como por mulheres, ao contrário dos nie’Sharum, que são menos que khaffit até completarem o Hannu Pash.
Nie Ka: Literalmente, «primeiro de nenhuns». Designação do aluno principal de uma turma de nie’Sharum, que comanda os outros rapazes como adjunto dos instrutores dal’Sharum.

Nie’Sharum: Literalmente «não guerreiros». Nome dos rapazes que se dirigiram ao campo de treino para serem avaliados e colocados no caminho para chegarem a dal’Sharum, dama ou khaffit.
Nie’ting: Mulheres estéreis. O patamar mais baixo da sociedade krasiana. Também conhecidas como kha’ting.
Novo Bazar: Grande Bazar reconstruído na cidade exterior da Fortuna de Everam.
Omara: Mãe viúva Kaji de Abban, considerada amaldiçoada por dar à luz várias filhas seguidas até ao nascimento de Abban, o mais novo entre a sua prole.
Oot: Sinal usado pelos dal’Sharum, significando «cuidado» ou «aproxima-se um demónio».
Par’chin: «Bravo forasteiro». Título singular atribuído a Arlen Fardos.
Push’ting: Literalmente «falsa mulher». Insulto krasiano dirigido a homens homossexuais que rejeitam totalmente as mulheres. A homossexualidade é tolerada em Krasia desde que os homens engravidem mulheres para aumentar as fileiras da tribo.
Qasha: Dama’ting e esposa Sharach de Jardir.
Qeran: Um dos instrutores dal’Sharum Kaji de Jardir durante o seu Hannu Pash. Posteriormente incapacitado, é escolhido por Abban para treinar a sua centena de kha’Sharum. Guarda-costas e conselheiro de Abban.
Savas: Filho dama Mehnding de Jardir.
Shalivah: Rapariga krasiana empregada no restaurante de Shamavah no Outeiro do Lenhador. Neta de Kaval que Rojer favorece, movido pela culpa, sabendo que o seu pai morreu para lhe salvar a vida.
Shamavah: Jiwah Ka de Abban. Fala thesano fluente e é encarregue das operações de Abban no Condado do Outeiro.
Shanjat: Kai’Sharum Kaji que treinou com Jardir. Líder das Lanças do Libertador e casado com a irmã do meio de Jardir, Hoshvah. Pai de Shanvah.
Shanvah: Sharum’ting sobrinha de Jardir. Filha de Shanjat e Hoshvah.
Sharach: A mais pequena tribo de Krasia, que chegou a ter menos de duas dúzias de guerreiros. Foram salvos da extinção por Jardir.
Sharaj: Aquartelamento para rapazes no Hannu Pash muito semelhante a um colégio interno militar. Os sharaj situam-se em redor do campo de treino e há um para cada ribo. O nome da tribo funciona como prefixo, seguido por um apóstrofo. Portanto, o sharaj da tribo Kaji é conhecido como Kaji’sharaj. O plural é sharaji.
Sharak Ka: Literalmente «a Primeira Guerra». Grande guerra contra os

demónios que o Libertador iniciará após terminar a Sharak Sun.
Sharak Sun: Literalmente «a Guerra Diurna», durante a qual Kaji conquistou o mundo conhecido, unindo-o na Sharak Ka. Acredita-se que Jardir deverá fazer o mesmo para vencer a Sharak Ka.
Shar'Dama Ka: Literalmente «Primeiro Clérigo Guerreiro». Designação krasiana do Libertador, que virá para libertar a humanidade dos alagai.
Sharik Hora: Literalmente «ossos dos heróis». Nome do grande templo em Krasia construído com os ossos de guerreiros caídos. Ter os ossos envernizados e acrescentados ao templo é a mais elevada honra a que um guerreiro poderá aspirar.
Sharukin: Literalmente «posturas guerreiras». Sequências de movimentos estudadas do sharusahk.
Sharum: Guerreiro. O Sharum veste túnicas frequentemente revestidas com placas de barro cozido como armadura.
Sharum Ka: Literalmente «Primeiro Guerreiro». Título krasiano do líder secular da alagai'sharak. O Sharum Ka é nomeado pelo Andrah e os kai'Sharum de todas as tribos respondem apenas perante ele até ao amanhecer. O Sharum Ka tem um palácio próprio e senta-se no Trono da Lança. Enverga as vestes negras dos dal'Sharum, mas o seu turbante e véu noturno são brancos.
Sharum'ting: Guerreira feminina. Wonda Lenhador é a primeira reconhecida pelos evejanos.
Sharusahk: Arte krasiana do combate desarmado. Existem várias escolas de sharusahk, dependendo da casta e da tribo, mas todas são compostas por movimentos brutais e eficientes pensados para atordoar, ferir e matar.
Shevali: Dama conselheiro do Damaji Ashan.
Shusten: Filho dal'Sharum de Abban. Ensinado a odiar o seu pai khaffit.
Sikvah: Filha de Hasik e de Hanya, irmã de Jardir. Serva pessoal de Amanvah. Oferecida a Rojer como sua segunda esposa.
Soli: Dal'Sharum irmão de Inevera. Push'ting. Amante de Cashiv. Morto por Kasaad.
Subcidade: Enorme colmeia de cavernas guardadas sob Forte Krasia, onde mulheres, crianças e khaffit se trancam durante a noite para ficarem a salvo dos nuclitas enquanto os homens combatem. Construção inacabada na Fortuna de Everam.
Suniano: Designação de artefactos da cidade de Anoch Sun. Também o nome dos seus habitantes.
Thalaja: Segunda esposa Kaji de Jardir. Mãe de Icha e Micha.
Terras Verdes: Nome krasiano para Thesa (as terras a norte do deserto

krasiano).
’Ting: Sufixo significando «mulher».
Tribos: Anjha, Bajin, Jama, Kaji, Khanjin, Majah, Sharach, Krevach, Nanji, Shunjin, Mehnding, Halvas. O prefixo «am’» é usado para indicar família e tribo. Exemplo: Ahmann asu Hoshkamin am’Jardir am’Kaji.
Trompa de Sharak: Trompa cerimonial soprada para assinalar o início e o fim da alagai’sharak.
Trono da Lança: O trono do Sharum Ka, construído com as lanças de Sharum Ka anteriores.
Trono dos Crânios: Construído com os crânios de Sharum Ka mortos e revestido com electrum. O trono é alimentado pelo crânio de um demónio da mente, criando uma rede de proteção que impede os demónios de entrarem na cidadela da Fortuna de Everam. Trono do líder krasiano.
Vah: Literalmente «filha» ou «filha de». Usado como sufixo quando uma rapariga recebe o nome da mãe ou do pai, como em «Amanvah», ou como prefixo de um nome completo, como em «Amanvah vah Ahmann am’Jardir am’Kaji».
Véu noturno: Véu usado pelos dal’Sharum durante a alagai’sharak para esconder as suas identidades, mostrando que todos os homens são aliados idênticos na noite.
Vigias: Os Vigias são os dal’Sharum das tribos Krevakh e Nanji. Treinados no uso de armas e táticas especiais, funcionam como batedores, espiões e assassinos. Cada Vigia transporta consigo uma escada reforçada com ferro medindo cerca de quatro metros e uma lança curta. As escadas são leves, flexíveis e resistentes. Têm extremidades que podem unir-se (topo macho/fundo fêmea), permitindo a sua união. Os Vigias são de tal forma eficazes que conseguem correr por uma escada acima sem a apoiarem e equilibrando-se no topo.
Zahven: Antiga palavra krasiana significando «rival», «némesis» ou «semelhante».

AGRADECIMENTOS

Posso ter escrito este livro, mas há muita gente que merece crédito pela paciência e trabalho árduo na obra de arte concluída que chegou às vossas mãos (qualquer que seja a forma em que tenham adquirido).

Cassie, a minha filha perfeita, cujo carinho me forçou a desligar regularmente e a viver no presente e que me ajudou a ver o mundo de formas completamente diferentes. A minha mãe, que faz grande parte do trabalho do revisor sem que este saiba. Joshua, o meu agente, o revisor mais minucioso que tenho, e a sua equipa fantástica na JABberwocky Literary e suas filiais internacionais.

Myke Cole, que lê todas as versões e compreende todas as provações. Jay e Amelia, que conseguem encontrar sempre tempo para ler.

Meg, a minha assistente, que faz mais do que percebe para manter a minha sanidade.

Larry Rostant, cuja capacidade para capturar as minhas personagens me faz sentir que saíram diretamente da minha cabeça. Lauren K. Cannon, que desenhou as guardas, e Karsten Moran, que me fez parecer respeitável na nova fotografia de autor.

Os meus narradores áudio, Pete Bradbury e Colin Mace, que me fazem sentir como um miúdo ouvindo o avô a contar uma história, e o elenco e equipa da GraphicAudio, cuja produção dá vida a tudo.

Os meus editores em todo o mundo, que sempre acreditaram em mim, e um pequeno exército de profissionais de *design*, edição, produção e *marketing*, trabalhando nos bastidores para me fazerem parecer mais extraordinário do que mereço, e especialmente os meus tradutores, cuja tarefa é hercúlea.

Café. És um amigo verdadeiro.

Mas, acima de tudo, obrigado a Lauren Greene, que esteve presente em todos os momentos, proporcionando apoio e conselhos valiosos, tanto a nível pessoal como profissional. Mais importante que isso, obrigado por demonstrares como é possível ser extraordinário e bem-sucedido na vida.

Table of Contents

Ficha Técnica
PRÓLOGO
    NENHUM VENCEDOR
UM
    A CAÇADA
DOIS
    VÁCUO
TRÊS
    ASHIA
QUATRO
    SANGUE SHARUM
CINCO
    KAJIVAH
SEIS
    UM HOMEM NÃO É NADA
SETE
    MAIS ARROJO QUE CABEÇA
OITO
    O VERDADEIRO GUERREIRO
NOVE
    ANOCH SUN
DEZ
    A REVOLTA CHIN
ONZE
    DOCA
DOZE
    ENCHER O OUTEIRO
TREZE
    CARNE NEFASTA
CATORZE
    O PRISIONEIRO
QUINZE
    AS CRIANÇAS GUARDADAS
DEZASSEIS
    HERDEIRO DO DEMÓNIO

DEZASSETE
TOM-DOURADO
DEZOITO
UM SUSSURRO DA NOITE
DEZANOVE
POLÍTICA DO CHÁ
VINTE
RIVALIDADE ENTRE IRMÃOS
VINTE E UM
A HERBANÁRIA DANINHA
VINTE E DOIS
BAILE DE DEBUTANTES
VINTE E TRÊS
INQUISIÇÃO
VINTE E QUATRO
BRIAR
VINTE E CINCO
O ESPIÃO
VINTE E SEIS
PRIMEIRO ATAQUE
VINTE E SETE
DAMA NA ESCURIDÃO
VINTE E OITO
SHAR’DAMA
VINTE E NOVE
O DAMA GORJA
TRINTA
A GUARDA DA PRINCESA
TRINTA E UM
ASSOBIADOR
TRINTA E DOIS
A NOITE DOS HORA
TRINTA E TRÊS
UMA VOZ NA ESCURIDÃO
DICIONÁRIO DE KRASIANO
AGRADECIMENTOS